



REVISTA

DO

Instituto Archeologico e Geographico PERNAMBUCANO

*Edição commemorativa do 1.º centenario da re-
volução republicana de 1917*

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Drs. Pereira da Costa, Oliveira Lima e Mario Melo

Os heroicos feitos dos antigos.
Tende vivos e impressos na memoria
Alli vereis esforços nos perigos.
Alli ordem na paz digna de gloria.

Prosopopéa—*Bento Teixeira Pinto.*



PERNAMBUCO — BRAZIL

IMPRESA INDUSTRIAL

I. Nery da Fonseca

78 e 82 — Rua Visconde de Itaparica — 78 e 82

Recife—1918

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



Directoria do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano

ANNO SOCIAL DE 1917 A 1918

PRESIDENTE

Desembargador Primitivo de Miranda Souza Gomes.

VICE-PRESIDENTES

- 1.º *Dr. Pedro Celso Uchoa Cavalcanti.*
- 2.º *General Joaquim Ignacio Baptista Cardoso.*
- 3.º *General Apolinario Florentino de Albuquerque Maranhão.*

SECRETARIOS

- 1.º *Dr. Mario Carneiro do Rego Melo (perpetuo).*
- 2.º *Padre Henrique Xavier de Faria.*

SUPPLENTES

Pedro Rodrigues Soares.
Manoel J. de Santana Araujo.

ORADORES

Dr. Joaquim Nunes Fonseca Oliveira.
Conego José Pereira Alves.

THESOUREIRO

Antonio da Cruz Ribeiro.



REVISTA

DO

Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano

VOL. XIX

1917

N.ºs 95 a 98

JN-00014435-8

981.34" 1817"

1-15

O 1.º Centenario da Revolução Republicana de Pernambuco em 1817.

A idéa de commemoração do centenario partio do saudoso dr. Coelho Leite, como se lê na acta da sessão de 25 de Setembro de 1913, presidida pelo então vice-presidente desembargador Primitivo de Miranda:

"O dr. Coelho Leite, pedindo a palavra, fala sobre a commemoração do centenario da revolução de 1817 e propõe que se officie ao Instituto historico brasileiro pedindo-lhe mais dois exemplares de sua ultima revista onde vem muita cousa relativamente a esse assumpto."

Pouco depois o dr. Alfredo de Carvalho publicou no *Estado de Pernambuco*, de que era collaborador, o seguinte artigo com o pseudonymo de que usava:

"Menos de tres annos nos separa do centenario do primeiro e mais genuino movimento republicano operado no Brasil —a revolução de 1817—e creio já ser tempo de cogitarmos dos meios do celebrar condignamente tão gloriosa data.

A iniciativa da commemoração pertence naturalmente, ao nosso *Instituto Archeologico* que, quanto antes, deve elaborar o respectivo programma e procurar obter dos poderes publicos os recursos indispensaveis á sua realização.

Será, porém, muito para desejar que, no alludido projecto não predominem as solemnidades puramente decorativas e transitorias, absorvendo a melhor parte das quantias arrecadadas e impedindo a execução de homenagens de caracter mais solido e duradouro.

A idéa dum monumento, que perpetuasse numa das praças desta capital — a do Paraizo, por exemplo — a generosa aspiração de liberdade desabrochada a 6 de Março, seria plausibilissimo não fosse o risco de fracassar á mingua de auxilios pecuniarios, necessariamente avultados.

Mas, penso que chegarão para a cunhagem de medalhas allegoricas, de grande modulo e composição artistica, cujo desenho poderá ser posto a concurso.

Creio, tambem, ser possivel a publicação duma vasta collectanea de tudo o que se tem escripto sobre a revolução de 1817, abrangendo os impressos e os ineditos, ou somente estes.

Em qualquer hypothese é urgente mandar copiar e colligir a multidão de documentos e memorias sobre o assumpto, esparsos por diversas bibliothecas e archivos do paiz e do estrangeiro, e descobrir o paradeiro ignorado ou duvidoso de outros.

Em primeiro lugar, impõe-se a impressão de todos os papeis da celebre *devassa*, conservados na Bibliotheca e no Archivo Publico Nacional do Rio de Janeiro. Igualmente dignos de publicidade são: As memorias autobiographicas do capitão-general Caetano Pinto de Miranda Montenegro, que, em 1900, o dr. Estevam Pourroul dizia existirem, no Rio de Janeiro, em poder do marechal reformado João de Souza da Fonseca Costa, visconde da Penha, casado com uma neta, ou bisneta do futuro marquez da Praia Grande.

O manuscrito de Francisco de Paula d'Albuquerque

que Montenegro, emissario secreto dos revolucionarios de 1817 a Buenos-Aires e a Nova York, offerecido por elle ao historiador Maximiano Lopes Machado, e que deve constar do espolio literario do mesmo, adquirido pelo governo da Parahyba.

Os documentos ineditos archivados no Departamento de Estado de Washington, comprehendendo as correspondencias do enviado pernambucano Antonio Gonçalves da Cruz, o *Cabugá*, e dos consules norte-americanos Joseph Ray, no Recife, e Hill, na Bahia, examinadas pelo nosso saudoso patricio José Augusto Ferreira da Costa.

O diario de viagem do naturalista inglez William Swainson, que permaneceu no Recife por todo o tempo da revolução, cujo original pertence hoje á Sociedade de Historia Natural de Lívverpool.

As reminiscencias de Henry Koster, negociante inglez, pessoa muito acatada entre os revolucionarios e que servio mesmo de intermediario entre o seu governo e o commandante da esquadra real, de bloqueio ao Recife.

Ainda outros ineditos de valor, certamente irão apparecendo no decorrer das pesquisas, e a collectanea proposta ficará sendo um preito permanente á memoria dos martyres de 1817."

O dr. Coelho Leite falleceu em Fevereiro de 1915, sem deixar nada assentado da sua idéa.

No começo do anno seguinte o dr. Mario Melo, 1.º secretario, começou a procurar meios de solemnisar o centenario e para isso promoveu o regresso ao seio dos trabalhos do consocio benemerito dr. Alfredo de Carvalho, que de ha muito se achava afastado do Instituto.

Na sessão de 17 de Fevereiro de 1916 foi o dr. Alfredo de Carvalho eleito 3.º vice-presidente.

Acceptou e compareceu á sessão de 16 de Março. Começou-se então a activar o assumpto.

Lê-se na acta desse dia:

"O dr. Mario Melo, tratando do proximo centenario da revolução de 1817 e lembrando as commemo-rações que costumam os povos fazer nessas datas, do que temos exemplos mesmo no Brasil, propõe que o Instituto se dirija ao congresso e ao governo do Estado pedindo o credito necessario para a solemnisacão a 6 de Março de 1817. Nesse sentido, lê o esboço da seguinte petição que redigio, dirigida ao poder legislativo:

"A 6 de Março de 1917 completar-se-á o primeiro centenario da revolução que tentou estabelecer no norte do Brazil o regimen republicano, libertando-o do jugo portuguez.

De todos os movimentos da nossa patria, foi o mais perfeito e completo. Precedeu-o larga doutrinação. De 1800 por diante foram fundados o Areopago de Itambé e successivamente as academias do Cabo e do Parai-zo, com o fim exclusivo de propagar as novas idéas democráticas. Por isso o projecto de constituicão republicana substituiu, como o de 1891, o tratamento de todos os cidadãos pelo de vós e tratava da eliminacão progressiva da escravatura.

No parecer de Oliveira Lima, o acatado mestre de americanismo, a revolução de 1817 foi o unico movimento brasileiro digno desse titulo.

Merece uma commemoração.

O *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano* teria immenso prazer em relembrar com festas civicas ao povo o que foi essa revolução emancipacionista da nossa terra, precursora do grito do Ypiranga em 1822.

Na impossibilidade de ser erguido nessa data um monumento aos heroes de tão grande feito, desejaria o Instituto mandar reimprimir a *Historia da Revolução Republicana de 1817*, escripta pelo monsenhor Muniz Tavares, de veneranda memoria, um dos revolucionarios.

A segunda edição foi editada pelo Instituto Archeologico, juntando-lhe um longo prefacio o dr. Maximiano Lopes Machado. Está esgotada. •

Na collecção da nossa revista e em outros archivos historicos ha muitos documentos posteriores á publicação daquelle livro. Em vez de ser escripta nova historia, pensa o Instituto melhor será annotar a de monsenhor Tavares, a exemplo do que fez Capistrano de Abreu com a *Historia do Brasil* do Visconde de Porto Seguro. Disso se incumbirá um dos nossos mais autorisados e competentes consocios.

Necessita o Instituto Archeologico do auxilio de vinte contos de reis para mandar imprimir a obra que terá approximadamente mil paginas, cunhar medalhas commemorativas, organizar um congresso de representantes dos Estados que tomarem parte no movimento, dando-lhes hospedagem, emfim promover as festas que forem anteriormente combinadas — no que muito honraremos as tradições, do povo pernambucano.

Esperamos que o poder legislativo do Estado venha de encontro aos desejos do Instituto Archeologico auxiliando-o nessa solemnisacão patriótica. Temos o dever de honrar os nossos maiores, glorificar os nossos martyres, commemorar os grandes feitos que tão alto levantaram o nome de Pernambuco.”

Pede ao presidente que ponha em discussão a materia.

Fallam sobre o assumpto os drs. Pedro Celso, Alfredo de Carvalho, padre Henrique Xavier e Pedro Soares, todos louvando a idéa. Ficou resolvido que se solicitasse do Congresso estadual o auxilio de vinte contos de reis, devendo fazer parte do programma commemorativo a reimpressão da *Historia* de Muniz Tavares, annotada por um dos socios mais conspicios, a cunhagem de medalhas, a reunião de um congresso de representantes dos Estados do norte, que adheriram á revolução.

Para sobre o assumpto se entenderem com os poderes executivo e legislativo, foi nomeada a seguinte commissão: deputado Netto Campello, drs. Primitivo de Miranda, Eduardo de Moraes, Antonio Vicente e Pedro Celso.”

A proposta teve bom exito, como se poderá ler da acta da sessão de 8 de Junho:

"Tratando-se das festas do centenario da revolução de 1817, o dr. Mario Melo communicou que o congresso havia approvedo um auxilio de dez contos ao Instituto para as levar a effeito, sendo certo que o governador sancionará o projecto, conforme promettera á commissão de socios que com s. exea. se entendera. Propoz fosse o dr. Alfredo de Carvalho designado para apresentar o projecto da medalha commemorativa, o que foi approvedo.

O dr. Alfredo de Carvalho propoz fosse desde logo nomeada uma commissão executiva para a solemnidade. Foi acclamada.

Foi deliberado que se começasse desde logo a impressão da obra *Historia da revolução republicana de 1817*, de mons. Muniz Tavares, prefaciada e annotada pelo dr. Alfredo de Carvalho, que dirigirá a revisão."

O dr. Alfredo de Carvalho iniciou immediatamente o trabalho. Ja havia remettido para a typographia o prefacio do Dr. M. L. Machado, quando foi colhido traiçoeiramente pela morte. A perda foi tão grande que nos pareceu irreparavel, tal era o arsenal de notas e documentos que possuia o infatigavel historiographo.

Na sessão seguinte, a 6 de Julho, compareceu o dr. Oliveira Lima, que havia regressado dos Estados Unidos poucos dias depois da morte de Alfredo de Carvalho.

Vejamos o registro da acta:

"O dr. Pedro Celso, referindo-se á morte do socio benemerito dr. Alfredo de Carvalho, lembra que este estava incumbido pelo Instituto de annotar a *Historia da revolução de 1817*, para a commemoração do proximo centenario. Em nome do Instituto, aproveitando a presença do dr. Oliveira Lima, consulta se elle poderá incumbir-se de levar a termo a tarefa de que se encarregara o saudoso consocio.

O dr. Oliveira Lima declara que não pode res-

ponder immediatamente. Ha circumstancias que precisa estudar. O tempo é exiguo. Não deseja eximir-se; apenas pede pequeno praso para responder definitivamente."

Esse praso foi pequeno, embora parecesse grande pela anieidade da espera. Sete dias depois o dr. Oliveira Lima apresentava em sessão do Instituto sua resposta por escripto acceitando a incumbencia e compromettendo-se a entregar o trabalho a 31 de Dezembro.

"Discute-se desde logo a impressão, citando-se as difficuldades devido á guerra européa.

"O dr. Mario Melo explica que o dr. Alfredo de Carvalho havia iniciado a impressão de parte do trabalho aqui em Pernambuco, na *Imprensa Industrial*. Poderá ser aproveitado o que está feito."

Na sessão de 10 de Agosto é lida uma carta do dr. Luiz Estevam de Oliveira, juiz seccional do Pará, pernambucano, socio correspondente ali. Congratula-se pela commemoração e lembra que se poderia promover a decretação da bandeira do Estado, concurso para hymno do centenario, diversões sportivas e escolares.

Na sessão de 13 de Julho, o dr. Mario Melo havia proposto que se pedisse ao congresso o sello correio commemorativo. Fez a petição e mandou-a por intermedio do consocio deputado Netto Campello. Na de 10 de Agosto foi lido um telegramma deste áquelle dizendo que o ministro da viação concederia o sello, bastando que o Instituto lhe enviasse um requerimento, o que foi feito.

Na sessão de 5 de Outubro tratou-se do projecto da medalha commemorativa:

"O dr. Mario Melo expoz o plano que havia combinado, em vida, com o dr. Alfredo de Carvalho. Lembraram varios alvitres o dr. Pedro Celso e o commendador Ferreira Baltar."

Não ficou resolvido o assumpto senão na sessão seguinte, de 19 de Outubro:

"O sr. Corbiniano Villaga apresentou o projecto para a medalha commemorativa de 1817. Discutido,

foi approved com ligeiras modificações. A medalha terá no verso a bandeira da revolução e o leão do norte, ladeado da canna de assucar e do algodão e no reverso um emblema republicano com os nomes dos martyres immolados em nome da lei."

Na sessão de 7 de Dezembro de 1916 tratou-se do assumpto:

"O dr. Mario Melo trata das proximas festas do centenario da revolução de 1817. Relata que a quota votada pelo poder legislativo não dá para as despesas. Enquanto o governo da Parahyba, estado pequeno, deu dez contos de reis para as festas populares, o de Pernambuco apenas consignou a mesma verba, que será consumida na publicação da *Historia*, na cunhagem de medalhas. Propõe que o Instituto se dirija a todos os prefeitos e conselhos municipaes solicitando um auxilio.

Com as sobras deste serão lançados os fundamentos de obra que perpetue em bronze a memoria dos revolucionarios de 1817.

O capitão J. Marques diz que o pedido deve ser extensivo aos governadores de Alagoas, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará.

O dr. Mario Melo propõe que o Instituto dirija circulares pedindo adhesão a pessoas conceituadas, dando-lhes direito ao recebimento de um exemplar da *Historia* que o dr. Oliveira Lima está annotando ou da medalha commemorativa, ou de uma e outra cousa."

Ia começar a intensificação do trabalho. Do Rio regressava o dr. Oliveira Lima.

Lê-se na sessão de 21 de Dezembro, ultima do anno:

"Pede a palavra o dr. Oliveira Lima e diz que em sua recente viagem ao sul, promoveu meios de ser commemorado no Rio e em São Paulo o centenario da revolução pernambucana. A 6 de Março de 1917 o Instituto historico do Rio de Janeiro realizará uma sessão commemorativa, sendo orador o deputado Barboza Lima,



Medalha commemorativa do 1.º centenario da revolução de 1817 mandada cunhar em Paris.



e em S. Paulo será igualmente festejada a data, sendo orador o dr. Carneiro Leão.

Trata em seguida do trabalho que lhe confiou o Instituto archeologico. Obteve no Ceará, no Instituto historico do Rio de Janeiro, na Bibliotheca Nacional, no Archivo do Ministerio do Exterior da Capital Federal e no *Record Office* de Londres copias dos documentos de que necessitava para o trabalho e que serão agora completadas com as que enviou ao Instituto archeologico o embaixador brasileiro em Washington e as que trouxe da Bahia o dr. Mario Melo. Conseguiu tambem um retrato de Caetano Pinto Montenegro, de Matto Grosso, outro de Gervasio Pires Ferreira e outro do mons. Muniz Tavares em seus ultimos dias de vida.

"O seu trabalho está quasi completo. O que falta entregará definitivamente a 31 de Dezembro, conforme combinára. Para adeantar o serviço da publicação, depõe sobre a mesa o que já escreveu. Pensa que a edição do livro deverá ser de 1500 exemplares para larga divulgação em todo o paiz e em alguns paizes do estrangeiro.

"O dr. Pedro Celso, tratando das festas, diz que devemos intensificar os trabalhos para uma commemoração condigna, por isso que se approxima a data do centenario. Da commissão executiva nomeada anteriormente já alguns membros falleceram, outros estão ausentes e alguns não tem comparecido ás sessões. Acha conveniente que o Instituto delegue a um grupo de socios poderes para tratar com assiduidade dos meios efficazes da commemoração, reunindo-se aos menos uma vez por semana em ponto central da cidade e a horas em que todos possam comparecer.

Accêta a idéa unanimemente, foram acclamados os seguintes nomes: dr. M. de Oliveira Lima, dr. Pedro Celso, general Joaquim Ignacio, capitão Barboza Lima, capitão J. A. Marques, dr. Fonseca Oliveira, Pedro Soares, padre Leonardo Mascello, Antonio da Cruz Ribeiro e dr. Mario Melo (secretario geral)."

Começa a acceleração dos trabalhos. Os socios aci-

ma. o sr. Santanna Araujo, dr. Thomé Gibson e outros, resolvem reunir-se amiudadamente numa das salas do *Diario de Pernambuco*. Na primeira sessão, a 28 de Dezembro, é aclamado presidente o sr. Ministro Oliveira Lima. Esboça-se desde logo, o programma que foi mais tarde executado com pequenas alterações.

A 6 de Janeiro, na 2.^a reunião, são approvadas as seguintes medidas:

a- que sejam convidados os governos e Institutos historicos de Alagoas, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará para as festas do centenario, fazendo votos o Instituto Archeologico para que o representante official seja tambem socio do Instituto historico e possa assim ter dupla delegação;

b) que o Instituto Archeologico se dirija a imprensa pernambucana expressando desejos de que a 6 de Março de 1917 cada jornal dê uma edição especial, commemorativa do centenario da revolução;

c) que uma commissão composta dos srs. drs. Pedro Celso, Fonseca Oliveira e prof. Gaspar Regueira se entenda com os directores da instrucção estadual e municipal, afim de que a mocidade escolar pernambucana tome parte nos festejos e consiga o concurso do maestro Euclides Fonseca para um entretenimento musical na sessão solemne do d'ia 6 de Março;

d) que o Instituto Archeologico se dirija a pessoas gradadas de todos os municipios do Estado, no sentido da grande data ser celebrada do melhor modo em todo Pernambuco."

Tambem é approvado definitivamente o seguinte programma das festas:

DIA 6

Missa campal ás 7 horas, na praça da Republica, pelo arcebispo de Olinda. Discurso do coneg. Pereira Alves.

Collocação da pedra fundamental do monumento

aos heróes de 1817, no local em que está o pavilhão do jardim da praça da Republica.

Passeata em seguida, pelas escolas publicas e pessoas que se associarem, forças de terra e mar e associações civico-militares, obedecendo ao seguinte trajecto: —Praça da Republica, ponte Santa Izabel, ruas da Aurora, Riachuelo, Hospicio, Floriano Peixoto; ponte da Boa Vista, ruas Barão da Victoria, Cabugá, praça da Independencia, ruas 1.º de Março, 15 de Novembro e Praça da Republica.

1.º—Esquadrão de cavallaria da Força Publica; 2.º — Uma companhia de guerra da Marinha; 3.º — Escoteiros pernambucanos; 4.º —Tiro do Rio Grande do Norte; 5.º —Tiro da Parahyba; 6.º —49.º batalhão de caçadores; 7.º — Batalhão da Força Publica; 8.º — Tiro 13 da Confederação; 9.º —Tiro 126 da Confederação; 10.º —Tiro n.º 205 da Confederação; 11.º—Tiro n.º 209 da Confederação; 12.º Tiro n.º 141 da Confederação; e 13.º —Tiro Floriano Peixoto.

A força que deverá estar formada ás 8 horas, ficará com a frente para a praça da Republica, correspondendo a direita ao flanco direito do edificio do Thesouro do Estado, prolongando-se pelo oitão do quartel do 1.º batalhão de policia e rua das Florentinas.

Uniforme 4.º para o estado maior e 5.º para a força.

Inauguração da exposição de fructas e flores, ás 19 horas, no theatro Santa Izabel.

Sessão solemne ás 19 horas e meia, no mesmo theatro, sob a presidencia do governador, obedecendo-se estritamente ao seguinte:

Maestro Euclides Fonseca —Preludio da acção lendaria em um acto —Leonor —Orchestra.

Governador do Estado —Abertura da sessão.

Maestro Euclides Fonseca e dr. França Pereira — Hymno á revolução de 1817, cantado pelas alumnas da Escola Normal official, com acompanhamento de orchestra.

Ministro Oliveira Lima —Discurso official.

Maestro Carlos Gomes — *Balata* brasileira da opera Schiavo — Orchestra.

Arcebispo d. Sebastião Leme — Discurso em nome do clero.

Maestro Francisco Braga — Hymno á bandeira nacional, cantado pelas alumnas da Escola normal official, com acompanhamento a orchestra.

General Joaquim Ignacio — Discurso em nome das classes armadas.

Maestro Euclides Fonseca — Saudação a Pernambuco. Peça symphonica vocal — Orchestra.

Maestro Francisco Manoel da Silva — Hymno nacional, cantado por todas as alumnas das escolas publicas de Pernambuco.

DIA 7:

Franquia da exposição ao publico.

Sessão solemne do Instituto Archeologico, ás 19 horas, no Theatro Santa Izabel, em homenagem aos delegados dos Estados e associações, sendo orador o dr. Pedro Celso.

Fundação da Liga contra o analfabetismo.

DIA 8:

Conferencia do dr. Samuel Hardman, sobre fructicultura.

Encerramento da exposição ás 20 horas.

O general Joaquim Ignacio prestou desde logo um grande serviço: Conseguiu do ministro da viação a franquia telegraphica para a propaganda das festas.

Na sessão do Instituto archeologico, de 11 de Janeiro, o deputado Netto Campello apresenta uma prova do sello-correio que foi impresso em commemoração do centenario, o que se deve aos seus esforços.

Em reuniões subsequentes da commissão executiva, no *Diário de Pernambuco*, são tomadas, entre outras, as seguintes deliberações:

a) que se realice um campeonato inter-estadual de *foot-ball*, convidando-se sportmen dos estados do norte;

b) que se promovam meios de, em cada municipio, ser fundada uma escola publica com o nome de um dos martyres de 1817, para que a Liga contra o analphabetismo seja installada com elevado numero de escolas;

c) que se peça ao governo do Estado adoptar como bandeira de Pernambuco a dos revolucionarios de 1817;

d) que seja posto em concorrência o monumento a ser erigido aos heroes;

e) que se peça ao Presidente da Republica para fechar o dia 6 de março;

f) que se peça á Associação Commercial para conseguir o fechamento do commercio naquelle dia.

Tudo se conseguiu. Do Pará veio o *team* do club do Remo disputar o campeonato de *foot-ball*, graças aos esforços do dr. Luiz Estevam, do governador Lauro Sodré, do ministro Lauro Muller que concedeu passagens gratuitas aos jogadores e do major Arsenio Borges, como representante da Liga Sportiva pernambucana.

De varios municipios —partindo o exemplo do vigario de Garanhuns, padre Benigno de Lyra —chegaram promessas de fundação de escolas.

O exm. sr. dr. Manoel Borba, decretou, como bandeira de Pernambuco, a de 1817.

Foi aberta concorrência publica para o monumento, conforme o edital abaixo:

A concorrência foi encerrada a 6 de Julho. Apresentaram trabalhos os esculptores srs. Paschoal Dé Chirico, italiano residente na Bahia; Tymbiras, italiano residente na Bahia; Juan Confalonieri, argentino, residente na cidade do Cabo e V. Rego Monteiro, Euclides Fonseca e Bibiano Silva, pernambucanos, residentes no Recife.

Para os julgar, o Instituto designou os srs. drs.

“A comunidade pernambucana, representada por elementos notaveis da sua cultura e por muitos dos seus municipios, assim como auxiliada por varios Estados da União, que tão formoso exemplo quizeram fornecer da solidariedade politica e civica do Brasil, pretende erger um monumento aos martyres da l'berdade, que em 1817 perderam suas vidas, honrosamente em combate e sobretudo ignominiosamente no patibulo, pelos ideaes da independencia e da democracia.

Um concurso fica aberto desde 6 de Março até 6 de Julho, a saber 4 mezes, para a apresentação de projectos que serão opportunamente julgados e classificados por um jury competente, adrede nomeado, cabendo ao mais votado o premio de 500\$000 réis e ao segundo o premio de 250\$000 réis. Ao concurso são admittidos todos os artistas nacionaes ou estrangeiros residentes no Brasil.

Na impossibilidade de personificar o movimento numa só figura, pois que se estendeu a quatro provincias — Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará — muitos foram seus fautores, igualmente grande a valia dalguns dentre elles, terá o artista que emprestar á commemoração por meio desse monumento um aspecto symbolico não só dos referidos ideaes revolucionarios, como da orientação dada á ephemera republica pelos que a dirigiram.

Distinguio-se esse regimen primeiramente e especialmente pela sua honestidade a toda a prova: semelhante traço capital merece bem ser lembrado.

Com a admissão representativa de varias classes sociaes na junta provisoria — clero, magistratura, agricultura, forças armadas e commercio — afastou-se desde o início todo o perigo de dictadura militar e affirmou-se o caracter paizano do governo. A feição militar

Luiz Correia de Britto, Eduardo de Moraes Gomes Ferreira e M. de Oliveira Lima.

Foram classificadas, relativamente, em 1.º lugar a “maquette” do sr. Bibiano Silva e em 2.º as dos srs. Confalonieri e Euclides Fonseca.





só poderia sobrepor-se pela violencia, destoante da attitude dos officiaes rebeldes no que diz respeito á organisação constitucional.

A liberdade civil decorria da declaração da igualdade e direitos, na qual teria que se originar uma emancipação progressiva, ordeira e legal da escravidão que se projectava e foi promettida.

Finalmente a liberdade religiosa ficou fundada embora com a manutenção do catholicismo d'Estado, por acção da tolerancia para com os outros cultos christãos.

A republica de 1817 não foi portanto simplesmente demolidora, mas tambem constructora, tendendo a pôr em pratica os principios da Revolução americana e da Revolução franceza (a de 1789, não a de 1793), que estavam servindo de guia ao ingente esforço libertador desenvolvido pela America hespanhola numa lucta extrema.

Em todas estas considerações se deverá inspirar o artista que concorrer ao monumento destinado a recordar a data gloriosa que marcou no Brasil o advento da democracia.

Recife, 8 de Fevereiro de 1917.

M. de Oliveira Lima, presidente da commissão executiva. Mario Melo, secretario."

A Associação Commercial pediu o fechamento do commercio e finalmente o sr. dr. Wenceslau Braz, Presidente da Republica, decretou feriado nacional o dia 6 de Março de 1817.

Todas as classes de Pernambuco adheriram ao patriótico movimento do Instituto Archeologico. De todos os pontos do Brazil chegavam manifestações de solidariedade.

o—o

Daqui por diante nos reportamos ás edições successivas do *Diario de Pernambuco*, onde foi noticiado minuciosamente o que se passou em nosso Estado, na sa-gração dos gloriosos martyres republicanos de 1817.

981341

PERNAMBUCO

A solemnisação do Centenario no Recife

INAUGURAÇÃO DA ESCOLA DOMINGOS JOSÉ MARTINS—
As festas começaram no dia 5 de Março, com a inauguração duma escola publica em Socorro, creada pelo governo do Estado conforme o appello do Instituto Archeologico.

Tomou o nome de Domingos José Martins, um dos heroes do grande feito republicano de 1817.

Em wagon atrelado ao trem que parte da Central ás 12 e 45, seguiram para assistir ao acto de inauguração da escola as seguintes pessoas: capitão Martiniano de Barros Correia, representante do dr. governador do Estado; tenente Raul Tavares, representante do general inspector da região; dr. Oliveira Lima, desembargadores A. Silva Rego e P. Souza Gomes, dr. Pedro Celso e prof. Gaspar Regueira Costa, membros do Instituto Archeologico, dr. Oscar Uchôa, dr. Hermano Brandão, dr. Luiz de Albuquerque Maranhão, dr. Luiz Correia de Britto, e dr. Octavio Peres, lentes da Escola de agronomia, dr. Olyntho Victor, dr. Gaspar Loyo, dr. Bianor de Medeiros, dr. José Mariano Bezerra Cavalcanti e filha, dr. Samuel Campello, prof. Ernesto de Miranda, dr. Manoel Dantas, representante do Estado do Rio Grande do Norte, dr. Gervasio Fioravanti, padre Valdevino Nogueira, representante do Estado do Ceará e dr. João Lemos, pelo *Diario de Pernambuco*.

Cregado o comboio a Socorro, foi a comitiva recebida pelo dr. Feliciano da Rocha, drs. Alberto Ferreira e Luiz de França, lentes da Escola de Agronomia e todo o corpo discente da mesma escola, dr. Alberto Carlos Paes Barreto, prefeito de Jaboatão, dr. Hermenegildo de Andrade, os alumnos das duas escolas primarias dali, acompanyados das respectivas professoras d. d.

JN-00014436-6

16 38

Maria Joaquina de Oliveira Ferreira e Beatriz da Rocha Ferreira, conduzindo cada creança um ramalhete de flores naturaes.

Formou-se então um bonito prestito precedido pela banda de musica do 1.º corpo de policia que se moveu em direecção ao edificio da nova escola e ao qual se encorporaram as distinctas familias do dr. Feliciano da Rocha, do dr. Antonio de Paula Carneiro da Cunha e dr. João Moura de Soares.

Accommodados todos na sala destinada ás aulas, o dr. Olyntho Victor, inspector geral da instrucção publica, depois de proferir algumas palavras allusivas ao acto, declarou, em nome do dr. governador do Estado e do dr. secretario geral, que tambem representava naquelle momento, inaugurada a 5.ª cadeira estadoal do sexo feminino de Soccorro do municipio de Jaboação. Congratulou-se com o governo do Estado e com a população daquella localidade pelo auspicioso acontecimento o prof. Gaspar Regueira Costa, que discursou no caracter de representante da *Liga brasileira contra o analphabetismo*.

O dr. Gaspar Loyo lavrou depois a seguinte acta que foi assignada pelas pessoas presentes:

“Termo de installação da escola Domingos José Martins, do sexo feminino, na localidade “Soccorro” do municipio de Jaboação.

Aos cinco dias do mez de Março do anno de mil novecentos e dezesete, ás 13 horas e cincoenta minutos, no edificio especialmente construido para nelle funcio-
nar a 5.ª cadeira do sexo feminino do municipio de Jaboação, presentes o dr. Olyntho Victor, Inspector geral da instrucção publica, o capitão Martiniano Correia, como representante do dr. Manoel Borba, governador do Estado, dr. Manoel de Oliveira Lima, dr. Pedro Celso Uchoa Cavaleanti, dr. Primitivo de Miranda Souza Gomes, desembargador Arthur da Silva Rego, professor Gaspar Regueira Costa, representantes do Instituto archeologico e geographico pernambucano, dr. Manoel

Dantas, representante do Estado do Rio Grande do Norte, padre Valdevino Nogueira, representante do Estado do Ceará, tenente Raul Tavares, representante de general Joaquim Ignacio, commandante da região militar com sede neste Estado, dr. José Feliciano da Rocha, director da Escola de agronomia e delegado de ensino, dr. Alberto Carlos Paes Barreto, prefeito do municipio de Jaboatão, drs. Luiz Correia de Brito, Hermano Brandão de Siqueira Santos, Antonio Oscar Uchoa Cavalcanti, lentes da Escola de agronomia, dr. Gervasio Fioravanti, deputado federal, diversas senhoras e gentilissimas senhoritas, alem de varios outros cidadãos de destaque social, o dr. Olintho Victor declarou, após ligeira allocução, installada e inaugurada a 5.^a cadeira estadual do sexo feminino do municipio de Jaboatão, accrescentando, denominar-se a mesma escola Domingos José Martins, sendo assim commemorada a passagem do centenario da revolução de 1817 e ficando satisfeita a solicitação do Instituto archeologico e geographico pernambucano. Em seguida, o professor Gaspar Regueira Costa, pedindo a palavra, congratulou-se com o governo do Estadô e com a população de Socorro, no caracter de representante da *Liga contra o analphabetismo*, pela creação da nova cadeira, fazendo ao mesmo tempo augurios para que a nova escola e a instrução publica fossem cuidadas com carinho, zelo e proveito. Em seguida fôï encerrada a reunião, do qual eu Gaspar Wanderley Loyo, secretario *ad hoc*, lavrei o presente para constar."

Terminada a solemnidade, foï pelas meninas cantado o hymno nacional.

A convite do dr. Feliciano da Rocha seguiram todos a visitar a Escola de agronomia.

Depois dos convidados percorrerem as differentes salas de estudo daquelle estabelecimento, o director offereceu-lhes no refeitório uma lauta mesa de finos bolos. Nessa occasião o dr. Bianor de Medeiros, iniciando a serie de brindes, saudou em nome do "Instituto Archeologico de Pernambuco" o dr. O. Victor, o dr. Feliciano da Rocha e o corpo docente da Escola de Agronomia.

Por este fallen, agradecendo, o dr. Luiz Correia de Britto que proferiu uma bellissima allocução. Depois de enaltecer o valor dessa velha instituição que é o Instituto Archeologico, s. s. referiu-se á creação da nova escola, classificando-a de mais um facho de luz que se trazia para o povo afim de poder entrar no convívio da sociedade. Terminou erguendo a sua taça em honra ao Instituto Archeologico. Orou tambem o representante do *Centro academico de agronomia*, o estudante José Ernesto Monteiro, que agradeceu a visita dos membros do Instituto á Escola.

Por ultimo levantou-se o dr. Gervasio Fioravanti e fez com eloquencia uma saudação á Republica corporificada, se lhe permittia a expressão, no dr. Manoel Borba, republicano historico que é.

Às 16 e 10 minutos regressaram todos.

ASSOCIAÇÕES CIVICO-MILITARES —Do interior do Estado chegaram no dia 5 o *Tiro de São Bento* e o *Tiro de Catende*, compostos de garbosos moços que se associaram ás festas.

Do Rio Grande do Norte chegou uma companhia do *Tiro de Natal*, sob o commando do atirador Beroncio Guerra e direcção do capitão Felizardo Toscano de Britto, seu instructor.

Da Parahyba veio o *Tiro parahybano* com o effectivo de 161 homens, inclusive 51 musicos.

Foram todos recebidos pelo general Joaquim Ignacio e seus officiaes e hospedados —parte na Escola de Aprendizes marinheiros por conta do ministerio da marinha, parte nos quartéis da policia, ás expensas do governo do Estado.

O commandante da região militar publicou a seguinte ordem do dia:

“1817—1917.—6 de Março de 1817! Data evocativa da grandeza moral de nossos maiores, marco eternal que servio de pião a determinação da trajectoria da vida politica de nossa nacionalidade, gloria memoravel do brioso povo pernambucano, tal é o auspicioso acontecimen-

to cujo centenario Pernambuco commemora hoje acompanhado pelos demais Estados do Brasil.

Faz hoje, cem annos que, movido pelo sagrado amor da liberdade, um punhado de heroes fizeram implantar em Pernambuco a forma de governo republicano estendendo-se o movimento ao Rio Grande do Norte e Parahyba.

Não foi bem succedido o movimento republicano de 1817, tendo tido pouca duração o governo que aquelles heroes estabeleceram. A 19 de Maio do mesmo anno era definitivamente abafada a semente republicana e presos os principaes chefes do patriotico e glorioso movimento. Não contavam, pois, os despotas de então que o sangue daquelles bravos fecundaria a terra que lhes serviu de berço, fructificando em 1889 a semente que haviam semeado com tanta coragem e tanto sacrificio.

Commemorando esta gloriosa data, estamos festejando o advento da liberdade á terra pernambucana, a qual, então rechassada, voltou definitivamente ao Brasil em 15 de Novembro de 1889."

ADHESÕES: — Associaram-se ás festas as seguintes autoridades, gremios e personalidades que nomearam seus representantes:

Ministro da justiça, dr. Adolpho Cirne; da agricultura, dr. Antonio Ribeiro de Castro Sobrinho; da guerra, general Joaquim Ignacio; da marinha, commandante Noronha Santos; da viação, dr. Octavio Hamilton; da fazenda, dr. Fabricio de Barros; do exterior, dr. Ribeiro de Britto; directoria dos telegraphos, dr. J. Coelho Brandão, dos correios, dr. Otto Lynch Bezerra de Mello; prefeito do Districto Federal, ministro André Cavalcanti; Inspectoria de Portos, Rios e Canaes, dr. José Cesario de Mello.

Governadores: Amazonas —desembargador Benicio Tavares; Pará —dr. Thomé Gibson; Piauhy—dr. Octavio de Freitas; Ceará—padre Francisco Valdevino Nogueira; Rio Grande do Norte —dr. Manoel Dantas; Parahyba —dr. Oscar Soares; Alagoas—dr. Francisco

de Paula Leite e Oiticica; Bahia —dr. Cruz Cordeiro; Espirito Santo —dr. Sebastião do Rego Barros; Rio de Janeiro; desembargador Primitivo de Miranda; Minas Geraes —dr. Mario Melo; Paraná —dr. Eduardo Wanderley; Santa Catharina —dr. João Elysio; Goyaz —dr. Lourenço de Sá; Matto Grosso —Cel. José Novaes; S. Paulo —ministro Oliveira Lima e Rio Grande do Sul — general Joaquim Ignacio.

As associações historicas do paiz se representaram do seguinte modo:

Instituto historico brasileiro —dr. Oliveira Lima; Instituto historico do Pará —dr. Eustachio Faneca; Instituto do Ceará —padre Valdevino Nogueira; Instituto historico do Rio Grande do Norte —desembargador Luiz Tavares de Lyra, dr. Manoel Dantas e dr. Nestor dos Santos Lima; Instituto historico parahybano —dr. Oscar Soares; Instituto archeologico alagoano —dr. Francisco de Paula Leite e Oiticica; Instituto historico de Sergipe —dr. João de Oliveira; Instituto historico bahiano —dr. Pedro Celso U. Cavaleanti; Instituto historico de Minas —dr. Mario Melo; Instituto historico e geographico de S. Paulo —dr. Mario Melo;— Instituto historico fluminense —d. Sebastião Leme; Instituto historico e geographico do Paraná —dr. Mario Melo; Instituto historico do Espirito Santo —dr. Mario Melo; Instituto historico de Santa Catharina — dr. João Elysio; Sociedade de geographia do Rio de Janeiro —dr. Oliveira Lima; Academia brasileira de letras —dr. Oliveira Lima.

Conselho superior de ensino —dr. Tavares Hamilton; Universidade de Manaus —dr. Mario Melo; Gremio litterario bahiano —dr. Mario Melo; Atheneu Pedro II de Manaos —prof. Francisco Ferreira de Mello; Sociedade artistica beneficente do Ceará —dr. Mario Melo; Gremio litterario padre Miguelinho de Natal — Deoclecio Dantas Duarte; Faculdade de Direito de Bello Horizonte —dr. Adolpho Cirne; associação brasileira da Imprensa —dr. Mario Melo; academia mineira de letras —Theotônio Freire; Gremio polytechnico de S.

Paulo—dr. Saturnino de Brito; Instituto polytechnico da Bahia —dr. Oliveira Lima; Faculdade de Medicina de Bello Horizonte —dr. Mario Melo; Escola Polytechnica da Bahia —dr. Mario Melo; Associação da imprensa do Pará —dr. Thomé Gibson; Museu nacional—dr. T. Gibson; União beneficente 25 de Março da Escada —dr. Mario Melo; Faculdade de Direito da Bahia —desembargador Silva Rego; Club de Engenharia do Rio de Janeiro —dr. Saturnino de Britto; Escola de engenharia de Pernambuco —drs. Moraes Rego e João Holmes; Escola de agronomia de Soccorro —dr. Feliciano da Rocha; Imprensa nacional — dr. João da Cruz Ribeiro; Museu Paulista —drs. Oliveira Lima e Mario Melo; Congregação da Escola polytechnica do Rio de Janeiro —dr. M. A. Moraes Rego; Escola de engenharia de Bello Horizonte —Dr. Luiz Correia de Britto; Faculdade de Direito do Recife —dr. Adolpho Cirne; Gremio polytechnico de Pernambuco —academicos Armando Castello Branco, Olintho Jacome e Gladstone Nobre de Lacerda; Escola Polytechnica do Rio —dr. João Moraes Vieira da Cunha Filho; Escola Polytechnica de Pernambuco —dr. João de Moraes Vieira da Cunha Filho; Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro —deputado Simões Barbosa; Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre —deputado João Elysio; Faculdade de Direito do Pará —dr. José Vicente Meira de Vasconcellos; Grupo escolar padre Miguelinho de Natal —dr. Moysés Soares; Cardeal arcebispo do Rio de Janeiro —ministro André Cavalcanti; arcebispo primaz da Bahia —mons. José de Freitas Machado; arcebispo do Ceará —padre Valdevino Nogueira; arcebispo da Parahyba —mons. Freitas; bispo de Natal —conego Jeronymo de Assumpção; bispo de Alagoas —mons. Mauricio Rocha; bispo da Barra —mons. Affonso Pequeno; Colonia pernambucana do Amazonas —dr. Arthur Muniz; Club Naval —capitão tenente Pedro Thiago de Figueiredo; coronel João Brigido —dr. Joaquim Pimenta; conselheiro João Alfredo —dr. Pedro Correia de Oliveira; senador Rosa e Silva —deputado Julio de Mello;

deputado Aristarcho Lopes —dr. Luiz Salazar; barão Homem de Mello —dr. Mario Melo.

DIA 6 DE MARÇO

MISSA CAMPAL —Devido ás chuvas cahidas durante a noite e pela madrugada, a missa campal, marcada para as 7 horas, teve inicio ás 8, celebrando-a d. Sebastião Leme, arcebispo de Olinda, que foi acolytado pelo conego Jeronymo de Assumpção, vigario da Bôa Vista e o franciscano frei Roberto.

Antes de celebrar a missa, s. exe. revdma. procedeu á benção da bandeira dos revolucionarios de 1817, que é hoje a do Estado de Pernambuco.

Esses actos religiosos tiveram o maximo realce e foram assistidos em profundo silencio pela numerosa multidão que estacionava no local.

Ao terminar a missa, o conego Pereira Alves usou da palavra, occupando a attenção da assistencia por espaço de 30 minutos.

Eis, em resumo, o discurso do notavel pregador sacro, proferido no mesmo local em que o deão Bernardo Ferreira Portugal abençoou a bandeira dos revolucionarios:

“Hoje celebra's a memoria d'aquelles que, magnanimos na victoria, foram heroes na desgraça!

Por isso o Brazil inteiro tem os olhos pregados em vós! Eu vos saúdo, pernambucanos!

Pernambuco, terra adorada, esposa do sol, tu que hoje te ergueste dos thalamos doirados do Oriente, princeza do Equador que, após o banho matinal, vieste hoje prosternar-te á sombra da cruz para rezar pelos teus nobres filhos e pelo teu futuro, tu genitriz do heroísmo, mãe fecunda da gloria, recebe antes de tudo o meu beijo de filho. Salve, patria! Alma parens salve!

Senhores, cem annos e a mesma alma patriótica!
Cem annos e crepita o mesmo fogo sacro da religião!
Que soberbo espectáculo!

O leão, cansado de batalhas e de laureis, na commemoração dos seus heroes, solta um rugido de fé, arrojando aos pés de Deus supplicantes votos.

Meus senhores, Pernambuco hoje está de joelhos. Está de joelhos e está de mãos postas! Pernambuco ora, ora publicamente como nos gloriosos dias de 1817. Mas, que pede o leão do Norte aos pés da cruz do Redemptor? Que pede, senhores? Pernambuco exora o que o Brazil todo inteiro supplica: o regimen da liberdade, da instrucção, da justiça e das grandes virtudes sociaes. Eis o objecto da supplica pernambucana.

Os povos, como os individuos, desenvolvem-se n'uma tripl'ce ordem: intellectual, meral e physica.

Eu não duvido affirmar, senhores: a prosperidade d'um povo consiste mais no aproveitamento de sua capacidade intellectiva e ethica do que no desenvolvimento de suas energias materiaes. E mesmo, porque o progresso material de um paiz está estreitamente vinculado á evolução de suas forças espirituaes. Um povo não é grande só porque fumegam colossaes chaminés, um povo não é grande só porque pelas suas arterias territoriaes roneam e estridulam possantes locomotivas, um povo não é grande só porque as suas immensas riquezas naturaes, admiravelmente aproveitadas pela industria e arrojadas pelo commercio ao mercado do mundo, transformam a nação em um erario internacional.

Não! mil vezes não! Senhores.

Ha alguma coisa maior que a prosperidade material, ha alguma coisa mais do que o dinheiro, ha alguma coisa que mais vale: essa alguma coisa é a liberdade, é a justiça, é a sciencia, são todas as virtudes que regem a consciencia dos governos e a consciencia dos povos.

E' essa alguma coisa que foi consubstanciada no luminoso sonho de 1817 nos grandes ideaes dos heroicos democratas que arvoravam na patria a bandeira

branca da independencia saudada pelos clarins d'uma seductora victoria.

"O verdadeiro ponto de maturidade para as nações, disse um notavel conferencista, (1) é aquelle em que, o desenvolvimento material tendo attingido o grau sufficiente ao funcionamento de todas as faculdades humanas e de todas as forças sociaes, a ordem moral está em progresso e excede assim o progresso material com toda aquella superioridade que o espirito tem sobre a materia. O encontro providencial d'esses çous progressos constitue na historia as grandes epochas do mundo: elle marca nas evoluções seculares da humanidade o apogeo das civilisações illustres.

Portanto, é preciso reconhecê-lo, a marcha ascendente da industria, o dominio crescente do homem sobre a natureza physica, é um progresso; é o progresso na ordem material, é a materia aperfeiçoada pelo homem e recebendo do raio do seu genio um esplendor que a transfigura.

Mas uma cousa é o progresso *material* e outra cousa é o progresso *humano*."

Sim, meus senhores! Uma outra cousa é o *progresso humano*."

A vida social pode ser condicionada pelo aperfeiçoamento da materia, mas nunca os seus problemas serão resolvidos na materia transformada pelas applicações intelligentes do homem.

Sim, meus senhores, Pernambuco quer utilizados os immensos thesouros de suas entranhas fecundas, que esforços intelligentes e probos levem até aos seus longinquos sertões as realidades radiosas d'uma acção progressiva de bem-estar physico e de material conforto, Pernambuco quer que olhares vigilantes o protejam e braços vigorosos o empurrem victoriosamente para um venturoso porvir.

Nós pernambucanos não somos apenas um aparelho mecanico: nós somos homens.

(1) R. P. Felix.

Queremos o progresso humano em todas as suas formas.

Queremos o progresso em nossas instituições, nos nossos habitos sociaes, na nossa vida publica, queremos um progresso humano.

Ao homem não basta o pão.

Não só do pão vive o homem, disse Jesus Christo.

O homem vive tambem de verdade, de liberdade, de justiça, da lei e do direito.

Ah! não sei porque a sociedade ás vezes lhe nega esse pão espiritual, lhe nega essa esmola...

Mas que digo eu, senhores?

Uma esmola? um d'reito assegurado pelas leis divinas e humanas.

No tereceiro dia da revolução, na matriz de Santo Antonio o padre Miguel Joaquim depo's de descrever as bellas da terra pernambucana, aconselhou a todos a mutua concórdia, o espirito de paz, a união, a disciplina, o respeito ás autoridades constituídas e solemne *Te-Deum* de acção de graças resoou, como a préce de Pernambuco inteiro, pelas naves do templo.

Cem annos depois o mesmo edificante espectaculo. Os pernambucanos de outr'ora pensavam que não poder'iam progredir sem Deus; e eu, pernambucano, vejo com santo orgulho que a minha, a minha gloriosa terra, não tem vergonha de dizer: Senhor, abençoando as cinzas de meus heroes, abençoa-me tambem. E' que a alma pernambucana bem o sabe: Só Deus a pode guiar ao apogeu da grandeza humana. Nunca é demasiado repetir a palavra augusta da Escriptura: *Beata gens cujus est Dominus, Deus ejus*. Bemdito o povo de quem o senhor é Deus. (2)

Meus senhores, o movimento de 1817, cuja lembrança hoje evocamos, não dispensou absolutamente a força religiosa. Elle a quiz, elle a abraçou como a coo-peradora necessaria do progresso social, do progresso humano da joven republica.

(2) Ps. 32, 12.

Sacerdote e depois de uma função religiosa poderia eu esquecer o pensamento christão dos heroes de 17?

Eu o trago palpitante do meio dessas cinzas illustres para dizer-vos, senhores: eis o exemplo de nossa grandiosa historia, a lição de nossas epicas tradições, o ensino de nossos pais.

Senhores, para resolver completamente a grande questão humana de viver bem, de respeitar o direito dos outros, de dirigir as cousas publicas, penso, senhores, que não bastam toda a sagacidade dos mais habeis politicos, todos os planos dos mais perspicazes estadistas, todas as invenções philosophicas dos mais eminentes pensadores, todos os conselhos da sciencia e da boa vontade do nosso seculo.

A reforma social, debalde a esperareis das instituições e das leis. Ellas não a farão jamais, porque não são formas politicas nem legislações d'uma pura effi-ciencia externa os elementos efficazes e constructores d'uma obra que tem as suas raizes no mysterio da consciencia humana.

Qual é a força d'uma instituição politica ou social no meio d'uma geração sem o amor invencivel da verdade e da justiça? *Quid leges sine moribus?* Que são as leis sem os costumes? Só as forças que actuam na consciencia e no coração, só as forças que podem acordar as revoluções da alma, que penetram os invisiveis dominios da natureza humana, só ellas têm o segredo da therapeutica social, só ellas, as forças religiosas, podem d'zer ao povo: *surge et ambula*, surge e anda e caminha para o reinado venturoso d'uma verdadeira justiça social.

Por isso escreveu Taine nas *Origens da França contemporanea*: "Quando se tem assistido de perto a este spectaculo, pode-se avaliar a influencia do christianismo nas nossas modernas sociedades pois, é elle que traz o pudor, a doçura, a humanidade, e que entre nós conserva a honradez, a bôa fé e a justiça.

Nem a razão philosophica, nem a cultura artistica e litteraria, nem a honra feudal, militar e cavalheires-

ca, nem os codigos, nem os governos, nem as administrações podem substituil-o n'esta obra benefica. (3)

Senhores, um grande pensador e publicista hespanhol lançou ao mundo estas propheticas palavras: Sem sobrenatural e com uma religião convertida em um deismo vago o homem que não tem necessidade da Igreja, reclusa em seu santuario, nem de Deus, prisioneiro em seu céo, como Encelado debaixo do rochedo, volta os olhos para a terra e se consagra exclusivamente ao culto dos interesses materiaes: é a epoca dos systemas utilitarios, dos grandes desenvolvimentos do commercio, das febres da industria, das insolencias dos ricos e das impaciencias dos pobres. Esse estado de riqueza material e de indigencia religiosa é sempre seguido d'uma d'estas catastrophes gigantescas que a tradição e a historia gravam perpetuamente na memoria dos homens. Os prudentes e os habeis se reúnem em conselho para conjural-os; mas a tempestade chega ribombando, desconcerta os seus planos e arrasta-os com suas conspirações.

Poder-se-ia melhor prophetisar os horrores da grande tempestade européa? A religião em Pernambuco é um facto historico e ella, a despeito de tudo...

Meus senhores, porque hei de ir além? Não tenho mais o direito, de reter-vos aqui aos pés do altar. Ide, meus irmãos! Pernambucanos, ide! A vossa prece já subiu cheia de esperanças aos seios immensos da paternal misericórdia! Ide fazer a vossa apothese cívica. As tropas vão desfilar deante de vós, n'uma evocação phantastica dos valorosos patriotas de 1817.

De envolta com o auriverde pavilhão nacional vai hoje tremular pela primeira vez a bandeira pernambucana, a mesma que encarnou as aspirações antigas do Leão do Norte.

Oh! Acto de honra, acto soberano de justiça!

Pernambucanos, saudai o nosso estandarte! A 21 de Março de 1817 o deão da Cathedral de Olinça, n'este mesmo campo, alçando uma das bandeiras bentas ex-

(3) Origines de la France contemporaine.

clamou: *In hoc signo vinces*, n'este signal vencereis, segui-o, elle vos conduzirá ao caminho da honra, da independencia e da liberdade.

De Olinda, senhores, eu tambem venho, das paredes velhas da Cathedral de Olinda para dizer-vos: Com este signal vencereis; segui-o.

Sim, bandeira augusta de minha terra, drapeja, drapeja sobre as nossas frentes.

Tu és a forma visivel de todos os nossos anseios pela verdadeira liberdade, pela verdadeira justiça, por todos os grandes ideias da vida humana.

Tu resumes admiravelmente a alma de nossas tradições: por Deus e pela patria. Tu serás sempre a visão suggestiva d'um passado heroico e o genio augural de nosso esplendoroso futuro. Tu, que te despregas como uma grande asa maternal, acolhe sob a tua sombra os filhos d'esta gleba predestinada.

Aquece-nos com os beijos vivificantes deste sol e abençoa-nos com essa cruz victoriosa que ahi flammeja.

Senhores, saudemos os nossos destinos amadurecidos pelo sol do progresso e pelas benções redemptoras da cruz."

LANÇAMENTO DA PEDRA — Em seguida o dr. Mario Melo, 1.º secretario do Instituto archeologico leu a acta do lançamento da pedra fundamental da estatua que vae ser erigida aos heroes. Assignaram-na o dr. Manoel Borba, governador do Estado; d. Sebastião Leme, arcebispo de Olinda; general Joaquim Ignacio; dr. Oliveira Lima; dr. Primitivo de Miranda; dr. Moraes Rego; desembargador Antonio da Silva Guimarães; dr. Andrade Bezerra; senador Ribeiro de Britto, representante do ministro do exterior; dr. Oscar Soares, representante da Parahyba; dr. Leite Oiticica, representante de Alagoas; conego Jeronymo Assumpção; dr. Pedro Celso Uchoa Cavalcanti; dr. Benicio Tavares, representante do Amazonas; dr. Antonio Vicente; coronel Alfredo de Britto Carvalho, Victor Cavalcanti de Albuquerque e outros.

A acta foi collocada em uma caixa de zinco azul-branca, juntamente com os jornaes do dia e um exemplar da 3.^a edição da Historia da revolução de 1817, annotada pelo dr. Oliveira Lima e com a sua assignatura autographa.

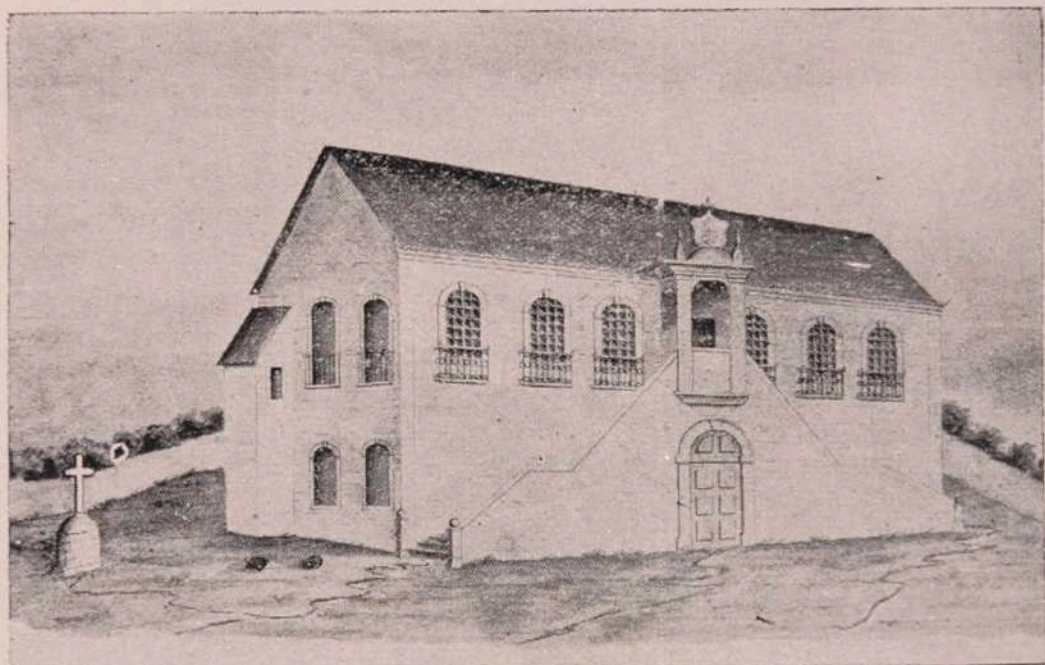
A pedra fundamental, collocada no sitio em que deve ser erigido o monumento aos heroes da revolução, é de marmore e tem a seguinte inscripção: —“O Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco aos heroes de 1817.”

A acta, lavrada a proposito do seu lançamento, foi redigida nos seguintes termos:

“Aos seis dias do mez de Março do anno de mil novecentos e desesete, vigesimo oitavo da republica, nesta cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco, perante a commissão executiva das festas que solemnizam o centenario da revolução republicana de Pernambuco, a directoria do Instituto archeologico, altas autoridades federaes e estaduaes, representantes dos Estados que adheriram á revolução e de outros que se associaram ás festas e mais pessoas abaixo assignadas, foi solennemente collocada a pedra fundamental do monumento que tem de ser erigido aos martyres da mesma revolução, nesta praça da Republica, antigo campo do Erario e depois das Princezas, em cujo local muitos foram enforcados e esquartejados no anno de 1817, cabendo a iniciativa dessa commemoração —abraçada por todo o paiz —ao Instituto archeologico e geographico pernambucano, fundado em 28 de Janeiro de 1862.

Eu Mario Carneiro do Rego Melo, 1.^o secretario do Instituto archeologico e geographico pernambucano e secretario geral da commissão executiva das festas, lavrei a presente acta que vae receber assignaturas.”

A estes actos, grandemente concorridos, foram presentes: os srs. drs. Manoel Borba, governador do Estado e familia; senador Ribeiro de Britto e familia; general Joaquim Ignac’o, commandante da região; dr. Andrade Bezerra, secretario do Estado e familia; dr. Oliveira Lima e familia; dr. Antonio Vicente, juiz subs-



Antigo edifício do Erario



tituto federal e familia; coronel Carlos Lyra e familia; desembargadores Primitivo de Miranda, presidente do Instituto archeologico, e Benicio Tavares, representante do Estado do Amazonas; coronel José Novaes, commandante da Forca publica e familia; dr. Turiano Campello; dr. Gervasio Fioravanti; dr. Arnulpho Lins e Silva; padre João Uchoa; coronel Virgilio Medeiros; Ferreira de Mello, representante do Atheneu Pedro II, de Manãos; caps. tenente Pedro Thiago de Figueiredo e Britto Grillont e los. tenentes Octavio Guerra e Nelson Noronha; officiaes do exercito, da guarda nacional funcionarios publicos e representantes do commercio; dr. Olyntho Victor, director da instrucção publica. dr. Cruz Cordeiro, representante da Bahia; dr. Oliveira Fonseca, academico José Barcellos e familia; dr. Mario Melo e familia; major Sant'Anna Araujo, tenente Ambrozio Leite; dr. Leite Oiticica, representante de Alagoas; dr. Oscar Soares, representante da Parahyba; desembargador Antonio da Silva Guimarães, chefe de policia; coronel Alfredo de Britto Carvalho, commandante superior da guarda nacional; capitão Augusto Silva; dr. Moraes Rego, prefeito da capital; dr. Alfredo Ferraz, dr. Oscar Silva, dr. Pedro Celso, dr. Oliveira Fonseca; Victor Cavalcanti de Albuquerque, padre João Firmino Cabral de Andrade; padres Leonardo Mascello; José Ambrosino Leite, José de Sá Leitão, Antonio Granja, Valdevino Nogueira, representante do Ceará; conego Amancio Ramalho, monsenhores José de Freitas, Mauricio Rocha e Affonso Pequeno, diaconos Francisco Donino e Abilio Maia, sub-diacono Severino Guedes, clerigos José Marianno, Francisco de Assis, Gabriel Mousinho e José Lamartine Correia e representantes da imprensa. Além das pessoas acima mencionadas era notavel a assistencia que enchia toda a praça, ornamentada a capricho pela casa Agra & C.

PRESTÍO CIVICO-MILITAR — Em seguida ás ceremonias acima descriptas foi organizada a parada militar, sob o commando do general Joaquim Ignacio. As unida-

des collocaram-se na seguinte ordem: —1.º esquadrão de cavallaria da policia; 2.º, uma companhia de guerra da marinha; 3.º escoteiros pernambucanos; 4.º Tiro do R. Grande do Norte; 5.º Tiro da Parahyba; 6.º 49.º batalhão de caçadores; 7.º batalhão da Forca publica; 8.º Tiro 13 da Confederação; 9.º Tiro n.º 126 da Confederação; 10.º Tiro n. 205 da Confederação; 11.º Tiro n. 209 da Confederação; 12.º Tiro n. 141 da Confederação; 13.º — Tiro Floriano Peixoto e 14.º — Companhia de bombeiros.

Ordenada a formatura, moveu-se o imponente prestito militar pouco depois de 9 1/2 percorrendo o seguinte itinerario: Praça da Republica, ponte Santa Izabel, ruas da Aurora, Riachuelo, Hospicio, Floriano Peixoto, ponte da Boa Vista, ruas Barão da Victoria, Cagugá, praça da Independencia, ruas 1.º de Março 15 de Novembro e Praça da Republica.

Precedia às forças em marcha o prestito civico, constituído pelas escolas publicas estaduais e municipaes.

Puxava o prestito um automovel em que iam as senhoritas Alcina Lins Cavalcanti, Maria José Lins Cavalcanti e Henriqueta Cavalcanti de Albuquerque conduzindo a nova bandeira do Estado.

O desenvolvimento do prestito tinha mais de dois kilometros; o automovel da bandeira surgia na rua Floriano Peixoto, quando a companhia de bombeiros apenas attingia a ponte Santa Izabel.

Geraes louvores mereceram os garbosos moços das sociedades civico-militares e grande foi o numero de atiradores de cada companhia. Os escoteiros levavam cinquenta rapazes: numero maior levavam os tiros Pernambucano, Floriano Peiroto, Camaragibe e Catende.

Registro especial merecem os tiros da Parahyba e do Rio do Norte. Este se compunha de um nucleo de garbosos rapazes que marchavam admiravelmente, chamando a attenção de todós; aquelles impressionavam sobretudo pelo numero, pelo pelotão de cyclista e pela excellente banda de musica.

Ambos trouxeram grande realce para as festas do centenário.

A bateria não participou da parada. Salvou do Prum ás 8 1/2, no momento em que era collocada a pedra fundamental da estatua.

O exmo. sr. dr. Manoel Borba, governador do Estado, assistiu de palacio, em companhia de amigos e autoridades, ao desfilar do prestito.

A' proporção que cada unidade passava pelo governador, que tinha aos lados o arcebispo de Olinda e o sr. dr. Oliveira Lima, era dado o toque de marcha de continencia: as bandas de musica ficavam em linha e os pelotões desfilavam.

O tiro parahybano conduzia nas carabinas pequenas bandeiras da revolução de 1817.

Sobre a parada, o commandante da 2.ª região militar subscreveu o seguinte boletim:

"Em commemoração ao centenário da grandiosa revolução republicana de 1817, realisou-se hontem uma parada militar, a qual, pelo brilho, garbo e disciplina das forças que nella tomaram parte, excedeu á minha expectativa de velho soldado já habituado a formaturas desta natureza.

A formatura de hontem revestio-se de um maximo esplendor, recompensando grandemente os esforços empregados para a organização de tão justa quão dignificante apothecose.

Ao sr. almirante Max Frontin eu agradeço o valioso concurso prestado ao bom exito da formatura, facilitando o desembarque dos bravos officiaes e marinheiros que guarnecem os vasos de guerra fundeados em nosso porto, aos quaes eu felicito e louvo pelo luzimento que emprestaram á referida formatura.

Aos Escoteiros pernambucanos, instituição recém-organizada, cujos beneficios a nossa sociedade já começa a experimentar, não regateio meus applausos pela correcta attitude que mantiveram em forma, provocan-

do os mais lisongeiros commentarios dos que tiveram o prazer de vel-os desfilar.

Tão magnifico resultado deve-se ao sr. 1.º tenente Manoel Carlos Vital Sobrinho, seu incançavel e dedicado instructor, a quem muito louvo e agradeço.

Relembrando ao povo de Pernambuco que o Rio Grande do Norte e Parahyba acompanharam-nos na pe-leja pela conquista da liberdade, apresentaram-se na formatura os tiros daquelles Estados, os quaes, representando o escol da sociedade, conquistaram geraes sympathias justificadas pela disciplina e instrucção que revelaram, mostrando a competencia e dedicação dos srs. capitães Felizardo Toscano de Britto e Schuller, seus respectivos instructores, que muito concorreram para o grande brilho da parada militar.

E' de justiça não esquecer o nome do sr. tenente-coronel da G. Nacional Francisco Continho de Lima e Moura, a quem muito deve o tiro parahybano, pelos continuos e intelligentes esforços empregados pelo referido official em prol de seu progresso.

Ao sr. commandante da força publica da Parahyba eu me confesso summamente grato pela concessão de sua harmoniosa banda de musica ao Tiro parahybano, concorrendo para que maior fosse o enthusiasmo dos jovens patriotas daquela sociedade.

Aos tiros de Catende e de S. Bento, cujos socios não hesitaram em abandonar seus lares para mostrar ao povo da capital que lá tambem existem patriotismo e amor ás nossas instituições, eu louvo e agradeço o concurso prestado á commemoração dos heroes de 17, registrando com satisfacção o elevado grau de instrucção militar que mostraram na parada de hontem, devido ao interesse tomado pelo sr. 2.º sargento Arthur Lins Pessoa de Mello e cabo José Gomes de Lima, seus respectivos instructores.

Garboso, luzido e disciplinado apresentou-se o 49.º batalhão de caçadores, que mais uma vez mostrou ao publico possuir uma officialidade digna e capaz, da nobre missão que a sociedade lhe confiou.

Louvo, com prazer, o sr. major Arsenio Borges, seu commandante interino e demais officiaes, por tudo quanto hontem fizeram, tornando-se, cada vez mais, credores do alto conceito em que os tenho.

Louvo tambem os inferiores e praças daquella garbosa unidade do nosso exercito pelo modo com que têm correspondido ao meu appello, mostrando-se sempre em publico, correctos, disciplinados e bem instruidos.

Representando a Força publica do Estado, apresentaram-se garbosamente o esquadrão de cavallaria e o 1.º batalhão de infantaria, commandados respectivamente, pelos srs. capitão Theophanes Torres e tenente-coronel Alfredo Duarte, não desmentindo as tradições já firmadas de tropa bem instruida e disciplinada, concorrendo poderosamente para o successo da parada de hontem, tornando-se merecedores dos elogios que aqui registre com satisfação.

Ao sr. coronel José Novaes, commandante da Força publica deste Estado, agradeço o inestimavel auxilio prestado á execução da formatura.

Aos tiros 13, 126, 205 e Floriano Peixoto, eu agradeço a inapreciavel cooperação, para o bello resultado obtido.

Os jovens e incançaveis patriotas, que constituem aquellas sociedades, manifestaram-se ardentes cultores da disciplina e consequentemente capazes de desempenhar a sagrada missão que o regulamento do sorteio militar lhes confiou.

Aproveito a oportunidade para agradecer aos srs. 2os. tenentes Flaviano de Britto, Henrique Nelson Ferreira de Mello e Luiz Cavalcanti Lima, aspirante Flavio Bezerra Cavalcanti e o capitão Flavio Lisbôa, os esforços empregados para o comparecimento do grande numero de socios das referidas sociedades, ás quaes elles dedicam grande parte de sua actividade.

Louvo os jovens patriotas dos referidos tiros pelo modo com que fizeram realçar a festa militar de hontem.

Sahinda da modestia que a torna mais querida ao

nosso meio social apresentou-se brilhantemente a Companhia de Bombeiros, sob o commando do sr. tenente Anizio Gomes da Silva, a cujo commandante muito agradeço o comparecimento da valorosa companhia.

Finalmente aos srs. tenente coronel Marciano de Oliveira Avila, chefe do serviço de engenharia, major Silverio Augusto de Azevedo, como chefe do estado-maior, capitão dr. Manoel Guedes Correia Gondim, chefe do serviço de saude, tenente Hypolito Daniel de Carvalho, como assistente, 2.º tenente Raul Tavares da Silva meu ajudante de ordens, tenente da Força publica Rogaciano de Mello, representando a mesma força, 2.º tenente Jayme Aranha, representando o Tiro do Rio Grande do Norte, 2.º tenente atirador João Lima, representante do Tiro 126, que formaram em meu estado-maior, bem como ao sr. 1.º tenente Julio Couceiro, eu agradeço o esforço empregado para a realização do meu objectivo, louvando a todos pelo carinho com que cuidaram da organização e execução da parada, a que venho de me referir."

ESCOLA JOSÉ LUIZ DE MENDONÇA — Uma das sollemnidades mais significativas das festas do centenario da revolução de 1817, foi a inauguração da escola municipal José Luiz de Mendonça, no arrabalde da Torre, creada pelo concelho municipal a pedido do Instituto archeologico e entregue á alumna mestra mais distincta do curso.

Após as festas e sollemnidades realizadas no Recife, pela manhã, seguiram para aquelle arrabalde em companhia do dr. Moraes Rego e familia, os srs. dr. Andrade Bezerra, representando o governador do Estado; familia do dr. Manoel Borba; ministro Oliveira Lima, senador Ribeiro de Britto, dr. Olyntho Victor, director da instrucção publica; dr. Pedro Celso, director do Gymnasio; padre João Uchôa, pelo sr. arcebispo; dr. Alfredo Ferraz, secretario da prefeitura; dr. Pereira de Lyra, director da hygiene; cel. Britto Carvalho, major Baptista de Oliveira, representando o coronel José No-

vaes, commandante da força publica: representante do dr. chefe de policia; drs. A. Aroxa, Leite e Oiticica, Mario Melo, Urbano Borba, Bianor de Medeiros e muitas outras pessoas gradas.

Em a nova escola, que demora á rua Real da Torre n. 153, a comitiva foi recebida pela commissão composta dos srs: dr. A. Rigueira Costa, director da Instrucção municipal, professor Gaspar Rigueira e d. Maria Emilia Pereira de Souza, directora do Collegio Santa Margarida que ali se encontrava acompanhada da senhorita Esther de Medeiros Raposo, que foi a alumna distincta d'aquelle collegio escolhida e nomeada para reger a nova escola do municipio.

Na sala do edificio da escola devidamente preparada para o fim a que se destina, reunidos os presentes, discursou o dr. Rigueira Costa que, se referindo ao acto, tratou do desenvolvimento que vae tomando a instrucção publica e do interesse que por ella tem o dr. Moraes Rego. Em nome do dr. Manoel Borba fallou o dr. Andrade Bezerra, secretario geral do Estado, pondo em realce a fundação da nova escola, referindo-se tambem ao movimento progressivo que alenta presentemente a instrucção publica.

Após haver fallado o secretario geral do Estado, tomou a palavra o sr. senador Ribeiro de Britto.

"Felicitava o prefeito pela inauguração da escola.

Foi porque cursavam a escola que os heroes de 1817 haviam concebido e realisado, com o sacrificio da propria vida, a idéa, elevada de mais para a epoca, da nossa independencia pela Republica. Rejubilava-se como republicano historico que sempre manteve, atravez da sua agitada vida politica, esses mesmos ideaes, por ve-los realisados agora na administração do seu antigo companheiro de lutas e de idéas, o dr. Manoel Borba. Sentia necessidade de declarar n'aquelle momento, que apoiava como politico e cidadão, o governo do dr. Borba, não por qualquer motivo de ordem pessoal, mas porque verificava que a nefasta continuidade historica de administrações retrogradas e de interesses pessoas se

quebrara, permitindo a realização dos ideaes republicanos.

Tratou do momento politico partidario e, depois de algumas proposições condemnando o militarismo do governo passado, concluiu:

Por isso, no momento em que o progresso da instrucção se accentuava, quando o governo demonstrava, por actos positivos, a sua preocupação em desenvolver o ensino publico, base essencial do nosso progresso e da nossa cultura, sentia necessidade de affirmar-se solidario com essa orientação, que foi sempre a sua e a dos verdadeiros republicanos."

RETRETA —No jardim da praça da Republica, perante numerosa assistencia, a excellente banda musical da força publica da Parahyba, composta de 57 figuras e que veio a este Estado acompanhando o tiro parahybano, fez retreta hontem á noite no jardim da praça da Republica, executando o seguinte programma:

Primeira parte: I—Symphonia da op. *Il Guarany*, de C. Gomes; II—fantasia da op. *Carmen*, de G. Bizet, E. Mullet; III—grande phantasia da op. *Il Trovatore*, de G. Verdi; IV—opereta *The girl in taxi*, by Jean Gilbert.

Segunda parte: V—*Lohengrin*, op. de R. Wagner, Girard; VI—Ave Maria *Il Guarany*, de Carlos Gomes; VII—fantasia sur *Faust*, de Gounod, F. Leroux; VIII—*The cinema star* (selection) by Jean Gilbert."

A Sessão Magna no Theatro Santa Isabel

A' noite realisou-se com a maxima pompa, no Theatro Santa Isabel, a sessão magna em homenagem aos martyres da revolução de 1817.

O theatro, hoje completamente reformado, apresentava aspecto festivo desde a entrada, onde era vista uma fonte luminosa de lindo aspecto. Por toda a parte se viam laços com as cores pernambucanas.

Não havia lugar desocupado. Nos camarotes, a lotação era excedida.

No palco, todas as cadeiras estavam occupadas por altas autoridades federaes, estaduaes e municipaes, representantes de Estados e associações scientificas, etc.

Quando penetrou no palco, o sr. dr. Manoel Borba foi saudado por salva de palmas.

A's 19 horas e meia em ponto, a orchestra dirigida pelo velho professor Euclides Fonseca deu inicio ao programma executando o prelude da opera *Leonor*, de assumpto pernambucano.

Feito logo após silencio, o sr. dr. Manoel Borba pronunciou as seguintes palavras:

DISCURSO DO GOVERNADOR — Meus senhores. A commemoração que n'esta hora se faz do movimento republicano operado em 1817 na data de hoje, tem como principal significação a justiça nobremente rendida aos heroes d'aquella epocha, aos que já então sonhavam um Pernambuco livre e digno sob uma forma republicana exercida por cidadãos honrados.

O culto á memoria dos que nobilitaram pelos seus feitos a epocha em que viveram é um dever que assignala consciencias dignamente equilibradas, sociedades superiormente constituídas com elevação intellectual e moral, com respeito á justiça e aos deveres, nessa bellissima forma de guardar, de reverenciar a lembrança, a tradição dos dignos.

Para Pernambuco deve ser, como para o Brasil republicano de hoje, um apostolado esse de não deixar esquecido o acontecimento que hoje se commemora, não esquecer de transmittir ás gerações vindouras, para que venerem do mesmo modo a memoria d'esse feito glorioso em todas as suas manifestações, em todas as suas phases.

Ao nascer sob as inspirações da liberdade, com as lições da França Republicana, com o exemplo do progresso e da grandeza dos Estados Unidos; ao se implantar, ao se tornar realidade, com um programma de tolerancia, de paz, de conagraamento de naturaes e ex-

trangeiros, de liberdade aos escravos, de respeito ao direito e á justiça, e ao morrer, ainda no modo heroico por que todos os seus propugnadores encararam a morte, o sacrificio supremo com que pagaram os seus anhelos de liberdade, com a serenidade de uma convicção profunda; um apontando no peito o lugar onde pulsava o nobre coração e dizendo aos que o iam sacrificar: "lembrai-vos que aqui está a fonte da vida"; outro recusando nobremente negar sua participação no glorioso movimento e confessando authenticas as suas assignaturas nos papéis compromettedores; outro exclamando no momento final: "morro pela liberdade"; outro morrendo ao grito de "Viva a minha patria"; outro pedindo que ensinassem ao filho "o caminho da virtude e da honra"; todos em fim morrendo dignos da vida honrada que tiveram, dignos heroes de um commettimento que ainda hoje, um seculo após, faz a nossa admiração, faz vibrarem as almas bem formadas n'essa commemoração espontanea e modesta, entretanto, em comparação com o feito commemorado.

Bem hajam os que não deixam que esquecida morra a memoria dos heroes. Bem haja este nobre Instituto archeologico e geographico de Pernambuco, que reúne hoje os seus membros á sociedade e ao povo pernambucano para esta festa civica e patriótica, generosa e justa.

A festa de hoje é um preito de justiça, é um conforto á alma republicana de Pernambuco, é uma lição aos vivos de agora.

Revivamos sempre esse passado, tenhamol-o sempre presente ao nosso espirito, á nossa consciencia como uma lição, uma grande lição, a seguir n'esse momento de nossa historia em que os *heroes* fazem orçamento das despesas domesticas e aferem e pezam os proventos possiveis do seu *heroismo*.

Bem dita a memoria dos que se moveram sob as inspirações sacrosantas da liberdade, viveram apostolando o direito, a justiça, a tolerancia, o amor e morreram legando-nos uma lição de civismo, de desprendi-

mento, de honradez, de fortaleza moral, que os tempos modernos admiram e não comprehendem.

Bem dita a memoria dos que assim deram ao patrimonio moral de Pernambuco, á historia de nossa patria e mais bello, o mais fulgurante dos seus capitulos."

As palavras do sr. governador foram acolhidas com calorosos applausos.

Seguiu-se o hymno á revolução de 1817 — musica do maestro E. Fonseca e letra do dr. França Pereira, cantado por alumnas da Escola Normal.

HIMNO DO CENTENARIO

Almo espirito, ó alma da patria,
 Abre as azas de luz sobre nós!
 E, rasgando a amplidão destes ares,
 Canta os feitos dos nossos heroes!
 Canta a nobre republica ousada,
 Democratica flor de civismo,
 Que, sorrindo entre o livro e entre a espada,
 Redimiu-nos do vil servilismo!

Nós não fomos pendões desfraldando
 A' conquista de terras e mares
 Nem nos viu com furor pelejando
 O gentio nos *Santos logares*;
 Mas das furias do despota sanhudo
 Pelo amor da immortal liberdade,
 Do captivo fizemos um homem
 Uma Sparta de cada vontade!

Nesses pontos de pernambucanos,
 Hoje voz calcinada de pedra,
 Não medrou o pavor dos tyrannos,
 Pois que em nós o pavor nunca medra!

Incendidos de amor fraternal,
E, seguindo-lhe o santo preceito,
Onde a planta viceja do mal
Fazem só vicejar o direito!

Almo espirito, ó alma da Patria,
Abre as azas de luz sobre nós!
E, rasgando a amplidão destes ares,
Canta os feitos de nossos avós!
Canta a nobre republica ousada,
Sonho ardente de amor e civismo,
Que, outro mundo creando do nada,
Foi modelo de patriotismo!

Ao degredo, ás torturas, á morte,
Oppuzeram valor e firmeza,
E, leões indomaveis do norte,
Se caíram, não foi por fraqueza!
"Dezesete" é a guerra, é a paz...
Mocidade, joelhos em terra!
E, ante as cinzas dos paes de teus paes,
Pela paz, contra o mal, guerra! guerra!

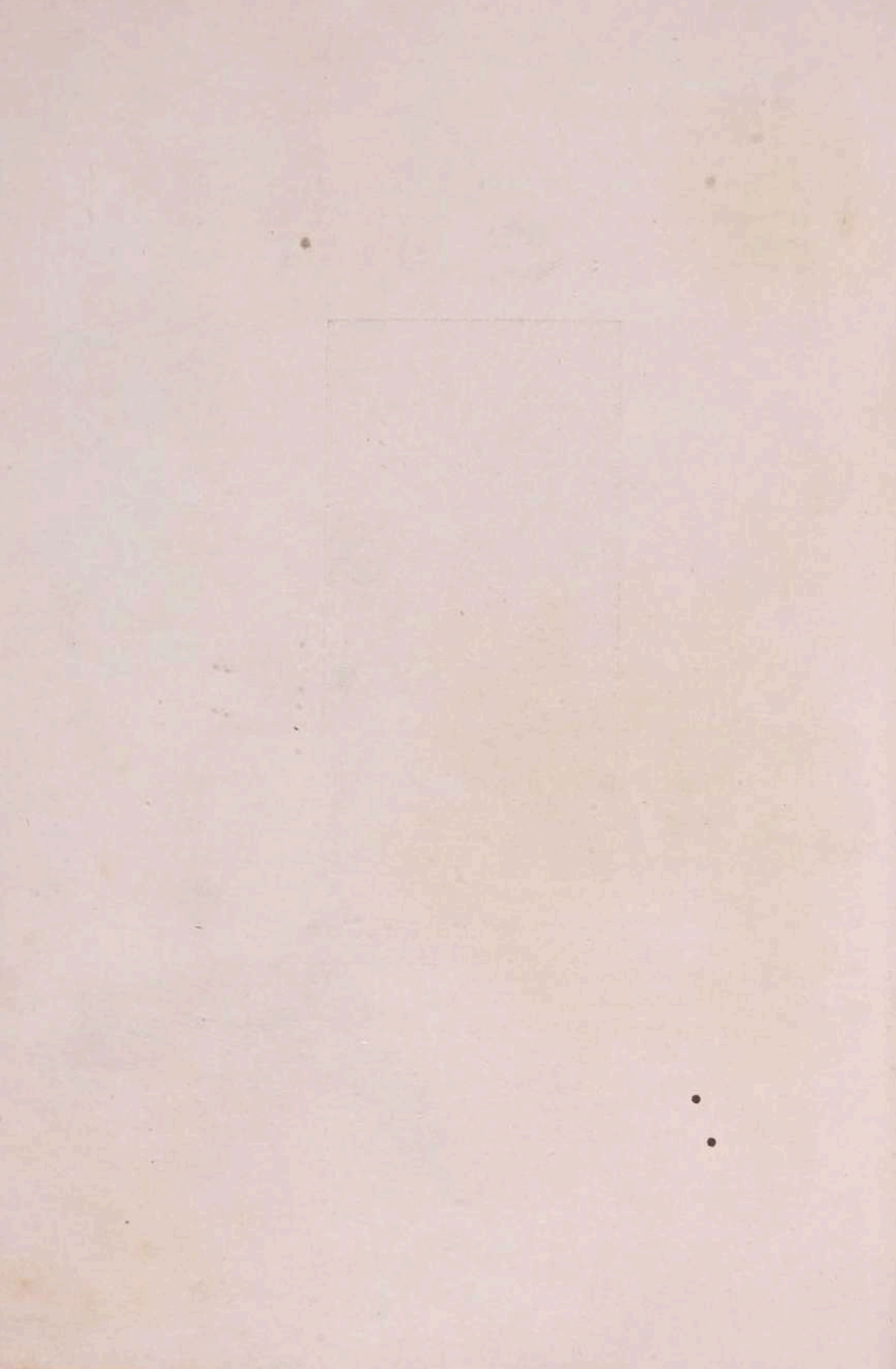
Teve em seguida a palavra o orador official, dr. Oliveira Lima, presidente da comissão executiva das festas do centenário. Leu a seguinte peça, que o *Diário de Pernambuco* considerou "brilhante e solida, sem duvida a mais bella que já se tenha produzido sobre a revolução pernambucana:

DISCURSO OFFICIAL — *Exmo. Sr. Governador do Estado, Minhas Senhoras, Senhores:*

Celebrando festivamente o primeiro centenário da revolução de 1817, o Estado de Pernambuco e os Estados visinhos, em direcção ao norte, por onde ella se propagou, a saber, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, perdendo de intensidade á medida que se afastava do seu centro de propulsão, prestam adequada e merecida



Dr. M. de Oliveira Lima
presidente da comissão executiva das festas



justiça aos que luctaram, soffreram e morreram pelo seu ideal politico, que foi um ideal de liberdade. Nem se pode acoirar de tardia essa justiça; os martyres de 1817 foram venerados desde o primeiro dia e os seus vultos crescendo sempre na tradição popular. O recuo de um seculo não é demasiado para dar a essas figuras as devidas proporções historicas, que entretanto as não privam do relevo adquirido.

O Estado de Pernambuco nomeadamente recorda e commemora por esta forma solemne a sua iniciativa pratica no movimento da Independencia Brasileira, cuja data auspiciosa o Brasil inteiro se dispõe a saudar dentro em pouco. Tal iniciativa assentava aliás perfeitamente a gente que no seculo XVII defendera com singular desassombro a soberania portugueza n'este hemispherio e lograra conservar intacta a integridade da nação que se estava formando atravez de variadas peripecias, todas se cifrando na conquista, mediante a penetração pelos exploradores dos sertões, da immensidade territorial á qual já cabia o nome de Imperio antes que a esta denominação se recorresse para mostrar que o nosso paiz não constituia mais um reino pelo puro direito dynastico, mas uma nacionalidade regida por um governo de aclamação popular na forma monarchica e hereditaria.

Estaria a capitania que os democratas de 1817 pretenderam subtrahir á autoridade real e ao dominio lusitano, em condições de constituir um Estado independente e uma commuidade republicana?

A pergunta impõe-se; impunha-se desde logo, mas entretanto só agora parece possível responder a ella ou pelo menos esboçar uma opinião a respeito.

O padre João Ribeiro, a mais notavel e a mais tocante das personagens da revolução, teve a prompta intuição de que era pouco viavel a organização autonoma de tantas pequenas republicas. Ellas deviam formar constellação, ligar-se por laços politicos indissoluveis e consagrar essa união erigindo uma capital geographicamente central.

O historiador da revolução, o monsenhor Muniz Tavares, cujo trabalho o Instituto Archeologico acaba de mui opportunamente reeditar, duvida mesmo, apesar dos seus sentimentos acendradamente democraticos, que a experiencia fosse feliz, julgando-a antes temporã. Elle não só chama a attenção, com agudo senso sociologico, para o perigo de transplantarem-se instituições estrangeiras sem levar em conta o espirito local que poderá achar-se ou não em situação capaz de perfilhal-as, e rende homenagem insuspeita á bondade do monarcha que viera erguer seu throno sob o ceu dos tropicos, como declara concordar com o martyr José Luiz de Mendonça em que a mudança instantanea da escravidão á liberdade representa um salto mortal. Seria aliás possível conceber uma democracia associada á instituição servil?

A democracia americana tentou semelhante consorcio, por uma manifesta contradicção, em virtude da qual o Sul conservava toda a gente de cõr na escravidão ou no aviltamento, quando a Declaração da Independencia, bebida por Thomas Jefferson na philosophia franceza do seculo XVIII, proclamara que todos os homens tinham sido creados iguaes.

Um historiador americano escreve porem que os seus patricios d'aquelle tempo nem eram todos iguaes, nem o queriam ser. Os nossos revolucionarios quereiam bem sel-o, mas não ousavam, medindo suas responsabilidades do momento. Elles acreditavam que o governo cabia aos capazes antes do que aos ricos e á gente bem nascida, e no intimo de suas almas tanta repugnancia havia á propriedade do ser humano que o consul de S. M. Britannica escrevia officialmente, a 12 de Março, que estava assente a abolição do trafico negreiro (*it is given that the slave trade is to be abolished.*)

O conceito expresso por José Luiz de Mendonça sobre o perigo de uma brusca transição politica podia tão pouco ser refutado pelos argumentos da razão que Domingos José Martins quiz, para combatel-o, recorrer á

violencia, recurso de que de ordinario lançam mão precisamente os que não teem razão.

Em todo movimento politico se desenham estas duas correntes — a dos moderados e a dos exaltados; em toda revolução se contrapõem os audazes aos timoratos. José Luiz de Mendonça era d'estes; Domingos José Martins pertencia ao numero d'aquelles, que são habitualmente os que levam a melhor. Os jacobinos da Revolução Franceza destruíram os girondinos — Lamartine narrou esta pathetica historia em termos que fizeram o deleite das nossas leituras juvenis —; os convencionaes sobrepuzeram-se aos constitucionaes pelo processo radical da eliminação, até que tiveram de dobrar a cerviz sob a ferrea mão de um general que era ao mesmo tempo um estadista e restituiu á França deliquescente a reorganização vigorosa de que ella carecia.

Entre nós a violencia não chegou na pratica a substituir a brandura: não tivemos um systema de terror. Eram revolucionarios um tanto originaes esses, que conservaram nos seus postos os funcionarios publicos do regimen colonial; que não se deram ao luxo de fuzilar, nem enforcar adversario algum; que respeitaram escrupulosamente os cofres do Estado, deixando-os intactos aos inimigos, tendo os membros do governo começado por declarar que abriam mão de todo vencimento. Não ha duvida que tal governo provisorio peccava pela excentricidade!

A insurreição de 6 de Março, que tem sido tratada de imprevista mas que na verdade o não foi, pois que a antecedeu longo preparo no seio de sociedades secretas, v u-se levada de vencida e apagada sua modalidade republicana, não tanto porque faltasse ao povo — como de facto faltava — educação para comprehendela e defendel-a conscientemente, como porque provaram ser fracos os recursos proprios com que se afoitaram seus dirigentes e provou ser grande o desamparo que se lhes deparou de fóra. Faltaram-lhe os que, dentro mesmo do paiz, se achavam compromettidos n'uma solidariedade que se esfarelou quando se mallogrou o levante

concertado, e faltaram-lhe os que no estrangeiro, melhor dito, no resto da America, andavam pelejando por identicos anhelos ou já os tinham realizado.

Si não havia ainda no Brasil um sentimento nacional, que só annos depois aprenderia a formar-se, não admira que não existisse a garantil-o um sentimento continental. Pouco importa entretanto para a celebração do grande acontecimento historico —o maior no seu genero dos fastos brasileiros —a circumstancia da republica não haver então vingado, ou mesmo que não estivesse em grão de vingar. O gesto foi bello, e já houve quem dissesse que o gesto é tudo. Nem careceria n'este caso que assim fosse.

O movimento de 1817 continha mais do que um gesto: tinha em si a essencia dos movimentos regeneradores. Paixões decerto as encerrava, visto que a paixão e o interesse são inseparaveis das creações humanas, mas purifica-o d'estas faltas a rajada de idealismo que o sacudiu. Elementos antagonicos chocaram-se n'essa occasião: as forças conservadoras e as forças liberaes pugnaram entre si e naturalmente accusaram-se de sombrios intentos.

Na verdade, nem as listas de proscriptos que o capitão general encheu ao tocar o seu auge a conspiração a que elle fechára os olhos por longanimidade e de calculo, eram vastas como o quizeram fazer crer as proclamações dos rebeldes, nem estes, ao pegarem em armas, se mostraram movidos pelo odio que se não sacia com pouco sangue, e apenas pelo vivissimo desejo de converterem n'uma realidade o seu sonho de governo autonomo e responsavel exercido em nome da soberania popular.

A mudança que quasi podemos capitular de evolutiva, da capitania dependente para Estado independente custou muito menos vidas e sobretudo muito menos barbaridades do que motins promovidos pelo tempo adeante sem um ideal que os justificasse, sem um programma tão comprehensivo, tão levantado, tão constructivo, tão proprio de homens á altura da direcção de um Estado, como esse que consta da Lei Organica ou conjuncto de

disposições constitucionaes, offerecido ao exame e discussão das camaras municipaes.

E' difficil saber exactamente quantas victimas causou o 6 de Março. Nunca se chega a apurar essas cousas. O calculo orca entre 16 e meio centô. A legação ingleza podia mandar dizer para Londres com justica, conforme consta da sua correspondencia, que a revolução procedera com a maior moderação e compostura, poderia até ter accrescentado com a maior honestidade e clemencia. Este será aliás seu titulo maximo e perenne de gloria.

Devemos á equidade ajuntar que tambouco existia deliberada e cruel tyrannia, por mais deshumana que possa depois ter sido a repressão brutal e descaraveil. As faltas, os atrazos, os abusos, as prepotencias mesmo que se notavam eram o fructo da autoridade exercida sem o contrapeso ou antes o freio da sancção popular. Escusado é portanto procurar odios irreconciliaveis que não lavravam, porque não ousou qualificar de taes, antipathias por mais alvoroçadas que chegassem a ser, entre gente da terra e gente de fóra, entre o elemento nacional, que se apresentava a reivindicar seus direitos de maioridade, e o elemento europeu, quer dizer portuguez, que pretendia conservar o outro n'uma dependencia que este julgava prejudicial, sob uma tutela considerada humilhante.

A revolução de 1817 foi, bem examinada, muito mais do que um movimento local: foi um movimento nacional. Geographicamente circumscripta, amplia-se sociologicamente. Nacional era o seu pessoal: promoveram-na e ampararam-na os factores da intelligencia, da actividade e da riqueza, do reino brasileiro —padres, officiaes e agricultores. Combateram-na e venceram-na factores tambem da riqueza, de actividade e de intelligencia —commerciantes, generaes e magistrados — mas todos estes impregnados de um espirito que já era estranho ao corpo que pretendia animar, um espirito de exclusivismo, de predomínio e consequentemente de compressão.

As crueldades da reacção, que por longo tempo eivaram de resentimento o coração pernambucano, foram a manifestação do desespero da causa para sempre batida, de cujo fim se suspeitava e que por isso mesmo se apegava á ultima taboa de salvação, que é sempre a do exterminio. Os homens são assim feitos que se persuadem que levam a melhor quando calçam o adversario aos pés; pelo contrario, muito mais proveito derivariam de congraciar-se com elle, de juntos cooperarem para a felicidade humana.

Si a revolução tivesse vingado e houvesse estabelecido um governo permanente, os interesses conservadores ter-se-iam deslocado e passado a celebrar novos accordos: assim os agricultores eram pela manutenção da escravidão, que aos idealistas logicamente repugnava. O padre João Ribero, como José Bonifacio, achava iniqua e immoral a instituição servil; mas a crença geral era que a exploração do solo dependia absolutamente do trabalho escravo, e que a abolição seria a ruina economica do Brasil. A revolução contemporizou; nem espanta que assim houvesse procedido, porquanto agir diversamente seria cavar desde logo sua ruina.

Quanto deveria isto ter custado ao padre João Ribeiro, não teve elle desgraçadamente tempo de nolo deixar dito; mas podemos imaginá-lo com precisão porque no seu cerebro se aninhara, abrija as azas e voeiava uma só idéa — a idéa do progresso humano indefinido, com que sonhara Condoreet. Illuminado, chamou ao nosso patricio o observador francez a quem devemos, por um feliz acaso, que o fez estacionar entre nós no anno de 1817, a chronica vivida do movimento que estamos recordando. Vidente, elle na verdade o foi e o futuro apenas poderá dizer quanto havia de previsão e acerto nos seus devaneios philosophicos, em que a grandeza da patria se combinava com o bem estar individual dos que a compõem.

A igualdade estava bastante nos habitos, mas não estava ainda nos espiritos, ou por outra a igualdade apparecia como o resultado natural da fusão das raças, a

que o colonizador portuguez se entregára com tanto amor quanta repugnancia ou hypocrisia n'isso punha o colonizador saxão. Que igualdade mais completa do que a de formar descendencia de todas as cores! Completal-a nos codigos; tornal-a civil e politicamente perfeita, seria apenas o seguimento de uma tarefa muito bem iniciada.

A republica de 1817 foi coherente nos seus methodos instituindo o *vós*; não se atreveu porem a ir até o *tu* da Revolução Franceza. As formulas cerimoniaes da linguagem portugueza repelliram transição tão brusca, e as excellencias e senhorias voltaram a prosperar sob este ceu ameno, tão favoravel á sua pujança.

O genio do nosso idioma ficou sem esse desvio e os classicos podem decididamente dormir em paz, que a republica de 1889 fez todos cidadãos sem os obrigar a intimidades de tratamento.

Havia de resto um que de convencional, de artificial n'essas adaptações de formulas estrangeiras que tão mal condiziam com as tradições nacionaes: de formulas e tambem de instituições. E' verdade que si se fosse a respeitar religiosamente as tradições, nunca se alteraria cousa alguma, e a condição do progresso não é por certo a immobildade. Os homens de 1817 só não queriam caminhar com demasiada precipitação. Nutriam-se elles pela maior parte de theorias, mas queriam conceder algum tempo á sua applicação, á sua transformação pratica. Por isso sua obra de algumas semanas pouco ponde ultrapassar a phase negativa: o que houve de positivo quasi que não passou da preoccupação primordial da defesa. A organização constitucional mal podia verificar-se em plena agitação militar, a qual teria por termo a inocua dictadura de Domingos Theotonio, apoz dissolver-se a pentarchia em que Domingos José Martins foi o espirito de acção, a mola real, o padre João Ribeiro o fânal projectando sua concepção democratica sobre a marcha a seguir, e Correia de Araujo o elemento resignado, antes passivo, que em todas as revoluções for-

ma a massa fluctuante, prompta sempre a saudar a reacção.

Houve comtudo um esboço de organização politica, baseada na liberdade de cada cidadão; pode assim dizer-se que houve um ensaio de democracia, a qual pressuppõe tal liberdade. E esta doutrinariamente chegou a estender-se ao negro: não se limitou ao branco. Uma das proclamações do governo provisório ousava affirmar que a suspeita de abolicionismo era uma suspeita que honrava esse governo, o qual não queria enganar pessoa alguma e não trepidava em descobrir que o coração se lhe sangrava ao ver tão longinqua uma epocha tão interessante. Não a queria porem prepostera —estou repetindo suas palavras—, e por mais horror que lhe inspirasse o canero da escravidão —uma locução que o abolicionismo retomou dezenas de annos depois—, como o seu senso politico lhe aconselhava prudencia e habilidade, a junta patriótica de 1817 traçou ao Brasil futuro o programma da emancipação “lenta, regular e legal.”

Foi assim que o Brasil imperial a comprehendeu e a praticou, dando ao mundo um exemplo de tino administrativo. A republica de 1817 foi entretanto quem indicou o caminho, e no dizer do seu chronista Muniz Tavares, bastaria esse seu acto para fazer-lhe perdoar seus erros. Quantos são realmente os governos que como esse, na expressão do referido historiador, “não se valeu de subterfugios no annuncio da verdade”?

Conspirava aliás contra a liberdade dos brancos o status politico existente, já porque o orientava a idéa então commum de autoeracia, já porque uma fracção da commuidade se considerava privilegiada com relação á outra e era a que, oriunda do Velho Mundo, sujeitara o Mundo Novo e d’este fizera campo de exploração, julgando-se com mais direitos, com titulos aos proventos e ás posições, superiores aos dos que tinham visto a luz n’esse meio assenhoreado.

A rivalidade entre filhos da metropole e filhos da colonia, que é o remate usual d’esses prolongamentos de nacionalidade, tornava em vezes mais pesadas as con-

tribuições a satisfazer e leva os motivos economicos a figurarem entre as causas da revolução. Não foram contudo os decisivos porque só os motivos moraes são capazes de fornecer pasto ao sacrificio. A fome pode ser conselheira de levante, mas não é inspiradora de martyrio. O despota venezuelano Castro, com quem tive o prazer de tratar, opinava até que convinha manter o povo indigente, porque os esfomeados não possuem fibra para revoltar-se, ou pelo menos para sustentar uma revolução.

Nós estamos acostumados a pensar litterariamente de modo diverso, que o desespero da fome não conhece obstaculo, mas ha que tomar em consideração opiniões de um especialista e acatar-lhe a theoria.

Si não foram as causas economicas as predominantes, foram-no então as moraes, e de facto o ensaio geral de autonomia que o paiz estava tendo dera-lhe, juntamente com a tendencia geral das idéas politicas e com o exemplo dos Estados Unidos, a consciencia da sua independencia. O governo de Dom João VI apparelhara o Brasil para a vida publica na modalidade nacional: a republica completaria condignamente essa obra —assim pensavam os que conspiravam e tramavam a libertação. O progresso humano é feito de forma que todos cooperam para elle, voluntaria ou instinctivamente, e até contra a vontade.

Este resultado é seguro: a terminologia politica pouco faz ao caso, comtanto que o governo seja representativo no nome. As eleições sem base popular, si tivessem sido introduzidas em 1817 —o que era fatal, si a revolução houvesse vingado —seriam as mesmas que foram posteriormente, com o intervallo da experiencia honesta da eleição directa, e que continuam pela maior parte a ser, indifferentes ao regimen, seja este monarchico ou republicano.

A revolução de 1817 foi a obra de uma minoria de certo: todos os movimentos d'essa natureza o são. Mas na minoria em questão figuravam em largas proporções o elemento especulativo e o elemento activo. A

revolução que celebramos não se pode talvez dizer que fôsse levada a cabo pelo clero e pelo exercito; foi porém uma revolução de padres e de officiaes seduzidos por uma miragem.

E' sempre possivel encontrar em todo levantamento motivos de interesse pessoal, a serem contados entre as razões do estomago; mas as razões do cerebro ou porventura do coração foram sem duvida ahi mais poderosas e mais efficazes. Questões de patentes e de dizimos poderiam contribuir, mas nunca seriam bastantes para levar tantas pessoas a jogarem suas vidas. Seu influxo foi deveras diminuto, e o contagio que se estabeleceu foi o contagio da liberdade, que é o que torna este movimento altamente suggestivo e o fará sempre lembrar com desvanecimento pela terra que lhe serviu de theatro.

Os que o dirigiram, comprehendiam e mediam todo o seu alcance, apesar de em parte obedecerem a instinctos menos generosos taes como os produzidos pelo resentimento. Na verdade mais o impellia a feição idéal do que a feição positiva. Aquelles dirigentes eram sem excepção sonhadores de uma democracia sem jaça: militares, civis e religiosos, algumas dezenas de padres e frades de vida pouco canonica, esquecidos do celibato, afeitos aos conchegos de familia, dividindo entre Maria e a patria o seu ardor espiritual. O encarregado de negocios da França, que era um reaccionario bourbonico, trata n'um dos seus officios o padre Roma de *scelerado*, por ter filhos: a expressão é forte e não a merecem absolutamente sacerdotes que não esqueciam em todo caso os preceitos evangelicos e praticavam a caridade, dando o exemplo da sobriedade, da cordura e da abnegação.

Não é mister ser mui velho para se ter conhecido exemplares d'essa raça de clerigos politicos cuja fama se estendera mesmo alem mar, pois que a proposito de um d'elles, letrado de reputação, me perguntou um dia, assustado, o grande folhetinista portuguez Julio Cesar Machado, si realmente o padre fôra, como lhe ti-

nham contado, bandido. Respondi-lhe que não, a menos que lhe pudesse valer tal designação sua participação activa em luctas politicas, no decorrer de uma das quaes corria o rumor que o alludido sacerdote fôra visto abandonando a galope de cavallo uma villa saqueada e carregando na garupa uma moça que raptara. Julio Cesar Machado concordou commigo que furtar moça não constituia requisito bastante para ser bandido.

A revolução de 1817 mostrou duas cousas ainda: a vaidade, que pelo tempo adiante se tornaria quasi morbida, dos inexgotaveis recursos brasileiros, para utilizar os quaes é entretanto preciso muito esforço e muito trabalho — os chefes do movimento proclamavam, como os do Risorgimento italiano, que o Brasil *farda-se* — e certo espirito de organização civil que não teve infelizmente tempo para accentuar-se, mas que aflorou de dentro da insurreição militar com a representação das classes na junta, de um modo promettedor para o futuro da administração autonoma que, sob a Regencia e o Imperio, afastou a preponderancia que o 7 de Abril — não tanto o 7 de Setembro — tinha dado ao elemento militar no governo.

Caracterisou além d'isso o movimento um esculpulo, perfumou-o uma honestidade que nem sempre depois distinguio a gestão dos negocios publicos. Os membros do governo provisorio logo de começo declararam, conforme vimos, que não receberiam vencimentos: bastava-lhes a consciencia do dever civico, cumprido por isso mesmo com tanto maior ufania. A democracia não era para elles uma palavra vã—mesmo porque democracia não quer dizer o governo da plebe (este é demagogia) e sim o governo para o povo e pelo povo, a saber, dos que o representam e o guiam.

Juntamente com essa prohibidade, os homens de 1817 foram notaveis pela tolerancia, tambem nem sempre posteriormente praticada. Elles proprios foram as victimas interessantes e lastimaveis de crudelissima repressão. Mal mereciam todavia alguns d'elles que neste antigo campo do Erario, depois Campo da Honra e hoje Praça

da Republica —onde se ergue o theatro em que nos reunimos para festejar-lhes a obra immorredoura evocando suas figuras patheticas —seus corpos se tivessem balouçado na forca antes de serem mutilados e arrastados a cauda de cavallo para a valla dos supplicados ou para a escuridão das catacumbas.

O Brasil não conta caracteres mais elevados nem espiritos mais attrahentes: a humanidade não conta martyres mais dignos de piedade e de veneração. Seu sangue generoso cimentou nossas tradições, ás quaes a lucta contra os hollandezes outorgára fóros de reivindicação patriótica, e deu-lhes uma consistencia e uma vibração que não mais se poderão extinguir.

A reacção immediata foi assignalada por uma dureza, uma selvageria, um delirio de punição, que não mereceriam indulgencia, si o tempo se não encarregasse de abrandar todos os sentimentos e ainda mais os de odio que os de admiração. Quem hoje verbera as ambições de Cesar quanto as de Napoleão? Quem hoje abomina as crueldades de Nero quanto as de Luiz do Rego com quem os patriotas costumavam comparal-o? Nero poderia vir passear entre nós que apenas causaria sensação pelo seu monoculo de esmeralda, ao passo que Luiz do Rego não andaria muito seguro de não encontrar um novo João Souto Mayor.

A indulgencia ha de porem vir para os algozes de 1817, dessa revolução quasi unica na história que, no dizer do mais philosopho dos nossos historiadores da actualidade, o sr. João Ribeiro, não concedeu lugar conspicio a nenhum desacreditado, não tendo contado um só dirigente que mentisse ás suas convicções por baixo interesse ou que infamasse o seu nome por sordida conveniencia —revolução em que as ambições foram quasi nenhuma e o amor da patria foi quasi tudo.

Responsabilizar-se-á então a epocha e suas ruins paixões para desculpar um tanto aquelles que num dado momento encarnaram as peores dentre estas. Si seus crimes não sahirem justificados da prova, ficarão pelo menos attenuados. O que ha de entretanto ir sempre

crecendo é a nossa veneração pelos martyres de ha um seculo, o culto d'esses apostolos do amor da patria, cuja memoria viverá para sempre em Pernambuco e em todo o Brasil pela elevação moral de que elles deram mostra na adversidade. Suas phrases lapidares na occasião do supplicio —sejam taes phrases rigorosamente authenticas ou tivessem sido sujeitas a um arranjo posthumo que lhes não altera a substancia —constituirão versiculos de um evangelho de liberdade e de paz —evangelho ensopado no seu sangue, sangue derramado, não n'uma lucta ingloria por primazias do poder, mas n'uma lucta fecunda pelo triumpho da dignidade humana, por tudo quanto ennobrece o cidadão e o torna apto para a vida n'uma democracia.

Familia e terra natal eram as duas grandes preoccupações d'aquelles espiritos de poucos refolhos e muita sinceridade. O mais calculista d'elles, Domingos José Martins, horas antes de marchar para a execução, compunha no carcere estes versos que dão toda a psychologia da geração heroica de 1817:

—Meus ternos pensamentos, que sagrados
Me fostes quasi a par da liberdade.
Em vós não tem poder a iniquidade:
A' esposa voai, narraí meus fados!

Dizei-lhe que nos transes apertados,
Ao passar d'esta vida á eternidade,
Ella n'alma reinava na metade.
E com a Patria partia-lhe os cuidados.

A Patria foi o meu numen primeiro,
A esposa depois o mais querido
Objecto de desvelo verdadeiro:

E na morte, entre ambas repartido,
Será de uma o suspiro derradeiro
Será de outra o ultimo gemido.”

Seguiu-se uma symphonia da opera *Schiavo*, de Carlos Gomes.

Teve depois a palavra o arcebispo de Olinda, d. Sebastião Leme. S. exc. pronunciou vibrante e eloquente discurso. "Durante sua oração que entusiasmou a assistencia e ao terminar, — escreve o *Diario de Pernambuco* — foi o representante do clero pernambucano calorosa e demoradamente applaudido. O magistral discurso de s. exc. revdma. deixou no espirito dos assistentes a melhor impressão."

DISCURSO DO ARCEBISPO — Citando Bluntschli, o celebre mestre de Direito Internacional, que no seu livro *La Politique* bem distinguiu das revoluções artificiaes e sediciosas os movimentos patrioticos pela independencia e liberdades dos povos, o orador diz que ninguem poderá extranhar a sua presenca na tribuna, a commemorar o centenario de uma revolução.

Antes que uma revolução, o episodio de 1817 foi um movimento patriotico pela independencia e liberdade do Brasil.

Representante das crencas religiosas do povo brasileiro, um bispo catholico sente-se bem nesta solemnidade patriotica.

Poderia mostrar o papel da Igreja e do clero na historia da civilisação brasileira.

Anchieta, Nobrega, Feijó não são nomes desconhecidos. Os sentimentos religiosos de Tiradentes, bem como dos heroes de 1817, não precisam de demonstração.

O patriotismo do clero Brasileiro e do clero Pernambucano, por si só, daria assumpto a um poema encantador.

A historia do padre brasileiro é uma chronica de glorias.

Tudo isso poderia dizer... não o fará, porem.

Bem educado nos sentimentos civicos o clero brasileiro sabe tomar parte em festas patrioticas. Sem preoccupações de outra ordem que não o amor da patria.

O amor da patria não será motivo bastante para que se inflamme um coração brasileiro?

Representante do clero actual de Pernambuco, o orador vem dizer que elle, mercê de Deus, superior em espirito de virtude e disciplina ecclesiastica, não é inferior em patriotismo ao clero de outras éras.

O clero actual de Pernambuco ama entranhadamente a sua terra. Procura honral-a com a pureza de seus costumes, procura benefical-a com a prégação da palavra e do exemplo. O clero de Pernambuco ama a sua terra.

Para defendel-a tem a palavra, a penna e o estudo das sciencias, e das letras.

E si lhe faltar tudo isto, uma cousa não lhe falta: —para defender a honra da patria, nós temos o sangue das nossas veias. Não seremos os primeiros padres que sabem morrer pela patria!

Meus senhores, exclama o orador, esta foi a lição que nos deixaram os heroes e os padres de 1817.

Morreram pela patria.

Que lição magnífica!

Aproveitemol-a, que não é fora de proposito.

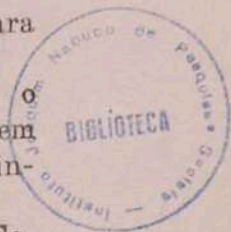
Inda ha pouco, o intellectualismo europeu estava contaminado de idéas antipatrioticas.

Debaixo desse patriotismo febril que sacode o velho organismo das nações conflagradas, debaixo dessa bravura inaudita que, lado a lado, vai polvilhando de heroismos o caminho ensanguentado da guerra, debaixo desse heroismo inaudito... latejava, inda faz pouco, o veneno pernicioso.

Aqui, um Goéthe a prégar que a patria do homem está em toda parte.

Alli um Jules Simon, um Ives Guiot, um Anatole France a festejarem o proximo advento de uma republica mundial, sem fronteiras e sem exercitos.

Mais adeante, um Tolstoi a dizer que ninguem tem o direito de falar ao cidadão que tome as armas e marche para a guerra.



Um Karl Marx, a bradar que o operario não tem patria. —Um Spencer a blasphemar que a missão do soldado que defende a patria não tem razão de ser em uma epoca, como a nossa, de commercio e industria.

E—loucura sem nome!—um Gustavo Hervé, que, em pleno Paris, vocifera que o pendão tricolor deve fluctuar sobre um montão de lixo. Ao appello ás armas, dizia elle, responderemos com a grève dos reservistas. Felizmente que, manda a lealdade o confesse, felizmente que na guerra actual o heroico povo francez desmentiu bem alto o louco arengar do demagogo. E elle proprio, no momento solemne, não teve coragem de cumprir a negra palavra.

Senhores, prosegue o orador, o pacifismo que se confunde com o antimilitarismo absoluto é um sonho.

Para desarmar as nações, seria preciso um desarmamento impossivel —o desarmamento das ambições.

O antimilitarismo que se confunde com o internacionalismo, é um crime.

Ai! ai do paiz em que essas idéas se infiltrarem na mocidade!

As classes armadas são necessarias para defender o territorio da patria, a sua integridade, a sua liberdade.

Não! Não permittamos que se desprestigiem o exercito e a armada.

Elles são as paginas de ouro em que a historia escreve a epopéa da patria!

São escolas de disciplina, de sacrificio, de heroismo.

Eu, exclama o orador, não sei divorciar do amor da patria o amor do soldado que a defende.

Amo, amo o soldado como a um pedaço da nossa bandeira que elle cobriu de glorias. (Palmas).

Não acrediteis nesses que combatem as classes armadas em nome de uma patria universal.

Não, o ideal da patria não pode ser assim desfeito. Certo, que na civilisação christã o pensamento e o co-

ração humano não podem ficar chumbados ás fronteiras de uma nação.

Mas, é dentro da patria que vivem aquelles que conosco professam as mesmas crenças, falam a mesma lingua, choram as mesmas dores, palpitam das mesmas alegrias, ufanam-se das mesmas glorias, cultivam as mesmas tradições, sorriem das mesmas esperanças de um porvir glorioso.

O amor da patria é, pois, uma lei da natureza. Renegado o que della foge!

Renegado aquelle que foge ao amor da Patria!

Renegado o que foge á honra de morrer pela patria!

Como é opportuno lembrar-se a gente dessas verdades, neste momento historico para o Brasil.

Nós atravessamos uma crise moral pavorosa.

Dir-se-ia que o organismo do Brasil politico está affectado de *surmenage*.

O seu estado de depauperamento começa a inspirar cuidados!

Já fazem 5 annos que um estrangeiro illustre, que nos visitou, escreveu estas palavras de braza para o nosso patriotismo:

"O Brasil! Não sei si esse povo será digno da missão que a natureza prodiga lhe confiou."

Foi *Bryce*, o publicista inglez, quem o disse.

Ainda sinto queimar-me a alma, como naquelle momento em que lia essas palavras nas columnas do *Journal do Commercio*.

Pobre do meu Brasil!...

Não. Não sou um descrente dos destinos gloriosos da nossa patria amada.

Não. O Brasil é um paiz novo. Está no horizonte matinal da vida.

Elle sobe ainda, sobe para o Zenith da gloria.

As nuvens, que lhe toldam o céo, são nuvens de uma manhã branca, nuvens serenas, franjadas de prata.

nuvens passageiras que logo passam, deixando-nos imersos no azul magnifico de um céo que alvorece.

Não. Não encaro com sustos o porvir da patria brasileira. Atravessamos horrorosa crise, não ha duvida, mas para debellal-a com garbo, pelo paiz inteiro, surgem apóstolos de uma cruzada nova.

Na capital, a Liga de Defeza Nacional.

Nos Estados, as Linhas de Tiro, os Escoteiros, os Batalhões Infantis.

Por toda parte se arregimentam as forças novas da nação.

Ah! Desfilae, soldados de mar e terra! Desfilae, voluntarios da patria!

Moços das Linhas de Tiro, rapazes dos batalhões de escoteiros, meninos dos batalhões collegiaes, predilectos da gloria, voluntarios da patria, desfilae, desfilae brilhantes.

A' vossa guarda confiou o Brasil a gloria do pendão auriverde. Em vossas mãos elle fluctua contente.

Desfilae! Rulfem os tambores, resõem os clarins.

Como vêdes, prosegue o orador, sou todo applausos para o grande movimento militar que no Brasil se opera.

Mas, dizei-me, por Deus e pela patria, dizei-me: não é verdade que muito mais do que de braços para o defender, o Brasil precisa de cabeças bem orientadas para o dirigir? (applausos).

São necessarios os heroes, sim; os heroes, os fortes, os valentes são necessarios.

Mas, na hora precisa, elles surgirão do exercito e da armada, surgirão do seio de todas as classes, surgirão de todas as camadas da sociedade e do povo, desde os descendentes nobres dos Albuquerque até os representantes humildes da raça hereulea de Henrique Dias.

O Brasil é terra de heroes. Elles nunca faltarão. Mas, os homens publicos bem orientados, os administradores honestos, os estadistas probos, os homens de juizo... ah! esses são poucos e raros.

E são esses os unicos que podem salvar o Brasil.

Eis ahi, senhores, conclue o orador, eis ahi o que o Brasil espera do patriotismo de seus filhos.

Preparemos o heroismo para os tempos de guerra.

Por agora, sejamos homens de bem, sejamos homens de juizo.

Quanto á guerra... oh! afaste Deus essa hora tremenda. Mas, si ella soar em nossas plagas, de norte a sul, saberemos cumprir o nosso dever.

E não haverá um só brasileiro que se furte á honra de morrer pelo Brasil.

E' a lição que devemos aprender dos heroes de 1817.

Saudemol-os. E o orador entôa um hymno á bandeira de 1817, bandeira, então, manchada de sangue, bandeira hoje banhada de glorias.

Sobre ella, ufano e prospêro, o Brasil inteiro vem semear estrophes de gratidão.

Foi o pendão da liberdade, o pendão da independencia.

Saudemol-o! Saudemos na bandeira de Pernambuco o arco-iris symbolico, pharol da paz que ha de guiar o nosso Estado no caminho do progresso.

Saudemos na bandeira de Pernambuco o sol que fecunda os seus campos ferteis, o sol que rebrilha sorrindo em suas praias brancas, o sol que esmalta o leque verde de suas palmeiras formosas. Saudemos na bandeira de Pernambuco o sol que inflammou o peito de Henrique Dias e Felipe Camarão, escaldando-lhes o sangue em ebullições de um heroismo gigante e epico. Saudemos na bandeira de Pernambuco a cruz, a cruz que baptisou as nossas terras com seu nome augusto, a cruz do missionario que nos civilisou, a cruz de Anchieta, a cruz de Nobrega, a cruz que branqueja em nossas estradas, a cruz que a natureza constellou em nosso céu, a cruz que os heroes engastaram no pendão da Republica.

Saudemos a cruz que irradia na bandeira de Per-

nambuco. Como outr'ora para as hostes de Constantino, ella será para este Estado o signal da victoria nas pelejas santas pela liberdade, pela civilisação e o progresso do Leão do Norte, terra de heroes, sentinella do Brasil, atalaia do Oceano, alvorada da Republica, orgulho da patria — Pernambuco, salve! (applausos prolongados).”

Ao terminar, no meio de estrondosos applausos, foi s. exca. revdma. cumprimentado por todos os presentes.

A seguir, as alumnas da Escola Normal cantaram o hymno á bandeira, dirigidas pelo maestro Euclides Fonseca.

Obteve a palavra o representante do exercito, que leu o seguinte trabalho:

DISCURSO DO GENERAL JOAQUIM IGNÁCIO — “Excelentissimas senhoras, Meus Concidadãos. — Despertando do marasmo criminoso em que ha longos annos v'via, rasgando finalmente o espesso véo do censuravel indifferentismo que encobria os gloriosos feitos de nossos ancestraes, factores aureolados de nossa inegualavel e não menos inexcedivel historia republicana, Pernambuco, o jamais vencido Leão do Norte, a Jerusalem sagrada de nossa democracia, sentinella indormida de nossos arraiaes de independencia e de liberdade, Pernambuco, o baluarte do brio nacional, desperta, emfim, e cheio de abnegação, convicto do seu valor e medindo as suas responsabilidades na alimentação da nossa fé republicana, promove hoje a solemnissima sagração daquelles que, patriotas denodados, ha cem annos nestes mesmos logares, soltaram o brado da independencia, deixando aqui cahir a semente de nossas liberdades futuras, objectivando, ao mesmo tempo pela vez primeira na terra do Cruzeiro, o ideal republicano.

E' um tardio resgate de uma divida de honra, porém ninguem com convicção poderá negar que um tal resgate chegou, realmente, no momento mais opportuno,

quando mais necessarios se tornam os nossos protestos de inabalavel fé republicana.

Avoluma-se aos nossos olhos como a renovação de um baptismo; assemelha-se á repetição de um juramento pelo qual tomamos com os nossos antepassados, hoje evocados, o compromisso de jamais macularmos a obra gloriosa que nos legaram.

Effectivamente, meus senhores, si nos enche de justo orgulho e de não menos admiração a acção nobilissima dos heroes agora evocados, cujos manes na hora presente, devem pairar sobre nós si "lá no ethereo azul, onde subiram, memoria desta vida se consente" si feitos taes, praticados em proi da grandeza moral da Patria bem amada, nos enchem de admiração e encomios nos merecem, não menos digno e differentemente julgado deve ser este vosso gesto de hoje, commemorando festivamente feitos taes, provando publicamente que com esses feitos viveis identificados, o que é uma garantia para vossa acção social futura, toda ella votada ao engrandecimento de nosso Brasil á sombra benefica do regimen republicano que, como já o disse alguem, "é o futuro proximo ou longinquo, mas inevitavel das nações."

Presenciando solemnidades patrioticas como estas, em que homenageantes e homenageados se apresentam aos nossos olhos num mesmo halo deslumbrador e admiravel, nós outros, que já vamos descambando pela estrada da existencia, sentimos cada vez mais vivas as nossas crenças na grandeza futura de nossa Patria, pois não podem morrer as nacionalidades que vivem a relembrar os grandes feitos de seus filhos.

Tomando em consideração a fórmula constitutiva da junta provisoria, que presidio os destinos da Republica de 1817, onde se achavam representadas varias classes sociaes, e tomando em consideração o papel saliente das mesmas, quizeram os organisadores desta commemoração que essas classes viessem pelos seus representantes de hoje fazer a sua profissão de fé, perante o altar civico

que ergueis aos heroes do passado, depositando nelle as suas offerendas.

Ouvis agora a palavra do vosso soldado, do representante do vosso Exercito, da guarda da vossa honra e da honra e integridade da Patria, desse Exercito glorioso e nobre, que sempre vos acompanhou em vossas conquistas gloriosas, dando sempre o triumpho, a victoria, que conspirou comvoseo e de cujo seio sahio em 1789 o Tiradentes, em 1817 Domingos Theotonio, José de Barros Lima, Pedro Pedroso, José Mariano de Albuquerque e Manoel Teixeira e em 1889 Deodoro e Benjamin Constant e em 1893 Floriano!

Falo-vos em nome desse Exercito, que vos deu as datas mais gloriosas de vossa historia, conduzindo alta-neira e digna a bandeira da Patria pelos campos inhospitos pelo estrangeiro audaz habitados.

Folheai a vossa Historia, lêde os seus factos gloriosos, recordae essas acções passadas, que vos orgulham o presente e ahi encontrareis, como factor decisivo de vossas mais nobres conquistas civicas, a personalidade austera e leal, devotada e digna, desinteressada e sincera do vosso soldado.

Aphorismo ou paradoxo de soldado, talvez digaes, verdade historica vol-o affirmo.

Hoje commemoraes a Republica de 1817 e, fazendo-o, homenageaes esta classe, a quem incontestavelmente se deve o successo obtido.

Não vos lerei o que, de certo, como patriotas sabeis; não vos repetirei o que tendes de cór e mui bem conheceis; não vos desereverei o que foi esse movimento de 17; o tempo urge e não quero ser prolixo.

Abri a Historia Patria, vós que não a conheceis ainda, e ali encontrareis clara e precisa, dominadora e forte a acção do elemento militar na concepção do movimento glorioso e na sua execução.

Poupae-me, pois, este trabalho,

Meus senhores:

Dizem, e um tal dizer encontra infelizmente eco, que no movimento glorioso que hoje aqui evocamos, a acção dos militares foi pura e simplesmente secundaria e não predominante e, nesse sentenciar tão cheio de parcialidades alludem, ao afastamento do perigo do predomínio militar na revolução pela presença do paizano no governo provisório.

Esses historiadores que tal dizem, chamam, por má fé, já se vê, de *militarismo* a toda e qualquer acção efficaz dos militares e ao seu consequente destaque no meio social, em que cooperam.

Veem até o espantallo do militarismo na acção individual de qualquer membro da classe.

Negam a acção predominante do militarismo no movimento de 1817, como procuram negar esta mesma acção no movimento victorioso de 15 de Novembro de 1889!

Porém apesar de uma tal hostilidade, a verdade dos factos predomina, avulta aos olhos de todos, e os feitos de civismo de vosso soldado ahí estão objectivados na prosperidade, que fruis, na liberdade que gozaes.

Ao Exercito Nacional deveis, como já o disse alguem, a nossa emancipação politica no dia 7 de Setembro de 1822, a nacionalisação do poder publico no dia 7 de Abril de 1831, a nossa egualdade civil no dia 13 de Maio de 1888 e a sagração de nossa liberdade em 15 de Novembro de 1889.

Propalam os falsificadores da verdade historica que no movimento revolucionario de 1817 a idéa republicana surgiu por acaso, que os revolucionarios de então nella jamais pensaram e que si não fosse a reacção militar ao despotismo governamental, dando logar ao assassinato do brigadeiro Barboza, brutal e violento, jámais os elementos descontentes com a marcha dos publicos e negocios aventurar-se-hiam á mudança do regimen.

A historia nos prova que uma tal asserção é inveridica; o rigor dos governantes, as exaggeradas e injustas tributações, o cerceamento das publicas liberdades e a

parcialidade com que as leis tratavam os portuguezes e brazileiros, protegendo aquelles e deprimindo estes, despertaram nos nossos patricios os justos sentimentos de revolta, começando então o movimento conspirador em prol da independencia, em prol da Republica. E entre esses conspiradores avultava pelo numero e pelo ardor das convicções o elemento militar, o mais perseguido, pois seus chefes, portuguezes de nascimento, queriam dominar pela força, pelo despotismo, pela brutalidade.

D'ahi a acção repressiva e brutal, o procedimento grosseiro e incompativel com o brio e decoro da classe militar, que teve o brigadeiro Barboza, indo ao quartel insultar seus commandados, fazendo surgir nelles o justo sentimento da dignidade offendida, cujo desfecho foi o gesto do capitão Barros Lima, repellindo pelas armas a intimação, que tão brutalmente lhe era feita.

Esse movimento impulsivo do valoroso Barros Lima tem servido para que os nossos historiadores encarem sob um prisma falso o acontecimento glorioso, a primeira expansão de nosso nativismo revoltado.

Cheios de um sentimentalismo doentio desejam a evolução social sem as crises das revoluções, sem os pronunciamentos.

Esquecem-se como diz Esquiros, que a historia dá um continuo desmentido a esses espiritos timidos e inconsequentes que querem o progresso sem crise, o resultado politico social das revoluções sem as proprias revoluções. Não! nada se teria feito no mundo, prosegue o illustrado historiador, o espirito humano, o espirito nacional estaria ainda nas suas primeiras luctas contra a autoridade da Egreja ou do Estado, sem esses arrebatamentos da coragem e da consciencia, que destroem em tres dias o obstaculo de tres seculos."

Estando resolvida a proclamação da Republica, não poderiam os revolucionarios de então, como todos os revolucionarios de convicção, de todos os tempos, estacar diante de qualquer obstaculo.

A Historia nos diz, meus senhores, que o movi-

mento revolucionario de 1817 não foi o producto do acaso, não foi explosão de odios ha muito tempo soffreados, não foi uma questão de interesses individuaes contrariados, não foi a victoria da ambição.

Preparado ha muito tempo, elle aguardava simplesmente o momento opportuno para fazer explosão.

E esse desejado momento chegou com os successos do quartel das Cinco Pontas, quando o governo, appellando para a violencia, iniciara a perseguição, enclausurando nas enxovias os que lhe eram suspeitos.

Querendo suffocar o movimento nascente, o governo perseguia e nos estertores da agonia sentindo a approximação da avalanche revolucionaria, que em breve o esmagaria, ao em vez de amortecer o choque inevitavel, agindo com circumspecção e prudencia, ordenava as devassas antegosando o prazer do sangue a derramar.

“E’ justamente o que fazem os governos absolutos, diz o illustrado commentador da Historia de Pernambuco, nunca se mostram mais imprevidentes do que quando se collocam ás bordas do abysmo, nem mais cegos e violentos do que quando attingem as agonias do poder.”

Meus senhores:

Ao ler a historia gloriosa de vossos feitos nessa memoravel jornada de 1817 eu me lembrava, cheio de orgulho, desse outro glorioso acontecimento a que, por felicidade minha assisti e auxiliei e cujo resultado vedes objectivado nas gloriosas instituições, a cuja sombra vivemos felizes e felizes prosperamos.

Eu me refiro ao advento da proclamação da Republica em 15 de Novembro de 1889.

Si estudardes minuciosamente essas duas revoluções de objectivos identicos, vereis que ambas se assemelham, quando encaradas em suas causas primarias e finaes. •

Vereis em 1817 a arregimentação do patriotismo, cerrando fileiras contra os dominadores da patria e os

algozes do povo. Era um movimento complexo, porque tendia a um duplo fim: a independencia e a Republica.

Vereis em 1889 a arregimentação do patriotismo, formando barreiras á implantação do terceiro reinado e conspirando para a derrubada de um throno carcomido e carunchoso que tanto nos aviltava aos olhos dos povos cultos.

Em 1817 achareis o civil e o militar unidos, irmanados, apóstolos de um mesmo idéal e missionarios da mesma idéa, todos promptos para darem a vida pela criação de nossa nacionalidade sob o pallium sagrado do regimen republicano.

Em 1889 encontrareis os militares e os civis de novo, ou ainda e sempre irmanados, por um mesmo pensamento, firmando o pacto de sangue segundo o qual estariam "promptos para desprezar o que havia de mais sagrado — "o amor da familia" — "para ir morrer na praça publica."

Em 1817 achareis os animos revoltados com as medidas vexatorias do governo que, senhor dos acontecimentos, determinara a prisão dos cabeças do movimento conspirador, dando isso logar á scena de sangue que foi o signal da revolução. E após esta scena em que o brigadeiro Barboza pagou com a vida a sua arrogante attitude ante seus commandados, vereis as tropas sahirem para a rua, tendo antes, com desprezo, arrancado de suas barretinas as Armas Reaes e conduzindo como pendão sagrado uma bandeira branca em substituição do estandarte real.

Em 1889 — encontrareis o Governo Imperial iniciando a reação com a prisão dos chefes do movimento, dando logar a que, ante uma tal expectativa, cuja realisação seria a morte do movimento patriótico, os conspiradores se reunissem e, cheios de fé nos seus idéaes republicanos, viessem para praça publica, sem as bandeiras, que lhes lembravam o regimen odiado, proclamar o regimen, sob que hoje vivemos, objectivando assim os idéaes dos gloriosos patriotas sonhadores de 1710—1789—1817 e 1835. E para que alguma

cousa rubra houvesse na jornada santa de 89, acheis o incidente com o Barão de Ladario, cujo sangue derramado, pouco embora, synthetisa o unico protesto que o sebastianismo fazia ao glorioso movimento de republicanisacão de nossa Patria.

Como bem vedes o simile é perfeito, o parallelismo entre os dois movimentos é completo e quer num, quer noutro, assistireis, ao elemento militar, decidindo da victoria.

Grande, extraordinariamente protegido pela natureza, tendo em si todos os elementos necessarios ao seu desenvolvimento, o Brasil não tinha necessidade deprehender conquistas outras a não ser a de sua independencia e a de sua liberdade, como muito bem disse o illustrado autor dos Martyres da Liberdade.

E de uma tal verdade convenceram-se logo os nossos antepassados e d'ahi as continuas conspiraçoes tendentes a constituir a nossa nacionalidade á sombra do regimen republicano.

De tentativa em tentativa, constantemente trahidos, sempre vencidos, chegaram elles finalmente ao 15 de Novembro de 1889.

Como vedes, realisamos as aspiraçoes de nossa nacionalidade, os sonhos de nossos antepassados cujos manes hoje nos acompanham, bençoes sobre nós lançando.

E nós filhos obedientes, patriotas convictos, estamos na obrigaçao de velar pela estabilidade desse regimen por elles sonhado e por nós em boa hora proclamado.

Agora, denodados e briosos pernambucanos que me ouvis, dignos rebentos daquelles cuja evocaçao hoje fazemos, não deveis encerrar com esta festiva exteriorisaçao de vossos sentimentos intimos o preito de justiça, saudades e gratidão que prestaes aos heroes redivivos da cruzada santa de 17.

Não limiteis a esta commemoraçao o resgate de vossa divida; urge, e este appello vos faço, que, evocando um a um todos esses gloriosos vultos que tanto

nos dignificaram o passado, jureis pelas suas memórias sagradas, que tudo fareis para que a Republica, o seu sonho dilecto e por vós objectivada em 89, não morra nunca.

Jurai pela memoria sagrada de vossos martyres que, enquanto vossos corações pulsarem, estareis vigilantes na guarda da Republica.

Quanto a mim, direi como Lopes Trovão, de todos o mais fraco declaro que em honra a Deodoro, Floriano e Benjamin tambem saberei defendel-a com o mesmo ardor, com a mesma fé, com o mesmo entusiasmo com que, ao lado de Quintino, Silva Jardim, Madureira, Joaquim Pernambuco, Aristides Lobo e outros denodados companheiros de jornada, atirei-me á lucta pela Republica."

Calorosos applausos cobriram as ultimas palavras do velho soldado da Republica.

O maestro Euclides Fonseca dirigio a execução de sua peça symphonica vocal — "Saudação a Pernambuco", escripta especialmente para a commemoração.

Eis o argumento da peça Saudação a Pernambuco:

"No espirito dos pernambucanos cansados de supportar o jûgo aviltante e despotico do estrangeiro, surge a idéa republicana.

Proclamam-na de armas nas mãos: sendo victoriosa, saudam-na com enthusiasmo.

Os heroes de 1817, porem, mais tarde são subjugados, seguindo uns caminho do desterro e outros pagando com a morte o seu nobre esforço para libertar a patria.

Pernambuco lastima a infeliz sorte dos seus filhos denodados e queridos.

No entanto, a semente lançada por elles prolifera, funda raizes na alma popular, alastra-se por todo o Brazil e afinal irrompe impetuosa, forte e desassombrada ao som do Hymno da Republica, glorificando os martyres de 1817 na forma de governo do povo pelo povo."

O programma foi encerrado com o hymno nacional cantado pelas alumnas da Escola Normal.

Entre as numerosas pessoas que compareceram á festividade e tomaram assento junto á mesa annotou a reportagem do *Diario de Pernambuco*:

Dr. Manoel Borba, governador do Estado; d. Sebastião Leme, arcebispo de Olinda; general Joaquim Ignacio, commandante da região e representante do ministro da guerra e do Rio Grande do Sul; dr. Moraes Rego, prefeito da capital e representante da Escola de Engenharia do Recife e do Rio; commendador José Pereira de Araujo, presidente do Senado estadual; desembargador Primitivo de Miranda, presidente do Instituto archeologico; dr. Andrade Bezerra, secretario geral do Estado; dr. Oliveira Lima, representante de São Paulo e de varias associações; capitão de mar e guerra Noronha dos Santos, commandante do Porto e representante do ministro da marinha; desembargador Antonio Guimarães, chefe de policia; dr. Otto Lynch Bezerra de Mello, administrador dos Correios; dr. José Vicente Meira Vasconcellos, representante da Faculdade de Direito do Pará; dr. Antonio Vicente Pereira de Andrade, juiz substituto federal; dr. Luiz Gonzaga, official de gabinete do governador do Estado; capitão Martiniano Correia, ajudante de ordens do governador; capitão Antonio Baptista, representando o coronel José Novaes, commandante da Força Publica; prof. Regueira Costa; G. Witrock, consul da Allemanha; Constantino Barza, consul da Austria; Pietro Spanó, consul da Italia; dr. Pedroso Rodrigues, consul de Portugal; major Sant'Anna Araujo; dr. Braz da Cunha; Alvares de Carvalho, representando a Santa Casa de Misericordia; desembargador Silva Rego, representante da Faculdade de Direito, da Bahia; dr. João de Oliveira representando o Estado de Sergipe; dr. Cezario de Mello, representando a 'directoria de Portos e Canaes; dr. Pereira de Lyra; monsenhor Freitas, conego Jeronymo d'Assumpção, representando o bispo do Rio Grande do Norte; dr. Luiz Correia de Britto, coronel Antonio da Cruz Ribeiro; dr. Eduardo Wanderley, representante do Estado do Paraná;

dr. Coelho Brandão; representante do Director dos Telegraphos; dr. Ribeiro de Britto, representante do ministro do Exterior; dr. Pedro Celso, representante do Instituto historico, da Bahia; dr. Saturnino de Britto; dr. João Elysio, representante de Santa Catharina; dr. Octavio de Freitas, representante do Piauhy; dr. Julio de Mello, representante do senador Rosa e Silva; dr. Sebastião do Rego Barros, representante do Espirito Santo; dr. Octavio Hamilton Tavares, representante do ministro da Viagem; coronel Alfredo de Britto Carvalho, representante do commandante superior da guarda nacional, do Rio; major Arsenio Borges, commandante do 49.º; capitão tenente Thiago de Figueiredo, representante do Club Naval; capitão de fragata Raphael Brusque; capitão-tenente Manoel Guilhon, 1.º tenente Moraes Guerra; 1.º tenente Raul Pedreiras; 2.º tenente França Albuquerque e aspirante Cicero Marques, representando o 49 de Caçadores; dr. Costa Maia; dr. Cruz Cordeiro, representante da Bahia; dr. Leopoldo de Araujo; cel. Eugenio Samico; coronel Francisco Pinto; dr. Luiz Loureiro; dr. Luiz Salazar da Veiga Pessoa, representante do deputado Aristarcho Lopes; dr. Henrique Capitulino; dr. André Cavalcanti, representante do prefeito da Capital Federal; coronel Diogo Salgado, representante da Associação dos Empregados do Commercio; dr. Olintho Victor, director da Instrução Publica; dr. Octavio Peres; coronel Pedro Soares; dr. Franklin Eugenio de Magalhães Seve, engenheiro da fiscalisação das estradas; coronel Arthur Mello; dr. Vieira da Cunha Filho, representante da Escola Polytechnica; conego Pereira Alves, reitor do Seminario; padre Leonardo Mascello; dr. Leite e Oitycica, representante de Alagoas; consul do Uruguay; dr. Adolpho Cirne, representante da Academia de Direito, de Bello Horizonte; dr. Ignacio de Barros; d. Izabel Gondim; bacharelando Deoclecio Duarte, representante do Gremio Frei Miguelinho; padre Valdevino Nogueira, representante do Ceará; major Menna da Cos-

ta; dr. Manoel Dantas, representante do Rio Grande do Norte; desembargador Benicio Tavares, representante do Amazonas; dr. Gervasio Fioravanti; dr. Bianor de Medeiros; conde Correia de Araujo; capitão Barbosa Lima, commandante da Fortaleza do Brum; Horacio Saldanha, representando a Associação dos Empregados do Commercio; dr. Oscar Soares, representante do Estado da Parahyba; dr. Mario Melo, representante de Minas Geraes e varias associações; drs. Nestor Lima e Luiz Tavares, representantes do Instituto Historico, de Natal; dr. Thomé Gibson, representante do Pará; mons. Mauricio Rocha, representante do bispo de Alagoas; dr. Ribeiro de Castro, representante do ministro da Agricultura; dr. Feliciano Rocha, director da Escola de Agronomia.

Da representação federal de Pernambuco compareceram os srs. senadores Ribeiro de Britto e Rosa e Silva (representado) e deputados Balthasar Pereira, Netto Campello, Gervasio Fioravanti, João Elysio, Julio de Mello, Estacio Coimbra (representado) e Aristarcho Lopes (representado).

DIARIO DE PERNAMBUCO — Este organ da imprensa, o mais antigo da America latina, fundado em 1825 e dirigido presentemente pelo dr. Carlos Lyra Filho, tendo como redactor-chefe o dr. Manoel Caetano de Albuquerque Mello e como um dos redactores o dr. Mario Melo, 1.º secretario perpetuo do Instituto archeologico, alem do concurso prestado ao brilhantismo das festas —já cedendo seu salão de honra para as reuniões da comissão executiva dos festejos, já publicando todas as noticias referentes ao grande facto, —publicou á tarde do dia 6 uma edição especial, com o seguinte sumario:

1.ª pagina:

- Allegoria (cliché)
- Revolução republicana de 1817.
- Padre Miguelinho (J. B. Regueira Costa),

2.^a página:

- O clero e a revolução de 1817.
- José Luiz de Mendonça (Spencer Netto).
- Exposição de flores e fructas.
- Carta Curiosa.
- Clichés — José Luiz de Mendonça; arcebispo d. Luiz de Britto; coronel Apollonio Peres; dr. Thomaz Coelho; fac-simile do diploma da exposição de flores e fructas; padre Valdevino Nogueira, representante do Ceará.

3.^a página:

- 1817 (Zeferino Galvão).
- Clichés— Dr. Manoel Dantas, representante do governo do Rio Grande do Norte; O Erario; directoria do Instituto archeologico; fac-simile do sello commemorativo; dr. Oliveira Lima.

4.^a página:

- Gervasio Pires Ferreira (O. L.)
- A bandeira de Pernambuco.
- As academias secretas de Pernambuco.
- General Abreu e Lima (O. L.)
- O primeiro impresso pernambucano.
- Um patriota de 1817 (Mario Melo).
- Clichés — Gervasio Pires Ferreira; a bandeira de Pernambuco; fac-simile da medalha commemorativa do centenario; general Abreu e Lima; Arcebispo d. Sebastião Leme; os fundadores do Instituto archeologico.

5.^a página:

- Historia da revolução de 1817 (M. de Oliveira Lima).
- Hymno do centenario.
- A lição do Centenario.
- A espada de Leão Coroado.
- Projecto de Constituição pernambucana.
- Clichés: — Monsenhor Muniz Tavares; brigadeiro Manoel Joaquim Barbosa; dr. França Pereira; maestro Euclides Fonseca; dr. Durval de Britto; a espada de Leão Coroado.

6.^a pagina:

—Projecto de constituição da Republica pernambucana (continuação).

—Soneto de Domingos José

7.^a pagina:

—Hymno aos heroes de 1817.

—Telegrammas.

—Noticias.

A essa edição assim se referio o *Jornal Pequeno*, brilhante vespertino dirigido pelo dr. Thomé Gibson e que tambem assignalados serviços prestou á propaganda da grande commemoração aos heroes de 1817:

“Nossos brilhantes confrades do *Diario de Pernambuco* publicaram ante-hontem á tarde uma edição especial, consagrada exclusivamente á commemoração do Centenario da Revolução de 1817.

As oito paginas da magnifica edição vieram cheias de gravuras, nitidamente impressas e acompanhadas de artigos interessantes sobre o movimento. Retratos dos directores proeminentes da revolução figuraram na edição especial do *Diario*. Na primeira pagina, uma bonita allegoria aos martyres de 17, trabalho concebido com intelligencia e arte; e em outras paginas gravuras da directoria do *Instituto Archeologico* e dos organisadores da exposição de fructas e flores, annexa ás festas do Centenario.

Sabemos que essa edição do *Diario* foi exgottada, tendo os nossos dignos collegas necessidade de fazerem uma nova tiragem para accorrer á procura que tiveram em seu balcão e mesmo para remetter aos seus assignantes. E' uma prova, esse facto, do quanto agradeu e foi bem acolhido pelo publico o esforço dos collegas.

Felicitamos o *Diario*.”

DIA 7 DE MARÇO

Continuando a cumprir o programma das festas, o *Instituto Archeologico* realizou hontem, no *Theatro San-*

ta Izabel, ás 19 horas, uma reunião em honra aos delegados dos outros Estados e representantes de associações historicas e scientificas.

Presidio a sessão o desembargador Primitivo de Miranda que tinha á direita o general Joaquim Ignacio e á esquerda o dr. M. A. de Moraes Rego.

Achavam-se presentes os seguintes socios:

Pedro Soares, dr. Thomaz Coelho, dr. Samuel Campello, Apollonio Peres, Sant'Anna Araujo, dr. Pedro Celso, dr. Mario Melo, dr. J. Fonseca Nunes Oliveira, Antonio da Cruz Ribeiro, padre Henrique Xavier, dr. Gervasio Fioravanti, dr. M. de Oliveira Lima, d. Izabel Gondim, conego Jeronymo de Assumpção, dr. Arthur da Silva Rego, dr. Turiano Campello, dr. Matheus de Oliveira, capitão José Antonio Marques, dr. Bianor de Medeiros, João Felipe Monteiro, conego Pereira Alves, capitão Buarque Barboza Lima, E. Samico e prof. Gaspar Regueira Costa.

Compareceram os cidadãos:

Capitão Martiniano Correia, representante do governador do Estado; dr. Antonio Ribeiro de Castro Sobrinho, representante do sr. ministro da agricultura; padre Francisco Valdevino Nogueira, representante do Estado do Ceará, do exmo. arcebispo de Fortaleza e do Instituto historico do Ceará; mons. Affonso Antero Pequeno, representante do exmo. sr. bispo da Barra, d. Augusto Alvaro da Silva; capitão-tenente Pedro Thiago de Figueiredo, representante do Tiro naval; Deoclecio Dantas Duarte, representante do Gremio frei Miguelinho, do Estado do Rio Grande do Norte; Luiz Antonio C. A. de Barros Barreto, Luiz de F. José Bezerra, José Borba Filho, Sergio de Aquino Araujo, Genaro Freire, Bentes Miranda, Alfredo Horcades, Aurelio Cardoso, representantes do corpo discente da Faculdade do Recife; desembargador Benicio Tavares, representante do Estado do Amazonas; bacharel João da Cruz Ribeiro, representando a Imprensa Nacional e o *Diario Official* da União, conego Jeronymo d'Assumpção representando o bispo de Natal; dr. Lourenço de

Sá, representante do Estado de Goyaz; dr. Leite e Oiticica, representante do Estado de Alagoas e do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano; dr. Manoel Dantas, representante do Estado do Rio Grande do Norte e do seu Instituto historico e geographico; dr. Oscar Soares, representante do Estado da Parahyba e do Instituto historico do mesmo Estado; dr. Eduardo Jorge Wanderley, representante do Estado do Paraná; dr. João Elysio, representante do Estado de Santa Catharina, do Instituto historico do mesmo Estado e da Faculdade de Direito de Porto Alegre; engenheiro João Coelho Brandão, representante do director geral dos telegraphos; dr. Arthur da Silva Rego, representante da Faculdade de Direito da Bahia; dr. Nestor dos Santos Lima, representante do Instituto historico e geographico do Rio Grande do Norte; mons. José de Freitas, representante dos exmos. arcebispos de Olinda, da Bahia e da Parahyba do Norte; dr. Luiz S. de Veiga Pessoa, representante do dr. Aristarcho Xavier Lopes, deputado federal; monsenhor José Mauricio da Rocha, representante do exmo. e revmo. sr. bispo de Alagoas; dr. José da Cruz Cordeiro, representante do Estado da Bahia; dr. Octavio de Freitas, representante do Estado do Piahy; dr. A. Saturnino Rodrigues de Britto, representando o Club de Engenharia (Rio de Janeiro) e do Gremio Polytechnico de S. Paulo; general Joaquim Ignacio, representando o sr. marechal ministro da guerra, o Estado do Rio Grande do Sul, a guarda nacional de São Paulo, por delegação do respectivo commandante superior coronel dr. José Piedade e o 53.º batalhão de caçadores, estacionado em Cuyabá; coronel Alfredo de Britto Carvalho, representando o general Manoel Antonio da Cruz Brilhante, commandante superior da G. N. na Capital Federal; dr. Thomé Gibson, representante do Estado do Pará e Museu Nacional; dr. Octavio Hamilton Barreto, representante do exmo. sr. ministro da Viação; dr. Manoel Antonio de Moraes Rego, por si e como representante da Congregação da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro; dr. Manoel

de Oliveira Lima, representando o Estado de São Paulo, o Instituto Histórico do Rio de Janeiro, a Academia Brasileira de Letras, a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro e o Instituto Polytechnico da Bahia; dr. Ignacio de Barros Barreto, representando a Sociedade Auxiliadora da Agricultura de Pernambuco, a União dos Syndicatos agricolas e a Federação dos contribuintes.

Abriu a sessão o desembargador Primitivo de Miranda que, em breves palavras, saudou os delegados presentes, expondo o fim da reunião.

O 1.º secretario, dr. Mario Melo, communicou que o Instituto resolvera dar o titulo de socio correspondente aos representantes especiaes dos Estados e Institutos historicos que ainda o não fossem. Fez entrega de diplomas ao padre Francisco Valdevino Nogueira, delegado do Ceará, dr. Luiz Tavares de Lyra, do Instituto historico de Natal, Claudio Oscar Soares; do Estado da Parahyba e dr. Francisco de Paula Leite e Oiticica, de Alagoas. Em seguida, leu innumerous telegrammas de congratulações do interior e de outros Estados, dando conta do modo por que foi commemorada a data do centenario.

Obteve a palavra o dr. Pedro Celso que, depois de explicar a sua presença na tribuna e affirmar que o seu desvanecimento pela honra que lhe fôra conferida só era excedido pelo receio de não expressar do modo mais condigno toda a gratidão do Instituto Archeologico para com os illustres hospedes e collaboradores, que tanto realce vieram dar ás festas do centenario da grande revolução pernambucana, com o inestimavel concurso do seu valor e prestigio; os exora a que vejam na singeleza do seu dizer o espelho da sinceridade pura e sem refulhos, dos sentimentos do mesmo Instituto. E continua:

Este, quando quiz rememorar os grandiloquos feitos dos heroes de 1817, elevando a narrativa á altura dos seus meritos, confiou a tarefa ao eminente homem de letras e apreciado historiador, hontem com tanta an-

cidade e gosto ouvido, e com applausos tão significativos recompensado.

Quando pretendeu fazer o sentimento da solidariedade nacional vibrar em consonancia com a sua alma patriótica, e despertar na mocidade brasileira toda a gamma do amor patrio, fiou a empreza da eloquencia e vasto saber do notavel luminar da egreja brasileira, que tão refulgente e emocionante oração produziu em meio de frementes aclamações.

Quando, finalmente, quiz pôr em luminoso destaque o papel glorioso do exercito, em confraternisação com o povo nas grandes reivindicaciones das liberdades patrias, fez-se representar pelo valoroso soldado, exemplo vivo da fé republicana, cujas palavras ainda resôam como a voz tranquillizadora de uma sentinella indormida.

Agora porém, que a consagração civica está feita e da maneira mais resplendente, e a vossa coparticipação lhe assegurou immortal repercussão além das fronteiras pernambucanas,— é chegada a occasião de deixar que falle a voz do affecto e da saudade, ao approximar-se o momento de vos apartardes de nós.

O Instituto neste momento não experimenta apenas a justa ufania de abrigar em seu seio vultos representativos do que a sociedade brasileira tem de mais selecto, entre os seus estadistas e parlamentares, magistrados, professores, causidicos, medicos, engenheiros, clerigos, militares, commerciantes, industriaes e cidadãos prestantes em summa; mas, sobretudo, se rejubila pelo sentimento de confraternisação patriótica que espontaneo se manifesta, entre elementos tão variados e poderosos, ante a celebração do glorioso martyrologio de 1817.

Era bem de justiça que assim acontecesse, porquanto a revolução republicana de 1817 não teve um character puramente regional; a amplitude de seus intuitos, a nobreza e vastidão de seus ideias de liberdade e justiça, as suas tendencias expansionistas, tudo vi-

sava a integração do Brazil no systema politico desfraldado de sua avançada mais oriental.

Não são pernambucanos, senão porque o glorioso feito os pernambucanisou: Domingos José Martins, o padre Miguelinho, o capitão José Peregrino, o cel. André de Albuquerque Maranhão, Martiniano de Alencar, o cel. Victoriano Borges de Almeida e tantos outros, de cujas credenciaes sois respectivamente os embaixadores nesta solemnidade.

Se mesmo vos soubesse menos conhecedores da cooperação destes heroes na grande obra revolucionaria, o risco de apoucar-lhes os meritos seria bastante para demover-me do intuito de tentar descrever-lhes o perfil historico perante vós.

Seja-me, apenas, permittido invocar a sua qualidade de brasileiros, para nesse congresso verdadeiramente civico concitar-vos em nome do Instituto, e no momento da despedida, á empreza patriotica do engrandecimento do Brazil, como fortalecerdes cada vez mais a cohesão entre as unidades da Federação brasileira.

E, nessa cohesão patriotica nunca nos esqueçamos de que a patria dos heroes de 1817, não foi outra senão essa mesma patria *brazileira*, como grandiosa resalta dos processos e fins da mesma revolução.

Particularmente, a essa Mocidade pujante de seiva e vida que nos veio trazer o calor de seu entusiasmo e força juvenil, o Instituto exhorta á imitação dos bellos rasgos de patriotismo que ennobrecem a nossa historia, certo de que aos exercicios sportivos em que robustecendo o corpo, se adestra para a defeza da patria, saberá ella alliar o cultivo da sciencia e da moral, bases inseparaveis do progresso e felicidade dos povos.

Quando hontem, neste recinto, o nosso amado Arcebispo vos fazia desfilar ante os nossos olhos deslumbrados, em garbosos pelotões, ao mesmo passo que deserevia o papel glorioso do soldado e vos concitava a sêrdes, em bem da patria, *homens de bem*. —o orador disse para si, e agora o repete grandemente con-

fortado: outra nem melhor poderia ser a saudação do Instituto á mocidade dos Estados irmãos, aqui tão bem representada. Recolhei e guardae religiosamente as gemmas moraes daquelle evangelho patriótico!

Meus senhores! na deficiencia de outras expressões com que possa significar o reconhecimento do Instituto pela efficiente contribuição trazida por todos vós á magnificencia e esplendor da notavel commemoração civica que se acaba de realizar nesta capital em honra dos heroes de 17, concedei-me o indulto de deixar, ao menos, bem accentuado em minhas palavras, o desejo que a todos nós avassala, e mais ainda, é afervorado pela vossa presença, de que mais e mais se estreitem os laços de amizade e solidariedade republicana entre os Estados brasileiros.

Juremos perante a memoria dos martyres da liberdade, em cujo nome estamos aqui congregados, manter-nos firmes e unidos na defeza da integridade de nossas tradições nacionaes, de nosso territorio, de nossa lingua, de nossos altares, de nossa patria em summa!

Sejamos irmãos, se queremos ser fortes e felizes: fortes para oppôr ao invasor audaz a barreira inquebrantavel de nossos peitos; felizes, para desfructar unidos as benções da civilisação e do progresso á sombra de um pavilhão honrado e engrandecido.

Perdoae-me, senhores, a ousadia de rematar esta saudação recitando alguns versos que compuz em honra dos homenageados de hoje e com os quaes, novo Icaro, tentei alar-me á altura de seus meritos: é uma ode dedicada á memoria dos heroes de 1817. Ainda mesmo perdido, merece indulgencia o esforço, se é sincero. Sêde, pois, indulgentes, e aeolhei a humilde oblata que, tremulo de contrição, perante vós deponho aos pés do altar da patria estremeçada.

O D E

AOS PATRIOTAS DE 1817.

(1.º centenario da Revolução)

Heroes por quem nest'hora a patria entôa
 De cantos de louvor devidos preitos,
 Redizendo, orgulhosa, excelsos feitos,
 Vinde cingir a rutila corôa
 De Espiritos Eleitos!

Vinde lançar a benção sempiterna
 Que nos ha de alentar o peito exaustol
 Se dos mortos o exemplo nos governa,
 Que mais formoso a dar, que um holocausto!

Aviventae em nós o nobre aneio
 Que as vossas almas elevou á altura
 Azul, serena, immaculada e pura
 Dos supremos ideaes, de que vos veiu
 A fama que perdura;
 E desfraldando o lucido estandarte,
 Do valle ameno á alcantilada serra,
 Mostrae que o sol que delle se reparte
 Tanto aquece na paz como na guerra.

Volvam-se-nos á mente os tristes dias
 De angustiosa e tragica lembrança
 Em que, apagado o lume da esperança,
 As portas se abrem das masmorras frias
 E o heróe nellas se lança.

Miguelinho, Theotonio, Padre Roma,
 Mendonça, Barros Lima (o Leão Coroado),
 Martins e mais: —condôr, a morte, os toma
 Para os erguer ao páramo estrellado!

A ignominia da forza se transmuta
 Em mago resplendor, se é digna a morte,

Se a causa é santa, e a liberdade o norte
Que impavida fitou —alma impolluta,
Em mystico esplendor!
Qual meteoro do bem, que a treva espanca
Após deixastes diamantina esteira
Que transformada em nebulosa branca
Derrama claridade alviçareira.

Da torva tyrannia na caligem,
Quando o Direito immerge na penumbra.
Essa luz sideral nunca se obumbra
Mas jorra sobre os máos que o povo affligem
Um fulgor que os deslumbra;
A fogueira que ao naufrago, na praia,
Por entre a cerração ao longe acena,
Não traz ao lasso peito que desmaia
Esperança tão grata e tão serena.

Cem annos faz que peitos valerosos
Nesta terra brazilea a vez primeira
Hastearam da Republica a bandeira,
De infamantes supplicios desdenhosos
De morte ou gargalheira.
E, desde então, o grito libertario
Por sobre as gerações conclama e vibra,
Tentando inda na voz do "Centenario"
Do patriotismo enrijecer a fibra.

Aos bravos sobram synergias d'alma.
E' buscal-os deter,—obra irrisoria;
Seguem sem medo a fixa trajectoria
E se lhes cabe do martyrio a palma,
Mais esplendente é a Gloria!
Ao contemplal-os de pallor sublimes,
Fructos do céo, na forca pendurados,
Não sei se mais horror causam taes crimes,
Ou mais adoração aos victimados.

Lembrai-vos que, vencendo, generosos
 Assentam da egualdade doce regra,
 E a concordia que os povos une e integra
 Firmam, de vis rancores descuidosos
 E da perfidia negra;
 Vencidos, não os abate a sorte amára,
 O peito varonil conservam puro,
 E exemplos dando de virtude rara,
 Tomam lugar no alcáçar do futuro.

Muitos, que filhos foram d' "Areopagos"
 Conscios de que a instrucção sempre consola,
 Installam na prisão florente escola
 Donde, cacoula de perfumes magos,
 O amor patrio se evola;
 O carcere de chôfre se illumina,
 Em templo da sciencia se transforma,
 Que é sagrado o logar onde se ensina
 Do civismo a lição, da Lei a norma.

Oh! vultos immortaes de dezeseite,
 —Que um patrimonio d'honra e probidade
 Nos legastes com o amor da liberdade,—
 Do precioso thesouro a nós compete
 Manter a integridade!
 Genuflexos, beijamos a offerenda
 De tantos corações no altar da gloria:
 Que o mundo inteiro respeitoso aprenda
 A cultuar dos maiores a memoria!

Apagando de vez o vil insulto
 Cumpre remir a divida sagrada,
 Que cem annos depois resôa inulto,
 —Com um protesto de bronze e a fé jurada •
 De fervoroso culto!
 Busquemos nesse amor d'antepassados •

Revigorar a fé republicana
E pelas cathedraes de vinte Estados
Brademos numa vóz: hosanna, hosanna!

6 de Março de 1917.

Pedro Celso Uchoa Cavalcante.

Ocupou, em seguida, a tribuna o dr. Manoel Dantas, representante do Rio Grande do Norte, proferindo o seguinte discurso:

Minhas senhoras, Meus senhores:— As delegações do Rio Grande do Norte, acorrentadas ás provas de distincção com que teem sido cumuladas pelo povo pernambucano, sentem-se mais uma vez desvanecidas por esta carinhosa manifestação do Instituto Archeologico, á qual a nobre individualidade do dr. Pedro Celso soube dar o realce de sua phrase burilada e quente.

Senhores: —Homenageando os heroes de 17, nós viemos tambem celebrar a nossa festa. Em todos os recantos do Rio Grande do Norte, vibram as mesmas emoções da grande jornada patriotica, porque nos foram communs aspirações de liberdade e soffrimentos de martyrio.

Hontem mesmo, á hora em que a multidão applaudia, neste theatro, a eloquencia dos que sabem elucidar os acontecimentos politico-sociaes á luz da critica historica, ou electrizar o auditorio com o verbo inflammado de um grande apostolado, ou apontar ao cidadão armado o caminho do dever, em nome da Republica, no palacio do Governo do Rio Grande do Norte, em sessão solemne do Instituto historico e geographico, presidida pelo governador do Estado, um senador da Republica dissertava sobre o acontecimento nacional que aqui nos congregava.

Seria impertinente falar ainda sobre os factores e o alcance do movimento revolucionario de 17, porque é um assumpto, pode-se dizer, exgottado.

Ha, porem, um aspecto interessante que não escapará mesmo a qualquer observador inexperto, e é: que aquella revolução, planejada e trabalhada por homens que não podiam ter muita confiança no exito do movimento, tinha bazes profundas no sentimento popular. Bastou que o governo provisorio proclamasse a separação de Portugal e publicasse as bases do codigo politico que pretendia adoptar para que, até aonde se faria sentir a acção directa da metropole pernambucana, todo povo corresse a formar em torno da bandeira da patria nova.

Cedo vieram as desillusões; os carcereiros regorgitaram de patriotas; as cabeças rolaram do patibulo. Mas, e sangue generoso que tambem espadanou em terras rio-grandenses ali ficou alimentando a seiva do patriotismo, na ancia de independencia, no ardor da liberdade.

Ainda hoje, volvido um seculo, os heroes de 17 são rememorados como se contemporaneos fossem. E' que elles fizeram a revolta mais pelo coração, que pelo cerebro, deixando-se levar por esse idealismo que, si não conquista posições na refrega dos combates, tem ás vezes o dom de crear raizes profundas por essa visão especial que faz o poeta varejar o futuro.

Dir-se-ia que o povo brasileiro communga, ainda hoje, com os revolucionarios de 17 e sente que o paiz se conserva ainda quasi no mesmo pé em que estava ao estoirar a revolução de 6 de Março.

Não deixa de haver nisto um fundo de verdade. Nosso progresso tem sido muito lento. Li, ha pouco, uma memoria com que o dr. Pirajá da Silva illustrou o Congresso de Geographia da Bahia, traduzindo e commentando um trecho da grande obra em que o Barão Von Martius consignou suas impressões sobre a viagem ao interior do Brasil em 1818.

E' admiravel o cunho de actualidade dessas paginas memoraveis quanto ao povoamento do solo, as culturas, os costumes, o estado de civilisação que o notavel sabio allemão viu e descreveu ha cem annos, pelo interior do Brasil a dentro. De então para cá temos

melhorado um pouco a fachada do nosso edificio politico-social, porem o interior, no qual repousam as melhores energias da raça, continua o mesmo.

Bem é que a tempera do caracter nacional se não tivesse enfraquecido e que a alma contemplativa do sertanejo das catingas se tivesse conservado a mesma, resistente e forte, quer affronte o rigor das intemperies na lucta contra a secca, quer affronte as balas na lucta pela defeza da patria.

Este povo, que constitue a excellente massa plastica de nossa nacionalidade, espera somente o obreiro.

Ha cem annos que o espera ás vezes desilludido, mas esperando sempre.

E o obreiro virá!

E virá talvez mais cedo do que supponos.

Os seculos são dias na vida dos povos. E agora que chegamos ao cyclo do primeiro centenario de nossa independencia politica, parece que o Brazil inteiro consulta e incrementa todos os elementos de sua vida nacional. Existe, latente, uma febre de patriotismo; as gerações novas se orientam rumo á terra e rumo ao mar; as escolas se multiplicam: a instrucção se desenvolve; o sentimento civico se apura; a nação confia sua defesa ás novas gerações que se preparam, desde o berço, para derramar seu sangue pela Patria.

Dos diversos movimentos regionaes que gyraram em torno da Independencia do Brasil, nenhum teve maior alcance que o de 6 de Março, não só porque foi o que primeiro definiu em um codigo politico as aspirações da nova nacionalidade, como porque era o desdobramento da lucta em que o pernambucano havia tomado armas quasi por sua conta e risco, contra o holandez invasor.

Nós tambem conservamos no Rio Grande do Norte o culto destas tradições.

E foi por isto que, ciosos de nossa autonomia que nos tem proporcionado uma vida feliz no seio da federação brasileira, não podemos ficar indifferentes ao apello do Instituto Archeologico nessa glorificação dos

heroes de 17, porque tambem nos sentimos incorporados á patria pernambucana nesse ideal commum da liberdade.

Aqui vieram, desde os representantes do poder publico, das associações scientificas e litterarias de minha terra, até as jovens gerações que se preparam para defender a Patria com as armas na mão.

E ficae certos, senhores, voltamos reconfortados por muitas lições bebidas no decorrer das festas de hontem.

Foi com uma extraordinaria emoção que eu vi, hontem, cahirem das mãos da mulher pernambucana flores que foram se agasalhar sob a bandeira que guiava os atiradores de Natal na grande marcha civico-militar. E aqui neste recinto, passou por minha mente a figura epica do padre Mignelinho, mais eloquente e mais autorizada, ao ouvir dos labios de um bispo brasileiro aquella bellissima pregação de um verdadeiro apostolo do herismo.

Senhores do Instituto Archeologico:

O Rio Grande do Norte agradece a vossa manifestação e estará sempre ao vosso lado, guarda que sois, neste pedaço do Brazil, das grandes tradições nacionaes.

O padre Valdevino Nogueira, notavel pregador sacro, pronunciou como representante do Ceará o seguinte discurso:

Senhores:

Deante do grandioso espectaculo do vosso excelso patriotismo, em face desta notabilissima assembléa de pensadores illustres, tão conspicuos pelo talento, tão eminentes pelo saber e tão presos ás influências poderosas do supremo ideal pernambucano, —o sublime ideal da liberdade triumphante, sinto-me de todo estarrecido e não sei como supporte o peso descommunal da minha enorme responsabilidade.

Verdadeiramente offuscado pelo radioso esplendor das vossas immorredoiras tradições de heroismo: cheio

d'essa profunda admiração, que se pode traduzir por um acendrado culto de respeito incondicional á majestade da vossa inflexível altivez de povo intelligente e livre, não é muito que um simples cura de campo, acostumado ao balido pungente e nostálgico das ovelhas, que se desgarram, mas sem geito para a cortezania fidalga das grandes solemnidades, como esta, não é muito que empallideça e trema ao ver-se representante do Estado do Ceará, do exmo. sr. arcebispo da Fortaleza e do Instituto historico cearense, nesta commemoração solemníssima do primeiro centenario dos vossos martyres, — semeadores intemeratos das vossas glorias passadas e destemidos preparadores dos vossos triumphos presentes.

E quem é que não admira, quem é que não se deslumbra, quem é que não vacilla e não treme neste calido ambiente de apothese, onde vibra ainda nos éstos de uma eloquencia maravilhosa a palavra soberana do inclyto metropolitano olindense, verificando que hoje, como hontem, como sempre, o sol da liberdade nunca deixou de illuminar de fulgores estranhos o largo e tempestuoso mar da vossa gloriosa historia?!...

E' por isso que contemplando da altura de cem annos a magnifica sementeira de glorias, feita por vossos antepassados, num tempo em que o granizo do despotismo esterilizava as flores da liberdade; assistindo agora a esta farta colheita de triumphos conseguida por vós, numa quadra em que até as velleidades da tyrannia esbarram nos muramentos da independência; considerando atravez de todos os tempos o character espartano, a grandeza moral e os feitos inolvidaveis do povo pernambucano, — deste povo constitucionalmente refractario ao contagio desvirilizador da cobardia e do medo, — raça de titans, que nos momentos mais graves da vida nacional soube ser tão grande como os filhos do Lacio nas pugnas do direito, chegou a ser tão forte como os heroes das Thermopylas nos campos de batalha, comprehendo, senhores, comprehendo como um facto perfeitamente natural, que os pernambucanos de 1817 tenham affrontado com denodo as iras procellosas do poder ab-

soluta para libertar a patria escravizada, e que os pernambucanos de 1917 affrontem, desassombrados, todos os sacrificios e façam prodigios de valor para glorificar a patria independente.

Comprehendo e admiro-vos assim, sempre coroados de louros, como os antigos triumphadores, montando guarda á liberdade nos postos avançados da honra e do civismo.

E esta admiração é sincera, vem do intimo da alma, espontanea e profunda, como um preito de ardente entusiasmo á soberania do vosso caracter e ao heroismo das vossas acções. E tanto mais sincera, quanto mais radicada a convicção inabalavel de que, pernambucanos e cearenses, somos iguaes no caracter, somos irmãos no heroismo.

E' o que dizem as nossas affinidades historicas; é o que affirmam as nossas glorias communs. E é tambem o que mostra a nossa situação geographica.

O esplendido sol pernambucano, fonte inexaurivel da intensa luz que flammeja no vosso olhar de energias dominadoras e sede mysteriosa do calor intenso que aquece o vosso sangue generoso: o astro soberano que espalha vivas rutilancias nas amplidões immensas do espaço e derrama o oiro purissimo dos seus raios no seio fecundo desta natureza feracissima, é o mesmo astro fulgurante, é o mesmo sol comburente, que accende brilhos de estrella nos olhos e raios de fogo nas veias dos heroicos filhos do Ceará.

Esta formosa terra pernambucana, vestida de esmeraldas e coroada de flores, tão esplendidamente rica de segredos nas sombras mysteriosas das suas mattas seculares, tão fidalgamente soberba no porte majestoso das suas cordilheiras gigantes, tão docemente risonha nas deliciosas paisagens dos seus valles pittorescos, tão fartamente opulenta na prodigiosa uberidade do seu solo fecundissimo, e tão finamente gentil nas ondulações flexuosas dos seus grandes rios perennes, esta formosa terra pernambucana é a irman gêmea, é a irman muito amada do nobre e glorioso torrão cearense.

Este velho mar irrequieto, —monotono cantor de maguas desconhecidas e testemunha veneravel das glorias pernambucanas: ora de serenas vagas murmurantes, quando, cariciosa e meiga, lhe sorri a densa da bonanga; ora de torvas ondas encrespadas, quando, solemne e terrivel, lhe agoita os flancos o anjo das tempestades; este velho mar inconstante é o mesmo verde mar bravo, que beija as plagas cearenses, gemendo infindas saudades da bella Iracema, que Alencar fez immortal.

E é tambem o mesmo, tem as mesmas auroras encantadoras, as mesmas irradiações flammejantes, o mesmo azul sereno e tranquillo, a mesma amplidão tremeluzente e diaphana, os mesmos horisontes claros e vastos, os mesmos arreboes inflammados, o mesmo fulgir de estrellas seintillantes, a mesma poesia das noites enluaradas, o ceu de Pernambuco e o ceu do Ceará.

Sol, terra, mar e ceu. —tudo isto nos liga, tudo isto nos une, tudo nos identifica no culto superior de Deus, no amor ardentissimo da patria, no sentimento augusto da liberdade e no juizo indefectivel da historia.

Somos iguaes no character, somos irmãos no heroismo. E assim não sou um extranho n'esta eminente assembléa da fina flor da intellectualidade pernambucana. Tenho o direito sagrado de vir aqui trazer-vos, em nome do sabio e patriotico governo da minha terra, a solidariedade infrangivel de um Estado irmão e tambem a minha pequena pedra, deslavorada e tosea, ao soberbo monumento erguido hoje aos filhos gloriosos de Pernambuco, aos heroicos patriotas de 1817.

Senhores: —Na obra sapientissima do universo não ha, não conheço creatura mais nobre, de mais aprumada altivez, de mais solemne envergadura, nem de maiores e mais elevados destinos, que o homem.

Individualidade singularissima, trazendo na propria essencia inconfundivel o cunho das entidades superiores, o homem adensa e condensa todas as mirificas esplendidezas do mundo espiritual e todas as surprehendentes maravilhas do mundo material:—é pedra pelo ser, é

planta pela vida, é animal pela sensibilidade e é anjo pela intelligencia!...

Na esphera modelar do seu cerebro o Creador acendeu o sol flammipotente da razão, e elle pode ser tão sabio como Deus; dentro do seu coração profundo como o desejo, maior que o mundo, tão vasto como o eu, ateou o incendio poderoso do amor inextinguivel, e elle pode ser tão grande como Deus; e nas intimas profundezas insondaveis do seu ser privilegiado gravou, em caracteres de fogo e de luz, a lei moral, a suprema lei da consciencia, e elle pode ser tão santo como Deus!...

Por isso quando o homem pensa, illuminam-se os abysmos do mundo: quando o homem quer, muda-se a face da terra; quando o homem age, transformam-se os destinos do universo!

E dahi vem que de facto e de direito o homem é o verdadeiro rei da Creação. —rei pela força do pensamento, rei pelo poder da vontade, rei pela supremacia eterna da virtude.

Pensamento, vontade, acção... nada mais é preciso para tecer a trama subtil da historia: não é preciso mais nada para explicar e justificar as tremendas vicissitudes da humanidade.

Ora, senhores, se não eram talentos de primeira ordem, se não eram aguias, que voassem muito alto, pelas fulgidas regiões do pensamento, eram homens de lei, eram homens de acção, eram homens de antes quebrar que torcer, os vultos legendarios, os mortos immortaes de 1817.

Haverá quem diga que foram imprudentes, que foram temerarios, que foram loucos... Eu sei apenas que foram martyres e martyres que tinham idéas bastante claras para allumiarem os desvãos da ignorancia colonial, vontade bastante firme e bastante efficaz para mudar a face das coisas politicas da patria, e acção bastante prompta e mais que decidida para transformar os destinos de Pernambuco, os destinos do norte do Brazil, os destinos do Brazil inteiro!

Verdadeiros patriotas, de nervos inflexiveis para as

torpes genuflexões da lisonja, não lhes podia soffrer o animo varonil as tristes ignominias da escravidão da patria.

As odiosas preferencias, as injustiças flagrantes, as vilissimas intrigas tão proliferas em abjecções no dominio do poder absoluto, fizeram madruguar nelles o vehemente amor da liberdade, a ancia irreprimevel da independencia.

Por entre as trevas fragorosas da escravidão colonial sorria-lhes, num raio de luz mysterioso, o sacratissimo ideal das auroras fulgurantes, realcando as pompas do oriente e abrindo novos e desconhecidos horizontes para o dominio soberano do direito e da justiça. E sonharam um futuro de gloria para a patria jugulada aos caprichos da tyrannia. Queriam para homens de brio, para homens livres, uma patria livre, uma patria honrada, uma patria independente e gloriosa, — dando leis ao mundo como a soberba Roma de Pompeu, dando sabios ao universo como a luminosa Grecia de Platão e gerando filhos tão grandes, tão nobres, tão valorosos, que fizessem pasmar a historia, como Alexandre fize-ra pasmar a terra!

Sonharam e quizeram realisar este sonho!... Mas para realisal-o, quanta difficuldade!... Era preciso palmilhar centenas e centenas de leguas por sertões invios e desertos, por mares crespos e traiçoeiros, affrontando perigos de toda a parte, e curtindo angustias de toda a sorte.

Recuaram porventura? — Digam Bahia, Alagoas, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, digam se não viram esses peregrinos audazes, se não ouviram esses mestres sublimes, ensinando-lhes com raro entusiasmo o divino alphabeto da liberdade!...

Mas não era tudo. Era preciso contar ainda com a reacção brutal do despotismo, defendendo sem piedade os direitos formidaveis, e apertando cada vez mais e reforçando os pesados grilhões da escravidão.

Bois tanto melhor! Era uma razão demais para quebral-os!

E se não pudessem quebral-os, se não pudessemos quebrar esses malditos grilhões que tão desadoradamente maguavam os delicados pulsos da patria? Se os hymnos de victoria se volvessem prantos de derrota? Se em vez de se abrirem os horizontes illuminados da independencia tão ardentemente suspirada, se fechasse, lugubre e sangrenta, a noite pavorosa do martyrio e da morte?!

Ah! senhores! vós o sabeis muito melhor do que eu, —n'essa lucta de gigantes, em que se accenderam as azas da patria, não para o *Te-Deum* solemne da liberdade victoriosa, mas para o sacrificio ignobil do despotismo triumphante, elles, os filhos immortaes d'esta immortal patria pernambucana, os destemidos precusores da independencia nacional, nem uma vez, nem um momento se lembraram de que no fim de tão perigosa jornada se pod'a erguer, sinistro e medonho, o phantasma aterrador do patibulo!...

Não se lembraram; mas quando se tivessem lembrado, que lhes importava a elles, martyres da liberdade, a infamia do cadafalso?

Christo morreu na cruz e Christo era Deus!... E ainda hoje a humanidade o adora como o divino libertador do mundo, como o rei immortal dos seculos.

Senhores: —O despotismo é formidavel para prender e mutilar os corpos, mas é nullo para prender e mutilar as almas. Decepam-se cabeças, mas não se decepam idéas. Algema-se o homem, mas não se algema o pensamento!

Nós todos aprendemos na historia da evolução do espirito humano —que perseguir idéas é sagral-as para a victoria, pear o pensamento é obrigar-o a voar mais alto e mais longe!

Bem sabiam disto os heroes da republica pernambucana, e tinham plena certeza de que, se morressem na lucta, as suas idéas ficariam, irreductiveis e palpitantes, na alma oceanica do povo, na consciencia impol-luta da patria.

E ficaram! O pensamento vivaz da liberdade, a

idéa radiante da independência, que o Conde dos Arcos julgou ter enforcado na Bahia, que Luiz do Rego pensou ter justificado em Pernambuco, surgiram triumphadoras em S. Paulo, consagrando para todo o sempre, num hymno sollemnissimo de victoria, o grito transfigurador da patria. —Independência ou Morte!...

Não foi inutil o sangue derramado na revolução de Pernambuco, —1817 foi o percursor alviçareiro de 1822!...

Mas, senhores, não é para esquecer a parte notavel que tomou o padre no acontecimento memoravel, cujo centenario celebraes agora com lustre tão grande e com tão nobre enthusiasmo.

Digam muito embora velhos e rancorosos inimigos, —rancorosos e gratuitos—, que o padre é intolerante e retrogrado, refractario e incapaz. —refractario ao progresso da humanidade e incapaz de commettimentos grandiosos; nem por isso brilha menos a luz fulgentissima que se projecta da historia sobre essa individualidade extraordinaria, tão rudemente malsinada, mas sempre decida, mas sempre incomparavel no serviço de Deus e da patria.

Representante legitimo do Omnipotente Deus dos Christãos, do grande Deus das sciencias, o padre não pode ser retrogado, nem nunca foi refractario ás bellezas do progresso nas suas prodigiosas modalidades.

Continuador indefesso da augusta missão de Jesus Christo, o divino redemptor do mundo, o supremo creador das esplendidas maravilhas da civilisação christã, solidario com Elle para a vida e para a morte, inspirado por Elle no pensamento e na acção, o padre tem é certo, tem e não pode deixar de ter o culto da verdade contra o erro, da san moral contra o vicio, do direito contra a força o culto da justiça contra a iniquidade.

Mas por isso mesmo foi, é e ha de ser em todos os tempos o advogado tenacissimo das grandes causas da humanidade, o genio de mais forte, de mais vibrante e de mais titanica enfibratura, de mais desempenhado he-

roismo para os maximos entre os maiores committimentos do espirito e do coração humano!

Não podia, pois, faltar e não faltou com a sua presença de patriota decidido, não faltou com a sua palavra disciplinadora e leal, não faltou no grande dia da patria revolucionada, na hora triumphal do estabelecimento do primeiro governo republicano em terras do Brazil.

E ainda agora, com annos depois, zelando os fóros intangiveis da sua continuidade historica, o vosso nobre e grande metropolitano, o egregio e sabio moderador dos altos destinos religiosos de Pernambuco, o exmo. sr. d. Sebastião Leme, cercado da pleiade majestosa dos seus brilhantes cooperadores, veio derramar as caudalosas fulgurações do Thabor sobre o glorioso centenário dos vossos martyres, celebrando em plena luz o augusto sacrificio da missa, sob o pallio immenso e profundamente azul do formoso ceu pernambucano, e levando a todos os corações o enthusiasmo delirante do seu verbo poderoso e ardente, da sua palavra dominadora e gloriosamente patriótica.

Sublime confraternisação, estupenda solidariedade, em que o clero e o povo de mãos dadas, á luz pharolisante da mesma crença immortal, á sombra protectora do mesmo pendão victorioso, luctando e soffrendo juntos e juntos cantando e rindo, vão caminho da historia, orgulhosos do passado, confiantes no futuro, de olhar sempre embebido no supremo ideal das almas superiores — Deus, Patria e Liberdade!...

Senhores: — N'esta hora solemne, em que as estrelas nas alturas suspendem a musica sideral das orbes para ouvir, absortas, a maravilhosa poliphonia do enthusiasmo pernambucano, eu admiro e saúdo o sabio e ponderado governo deste povo de leões, admiro e saúdo o heroico e valoroso Estado de Pernambuco, terra de tradições fulgurantes, escola de altivez e de civismo, ninho de aguias altaneiras, onde incidiram, numa apothese de claridades deslumbradoras, os primeiros raios das patrias liberdades!

Neste momento augusto, em que nos paramos constellados da historia se desenham á luz serena do infinito os perfis gigantescos dos heroes pernambucanos, — tão grandes em esplendores da victoria, mas muito maiores nas tormentas da desgraça, — eu admiro e saúdo o egregio e benemerito Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco, porque na primorosa realização desta grande festa patriótica rendeu merecido culto a esse passado cheio de glórias e deu magnífica lição a este presente riquíssimo de esperanças.

Em uma palavra —nesta hora solemne da glorificação dos martyres de 1817, neste momento augusto da consagração do heroismo pernambucano, a gloriosa Terra da Luz, fremente de enthusiasmo, na attitude heraldica dos cavalheiros antigos, curva-se, reverente e saudá e abraça o grande poderoso Leão do Norte — na commemoração empolgante da sua gloriosa immortalidade!...

Seguiu-se com a palavra o capitão-tenente Thiago de Figueiredo, representante do Club Naval, que leu a seguinte oração:

“Exmas. Senhoras —Meus senhores.—Quiz o exmo. sr. almirante Antonio Coutinho Gomes Pereira, para melhormente patentear a adhesão do Club Naval, do qual é digno presidente, ao gesto de elevado sentimento cívico do Instituto Archeologico pernambucano, que commemora o centenario da revolução de 1817, cujo objectivo era a liberdade, pela qual heroicos pernambucanos orvalharam com o seu sangue a terra que lhes deu o berço, convidar-me para vos trazer a saudação respeitosa da associação que neste momento represento.

A tarefa é superior ás minhas forças.

Não me julgo, assim fazendo, na altura intellectual de bem cumprir os seus desejos. Na pequenez de minha intelligencia me não é facil desobrigar-me de tão honrosa incumbencia.

O illustrado e bravo almirante errou na melhor das intencões,

Julgou, talvez, que eu tivesse desenvoltura intellectual para, num surto de eloquência, render as merecidas homenagens.

Embora pudesse desdobrar a minha intelligencia, mesmo assim, difficil me seria corresponder á sua expectativa.

Ha feitos que as palavras os não descrevem. Vemol-os atravez de nosso espirito com os olhos de nossa alma.

Concentramo-nos para perceber-os e concebê-los, tal a extensão de sua grandeza.

E' precisamente nesse momento que nós sentimos a exteriorisação do nosso "Eu" e podemos ter a visão espiritual do ideal altruistico, pelo qual tombam aquelles que, na morte, se consagram.

Dentro deste scenario civico, recordarmos os feitos dos nossos antepassados, é envolvermo-nos com o manto do patriotismo; e, assim, com grande sentimento evocativo, fazemos uma oração cívica, envolvendo-os na auréola refulgente de sua propria magnificência; que cada phrase represente um punhado de petalas de rosa á sua memoria lançado.

E eu, meus senhores, confesso, apesar de sentir a explosão dos meus sentimentos patrioticos num transbordamento de enthusiasmo, não poder expressar, significativamente, o que se me condensa no cerebro.

Se não fosse o dever que se me impõe, aliás que me dignifica, certamente deixar-me-ia ficar num profundo silencio, revelador do meu maior respeito e religiosa veneração.

As homenagens prestadas a esses vultos que sobrevivem atravez da historia, e que se crystallisaram na alma brasileira, veem, mais uma vez, servir de incentivo áquelles que se deixaram, criminosamente, arrastar pelo negro destino do indifferentismo; esses que se não batem pelo ideal do verdadeiro republicanismo, que giram em torno de personalidades hypocritas com a falsa mascara de republicanos.

Estes são vis aventureiros que collocam os seus in-

teresses pessoas acima dos principios que servem de base á harmonia politico-social.

Expurgados estes elementos, veremos em cada pernambucano o reflexo do acendrado patriotismo dos martyres de 1817.

Então diremos de frente erguida sem receio de contestação: Pernambuco, tu que embebeste em teu solo o sangue dos nossos antepassados, que pela tua restauração sacrificaram a vida, eu te saúdo!

Os teus filhos não arrefeceram o enthusiasmo; a chamma do amor patrio não se apagou; têm-n'a elles erepitante!

Quem se bate e morre pela liberdade, resurge esplendorosamente atravez da historia e se santifica no altar da patria!

Somos e seremos os continuadores da grande cruzada civica!

Entretanto, meus senhores, não longe está o dia desse resurgimento civico, e a voz do seu povo repercutirá em todo o solo brasileiro.

Pernambuco tem sido e será o inspirador de todos os principios liberaes.

Apezar do enthusiasmo que me empolga, julgo não exaggerar nas minhas affirmativas.

Porque é em Pernambuco, como bem disse o illustrado dr. Joaquim Nunes de Oliveira, em seu sublime discurso, pronunciado no Instituto Archeologico, por occasião de sua posse, "que se encontra o principio genésico da nossa independencia e da constituição da nossa nacionalidade."

Que seriamos no Brasil se não fossem os exemplos dos heroicos e abnegados luctadores de 1817?

Simplees escravos de nacionalidade emprestada.

Não; o povo pernambucano jamais será escravizado. Pernambuco, muito justamente cognominado o "Leão do Norte", tem nos seus filhos, em estado latente, o sentimento da liberdade, manifestação de civismo, herdada dos seus antepassados.

Aproveitem as suas energias e elle será a alavanca

de ordem e de liberdade; continuará a ser a mesma sentinella avançada das nossas reivindicações.

Não nos esqueçamos de que a trajectoria descripta de norte a sul, pelos valorosos pernambucanos em defesa da liberdade, deixou um traço resplandecente na historia patria.

A collectanea dos seus feitos é um cathecismo civico.

São incitamentos ás gerações presentes e futuras, que o Instituto pelos valorosos pernambucanos guarda como reliquia sagrada. Permitta Deus que o exemplo dado por esta nobre e esclarecida associação seja o marco inicial do nosso soerguimento civico.

Quando na "Hora Militar" me coube a honra de realizar uma palestra, tive a feliz inspiração de escolher para thema; A mulher como elemento regenerador do caracter nacional.

Tive oportunidade de demonstrar que ella, tendo todas as faculdades intellectuaes e moraes do homem, e uma vez de plena posse de todas estas faculdades, concorreria grandemente para a regeneração do caracter.

Ella tem a maior responsabilidade na formação da sociedade domestica; é ella quem lança a primeira semente para a homogeneidade dos sentimentos da sociedade civil.

E esta sociedade educada sobre os moldes da sã moral, com a nitida comprehensão dos seus deveres, seria assim constituída de integerrimos defensores do Direito e da Razão e herdeira fiel dos denodados pioneiros de 1817.

E assim será.

Os exemplos dados pelos illustres membros do Instituto Archeologico pernambucano, atravez das homenagens que prestam a todos os vultos que se sacrificaram em defesa desta nobre terra, não deverão ser esquecidos pelas almas pernambucanas, para que Pernambuco continue a fulgurar com o pendão de suas glorias tintas com o precioso sangue dos seus amados filhos, por esses a quem genuflexamente cantamos hymnos de gloria, pôr

esses heroes espiritalizados na alvorada da victoria e que se immortalisaram em holocausto á patria.

Como pernambucano, unico titulo que justifica ter sido escolhido para desempenhar tão difficil quão honrosa missão, sinto-me profundamente orgulhoso, mas sem o merito preciso para deixar, atravez das minhas palavras, bem flagrante com um cortejo de expressões, robustecidas por uma intelligencia lucida, o spectaculo empolgante que se me apresenta.

Na qualidade de representante de uma associação composta de officiaes de marinha, herdeiros dos nomes gloriosos, de Tamandaré, Barroso, Greenhalgh, Marcilio Dias e de tantos outros, que bem alto souberam levar, á força do seu heroismo, o nome de sua patria, eu vos saudo, illustrados membros do Instituto Archeologico e Geographico pernambucano, —templo de doutrinação civico, depositario das glorias pernambucanas.

E' em nome daquelles que tambem souberam comprehender os desejos do povo, concorreram efficazmente para a implantação do regimen republicano, sem o que, não teria sido effectivado, que eu vos apresento as melhores expressões de agradecimentos pela honra do vosso convite.

Ficæ certos, illustrados senhores, que ao lado do povo e pelo povo, dentro dos principios constitucionaes, elles se baterão e morrerão em sua defeza e na defeza do solo patrio."

A seguir-se, o dr. Ignacio de Barros Barreto, representante das classes conservadoras de Pernambuco, pronunciou a seguinte oração:

Exmas. senhoras — Exmos. senhores. —A Direcção da Federação dos Contribuintes vem, pressurosa, em nome da Lavoura, Commercio e Industria de Pernambuco, cujos interesses representa e defende, trazer os seus entusiasticos applausos a esta brilhante solemni-
dade civica e dá-me a subida honra, honra com que igualmente me penhoram a benemerita Sociedade Auxiliadora de Agricultura, e a União dos Syndicatos agri-

colas, de fallar em nome dessas classes, base da riqueza, progresso e independencia das Nações.

Trazendo a v. v. excias. srs. do Instituto, as suas mais sinceras congratulações pela patriotica iniciativa, tão pernambucana, de tão brasileira festa, tenho de manifestar a filial gratidão, o immorredouro culto que aquellas classes consagram aos primeiros que ousaram iniciar a realisação da vida nacional, muitos dos quaes, morrendo por tão patriotico ideal, souberam provar ao mundo que havia chegado a hora da emancipação do Brasil, pois o grito do Ipiranga em 1822 é o echo do brado pernambucano de 1817.

Um povo só pôde constituir uma nação quando os seus filhos possuem as qualidades de energia moral, de força viril, de tenacidade indomavel, de capacidade de resistencia levada até o sacrificio da vida em defeza de seus ideaes.

Essa prova de sangue é a affirmação categorica da formação do caracter de um povo.

Fazer essa prova competia bem aos descendentes dos heroes da restauração pernambucana, aos herdeiros das tradições gloriosas dos "Independentes" de Pernambuco que em 1647, pela bocca de Vieira, haviam respondido a d. João IV que saberiam resistir ao Rei para melhor servir a Patria.

Era bem ao Pernambuco que a custo de todos os sacrificios, de indomaveis resistencias e de rios de sangue havia expellido o hollandez invasor e mantido o Brasil integro, que a logica da Historia distribuia esse papel glorioso na genese da nacionalidade brasileira, de provar á custa do sangue dos martyres, que o caracter brasileiro estava formado e que o Brasil era digno de existir como nação independente no concerto das nações.

Estudando as leis psychologicas da evolução dos povos, Gustavo Le Bon, depis de provar que é sobre o caracter e não sobre a intelligencia que se fundam as sociedades, as religiões e os imperios: depois de affirmar que é pelo caracter que 60 mil inglezes conservam

sob o seu jugo 250 milhões de hindu's, muitos dos quaes são muito superiores aos seus dominadores pelo seu gosto artistico e profundeza de vista philosophica; depois de extasiar-se ante as grandezas dos Estados Unidos da America do Norte; nota que todas as republicas Sul Americanas, todas sem excepção, tendo accedido a mesma Constituição politica de sua irman do Norte, debatem-se entretanto na mais sangrenta anarchia, e apesar das admiraveis riquezas de seu solo vivem mergulhadas nas dilapidações de toda a sorte, na fallencia e no despotismo.

“As causas são completamente devidas, affirma elle, á constituição mental da raça, á qual falta energia, vontade e moralidade.

A ausencia de moralidade, sobretudo, ultrapassa tudo que se conhece de peor na Europa.

Um só paiz, o Brasil, tinha escapado a essa profunda decadencia, graças ao regimen monarchico que punha o poder ao abrigo das competições.

Muito liberal para raças sem energia e sem vontade, acabou por succumbir.

Immediatamente o paiz cahiu em plena anarchia e em pouco as dilapidações do thesouro foram de tal sorte que os impostos foram augmentados de 60 %.

Exmos., senhores, o sr. Le Bon dá prova de que, si é um grande psychologo, é máo conhecedor da nossa historia.

Elle ignora por completo os rasgos de energia, de força de vontade, de coragem, de tenacidade, de civismo, de moralidade, de que estão cheias as paginas da nossa historia gloriosa.

E se é verdade, como elle affirma e eu acredito, que são os mortos que fundam as raças; si é mais pelos mortos do que pelos vivos que um povo se dirige, que as gerações que se foram nos impõem não só as suas constituições phisicas mas os seus pensamentos; si os mortos são indiscutivelmente os mestres dos vivos; si nós soffremos os pezos de suas faltas e a recompensa de suas virtudes, não ha que deserer do futuro do Brasil,

Não ha na historia do mundo, maior prova de moralidade no manejo dos dinheiros publicos de que a dada pelos martyres de 17, entregando ás forças da metropole intacto o erario publico.

Não ha maior prova de coragem, de abnegação, de patriotismo de que a dada por esse movimento no qual a coragem chegou á temeridade e a abnegação até o martyrio.

Movimento cujos heroes os applausos do Brasil inteiro hoje estão provando serem bem os homens representativos de uma raça!

Si pois o Brasil actualmente atravessa um periodo critico de sua existencia, si a hora presente póde affigurar-se cheia de apprehensões e de duvidas, si o culto daquellas masculas virtudes civicas de moralidade e caracter pode parecer nos tempos modernos não ter o mesmo fervor que em 1817, si, como affirma Garcia Calderon, no seu bello livro sobre as Democracias latinas da America, no Brasil existe um militarismo latente que rapidamente pode destruir a obra dos presidentes civis, e a vida do Brasil tem, como a d'aquellas republicas, de oscillar entre os dous polos, militarismo ou anarchia; não é que lhe faltem aquellas nobres virtudes civicas que caracterisam as grandes nações.

Ellas existem no Brasil inteiro, e esta patriótica solemnidade prova que teem o culto que merecem.

As republicas Sul Americanas são nações na infancia; não teem um seculo de existencia!

Ellas estão ainda em periodo de formação e em todas ellas os problemas politicos complicam-se com os problemas ethnicos.

Qual povo escapou a essas crises peculiares a tal periodo?

A propria Inglaterra teve-o muito mais ensanguentado e tumultuoso que o dellas.

Si a poderosa Republica Norte Americana, que já conta muito mais de um seculo de existencia, tão depressa cresceu em riqueza, commercio e industria, é simplesmente porque nella a raça estava formada.

O elemento europeu alli desembarcava em grandes levadas eliminando o indigena e sem se ligar ao negro.

As republicas Sul Americanas são compostas de raças em formação, de mestiços.

Nas republicas hespanholas talvez as diferentes raças conquistadas não se tenham ainda completamente amalgamado á dos conquistadores.

No Brasil, porém, o colono portuguez com a sua natural bondade de coração fundiu-se facilmente com os elementos indigenas e até com o negro.

A raça mestiça entretante herda do negro a rusticidade; do indigena o indomito amor á liberdade, a sobriedade e resistencia; do portuguez aquellas virtudes que cantou Camões e que fizeram de Portugal pequeno um dos grandes povos da Europa.

A nação brasileira, desde os seus primordios, teve os representantes das tres raças como factores de sua grandeza.

Ella pode contar com o correr dos tempos, com a fusão completa das raças.

Desde já esse problema pode ser considerado resolvido, e a raça brasileira constituida, e realisados assim, os tres factores fundamentaes das grandes nacionalidades, unidade de raça, de religião e de lingua.

Quaesquer que sejam pois as difficuldades da hora presente, ellas não podem impressionar a alma brasileira ao ponto de entibiar a fé na grandeza futura do Brasil.

O militarismo latente de que falla Calderon, se existe no Brasil, não pode tambem abalar aquella fé, porquanto a historia nos ensina que si o militarismo faz os Cromwells, elle faz tambem os Monks.

Cada povo tem o governo que merece e si o Brasil tem de oscillar entre os dois polos, militarismo e anarchia, a culpa não será desta nem daquella classe, mas de todos nós que teremos mostrado ao mundo não mais possuir aquellas virtudes que immortalisaram os nossos antepassados e que são hoje aqui tão justamente celebradas.

As classes conservadoras que neste momento tenho

a insigne honra de representar, começam afinal a comprehender, instruidas por dura experiencia, a somma enorme de responsabilidades que lhes cabe nas difficuldades da hora presente.

Ellas vão tendo consciencia de que a criminosa indifferença, o egoismo imbecil, o commodismo ignaro, que as tem afastado do manejo dos negocios publicos, sob o pretexto absurdo de que "commercio não faz politica" ou outros apophthegmas de igual jaez, estão prejudicando os seus mais vitaes interesses, difficultando-lhes mesmo a propria vida, mais do que isto, ameaçando a existencia da propria nacionalidade.

Classes fundamentaes da sociedade, productoras dos elementos de vida, riqueza e progresso dos individuos e portanto dos povos, ellas teem o dever civicco de não permittir continuem os seus destinos, que são os destinos da patria, á mercê dos politicos profissionaes e de outras classes, mais ou menos parasitarias, que lhes estão sugando a vida, amesquinhando a grandeza e compromettendo a integridade da nação brasileira.

Sob pena de lavrarem a sentença de sua propria incapacidade como forças civicas e de continuarem a ser a eterna e passiva materia inerte, "anima vili" das experiencias mais ou menos bem intencionadas dos "salvadores" ou dos excessos mais ou menos escandalosos das autocracias repugnantes, ellas têm de intervir directa e efficaazmente nos negocios publicos, na applicação da fortuna publica que é a base da independencia nacional.

E' um sagrado dever, é uma incontestavel missão social, que lhes compete nos modernos governos representativos, nas livres democracias do seeculo XX; missão e dever que saberão cumprir collaborando com as demais classes sociaes em prol do progresso, grandeza e independencia da patria."

Os jovens academicos Deoclecio Duarte e Luiz Antonio de Barros Barreto pronunciaram vibrantes palavras, aquelle em nome do gremio frei Miguelinho, do Rio Grande do Norte, e este pelo corpo discente da Faculdade de Direito do Recife.

Seguiu-se-lhes na tribuna o dr. Leite e Oiticica, representante de Alagoas. Leu o seguinte estudo historico:

Mandaram-me aqui o Estado de Alagôas e o Instituto Archeologico e Geographico alagoano para represental-os, associando-se ás festas em commemoração do centenario da revolução de 1817, com que os vossos ancestraes pretenderam proclamar a independencia de nossa patria, constituindo-a nação desligada da metropole portugueza.

Devo declarar desde logo, senhores, que o Estado de Alagôas e o Instituto que tenho a honra de representar, sentem-se bem nesta festa de confraternisação em homenagem ás victimas dessa revolução, de que foram igualmente parte, pelos nossos conterrancos ha cem annos passados.

Alagôas, comarca de Pernambuco, áquelle tempo, e os companheiros a quem tenho a honra de presidir me impuzeram a missão de vir dizer aos seus irmãos de Pernambuco que a commemoração de hoje é tambem sua, porque Alagôas teve os seus martyres n'esse movimento de affirmação de direitos que, um seculo depois, pode reunil-os em um mesmo grupo, na patria livre e na Republica de que ambos são Estados federados.

N'esse marco milliario da nossa existencia, no concerto das nações, a historia registra pernambucanos e alagoanos unidos pela mesma idéa, identificados no mesmo pensamento.

Se os vossos se destacam no primeiro plano, como auctores do movimento, os nossos se apresentam, com pequeno contingente embora, em applauso ao vosso gesto de firmeza no desfraldar da mesma bandeira, de affirmação e solidariedade na mesma campanha.

Se fostes vós os primeiros a erguer o pavilhão da independencia, essa gloriosa bandeira que o vosso distincto governador acaba de decretar como a de Pernambuco republicano, nós de Alagoas, associando-nos ao justo orgulho com que o proclamaes, temos o direito de solicitar, para nós, a honra de haver contado as pri-

meiras victimas do governo da metropole; começou por Penedo, desceu pela nossa antiga cabeça da comarca a perseguição aos patriotas que ousaram acceitar a proclamação da Republica em Pernambuco e a senha do seu governo provisorio.

Foi contra nós que, logo a 6 de Abril de 1817, o conde dos Arcos expedio o decreto desannexando a comarca das Alagôas da capitania de Pernambuco, annexando-a á da Bahia, para furtar aquella á jurisdicção do governo da revolução.

Se contra vós se estabelecera, já em 1.º de Abril, o bloqueio do porto de Pernambuco pelas fragatas *Thetis* e *Espirito Santo*, sob o commando do chefe de divisão Rodrigo José Ferreira Lobato, nós fomos attingidos, a 10 do mesmo mez, com a ordem de sequestro das propriedades dos rebeldes, em que o conde dos Arcos mandava ao ouvidor Batalha que fizesse a remessa dos respectivos rendimentos para os cofres da junta da fazenda, providenciando para que elles fossem adjudicados sem perda de tempo ao real fisco.

Se contaes entre os martyres gloriosos de 1817 a Domingos Theotonio, Martins, Miguel Joaquim, Roma, Antonio Henriques e outros, não é menos certo que Alagôas possuiu os homens que se chamaram o coronel de milicias Ignacio Francisco da Fonseca Calça Galvão, o major das mesmas Miguel Velloso da Silva, Nobrega e Vasconcellos, o capitão José Gregorio da Cruz, presos em Penedo e remettidos para Villa Nova, d'ahi para Sergipe e Bahia, em cujos carceres estiveram até 1821, o capitão de ordenanças das Alagôas Felippe da Silva Moraes, o soldado de milicias dos pardos Manoel Lucas e outros, até Antonio Leão, morto e esquartejado, por ser patriota, na Barra do Jequiá.

Que havia a esperar de um movimento revolucionario da ordem do de 1817, em uma terra onde o commandante investido do governo pelos revolucionarios fôra o primeiro a denuncial-os ao conde dos Arcos e, depois, vendo que a contra-revolução predominava, abandonou o commando das armas da revolução, de que fôra

investido, a pretexto de ir buscar auxilio de tropas, não mais voltando ao campo onde deixára os patriotas que o tinham por chefe?

Senhores. O Instituto Archeologico e Geographico alagoano possui, no seu archivo, documentos originaes, encontrados no archivo da camara municipal da cidade das Alagoas, que muito esclarecem a historia da revolução de 1817, nessa então comarca de Pernambuco. (1)

Entre esses está o officio em que o commandante das armas revolucionarias de Alagoas investio o ouvidor e corregedor da comarca Antonio Batalha, no mesmo cargo que exercia por nomeação de el-rey, antes da revolução.

Possue, do mesmo modo, o original authenticado do officio em que esse patriota, commandante das armas revolucionarias, convida ao patriota ouvidor Batalha a assistir ao Te Deum laudamus que o parcho da fregue-

- (1) Officio do Commandante militar da comarca das Alagoas ao Ouvidor da mesma, enviando a parte do Capitão mór da Villa de Porto de Pedras, relativa á noticia da revolução de Pernambuco.

Com as copias juntas da participação da Camara da Villa de Maceió, e do alferes da companhia de milicias que esta manhã recebi, vou participar a V. S.^a o funesto acontecimento que houve na praça do Recife. Deos Guarde a V. S.^a Quartel da Villa das Alagoas 12 de Março de 1817. Illmo. Senr. Antonio Batalha, Ouvidor geral e Corregedor desta comarca. Antonio José Victoriano Borges da Fonseca, Tenente Coronel e commandante militar da Comarca. Reconheço a letra da firma supra ser a propria do mesmo nella contido. Villa de Maceió 10 de Julho de 1817. Estava o signal publico. Em termo de verdade o Tabellião publico Verissimo Ferreira Chaves. He o que continha e está conforme. O Escrivão da Comarca Antonio David de Souza Coufinho.

Copia da parte que deo o Capitão mór da villa de Porto de Pedras ao Tenente Coronel de Artilharia e commandante militar da comarca das Alagoas.

zia de Alagôas, "que teve officios do governo ecclesiastico", celebraria, no domingo 23 de Março de 1817, em acção de graças pela victoria da revolução. D'esses documentos se conclue que a revolução esteve triumphante em Alagôas, dominou a séde da comarca, onde já se rendiam graças a Deus pela liberdade e independencia do Brasil.

Porque não vencemos?

Senhores! A critica historica se pode applicar, sem embaraços, após cem annos passados, aos acontecimentos da vida de um povo; a lição dos factos, a evolução na vida social, a experiencia advinda aos homens durante tantos annos, permittem apreciar esses movimentos em situação muito differente d'aquella sobre que se estabelece o estudo, a comparação dos scenarios onde aquelles se desenrolaram com os da actualidade onde a vida se desdobra.

—Hoje, quarta feira 12 do corrente março, recebo a infausta noticia que me dá o Juiz Manoel de Moraes, de que no dia 6 do corrente, quinta feira, houvera um levante em Pernambuco, onde matarão varios officiaes militares dos principaes e grande mortandade do povo, e que o Illmo. Exmo. Senr. Governador se refugiára na fortaleza do Brum com alguns cabos principaes, o que participo a V. S.^a fazend^o expedir um soldado de cavallo de 3 em 3 légoas. V. S.^a me determinará suas ordens e no entanto mando por em todos os logares povoados presidios reforçados para não passar pessoa alguma e não sahirem nem entrarem jangadas para fóra. A pressa me não dá mais lugar senão em participar a V. S.^a isto mesmo que me diz o dito juiz.

Quartel do Sacramento 12 de Março de 1817. Illmo. Senr. Tenente Coronel Antonio José Victoriano Borges da Fonseca. Nicoláo Paes Sarmento. Capitam mór da Real villa de Porto de Pedras, e era o que continha a dita parte que fica em minha mão. Quartel da villa das Alagoas 14 de Março de 1817. Antonio José Victoriano Borges da Fonseca, Tenente Coronel Commandante militar da comarca das Alagoas. E nada mais se continha e está conforme. O Escrivão da Camara Antonio David de Souza Coutinho.

Tudo permite a calma e a justiça necessarias para que o historiador ponha de parte a paixão com que os partidos em lucta distribuiam epithetos aos que foram vencidos e vencedores.

Não conheço movimento revolucionario republicano em que a realza não fosse o jugo abominavel que dominava e escravisava o povo; não conheço movimento realista em lucta com elementos republicanos em que os heroes da revolução deixem de ser chamados bandidos, scelerados e covardes.

A verdade é que esses movimentos são factos politicos em que a acção dos dirigentes é a grande mola do successo, que dá ganho de causa a um ou outro, dos partidos em luta.

A revolução de 1817 tinha, como emulo, um homem de acção, energico, experiente, que não recuava da crueldade para vencer; sabia que o segredo da dominação

Officio do Commandante das Armas das Alagoas ao Ouvidor da mesma comarca, dando-lhe parte de diversas providencias e convidando-o para o Te-Deum em acção de graças á independencia.

Eu já vos officiei pelo patriota Francisco Luiz de Souza e vos mandava rogar e chamar da parte dos patriotas Governadores e Provisonarios para cuidarmos na segurança e tranquillidade publica. Agora que recebo o vosso officio de hontem acho ser prudente o que me lembra a respeito dos presos que estão na cadeia desta villa e como já tinha mandado ordem ao Capitão Commandante das Ordenanças para os soltar. O governo patriotico espera de vós todos os bons serviços á Patria. Não posso mandar os originaes das Proclamações ás Camaras porque o patriota emissario os levou para fazer convencer e persuadir aos Povos até o Penedo a nossa feliz independencia; porem as copias vão por mim assignadas; até agora só tenho tido tempo de annunciar circularmente ás Camaras. Deos vos Guarde. Quartel das Armas da Villa de Alagoas 24 de Março de 1817.

P. S. Domingo, 23 do corrente o Parocho desta freguezia que teve officios do governo ecclesiastico celebra o Te-Deum Laudamus; e eu vos convido como patriota para esta acção de graças e a Patria assim o espera de vosso patriotismo. Dia e era ut supra. Patriota Antonio

dos movimentos armados é a promptidão no uso da força para suffocar a revolta emquanto esta não passa a ser chamada revolução.

O conde dos Arcos era um politico experimentado e dispunha dos elementos de força sufficientes para esmagar um povo guiado por homens generosos, fascinados pelos ideaes de liberdade e confraternisação e fascinados tambem pela victoria, que julgavam assegurada.

Emquanto o governo provisorio de Pernambuco accnava ao povo com a liberdade dos presos, a protecção ao commercio, a dispensa dos impostos, a fraternisação entre portuguezes e brazileiros, a extincção das graduacões sociaes, a segurança da propriedade e outras promessas bellissimas, elevadas, grandiosas para um governo de futuro, o conde dos Arcos, alerta pelos rumores de uma revolução com dia marcado, senhor da tropa commandada por portuguezes, inimigos naturaes da independencia do

Batalha, Ouvidor e Corregedor da comarca. O Patriota Antonio José Victoriano Borges da Fonseca, Commandante das Armas da Comarca. E nada mais se continha e está conforme. O Escrivão da Camara, Antonio David de Souza Coutinho.

Officio da Commandante das armas das Alagoas ao Ouvidor da mesma, reintegrando este nos cargos que occupava antes de proclamado o novo governo provisorio.

Vós continuareis não só, no exercicio do vosso cargo que occupaveis antes do novo Governo Provisorio, como tambem no exercicio da Policia, vigiando com todo o cuidado que não grasse a sizania que animos ou ignorantés ou mal intencionados tem suscitado pela distincção que pretendem fazer entre Pernambucanos nascidos na Europa e Pernambucanos nascidos neste continente e fareis de todo discipal-a. A imitação da capital e do que costumão todas as nações civilisadas praticar em circumstancias de aclamações de novas constituicões, mandei soltar todos os presos encarcerados na cadeia desta villa, porem a soltura não é offensiva ao direito d'aquellas partes que não quizerem, á imitação da Patria perdoar as suas offensas, e requerendo ellas novas capturas ou accusação aos reos lhes defirireis e o mesmo fareis

Brazil, com fidelidade jurada ao seu senhor e rei, de posse de poderes discrecionarios, como governador da Bahia, em momento grave para o governo da metropole, agia no sentido de dominar pelo terror.

Para isto lançava sobre Alagoas as tropas concentradas em Sergipe, mandava vasos de guerra bloquearem Pernambuco, investia dos poderes de commando o sargento mór José Egydio Gordilho, expedia, a toda pressa, o marechal Joaquim de Mello Leite Cogominho de Lacerda e fasia pressão sobre o ouvidor Batalha, nomeado ouvidor do governo revolucionario, mas preferindo-se conservar fiel ao rei e á sua patria para constituir governo interino revolucionario em Atalaia, abrir devassas e sequestrar as propriedades dos revolucionarios alagoanos e pernambucanos, com o fito na nomeação de desembargador da Relação da Bahia, em premio de fidelidade a "El Rey Nosso Senhor", a quem servia.

Como duvidar do fracasso da revolução, dados esses elementos contrarios a esta, favoraveis ao poder atacado,

entender ás mais justicas inferiores. Quartel do Commando das armas das Alagoas 23 de Março de 1817. Patriota Antonio Batalha, Ouvidor e Corregedor da comarca. Antonio José Victoriano Borges da Fonseca. Tenente coronel Commandante das armas.

E mais se não continha em dito officio que bem e fielmente aqui registrei do proprio original a que me reporto. Alagoas 13 de Dezembro de 1817. Escrevi e assignei Antonio David de Souza Coutinho.

Officio do Tenente Coronel Antonio José Victoriano Borges da Fonseca á Camara das Alagoas, enviando uma proclamação ao povo em que explica os motivos porque se ausentára e patentêa as esperanças de pôr termo aos planos dos reaccionarios.

Muito honrados patriotas do Corpo Municipal da Villa das Alagoas.

Não ignorais que na villa de Atalaia se convocou um conselho de membros que ainda não satisfeitos de ex-

numa epoca em que as posições pertenciam, de um lado, ao reinol, branco, rico, dominador no commercio, no fôro, no exercito e até preferido nas relações intimas e do outro lado, o povo a revolucionar era o colono, ralé, subordinado nos empregos, ultimo até na participação dos gosos particulares, na phrase caustica do nunca esquecido secretario perpetuo do Instituto Archeologico e geographico alagoano, o sr. Dias Cabral?

Senhores de Pernambuco! A vossa gloria está em terdes sido os precursores da independencia do Brasil, com governo constituido, com programma definido; em terdes jogado a cabeça e derramado o sangue por esse ideal que se chama liberdade, por essa abstracção que se chama patria, por esse sentimento que se chama patriotismo.

Tão eloquente foi o vosso gesto, tão significativo o vosso sacrificio, tão dignificadora a nobresa do vosso

torquirem dos Povos os juro de seos suores pretendem derramar, lhes o sangue que eu tenho feito por poupar quanto em mim he possivel. Era facil de conhecer que a minha pessoa seria a primeira a ser atacada; e sem forças sufficientes para combater os lobos carniceiros eu viria a ser victima, sem poder sustentar a causa da nossa Patria e defender-vos; portanto deliberei-me a sahir occulto d'essa villa para me pôr a testa da Tropa que já encontrei em caminho, que vae pôr em segurança essa comarca. A minha demora é só enquanto reforço a tropa que já encontrei, pois como tenho inteiro conhecimento das forças dessa comarca e dos movimentos e politica ou tyrannia destes despotas que só vêm para o nosso paiz a encherem a nossa custa as bolsas e calcarem aos pés os nossos direitos, eu procuro tomar as medidas necessarias para prevenir as suas ciladas e suplantar seos damnados projectos. He o que por agora vos posso annunciar para que estejais certos dos meos serviços, do meo zelo e da minha honra em defeza da Patria.

Hoje 8 de Abril de 1817. O patriota Antonio José Borges Victoriano da Fonseca, commandante das Armas. E mais se não continha em dito officio que bem e fielmente registrei do proprio original a que me reporto. Alagoas 12 de Dezembro de 1817. Escrevi e assignei, Antonio David de Souza Coutinho.

grito de independencia que, apenas cinco annos depois, elle reперentia na alma do monarcha, calando-lhe tanto no animo de rei que, ao deixar no Brazil o filho, seu representante, lhe affirmava que a colonia em breve se separaria da metropole e lhe aconselhava que puzesse a coroa na cabeça para não correr a aventura de vel-a cahir e ser apanhada por algum aventureiro.

O grito do Ypiranga em S. Paulo, a 7 de Setembro de 1822, foi o echo da revolução de Pernambuco, em 1817; o sangue derramado no Campo da Honra, na Bahia, e no de Ipojuca, em Pernambuco, foi semente bem-dita lançada na terra do Brazil e não foram precisos muitos annos para que ella germinasse, crescesse, fosse desabrochar em flores, acolhendo á sombra da grande arvore da liberdade os heroes da terra de Santa Cruz que lhe arrotearam o terreno.

A vossa gloria é maior ainda: a federação das provincias foi primeiramente levantada com a revolução de

PROCLAMAÇÃO

Habitantes da Comarca das Alagoas

A minha ausencia de entre vós, meos honrados Patriotas, não foi desamor nem tão pouco a intenção de desamparar-vos, antes pelo contrario, o sincero desejo que tinha de proteger um povo tão benemerito como fiel ao grito da razão e aos interesses da Patria, cuja causa he tambem a nossa, mas que se achava desprovido de meios e de forças para propugnar pela sua defesa e segurança, quando designios perversos e malvados tramavão conjurações atroses e procuravão desunir os cidadãos formando cisantias e partidos oppostos a nossa liberdade tão bem começada quão fundada na justiça e nas leis da razão, da natureza e das gentes. Por isso vendo approximar-se o momento critico em que uma explosão repentina podia fazer vos commigo victimas da perfidia e da sedução, retirei-me quando a minha presença vos podia ser pernicioso para voltar com os soccorros opportunos de que necessitaes e que agora vos levo, para de uma vez estabelecer a ordem e o socego publico nesse feliz paiz, onde deveis esperar-me qualquer

Pernambuco, em 1817. Vós a vedes lembrada, sempre, através os setenta e dois annos dessa data até 1889. Todos os adeptos da federação foram haurir forças e argumentos no movimento politico cujo centenario commemoramos hoje, com mais ou menos variantes, segundo cada um pretendia encobrir a fonte onde ia buscar energias para a campanha.

E' por por isto que Pernambuco foi chamado —o Leão do Norte, temido no Sul, quando lembravam os vossos grandes homens, os grandes feitos d'esses, a expulsão dos hollandezes, a revolução de 1817, a confederação do Equador, a revolução de 1848, recordando os nomes de João Fernandes Vieira, Vidal de Negreiros, Abreu e Lima, Mendonça, até Nunes Machado.

São esses feitos e esses nomes que enchem seculos da vossa historia, pernambucanos da Republica, que pudes-tes ir buscar para o vosso glorioso Estado, sem lhe alte-

dia tranquilllos e certos de que acabaremos de uma vez com esses malvados que pretendem perturbar a nossa paz e união e roubar a nossa felicidade que o ceo protege e hade prosperar.

O Patriota Antonio José Victoriano Borges da Fonseca, Commandante da Comarca.

E não se continha mais cousa alguma em dita Proclamação que bem e fielmente aqui registrei do original a que me reporto. Alagoas 11 de Dezembro de 1817. Escrevi e assignei Antonio David de Souza Coutinho.

Officio do Conde dos Arcos declarando annexada a Capitania da Bahia a comarca de Alagoas.

Fique Vmcc. na intelligencia que essa comarca passa desde já interinamente a estar sujeita a este Governo bem como até agora era ao de Pernambuco até que El-Rey Nosso Senhor me envie sobre este objecto as Reaes Ordens que tenho supplicado. Deus Guarde a Vmcc. Bahia 6 de Abril de 1817. Conde dos Arcos. Senr. Doutor Ouvidor da Comarca das Alagoas.

E não se continha mais cousa alguma em dito officio que bem e fielmente aqui registro do proprio original. Villa das Alagoas Antonio David de Souza Coutinho.

rar um só dos symbolos com que foi pela primeira vez desfraldada, essa bandeira de 1817, que, com annos depois, se vê no tope dos mastros, proclamando a todo o Brazil que Pernambuco conta com annos de amor á Republica, tendo realisado o seu sonho e comprovado a firmeza e a constancia das suas crenças vencidas em 1817 e victoriosas em 1889.

E' á sombra dessa bandeira gloriosa que vós podeis, em nome de um passado de luctas, de sacrificios, de deueação, bradar a todos os recantos da patria brasileira o appello patriotico para a manutenção da Republica, nesta phase critica por que passa o Brasil, para mantelo uno, forte, digno, por honra dos nossos maiores, para orgulho da geração presente, sem desfallecimentos, cohesos e audazes em face do perigo que mais e muito estimula a vossa fé na grandeza da nossa patria!

Ordem de sequestro dos bens dos rebeldes do Recife, possuidos em Alagoas.

Constando-me que alguns dos rebeldes do Recife possuem propriedades nessa comarca, Vmce. sem perda de tempo as sequestrará, procedendo depois na forma da lei até as adjudicar ao Real Fisco; e fazendo logo que seja possivel remessa aos proveimentos rendimentos (bem como de todos os outros dessa comarca) aos cofres da junta de Fazenda desta Capitania. Deus Guarde a Vmce. Bahia 10 de Abril de 1817. Conde dos Arcos. Senr. Dr. Ouvidor da comarca das Alagoas, Antonio Ferreira Batalha.

Cumpra-se e registre-se e se passem Editaes e as ordens necessarias aos juizes das Villas. Alagoas 26 de Abril de 1817. Batalha.

E não se continha mais cousa alguma em dito officio que bem fielmente aqui registro do proprio original ao qual me reporto. Alagoas 26 de Abril de 1817. Antonio David de Souza Coutinho.

(Todos estes documentos pertencem ao archivo do Instituto, extrahidos dos livros da Camara Municipal de Alagoas. Constituem os de ns. 1 a 17, do maço n.º 1; o de n.º 18, do maço n. 8.

Senhores de Pernambuco! O Estado de Alagoas e o Instituto Archeologico e Geographico alagoano, vossos irmãos em todas as epochas, vos saudam unindo os seus applausos aos vossos no concerto harmonico das festas de hoje.

Salve!

O dr. Bianor de Medeiros leu os seguintes versos, intitulados O POEMA DA BANDEIRA:

Queridos meus conterraneos!
Cem annos depois da lucta,
Com a liberdade por —thema,
Refulge a vossa conducta,
Na bandeira d'esse poema!

Sim! Foi um poema sublime:
Crentes, dos mais fervorosos,
Na Lei que encanta e seduz,
Tinham visos luminosos:
A alliança entre o Sol e a Cruz!

Vosso exemplo, oh! povo heroico!
Pelos outros imitado,
Mostra civismo profundo:
Pode servir de traslado
Nas grandes guerras do mundo...

Bem se vê, que a raça é a mesma
Nas pugnas da liberdade,
Progredindo a excelsa ideia,
Do Amôr Divino, houve um frade
Que merece uma epopéia! (1)

(1) Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, revolucionario de 1817 e 1824.

Jesus! Quantas vezes mandas!
Em outras questões grandiosas
Vossos apóstolos santos,
Com palavras sonoras,
Consolar os nossos prantos!

Azul e branco é—Infinito,
Do ceu vem força indizível,
A Cruz é a fé que se evola.
Povo! A bandeira invencível
E' aquella que faz —escola!

Na perfeição do caracter
Ha Mestres que vencem tudo,
Dando aos moços a instrucção,
Guiando a infancia no estudo,
E em dotes de coração; (2)

E agora: Deus aviventa
Deste Estandarte —a imponencia,
Para ficar sem rival,
Sagrado pela eloquencia
De um talento excepcional; (3)

Patrieios que eu tanto estimo!
Ha fardas ennobrecidas
De soldados immortaes!...
Vivam as armas floridas
Que nos garantem a paz! (4)

(2) Refere-se ao dr. Pedro Celso Uchoa Cavaleanti, director do Gymnasio pernambucano e 1.º vice-presidente do Instituto archeologico.

(3) D. Sebastião Leme, 2.º arcebispo de Olinda.

(4) O autor lembra o general Joaquim Ignacio Baptista Cardoso, commandante da região militar e 2.º vice-presidente do Instituto archeologico e recorda a parada militar em que os soldados do exercito levaram flores nas carabinas.

Resurgem principios nobres!
 E eu vejo que o Povo os nota
 No pavilhão restaurado.
 E n'alma do patriota
 Que dirige um povo honrado (5)

Não temas a indisciplina
 Oh! Leão do Norte! O teu vulto
 De um Grande —amando o Pequeno,
 E' o typo de um povo culto,
 Sisudo e muito sereno!

Não falo dos meus esfoços.
 Que não são dignos de premio,
 Mas o povo é muito astuto,
 E sabe o que vale o gremio
 Do archeologico Instituto.

Pernambuco! Oh! minha Terra
 De trophéos —um relicario!
 Venerae com ardente amôr
 Venerae do Centenario
 Nosso insigne historiador. (6)

Brazil de glorias eternas!
 Meu Pernambuco adorado:
 Sem politica int'resseira,
 Foi vosso arauto abençoado!

 Eis o *Poema da bandeira!*

O presidente encerrou os trabalhos reiterando saudações aos representantes dos Estados e de associações presentes.

(5) Dr. Manoel Antonio Pereira Borba, governador do Estado, autor do decreto considerando bandeira de Pernambuco a dos revolucionarios de 1817.

(6) Dr. M. de Oliveira Lima, annotador da *Historia da revolução de Pernambuco em 1817*.

Como no primeiro dia, o theatro estava completamente cheio. Nos camarotes a lotação estava excedida. Tocou uma banda de musica do exercito.

Dia 8 de Março

O Instituto archeologico realizou á noite no theatro Santa Izabel uma sessão solemne para installar a Liga contra o analphabetismo. Presidio-a o desembargador Primitivo de Miranda, que teve á direita o general Joaquim Ignacio, commandante da região, e á esquerda o dr. Moraes Rego, prefeito da capital.

Além dos socios acima, compareceram os srs. dr. Pedro Celso, Fonseca Oliveira, dr. Matheus de Oliveira, Apolonio Peres, Pedro Soares, dr. M. de Oliveira Lima, Manoel J. de Sant'Anna Araujo, Gaspar Regueira Costa, dr. Mario Melo, capm. José Antonio Marques, commendador Barbosa Vianna, desembargador Silva Rego, dr. Thomaz Coelho, Antonio da Cruz Ribeiro, J. Felipe Monteiro, dr. João Elysio, dr. Turiano Campello e dr. Thomé Gibson.

Abrindo os trabalhos, o dr. Primitivo disse que o Instituto ia naquelle momento installar a Liga contra o analphabetismo e depois ouvir uma conferencia do dr. Samuel Hardman, sobre fructicultura. Deu a palavra ao prof. Gaspar Regueira Costa, delegado em Pernambuco da Liga nacional contra o analphabetismo.

Este leu desenvolvido trabalho mostrando como nasceu a idéa da fundação da Liga no seio do Instituto e como esta se installa contando já com a criação de cerca de trinta escolas. Terminou lendo uma poesia de Victoriano Palhares.

Foram aclamadas as seguintes directorias:

Honoraria — Presidente, dr. Manoel Borba; vice-presidentes, general Joaquim Ignacio, dr. Moraes Rego, d. Sebastião Leme e dr. Andrade Bezerra; secretarios, deputados Gervasio Fioravanti e Netto Campello.

Effectiva — Presidente, dr. Pedro Celso; vice-

presidentes, dr. Agrippino Regueira Costa, dr. Olyntho Victor e dr. Primitivo de Miranda; secretario geral, prof. Gaspar Regueira; secretarios dr. Candido Duarte e Manoel Joaquim Sant'Anna Castro; orador capitão José Antonio Marques; vice-orador, dr. Joaquim Fonseca N. de Oliveira; thesoureiro, major Manoel José de Sant'Anna Araujo.

Conselheiros — Dr. Luiz Porto Carreiro, conego Jeronymo d'Assumpção, padre Henrique Xavier, coronel Antonio Peres, desembargador Arthur da S. Rego, dr. Thomé Gibson, dr. Zeferino Agra, padre João Uchôa e dr. Mario Melo.

Foram ainda á tribuna os srs. dr. Barbosa Vianna, que felicitou Pernambuco pela fundação da Liga; capitão José Antonio Marques, como orador da Liga; padre João Uchôa, que prometteu o seu concurso para a nova instituição; academico Alfredo Horeades, que endereçou parabens ao Instituto em nome da Faculdade de direito e dr. Pedro Celso que, como presidente da Liga, traçou seu programma.

Depois, o dr. Samuel Hardman leu, durante trinta minutos, bem trabalhada monographia sobre fructicultura.

O dr. Moraes Rego, prefeito da capital, declarou encerrada a exposição de fructas e flores, felicitando o Instituto archeologico por ter organizado um certamen digno do nosso progresso.

O presidente pronunciou então o discurso de encerramento com muita felicidade.

Disse em resumo:

“Chegamos ao termino das manifestações em homenagem ao centenario da grandiosa revolução de 1817. Fizemos o que esteve na possibilidade de nossos esforços para glorificar a memoria daquelles que, inspirados no mais santo patriotismo e elevado sentimento, trocaram as commodidades da vida e os prazeres pelo supplicio das masmorras e do patibulo, como que dizendo aos sobreviventes: —Brasileiros de todos os cantos, imitae o nosso exemplo; segui por esse caminho aberto

com o sangue de nossas veias para o futuro que vos espera com sofreguidão no marco terminal da gloriosa jornada que não está longe; talvez que breve, ali chegueis.

Com effeito, cinco annos depois se ouviu o grito atroador de "Independencia ou Morte", grito que, partindo das margens do Ypiranga, percorreu as plagas e as florestas do brasileiro soló.

O monumento projectado, cuja primeira pedra foi collocada ha tres dias na praça da Republica, ali fica para a prova de nossas festas.

As flores murcham, os sons dos hymnos e das harmonias musicaes perdem-se no espaço; mas o monumento, de pedra ou de bronze, atravessará os seculos, para attestar á posteridade, que soubemos honrar as cinzas dos nossos antepassados, cujos sacrificios levaram ao extremo, para dar-nos uma patria livre.

Concluindo, penso que não devemos encerrar a ultima sessão sem dirigir uma saudação a esta bandeira, que pela iniciativa do Instituto representa o emblema do Estado, por decreto do Governo. E' nella que vimos a cruz, o signo de nossa crença religiosa, cruz em que Christo, o maior dos libertadores, extendeu os braços para redimir a humanidade.

Ergamo-nos, senhores; ergamo-nos e digamos com toda a expansão de nossa alma, com todo o enthusiasmo: (*Todos se levantam*).

—Salve! bandeira pernambucana, symbolo dos nossos direitos, legado dos nossos antepassados, arvorada nos campos das batalhas em prol da liberdade pelos martyres de 1817! Salve! (*Palmas*).

Durante a solemnidade tocou uma banda de musica do exercito.

Todos os camarotes de primeira, segunda e terceira ordens estavam replectos de cavalheiros e familias.

No palco, além dos socios, estiveram os srs.: senador João Ribeiro de Britto, por si e como representante do exmo. sr. dr. Lauro Muller, ministro do exterior; dr. Antonio Ribeiro de Castro Lobo, representante do

sr. ministro da Agricultura; cel. Alfredo de Britto Carvalho, commandante superior da guarda nacional, por si e pelo general Manoel Antonio da Cruz Brilhante, commandante superior da guarda nacional na capital federal; dr. José Cesario de Mello, por si e pelo sr. inspector de portos, rios e canaes; desembargador Benicio Tavares, representante do Estado do Amazonas; dr. Manoel Dantas, representante do Estado e do Instituto Historico do Rio Grande do Norte; dr. João Elycio, representante do Estado de Santa Catharina, do Instituto Historico de seu Estado e da Faculdade de direito de Porto Alegre; padre Francisco Valdevino Nogueira, representante do Estado do Ceará, do exmo. sr. arcebispo de Fortaleza e do Instituto historico do Ceará; padre João de Barros Uchôa, director do Collegio archidiocesano de Olinda; dr. Nestor Lima, representante do Instituto historico de Natal; capitão Vicente Thiago de Figueiredo representante do Club Naval; dr. João da Cruz Ribeiro, representante do "Diario Official"; Alfredo Horcades, Barros Barreto, Sergio de Araujo, pelo corpo discente da Academia de direito do Recife; dr. Thomé Gibson, representante do Estado do Pará e Museu nacional; Ferreira de Mello, representante do Atheneu Pedro II de Manáos, dr. Simões Barbosa, representante da Faculdade de medicina do Rio, e Aurelio Cardoso

Noticiando o encerramento das festas, o *Diario de Pernambuco* publicou a seguinte nota editorial entrelinhada:

"Encerrou-se hontem a parte principal das brilhantes festas promovidas pelo Instituto archeologico, em solemnição ao centenario do movimento de 6 de Março, precursor de nossa independencia e do regimen republicano.

E' digno de registro que durante estes trez dias de festas, não obstante os boatos aterradores espalhados, não houvesse a menor alteração da ordem publica.

Tudo correu em paz, na maior calma e em perfeita distincção.

Com os moços dos tiros dos outros Estados, fraternisaram os jovens pernambucanos que se educam militarmente, sempre em plena cordialidade.

Além da proveitosa lição civica que o Instituto archeologico proporecionou á mocidade, para venerar sempre a memoria dos que se tornaram grandes e souberam morrer por um ideal elevado e puro, alguma cousa mais aqui fica, como marco da passagem do 1.º centenario do 6 de março de 1817.

Ficará o monumento que vae ser erguido na praça da Republica, ende foram garroteados os patriotas; estará sempre a lembrar á nova geração o culto que nos devem merecer os nossos heroes. Ficará a memoria dessa solemnidade, transmittida de geração a geração. Ficará finalmente bem assignalado que, com a passagem do centenario, foram abertas cerca de trinta escolas publicas em nosso Estado, recebendo cada uma o nome de um dos defensores do ideal republicano de 1817.

Como bem disse o presidente do Instituto archeologico, na sessão de encerramento de hontem, os pernambucanos se esforçaram por fazer uma commemoração digna.

Fizeram: conseguiram fazel-a. Devemos felicitar-nos pelo realce e a significação das festas."

Exposição de Flores e Fructas

981.341

Fez parte do programma das festas, durante tres dias, uma exposição de flores e fructas, no theatro Santa Isabel.

Della se encarregaram, com o maior desvelo, os srs. coronel Apollonio Peres e dr. Thomaz Coelho.

Grande incremento lhe deu o exm. sr. dr. José Rufino Bezerra Cavalcanti, ministro da agricultura;

JN-00014437-4

125-133

auxiliando o Instituto com seis contos de reis para as festas.

A exposição occupou o vestibulo do theatro, onde foi collocada uma fonte luminosa de grande effeito, os corredores do theatro e o salão de luxo.

A ella se refere o *Diario de Pernambuco* nas seguintes notas:

Constituiu uma nota distincta das festas a magnifica exposição de flores e fructas, organizada pelos srs. dr. Thomaz Coelho e cel. Apollonio Peres, no salão de honra do Santa Izabel.

A's 19 horas, com a presença de innumeradas familias e pessoas de distincção, foi aberto o salão á visita publica. Este apresentava uma disposição seductora e artistica.

Ao centro, em mobiliario apropriado, estendiam-se os mostruarios de variadas fructas do Estado encimados por jarros contendo flores.

De lado, os expositores arranjaram entre diversos vasos de crotons, cada qual mais bello, os mais attraentes specimens de floricultura, seleccionados com

Agn. Affonso Christino — Rosas.

José Ferreira Marques — Rosas.

Mme. Smesthurst — Rosas.

Eduardo Lima Castro — Rosas e plantas ornamentaes.

Elisa Lobo — Plantas de ornamentação.

Dr. Ambrosio Machado — Orchidéas (hybrida).

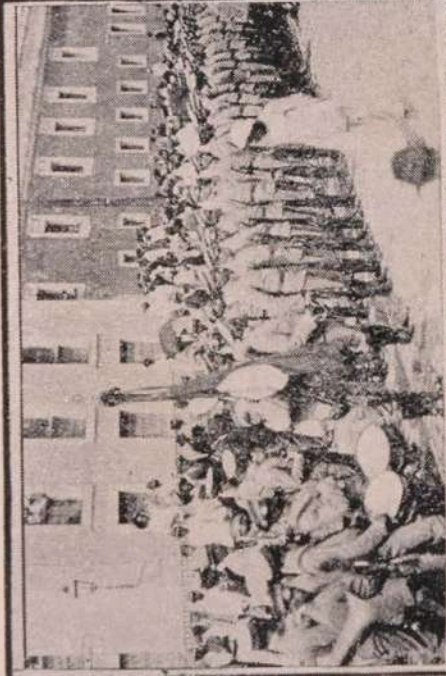
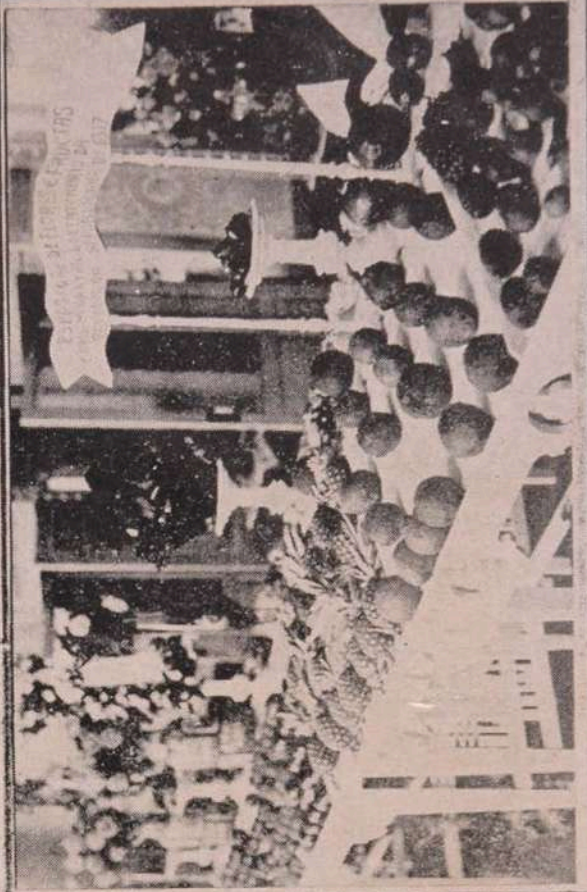
1.^a secção — 2.^o grupo — (Flores artificiaes.) —
Paulo de Souza — Roseira com flores e iris.

Melle. M. G. — Corbeille de flores de muito gosto artistico.

Em armações especiaes de madeiras figuravam as orchidéas raras e os mais encantadores typos de rosas.

Eis a lista completa dos expositores com os seus productos:

1.^a secção — 1.^o grupo — (plantas ornamentaes e flores naturaes). — *Flora Pernambucana* — Plantas or-



namentaes. plantas com flores. flores cortadas, corbeilles de flores naturaes. Alfafa em flor.

Thomaz Comber — Plantas ornamentaes e com flores, corbeilles naturaes e flores.

Dr. Feliciano da Rocha — Rosas, orchidéas.

Francisco Pinto — Plantas ornamentaes e flores.

Melle. Angelina Pirajá da Rocha — Rosas.

Mme. Annita Groschke — idem, idem.

Melle. Amelia Pirajá da Rocha — orchideas, nenuphars.

Mme. F. Needham — Idem, idem e corbeilles.

Coronel Ernesto de Amorim Silva — Rosas.

Claudio José Guerra. — Plantas ornamentaes, plantas floridas e flores.

Henrique Ledebour — Rosas.

Mme. Oswaldo Machado — Rosas.

Henrique de Oliveira — Rosas e plantas ornamentaes.

Melle. Angelita Lemos — Rosas.

D. Anna Valença — Corbeilles de flores de sêda e de pennas.

2.^a secção — (1.^o grupo) — (Fructas frescas — *Balthazar Cavalcanti* — Laranjas da Bahia e bannilha preparada.

Thomaz Comber — Mangas, aboboras, etc.

Joaquim Cavalcanti — Abacates e maracujás do Amazonas.

Manoel Alves do Nascimento — Mangas e uvas roxas.

Dr. Ambrosio Machado — Abricós e castanha do Pará.

Dr. Antonio Alves de Araujo — Laranjas selectas.

Engro. H. F. Machner — Mangas, uvas, sapotis.

Mercado Publico — Mangas, laranjas, melancias, sapotas, bananas diversas, melões, mamãos; pinhas; mangabas; araçás; côcos e abacates.

Antonio Ferreira — Manga "maçã".

Melle. Luiza Emilia Peres — Carambolas, ubaias, sapotis, grozellas, genipapos, cajás, oitis e outras.

- D. Anna Cardoso* — Sapotas e goiabas.
- Claudio José Guerra* — Melões "Palha-oblongo" e romãs.
- D. Assucina Macedo* — Mangas de Itamaracá de diversas qualidades.
- Sr. Anísio de Brito* — Manga "abacaxi" e laranjas "mimo do céu".
- Francisco Amorim Silva*. — Mangas "Primavera grande".
- Francelino Ramos* — Mangas, jaboticabas umbus, maracujás, pitangas, macahibas, pitombas, azeitonas e dendês.
- José do Rego Barros* — Jacas.
- Antônio Luiz* — Enorme cacho de bananas compridas.
- Município de Iguarassú* — Abacaxis.
- Nabor de Paula Gomes* — Bananas e cocos.
- Hardman & Comp.* — Cocos verdes.
- João Francisco da Silva* — Uva e jaboticabas.
- Irineu Leitão* — Bananas.
- Pontual & Comp.* — Monstruoso gerimun.
- Melle. Conceição B. Barretto*. — Abios.
- Melle. Zézé B. Barretto* — Laranja imperial.
- Melle. Dolores B. Barretto*. — Laranjas selectas e cidras.
- Melle. Maria Theresa B. Barretto* — Laranjas da Bahia e maracujá.
- Escola Agricola B. Suassuna* — Cidras.
- Mme. E. C. Almeida* — Diversos quadros de flores e fructos.
- Melle. Thereza B. Cavalcanti* — Artístico Jarrão.
- Melle. Aurea Vianna* — Quadros de fructas e legumes.
- Commendador J. Baltar* — Quadro de fructas.
- Melle. Maria Jovina da Fonseca* — Jarrões ornamentados e gruta com a virgem de Lourdes, ornamentada.
- Alumnas do collegio do Coração Eucharistico*. — Pinturas em madeira e corbeilles de fructas.

Noemia Julicta da Fonseca — Corbeille de fructas artificieaes.

A' entrada do theatro, transformada n'uma fonte luminosa de effeito deslumbrante, foram expostos tres triangulos de madeira com alfafa, cultivada pela empreza Flora Pernambucana, no engenho Bom Dia, em Morenos. E' o melhor typo de forragem para animaes, pela primeira vez cultivada neste estado com grande incremento.

A alfafa em Pernambuco dá doze safras por anno, emquanto que no Rio Grande do Sul e na Argentina só consegue dar quatro.

Os organisadores da exposiçãõ, srs. dr. Thomaz Coelho e cel. Apollonio Peres, conseguiram expor quasi todas as fructas deste Estado, inclusive o umbú, do sertão, maçaranduba do littoral, pirim, bananas de todas qualidades e outras fructas que não foram descriptas na catalogaçãõ.

O julgamento realizou-se no dia 7, dando o seguinte resultado:

Na 1.^a secção — Flores — 1.^o grupo foi a seguinte a classificaçãõ: *Diploma de honra* — "Flora Pernambucana." *Diploma de louvor*. — Thomaz Comber. *Diplomas de merito* — Commendador Francisco Pinto e mme. Annita Groscke, 2.^o Grupo — (arte floral) *Diploma de honra* — P. Paulo de Souza. *Diploma de louvor* — Mlle. M. G. *Diploma de merito* — Mme. Anna Valença.

Cultura especial de rosas:

Diploma de honra — Henrique de Oliveira. *Diploma de louvor* — Mlle. M. G. *Diploma de merito*. — Agr. Affonso Christino e José Ferreira Marques.

Na 2.^a secção — Fructos — 1.^o grupo, *Diploma de honra*. — Coronel Balthasar Cavalcanti. *Diploma de louvor*. — Thomaz Comber. *Diplomas de merito* — Major Joaquim Cavalcanti e Manoel Alves do Nascimento.

O jury superior, de accordo com o § 2 do art. 7 do programma, conferiu ainda os seguintes premios:

Diploma de Honra — Escola Agricola Barão de Suassuna, na Escada; *Diploma de louvor* — Engenheiro H. Machner; *Diploma de merito* — Mme. F. Needham, melles. Luiza Emilia Peres e Conceição de Barros Barretto, e dr. Irineu Leitão.

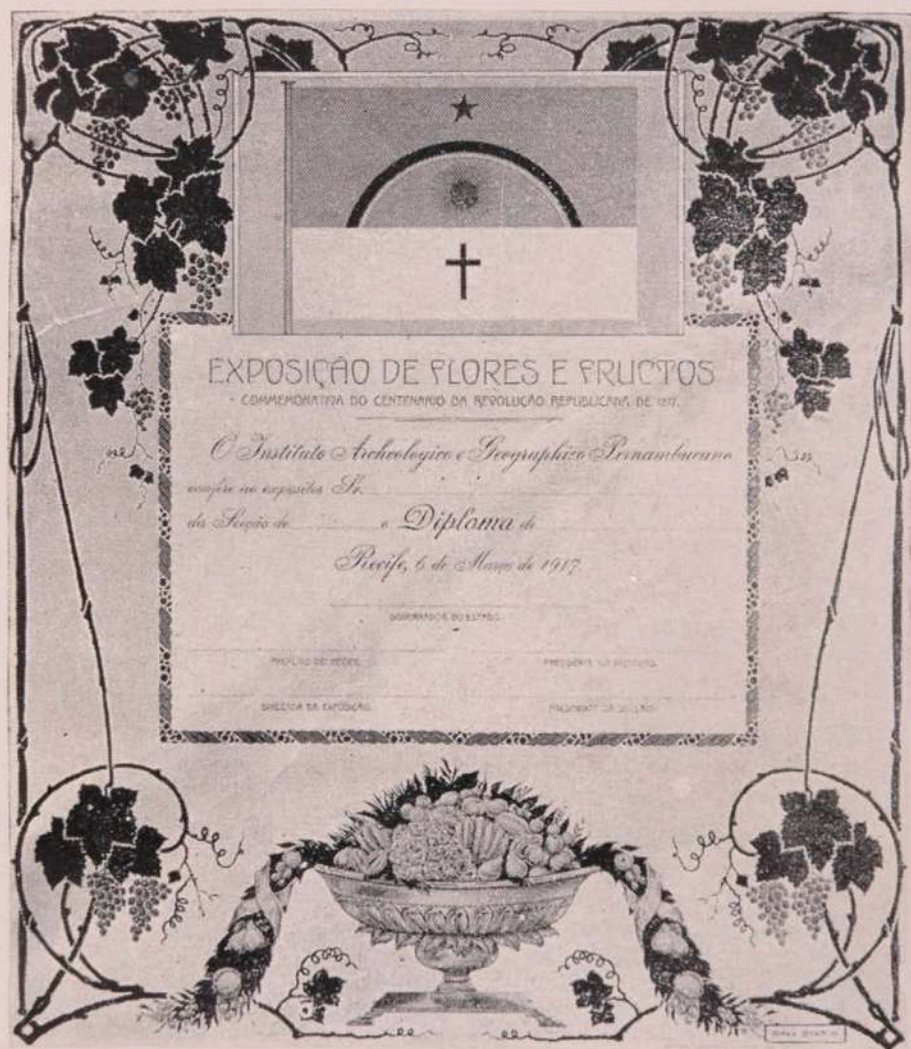
Os demais expositores receberam diplomas simples. Compareceram 63 concurrentes.

A Comissão Executiva das festas, de accordo ainda com o art. 9.º das disposições geraes do programma da exposição, conferiu diplomas a todos que a auxiliaram, incluindo os membros do jury e as redacções dos jornaes que se occuparam do assumpto, quer na capital como no interior.

A entrega dos diplomas foi feita com solemnidade a 3 de Maio, no edificio do Instituto Archeologico, perante o sr. dr. Manoel Borba, governador do Estado, e outras autoridades.

Foram estes os premios distribuidos, sendo que só receberam medalha de ouro com o diploma de honra os expositores Flora Pernambucana, P. Paulo de Souza, Henrique de Oliveira, coronel Baltrazar Cavalcanti e Escola agricola Barão de Suassuna;

DIPLOMA DE HONRA — (Medalha de ouro do centenario aos expositores): Exms. dr. José Rufino Bezerra Cavalcanti, dr. Manoel Antonio Pereira Borba, dr. Manoel A. de Moraes Rego, exma. sra. d. Antonietta Jacome de Araujo, exm. sr. general Joaquim Ignacio Baptista Cardoso, "Flora Pernambucana", cel. Balthazar Cavalcanti, Paulo de Souza, Henrique de Oliveira, Escola agricola barão de Suassuna, dr. Feliciano da Rocha, dr. Octavio de Freitas, dr. Luiz Gonzaga de Araujo, dr. Plinio de Araujo, Guilherme Dantas Bastos, commendador Barbosa Vianna, cel. J. Octaviano de Almeida, dr. Luiz Correia de Britto, dr. Gonçalves Maia, dr. Jayme Figueira, dr. Carlos Alberto, dr. Arnobio Marques, abbade d. Pedro Roeser, Joaquim Almeida, Manoel Almeida, agronomo Octavio



Fac-Simile do diploma da exposição de flores e fructas.

Gonçalves Peres, dr. Paulo de Amorim Salgado, cel. Othon L. Bezerra de Mello, major Arsenio Borges, major Manoel José de Sant'Anna Araujo, dr. Manoel de Oliveira Lima, desembargador Primitivo de Miranda S. Gomes, dr. Thomé Gibson, dr. Mario Melo, dr. Thomaz Coelho, cel. Pedro Soares, cel. Apollonio Peres.

DIPLOMA DE LOUVOR — (Medalha de prata do centenario) — Thomaz Comber, (2), melle. M. G., H. Ledebour, engenheiro H. Machner e mme. Anna Valença.

DIPLOMA DE MERITO — (Medalha de prata simples) — Commendador Francisco Pinto, mme. Annita Groscke, agronomo Affonso Christino, José Ferreira Marques, major Joaquim Cavaleanti, Manoel Alves do Nascimento; mlle. Luiza Emilia Peres, mme. F. Needham, mlle. Conceição de B. Barreto, dr. Irineu Leitão.

DIPLOMA DE DISTINÇÃO — (quadros) Mlle. Thereza B. Cavaleanti, mme. E. C. Almeida, mlle. Aurea Vianna, commendador J. Baltar, mlle. Maria Jovina da Fonseca, Noemia Julia da Fonseca e Collegio Eucharistico.

DIPLOMA DE ANIMAÇÃO — Mlle. Dolores B. Barreto, mlle. Maria Thereza B. Barreto, mlle. Zézé B. Barreto, João Francisco da Silva, Hardman & Cia, Nabor de Paula Gomes, municipio de Iguarassú, Antonio Luiz José do Rego Barros, Francelino Ramos Francisco Amorim Silva, Anizio de Britto, d. Assucina Macedo, Antonio Ferreira, dr. Antonio Alves de Araujo, Eduardo de Lima Castro, mme. Smethurst, mlle. Angelita Lemos, mme. Oswaldo Machado, Claudio José Guerra, cel. Ernesto de Amorim Silva mlle. Amelia da Silva Rocha mlle. Angelina da Silva Rocha, dr. Ambrosio Machado, d. Anna Cardoso da Silva, Pontual & Primo e Elisa Lobo.

ESCOLAS PUBLICAS

Querendo commemorar a passagem do centenario com a fundação de escolas, num paiz em que o anal-

phabetismo é conhecidamente a maior chaga, o Instituto Archeologico, por seu secretario, telegraphou aos juizes de direito, prefeitos, presidentes de conselhos e vigarios dos municipios do interior, pedindo-lhes uma acção conjuncta e harmonica para que a 6 de Março de 1917 fosse fundada ao menos em cada municipio uma escola publica.

A idéa obteve acceitação por parte dos poderes publicos e pela iniciativa de particulares.

A primeira resposta obtida foi do padre Benigno de Lyra, vigario de Garanhuns, louvando-a e declarando que obteria a fundação duma escola, na cidade de sua residencia.

Segundo communicação recebida pela secretaria do Instituto Archeologico, fôram a 6 de Março de 1917, em homenagem aos heroes republicanos, inauguradas as seguintes escolas:

Recife — *José Luiz de Mendonça*; Agua Preta — *Padre Muniz Tavares*; Nazareth — *Padre João Ribeiro*; Correntes — *Domingos Theotônio*; Alagoa de Baixo — *Domingos José Martins*; Bom Concelho — *Domingos Theotônio*; Buique — *Leão Coroado*; Iguarassu' — *Domingos Theotônio*; Caruaru' — *Abreu Lima e padre Miguelinho*; Palmares — *Abreu Lima*; Bello Jardim — *Padre Roma*; Vertentes — *Padre Roma*; Petrolina — *Frei Caneca*; Pau d'Alho — *Deão Bernardo Portugal*; Goyanna — *Padre Roma*; Victoria — *Domingos Theotônio*; Quipapá — *José Luiz de Mendonça*; Amaragy — *Padre Roma*; Garanhuns — *Frei Caneca*; Triumpho — *Domingos Theotônio*; Salgueiros — *Leão Coroado*; Flores — *Leão Coroado*; Villa Bella — *Leão Coroado*; Exu' — (Villa Tabocas) *Barros Lima*; S. José do Egypto — *Padre Miguelinho*; Belmonte — *Padre Roma*; Jaboatão — *Barros Lima*; Gloria de Goytá — *Padre Roma*; Floresta — *Abreu Lima*; Granito — *Padre Roma* e Custodia — *Padre Tenorio*.

Alem destas, foi inaugurada em Socorro, no dia 5, a escola estadual *Domingos José Martins*.

O exm. sr. dr. Nilo Peçanha, presidente do Estado do Rio, deu o nome de *Escola Seis de Março* à Escola annexa á normal de Campos.

O exm. sr. dr. Amaro Cavalcanti, prefeito do Districto Federal, deu o nome de *Padre Miguelinho* a um grupo escolar.

CAMPEONATO DE FOOT-BALL. — Sob os auspícios da Liga Sportiva pernambucana, houve na primeira quinzena de março um campeonato de *foot-ball* entre jogadores pernambucanos e o *Club do Remo* do Pará, composto dos seguintes moços:

srs. Francisco Saltão, Rodolpho Chermont, Luiz Silva, captain, Manoel Motta (Duca), Tobias Xavier, Lutgares Castro, Jayme Bordallo, Americo Gama, Infante de Castro, Cicero Costa, Carlos Silva e Archimedes Lalor.

Como reservas vieram os srs. Humberto Macedo e Onias da Silveira.

A essa delegação offereceu o Instituto Archeologico uma taça, no campo da Liga Sportiva, servindo de orador o dr. Pedro Celso.

O premio disputado foi uma linda estatua de bronze, adquirida pelo Instituto Archeologico.

Conquistou-o o Club do Remo.

Durante o tempo em que aqui estiveram os distinctos moços, foram cumulados de gentilezas

Os Martyres

981

JN-00014438-2

Quatorze chefes pereceram em consequencia do movimento de 1817: Padre Roma, padre Miguelinho, padre João Ribeiro, padre Souza Tenorio, Barros Lima, Amaro Gomes Coutinho, Ignacio Leopoldo, padre Antonio Pereira, José Peregrino de Carvalho, Francisco J. Silveira, José Luiz de Mendonça, Domingos José Martins, Antonio H. Rabello e Domingos Theotonio.

133-164

Innumeros outros estiveram presos nas cadeias desta cidade e da Bahia e a maior parte foi deportada para Montevideo.

PADRE ROMA — Ao tempo em que estudava humanidades no Recife, já José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima era conhecido pela sua *notavel intelligencia e caracter independente e um pouco aventureiro*. E' possivel que a disciplina religiosa, a que esteve sujeito durante 23 annos, ao passo que lhe deu rumo ás inclinações intellectuaes, tenha refreado até certo ponto a indole altaneira do joven preparatoriano, mas aquellas qualidades fundamentaes de caracter com que logo se tornou conhecido como estudante, essas o acompanharam durante toda a vida e, se é innegavel que não poucas vezes lhe acarretaram prejuizos e desgostos, não é menos certo que deram causa tambem á sua morte gloriosa e, portanto, á sua gloriosa immortalidade. Foi, sem duvida, a propensão á aventura e á novidade que o levou na juventude a percorrer a Europa, e foi essa propensão, alliada á independencia de caracter, que o arrastou á ultima viagem que havia de ser a ultima aventura, em busca do desconhecido, e em torno do perigo, mas, felizmente para sua memoria e para nossa veneração, a serviço da liberdade.

Nasceu Abreu e Lima em 1768 na cidade do Recife, sendo seus pais o capitão Francisco Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima e D. Rosa Maria de Abreu Grades. Encetou seus estudos na propria cidade natal e, abraçando a vida religiosa, entrou para o Instituto Carmelitano, professando em 1784 no convento de Goyanna, sob o nome de frei José de Santa Rosa. Mais tarde, obtida a licença de seus superiores e á custa de seus pais, seguiu para Portugal, onde se matriculou no curso de theologia, de que obteve a laurea de bacharel, conferida pela Universidade de Coimbra. De Portugal, terminados seus estudos, passou-se á Italia, em cuja capital recebeu ordens sacras das mãos do cardeal Chiamonti, que occupou depois a cadeira pontificia com o

Arquivo Público do Rio de Janeiro
Arquivo do Ministério da Justiça
Montenegro

Miguel Joaquim d'Almeida Lages
Secretário de G. Provisório

Domingos Teodoro Jorge

Domingos José Martins

José Luis de Almeida

Pedro de Souza Tenorio

Dr. Dom Teodoro Jorge
Garcia

Dr. Teodoro José Campelo

Dr. José Martiniano de Almeida

Manoel de Carvalho Passos de Andrade

Fac-simile de assignaturas de documentos existentes
no Archivo Publico do Rio de Janeiro.

nome de Pio VII. Em Roma foi frei José de Santa Rosa acolhido com a estima e o respeito que lhe engrandeceram suas qualidades intellectuaes e de caracter, realçadas aliás, por uma illustração vasta, que elle não deixava de aprimorar continuamente. Ahí, na capital do catholicismo, resolveu o padre Abreu e Lima deixar a vida monachal e, obtendo do summo pontifice o breve de secularização, voltou a Pernambuco e tratou da nulidade da sua profissão religiosa, o que, afinal, conseguiu em 1807, por sentença dos tribunaes ecclesiasticos da provincia. Esses apontamentos acerca da ordenação e secularização de Abreu e Lima, segundo Pereira da Costa, que principalmente nos serve de guia nas presentes notas biographicas, foram com todo o cuidado extrahidas dos archivos da Ordem Carmelitana pelo padre Lino do Monte Carmelo Luna, o que corrige a epinião sem fundamento do auctor dos *Martyres pernambucanos*, para quem Abreu e Lima era um apostata que, depois de longa ausencia da Patria, a ella voltou, dizendo-se secularizado e ordenado pelo papa, mas *sem apresentar certidões*.

A demora de Abreu e Lima na Europa foi inteiramente consagrada á sua propria illustração e com especialidade ao cultivo das linguas vivas e mortas, a que de ha muito dedicava sua predilecção. Tornou-se, assim, notavel no conhecimento do latim e do grego, do italiano, do francez e do inglez. Do seu amor á capital italiana e do enthusiasmo com que della constantemente falava, originou-se a alcunha de *Padre Roma*, que lhe deram seus conferraneos e com a qual passou á posteridade.

Em 1808 abriu o illustre patriota sua banca de advocacia na cidade do Recife, profissão em que se tornou insigne, a tal ponto que era reputado um dos primeiros advogados da capital pernambucana numa época em que floresciaam causidicos e juristas da fama de José Luiz de Mendonça, Antonio Carlos e outros. Teve numerosa clientela e reputação equivalente a seu merito. Occupou o cargo de promotor de ausentes e capellas

e foi condecorado com o habito da Ordem de Christo. Quando chegou a Pernambuco a noticia da vinda ao Rio da familia real portugueza, Abreu e Lima convocou os seus amigos e elientes a uma reunião em que propoz que se não recebesse o principe regente, D. João, *sem que elle se prestasse a outorgar uma constituição politica*. A idéa não foi acceita, mas serve agora para provar que já nessa época a liberdade era um aneio, mais do que simples cogitação mental, mais do que um desejo vago na alma do illustre patriota.

Ligou-se mais tarde á conspiração que tramara a independencia e foi um dos seus mais ardorosos e devotados servidores. Quer pelos seus attractivos pessoases de sympathia e franqueza, quer pelos seus talentos oratorios — qualidades que o tornavam eloquente e persuasivo na communicação das idéas, foi elle um dos cidadãos que mais conquistaram e se distinguiram na propaganda da revolução.

Assim, iniciado o movimento a 6 de março de 1817, seu procedimento confirmou o conceito em que era tido e as esperanças nelle depositadas.

Fez parte de quasi todos os destacamentos que repelliram as reacções monarchicas do momento, e esteve ao lado de Domingos Theotônio Jorge, na expedição contra a fortaleza do Brum. Foi um dos eleitores do governo provisório — unico e fragil corpo de delicto justificativo da sentença de morte contra elle proferida; e espontaneamente offereceu-se para levar á Bahia as instrucções dos republicanos aos seus consocios da capitania do conde dos Arcos. Era uma missão espinhosa e arriscadissima, o que, em vez de intimidar, incitou, pelo contrario, o animo de Abreu e Lima.

“A commissão destinada para a Bahia — diz o historiador da revolução — apresentava muitas difficuldades; requeria-se por conseguinte na pessoa para ella nomeada dotes muito mais relevantes, isto é, desprezo da vida, patriotismo ardente e entendimento sagaz; taes dotes possuia o padre José Ignacio Ribeiro, por autonomia Roma.”

Rodrigo José Ferraz de
Albuquerque Maranhão.

Antônio Henrique Rebelo

José de Barros Lima

Pedro da Silva Pedrosa
Col. det. Bat. 1^ª

Fr. João do Amor Divino Rebelo

Fac-simile de assignaturas de documentos existentes
no Archivo Publico do Rio de Janeiro.

Munido de credenc'as e proclamações, partiu Abreu e Lima para seu destino atravez do territorio goano, que nesse tempo fazia parte da capitania de Pernambuco. Homem de seu natural franco e destemido, não occultou jámais o fim da sua viagem, antes fez della um novo ensejo de propaganda. Nas villas e povoações por onde passava confabulava com os habitantes, aconselhava os parochos a se valerem da influencia sacerdotal *para instruir os fies no odio á monarchia*, e estimulava as auctoridades municipaes e os cidadãos mais conspicuos a darem o exemplo de amor á liberdade manifestando publicamente seus sentimentos patrioticos. Em Serinhãem occupou o pulpito, pregando com calor e convieção as vantagens do systema republicano. Desta sorte, e como alguns dias consumiu neste trabalho de catechese para a revolução, ainda não tinha deixado o territorio alagoano e já o sanguinario senhor da Bahia se preparava para readquirir as graças reaes á custa do incauto propagador.

Emquanto, pois, o padre Roma tomava em Maceió a balsa que o devia conduzir á capital bahiana, o conde dos Arcos, tomando todas as providencias para que a ambicionada presa não lhe escapasse, destaca patrulhas pelo littoral, ordena que se examinem com cuidado todas as pessoas que desembarcarem no porto e, dando os signaes caracteristicos do enviado da revolução, manda que o prendam logo que pise em terra.

"Certamente navegara o Roma, diz Muniz Tavares, presumindo encontrar nos bahianos a mesma disposição liberal que havia observado por todos os logares por onde havia passado.

Elle tinha sempre ouvido falar com reverencia dos personagens que trabalhavam ali na regeneração do Brasil, e pouco, ou nenhum apreço fazia do conde dos Arcos, que mais se dedicava aos passa-tempos feminis do que aos negocios do Estado. A balsa em que se embarcou, distinguia-se como todas as de Pernambuco, pela fórmula da vela; este distinctivo em tal occasião o atraçoara; qualquer que apparecesse no litoral da Ba-

lia, não podia deixar de excitar suspeita, e ser sujeita a rigorosa busca."

Um contingente posto na barra de Itapoam tinha notado que uma balsa pernambucana bordejava na tarde de 26 de março e acompanhou-lhe desde então os movimentos, de sorte que, quando, ao escurecer, como uma mariposa cansada do vôo em torno as chammas que a seduzem e amedrontam, a pobre ave da liberdade arriou as azas brancas, os janisaros de D. Marcos de Noronha caíram-lhe em cima como fazem os abutres sobre a pomba ferida que já não pode livrar-se.

"No dia seguinte, commenta o grave Mello — entrou o padre Abreu e Lima para o carcere, onde foi insultado pelos portuguezes que emigraram do Recife, e que o iam reconhecer para attestarem ao governador ser aquelle mesmo o enviado de Pernambuco! Os bahianos compromettidos na revolução tremeram ao saber de tão triste e lamentavel acontecimento; porém, o illustre patriota teve uma especie de presentimento, a feliz resolução de lançar ao mar toda a correspondencia e demais documentos compromettedores aos bahianos, quando se viu irremissivelmente perdido.

Verificada a identidade e tendo já o conde dos Arcos em seu poder o corpo de delicto, isto é, a acta da eleição do governo provisorio, na qual Abreu e Lima figurava em segundo logar, instituiu-se a comissão militar, presidida por aquelle governador, e perante esse tribunal incompetente e arbitrario compareceu algemado o illustre martyr. Protestou contra a illegalidade do fóro a que o submettiam, nobremente recusou-se a dizer a quem eram dirigidas as cartas que lançara ao mar, e, instado para que declarasse o fim de sua viagem á Bahia, respondeu, aliás sem faltar á verdade, que ia tratar da defesa de seu filho, José Ignacio, capitão de artilheria, preso então naquella capital.

Condennado á morte, ouviu sem tremer a tragica sentença, não deu aos algozes o lugubre prazer de contemplar-lhe o mais leve signal de desanimo. Transferrido ao oratório da prisão, recebeu com humilde sereni-

dade os soccorros da sua religião e assim preparado para a morte, com passo firme e sem uma unica palavra de queixa ou de accusação, antes praticando tranquillamente com os sacerdotes que o acompanhavam, marchou, em 29 de março de 1817, para o logar do supplicio, o campo de Sant'Anna, onde encontrou o filho, obrigado por um requinte de estúpida maldade do tyranno, a assistir á infame execução.

Inutil crueldade, que nem sequer amedrontou os valorosos rebentos do fogoso patriota!

José Ignacio, deixando a patria aviltada pela prepotencia real, pode dizer-se que saiu d'ali para pôr á sua espada ao serviço da liberdade, em cujas fileiras effectivamente, e com assignalada distincção, militou ao lado do grande Bolivar; e o debil Luiz, companheiro de prisão e testemunha do paterno tormento, conspirou em 1829, e preso durante dois annos, conspirou ainda em 1834; preso novamente, conspirou em 1835; em 1840, em 1848; e desta ultima conspiração pôde dizer-se que morreu, pois estando gravemente enfermo, succumbiu poucos d'as depois que lhe varejaram brutalmente a casa, perdendo a falla no mesmo dia em que era victima desse derradeiro insulto.

Inutil crueldade, portanto, visto que tambem o foi para a nobre victima. Effectivamente, chegado ao extremo passo, sem arrogancia, e antes com humilde compostura, filha da coragem firme e calma, pediu aos soldados que lhe atirassem no coração, que era a fonte da vida. Elle queria evitar que, com a demora da morte, nos ultimos estertores da agonia lhe viesse ao coração algum máo sentimento contra os seus algozes.

Igual pensamento deve ter occorrido quasi tres mezes depois á alma recta e suave do padre Miguelinho, quando lhe chegou a vez de pagar com a vida seu entranhado amor á fraternidade humana!

Uma descarga atroou lugubrememente os ares santificados pelo duplo sacrificio patriotico e paterno, emquanto o solo bahiano recebia no seio o sangue palpitante e fertilizador do primeiro martyr de 1817!

“O seu porte, em presença do conselho, no oratorio e durante o trajecto para o logar do supplicio, escreve José Ignacio, foi sempre o de um philosopho christão, corajoso, senhor de si, mas tranquillo e resignado. Suas faces não se desbotaram senão quando o sangue que as tingia corren de suas feridas, regando o solo onde seis annos depois se firmou para sempre a independencia de sua patria.”

“Nô momento em que escrevo estas linhas, assalta-me tódô o horror daquella tremenda noite, em que fui quasi companheiro da victima: era eu que parecia o condemnado e não ella. Tenho visto morrer milhares de homens nos campos de batalha e muitos nos supplicios, mas nunca presenciei tanta coragem, tanta abnegação da vida, tanta confiança nos futuros destinos da Patria, tanta resignação, emfim; era meu pai quem me animava, porque eu parecia inconsolavel: uma mão de ferro me arrancara o coração; meu pranto e a minha dor commoviam a todos que se achavam presentes; era mister separar-me então para dar allivio ás minhas lagrimas, e me conduziam a outra prisão de onde voltava depois, a poder das minhas supplicas, até que foi forçoso me arrancarem de seus braços para sempre.”

Ao terminar o artigo sobre o padre Roma, no seu *Diccionario biographico*, escreveu Pereira da Costa o seguinte:

“O padre Abreu e Lima não só tem direito, pelos seus feitos e patriotismo, valor e abnegação, a honorifica menção nas paginas da historia patria, como tambem pelos seus meritos, illustração e sabedoria. Como orador sagrado, deixou um nome respeitavel; e ainda que bem poucas vezes sub'sse á tribuna, em virtude dos seus labores da vida forense, naquellas occasiões em que se fez ouvir surprehendia o auditorio com sua eloquencia, sua voz poderôsa e harmoniosa, e o estylo claro e elegante com que adornava os seus pá-negyricos; tudo isto os constituia verdadeiros primores de eloquencia sagrada.

O padre José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima dei-

xou muitos manuscritos, principalmente sobre melhoramentos de agricultura e tambem um commentario ás Ordenações do Reino, considerado um dos melhores expositores do direito patrio; porém, infelizmente todos esses trabalhos desapareceram."

Quando hoje, volvidos com annos sobre o seu martyrio e sobre o nobre exemplo que nos deixou, lemos a sentença em que elle, como seus companheiros, é chamado de *infame e traidor*, substituímos irrevogavelmente estas tristes palavras pelas de patriota e benemerito, e longe, nesse passado sombrio de oppressões e desmandos, desaparecem dos nossos olhos os potentados e o que fica é, para nosso reconhecimento e saudade, o brilho longinquo da corôa de martyrio com que elle, como Martins, Miguelinho, Theotônio, Henriques e outros, santificou a sua memoria.

Honremol-a, pois. — *Alipio Bandeira.*

PADRE MIGUELINHO — Refere Lamartine, na sua *Historia dos Girondinos*, um episodio interessante, occorrido com Legrand d'Alleray, membro do parlamento, velho integro, cercado de estima e carregado de annos.

Conduzido á barra do tribunal revolucionario, é ahí accusado de ter entretido correspondencia com seu filho desterrado e de lhe haver transmittido soccorros no exilio.

Era accusador publico Fouquier Tinville, o qual, ao deparar com o venerando ancião, lhe faz um signal de intelligencia para dictar-lhe com o olhar e com o gesto a resposta que o deveria salvar.

O padre Miguelinho — conhecido tambem por frei Miguelinho, não só devido á sua estatura como por ter sido frade carmelita — nasceu em Natal (Rio Grande do Norte) a 17 de Setembro de 1768. Era filho legitimo do capitão Manuel Pinto de Castro, portuguez, e d. Francisca Antonia Teixeira, natalense. Miguelinho teve oito irmãos; dos quaes seis varões — tres, como elle, padres.

“Eis a carta que te compromette, diz Fouquier, mas eu conheço a tua letra e muitas vezes, quando tiveste assento no parlamento, cahiram sob os meus olhos papeis escriptos por ti: esta carta não é tua: a tua letra está visivelmente falsificada.

—Enganas-te, responde Legrand, depois de alguma pausa, esta carta é do meu proprio punho.

Fouquier, confundido com esta resposta, que lhe derrota todos os planos de indulgencia, offerece-lhe uma nova taboa de salvação.

“Ha uma lei que prohibe, sob pena de morte, aos pais dos desterrados se corresponderem com os filhos e lhes enviarem soccorros; sem duvida ignoravas essa lei.

—Enganas-te, torna-lhe ainda Legrand, eu não a ignorava, mas, anterior a esta, eu conhecia outra lei superior, gravada pela natureza no coração de todos os pais, que lhes manda sacrificar a vida para soccorrer a seus filhos!

A mesma serenidade, o mesmo estoicismo, a mesma

Miguelinho residia em Pernambuco desde a idade de 16 annos em que professou no convento do Carmo. Es: teve em Lisboa, regressou a Pernambuco em 1800 e secularisou-se.

Na opinião de Dias Martins, era o mais notavel orador sacro de seu tempo.

Foi associado da academia de Suassuna desde 1802 —provavelmente um dos fundadores.

Julgado pela commissão militar da Bahia presidida pelo conde dos Arcos, foi condemnado a morte no dia 11 de Junho de 1817.

Ouvio ler a sentença em silencio, sem o menor signal de impaciencia, entregou-se á pratica de actos sagrados e no dia seguinte foi arcabuzado no campo da Polvora, oje praça dos Martyres, no mesmo local em que tombaram o padre Roma e José Luiz de Mendonça.

Em Setembro de 1916, por occasião do 5.º congresso de Geographia reunido na Bahia, a requerimento do dr. Mario Melo, representante do Instituto Archeologico pernambucano os congressistas fizeram uma romaria civica ao local em que cahiram os denodados martyres da liberdade.

coragem revelou o padre Miguelinho perante a commissão militar, a que comparecera, para ser julgado, como um dos patriotas de 1817.

Presidia a commissão o conde dos Arcos, o qual, condoido de sua sorte e admirado do silencio que elle guardava sobre todas as perguntas que se lhe fazia, lhe disse em plena sessão: "Não pense o accusado que somos alguns barbaros e selvagens, que somente respiramos sangue e vingança: diga alguma cousa em sua defesa."

E, continuando elle silencioso, pergunta-lhe o conde, como que querendo insinuar-lhe uma evasiva.

"O accusado não tem inimigos?"

Não seria possivel que elles lhe falsificassem a firma e com ella subscrevessem todos ou parte dos papéis que o compromettem?

—Não senhor, fallou pela primeira vez o padre Miguelinho, não são contrafeitas; as minhas firmas são todas authenticas e por signal, em uma dellas o *o* do meu sobrenome Castro ficou metade por acabar, porque me faltou o papel.

E calou-se recusando outra qualquer resposta; mas nesse mesmo silencio, perante o conde dos Arcos, como que se adivinhavam as palavras de Legrand d'Alleray a Fouquier Tinvile:

—Cumprí o vosso dever, como eu cumprí o meu.

E se esse rasgo de coragem foi o epilogo glorioso de sua vida de martyr, não se impõe menos á nossa admiração o acto de devotamento, com que o padre Miguelinho, antes de ser preso, se sacrificou pelos seus compaheiros de infortunio na revolução de 1817.

Estava em campo a contra-revolução... e Domingos Theotónio, á frente de uma pleiade de patriotas, deixava o Recife, levando o desespero n'alma e o desanimo cruel a lavar-lhe no espirito."

Era uma procissão de bravos, que sem esperar pela decisão das propostas de capitulação, apresentadas ao almirante Rodrigo Lobo, abandonavam a capital ao furor dos vencedores, em direcção a Paulista,

Dessa heroica jornada fazia parte o padre Miguelinho, o qual, ao chegar a Olinda, resolveu separar-se de seus companheiros, não para fugir aos perigos que os ameaçavam, mas para melhor servir á causa republicana.

Havendo occupado o lugar de secretario do governo provisório, estava de posse de importantissimos documentos, e o seu intuito, tomando aquella resolução, era destruir esses papeis e salvar a muitos da morte, embora, para fazel-o, arriscasse a propria vida.

Com este pensamento, pois, corre sem demora á casa em que residia, e estreitando nos braços a sua idolatrada irmã, que se lhe apresenta debulhada em lagrimas, exclama com voz commovida:

"Não chores, minha irmã; estás orphã: tenho enchido os meus dias; logo me virão buscar para a morte; entrego-me á vontade de Deus; nelle te dou um pai que não morre."

Subito porem, como se não devesse perder tempo com essas expansões de amor fraterno, acrescenta:

"Aproveitemos a noite: vem imitar-me: ajuda-me a salvar a vida a milhares de desgraçados."

E conduzindo-a para a sala, em que se achavam os autos e papeis relativos á mallograda revolução, ahi passa a noite de 20 de maio a examinar os de mais responsabilidades para os que se haviam compromettido naquelle movimento, inutilizando todas as provas de criminalidade que existiam em seu poder contra esses sonhadores de uma patria livre.

Cumprida tão patriótica quão humanitaria missão, esperou que o dia amanhecesse e resignado aguardou que se verificassem, a seu respeito, as ameaças de morte, com que procuravam abater-lhe o animo varonil.

Estas felizmente não se realizaram; e, apesar de estar ainda em tempo de fugir á sanha de seus perseguidores, deixou-se ficar em Olinda, onde foi preso, caminhando satisfeito para o carcere, por se haver devotado pela salvação de seus companheiros, desviando-lhes da cabeça o cutello do algoz. — *J. B. Regueira Costa.*

PADRE JOÃO RIBEIRO — Oliveira Lima já classificou o movimento de 6 de Março de 1817 "a mais gloriosa de todas as revoluções que no Brasil ocorreram, a que foi a mais levantada de idéas, e a mais liberal nos processos." Ha sempre n'essas rebeldias, precedidas de doutrinação, pensadas, reflectidas, que explodem quando as idéas amadurecem, uma pessoa que se destaca, um cerebro que tudo movimenta e attrae os que commungam as mesmas idéas.

Para nós, a grande cabeça da revolução de 1817, que soube doutrinar, que se mostrou forte nos momentos de perigo e grande até na morte, foi o padre João Ribeiro Pessoa de Mello Montenegro.

Filho de Manoel de Mello Montenegro e d. Genebra Francisca Pessoa, nasceu em Tracunhaem a 28 de Fevereiro de 1766.

Era tão intelligente quanto pobre.

O sabio botânico dr. Arruda Camara tomou-o ao seu serviço, aproveitou-lhe as aptidões de desenhista e deu-lhe regular instrucção em Itambé, onde funcionava o Areopago, como escola republicana para os filhos de Pernambuco e Parahyba e donde se irradiaram as "academias secretas", que semearam a democratização no Recife e cidades adjacentes.

Abraçando a carreira ecclesiastica, João Ribeiro foi professor do Seminario de Olinda e logo depois transferido para a "Academia do Paraizo", pondo a sua intelligencia a serviço dos novos idéaes.

Denunciado como conspirador, teve ordem de prisão e por ser dos mais notaveis, no dia immediato ao levante, em seu nome recahio a escolha para um dos membros do governo provisório.

Tollenare, extrangeiro desapaixonado, a esse tempo no Recife, escreveu sobre o heroe, após sua eleição:

"O padre João Ribeiro, nutrido com a leitura dos philosophos antigos e modernos, só respirava pela liberdade, mais por amor d'ella, do que por ambição. Indignava-se de obedecer a vontades arbitrarías sem manifestar o desejo do mando. Arrastado pela leitura das

obras de Condorcet, testemunhava a mais alta confiança no progresso do espirito humano; a sua imaginação ia mais depressa do que o seu seculo e sobretudo adelantava-se muito á indole de seus compatriotas. Hoje, ergulha-se menos da honra de ser o primeiro magistrado do seu paiz do que dá gloria de ser o seu regenerador. Quizera, morrer, diz elle, agora que o meu paiz está livre. E' um exaltado desvairado."

Onde porem João Ribeiro se mostrou grande foi no declinio da revolução.

Mandou offerecer a Rodrigo Lobo a capitulação, que foi recusada. Só havia o remedio da fuga, salvando os companheiros. Reunidos os que restavam, formaram em linha, na tarde de 19 de Maio e, rumo do norte, marcharam a esmo sem lugar fixo para a residência. Enquanto Domingos Theotônio seguia a cavallo na frente da tropa, João Ribeiro caminhava a pé, com um sacco ás costas e a espingarda ao hombro, dando o exemplo da humildade. Era elle a unica esperança dos revolucionarios.

Fez parada em Paulista.

No dia seguinte o Recife seria occupado pelas forças leaes. Ficaria desfeito todo o seu sonho de democracia.

João Ribeiro bebeu veneno e não sentiu os seus effeitos.

Penetrou na capella, rasgou a coxa, introduziu o toxico e ajoelhou-se no pé do altar. Morreu em posição de quem ora. O coronel Hldefonso Jacome encontrou-o de mãos postas, perante Deus, a 20 de Maio, quando as fortalezas salvaram á bandeira portugueza.

Não quiz sobreviver á morte da liberdade.

Desenterrado tres dias depois, deceparam-lhe as mãos, mandando-as para Goyanna, e cortaram-lhe a cabeça que enfiaram n'um poste durante dois annos, junto ao pelourinho. Furtada por um francez que o admirava, occulta por muito tempo, essa reliquia faz parte dos thesouros historicos do Instituto Archeologico. — *Mario Melo.*

VIGARIO TENORIO — Filho de Manuel de Souza Santos e d. Brazida Tenoria dos Santos. Pedro de Souza Tenorio nasceu na cidade do Recife a 29 de Junho de 1779.

Estudou no Recife e em Lisboa, ordenou-se e foi nomeado vigário de Itamaracá.

Delle disse Koster, depois de muitos outros elogios: "E' um excellente homem que comprehende os seus deveres e que se esforça para os cumprir do melhor modo."

Era fervoroso adepto das idéas democraticas.

Proclamada a revolução de 6 de Março, os revoltosos pediram-lhe auxilio e vigilancia sobre o juiz de fora de sua parochia.

Tenorio armou-se, tomou conta da fortaleza sem precisar de derramamento de sangue, salvou a liberdade com a artilharia e prendeu o juiz.

Eis como Fernando Denis descreve a execução dos patriotas de 1817 e particularmente do padre Tenorio (Pereira Costa — Dic. Pernambucanos Celebres):

"Os condemnados, com o barão ao pescoço, largo tempo aguardavam que se reunisse a comitiva que devia acompanhá-los.

Os soldados que faziam parte da referida comitiva, marchavam como nos funeraes. Segundo o antigo uso, as confrarias chegaram a passos lentos, umas após outras, levando pendões, que ante os padecentes successivamente apresentavam.

Um ministro de capa e volta appareceu montado num cavallo preto e precedido dum alcaide vestido de encarnado, tambem a cavallo, tendo na mão uma vara amarella; um momento se presumio que se ia ler a sentença de morte; porem novas deputações do clero foram chegando e recitaram as orações das quarenta horas ante o portal da cadeia.

O acompanhamento poz-se em fim em marcha e atraz delle caminhavam os executores da alta justiça; estes eram dois pretos condemnados á morte, aos quaes se havia perdoado o ultimo supplicio, para que prestassem á justiça o seu terrivel ministerio.

Chegado que foi ao sitio da execução, o cura de Itamaracá, o padre Tenorio, vestido d'alva, ponde apenas dar

Foi nomeado adjunto do Secretario do governo provisório e cumpriu seu dever até a agonia da revolução.

Acompanhou o exército republicano em seu exodo para o norte a 19 de Maio e refugiou-se em Paulista.

Descoberto e preso, foi transferido para a cadeia.

Sabendo a sorte que o aguardava, resolveu suicidar-se. A falta de meios violentos, começou a recusar alimentação.

Defendeu-se entre outros com este simples argumento: O secretario da junta fôra José Carlos Mairink; elle, reu, apenas ajudante deste.

Mairink estava sôlto e exercendo emprego de confiança; como o adjunto ser condemnado a morte?

A comissão foi inexoravel. Tenorio foi condemnado á forca no dia 8 de Julho de 1817, entre outros motivos, por haver sido ajudante do Secretario!

Executado a 10 de Julho, cortaram-lhe a cabeça que foi conduzida para Itamaracá, e fincada num poste as mãos, que foram bem pregadas noutro poste, na villa de Goyanna. A cabeça de Tenorio está hoje no Instituto Archeologico, por offerta do arcebispo d. Luiz de Brito. —M.

JOSÉ DE BARROS LIMA. — Filho de paes nobres e abastados, José de Barros Lima nasceu em Olinda, em meados do seculo XVIII.

Seguindo a carreira das armas, foi despachado alferes porta-bandeira do regimento de linha em 1783.

Em 1800, depois dos maiores elogios pela sua boa conducta e merecimento, partio para Lisboa onde se matriculou no curso de mathematicas.

alguns passos para a forca; estava debilitado pela enfermidade. Frades franciscanos o sustinham e um beneditino o acompanhou até junto da fatal escada. O padecente não podia falar.

Os verdugos, derramando lagrimas, cumpriram o seu terrivel dever."

Foi promovido a 1.º tenente em 1808 e a capitão em 1813.

Informado de seu valor, dizia Caetano Pinto que era um official muito digno pela sua boa conducta civil e militar e pelos seus conhecimentos.

A intrepidez e bravura desse valente capitão de artilharia valeram-lhe a alcunha de Leão Coroado.

Era um dos conspiradores do movimento de 1817 e, na opinião de seu contemporaneo padre Dias Martins, o auctor unico da revolução de 6 de Março.

Leão Coroado estava no quartel do pateo do Parraizo (hoje praça Barão de Lucena) quando o briga-

José de B. Lima, casou-se em sua terra natal com d. Thereza de Jesus de Albuquerque Mello, tambem fidalga e descendente da grande familia de Jeronymo de Albuquerque, e deste consorcio tiveram trez filhos: Candida Rosa de Barros Lima, casada que foi com José Mariano de Albuquerque; Antonio de Barros Lima, padre, e Joaquim Ignacio de Barros Lima; José Mariano de Albuquerque Cavalcanti governou, como presidente, a provincia de Santa Catharina (4—11—35 a 28 —5 — 36). Ali casou sua filha d. Marianna Candida de Barros Cavalcanti com o capitão Miguel Joaquim do Livramento. Este pertencia a distincta familia catharinense, sendo irmão do commendador major Francisco Luiz do Livramento, que na qualidade de vice-presidente, por mais de uma vez, administrou a então provincia.

Essa neta do "Leão Coroado" não deixou prole; mas, com o seu consorcio, foi occasião para que sua irmã d. Dulce Porcia contrahisse casamento com outro Livramento, o dr. Joaquim Augusto, sobrinho do capitão Miguel e seu hospede durante a quadra academica.

O dr. Joaquim Augusto do Livramento, que foi acatado chefe politico, deputado geral por sua provincia e seu vice-presidente, teve o seu consorcio abençoado com os seguintes filhos: alferes Rodolpho Cavalcanti do Livramento, d. Hortencia A. Cavalcanti do Livramento Aducci, capitão Arthur Cavalcanti do Livramento, 1.º tenente Afonso Cavalcanti do Livramento Formiga, d. Anna Cavalcanti do Livramento Campos Mello e d. Julia Cavalcanti do Livramento Campos Mello.

Um neto do dr. Livramento e, por conseguinte, trine-to de Barros Lima — o dr. Fulvio Coriolano Aducci,

deiro Barbosa, depois da prisão de Domingos Theotônio, offendeu aos officiaes brasileiros chamando-os infames e traidores.

Barros Lima desafrontou-os ferindo de morte o brigadeiro.

Sobre o sangue deste, na espada do valente capitão, prestaram os rebeldes juramento de vencer ou morrer pela patria.

E assim rompeu prematuramente o movimento de 6 de Março de 1817.

Barros Lima commandou as tropas que obrigaram as capitulações dos portuguezes no Erario e na Fortaleza do Brum e ficou na direcção deste forte.

Na reorganisação do exercito revolucionario, foi elevado a coronel e commandante dum regimento de artilharia.

exerce actualmente o alto cargo de secretario geral dos negocios de Santa Catharina.

Em 1817, quando Leão Coroado era preso, seu filho Joaquim Ignacio, então cadete do exercito, com 17 annos, foi amarrado, sacudido no porão de um navio e deportado para a Europa.

Escapando a todos os martyrios, Joaquim Ignacio continuou a seguir a carreira das armas e, quando tenente de artilheiros, se casou, em Montevideo, com d. Maria Amalia da Matta Sarmiento, filha do marechal de campo Faustino Jovita da Matta Sarmiento, vindo Joaquim Ignacio, em seguida, para o Rio, aonde residia sua veneranda mãe, em companhia de sua nitha Candida, casada com José Mariano.

Depois do fallecimento de sua mãe Joaquim Ignacio veio com sua senhora e trez filhos para o Recife.

Mais tarde, Joaquim Ignacio, pediu e obteve sua reforma e por influencia de seu primo, compadre e amigo, o conde da Boa Vista, foi nomeado conferente da Alfandega.

De seu consorcio teve os seguintes filhos: — José de Barros Lima, Carlos de Barros Lima, Julio Pompêu de Barros Lima, Luiz Andrade de Barros Lima, Faustino de Barros Lima, Antonio de Barros Lima, Joaquim Ignacio de Barros Lima, Maria Adelaide de Barros Lima, Maria

“Em todos os actos — diz Pereira da Costa — em todos os movimentos do ephemero imperio da liberdade, Barros Lima representou um papel superior e ostentou-se um dos patriotas mais illustres e distinctos. Não lhe permittindo a segurança da patria sahir do Recife, pela confiança que lhe inspirava e pela direcção que lhe coube da guarnição da praça, elle não teve occasião de bater-se nos campos de batalha em que heroica e briosamente se disputou a honra e a liberdade da patria; mas prestou innumerous serviços e só deixou o seu posto na ultima extremidade, quando o Recife ia ser presa das tropas reaes que já lhe batiam ás portas e quando nenhuma negociação admittio o commandante do bloqueio, em frente do porto.”

Adelaide de Barros Lima, Thereza Alexandrina de Barros Lima e Candida Rosa de Barros Lima.

—José de Barros Lima casou-se com d. Ignez do Rego Barros, tendo apenas uma filha, d. Nelida de Barros Lima Vilella, viuva, residente com seus filhos em S. José do Egypto.

—Julio P. de Barros Lima, depois de completo seu curso de engenharia militar, no Rio, casou-se com d. Carolina Burlamaqui, filha do brigadeiro Burlamaqui, restando deste casal uma filha, d. Julia Amelia Barros Lima, solteira e residente á rua dos Guararapes, Recife.

—Luiz de Barros Lima casou-se com sua prima, d. Josepha de Barros Lima, tiveram muitos filhos, mas existe apenas José de Barros Lima, agricultor em Salgueiro.

—Faustino de Barros Lima casou-se com d. Anna Villarim, filha do coronel Severino Villarim, e de seu casamento restam os seguintes filhos: Lupicínio, Guiomar, Maria do Carmo e Anna de Barros Lima, residentes em Pedra Tapada, de Limoeiro.

—Maria Adelaide, casou com seu primo Antonio de Souza Navarro e só tiveram um filho: Romoaldo de Souza Navarro, professor, residente á rua da Gloria, no Recife.

—Thereza Alexandrina casou com seu primo José Augusto da Silva e Mello, advogado. Existem duas filhas deste casal; d. d. Maria Amalia da Silva e Mello e Ade-

Barros Lima, acompanhou a sorte do exercito em seu exodo para o norte, refugiou-se nas mattas, foi denunciado, preso a 6 de Julho, julgado, condemnado á forca e executado a 10 de Julho de 1817.

A cabeça foi cortada e fincada num poste, em Olinda, as mãos pregadas no quartel, e o cadaver atado á cauda dum cavallo, arrastado ao cemiterio e sepultado. —M.

AMARO GOMES COUTINHO — Era filho de Amaro Gomes da S. Coutinho e occupava o elevado posto de coronel de milicias de brancos da capital, sendo cavalheiro da ordem de Christo.

Fez parte das Academias do Cabo e Paraizo, iniciado nos seus grandes segredos democraticos por Domingos Theotonio Jorge. Foi o mais forte e abnegado apostolo da Republica e mereceu por isso a consideração do alto cargo de seu general.

Sua coragem e dedicacão nunca vacillaram.

Achando-se em perigo a Parahyba, elle vae ao Recife buscar soccorros e volta certo de que ali de soccorros precisavam mais do que aqui.

Levantam-se por todos os lados inimigos. Elle com o seu exercito sae-lhes ao encontro.

Infelizmente as forças não o obedecem e passam ao partido contrario. Que fazer? capitular; assim fez, mas com todas as honras de guerra.

E' plantado o governo real e com elle a epoca do terror. Amaro Gomes não tem outro remedio senão abandonar a familia em busca de salvacão pela fuga.

laide Augusta da Silva e Mello, ambas professoras muunicipaes, residentes no Recife.

—Candida Rosa, casou com o dr. Antonio Fernandes Trigo de Loureiro, de cujo casal existem: desembargador Antonio F. Trigo de Loureiro, advogado, residente em Cuiabá, e d. Alzira Trigo de Loureiro Lima, viuva e residente em Fortaleza, no Ceará.

Eis a descendencia do tenente Joaquim Ignacio, filho de Leão Coroado, que constituiu familia em Pernambuco.

Com o habito de carmelita sae da capital em procura de seu cunhado, Estevam Carneiro.

Preso no lugar Mamuaba e mettido a ferros no forte de Cabedello, dahi foi para o Recife soffrer a pena de morte, pela forca, em 21 de Agosto de 1817.

Sua cabeça e mãos vieram salprezas para a capital da Parahyba e foram postas no lugar Zumby. No fim de quinze dias roubou-as o escravo Manuel Calera, de ordem do seu senhor Francisco Jordão Stuart, que era seu compadre, e na mesma noite levou-as a d. Anna Clara de S. José Coutinho, esposa do mesmo morto, a qual, entre lagrimas, as enterrou na capella do Engenho do Meio.

Seus bens foram sequestrados. — *Irineo Pinto.*

IGNACIO LEOPOLDO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO — Natural do Cunhaú (Parahyba) morador no seu Engenho Espirito Santo, do Pilar, abastado e bemquisto lavrador.

As suas relações de amizade e parentesco com os principaes chefes do movimento fizeram-no senhor dos segredos da liberdade que, proclamada, o teve por um dos seus guardas de maior valor e firmeza.

Arvorou o pendão branco da democracia no Pilar e marchou á capital onde assistio á eleição e por seu valor foi escolhido para membro do governo provisório.

Na contra revolução foi preso e em Pernambuco, para onde o levaram, morto pela commissão militar a 6 de Setembro de 1817, sendo as suas mãos e cabeça enviadas ao Pilar e ahi expostas.

Seus bens foram sequestrados em 24 de Maio de 1817, sendo em 26 de Maio de 1819 arrematado de renda trienal o engenho Espirito Santo, por d. Maria Francisca Pereira da Cunha e d. Ignacia Francisca de Albuquerque Maranhão, por 2.103\$000 — *Irineo Pinto.*

PADRE ANTONIO PEREIRA DE ALBUQUERQUE MELLO. — Filho do capitão-mór André Dias de Figueiredo, era

natural do Engenho Angico Torto, da villa do Pilar, e ali residia.

Parente e amigo do padre João Ribeiro, com elle se instruiu nos mysterios democraticos de Pernambuco, como socio da academia do Paraiso.

Profundo latinista e conhecedor de *Philosophia*, lencionava latim na villa de sua residencia.

Logo que teve conhecimento do levante de 6 de Março de 1817 reuniu tropas, juntou-as ás de Itabayana e correu para a cidade da Parahyba, concorrendo para a queda do governo monarchico.

Foi eleito membro da junta governativa e ali dictava leis que, por demasiado liberaes, não agradavam aos chefes da revolução.

No declinio da liberdade foi prêso, remettido para o Recife, julgado pela commissão militar em 4 de Setembro de 1817 e executado dois dias depois no campo do Erario (hoje Praça da República), tendo as mãos e cabeça decepadas e expostas na villa do Pilar e o cadaver arrastado para o cemiterio no corpo dum cavallo.

Conta o padre Dias Martins, seu contemporaneo, que no momento de morrer falou energica e desasombadamente para a multidão. No meio do discurso, como o carrasco estivesse dando inicio ao seu desgraçado officio, declarou que não podia proseguir porque a corda começava a suffocal-o.

O povo em pranto pediu ao carrasco que suspendesse; não sendo attendido, vingou-se não respondendo nem repetindo o hymno cannibal com que festejavam as execuções, para gloria do rei.

Seus bens foram confiscados a 12 de Junho de 1817. — M.

JOSÉ PEREGRINO XAVIER DE CARVALHO — Grande martyr de 1817. Nasceu na cidade da Parahyba a 16 de Setembro de 1798, no sobrado n.º 9 da antiga rua da Misericordia. Verificou praça como cadete a 13 de Junho de 1804, não obstante a falta de idade, sendo a 17

de Dezembro de 1806 promovido a alferes da tropa de linha.

A 12 de Abril de 1809 teve licença para frequentar a Academia militar de Pernambuco e em Julho de 1813 conseguiu licença para continuar seus estudos naquella academia.

Por aviso de 28 de Novembro de 1815 obteve licença para estudar mathematicas na Academia militar da Côrte. A 15 de Junho de 1816 foi promovido a tenente e a 20 de Setembro do mesmo anno a ajudante do seu batalhão.

Com a revolução de 6 de Março no Recife, muito jovem ainda, desposou entusiasticamente a causa santa da liberdade, por seu zelo e esforço fazendo accelerar a data, 15 de Março, em que a Parahyba adheriu á revolução pernambucana. Foi logo promovido a tenente coronel.

Na rebelião do Rio Grande do Norte, a 25 de Abril de 1817, foi escolhido para, em Mamanguape, fazer frente aos realistas, que bateu com vantagem.

Foi depois chamado á Parahyba pelo general Amaro Gomes, afim de enfrentar o exercito do padre Manoel Lourenço de Almeida. Sua convicção era tal que insistia em repellir os rebeldes, quando a causa da liberdade já havia capitulado.

Cedeu por fim, menos á vontade paterna que lhe implorava, com a imagem de Christo, não proseguir na lucta, na certesa do perdão, que á falta de companheiros dedicados. Sempre, porem, fazendo votos pela liberdade.

Trahido nas promessas feitas a seu pae, o advogado Augusto Xavier, foi preso e remettido para a alçada em Pernambuco: capitulado o chefe principal da revolta, foi immediatamente posto á disposição da commissão militar que o condemnou á forca.

Aos 21 de Agosto de 1817 foi enforcado no campo do Erario, em Pernambuco. Não tinha ainda 19 annos de idade. Era então imberbe, esbelto e bem posto, dia testemunha de vista.

Moribundo, ouviu o hymno "valorosos lusitanos", então cantado áquelles lugubres e juridicos assassinatos: morto, foram-lhe cortadas a cabeça e as mãos e remetidas para a Parahyba, depois de salgadas, ficando expostas defronte da igreja do Bom Jesus, no bairro das Trincheiras. Quanto ao tronco, foi arrastado á cauda de um cavallo, para o cemiterio da egreja do Santissimo Sacramento de Santo Antonio do Recife.

Assim era a justiça do tempo: cega e barbara! Seus bens foram judicialmente sequestrados na Parahyba, executando-se o sequestro a 12 de Novembro de 1817. Não houve, porem, arrematação alguma, por motivos até hoje ignorados. —Dr. *Liberato Bittencourt*.

FRANCISCO JOSÉ DA SILVEIRA — Mineiro de 1817, estabelecido na Parahyba, para onde viera com o ultimo governador Antonio Caetano, com a patente de tenente coronel de cavallaria, habito da ordem de Christo e exercicio de ajudante d'ordens do sobredito governador, a quem fez relevantes serviços.

Estas e outras muitas virtudes lhe haviam conciliado a estima publica até ao fallecimento do governador, e muito lhe augmentaram quando entrou para o governo interino com o ouvidor e o parochio da capital: desempenhando as suas obrigações, o achou a revolução de 6 de Março em Pernambuco, á qual se oppoz com todas as suas forças, para impedir que entrasse na provincia do seu governo; porem o primeiro movimento da liberdade é sempre irresistivel e assim foram inuteis os seus esforços porque Amaro Gomes Coutinho e Antonio Pereira de Albuquerque fizeram proclamar a liberdade na Parahyba; o governo interino dissolveu-se; o ouvidor fugio; Silveira foi preso, e na prisão cathequizado com tantos e tão vehementes empenhos, quantos eram os proveitos, que os chefes da revolução se promettiam das virtudes e popularidade deste heroe; rendeo-se enfim e declarou-se pela liberdade; declaração que lhe mereceu tantos applausos que immediatamente foi eleito para membro do governo provisório.

Nesse novo lugar e posto não cessou de continuar a ser virtuoso, porque, sem atraiçoar a liberdade, foram muitos os desgraçados a quem valeu; muitos os males que evitou; mas, na queda da liberdade, nada lhe valeu para escapar das garras sangrentas da tyrannia victoriosa; teve o infortunio de ser dos primeiros presos; e, remettido a Peanambuco, foi entregue á feroz commissão m'ltar; foi executado no campo do Erario, em 21 de Agosto de 1817, depois de garroteado, lhe foram cortadas as mãos e cabeça e remettidas para a Parahyba: o tronco foi arrastado á cauda de um cavallo para o cemiterio da igreja do Santissimo Sacramento, onde clama e espera a vingança do juizo universal — *Padre Dias Martins*.

JOSÉ LUIZ DE MENDONÇA.— Nasceu na segunda metade do seculo passado.

Assentando praça num dos corpos milicianos da provincia de Pernambuco foi promovido a alferes, passou a tenente por patente regia de 19 de Agosto de 1802, servindo então no regimento de cavallaria auxiliar de Olinda, e foi elevado a capitão do mesmo regimento, por patente de 13 de Janeiro de 1814.

Homem de talento e de força de vontade, espirito penetrante e avido de illustração, José Luiz de Mendonça atirou-se aos estudos, seguiu a profissão de advogado, e sem sahir de sua provincia, adquirio taes conhecimentos que se tornou um dos maiores litteratos de sua epocha, versadissimo na sciencia do direito e particularmente em negocios forenses, conquistando tanta reputação e renome, que todos davam por segura a causa de elle se incumbisse.

Iniciado nos planos revolucionarios da independência de sua patria, o seu talento e illustração, e o seu conceito e popularidade tornaram-no o homem necessario por excellencia e elle constituiu-se como que a cabeça pensante dos clubs democraticos, onde exercia verdadeira influencia e gosava immenso prestigio, occupando ao mesmo tempo lugar elevadissimo. Auctor da

idéa da criação de dous centros de acção fóra da capital, as academias do Cabo e Suassuna, e fundador da do Paraizo no Recife, elle era como que o oraculo dos patriotas; porem foi inteiramente alheio ás imprudências que fizeram precipitar o rompimento da revolução na manhã de 6 de Março de 1817, mas dado o passo, ainda que lamentasse a inopportunidade, elle não abandonou os seus amigos, atirou-se intrepido na revolução, e começou a figurar distinctamente.

Occupando o cargo de juiz de fóra da comarca, corre ao toque de rebate que annunciava a morte do brigadeiro commandante do regimento de artilharia, e com o pretexto de acalmar o tumulto popular na qualidade de juiz da policia, não temeu expor-se ao furor dos partidos, dirigindo-se á fortaleza do Brum a conferenciar com o governador Caetano Pinto ahí refugiado; e pintou de tal modo as consequencias de qualquer resistencia, que fez dissipar semelhante idéa, julgando-se até, que chegou a accordar com o governador a capitulação do dia seguinte, compromettendo-se porem, a encaminhar as cousas de modo que ficassem salvas todas as apparencias, attenuando assim a fraqueza de Caetano Pinto, que aliás dispunha de meios de resistencia.

No dia seguinte, quando os patriotas avançam sobre a fortaleza do Brum, e fazem alto nas suas immediações, José Luiz de Mendonça é nomeado parlamentar para intimar a capitulação, segue para a fortaleza, apresenta as bases da mesma, e acceitas e firmadas, volta aos seus companheiros e parte com elles para o Campo da Honra a tomar parte nas eleições do governo provisorio, do qual sahio eleito membro, como encarregado dos negocios da justiça.

No intuito de melhor se fixar o systema de governo adoptado, e a proclamada independencia, José Luiz de Mendonça propoz em uma das primeiros sessões do governo, que muito convinha á segurança da causa arvorar de novo a bandeira real, e que, remettendo-se para a côrte o governador Caetano Pinto, se remetesse

igualmente ao rei um memorial expondo os justos motivos que haviam forçado os pernambucanos a ultrapassar os limites da obediência, pedindo-lhe a abolição de alguns impostos, e melhores leis que reprimissem a arbitrariedade do poder dos capitães generaes, concluindo que lhe parecia de grande alcance o protestar-se então fidelidade ao monarcha, enquanto se ia instruindo o povo no regimen democratico, creando-se um exercito conveniente e tomando outras medidas, o que se obteria durante o tempo necessario áquellas negociações.

Mas as suas palavras foram mal interpretadas, e elle teria sido mesmo victima, se os seus companheiros não o livrassem do arrojo inconsiderado de um exaltação patriota. Como justificativa da sua dedicação e patriotismo, Mendonça publicou no dia 10 de Março um escripto sob o titulo — *Preciso*, em que relatava em phrases entusiasticas e ardentes os motivos do rompimento e a marcha revolucionaria, até o dia antecedente escripto avidamente devorado, primeiro fructo da imprensa então estabelecida, cuja vida lhe dera a revolução.

A marcha da revolução, certo desalento que se foi notando, a fraquesa de meios pelo inopinado rompimento e outras circumstancias, e finalmente o bloqueio do porto e marcha de uma columna de tropas sobre Pernambuco, preoccuparam-no assaz, e presentiu logo o imminente perigo em que se via a causa da independencia. José Luiz de Mendonça foi um dos patriotas que acompanharam as forças republicanas a Paulista, quando o exercito realista já batia ás portas da cidade do Recife. Ahi despensado em a noite de 20 de Maio, elle volta immediatamente para a capital e se occulta em casa de um amigo que se atreveu a recebê-lo. Apparece então um bando proscrevendo as victimas e aquelles que lhe dessem asylo e Mendonça, não querendo comprometter ás pessoas que o receberam em sua casa, determinou-se ao sacrificio; mettendo-se n'uma cadeira, fez-se conduzir ao pateo de palacio e chegando em frente a

casa da guarda, sahio de repente, deixou cahir o capote e o chapéu, abriu os braços e gritou para os soldados: *Camaradas! Eu sou o proscripto José Luiz de Mendonça; atirae-se quizerdes, e matae-me!*

Preso e conduzido á presença de Rodrigo Lobo, este teve a baixá covardia de mandal-o immediatamente agrilhoar e mettel-o a bordo do navio *Carrasco*, no qual partio para a Bahia, onde chegou a 9 de Junho.

No dia seguinte entrou para o oratorio onde fez a sua confissão e os seus embargos á commissão militar, mas estes foram despresados, e indignado exclamou no momento em que seguia para o patibulo: *juizes malvados, cegos e vis instrumentos da tyrannia, eu vos emprazo para os infernos. Sessenta reus de pena ultima tenho livrado da forca sem allegar um só factó, que tivesse meio peso dos muitos dos meus embargos. Juizes...* e ia continuar quando o padre Miguelinho volve os olhos para elle e diz-lhe enternecidamente: *Querido amigo; façamos e digamos unicamente aquillo para que temos tempo.* E dizendo estas palavras, ajoelhou diante do crucifixo e começou a recitar o *Miserere*. Mendonça não pronunciou mais palavra, ajoelhou-se, perdoou aos seus inimigos, e marchou para o supplicio alternando com aquelle desditoso amigo os versos do *Miserere*, e chegando ao Campo da Polvora foi arcabuzado. Esta data

Domingos José Martins era conhecido no Espirito Santo por Bem-bem — Filho de Joaquim Ribeiro Martins e d. Joanna Martins, nasceu na cidade de Itapemirim.

Foram seus irmãos Francisco Martins, padre; Luisa e Maria, freiras carmelitas; Joanna Martins e André Martins, tenente coronel do exercito.

Quando a familia soube da sorte de Domingos, num justo receio de possiveis perseguições mudou o appellido de Martins para Carneiro.

Martins era associado das academias do Cabo do Paraizo e dos clubs de Olinda e Iguarassu' e veneravel da loja maçonica *Pernambuco do Oriente*.

Foi preso a 6 de Março como um dos accusados da conspiração, antes da morte do brigadeiro Barboza e solto logo depois.



Domingos José Martins

Segundo um retrato existente no palacio do governo do Espirto Santo.

marcha o dia 12 de Junho de 1817, dia de luto e de tristeza, mas que lhe abriu as portas da immortalidade, conferindo-lhe a palma do martyrio e o nome de heróe — *Pereira da Costa*.

DOMINGOS JOSÉ MARTINS — Dos heroes da revolução é Domingos José Martins aquelle cujo character mais se presta a ser discutido. Foi com certeza o mais audaz dos civis, mas ao mesmo tempo era o mais calculista de todos os insurgentes. Natural do Espírito-Santo, iniciou na Bahia sua vida commercial que o levou até Londres, onde negociou e quebrou, diziam seus inimigos que fraudulentamente. No Ceará, para onde se retirou, ganhou na alta do algodão alguns modestos capitães com que se mudou para o Recife, soccorrendo-se da agricultura para augmentar seus proventos.

Adquirira na Europa certo traquejo mundano e amplas relações maçonicas. Ambicioso de riqueza e de posição, seu primeiro cuidado, depois da revolução, foi induzir o rico negociante Bento José da Costa a conceder-lhe a mão de sua filha, que lhe havia antes recusado.

Para isto diz Tollenare que recorreu à ameaça. Conseguiu facilmente impor-se no meio pernambucano pelo seu ar estrangeirado e pelas suas manobras secretas. O cidadão viajante francez, que lhe votava grande antipatia aliás correspondida pelo motivo, segundo conta,

Elegeram-no membro do governo provisório e, quando se deu a contrarevolução, organisou um batalhão de 300 jovens e partio para dar combate às forças reaes. Foi derrotado, escondeu-se e finalmente cahio prisioneiro do general Mello.

Conduzido para Bahia ali chegou a 9 de Junho e a 11 foi condemnado ao arcabuz no Campo da Polvora, onde tombou com José Luiz de Mendonça e Miguelinho.

A viuva de Domingos José Martins — d. Maria Theodora da Costa Martins — casou-se em segundas nupcias com o sr. Antonio José Pires, em 6 de Janeiro de 1820.

Desse consorcio teve alguns filhos inclusive o dr. Luiz Antonio Pires, que foi casado com uma irmã do conhecido e saudoso engenheiro Ceciliano Mamede.

de haver recusado o seu brigue *Felicité* para ir buscar farinha de trigo nos Estados Unidos—falla do seu tom doutoral, da empáfia com que se dava por entendido em politica e administração ingleza, de sua med'ocridade enfatuada.

Descontado o elemento pessoal que existe nesta critica e que lhe fornece o seu tom exagerado, o que fica é bastante para, de accordo com outras informações e a mera suggestão dos acontecimentos, reconstituir o seu typo feito de verbosidade metaphisica, de "affabilidade protectora" e de energia cubiçosa de mando e de fortuna. Os serviços prestados á revolução por Domingos José Martins foram comtudo innegaveis e importantes. Antes do movimento era a sua casa uma daquellas em que tinham lugar os jantares nativistas; ahí se congregavam os officiaes brasileiros, aos quaes elle emprestava dinheiro, quando se achavam em apuros financeiros, e pregava liberdade a proposito de tudo; no momento de sua prisão mostrou coragem, e por occasião do levante manifestou sangue frio e iniciativa; no desenlace revelou inquebrantavel firmesa de animo. Não era certamente uma figura banal. — *Oliveira Lima.*

ANTONIO HENRIQUE RABELLO — Cearense e um dos patriotas de 1817, pagou com a vida o seu muito amor

Antonio Henrique era um joven tenente de artilharia.

Foi um dos primeiros a organizar a sedição militar, preparando e trazendo o parque de artilharia com mórões acesos, guarneccendo com peças as bocas do aquartelamento, em resistencia formal.

Tinha tanta firmesa nos ideaes que não cedeu a ofertas de dinheiro nem a rogos do pae.

Denunciado e preso, no momento da execução começou a admirar a tropa. O sacerdote que o assistia convidou-o a olhar para a imagem de Christo. Rabello respondeu que era a ultima vez que via a tropa: si tivesse á sua disposição igual numero de soldados, não estaria naquelle lugar.

O pae de Rabello morreu de pesar e a mãe enlouqueceu.

á liberdade, subindo ao cadafalso em Pernambuco a 5 de Julho. Teve a cabeça decepada e esta, exposta na ponte do Recife, consumio-a o tempo.

Suas ultimas palavras foram: Viva a patria!

E' este o lançamento que lhe diz respeito no livro da antiga cadeia do Recife: Antonio Henrique Rabello, remettido do Quartel general e foi recolhido á enxovia ás 2 hõras da tarde. Foi entregue pelo alferes do 2.º batalhão Francisco José Borges. A's 3 horas desceu para o oratorio, ás 7 horas da noite sacramentou-se, tudo por ordem vocal.

Aos 5 de Julho foi para o patibulo e padeceu morte natural.

Disse do intemerato republicano cearense, um historiador de Pernambuco: "Descoberto e preso nos fins de Junho foi Antonio Henrique Rabello conduzido á commissão militar de frente erguida, sem mudar de côr, não quiz defender-se, antes glorificou-se de seus feitos, confessando claramente os seus principios e desafiando a morte. A sua intrepidez espantou os juizes, a sua constancia e serenidade no cadafalso enterneceram o mesmo algoz, preto encanecido no ludibrioso officio." — *Barão de Studart*.

DOMINGOS THEOTONIO JORGE MARTINS PESSÔA —

Foi uma das figuras mais proeminentes do movimento revolucionario de 1817, esse a quem a historia alcunhou de magnanimo dictador.

Pernambucano de nascimento, natural de Una, com 38 annos de idade, era capitão de artilharia quando se deu o levante, de que foi um dos iniciadores.

Era membro das duas academias e de varias lojas maçonicas. Nesse character esteve na Bahia e depois no Rio, em 1815, concertando com os "irmãos do sul" os planos da revolução que se deveria estender por todo o reino.

Denunciado, foi preso a 6 de Março e conduzido á fortaleza de Cinco Pontas, na mesma hora em que o

movimento rebentava no quartel do Paraizo com a morte do brigadeiro Barbosa.

No dia seguinte Theotonio commandava o exercito de 4000 republicanos e chegava ás portas da fortaleza do Brum entrando em negociações com o general Caetano Pinto.

Eleito membro do governo provisório, foi depois nomeado general em chefe das tropas republicanas.

No declínio da revolução, quando desappareciam todas as esperanças, quando o exercito republicano voltava derrotado da batalha de Pindoba e o porto estava bloqueado, Theotonio foi investido da autoridade de ditador, com o titulo de governador civil e militar do partido da independencia, em Pernambuco.

Vendo tudo irremediavelmente perdido, mandou ao chefe do bloqueio condições de paz, e podendo arrazar a cidade do Recife e Olinda, preferio salvar o resto das vidas que estavam entregues á sua direcção e com o seu dizimado exercito marchou para Paulista, onde se deu a debandada geral.

Fugido, descoberto, preso, foi julgado a 8 de Julho, condemnado a morte e executado no dia 10.

Subiu ao patibulo e falou á multidão dizendo que o não aterrava a morte, mas sim a incerteza do juizo da posteridade. Pedia tambem que ensinassem ao filho que deixava, o caminho da virtude e da honra.

Como succedeu com os seus companheiros, do corpo deceparam a cabeça e as mãos. O tronco foi arrastado a cauda de cavallo até a matriz de Santo Antonio, onde teve sepultura, a cabeça fincada num poste no pateo da Soledade e as mãos pregadas no quartel de seu regimento. —*Mario Melo.*

981"1817"

Hymno realista de 1817

Aos enthusiasmos e regosijos pela proclamação da Republica, pela patria redimida, succederam, não muito distantemente, os dias luctuosos da liberdade agonisante

JN-00014439-0

164-167

e por fim a sua queda, com a restauração da monarchia, do governo absoluto, da tyrannia real.

Os patriotas de 1817, os *infames rebeldes*, como lhes chamavam affrontosamente os realistas, tiveram de pagar no cadafalso o seu crime de libertadores da patria, e cada cabeça que rolava do alto do patibulo era saudada com a entoação de um hymno especialmente composto para as tropas da expedição restauradora que veio do Rio de Janeiro. —“horriavel hymno, diz o padre Dias Martins, nos *Martires Pernambucanos*, de que tanto devem envergonhar-se rei e nação a quem se dedica para terem direito á honra e religião que professam.”

Esse hymno, diz o referido escriptor, contemporaneo dos factos que narra, era cantado a duo e respondido pelo canto de toda a tropa e espectadores, tudo acompanhado pela fragorosa musica instrumental de todos os corpos do exercito.

A letra e a musica do *Hymno Realista* de 1817 chegaram aos nossos dias, mas ignora-se quem sejam os seus autores. A letra vulgarmente conhecida vem consignada na referida obra do padre Dias Martins, no fim do artigo consagrado a Domingos Theotonio Jorge, com este titulo: *Hymno cantado a duo e respondido por todos os circumstantes, finda a execução de cada padecente em 1817*. Quanto á sua musica, porém, de que não havia absolutamente noticia alguma, conseguimos afinal encontrar-a, graças ao nosso fallecido collega dr. José Alves Cavalcante, que a sabia de cór, por ouvi-la constantemente cantar por sua mãe, cuja mocidade se prendia áquella epocha.

Da letra consignada por Dias Martins colhemos uma variante em um exemplar manuscripto encontrado em poder de um portuguez de nome José dos Passos de Abreu, quando foi preso em 1823 como contrario á causa da independencia nacional, cujo processo consta do *Livro dos Ouvidores de Comarcas*, de 1823 a 1826, que se conserva na Bibliotheca Publica do Estado; e como se acha impressa a letra que obteve o padre Dias Mar-

tins, consignamos de preferencia aqui a do inedito referido, em que se nota não só algumas differenças em alguns dos versos da mencionada letra, como ainda uma quadra de mais.

Eis a letra do inedito:

CORO

Vamos todos inspirados
Pelo Marte Tutellar,
Resgatar um povo afflieto,
O melhor dos Reis vingar.

I

Valorosos Lusitanos
A victoria por vós chama,
A trombeta já da fama
Vossos nomes vai cantar.

II

Já de Jano as portas abre
A mais justa e santa guerra,
Quem do nada fez a terra
Nos ordena triumphar.

III

Nossas bellicas bandeiras
Avistando o vil enxame,
Pelo atroz remorso infame
Já se sente agrilhoar.

IV

A nós deu Joane o Justo
Porque o nosso valor presa,
Esta nobre, illustre empreza,
Que ha de o Throno sustentar.



V

Lá no Templo da Memória
 Juntareis mais estandartes,
 Aos que já em taes partes
 Vosso zelo fez ganhar.

VI

Respirai vassallos dinos,
 Contra a vil traição e morte,
 De El Rei vem a gente forte
 Vossos lares amparar.

VII

Viva, viva de Bragança,
 Viva o bom Herdeiro Augusto,
 Que d'um jugo torpe, injusto
 Vem seu povo libertar.

Já vimos que se ignora quem são os autores da letra e da musica deste hymno, *especialmente composto para as tropas expedicionarias do Rio de Janeiro*. Entretanto, affigura-se-nos, que a poesia é da lavra de Manoel Joaquim da Silva Porto, que em 1817 escreveu e publicou naquella mesma cidade um *Elogio por occasião do faustoso e glorioso successo das armas portuguezas contra os insurgentes de Pernambuco e offerecido ao muito alto e muito poderoso senhor D. João VI*; e de quem se conhece ainda outras composições poeticas, em que figuram dous hymnos, si bem que um delles seja consagrado á Independencia.

Recife, 5 de Março de 1917. —Pereira da Costa.

JN-00014440-4

981.34

A Bandeira de Pernambuco

929.9.022

Por solicitação do Instituto Archeologico, o exmo. sr. governador do Estado baixou o seguinte decreto sob n. 459, em 23 de Fevereiro de 1917, adoptando como bandeira de Pernambuco a dos revolucionarios republicanos de 1817:

O governador do Estado, considerando que Pernambuco vae celebrar a 6 de março proximo o primeiro centenario da revolução de 1817, que antes do imperio proclamou no Brazil o systema republicano:

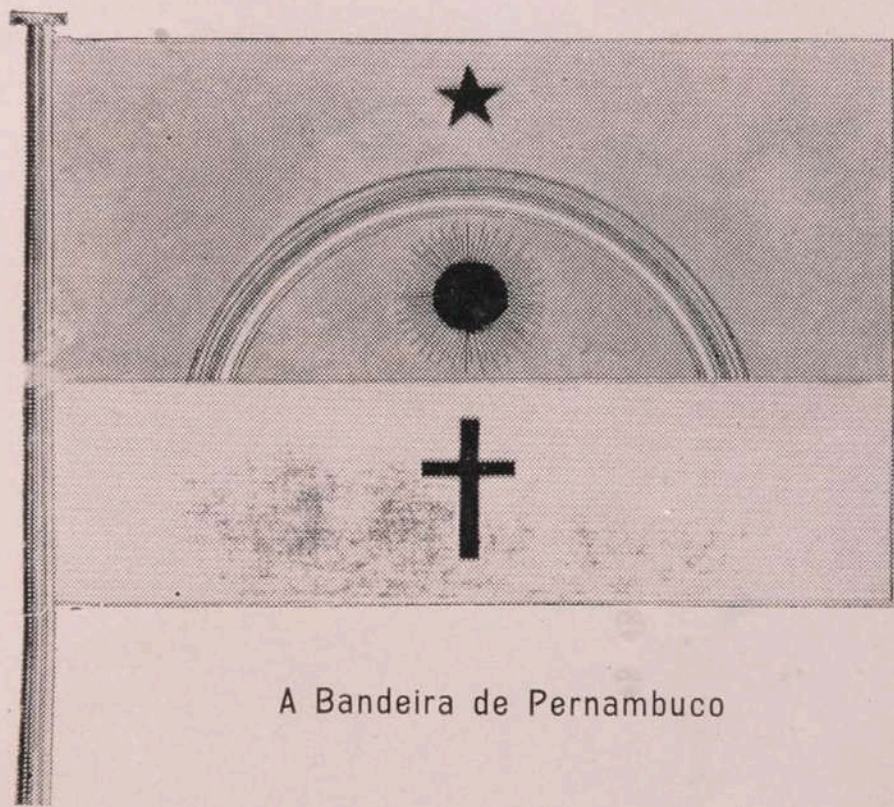
considerando que tal celebração, originada no Instituto archeologico de Pernambuco, tem tido a mais sympathica repercussão no paiz, a ella adherindo não só os municipios do Estado como a mór parte dos Estados da União, assim reconhecendo que semelhante movimento de organização constitucional, em vez de desordem social, visava e realizou, ainda que ephemeramente, a independencia nacional, consummada cinco annos depois;

considerando que o sangue dos martyres de então não foi derramado em vão, pois que o advento das idéas democraticas no paiz data desse regimen, o qual entre seus idéaes mais notaveis, que a lei organica consagrava, contou o do governo civil pela representação das classes, o da inamovibilidade e independencia da magistratura, o da emancipação ordeira e progressiva do clemento servil, o da tolerancia religiosa, o da liberdade de opinião traduzindo-se pela liberdade de imprensa e o da plena capacidade politica dos estrangeiros de qualquer communhão christã, uma vez naturalizados;

considerando que este conjuncto de disposições constitucionaes encerra um preito inestimavel á dignidade do pensamento e da consciencia, que honra para todo sempre uma comunidade politica;

considerando que a Republica pernambucana de 1817 imaginou e arvorou uma bandeira, cujo desenho foi apresentado ao governo dos E. Unidos pelo enviado

168-170



A Bandeira de Pernambuco

dos revolucionarios. Cruz Cabugá, bandeira que foi abençoada numa festa publica das mais impressivas pelo seu caracter a um tempo religioso, civil e militar, e, distribuida pelos regimentos, tremulou em combates, recebendo baptismo de fogo;

considerando que essa bandeira representa para o Estado de Pernambuco um legado precioso, feito do ideal de autonomia e do sentimento de civismo dos seus filhos, e que nenhuma outra a poderia superar no apello que exerce sobre as tradições gloriosas da patria pernambucana;

considerando que uma bandeira não constitue necessariamente o symbolo de uma nacionalidade soberana e não dispõe forçosamente de valia internacional;

considerando que uma bandeira tanto pode ser a reliquia de uma patria extinta como o emblema de uma evolução historica, dentro de um todo maior, como seja uma federação;

considerando que possuem sua bandeira paizes sem soberania propria, como os principados e ducados da Confederação Germanica, a Irlanda, parte de um Reino Unido, e a comunidade Australiana; bandeiras essas que são admittidas e acatadas sem serem officialmente reconhecidas no gremio das nações;

considerando que varios Estados da União brasileira, entre elles a Bahia e o Rio Grande do Sul, já adoptaram bandeiras suas, complementos dos seus escudos d'armas;

considerando que a adopção da bandeira dos revolucionarios de 1817 seria um tributo de véras eloquente á memoria desses patriotas que sacrificaram suas vidas pela emancipação da sua terra e pela implantação dos seus principios politicos baseados na honestidade e na tolerancia;

considerando finalmente que essa bandeira é de uma esthetica simples e graciosa no seu symbolismo, significando o arco-iris, a concordia offerecida ás gentes que quizerem unir seus destinos aos dos pernambucanos; o

sol, a pujança deste astro no equador, e a cruz, a insignia que serviu á primitiva designação no Brasil;

Decreta:

Art.º 1.º — E' declarada bandeira do Estado de Pernambuco a bandeira da revolução de 1817;

Art. 2.º — Esta bandeira é bicolor, azul escuro e branca, sendo as cores partidas horizontalmente, em duas secções desiguaes e tendo, no rectangulo superior e maior, azul, o arco-iris com uma estrella em cima e por baixo o sol, dentro do semi-circulo; no inferior e menor, branco, uma cruz vermelha. O sol e a estrella são de ouro.

Manoel Antonio Pereira Borba,

Dr. *Antonio Vicente de Andrade Bezerra.*"

A bandeira da revolução — escreve Oliveira Lima — era toda symbolica. As cores do arco-iris desde o roxo até o laranja representam paz, amizade e união que a Confederação nascente offerecia aos portuguezes da Europa e ás gentes de todas as nações que affluíssem pacificamente aos seus portos, ou que por ventura, residissem no meio americano. As tres estrellas significavam os Estados de Pernambuco, Parahyba e Rio Grande do Norte, nucleo da Confederação.

O sol queria dizer que os habitantes de Pernambuco eram seus filhos e viviam sob a sua influencia. A cruz alludia ao nome dado ao Brasil por occasião da sua descoberta.

A bandeira inicial foi branca, isto é, a mesma bandeira do Reino Unido, sem as armas luzo-brazileiras. Era tambem o signal com que os fortes do Recife annunciavam o apparecimento de navios na costa; elle convidava assim as embarcações a entrarem para o ancoradouro sem desconfiança.

O novo pavilhão foi executado por um pintor paulista, fluminense e por nome Antonio Alvares, que se achava no Recife.

E' possivel que não tenha sido extranho á escolha e disposição das côres e symbolos da nova bandeira, o padre João Ribeiro, habil desenhista.

Approvedo o desenho, do qual Cruz Cabugá levou copia em aquarella para Washington, foram as bandeiras mandadas fazer pelo alfaiate José de O' Barboza, capitão de milicias pardas e mestre peritissimo, que, auxiliado por seu irmão Francisco Dornellas Pessoa, as executou primorosamente, todas de seda e compostas de pequenos retalhos desta fazenda para representar não só o colorido como o desenho dos emblemas.

Foram essas bandeiras bentas pelo deão Bernardo Luiz Ferreira Portugal, ás 8 horas da manhã de 21 de Março, no campo do Erario e entregues ao exercito.

As academias secretas de Pernambuco

Como se sabe, a revolução republicana de 1817 nasceu das sociedades secretas a que chamavam tambem "escolas democraticas", "academias", "universidades"; "lojas" e "officinas".

Do "aeropago" de Itambé, dissolvido em 1801, nasceu a "academia de Suassuna", fundada no Cabo, no anno seguinte, por Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque. D'esta surgiram a "Academia do Paraíso", fundada no Recife, na actual praça barão de Lucena, pelo padre João Ribeiro; a "officina de Ignarrassu", fundada por Francisco de Moraes Cavaleante; a "Universidade"; fundada pelo dr. Antonio Carlos; as "lojas" "Pernambuco do Occidente", "Pernambuco do Oriente" e "Restauração e patriotismo."

Além destas havia outras pelo interior, sob auspícios dos capitães-mores.

Essas escolas secretas estavam ligadas por um elo de solidariedade que as subordinava ao grande Oriente do Brasil, com séde na Bahia.

A ellas pertenciam todos os pernambucanos que pretendiam o regimen republicano; n'ellas se fazia o

JN-000 14441-2

doutrinação da revolução: d'ellas partio o levante a 6 de Março de 1817. —M.

98111817

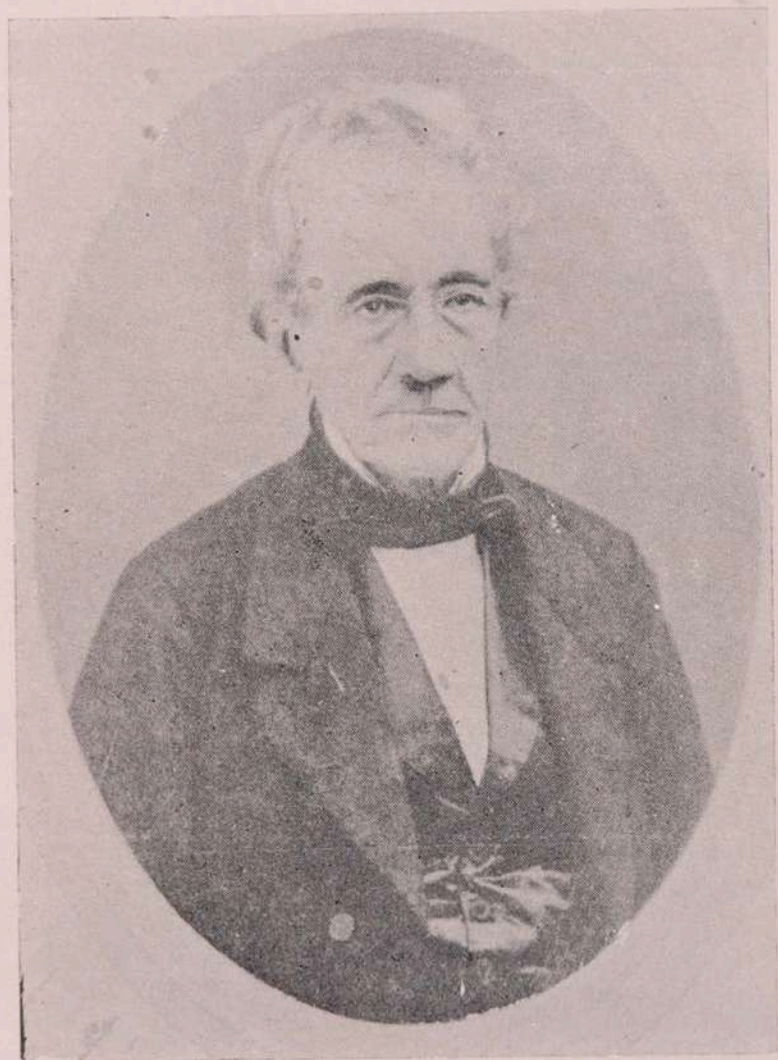
O chronista da revolução de 1817

A revolução de 6 de Março teve o seu chronista, que d'ella foi actor —o doutor, depois monsenhor Muniz Tavares, (1793-1876), um dos muitos sacerdotes que, empolgados pelas idéas liberaes, prepararam o rompimento entre colonia e metropole por meio do advento do regimen democratico. Recommendado de Arruda Camara, o sabio naturalista, discipulo do padre João Ribeiro, o eximio patriota, foi capellão da agonia do hospital do Paraizo e secretario da sua administração, o que importa dizer que foi membro notorio da respectiva academia, á qual pertence em boa parte a propaganda local dos principios gerados pela philosophia do seculo XVIII e applicados nas revoluções americana e franceza.

Como testemunha ocular dos acontecimentos que descreveu e victima da repressão subsequente, o auctor poderia facilmente haver incorrido na pecha de vingativo ou pelo menos de apaixonado, mas tendo escripto sua *Historia* bastante annos depois (a primeira edição na Typographia Imparcial de L. F. R. Roma, é de 1840), quando se achava na maturidade da vida e illusões politicas, e sendo de um natural circumspecto e grave, timbrou justamente em ser imparcial. Timbrou e conseguiu, visto que se pode ser imparcial dentro mesmo da sympathia, e uma sympathia enternecida Muniz Tavares nunca deixou de alimentar pela revolução da sua mocidade, aquella cuja celebração elle antevia como um dia de festa nacional.

Foi imparcial sobretudo porque foi verdadeiro, o titulo aliás que mais reclamava para a sua narração. Esta não tem hoje que ser emendada nem alterada: si não satisfaz mais por completo a curiosidade dos leitores e merece ser *ampliada*, é pelo facto de terem sido

172-176



Monsenhor Muniz Javares

Autor da história da revolução de 1817 em Pernambuco.

excavados novos documentos e terem apparecido novos depoimentos, que fazem melhor comprehender o que occorreu. Tambem a critica historica entrou, mais esclarecida e mais ampla, a apreciar diversamente a significação moral dos factos. As novas achegas são de resto indispensaveis para se ajuizar como se organisou o movimento e porque fracassou. Erros foram commettidos pelos seus dirigentes, opinião mesmo do auctor da *Historia* d'essa tentativa de independencia, por elle qualificada de exhibição da grande carta da emancipação civil e politica do Brazil.

Em 1884 o Instituto Archeologico deu a lume nova edição (Typographia Industrial) da obra cuja propriedade lhe fôra legada por quem a compuzera, e o Dr. Maximiano Lopes Machado ajuntou ao texto uma vibrante introdução de LXXVI paginas, aqui reproduzida, e LVI notas que apenas cobrem trinta paginas (de pagina 251 a 281), e cuja reprodução total pareceu dispensavel, apezar do seu interesse, para evitar repetições, as novas notas abrangendo esses assumptos além de outros.

Ha com effeito mais a dizer sobre a materia e o dr. Alfredo de Carvalho fôra incumbido de compilar os dados para uma terceira edição, annotando-a o mais copiosa e instructivamente possivel. Fallecendo inopinadamente este distincto pernambucano, que era um erudito escriptor de historia, quando, ao que consta, apenas começava o seu trabalho, fui convidado a assumir identico encargo, sendo a proposta feita pelo vice-presidente do Instituto, dr. Pedro Celso Uchôa Cavalcanti, na sessão ordinaria de 6 de Julho de 1916 e lida a minha acceitação na sessão extraordinaria de 13 do mesmo mez.

No tocante á personalidade do auctor da *Historia* é conveniente relembrar os principaes traços biographi-

cos, que correspondem a outros tantos lances históricos. Como participante na revolução de 1817, curtiu elle na Bahia quatro annos de carcere que foram quatro annos de reflexão e de applicação mental na convivencia de varões illustres como Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, Frei Caneca e outros, adestrando-se os presos na lingua franceza e illustrando-se em varias sciencias e artes, sabindo todos da enxovia muito mais instruidos do que para lá tinham entrado. O curso feito n'essa singular universidade não bastou no entanto á actividade espirital de Muniz Tavares que, apesar de nomeado professor reg'io de latim no Cabo (27 de Março de 1821), resolveu ir completar seus estudos a Paris, alli se doutorando em theologia em 1825.

Antes d'isso, porém, representou sua provincia nas Côrtes constituintes de Lisbôa, convocadas por motivo da revolução liberal de 1820, tomando assento na assembléa das Necessidades a 29 de Agosto de 1821, com 28 annos de idade. E' sabido quão pareo e ingrato foi o papel politico que a facção triumphante consentio aos deputados brazileiros, forçados alguns d'elles a abandonar o theatro dos debates parlamentares e o proprio paiz após se terem negado a assignar a Constituição portugueza elaborada pela referida assembléa. Os deputados dissidentes, entre os quaes ia Muniz Tavares, emigraram para Falmouth, d'onde partiram para o Brazil em Outubro de 1822, já ahi encontrando o Imperio.

O deputado de Pernambuco fizera comtudo ouvir bem alto e com energia a sua palavra contra o constitucionalismo de Luiz do Rego, por elle apodado de disfarçado absolutismo, contrario aos sentimentos pernambucanos, todos favoraveis — protestava o orador — ás *sabias reformas* das Côrtes, intentadas para o bem geral da humanidade (Pereira da Costa, *Diccionario biographico de Pernambucanos celebres*, Recife ;1882). O desassombro civico de Muniz Tavares ficou assignalado e realmente constituiu o que se pode denominar a sua *qualité maitresse*.

Eleito deputado á Constituinte brazileira, foi della

secretario, membro da commissão de redacção do projecto de lei organica, sendo igualmente o apresentante da proposta de expulsão dos Portuguezes suspeitos de não adherirem á Independencia, com o qual quizeram os Andradas affirmar o seu nativismo. Dissolvida a Assembléa nacional, assignou o manifesto de 13 de Dezembro de 1823, mas não tomou parte na revolução de 1824 por já ter o seu animo sobrepujado a crise revolucionaria e preferir a ordem á violencia. De 1826 a 1832 exerceu as funcções de secretario da legação brazileira junto a Santa Sé, cujo primeiro titular foi outro sacerdote, mosenhor Vidigal.

A actividade politica do doutor Muniz Tavares não foi desde então tão brilhante quanto a que marcara sua juventude. Seu livro foi pelos historiadores cortezaes julgado um libello democratico, quasi tão virulento quanto o *Libello do Povo*. Censuraram-no sob este pretexto ou sustentaram vistas antagonicas, entre outros Pereira da Silva, de quem a politica fazia um aulico, e Varnhagen, sempre incisivo e intransigente nas suas opinões conservadoras, repassadas da disciplina germanica. Faltaram-lhe pelo motivo allegado as sympathias do regimen imperial, assim como depois da reacção ultramontana de 1870, moralisadora do sacerdocio e expurgadora da doutrina e dos canones, lhe faltaram mais accentuadamente as sympathias clericaes.

Muniz Tavares ainda foi uma vez deputado liberal (1845-1847) e até presidente da Camara, mas não conseguiu ser senador, comquanto figurasse n'uma lista triplíce. Foi mosenhor da cathedral e capella imperial, mas não foi bispo, embora o tivessem sido outros clérigos mações. Foi conselheiro, mas não foi ministro. De 1847 até fallecer, quasi trinta annos depois, viveu retirado das cousas publicas; em parte por orgulho, que n'elle era vivo, em parte por despeito, que foi profundo.

Perdeu bastante da fé politica, mas não perdeu a fé religiosa pois que continuou a praticar seus deveres sacerdotaes, e foi até assaltado da congestão que o vie-

timou quando celebrava o santo sacrificio no seu oratorio de Parnamerim (estrada de Sant'Anna), onde residia. Contemporaneos nossos ainda o recordam passando pelas ruas do Recife na sua sege com o laçao seguro ás alças posteriores da coberta. Tampouco perdeu o espirito de caridade, pois que de 1853 a 1860 presidiu com dedicacão e com exito a administração dos estabelecimentos pios, na qualidade de provedor da Santa Casa de Misericordia. O seu plano, que chegou a ter inicio de execucao, foi fundar com patrimonio por elle proprio doado um Azylo de Convertidas, cuja guarda e protecao foram successivamente recusadas por dois b'spos que entretanto encarnaram no solio da diocese de Olinda o mais puro espirito evangelico, mas pertenciam sem reboço á Egreja militante contra a maçonaria —Cardoso Ayres e Frei Vital de Oliveira.

Do patriotismo nunca arrefecido, como bem diz o sr. Pereira da Costa (*ob. cit.*), do monsenhor Muniz Tavares, foi prova o devotamento que consagrou ao Instituto Archeologico installado a 28 de Janeiro de 1862, do qual foi o primeiro presidente e continuou a selo por quatorze annos, até sua morte. Com o sentimento de patria estava no seu intimo associada a idéa de liberdade: Joaquim M. de Macedo, fazendo o seu elogio funebre no Instituto Historico do Rio de Janeiro, disse que a tal idéa o auctor da *Historia da Revolucao de 1817* "por 60 annos rendeu culto, sendo d'ella a sua alma um saerario puro". Muniz Tavares foi na verdade sempre e essencialmente um liberal, com as ingenuidades, os arrebatamentos e os preconceitos que comporta semelhante credo.

M. de Oliveira Lima.

Parnamirim, 15 de Julho de 1916,



Sello correio comemorativo do 1.º centenario da revolução.

Sello do Correio commemorativo

A pedido do Instituto Archeologico e devido aos esforços do deputado Netto Campello, a Directoria geral dos Correios fez uma grande edição de sello commemorativo que circulou de 6 de Março até 6 de Setembro, em toda a republica.

Os sellos foram impressos na nossa Casa da moeda pelo processo xilographico em tinta de cor azul, tendo a forma rectangular e medindo Om, 936x022.

Representa o modelo duas columnas ligadas superior e inferiormente por dous travessões. Cada columna tem em volta uma faixa, sendo a da direita com a inscripção: "Centenario da Revolução republicana em Pernambuco" — e na da esquerda — "Bandeira da Republica de 6 de Março de 1817."

Ao centro vê-se a bandeira da revolução, de forma rectangular, dividida ao meio, horizontalmente, por um traço, tendo na parte superior o arco-iris, o sol e uma estrella.

Nos dous travessões vêm-se as palavras "Brasil" no superior e "Correio" no inferior.

O clero e a revolução de 1817

Somente em 1831 se formaram os primeiros bachareis de Olinda, em virtude da creação dos cursos juridicos do Brasil, em 11 de Agosto de 1827. Constituiam assim os sacerdotes a classe mais importante e instruida da sociedade pernambucana.

Participaram da revolução de 1817 os seguintes:

Deão dr. Bernardo Luiz Ferreira Portugal, conegos Manuel Vieira de Lemos Sampaio e João Rodrigues Mariz, governadores do bispado:

Vigarios João Cavalcanti de Albuquerque, Antonio de Almeida Azevedo, Antonio Jacome Bezerra, Virgínio Rodrigues Campello, José Gomes Chacon, João Bar-

boza Cordeiro, Manoel Gonçalves Fontes, Verissimo Machado Freire, Luiz José de Albuquerque Cavalcanti Lins, Francisco da Costa Medeiros, Ignacio Alves Monteiro, José Ferreira Nobre, Miguel Carlos da Silva Saldanha, Francisco de Salles Coelho da Silva e Pedro de Souza Tenorio;

Padres João Ribeiro Pessoa de Mello Montenegro, Antonio Pereira, José Martiniano de Alencar, Manuel José de Assumpção, Francisco Muniz Tavares, José Ignacio de Brito, Antonio Felix Velho, Miguel Joaquim de Almeida Castro, José da Costa Cirne, João Baptista da Fonseca, Ignacio de Almeida Fortuna, Francisco Xavier Garcia, José Felipe de Gusmão, João Gomes Lima, José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, Antonio José Cavalcanti Dias, Francisco Dias de Oliveira, Venancio Henrique de Resende, Luiz José Corrêa de Sá, Carlos José dos Santos, Ignacio Bento, Luiz Carlos Coelho da Silva e Gonçalo Ignacio de Loyola;

Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, frei João Loureiro, frei Francisco de Santa Marianna, frei Francisco de São Pedro, frei Mercês, frei João da Cruz, frei Francisco de Santanna Brito, frei José Maria do Sacramento Brayner, frei João de Santa Miquilina e o donato Jacintho Luiz de Mello.

Destes, vinte um eram filiados á maçonaria que estava disseminada com o titulo de *loja, officina, academia, universidade, escola democratica*; do's se suicidaram; quatro perderam a vida no patibulo por sentenças de commissões militares e grande parte foi para os carceres da Bahia.

Tendo o padre Pascoal Pires provocado a contra-revolução em Pau d'alho e Santo Antão, o governador do bispado deão Manoel Vieira pediu ao general José Mariano que trouxesse *vivo ou morto o infame* padre, porque quer'a mostrar á posteridade como seriam castigados os ecclesiasticos trahidores á patria!

Commemoração do centenario nas cidades do interior

Em quasi todas as cidades do interior a grande data do centenario foi solemnizada condignamente.

Nem de todas recebemos noticia. Publicamos o que chegou ao nosso conhecimento.

AGUA PRETA — Foi inaugurada uma escola sob os auspícios do "Padre Muniz". As chuvas ininterruptas prejudicaram as festas, com pesar para a população, conforme communicaram os srs. dr. *Bianor Baptista*, juiz de direito; *Lupercino Domingues Lins*, juiz municipal; dr. *Rodolpho Santa Cruz*, promotor publico; padre *Antonio Lagreca*, vigario; *José Fortunato de Miranda*, prefeito; *Pedro Ferreira de Moraes*, presidente; conselheiro *Pedro Rates e Silva*, advogado."

ALAGOA DE BAIXO — Em commemoração á data do centenario da revolução pernambucana houve uma sessão extraordinaria no paço municipal, tendo comparecido grande numero de pessoas da elite social, além das auctoridades judicarias e policiaes.

Pelo conselho municipal foi creada uma escola com a denominação de Domingos Martins.

ALTINHO—O primeiro centenario da revolução republicana no Brazil, foi solemnemente assignalado nesta cidade.

A este movimento correspondeu amplamente a boa vontade dos altinenses.

A's 13 horas do dia 6 do corrente teve logar uma sessão solemne presidida pelo actual prefeito do municipio, coronel *José Alves da Costa Couto*, que depois de annunciar o fim da reunião extraordinaria do Conselho, concedeu a palavra ao capitão *Manoel Omena*, que em linguagem vibrante e patriótica fez o historico da Revolução de 17, enaltecendo a coragem e bravura dos heroes daquella epoca.

179-204

981.342

Não havendo mais quem quizesse se utilizar da palavra, o coronel José Alves da Costa Couto declarou que, de accordo com o conselho municipal, inaugurava uma escola publica para ambos os sexos, em homenagem á memoria dos martyres de 17, e que a mesma escola receberia o nome de Padre Roma, o que foi applaudido por todas as classes alli representadas.

Em seguida foi lavrada a acta do conselho municipal pelo secretario, assignada por todos os conselheiros, auctoridades federaes, municipaes e estadoaes, alem de outras pessoas de destaque social.

Logo após foram servidos profusos copos de cerveja, sendo por esta occasião brindados o dr. Manoel Borba, honrado governador do Estado, e o coronel João Guilhermê de Pontes.

A harmoniosa banda Santa Cecilia executou varias peças do seu vasto repertorio, e bem assim o hymno nacional.

AMARAGY — Foi festivamente commemorado aqui o centenario da revolução republicana, de 1817.

O programma dos festejos obedeceu á seguinte ordem:

A's 4 horas foi hasteado o nosso pavilhão no edificio do Paço Municipal, sendo por esta occasião queimada uma salva de 21 tiros.

A's 8 horas foi, pelo revdmo. vigario Getulio Cavaleanti, celebrada na matriz desta cidade uma missa em suffragio das almas dos heróes de 17.

Foi bastante concorrido o acto.

A's 10 horas foi inaugurada a escola municipal "Padre Roma", sendo em seguida realizada uma sessão magna presidida pelo padre Getulio. De tudo foi lavrada a acta abaixo:

"Aos seis dias do mez de Março do anno de mil novecentos e dezeseite, primeiro centenario da revolução pernambucana que teve por fim estabelecer no Brazil o regimen republicano, na casa n. 3 da Rua Barão de Freixeiras desta cidade de Amaragy, local designado

para o funcionamento da Escola Municipal Padre Roma, foi a mesma installada perante grande numero de pessoas de destaque social neste municipio, pela professora d. Virginia Rodrigues.

Em seguida, sob a presidencia do revdmo. padre Getulio Cavalcanti, vigario da freguezia, realizou-se uma sessão civica commemorativa do 1.º centenario da revolução de 1817.

O sr. presidente depois de proferir algumas palavras considerou aberta a sessão, sendo em seguida dada a palavra ao orador official N. Eduardo de Carvalho que proferio um vibrante discurso, rememorando os martyres-heroes da revolução, especializando o padre José Ignacio de Abreu e Lima, cognominado padre Roma, patrono da escola recém-inaugurada.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão entre os mais calórosos applausos.

Assignaram as seguintes pessoas.

Padre Getulio Cavalcanti, dr. Melanio de Barros Correia, Major Eduardo Carvalho, pharm. Mario Landim representando o prefeito municipal, tenente Manoel Emygdio Camello, delegado de policia, coronel Francisco Teixeira de Albuquerque, professor José da Hora Beda, José Thomaz de O. Nobrega, Floriano Coelho, João Luiz da Costa Gomes, Laurindo dos Santos Reis.

Compareceram ao acto tambem os alumnos das escolas desta cidade.

A banda da sociedade musical "Amaragyense" abrilhantou a festividade.

BELLÓ JARDIM — Nessa localidade a data do centenario foi commemorada condignamente pelos seus habitantes, sendo fundada uma escola publica que tomou o nome de "Padre Roma".

BELMONTE — A's 19 horas, perante o que o municipio possui de mais selecto, realizou-se uma sessão magna sob a presidencia do dr. Felisberto dos Santos

Pereira, juiz municipal e membro da comissão promotora das festas cívicas.

Depois de tratar do feito historico de 1817, declarou installada a escola "Barros Lima", que ficaria a cargo dos srs. José Ribeiro Vianna e João Baptista Fructuoso de Padua.

Deu a palavra ao revdmo. padre Joaquim de Alencar Peixoto que pronunciou vibrante e arrebatadora oração.

Seguiram-se na tribuna o sr. Waldemiro de Araujo Lima, representante do Externato belmontense; a menor Josepha do Amaral Martins e os menores Napoleão Gomes Ferraz e Edison José de Macedo; srs. Juvenal Ferreira Evangelista e José Pires de Alencar.

O salão do paço estava bellamente ornamentado. Nelle, durante a festa, tocou uma orchestra.

BÔA VISTA — O conselho municipal em sessão extraordinaria de 6 de maio passado, resolveu denominar "Praça Abreu e Lima" a antiga "Praça do Mercado" desta cidade, prestando assim a homenagem devida ao grande vulto da memoravel revolução de 1817.

BOM CONSELHO — No conselho municipal, presidida pelo dr. Eusebio Brandão da Rocha, juiz de direito, houve uma sessão cívica muito concorrida. Fallou como orador official o dr. Paulo André.

Foi installada a escola municipal Domingos Theotônio, inserindo-se na acta um voto de louvor pela iniciativa patriótica do Instituto Archeologico, fazendo-se votos pela felicidade de Pernambuco.

BREJO DA MADRE DEUS — O prefeito municipal de Brejo da Madre Deus sancionou o seguinte:

"Acto n.º 7 — O coronel Firmino Rodrigues Lins d'Albuquerque, prefeito do municipio do Brejo da Madre de Deus do Estado de Pernambuco, em virtude de sua eleição, etc. — Interpretando fielmente os sentimentos d'este Municipio, que não deve tornar-se indif-

ferente ás festas commemorativas do centenario da revolução pernambucana de 1817, que vão ser promovidas no dia 6 do corrente pelo Instituto Archeologico do Estado; e, considerando que, a data, cujo centenario vae ser commemorado é uma das mais gloriosas que ornam as paginas da historia do nosso heroico estado e symbolisa o mais aerisolado patriotismo que inflammou os corações de centenares de victimas da prepotencia do imperialismo extincto; considerando que ao governo municipal assiste a obrigação de adherir a tão grandiosa ideia prestando plena solidariedade á sua effectividade; resolve, usando das attribuições que lhe são conferidas, por lei, em commemoração á data, dar á primeira cadeira do sexo masculino da villa de Bello Jardim, a denominação de — Escola municipal padre Roma — por ter sido um dos vultos mais salientes da revolução republicana que, com o seu precioso sangue, regou o solo d'onde mais tarde devia brotar a arvore da liberdade, e determinar ainda não haver expediente em todas as repartições municipaes, no referido dia. E para constar expede-se o presente acto que será presente á consideração do conselho na sua proxima reunião, enviando-se uma copia ao Instituto Archeologico, feitas as demais communicações. Prefeitura do municipio do Brejo, em 3 de Março de 1917. —(assignados) O prefeito *Firmino Rodrigues Lins de Albuquerque*; o secretario geral, *José Izidoro Lins Pereira*."

BUIQUE — Sob a presidencia do coronel Francisco França, presidente do conselho municipal, reunio-se a edilidade e fundando a escola "Leão Coroado".

Compareceram ao acto magistrados, auctoridades locais e crescido numero de municipes.

CARUARU' — Em Caruaru' foi, com modesta mas expressiva solemnidade, commemorada a magna data que registra o centenario da primeira revolução republicana no Brazil. Associaram-se ás manifestações promovidas pelo Conselho Municipal, em honra aos mar-

tyres daquelle movimento patriótico, as auctoridades federaes, estadoaes e municipaes desta cidade, a sociedade musical Nova Euterpe e numerosas pessoas da elite caruaruense.

A's 12 horas, assumindo a presidencia, o major Manoel Leopoldino considerou aberta a sessão, emquanto convidava o cel. João Guilherme prefeito, e o dr. Leovigildo Junior, orador official, a tomarem assento, ao seu lado, na mesa do Conselho. Em seguida, o presidente annunciou que o fim daquelle reunião extraordinaria era partilhar das homenagens que todo o Brazil rendia, no dia 6 de Março, á memoria dos inesqueciveis heroes martyres do movimento revolucionario de 1817, terminando por conceder a palavra ao orador official.

Em linguagem clara e vibrante de patriotismo, o dr. Leovigildo Junior empolgou o auditorio durante cerca de 20 minutos.

Começou s. s. fazendo uma invocação ao glorioso passado de Pernambuco; depois historiou as divergencias entre officiaes brasileiros e portuguezes, no exercito; salientando o apoio que tinham aquelles, por parte do governo de D. João VI.

Fallou tambem da exploração feita pelos altos funcionarios de el-rei, os quaes devoravam a fortuna publica sem prestarem satisfações. Mencionou que no exercito um commandante portuguez representara para que a brasileiros não se desse posto superior a capitão. Reunindo todas essas desavenças ás idéas liberaes que fizeram a independencia e grandeza de varios paizes naquelle epocha e, ainda mais, á decisão do Governador da Provincia de fazer abortar a revolução, por meio de prisão dos cabeças, temos as causas do movimento revolucionario de 17.

Depois de historiar os resultados do movimento, o dr. Leovigildo fallou da bella constituição do governo; logo após estygmatisando a barbaridade do conde dos Arcos e outros servos do rei, os quaes iam fuzilando

quasi summariamente os revolucionarios que lhe cahiam em mãos.

O dr. Leovilgido Junior ainda fallou do grande effeito deste movimento, relativamente á conquista da nossa independencia e á proclamação da Republica.

Perorando, disse o talentoso orador:

"A revolução de 1817 que hoje commemoramos, honrando a memoria dos seus martyres-heróes, demonstra, em face da historia, que ella foi a origem da republica no Brazil, o impulso para a nossa Independencia de 1822 proclamada por D. Pedro I e para a queda do carunchoso tronco de Bragança em 1889 com a proclamação definitiva da Republica.

Essa revolução é o traço do caracter do povo de Pernambuco; é o reflexo da nossa bravura e do nosso valor civico. Não se apagará nunca o exemplo que os patriotas nos legaram, exemplo de altivez que ennobrece e que cobre de glorias o periodo mais brilhante de Pernambuco.

Honremos a memoria dos republicanos de 1817, cuja semente gloriosa fructificou exuberante e hoje vive, depois de cem annos, com a mesma fragrancia e vida, por todos os seculos.

O sangue que elles derramaram no solo de Pernambuco lavou o sujo das almas dos infames e hoje, limpido e claro e resplandente, é como o sol da republica que illumina a nossa crença do futuro e nos encoraja para defendel-a sempre na vida como na morte!"

Ao terminar a sua bella oração o dr. Leovilgido Junior foi vivamente applaudido.

O presidente, tendo offerecido a palavra aos presentes e nenhum della querendo se utilizar, propoz aos seus pares que as 1.^a e 2.^a cadeiras do sexo masculino desta cidade recebam os nomes de Abreu e Lima e Padre Miguelinho, como homenagem aos patriotas martyres, o que foi por todos acceito.

Em seguida foi lavrada pelo secretario do Conselho, uma acta da sessão, levando a assignatura dos con-

selheiros, auctoridades, professores e demais pessoas presentes.

Antes e depois da sessão foi cantado o hymno nacional por todos os alumnos das escolas, fazendo-se ouvir tambem a harmoniosa Nova Euterpe.

Após a sessão foram servidas finas bebidas a todos os presentes.

Entre a numerosa assistencia registramos: Cel. João Guilherme, prefeito; major Manoel Leopoldino e caps. Antonio Barbosa, Luiz dos Reis, João José Netto; Bernardo Cruz e João Britto, conselheiros; drs. Jonathan Costa, juiz municipal e Leovigildo Junior, promotor publico; cap. José Pereira de Azevedo, delegado de policia; vigario Luiz Gonzaga; cel. Eurico Vitruvio, fiscal do consumo e Francisco Florencio, escrivão da collectoria federal; major Henrique Pinto, secretario do Prefeito; cap. Antonio José Vieira, Luciano N. de Melloi Pedro A. Lins; prof. Lauro Schrämnn (*O Ideal*); Manoel Lyra; cel. João Leite; Alfredo Gomes; Octaviano Vianna; Francisco Paes de Lyra; João Paulo Correia e Sá (*O Caruaruense*) prof. João Vietal; Antonio Pinto; João Gualberto Velloso; Antonino Quirino; José Olympio B. e Silva; Pedro Victor d'Albuquerque; Augusto Brayner; e as escolas dos professores Paulo Ferrucio, Elvira Figueiredo, Luiza Belmira, Maria Emilia; Etelvina Silva e Maria Venturina, com cerca de cento e cincoenta creanças.

CORRENTES — Segundo communicação do vigario Lima Cavalcante, houve uma grande reunião no conselho municipal sendo creada a escola "Domingos Theotônio."

CUSTODIA — Por iniciativa do coronel Antonio Remigio da Silva e do capitão Modesto Mello, realisou-se uma sessão solemne no salão da "S. Dramatica Custodense", em homenagem aos martyres de 1817, sendo orador official o joven Arthur Viéira Lima, que n'uma bella allocução enalteceu o heroismo daquelles grandes martyres e terminou saudando a Republica.

Ainda occuparam a tribuna os srs. cel. Antonio Remigio, José Gomes e João Bandeira, sendo todos muito applaudidos

Foi hasteado no mesmo predio, o glorioso pendão nacional. Por motivo de não ter comparecido o numero legal de socios, deixou de ser inaugurada no mesmo dia a "Sociedade de Lettras Abreu e Lima", que seria a homenagem dos custodenses á gloriosa data.

Apezar disto, foi solemnizada a grande data com extraordinario entusiasmo, deixando a cada um dos assistentes a mais grata impressão.

ESCADA — A sociedade "Beneficente 25 de Março", que já contribuiu para as deslumbrantes homenagens promovidas pelo benemerito Instituto Archeologico Pernambucano, realisou em honra á memoria dos heroes de 1817 uma sessão magna ás 18 horas, em sua séde nesta cidade com a presença de avultado numero de socios. Aberta a sessão pelo presidente sr. Manoel Lopes, convidou este para presidir a sessão o socio sr. Sosthenes Cavaleanti, que depois de agradecer a distincção que acabava de lhe ser conferida, prendeu a attenção do auditorio fallando sobre o heroico feito de nossa historia.

No correr de seu discurso teve ensejo o orador de referir-se com entusiasmo á acção patriotica do Instituto Archeologico Pernambucano, não deixando apagar-se entre nós a justa veneração pela memoria dos grandes patriotas que encheram de glorias e exemplos civicos as paginas refulgentes de nossa historia. Ao terminar recebeu o orador applausos dos assistentes.

EXU' — Em commemoração ao centenario da re-

volução de 1817 o prefeito municipal creou e inaugurou na villa de Taboas a escola municipal "Barros Lima".

FLORES — Nesse município houve uma reunião das pessoas gradas e foi inaugurada a escola mixta "Leão Coroado".

FLORESTA — Houve no paço municipal a 6 de Março, uma sessão solemne, sendo approvada uma proposta apresentada pelo conselheiro Fortunato de Sá Gominho no sentido de ser dado o nome de Abreu e Lima á escola publica municipal da cidade, como homenagem ao heroe e á data.

GARANHUNS—Como significativa homenagem á gloriosa data do centenario da revolução de 6 de Março, foi aqui inaugurado o Grupo Escolar Frei Caneca, sob a direcção da exma. senhorita Elisa Coelho.

Do livro de matricula do citado grupo escolar, copiamos, com a devida venia, o termo de abertura dos trabalhos escolares:

"Servirá este livro para matricula da escola mixta da instrucção primaria nesta cidade, sita á rua Barão do Rio Branco n.º 23, a qual sob a minha direcção funcionará das 9 ás 15 horas, tomando o nome de Grupo Escolar Frei Caneca, em commemoração á data historica de 6 de Março, primeiro centenario da revolução patriotica pernambucana de 1817. Isto faço em cumprimento aos bons desejos do Instituto Archeologico Pernambucano e iniciativa do illustre e revdmo. padre dr. Benigno Lyra, cabendo-me a honra de escolher o nome do grande heroe e martyr Frei Joaquim do Amor Divino Caneca como patrono desta escola por haver sido elle um dos mais esforçados defensores da liberdade patria, prestando desta forma um preito de respeitosa homenagem á sua gloriosa memoria. — Garanhuns 6 de Março de 1917. — (assignado) Elisa Coelho."

Ainda em solemnisção á grande data da nossa his-

toria, o commercio fechou e o Cinema Grossi deo espectáculo de grande gala.

No Gymnasio de Garanhuns, ao ser declarado dia feriado, os lentes padre José Antero e dr. Pacifico dos Santos fizeram preleções aos seus alumnos, sobre o facto historico, que se memorava, citando os nomes dos grandes heroes que nelle tiveram parte, e os brilhantes feitos que praticaram.

GLORIA DE GOYTÁ — Esta terra não foi indifferente ás festas commemorativas do centenario da revolução pernambucana de 1817 e, tomando em consideração o pedido do Instituto Archeologico, não só contribuiu com a verba de 100\$000 reis para a commemoração, na capital, da gloriosa data, como tambem aqui solemnizou o 6 de Março na medida das suas forças.

Ao romper do dia e aos estrepitos de uma girandola de foguetes hastearam-se a bandeira nacional e a republicana de 1817 na fachada do edificio do Conselho municipal.

A's 15 horas reunio-se o conselho, sob a presidencia do tenente coronel José Correia de Mello Nô, fazendo parte da reunião os srs. capitão José Pereira da Silva, capitão Laurentino Jorge Tavares, tenente Antonio José Correia de Mello, Simão de Souza Costa, Vicente Gomes da Silva, e Antonio Vieira de Barros.

Compareceu á assembléa municipal o prefeito major José Antonio de Albuquerque, que a havia convocado, dando os motivos dessa convocação e lembrando que era necessario attender-se aos justos pedidos do Instituto Archeologico.

Nessa occasião entravam no recinto da sala do Conselho municipal as alumnas da escola mixta municipal regida pela professora d. Theodora Rodrigues, trajando meninos e meninas vestes brancas com uma larga fita azul á tiraollo, em que se lia a data — 1817 — sobre uma orla branca.

A' frente do grupo escolar conduzia um menino o lindo pavilhão da republica de 1817, ultimamente ado

ptado como bandeira do Estado de Pernambuco por acto do dr. Manoel Borba, de 23 de fevereiro findo.

Lavrada a acta commemorativa da data patriótica que illumina os annaes da terra pernambucana e em que uma pleiade de homens dignos deixou de existir pelo acendrado amor á patria livre, o Conselho municipal, para perpetuar a memoria dos martyres dessa cruzada santa, deu o nome de —Padre Roma— á escola dirigida pela distincta professora d. Theodora Rodrigues, e bem assim deu a designação de Domingos José Martins á actual rua da Penha, passando tambem a denominar-se rua Domingos Theotônio Jorge parte de que tem o nome general Dantas Barreto.

Lida a acta, no momento em que os conselheiros tinham de assignal-a, assomou á tribuna a gentil menina Regina Rodrigues e leu um discurso sobre os heroicos acontecimentos de 1817, terminando por agradecer ao Conselho a designação do nome de um dos martyres á escola de que era alumna.

Finda a leitura ecoou na sala ruidosa salva de palmas e a philarmonica 1.º de Outubro tocou o hymno nacional, entoando o grupo escolar a poesia respectiva.

Encerrada a sessão, usou da palavra o orador official dr. Francisco A. de Castro, promotor publico da comarca, que em vibrante discurso narrativo da memoravel data prendeu a attenção do auditorio, terminando a sua oração sob uma prolongada salva de palmas.

A Philarmonica e o grupo escolar de novo entoaram o hymno patrio.

Sahiram, então, em passéata pelas ruas da cidade todos quanto se achavam no recinto do conselho: cavalleiros de nossa melhor sociedade, senhoras, senhoritas e o grupo escolar tendo a frente a bandeira republicana do Estado.

A's 20 horas discursou no "Cinema Gloria" o sr. Epaminondas Leite sobre a immorredoura data, historizando os factos com eloquencia.

GOYANNA — Tiveram grande realce as festas aqui realizadas em commemoração ao primeiro centenario da revolução pernambucana de 6 de Março de 1817.

Em observancia ao programma traçado pela commissão composta dos srs. dr. Victoriano Regueira, juiz de direito; padre Silvino Guedes, vigario desta freguezia, e cel. Angelo Jordão, prefeito municipal, teve logar ás 17 horas do dia 6 uma sessão civica, na qual foi pronunciada uma conferencia allusiva á data pelo dr. José Carlos, talentoso promotor publico desta comarca.

Presidida a sessão pelo vigario Silvino Guedes, ladeado pelos srs. Angelo Jordão e dr. Victoriano Regueira, o presidente depois de dizer, em breves e entusiasticas palavras, qual o fim da reunião, deu permissão ao orador official dr. José Carlos, para começar a sua oração que durou 35 minutos, tendo, ao perorar, o conferencista dito:

"Exmas. senhoras e meus senhores.

Cedo, porem, começou a derrocada da infeliz republica com o fuzilamento do valorozo padre Roma, no campo da Polvora na Bahia, a 29 de Março.

Baqueou como um intrepido e generoso patriota!

Em Maio, já se tendo Domingos Theotonio tornado dictador, depois de ler uma proclamação, retira-se com o Padre João Ribeiro acompanhado de 2000 homens para Paulista, em demanda de Iguarassu' e Goyanna—unicos logares que se mantinham fieis á republica atravez de toda a calamidade e de toda a desgraça.

A 21 de Maio a bandeira portugueza reapparece nas fortalezas e "sangue, sangue" foi o lemma da guerra declarada aos nossos pranteados patriotas!

O Padre João Ribeiro suicidou-se em Paulista para não ver as miserias que se iam desenrolar no seu querido torrão. E successivamente, tornaram-se martyres da liberdade: Antonio Henrique, José de Barros, padre M'guelinho, Vigario Tenorio e os principaes vultos da republica decahida!

Nenhum enfraqueceu deante do patibulo, da cruel-

dade e torpeza das execuções, e quasi todos, nos extertores da morte, entoaram hymno á Liberdade!

Heroes! Patriotas! Martyres das idéas sacrosantas! os vossos exemplos echoando em nossos corações, servem-nos de molde para as nossas acções de hoje e do futuro!

Exmas. senhoras e meus senhores: Apoz um seculo, derramando uma lagrima de saudade e de amor, ao evocar a memoria glorificada dos heroes de 1817 —goyannenses, pernambucanos, nós, —sob essa bandeira, que de hoje em diante, vae tremular como um pendor de glorias da nossa terra, chrimada pelo fogo e salpicada de sangue — devemos prometter jamais olvidar os legados honrozos dos nossos avoengos —e conservar o valor, a integridade e a nobreza democratica, que, no momento actual Pernambuco soberba e serenamente ostenta.”

Cobriu as ultimas palavras do orador uma salva de palmas.

Por ultimo fallou o vigario Silvino Guedes, que agradeceu a todos os presentes e em nome do chefe do executivo declarou inaugurada a escola publica municipal “Padre João Ribeiro”, d’zendo que o nome deste goyannense abnegado devia de ha muito servir de legenda ao portico de um dos templos da sciencia em que se abeberá a infancia de Goyanna.

Em seguida o padre Silvino Guedes ergueu um viva a Pernambuco, sendo correspondido pela enorme assistencia de goyannenses que foram render preito aos heroes de 1817.

Dentre as pessoas que compareceram a esta festa civica notamos as senhoritas:

Beatriz de Moraes, Maria José Tavares, Elisa Jordão, Maria Augusta Gondim, Ircy Leite, Carmelita Moreira, Idalina Preseilla Monte Souza, Hortencia e Maria Luiza Serpa, Rozenda, Aurea e Conceição Leite, Odette e Bellinha Tavares, Severina Cavalcanti, Zezinha, Lourdes e Maria das Dores Cezar; Leonilla e Ade-

laide de Moraes, Maria Joanna Gondim e Carminha e Conceição Regueira.

Senhoras: Anna Tavares e Eurydice Moreira.

Senhores: Drs. José Cezar e Frederico do Rego, Zacharias de Albuquerque, José Pinto, Monte Souza, Capitão Pedro Leite, Celso José Luiz, major Paula Mello, Severino Albertim, Seraphim Fonseca, João Barboza Netto, Aluizio Jordão, Arthur Miranda; Lindolpho Ferreira, major Ludovico Cavalcanti, Gustavo Nunes, João Baptista, José Correia, Aurelio Cavalcanti, Floriano Moreira, Peixoto Junior, Dominiciano Lobo, José Baracho, Symphronio de Albuquerque, professor Severino Correia de Araujo, José Luna, José Novaes, Antonio Pinto, José Gondim, Mendes Ribeiro, Adherbal Regueira, Olavo Monte-Souza, José Viegas, Vieira da Silva; Enéas Soido, Maximino Lyra, Lindolpho Tavares, Cosme Mello, João Monteiro e academico Edmundo Jordão.

Compareceram acompanhadas de grande numero de alumnos as professoras publicas: Eulerina Barboza, Maria Mendes Ribeiro e Ismenia de Souza.

O professor Florencio de Alencar fez-se acompanhar de 60 alumnos.

GRANITO — A população desse municipio solemnizou a passagem do centenario da revolução republicana com a fundação da escola "Padre Roma".

IGUARASSU' O coronel Antonio Pontual, prefeito, creou e installou ás 13 horas do dia 6 de março a escola "Domingos Theotonio". Esse patriota, depois da dissolução do exercito republicano, esteve homisiado neste municipio.

INGASEIRA — O memoravel dia 6 de Março foi aqui solemnemente commemorado com uma sessão magna, a qual realisou-se ás 19 12 horas sob a presidencia honoraria do dr. Agripino F. Nogueira Lima, a convite do major José Osorio, presidente do governo municipal.

O Paço municipal achava-se áquella hora illuminado a alcool e repleto de familias e distinctos cavalheiros da elite afogadense.

O dr. Agripino, tomando logar na cadeira destinada á presidencia, convidou para seus secretarios o coronel Luiz de Góes e o major Antonio Cezar.

S. s. começou agradecendo a distincção de que vinha de ser alvo por parte dos membros do governo municipal e, em seguida, dissertou brilhantemente sobre a significação historica da magna data, o papel que nella tinham representado os inolvidaveis patriotas frei Caneca, Domingos Theotonio e padre Roma —o patrono da escola que naquella occasião se ia installar officialmente. Assim, s. s., competentemente auctorizado, declarou installada a escola "Padre Roma", não sem primeiro louvar os elevados intuitos do governo municipal, que, dest'arte, vinha secundar a obra de engrandecimento e progresso tão carinhosamente encetada pelo **patriótico governo do Estado**. A seguir, s. s. deu a palavra ao coronel Luiz de Góes, orador official, para dizer sobre a acção do grande republicarismo, no glorioso movimento cujo primeiro centenario se festejava naquelle dia. No desempenho da sua missão, o coronel Luiz de Góes, poz em destaque os feitos heroicos do invicto apostolo e martyr da liberdade, terminando com um patriótico appello a todos os governos que se succedessem no municipio para que zelassem, como um legado precioso, a escola "Padre Roma."

A' referida solemidade foram presentes os coroneis Elpidio Padilha e João Vital, respectivamente prefeito e sub-prefeito do municipio; bem assim todos os membros do Concelho municipal; padre Carlos Cottard, nosso virtuoso vigario; tenente João Climaco, delegado de policia e commandante do destacamento local; majores Antonio Cesar e Antonio Raphael; tenente Manoel Mariano Barbosa; José e Decio Padilha; professor José Ignacio de A. Trindade e outras pessoas gradas.

JABOATÃO — Nessa prospera cidade foi fundada a

escola publica municipal "Barros Lima", como marco de passagem do centenario da revolução pernambucana.

LIMOEIRO — Realisaram-se nesta cidade, com extraordinario brilhantismo, as festas do primeiro centenario da revolução pernambucana de 1817.

O povo limoeirense soube commemorar, como se fazia preciso, a data augusta em que o brado da liberdade ecoou pelos recantos desse trecho da patria como clarins annunciadores de victoria, nas pugnas da democracia.

6 de março, portanto, não devia ser esquecido por um povo que descende de Caneca de Leão Coroado e de tantos outros heroes que, pelo amor da liberdade, derramaram sem vacillações o seu sangue.

A commissão das festas, composta dos srs. Severino Cavalcante, João de Arruda, José Miranda e Antonio Maciel, não mediram esforços afim de que as mesmas se revestissem de desusado enthusiasmo.

Apezar de chuvas torrencias, ás 5 horas da manhã, em frente ao palacio municipal, foi queimada uma salva de vinte e um tiros, em quanto era içada a bandeira nacional.

A praça estava lindamente arborizada, o palacio ornamentado com esmero, tendo em cada porta um escudo com o nome de um revolucionario de 1817.

A's tres horas da tarde, do collegio estadual, á rua Aurora, precedido da philarmonica "Independencia", partiu o prestito de creanças, alumnos das escolas publicas do Estado e do municipio, em numero de tresentas, trajando os meninos bonet, roupa e sapatos brancos, as meninas saia azul-marinho, casaco, laço e sapatos brancos. As bandeiras nacional e da revolução eram conduzidas, a primeira pelo pequeno José Cavalcante de Vasconcellos, alumno da escola municipal dirigida pelo professor José Miranda, e a segunda pela graciosa Maria José Gomes, alumna da escola dirigida por d. Maria Victoria.

Dirigiu o cortejo, enverganlo o uniforme de capi-

tão do tiro do Collegio Salesiano, o applicado preparatorio Luiz Cerquinho Nunes.

O trajecto foi feito pelas ruas da Aurora, Rosa e Silva e praça de Mercado, com enorme acompanhamento de familias até a frente do palacio municipal, onde extraordinaria massa popular se encontrava.

A praça tinha, pela ordem da ornamentação, um aspecto garrido, apesar do ceu estar carregado, annunciando proximo aguaceiro, o que felizmente não se verificou.

Eram quatro e meia, quando tiveram inicio os exercicios de evoluções, de cantos e de gymnastica sueca.

O garbo com que se portaram os alumnos, e a pericia com que se exhibiram nos exercicios de gymnastica, arrancaram da multidão estrepitosas salvas de palmas.

De uma das janellas do Paço o academico Severino Cavalcante fallou ao povo com palavras entusiasticas durante 25 minutos.

A's primeiras sombras da noite, o capitão Antonio de Arruda Cabral, prefeito em exercicio, arriou o pavilhão nacional tocando nessa occasião a banda "Independencia", acompanhada pelos alumnos das escolas que cantavam o hymno patrio.

No salão nobre do paço municipal, sob a presidencia do prefeito em exercicio, capitão Arruda, ás sete horas da noite se iniciou a sessão magna.

Usaram da palavra os srs. professor Agostinho Santos, João de Arruda e Severino Cavalcanti; os pequenos Wenceslau de Souza Barbosa, representando a escola do professor José Miranda; Alberto da Silva Motta, representando a escola do professor Agostinho Santos; Leticia Arruda da Silva, representando a escola da professora d. Maria Victoria; Anelsina de Sá e Albuquerque, representando a escola da professora d. Eulalia Pestana; José de Oliyeira Pessoa, representando a escola do professor Jorge Camello, alem de muitos outros oradores que recitaram poesias e trechos oratorios concernentes á data commemorada.

O salão estava artisticamente illuminado a electri-

cidade .Dentre as pessoas presentes notavam-se: dr. Borges de Souza, cel. Ernesto Cavalcanti, medico; José Miranda, professor; capitão Manoel Motta, delegado de policia; Agostinho Santos e Jorge Camello, professores; Antonio Maciel, pela "Folha do Povo"; Vicente Santa Rosa, escrivão estadual; José Vareda, Oscar Vareda, Manoel Soares, Brasiliano de Mello, Francisco Ribeiro, Jeronymo Lima, Augusto Leão, Joaquim Miranda, João de Souza, Antonio Barbosa, Domingos Motta, Ignacio Pimentel, Luiz Paulino, Severino Mendes; José de Oliveira, Antonio Badeje, commerciantes; Jorge Mello, telegraphista; Manoel Trajano; sras.: Antonia Cadena Motta, Maria Cavalcante, Florencia de Mello, Josepha Soares, Prescilla Cadena, Anna Placida, Silvina Cavalcante, Antonia Cavalcante, Maria Miranda, Julia Barros, Maria Maciel, Elpidia Santos, Josepha Guerra, Joanna de Oliveira, Maria Victoria, Agripina Badeje e senhoritas: Rosa Baptista, Anna Laura de Miranda, Martha Cesar, Bertha Cesar, Guiomar Cerquinho, Isaura Aguiar, Ignez Santos, Maria Carolina, Olivia Gonzaga, Maria Assumpção, Guiomar Pinto, Clarice Pinto, Olga e Joviniana Ribeiro, Anna Dutra, Antonia de Mello, Clarice e Argentina Cavalcante, Maria das Mercês e Julia Cavalcante, Leonilla Cavalcante, Maria José Arruda, alem de muitas outras pessoas que enchem os vastos salões do paço municipal.

Foi na realidade uma festa que deixou no espirito publico a mais agradavel impressão e a demonstração perfeita que o nosso povo, se vai pouco a pouco, educando civicamente.

NAZARETH — Segundo communicação do sr. Antonio Borba, presidente do conselho, houve uma grande sessão commemorativa do centenario da revolução de 1817. Foi creada uma escola em Tracunhaem com o nome do padre "João Ribeiro Pessoa."

PALMARES — O prefeito desse adeantado municipio,

em sollemnisação á grande data, creou a escola "Abreu e Lima".

PAU D'ALHO — Em sollemnisação do centenario da revolução pernambucana, o revmo. vigario Arthur Beltrão fundou uma Escola Nocturna para meninos pobres, sob o titulo de "Deão Bernardo Portugal."

Já se acham matriculados 15 alumnos.

— Foi fundado no dia 6 do corrente nesta cidade um club de *foot-ball* com o titulo "6 de Março Foot-ball Club", sendo assim constituida a sua directoria:

Director, Inaldo Valois; thesoureiro, Odilon de Carvalho; orador, João Paulo Monte Raso e *referee* Luiz Rabello.

A sessão de fundação realisou-se ás 10 horas no salão da Eschola Parochial.

Ao terminar a mesma o professor Odilon, usando da palavra proferiu breve allocução e terminou erguendo vivas ao Brazil, ao 6 de Março, á Religião Catholica, á Pernambuco, á bandeira brazileira e a Páo d'Alho.

PESQUEIRA — Excederam á toda espectativa as festas realisadas a 6 de março em commemoração ao centenario da revolução de 1817.

Houve alvorada pela "Charanga", sendo no theatro Recreio içada a bandeira de Pernambuco; missa campal ás 8 horas; e á tarde passeata militar, na qual tomaram parte os "Escoteiros" e o Tiro Alagoinhense", precedidos da banda musical. Nas principaes ruas encontravam-se lindos escudos, com legendas apropriadas, entre bandeiras nacionaes e da revolução.

Às 19 horas teve inicio a sessão civica no theatro, sollemnidade que esteve devéras imponente. Todos os lugares estavam occupados por pessoal selecto, sendo ainda grande o numero de convidados que não conseguio entrar. Mais de 500 pessoas se achavam no recinto.

A commissão de ornamentação trabalhou infatigavelmente, dando um deslumbrante aspecto ao salão e ao

paleo, onde ficaram todas as comissões e as moças, que cantaram correctamente o Hymno Nacional.

Foram estas as senhoritas Adelma Maciel, Laura Tavares, Julieta Didier, Julieta Aquilones, Albertina da Conceição, Belisa Basilio, Francisca de Mello, Silvia Maciel, Beatriz de Sá Cavalcanti, Generosa Soares, Doralice Cesar, Meliana Quirino, Ascendrina de Abreu, Maria Magdalena das Neves. Compuzeram a orchestra regida pelo professor José Prisciliano de Queiroz, maestro Thomaz de Aquino, Napoleão Marques, Osorio de Araujo, Alipio Galvão, Ilidio Lyra, José de Alcantara, Amaro Rodrigues, Osvaldo Augusto de Almeida e as senhoritas Marieta Cesar e Luiza de Abreu.

Aberta a sessão pelo padre Frutuoso Rolim, zeloso vigario desta parochia, usaram da palavra: Zeferino Galvão, lendo um estudo sobre a revolução publicado na magnifica edição especial do "Diario de Pernambuco"; João Mendes, improvisando expressiva allocução; Anísio Galvão, recitando uma poesia patriotica de Olavo Bilac; Thomaz de Aquino, pronunciando suggestivo discurso.

Num dos intervallos, a escola feminina, regida pela professora d. Amalia da Costa Lima, cantou bonito hymno escolar.

Terminou a sessão uma linda apothese, na qual as gentis senhoritas Adelma Maciel, Julieta Didier e Sylvia Maciel representaram a Republica, a Revolução de 1817 e a Liberdade, sendo executado nessa occasião o Hymno Nacional.

Foi então organizado luzido cortejo, que constituiu a mais brilhante passeata civica aqui organizada, pois nella tomaram parte innumeradas familias e consideravel massa popular.

A' frente marchavam a Charanga, o Tiro Alagoanhense, os Escoteiros, a escola feminina, a escola masculina regida pelo professor Brazilliano Lima, cada uma com 40 alumnos, comissões, auctoridades etc. Deram guarda á bandeira do Estado os seguintes officiaes da guarda nacional: coronel Honorato Marinho, capitão

Abreu Valença, tenente-coronel João Alfredo, capitães Joaquim Alves Valença e Luiz de Abreu.

Em frente á matriz usou da palavra o dr. Andrade Lyra, que produziu bella oração sobre o amor da patria e a festa que se realizava.

Na porta da residencia do padre Frutuoso Rolim discursou o sr. Anisio Galvão, lembrando as lutas dos povos pela liberdade, como ainda hoje, em que a Belgica e a França sentem-se opprimidas pela invasão estrangeira; na rua Barão de Villa Bella, o sr. Tito Wanderley fez a apologia da mulher pernambucana, sempre na vanguarda das grandes cruzadas de heroismo.

Finda a passeata, foram queimados na rua Duque de Caxias attrahentes fogos de artificio, trabalho do habil pyrotechnico Miguel Erino, destacando-se um artistico painel.

Seguiram-se dansas em casas particulares e outras diversões.

Convem assignalar o valioso concurso que prestou ás solemnidades o "Tiro Alagoinhense", vindo especialmente para assistir a ellas, e que se mostrou muito bem disciplinado.

Tambem os "Escoteiros" desta cidade, apezar da fundação muito recente, apresentaram-se garbosos e com adiantamento.

As commissões que se encarregaram dos festejos eram compostas dos srs.: padre Frutuoso Rolim, drs. Andrade Lyra, Luiz Ribeiro, José Pires Filho, Leonilo Correia, José Neves Filho, Lydio Parahyba, Eutropio Bezerra, majores José Maciel e Affonso Gonçalves, Zeferino Galvão, coroneis Antonio Didier e Carlos de Britto, capitão Epiphanió Cordeiro, professor Brazilianno Lima, Thomaz de Aquino, Antonio Manoel Cavalcanti, Antonio Soares, tenente coronel José de Araujo, Marciano Costa; José Affonso Atalida de Vasconcellos, José Chacon, Luiz de Abreu, capitão Tito Rego, Tito Wanderley e Aristides Cavalcanti. Grande foi o numero de cavalheiros que auxiliou os dirigentes, devendo-se assim ao concurso geral dos que possuem sentimentos patrioti-

cos o notavel exito de que se revestiu essa homenagem aos intemeratos martyres da nossa historia.

Em nome dos "Escoteiros" e do "Tiro" os drs. Andrade Lyra e Astriclino Gallindo, respectivamente presidentes, saudaram por telegramma o snr. general Joaquim Ignacio, que agradeceu. A commissão directora tambem telegraphou ao "Instituto Archeologico", congratulando-se pela data memoravel.

Tanto o "Tiro" como os "Escoteiros" receberam ruidosas manifestações de sympathia por parte das familias e do povo. Aquella corporação foi condignamente recebida, aquartelando-se nos predios 29 e 31 da rua Duque de Caxias e fazendo refeições no "Café Chic", que se achava cuidadosamente ornamentado.

O major João Luiz, prefeito, não tendo podido comparecer á sessão civica, esteve representado pelo sr. Elyseu Araujo. Do Conselho Municipal estiveram presentes os srs. José Araujo, Zeferino Galvão, Luiz Tenorio, José Maciel, Antonio de Almeida Cavalcanti e Domingos de Araujo.

De Rio Branco, Alagoinhas, Poção e outros pontos vieram diversas familias e cavalheiros tomar parte nas solemnidades.

O Tiro Alagoinhense formou com 44 figuras, sendo commandado pelo sargento do 46.º, Dorgival Gallindo; os Escoteiros, em numero de 26, estavam sob o commando do sargento do 49º Manoel Evaristo da Cunha.

—O conselho municipal por proposta do coneccheiro José Maciel, deu a cada uma das ruas do municipio o nome dum patriota ou duma data celebre da historia de Pernambuco.

QUIPAPÁ — A passagem do centenario foi assignalada nesse municipio sertanejo com a creação da escola publica "José Luiz de Mendonça."

SALGUEIROS — O conselho municipal, sob a presidencia do sr. Romão Sampaio, prefeito, effectuou uma reunião solemne commemorando a data historica. Foi

creada a escola "Leão Coroado", a cargo do professor João Florencio Leite, subvencionada pelo governo do municipio, com a condição de aceitar gratuitamente 6 alumnos pobres.

PETROLINA — O sub-prefeito em exercicio coronel Antonio Santanna inaugurou solememente a escola municipal "Frei Caneca".

S. BENTO — Em homenagem á grande data do Centenario da Revolução Republicana de 1817 foi levado no theatro Parochial um attrahente espectáculo que obedeceu ao seguinte programma:

I Hymno Nacional cantado pelos atiradores da sociedade Tiro 44, acompanhado a orchestra regida pelo dr. Luiz Avelino.

II Apotheose á Bandeira Pernambucana.

III A dansa por M. Villela.

IV A feminista Maria Augusta.

V Hymno Operario por A. Siqueira, Maria Augusta e Aurea Siqueira.

VI Hymno da Revolução por todos os amadores.

VII A Ceguinha por Aurea Siqueira.

Todos os amadores sahiram-se bem, principalmente Aurea Siqueira, na *Ceguinha*.

—Regressaram da capital os atiradores que foram tomar parte na parada do dia 6. Vieram todos satisfeitos com o optimo acolhimento que tiveram do digno commandante da região general Joaquim Ignacio e da officialidade do 49.º batalhão, em cujo quartel ficaram hospedados. Na passagem por Caruaru' foram visitar o tiro 114 daquella cidade, sendo bem recebidos pelos atiradores daquella sociedade civico-militar e obsequiados.

S. JOSÉ DO EGYPTO — As festas dessa cidade ser-taneja são annunciadas pelo telegramma abaixo:

—Flores: "Povo S. José do Egypto, reunido sessão solemne commemoração centenario revolução 1817,

fundou escola "Frei Miguelinho", que ficou a cargo da conferencia S. Vicente de Paula. Municipio subvencionou-a. Saudações — *Manuel Terra*, prefeito; padre *Vital Paiva*, vigario; *Santos Junior*, juiz municipal; *Domingos Siqueira*, presidente conselho."

TRIUMPHO — Neste futuroso municipio sertanejo, conforme communicacão do sr. Manoel Pereira, presidente do conselho municipal, e do sr. Manoel Paulino, subprefeito, houve uma reuniao do conselho em homenagem ao centenario da revolucão republicana e foi fundada a escola "Domingos Theotonio", que ficou sob a drecção do dr. Miguel Castro, promotor publico.

Tambem se reunio a classe commercial presidida pelo dr. Manoel Pereira Lima e fundou a escola literaria "Seis de Março".

VERTENTES — Sob a presidencia do sr. Ignacio dos Santos, prefeito, houve uma sessão solemne em homenagem á data.

Foi inaugurada nessa occasião a escola municipal "Padre Roma."

VICTORIA — Em commemoracão á data da revolucão pernambucana de 1817 foi creada uma escola municipal com o nome de "Domingos Theotonio".

Ainda em homenagem aos heroes de 1817, será inaugurada no dia 10 de Julho vindouro uma praça com o nome de Leão Coroado.

Esse acto deixou de ser effectuado no dia 6 do andante por se achar a respectiva praça em serviço de calcamento e arborizacão.

O Jornal *A Columna*, redigido pelo dr. Samuel Campello, deu uma edição especial.

VILLA BELLA — Após uma sessão solemne a que estiveram presentes os srs. coronel Adolpho Costa, presidente do conselho, Vigario Mariano e dr. Luiz Vianna, juiz municipal, foi inaugurada solememente a

escola "Leão Coroado", que ficou a cargo do dr. Luiz Vianna.

A Commemoração nos Estados

981
Em varios Estados, do Brasil, o 1.º centenario do movimento revolueionario pernambucano teve commemoração condigna.

204-282
Não nos foi possivel colher noticias exactas de todas as localidades onde o grande feito teve consagração publica. Publicamos, entretanto, as que podemos obter, de diversas fontes.

ACRE

Embora modestamente, o sr. dr. Bernardo Magalhães da Silva Porto, pernambucano residente em Yaco e magistrado no Alto Purus, commemorou a passagem do centenario dando o nome de "Frei Caneca", revolueionario de 1817, a um dos seringae de sua propriedade.

AMAZONAS

Houve em Manaus ruidosas festas, graças á iniciativa do prof. Paulo Eleutherio, pernambucano que ali dirige um estabelecimento de educação.

Antes de haver tido conhecimento do decreto do governo federal, feriado o dia 6 de Março, o dr. Alcanta Bacellar, governador do Estado, decretara facultativo o ponto nas repartições do Amazonas.

O centro pernambucano iniciou a propaganda da commemoração que teve grande realce.

Toda a imprensa local, no dia 6, estampou artigos sobre o grande feito.

O *Diario Official* de 8 de Março, publicou a seguinte noticia das festas:

NO THEATRO AMAZONAS — Realisou-se effectivamente, ante-hontem, a commemoração, promovida por pernambucanos, parahybanos e norte-rio grandenses residentes em Manaus, para solemnisar o decorrer do primeiro centenario da revolução republicana de 1817.

A reunião official teve logar ás 20 horas, no theatro Amazonas, estando presentes no palco, transformado em salão, os exmos. srs. drs. Hamilton Mourão, secretario geral do Estado pelo exmo. sr. dr. Alcantara Bacellar; o dr. Alcides Bahia, pelo exm. sr. dr. Ayres de Almeida, superintendente municipal; senador Silverio Nery, dr. Cunha Mello, juiz federal, padre José Thomaz, pelo revdmo. bispo diocesano, dr. Araujo Lima, director da Instrução publica, coronel Raul Azevedo, decano do corpo consular, deputado federal dr. Monteiro de Souza, capitão José da Costa Dourado, commandante da força federal, e outras pessoas gradas. Do Centro pernambucano e parahybano, viam-se seus presidentes, desembargador Paulino de Mello e coronel João Cavaleanti de Albuquerque, sendo que coube ao primeiro dirigir os trabalhos da sessão.

Dô palco, fizeram-se ouvir os drs. Placido Serrano, pela Parahyba; João Maranhão, pelo Rio Grande do Norte; Paulo Eleutherio por Pernambuco; da platéa fallou o dr. Jorge Severiano, do Pará, sendo todos muito applaudidos.

Foram ouvidas uma orchestra de professores e a banda de musica da Força Policial.

O theatro estava completamente cheio de senhoras e cavalheiros.

NO ATHENEU PEDRO II — Reunidos em avultado numero e com a presença de estudantes de outras escolas, os alumnos do *Atheneu Pedro II* assistiram pela manhã, ás 9 horas, a uma bella sessão civica, que foi iniciada pela palavra do nosso confrade Paulo Eleutherio, director do collegio. Visitando o *Atheneu* o dr. José Chevalier, director do Instituto Universitario, foi-lhe entregue a presidencia da sessão, produzin-

do então esse educador um discurso sobre os feitos dos heróes de 1817. Fizeram uso da palavra, ainda, os estudantes Oscar Coelho e Xavier Galvão e o sr. Teixeira Junior, d'*O Commercial*, que foram muito applaudidos.

Encerrou a sessão o director do *Atheneu*, fazendo um transumpto dos acontecimentos da revolução cujo centenario se commemorava e agradecendo a presença expontanea dos estudantes da Universidade, Gymnasio Amazonense, Escola do Commercio, Instituto Universitario, escolas publicas do Estado, etc e des representantes das associações *União Acadêmica*, *Centro Agromonico*, Gremios Olavo Bilac, Coelho Netto, Olegario Mariano e Ruy Barbosa."

PARÁ

As festas em Belem tiveram grande realce.

Ali reside, de ha muito, o dr. Luiz Estevam de Oliveira, prof. de Direito e juiz seccional. E' um pernambucano que não esquece, por um momento sequer, o torrão em que nasceu. Como já tivemos oportunidade de dizer, collaborou de modo valioso no programma das festas daqui, inspirando-nos por telegrammas e cartas.

Era natural que levantasse o animo dos patricios da Amazonia para uma commemoração condigna. E, embora não pareça das noticias provindas de Belem, a iniciativa das festas levadas a effeito pela *Associação da Imprensa*, inclusive a fundação do Instituto historico paraense, não deve ter partido de outro.

A seguir transcrevemos, compilando, as noticias que *A Folha do Norte* e o *Estado do Pará* de 8 deram sobre as festas de 6 de Março:

O CENTENARIO DA REVOLUÇÃO DE 1817 EM BELEM—

Brillantissimo foi o festival de ante-hontem, á noite, no Theatro da Paz, promovido pela Associação da Imprensa para commemorar o centenario da grande

data de 6 de março de 1817, que marca um dos mais gloriosos feitos da nossa historia republicana.

Rendendo o preito de sua sincera homenagem aos herões desta jornada bemdita, cujos nomes perduram indeleveis no coração de todos os brasileiros, de todos os patriotas, e ao mesmo tempo confraternizando com o brioso povo pernambucano, os paraenses souberam sólemnizar condignamente esse evento grandioso, que foi como o suppedane do ingente pedestal da democracia triumphante, levantado um quinquenio depois.

Bem vâleram os esforços e o sentimento civico dessa cohorte de phalangiarios do nosso gremio jornalístico, que tiveram a incentival-os nessa interpresa nobre e louvavel a honrosa incumbencia do sr. dr. Lauro Sodré, governador do Estado, sob cujos auspicios foi effectivado o imponente festival.

A's 20 1/2 teve inicio a sessão magna sob a presidencia do dr. Lauro Sodré, ladeado á direita, pelos srs. drs. Luiz Barreiros e Baptista Moreira, presidente da directoria e orador official, respectivamente, da Associação da Imprensa, e dr. Luiz Estevam de Oliveira, representante do Instituto Archeologico de Pernambuco; e á esquerda, pelos drs. Martins Pinheiro, intendente de Belém; Archimino Lima, representante da Maçonaria, e Ignacio Moura, presidente da directoria provisoria do Instituto Historico e Geographico do Pará.

Abrindo a sessão, usou da palavra o sr. dr. Lauro Sodré, que produziu uma brilhante oração sobre o facto que se commemorava, alongando-se num escorço historico cheio de conceitos os mais elevados, de ensinamentos civicos e democraticos, concitando todos os patriotas a venerarem a memoria sagrada dos primeiros martyres da Republica.

Dada a palavra ao dr. Baptista Moreira, orador official do acto, começou s. s. dizendo que a Associação da Imprensa do Pará, fiel ao seu programma e correspondendo ao appello que lhe dirigiu o eminente dr.

Lauro Sodré, honrado governador do Estado, vinha, num acto de espontanea justiça, reunir o seu modesto preito ás homenagens que, em toda a Republica Brasileira, eram rendidas aos heróes da gloriosa jornada de 6 de março de 1817, cujo primeiro centenario a historia pátria então commemorava.

Quando, no despertar do seculo XIX, os grandes idéaes da Revolução Franceza empolgavam os espiritos mais illustrados da culta Europa; quando, por toda a parte, se procurava diffundir a idéa republicana, não era justo que o Brasil, embora sujeito á metropole portugueza, se mostrasse infenso ao estupendo movimento libertador e não lhe coubesse largo quinhão de gloria na conquista dos principios democraticos, elle, que pelo brado de Vieira de Mello e pela Inconfidencia Mineira, havia provado ao mundo inteiro o seu ardente desejo de tornar-se paiz livre, a despeito dos grandes entraves oppostos pelos portuguezes para suffocar o sentimento nativista, que começava a operar no coração dos brasileiros.

E a verdade é que, com o fallecimento da rainha D. Maria I, o principe D. João, seu herdeiro no throno de Portugal e que deliberára adiar a solemnidade da sua coroação para depois do periodo do lucto, se viu na dura contingencia de differir-a novamente, na occasião designada para aquelle acto, por chegar ao seu conhecimento a irrupção em Pernambuco de uma revolução, cujo fim principal era a implantação do regimen republicano no Brasil, tendo o brado de liberdade repercutido dos templos maçonicos para o seio da multidão.

A propaganda que se fazia pela effectividade de um governo livre, originou a formação de muitas sociedades secretas, dentre as quaes o Aréopago de Itambé, onde pontificava o dr. Manoel de Arruda Camara e que foi o arauto da propaganda democratica, diffundindo ensinamentos civicos, que só muito tarde tiveram maior repercussão.

Desse nucleo de adeptos da idéa republicana surgiram duas lojas maçonicas, mascaradas com o pomposo

titulo de "Academia" nas quaes se filiou um dos mais denodados chefes da revolução, Domingos José Martins, brasileiro de nascimento, que fôra educado na Inglaterra, o paiz por excellencia da liberdade, e que se associou ao general Miranda, escolhido para emancipar a America hespanhola, e, como elle, decidido defensor da doutrina democratica.

Desde 1800 que se procurava doutrinar o pòvo, com a diffusão dos principios republicanos, e não foi sómente em Pernambuco que as correntes dynamicas da democracia agiram poderosamente nesse estupendo trabalho de solidificação politico-social; por toda a patria brasileira a semente da idéa republicana germinava, animando e enthusiasmando os brasileiros e os portuguezes que com elles confraternisavam.

Mostra o papel saliente que a Maçonaria desempenhou na revolução e, estudando-a separada da lenda, vem desde os mais remotos tempos apreciando a função dessa poderosa associação, que muito tem concorrido para a nossa civilização e que sempre foi a defensora da liberdade dos povos e a proclamadora da independencia das nações.

Analysa, á luz da historia, a revolução nos seus mais minuciosos detalhes, fazendo a apologia dos heróes que pagaram com a vida a audacia de quererem libertar o Brasil do jugo portuguez, sobresando dentre elles os vultos de Domingos José Martins, padre Miguelinho, Domingos Jorge Theotônio, José de Barros Lima, alcunhado de "Leão coroado", João Pessoa, padre José Ignacio Ribeiro de Abreu Lima, mais conhecido por padre Roma e de outros.

Proseguindo affirma que, pela morte de seus principaes protagonistas, terminou essa grande epopéa da democracia brasileira, que só muitos annos depois repercutiu grandiosa com o advento da Republica em 15 de novembro de 1889.

A lembrança das nossas glorias passadas será para nós o mais nobre de todos os estimulos, occorrendo-nos o dever de honrar a memoria dos nossos antepassados,

congregando todos os nossos esforços em pról da forma de governo que os heróes de 1817 sonhavam e que hoje felicita o nosso paiz, fazendo do Brasil uma republica conservadora, na opinião abalisada do illustre conselheiro dr. Ruy Barbosa.

Urge amparar a idéa republicana, fazendo repousar "a federação politica na federação moral".

E para a consecução desse desiderato, nenhum Estado da União está melhor aparelhado que o Pará, possuindo homens superiores pela sua intelligencia e pelo seu saber, pelo seu character de energias nunca abatidas e por sua educação politica, avultando entre elles, como a emanação mais esplendida, a affirmação poderosissima do genio desta terra, que o orador tem orgulho de ser sua, o illustre iniciador desta brilhante solemnidade, o nosso preclaro governador, o exmo. sr. dr. Lauro Sodré.

Agradecendo o comparecimento das auctoridades civis e militares, dos representantes da imprensa e do Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco, das senhoras e demais pessôas presentes, sem exclusão de ninguem, terminou por um hymno á Patria, fazendo ardentes votos pelas prosperidades do Brasil e pela estabilidade pacifica da liberdade republicana.

Seguiu-se com a palavra o representante da maçonaria, dr. Archimino Lima.

Discorreu o orador longamente sobre o papel importantissimo dessa instituição em pról da nossa emancipação politica, combatendo nobremente ao lado dos evangelizadores da demoeracia, como já havia feito antes, quando da conjuração mineira, collaborando mais tarde para a nossa independencia em 1822.

Fez-se ouvir, ao depois, o artista Georges Charton, que recitou uma bella poesia em homenagem á Associação da Imprensa, merecendo muitos applausos da selecta assistência.

Coube então a vez da palavra ao dr. Ignacio Moura, presidente da directoria provisoria do novel Insti-

tuto Historico e Geographico do Pará, declarando fundada essa futura aggremação.

S. exa. disse em resumo:

Meus senhores. —A mecanica espiritual, com a dinamica historica, tem as mesmas leis de impulso e de acceleração, toda a vez que uma força extranha imprime aos animos objectivos elevados.

A intellectualidade amazonica age, neste momento, sob o impulso do patriotismo, para commemorar a data centenaria da Revolução pernambucana, que nos trouxe as alvoradas da Independencia e da Republica, fundando nesta Capital o Instituto Historico e Geographico do Pará.

Se houve quem asseverasse que o pródromo da nossa emancipação politica, fôra a trasladação da familia real para o Rio de Janeiro, em 1808, intimidada pelo reflexo da espada de Napoleão na vassalagem da Europa; se o grito do Ypiranga, a 7 de setembro de 1822, converteu-se em mystificação politica, para sustentar um sceptro; o brado dos patriotas pernambucanos, a 6 de Março de 1817, no campo do Erario, constituiu a verdadeira interpretação do thema democratico: "Emancipação com a Republica".

Um foi a manhã nevoenta de um dia de inverno, esperando o sol da liberdade para espancar as trevas do segundo captiveiro, o que se realizou 67 annos mais tarde; ao contrario do seu antecedente em Pernambuco, que foi a manhã clara de um sol primaveril, em que surgira transfigurada a deusa formosissima da liberdade, que já dictara, em França, o verdadeiro codigo dos direitos do povo.

Que mal foi para nós, que prejuizos nos causaram aquelles navios negreiros, equipados em armada real e enviados por esse conde dos Arcos, para denegrirem, com a fumaça da sua artilharia, o alvorecer sorridente da democracia brasileira. Gastamos mais de meio seculo para conseguir o desideratum, que os pernambucanos tinham realizado em um só dia.

A chimica social tem dessas vagarosidades, na combinação dos elementos organicos e inorganicos, physicos e moraes, que entraram nos seus phenomenos, para produzirem mais tarde, atravez do tempo e do espaço, a estructura e a construcção de um povo, sobre o mesmo aspecto social e com o mesmo fim economico.

Numa elaboração scientifica, que dura ás vezes seculos, ha reacções revolucionarias e precipitados de acontecimentos imprevidos; acidos de sacrificios amargurados e saes de conforto e de equilibrios estaveis. Nellas entram desde o phosphato dos ossamentos humanos até o hydrogeneo e o oxygeneo dos rios e das matas, desde o azoto das paixões até ao carbono da animabilidade.

"Nada se perde na natureza." Se é impossivel anniquilar um átomo, tambem não se póde abandonar o acontecimento mais inexpressivel.

Ha profunda analogia entre o cerebro humano e o espaço infinito, entre a lucidez da idéa e o brilho dos astros, entre o pensamento e o raio, entre a electricidade animal, descoberta por Galvani, e a electricidade atmospherica, aprisionada por Franklin.

Um sociologo portuguez disse algures: "Os pensamentos são factos internos, factos em abstracto, como os factos são pensamentos externos, pensamentos em concerto. Tão admiravel é a physiologia do espirito como a psychologia do Universo."

E' por isso, que os acontecimentos humanos são funções dos aspectos geographicos, em que elles se deram.

O estudo da geographia é um complexo do estudo da historia: uma completa a outra, não se podendo distinguil-as nem separal-as. Se não houvesse as Thermopilas, não haveria Leonidas; sem a Hellade não apparecia Homero para cantar a Illiada, nem haveria o culto da arte e do heroismo. Foram os romanos que demographaram os aspectos e os limites dos paizes da Europa; sem o *Forum*, não appareceria Cicero. Se Portugal não tivesse aquella posição geographica, não teria

descoberto o Brazil, nem dobrado a Africa para conquistar as Indias; nem teria os *Luziadas* e esse admiravel estro que se chamou Luiz de Camões.

Sem a vista do Oceano, talvez Pernambuco não tivesse sonhado em 1817 com a liberdade, sonho transformado em angustioso pesadello para a Patria.

E' por isso que o estudo da historia e da geographia confraternisadas, quasi em uma só sciencia, vae-se tornando necessario e imprescindivel para a analyse social de um povo, estabelecendo os coefficients necessarios para o seu desenvolvimento e para a sua elevação futura.

O Instituto Historico e Geographico do Pará era pois um reclamo imprescindivel para a nossa vida economica: elle hoje se funda aos applausos entusiastas do povo, um tributo mais seguro do Estado á commemoração da primeira data centenaria da sorridente Revolução que nos deveria trazer a Independencia e a Republica.

Pará, bella e querida terra, onde nascemos ou para cujo desenvolvimento trabalhamos, em cuja gleba desejamos dormir o derradeiro somno, tu, que tens por pedestal o circulo maximo do planeta, joia preciosa desse grandioso annel, tu que tens por vassalo o mais caudaloso rio, que lhe tributam correntes, mais gigantesças do que todas as outras demographadas nas geographias do mundo; tu, que sorris com a graciosidade das tuas florestas e com os encantamentos dos teus campos, com o gorgeio dos teus passaros e as afortunadas messes do teu solo; tu, que recibes o osculo mais ardente do sol e a lympha mais productiva e mais exuberante da terra, estende, neste momento, o teu poderoso e valido braço atravez dessas praias e arrecifes, e aperta a mão heroica do altivo Pernambuco que te ensinou a amar a liberdade com o mesmo carinho com que os teus passaros estremeçam a fronde, onde teceram o ninho e iniciaram a prole.

Parece que sempre houve affinidades de compre-

hensão entre os nossos dois povos; foi do Recife que partiram em 1615 os fundadores do Pará, e com um braço pernambucano traçamos a maior linha longitudinal dos limites da nossa patria. Fomos ambos namorados pelas aguias hollandezas e ambos repellimos a golpes de espada e ao ariete das balas a invasão estrangeira, que deixou, no cabo dos nossos limites, o nome de Orange como o ultimo vestigio do dominio do principe.

O campo dos Guararapes e as aguas do Amazonas sentiram o mesmo tropel de pés heroicos, defendendo a patria e soffocando o dominio bávaro. (Applausos).

Naquelle estandarte branco-azul da mallograda republica vejo tres estrellas, scintillando junto ao sol da Liberdade; foram, além de Alagoas unida nesse tempo a Pernambuco, as provincias da Parahyba e Rio Grande do Norte, que commungaram do mesmo viatico da democracia e do mesmo esplendor do martyrio.

Felicitemos aquelles povos heroicos, nas suas campinas extensas, nas suas grotas profundas e nos seus brejos fertilizadores, nos seus heróes e nos seus martyres, precursores da idéa republicana, que forma hoje o nosso culto.

Para commemorar tamanha epopéa, foi que levantamos, agora, o monumento altivo e perenne, constituido pela moral e pelos sacrificios, amontoado de corações e affectos, carinho das senhoras e applauso da mocidade e sobre cujo capitel a vontade popular collocou o vulto laureado e viril, sacerdote e victima, propheta e phalangiario, para dirigir essa festa, o filho mais querido desta terra, um apostolo da Republica, que se chama Lauro Sodré. (Applausos prolongados).

O pontifice falla e lhe obedecemos; á sua idéa, seguem-lhe os discipulos; para commemorar tão faustosa data, elle tem uma phrase mais elevada que as outras: "está fundado nesta acapital o Instituto Historico e Geographico do Pará. (Palmas prolongadas em toda a assistência).

Antes de ser encerrada a sessão, falou, como dele-

gado do Instituto Archeologico de Pernambuco, o dr. Luiz Estevam.

Disse que alli estava não porque solicitasse tamanha honra, mas para aquiescer, que lhe fôra deferida, bem que, como essa, não a merecesse.

Proseguindo, fez um estudo historico minucioso do movimento libertario de 1817, enaltecendo o valor moral de cada um dos precussores da cruzada gloriosa, apontando-os aos pósteros como um exemplo nobre de abnegação e civismo, sobretudo nesta época de desfalecimento de energias e atonia de sentimentos patrioticos.

Admiravel — diz o orador — o desprendimento pela vida em holocausto aos idéaes que os animavam; desse Miguelinho, por exemplo, que ao se lhe suggerir como evasiva a possivel falsificação da assignatura de um documento compromettedor que constava do summario do processo iniquo, respondeu com altivez: "Não, a assignatura é minha e por signal, num dos papeis, não houve espaço para a completar."

E proferiu, assim, o cadafalso.

Faz resaltar a pureza de character e os fins elevados a que visavam os revolucionarios, com o facto de, num periodo anormal, não ter havido o menor desvio dos dinheiros publicos, durante os 72 dias em que os cofres do Thesouro estiveram em suas mãos.

Um povo assim, com tradições tão brilhantes e immarcessiveis, não está destinado senão a um grandioso futuro que atteste a sua existencia como nação civilizada na conquista das suas maximas liberdades.

O discurso do dr. Luiz Estevam, peça vibrante e arrebatadora, deixou em todo o auditorio a mais viva impressão, sendo o orador demoradamente applaudido.

Ficou, dessa fórma, encerrada a primeira parte do programma.

Após um intervallo de 15 minutos, teve começo o esplendido concerto musical, com a execução do Hymno Nacional, cantado em côro pelos alumnos do Or-

pheão Meneleu Campos, com acompanhamento de orchestra sob a regencia do mesmo maestro.

Seguiu-se mme. Jane Marny, cantando sob applausos geraes, Leo Debiles e Gluck, no Arioso e na esplendida aria da "Iphigenie en Tauride.

A senhorita Dagmar Cabral interpretou com intelligencia a op. 69. n. 2, de Chopin.

A prece e bailado da "Natividade", executada pela orchestra, sob a regencia do auctor sr. Manoel Paiva, constituiram um numero de pleno successo.

A senhorita Georgina Cabral não desmentiu os seus merecimentos de distincta "virtuose" no solo de piano do "Jour de noces", de Grieg.

O prelude da opera "Maria Tudor" de Carlos Gomes, executado a grande instrumental, destacou-se pela harmonia do conjuncto, trazendo a fina lembrança do seu immortal auctor.

Encerrou o concerto e o brilhante festival o "Concerto para piano", de Meneleu Campos, executado com a technica habitual, pelo illustre professor Paulino Chaves, em acompanhamento da orchestra, sob a batuta do auctor.

Todos esses numeros tiveram correcto desempenho, merecendo justos applausos da assitencia, que era constituida pelas seguintes pessoas: dr. Lauro Sodré, governador do Estado, e seu ajudante de ordens, tenente Severiano Pampolha; dr. Antonio Martins Pinheiro, intendente de Belém; tenente-coronel José Candido Rodrigues, commandante interino da Região Militar, e seu assistente, tenente José de Oliveira Pimentel; desembargador Rocha Vianna, presidente do Tribunal Superior de Justiça; dr. Luiz Estevão de Oliveira, juiz seccional e representante do Instituto Archeologico de Pernambuco; capitão de fragata Raul Varella Quadros, capitão do porto; desembargador Augusto de Borborema, presidente do Senado; coronel Ignacio Gonçalves Nogueira, presidente da Camara dos Deputados; coronel Cearense Cylleno, commandante geral da Brigada Militar do Estado, com o seu ajudante de ordens, te-

nente Amaro Soares; dr. Eladio de Amorim Lima, secretario geral do Estado; tenente Antonio Pinto, pelo commando da Flotilha do Amazonas; major João Pereira, commandante do 47.º caçadores acompanhado do tenente Aguiar; coronel Domingos Carneiro, inspector da Alfandega; representante do delegado fiscal; dr. Lemos Cordeiro, guarda-mór da alfandega; Associação Commercial do Pará, representada pelos seus directores Arnaldo Coelho, Benedicto Soeiro, e Ignacio Obadia; José Joaquim Pereira de Araujo, drs. Ignacio Moura e Abel Chermont, pelo Instituto Historico e Geographico do Pará; Raymundo de Castro Vianna e Bernardino Fiuza de Mello, veneraveis effectivos e de honra da Firmeza e Humanidade; João José Guedes da Costa Junior 1.º vigilante e Edgar Proença, orador da mesma; Luiz Lobato, veneravel da loja Harmonia; Domingos Saboya, 1.º vigilante da Cosmopolita; professor Ferro e Silva, veneravel da Harmonia e Fraternidade; dr. Achimino Lima, secretario do delegado do grão mestre; major Eugenio Campos, orador da Harmonia e Fraternidade; Antonio Gomes da Cunha e Silva, representante da loja Eduardo VII (esta grande commissão representava a Maçonaria paraense); desembargador Napoleão de Oliveira; familias: Luiz Estevam, Abel Chermont, Eladio Lima, Sodrê e Leonidas Castro; Guedes da Costa Junior, coronel Domingos Carneiro, José de Moura Machado, major João Pereira, maestro Meneleu de Campos, Napoleão de Oliveira, Luiz Barreiros, Arthur Porto, Matta Bacellar, João Alfredo de Mendonça, Octaviano de Paiva, Pereira de Araujo, Mauricio Aguiar, Castro Vianna, Antonio Cunha Ferro e Silva; Ferreira Bastos, Bernardino Fiuza, capitão Raymundo Leão, Paulino Chaves, Santino Ribeiro; Carmo Cardoso, Matta Bacellar Junior, Adolpho Cunha; Frederico Hartje, Demetrio Paiva, Idalino Luiz, Maximino Corrêa, Luiz Cardoso; viúvas Abel Araujo e Sarah Ribeiro, Guedes da Costa, Silvestre Falcão, Antonio Andrade, Manoel Mendes Leite; mlles. Helena Nobre; Maria Cossia, Conchita Araujo, Dagmar e Georgina

Cabral, Celina Roxo, Rachel Israel, Celeste Gama; srs. drs. Souza Castro, Antonio Marçal, tenente Benjamin Sodré, Ignacio Freire, coronel Childerico Fernandes, tenente Jair de Albuquerque, drs. José da Matta Bacellar e Matta Bacellar Junior, Heraclito Ferreira, Antonio dos Santos, dr. Victoriano Cabral, Libano Valle, João Affonso do Nascimento, Alfredo Duck, Antonio Torrens, Luiz Furtado de Mendonça, dr. Djard de Mendonça, Nunes Pereira, João F. Dias Vieira, Oscar Avelar, dr. Angelino Lima; Alberto José Leoncio, Manoel Braga Ribeiro, dr. Ferreira Celso, Raymundo Trindade, Arthur Pires Teixeira, José Ferreira, Rosemiro Oliveira, E. Payan, consul da França; George Mitchell, consul da Inglaterra; coronel José Pombo, consul da Russia; Raymundo Fernandes, Raymundo Vieira, dr. Augusto Cesar de Moura Palha e filhas, professor Antonio Lima, dr. Caribé da Rocha, dr. Mattos Cascaes, Moreira de Castro, capitão Manoel Vasconcellos, Martins Bessa, Camerino Salles, Ulysses Macedo, dr. Hermogenes Pinheiro, dr. Freire Barata e filha, Raymundo Paiva, Manoel Mattos Guerra, Arlindo Carvalho, Basilio Rodrigues, Anthenor Bezerra, Abelardo Conduru, Alipio Tocantins, Affonso Filho, Justo Nelson, Anthenor Cavalcante, Francisco José Dias, dr. Honorato Filgueiras, Henrique Cortez, Raymundo Araujo, etc.

Tambem se fizeram representar a Liga Feminina Lauro Sodré, por um elevado numero de associadas: Centro Beneficente Theodora Sodré e Associação dos Veteranos do Paraguay, pelo major Manoel Maria Gomes.

—A Associação da Imprensa, cujo camarote ostentava vistosa ornamentação, da qual sobresahia a reprodução da gloriosa bandeira da revolução de 1817; ladeada pelo seu estandarte fez-se representar pelos srs. dr. Luiz Barreiros, presidente; dr. Aveltano Rocha, 1.º secretario; Santino Ribeiro, 2.º dito; dr. Baptista Moreira, orador; J. J. Monteiro de Paiva, thesoureiro; Alexandre Trindade, Francisco Moreira dos Santos,

Ildfonso Tavares, Augusto Ferreira e José Santos, directores.

O trabalho de reprodução da bandeira da revolução é devido ao pincel do futuroso artista sr. Georgino Bosque, sendo extrahida a sua copia do modelo que existe no "Diccionario Historico de Pernambuco", de Sebastião de Vasconcellos Galvão.

—Tambem mereceu caprichosa ornamentação o camarote da commissão da maçonaria, do qual sobresahia o retrato a oleo do seu Sub.: Gr.: Mest.: com as insignias maçonicas.

—A Sociedade Mecanica Beneficente Paraense votou, no dia 6 do corrente, a seguinte moção commemorativa da magna data:

Commemorando-se, solememente, hoje, 6 de março de 1917 o primeiro centenario da gloriosa revolução que teve origem no heroico e actual Estado de Pernambuco, a qual tinha por fim a emancipação do solo patrio do jugo estrangeiro e, consequentemente, a implantação do regimen republicano como fórmula de governo, a directoria da Benemerita Sociedade Mecanica Beneficente Paraense, congratulando-se com os poderes constituidos da Nação e com o povo brasileiro, em geral, insere aqui esta moção, rendendo, assim, o grato preito de sua excelsa homenagem aos sagrados manes dos nossos heróicos compatriotas que a fomentaram e levaram a effeito, pagando, depois, com a vida, o sagrado e patriótico anhelos da Independencia e da Republica.

Que a posteridade brasileira saiba sempre render o merecido e justo preito da gratidão nacional á impercível memoria daquelles heroes.

CEARÁ

Ceará foi uma das provincias que se irmanou á de Pernambuco no movimento de 1817. Proclamada no Crato a 3 de Maio, pelo diacono José Martiniano de Alencar, a republica durou até 11 do mesmo mez. O Ceará tambem teve martyres republicanos e no Recife

foi arrastado á forea o patriota cearense Antonio Henrique Rabello.

Embora não tenha havido ali commemoração especial, o governador do Estado, dr. João Thomé Saboya, associou-se de coração ás festas promovidas aqui, concorreu para o monumento que se vae erigir aos heroes de 1817 e mandou, como representante official, o padre Valdevino Nogueira, que tanto brilho deu á delegação de que o incumbiram o governo cearense, o arcebispo de Fortaleza e o Instituto do Ceará.

O notavel historiographo sr. Barão de Studart, cujo archivo em relação ao movimento revolucionario de 1817 é dos mais ricos que ha, publicou na imprensa diaria varios documentos ineditos e escreveu a historia da reolução em sua terra natal.

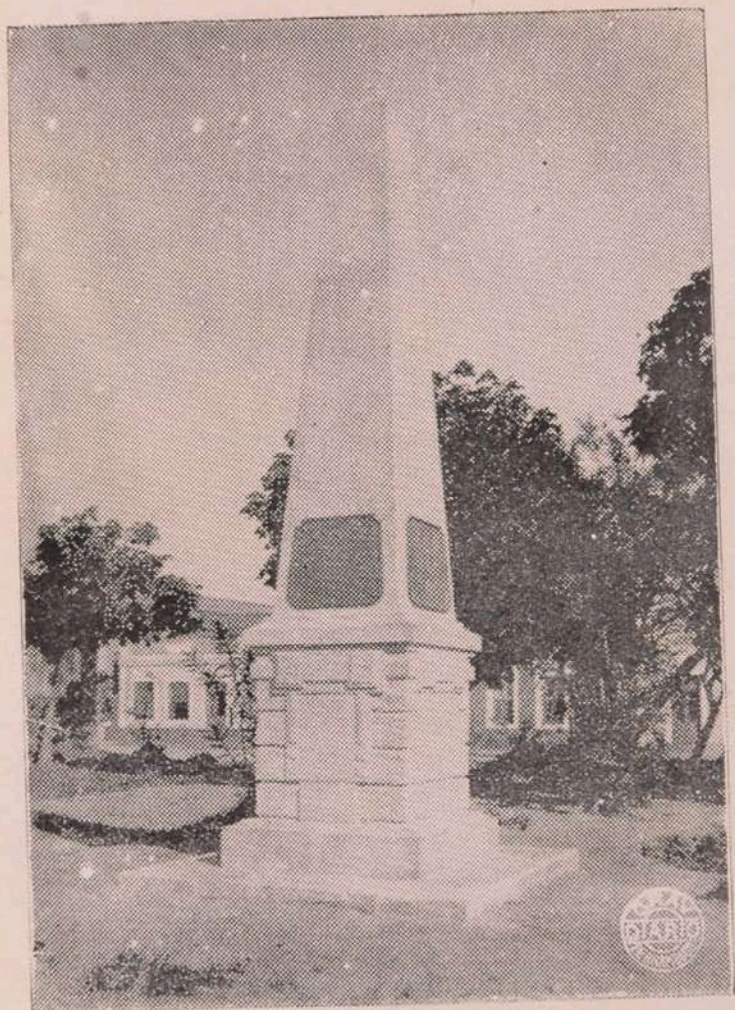
RIO GRANDE DO NORTE

O Instituto historico e geographico do Rio Grande do Norte, interpretando o sentimento unanime do povo norte-riograndense, resolveu, em sessão de 18 de junho do anno proximo passado, commemorar do melhor modo a passagem do primeiro centenario da revolução republicana de 1817.

O Congresso legislativo do Estado, mediante representação do Instituto historico, consignou, no orçamento, a verba que fosse necessaria para effectivação das festas do Centenario.

Em sessões diversas, o Instituto historico resolveu que a commemoração constasse, entre outras coisas, da erecção de um monumento, na praça André de Albuquerque, desta cidade, no qual ficasse perpetuada a homenagem sincera do Rio Grande do Norte, aos heroes da memoravel revolução.

Para esse fim, tomaram-se as deliberações necessarias, de modo que pudesse o referido monumento ser inaugurado no dia 12 de junho de 1917, data que lembra a execução capital, no Campo da Polvora, da Cidade de São Salvador da Bahia, do insigne patriota,



Monumento
a André de Albuquerque

no Rio Grande do Norte

herói e martyr norte-riograndense, padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, egresso da ordem dos Carmelitas e, por isso, conhecido pelo cognome de — Frei Miguelinho, e, na qual data, o Instituto historico resumiria todas as solemnidades commemorativas da revolução republicana de Pernambuco de 6 de março de 1817, da sua repereussão na capitania do Rio Grande do Norte, em 25 de março daquelle mesmo anno, do sacrificio do coronel André de Albuquerque Maranhão, chefe do movimento norte-riograndense, assassinado em 25 de abril, e do fuzilamento de Frei Miguelinho, em 12 de junho seguinte, como implicado no movimento principal realisado no Recife.

O Instituto historico, ainda em sessão de 11 de fevereiro do corrente, adheriu á commemoração da revolução de 6 de março de 1817, promovida pelo Instituto archeologico e geographico pernambucano, nomeando, em commissão, para o representarem nas festas commemorativas, no Recife, os socios, desembargador Luiz Tavares de Lyra, 2.º vice-presidente, dr. Manoel Dantas, orador, e Nestor dos Santos Lima, 2.º secretario.

Na mesma sessão, e sob proposta do socio Nestor dos Santos Lima, ficou resolvido que o Instituto historico solemnizasse a passagem do dia 6 de março de 1917, com uma sessão magna no salão roseo do palacio do governo e fizesse uma representação ao exmo. governador do Estado, afim de ser declarado feriado aquelle dia.

Tendo sido o Exmo. desembargador Joaquim Ferreira Chaves, governador do Estado, eleito presidente de honra de todas as solemnidades commemorativas do Centenario da revolução republicana de 1817, promovidas pelo Instituto historico e geographico e com o auxilio do governo do Estado, as festas civicas realizadas em março e em junho tiveram um caracter de excepcional brillantismo, para o que muito efficaçmente contribuíram o interesse, o gosto e o enthusiasmo do povo natalense, associando-se de coração ao grande acontecimento, que glorificou aos insignes conterraneos.

Damos a seguir, em ordem chronologica, as noticias minuciosas das festas do Centenario da revolução no Rio Grande do Norte.

DIA 6 DE MARÇO

FESTAS PUBLICAS

A sessão realizada pelo Instituto historico e geographico do Rio Grande do Norte para commemorar o centenario da revolução de 1817 attraheu ao salão nobre de Palacio o que Natal tem de mais selecto e distincto.

Presidiu a sessão o desembargador Ferreira Chaves, governador do Estado, ladeado pelos srs. desembargador Vicente de Lemos, presidente de honra, coronel Pedro Soares, presidente effectivo, desembargadores Dionysio Filgueira, vice-presidente, Hemeterio Fernandes, thesoureiro, conego Estevam Dantas, 1.º secretario.

No recinto e salas adjacentes reconheciam-se as pessoas mais gradas da cidade, estando presentes todo o mundo official, representantes do clero e de todas as associações litterarias e artisticas, corporações civis, escolas e estabelecimentos de ensino.

Raramente temos assistido no Natal a uma solemnidade tão concorrida, principalmente pelo bello sexo que hontem animou excepcionalmente com a sua graça e formosura aquella festa civica.

Precisamente á hora marcada, 19 horas, abriu a sessão o desembargador Ferreira Chaves que, depois de proferir algumas palavras eloquentes a proposito da commemoração, annunciou á assistencia que iria occupar a tribuna, como orador official do Instituto Historico, o senador Eloy de Souza, que obtendo a palavra, durante cerca de uma hora, occupou-se daquelle acon-

tecimento historico, não somente estudando seus antecedentes e consequencias como fazendo uma critica muito desapaixonada dos homens que delle participaram, encarando os factos politicos e sociaes contemporaneos da revolução sob um ponto de vista de certo modo original.

Effectivamente, s. ex., embora louvando a acção dos revolucionarios, considerou a falta de visão que os arrastou á responsabilidade de quebrarem a unidade da patria com a proclamação de uma forma de governo que, se houvesse vingado, teria de ser forçosamente separatista.

Depois de estudar as correntes geraes da revolução no seu conjuncto, considerou particularmente a acção dos principaes chefes entre os quaes Frei Miguelinho e André de Albuquerque, este como cabeça do movimento no Rio Grande do Norte.

Ao terminar o seu discurso, foi o orador longamente applaudido pela numerosa assistencia que não lhe regateou palmas, muito justamente merecidas.

Tendo o presidente da reunião facultado a palavra a quem della quizesse usar, s. ex. o dr. Meira e Sá pediu permissão para congratular-se com o Instituto pelo motivo daquella commemoração civica.

S. ex. que é ainda um espirito joven e ardoroso, proferiu um discurso vibrante de patriotismo entoando fervoroso hymno á bravura dos que em 1817 se sacrificaram pela Republica, forma de governo que, apesar de ephemera, foi factor maximo da Independencia e de outros acontecimentos politicos e sociaes que se succederam áquella memoravel jornada.

O dr. Meira e Sá foi ouvido com a maior sympathia, sendo sua oração em varios momentos pontilhada com applausos da sala. Terminando o dr. Meira e Sá seu bello discurso, o desembargador Ferreira Chaves agradeceu em nome do Instituto o comparecimento de quantos assistiram áquella encantadora festa e encerrou a sessão.

—No saguão de Palacio tocou, durante a recepção

dos convidados, a banda de musica do Batalhão de Segurança.

—O Centro civico litterario "Frei Miguelinho" quiz tambem render uma homenagem aos heroes martyres da Revolução republicana de 1817.

Em um dos salões do Atheneu Norte-riograndense, onde a sympathica associação se reuniu ás 17 1/2 horas, notava-se a presença de commissões de varias sociedades, de representantes da imprensa e muitos outros convidados.

A reunião foi presidida pelo 1.º vice-presidente do Centro, sr. Omar Navarro, que ao abrir a sessão e depois de justificar o não comparecimento do respectivo presidente sr. Adueto da Camara e explicar os fins daquella solemnidade, deu a palavra ao orador official sr. Arnaldo Fagundes.

Este intelligente moço, occupando a tribuna, realizou uma bem elaborado conferencia sobre o movimento republicano de Pernambuco, salientando com dados historicos irrefutaveis, o papel exercido naquelle levante pelos patriotas que nelle tomaram parte.

Ao terminar, foi o orador muito applaudido e abraçado pelos assistentes que tambem felicitaram o presidente e mais membros do Centro Civico "Frei Miguelinho" pelo esplendido resultado da festa, tendo o sr. Omar Navarro, ao encerrar a sessão, agradecido, em phrases muito gentis, o comparecimento de todos quantos tiveram a fortuna de assistir áquella festividade civica.

—Pela manhã, a banda de musica do Batalhão de Segurança fez alvorada em frente do palacio.

O dia 6 de março foi feriado, por decreto do governo do Estado, havendo o icamento do Pavilhão Nacional na fachada dos edificios publicos, e á noite, illuminação de gala.

DIA 10 DE JUNHO

A grande regata do Centenario — Uma das partes mais importantes do bem elaborado programma das festas comemorativas do Centenario de Miguelinho foi a imminente regata promovida pelo Instituto historico e geographico do Rio Grande do Norte.

Nella tomaram parte não somente os nossos correctos clubs de regata, como tambem os aprendizes marinheiros deste Estado e guarnições escolhidas dentre os remadores da Capitania do Porto e da Alfandega.

A direcção geral da festa nautica foi confiada ao commandante Monteiro Chaves, que desempenhou tambem as funcções de juiz de partida e raia.

O resultado da brilhante festa nautica foi o seguinte:

Pareos: *Riachuelo* — vencedor o escaler a oito remos, "Saldanha da Gama", da Escola de Aprendizes Marinheiros; *Instituto Historico* — vencedora, a baleeira da Capitania do Porto; *Clara de Castro* — vencedora, a canôa a 4 remos "Sport" do Sport Club de Natal; *Miguelinho* — vencedora, a canôa a 4 remos, "Guana-barina", do Centro Nautico Potengy; *André de Albuquerque* — vencedora, a canôa a 4 remos "Sport", do Sport Club; *Centenario* — vencedora, a canôa a 4 remos "Guommar", do Centro Nautico.

Aos vencedores, o Instituto historico e geographico conferiu medalhas de prata, menos aos do pareo *Instituto Historico*, a cada um dos quaes foi entregue a quantia de 10\$000.

A regata foi honrada com a presença do desembargador Ferreira Chaves, governador do Estado, de bordo da lancha official, em companhia de altas auctoridades e familias.

A Directoria do Instituto Historico assistiu á festa de bordo da lancha "Osvaldo Cruz"

Cruzaram o rio Potengy innumeradas embarcações engalanadas, o que, com a multidão que se apinhava em



toda a margem esquerda do rio, dava um aspecto lindíssimo á disputa nautica do Centenario.

DIA 11 DE JUNHO

A FESTA DO FOOT-BALL — A's 15 1/2 horas em ponto, realizou-se no "ground" da praça Pedro Velho o "match" official do 1.º "team" do America Foot Ball Club com o 1.º "team" do Potyguar Foot Ball Club, sob o patrocínio do Instituto historico e geographico.

Terminado o "match" com a victoria do "Potyguar", o dr. Nestor Lima, representante do Instituto historico, conferiu aos vencedores medalhas de prata com inscrições que aquella benemerita associação mandou entregar em signal de gratidão e encorajamento.

Depois do breve discurso do dr. Nestor Lima, o sr. Mario Mendes respondeu, agradecendo, pelo "Potyguar", sendo então erguidos muitos vivas aos dois clubs que se bateram e ao Instituto historico, dispersando-se todos na maior cordialidade.

Durante essa festa tocou a banda musical 22 de Maio", de Santa Cruz.

A SESSÃO MAGNA DO CENTRO CIVICO LITTERARIO "FREI MIGUELINHO" — A sessão extraordinaria do Centro civico litterario "Frei Miguelinho", em homenagem a seu glorioso patrono, esteve imponentissima.

O salão nobre do Palacio do Governo achava-se literalmente cheio do que mais selecto possui a nossa sociedade.

A presença de distinctas senhoras, das alumnas da Escola domestica e da Escola normal, devidamente uniformizadas, de gentis senhoritas, de auctoridades e pessoas de elevada cathegoria, dava áquelle ambiente um aspecto vistoso e encantador.

A's 20 horas, precisamente, achando-se em lugar de destaque o desembargador Ferreira Chaves, governador do Estado, o dr. Henrique Castriciano, vice-governador; monsenhor Alfredo Pegado, governador geral do

Bispado, o presidente e demais membros da Directoria e socios do Instituto Historico, os chefes de repartições publicas, federaes, estadoaes e municipaes, auctoridades civis e militares, representantes do clero e outras pessoas gradadas, foi aberta a sessão pelo dr. Moysés Soares, presidente de honra do Centro "Frei Miguelinho", que, na mesa, se achava ladeado do padre dr. Ignacio de Almeida e do presidente effectivo do "Centro", Aducto da Camara.

O dr. Moysés Soares, antes de dar a palavra ao orador official, padre dr. Ignacio de Almeida, que fôra convidado pelos moços do "Centro" para fazer uma conferencia sobre a grande data commemorativa do centenario da revolução de 1817, proferiu eloquentes phrases de calor patriotico, salientando o facto de ter sido um parahybano — José Peregrino de Carvalho — o principal estimulador de André de Albuquerque ao rebentar o movimento sedicioso neste Estado, commungando os mesmos ideaes victoriosos, companheiros de uma jornada admiravel; e a feliz coincidência de ser um parahybano, tambem, o escolhido para, naquella solemni-dade, fazer a commemoração civica dos denodados filhos da terra brasileira que sacrificaram suas vidas por um ideal santo de redempção da patria querida.

Relembrando a grande epopéa republicana de 1817, o dr. Moysés Soares disse ser motivo de grande jubilo para os norte-rio-grandenses aquelle movimento em que se salientaram os dois impereciveis martyres, Frei Miguelinho e André de Albuquerque, justo orgulho de nossa raça, a cuja memoria se vinha render o preito de admiração patriotica, sendo esse o fim principal daquella reunião.

O orador foi vivamente applaudido por todos os presentes.

Ao assomar á tribuna, que estava envolta com a bandeira da Republica, o padre dr. Ignacio de Almeida foi saudado calorosamente por prolongada salva de palmas.

Começou dizendo todo o seu sentimento patriotico

naquelle instante em que, reunido o que de mais fino possui o nosso meio social, se glorificavam os heroes de 1817, cuja acção dignificante em prol da patria livre era como que o proseguimento daquella aspiração unanime dos brasileiros, já manifestada na sublevação de Villa Rica em 1720, continuada na Inconfidencia Mineira de 1792, no projecto de republica de 1801 de Pernambuco, e ainda uma vez abortada com a revolução de 6 de Março, mas afinal alcançada em 1822.

Traçando o perfil do grande martyr Frei Miguelinho e dizendo o valor da acção dos norte-rio-grandenses no movimento libertador de ha cem annos, o padre dr. Ignacio de Almeida entoou um verdadeiro hymno de glorias áquelle abnegado sacerdote que deve servir de modelo aos brasileiros de hoje e que é justissimo orgulho do clero nacional.

Embora tendo a sanha cruel dos carrascos de antanho feito desaparecer para sempre os restos daquelle sublime sacrificado sem que fosse possivel hoje veneral-os em um mausoléu sumptuoso; si não ha uma lapide fria, um tumulo soberbo, um monumento grandioso, um jazigo perpetuo na algidez do marmore ou na imponencia do bronze que guardae os despojos do martyr insigne que foi Miguelinho, comtudo, affirma o orador, tudo lhe diz que imperecivel subsiste o culto do abnegado patriota, porque o seu tumulo está no coração do Rio Grande do Norte.

Symbolisando uma estatua que perpetuasse a memoria de Miguelinho, o orador diz que si fosse artista esculpiria ao pé do martyr tres colossos que representassem a Patria, as Glorias e a Democracia.

Nesta parte o padre dr. Ignacio de Almeida estendeu-se em largas considerações do mais acendrado civicismo, revelando conhecimentos vastos de assumptos de tão elevada significação e entrando a discorrer com proficiencia sobre esses pontos importantes, aos quaes a sua palavra acalorada e vibrante soube dar o devido relevo com a belleza de forma e elegancia no dizer que

lhe são peculiares, qualidades que dão aos seus discursos um encanto todo especial.

A conferencia do talentoso orador arrebatou o auditorio que por diversas vezes o applaudiu freneticamente, coroando as suas ultimas palavras de patriota ardoroso, na invocação feita á memoria immorredoura de Frei Miguelinho, exemplo de coragem, de amor e de civismo digno de ser imitado por todos quantos estremeem a terra brasileira — com uma extraordinaria ovação, que elle bem mereceu.

Duas interessantes creanças cobriram de petalas o padre dr. Ignacio de Almeida, offerecendo-lhe mimoso bouquet de lindas flores.

Encerrada a sessão, foi o illustrado orador muito felicitado pela sua brilhante conferencia, levando-lhe igualmente o desembargador Ferreira Chaves os seus cumprimentos.

Uma commissão de socios do Centro fez a recepção das familias, tocando durante este acto duas bandas de musica de Nova Cruz.

DIA 12 DE JUNHO

A's quatro horas houve alvorada, por bandas de musica, em todos os bairros da cidade, sendo queimadas salvas reaes de 21 tiros.

A MISSA CAMPAL — O dia amanheceu chuvoso, mas nem por isso a população deixou de se deslocar para a esplanada da rua Silva Jardim, onde se ia realizar a primeira parte da commemoração civica, com uma missa campal, no proprio local onde nasceu Miguelinho.

A's sete horas, presentes o desembargador Ferreira Chaves, o Instituto historico, muitas associações, escolas e grande massa popular, monsenhor Alfredo Pegado, acolytado pelo conego Estevam Dantas celebrou a missa campal, em altar armado em frente ao edificio da Commissão de Melhoramento do Porto.

Durante a missa, iam chegando escolas, corporações e delegados para formarem no grande prestito cívico, que teve de ser transferido para a tarde, porque a chuva, cahindo cada vez mais forte, não dava logar á sua formatura.

NA ESCOLA NORMAL — A's oito horas, realizou-se, na Escola Normal, uma tocante cerimonia cívica.

O dr. Nestor Lima, director, reuniu no estabelecimento que obedece á sua sabia orientação pedagogica, na manhã do dia 12, todos os alumnos da Escola Normal e cursos annexos e dando a palavra ao professor Ivo Filho, lente de Geographia e historia, este fez uma prelecção, que durou cerca de 30 minutos, sobre o alto acontecimento politico que foi o movimento revolucionario de 1817.

Terminada a prelecção do professor Ivo Filho, todos os alumnos cantaram um hymno analogo ao acto, musica que se deve á feliz inspiração do professor Thomaz Babini, cujo acompanhamento foi feito pela intelligente normalista senhcrita Julia Barboza.

As alumnas Domitilla Noronha e Zulmira Fernandes recitaram, com muito sentimento, duas bellas produções em verso sobre Miguelinho, da lavra dos poetas Segundo Wanderley e Pedro Mendes.

Terminou o acto escolar por entre ruidosas acclamações ao Rio Grande do Norte e á memoria de Frei Miguelinho e André de Albuquerque.

A POSSE DO CENTRO CIVICO FREI MIGUELINHO — A's treze horas, num dos salões do Atheneu Norte-riograndense, reuniu-se, em sessão solemne o Centro Civico "Frei Miguelinho", para a posse da sua nova directoria.

A sessão foi presidida pelo dr. Moysés Soares, presidente de honra, sendo empossada a nova directoria.

Após a posse, o orador do Gremio, sr. Adauto Camara, fez uma brilhante conferencia, usando ainda da palavra o professor Ivo Filho.

O salão do Atheneu estava repleto de socios do Gremio e representantes de outras associações.

O PRESTITO CIVICO — Depois das quatorze horas, tendo melhorado o tempo, organisou-se, na rua Frei Miguelinho, o grande prestito civico, que obedeceu rigorosamente á ordem estabelecida no programma abaixo:

1.º O Esquadrão de Cavallaria, com a respectiva banda de clarins; 2.º O carro triumphal, com as bandeiras da Republica Brazileira e da Revolução de 17, em trophe, empunhados pela seshorita Nena Lustosa; 3.º A banda de musica da Escola de Aprendiziz Marinhos; 4.º O grupo escolar "Frei Miguelinho"; 5.º A Associação dos Empregados do Commercio; 6.º Escolas municipaes, feminina e mixta; 7.º Associação commercial e commissão da Escola de Aprendiziz Artifices; 8.º Atheneu Norte-riograndense; 9.º O "Natal Club"; 10.º A banda de musica de Nova Cruz, "União Juvenil"; 11.º A escola da Liga Operaria; 12.º A sociedade "Liga Operaria"; 13.º A Escola do Centro Operario; 14.º O Centro Operario; 15.º A Escola União Artistica; 16.º A União Artistica; 17.º O Externato Magalhães; 18.º A aggremação Litteraria "Ferreira Itajubá" e Gremio "Pedro Velho"; 19.º A banda de musica de S. Cruz, "22 de maio"; 20.º A escola de d. Benigna Silva; 21.º Associações de Foot Ball; 22.º O Collegio "7 de Setembro"; 23.º O Thesouro do Estado e commissão da Alfandega; 24.º O Collegio S. Antonio; 25.º Conselho Central e Conferencia de S. Vicente de Paula e Azylo "João Maria"; 26.º A Secretaria do Governo, a Inspectoria de Hygiene e secretarias da Instrucção, do Superior Tribunal e do Atheneu; 27.º A banda de musica de Nova Cruz, "Independencia commercial"; 28.º Os cursos masculinos annexos á Escola Normal; 29.º O Centro Nautico Potengy; 30.º Os cursos mixtos annexos á Escola Normal; 31.º O Sport Club de Natal; 32.º Os cursos femininos annexos á Escola Normal; 33.º O Delegado do Grão Mestre da Maçonaria Brazileira e commissões das Lojas "21 de Março", "Fi-

lhos da Fé" e "Evolução 2.ª"; 34.º A Escola Normal; 35.º Inspectoria de Obras contra as Seccas, Melhoria do Porto e Associação de Barras e Portos (Praticagem); 36.º Instituto historico, intendencia municipal, Chefe de Policia, Magistratura Federal e Estadual, Auctoridades civis e militares de terra e mar, chefes de repartições, o Vigario geral do Bispado, e o clero, Lentes do Atheneu e Escola Normal, representantes dos municipios e corporações, da Igreja Presbyteriana e Elisa Reed e personalidades de fóra do Estado, deputados estaduaes, directorias da Liga do Ensino, Liga da Defesa Nacional, Conselho Superior da Associação Brasileira dos Escoteiros, Imprensa Club, da Guarda Nacional e Empresa Tracção, Força e Luz; 37.º Batalhão de Segurança, puxado pela respectiva bandá de musica; 38.º A massa popular.

O prestito desfilou com toda a imponencia pela rua Frei Miguelinho, Avenida Tavares de Lyra, Avenida Sachet; Praça Augusto Severo (lados norte e oeste), Avenida Junqueira Ayres, Rua da Conceição e Praça Sete de Setembro, passando pela frente do palacio do governo, em direcção á Praça André de Albuquerque.

Durante o percurso da imponente procissão civica fizeram-se ouvir os seguintes oradores, em applaudidos e patrioticos discursos:

—Dr. Moysés Soares, do edificio da Comissão do Melhoramento do Porto; sr. Deolindo Lima, do edificio da Associação dos Empregados do Commercio; dr. João Soares, da residencia do sr. Robert Vance; major Ezequiel Wanderley, do edificio do Atheneu Norte Rio grandense; dr. Oscar Brandão de uma das varandas do palacio do governo.

O desembargador Ferreira Chaves, governador do Estado, assistiu, de uma das janellas do Palacio do Governo, ao desfilar do grande prestito.

A INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO — Eram trez horas e trinta e cinco minutos da tarde quando o carro tri-

umphal chegou em frente ao monumento a Miguelinho, que ia ser inaugurado.

Ocuparam então os logares que lhes estavam destinados, o exmo. governador do Estado, o Instituto historico, o presidente da Intendencia de Natal, altas auctoridades, ficando as escolas, as commissões do pres-tito, nas alamedas do jardim, cheio de uma das maiores agglomerações de povo que temos visto nesta cidade.

Em um coreto ao lado, estavam as senhoritas que iam cantar o hymno, cujos nomes daremos adiante.

Em meio deste scenario grandioso, ergueu-se H. Castriçiano, que, proferiu o seguinte discurso:

Senhores!—Eis-nos enfim chegados. E, ao chegarmos, sinto o mesmo deslumbramento daquella inolvidavel manhã de 12 de Junho de 1906, em que o Instituto reuniu, como hoje, quasi toda a a população da Cidade em torno da memoria de Miguelinho.

Quando, então, a dous passos deste obelisco, um padre resava no altar em lembrança do Martyr, as innumeradas pessoas que assistiam ao acto, viram descer do firmamento o brilho de um arco-iris, envolvendo no mesmo esplendor este outro arco-iris, o da bandeira de desesete, symbolo das aspirações de tantos heroes trucidados pela independencia brasileira e a imagem do Nazareno, crucificado ha vinte seculos pela liberdade humana.

Dir-se-ia um halo de fé e de esperanza, a irradiação de um milagre interior, desses de que fallam as lendas de todos os povos, reproduzidos no inicio e no fim dos periodos ciclicos da historia, quando a propria natureza parece cheia dos presentimentos e augurios das multidões.

Vede agora mesmo como a alma profunda das cousas encontra-se com a do povo neste logar sagrado, por assim dizer o coração de nossa terra a palpitar ancioso, procurando desafogo ás recordações deste dia.

Aqui, tudo nos falla do passado, principalmente neste minuto historico.

Daquella casa foi arrastado, ha cem annos, trahido, apunhalado, já em agonia, o bom André de Albuquerque; no trecho em que vos dirijo a palavra, José Peregrino, o parahybano de quem os rio-grandenses do norte se lembrarão sempre com infinito reconhecimento, o esteve guardando em companhia de outros valentes; daqui se avistava naquella epoca a fortaleza dos Reis Magos, onde se apagou nas trevas de um subterraneo a vida honesta do primeiro deste dous heroes; e, vendo a Cathedral, defronte, alongando serenamente o olhar de pedra sobre as collinas, sobre as dunas, sobre o oceano inquieto, lembro-me que esse olhar é o mesmo que ha tres seculos acompanha, sorrindo ou chorando, a existencia da Cidade e que ha cem annos viu passar amortalhado numa esteira o cadaver de André de Albuquerque, depois de ter contemplado o vulto de Miguezinho afastando-se para sempre de nossa terra, ainda creança e já nimbado pelo fulgor de um além tumulo glorioso.

[Estamos, sim, num logar sagrado.

E se é verdade que os vivos são e cada vez mais governados pelos mortos, não nos trouxe o acaso, mas os dous redivivos norte-rio-grandenses.

Somos uma pequenina porção da Humanidade em marcha para o desconhecido, um instante acampada junto ao obelisco de cuja sombra vejo sahirem essas duas sombras eternas, abrindo-nos os braços num gesto evocativo e dizendo que os immortaes resurgem nos dias culminantes da Patria e ai! das nacionalidades que lhes não querem ouvir o grito de angustia e de alerta...

Quando lemos a historia dos bravos de 17, por mais desalentados que estejamos, percebemos no intimo o renascimento da coragem dos antepassados e o orgulho de pertencermos á especie humana.

Em cada pagina nos sorri um desses raros typos que os romanos cultuavam dentro de cidades santas como templos; e nos enche de alegria o calor daquelles semi-deuses ao enfrentarem as forças mysteriosas do Desti-

no, as unicas forças dignas delles —por serem invenciveis.

Ao chegarmos ao fim da tragedia, quando averiguamos a confusão e a dispersão de tudo, gera-se-nos no espirito, ainda assim, a consoladora certeza de que a propria fatalidade nada pode contra a vontade humana, se condusida para o bem: perseguidos, trucidados, sepultos, os heroes não apodrecem, reproduzem-se nos exemplos que deixam ou desfazem-se em clarões de lenda, assim como os astros, mesmo extinctos, continuam a illuminar o espaço durante seculos e seculos.

João Ribeiro, coração de sabio e de forte, apressando a agonia pelo suicidio para não assistir á agonia da Republica; Domingos Theotônio, entregando ao povo os filhos miserrimos e bradando do alto do cadafalso que o tumulto o não assustava, mas o juizo dos posteros; José Peregrino, alma antiga de espartano cedendo aos rogos do pae desvairado a existencia que bem sabia terminada ao entregar as armas aos desleaes inimigos; o padre Roma, lançando ao mar os papeis que lhe haviam confiado, para não comprometter ninguem, isto é, pensando mais nos outros do que em si na occasião do perigo extremo; João do Rego Dantas, respondendo ao pae de sua mulher, —que o podia salvar, por ser lusitano de origem e servo leal do rei — preferir a morte com todos os horrores á mancha indelevel de traidor ao Brazil; Domingos Martins, despedindo-se, num soneto admiravel, da esposa e da patria, com as quaes, ao pé do supplicio, repartia o coração de lidador; Miguelinho, o sereno, o estoico, o santo, queimando para salvar os adherentes do novo regimen, durante uma noite, os documentos que tinha em seu poder e, após, desviando sem hesitar a mão do Conde d'Arcos que se estendia para o arrancar da sepultura; os proprios soldados —é preciso não esquecer os humildes nas horas de reparação e justiça! —obscuros e rudes obreiros da Revolução, escoltando de grande distancia o cofre do Thesouro e entregando-o intacto aos adversarios vencedores, tudo sob a suggestão dos conse-

lhos do bravo Manoel de Azevedo, que lhes fizera vêr o opprobrio que recahiria sobre os pernambucanos se fossem roubados os dinheiros publicos; todos elles, todos os agentes de tão nobre affirmação do caracter nacional, embora vencidos naquella epoca, apressaram o advento da Independencia, mudaram o curso da historia brasileira, tal como essas correntes ou antes, como esses rios que nascendo invisiveis nos mares, os aquecem; os dominam; os rasgam; os vencem acabando por transformarem a paysagem e o clima dos continentes onde passam...

Aquelles grandes mysticos tinham o que hoje desgraçadamente nos falta: um ideal.

A imagem da patria, collocavam-na acima de tudo, confundiam-na com a de Deus. Victoriosa a revolução, os membros do governo provisorio, em vez de exercerem odios e vinganças, mandam resar um "Te Deum"; ao pé do altar, a palavra de Miguelinho, interprete divino da sinceridade geral, sobe ao firmamento, num anceo de prece, entre nuvens de incenso, pregando a união de todos; e, mais tarde, decretada a bandeira que ahí vêdes, o deão da Cathedral de S. Antonio, no Recife, solemnitamente o acontecimento dirigindo-se á multidão na linguagem tocante e ingenua de um heróe da *Illiada*: "o nosso pae que está nos céus creou livres todos os homens!"

Eis porque, decórrido um seculo, nos encontramos á sombra do modesto monumento que o sr. Presidente do Instituto vae entregar ao Municipio. Somos, já o disse, uma pequenina parcella do genero humano em viagem para o desconhecido e é consolador meditar aqui um momento em companhia dessas figuras de epopéa, cujo exemplo nos dará coragem para continuar a infinita jornada sem indagar se haverá urzes no caminho — á semelhança do Ashaverus de Edgar Quinet, encarnação luminosa da propria Humanidade. E porque vos não lembrar essa pagina fulgidissima do escriptor francez, onde elle pinta em traços eternos a ancia do homem

deante do perpetuo *devenir* do Universo e da Historia, se todos nós, vagas da eternidade um momento paradas á beira deste symbolo, soffremos a mesma pena de não poder attingir a perfeição moral de Miguelinho e de outros vultos excelsos da Especie?

Estamos, seguindo o poema de Quinet, no fim dos Tempos. Vão ser julgados os mortos na hora extrema do Plantta e ha nos Sêres a concentração do ultimo instante, quando a memoria recapitula as emoções de todas as creaturas que palpitam na terra. Trazendo na retina a imagem de innumeras civilisações passadas e no intimo a lembrança de millenios e millenios desfeitos em poeira é perdoado o lendario peregrino ao dizer que exgotou as lagrimas que lhe deram os fados. Então, poderia rever, se quizesse, a sua antiga morada do Oriente. Mas o pobre redimido é a Humanidade: presentindo, lá em cima, a rotação de mundos innumeraveis, roga á Piedade Suprema a tortura de caminhar ainda, de mergulhar os pés doridos na poeira das estrellas, de subir, subir sempre, de universo em universo, de esphera em esphera, sem descer jamais, até ver a fonte de onde jorram as idades....

Perdoae-me, senhores, essa reminiscencia de um dos gigantes do Romantismo. Sempre que fallamos ao povo se faz preciso, na apagada e vil tristeza d'agora, voltar a elles deliberadamente, porque somente elles, depois dos epicos, souberam formar titans do oiro das lendas; e, além disso, estamos com certeza no fim de um mundo. Vão morrer as autocracias; a organização social dos povos vai ser fundamente modificada: tudo annuncia uma nova era, quer para as nacionalidades que morreram e estão resurgindo, quer para as que ainda não viveram e desejam ascender, como o Brasil...

Ha quatrocentos annos eramos o chaos: dentro da nossa alma havia soment a da floresta virgem, emquanto lá fóra a cultura greco-romana esplendia na belleza eterna da Renascença. Não tivemos medo; seguimos o caminho traçado pelo genio das raças que nos formaram.

Pouco a pouco, deixámos a sombra da selva primitiva, conquistámos nosso logar ao sol.

Vamos subindo, embora lentamente. Tão cêdo não galgaremos o cimo da montanha, mas, na altura a que chegamos, já podemos abrir os olhos á claridade dos horizontes e vêr agradecidos os descobridores, os atletas anonymos dos primeiros dias, os bandeirantes, os guerreiros, os legionarios da Independencia, da Abolição e da Republica —sobretudo vêr os martyres fusilados ou pendurados nas forcas, como pontos luminosos de inter-rogação entre o passado e o futuro.

São quatrocentos annos de glorias, onde ha cruces mas não ha vilesas, a nos lembrarem neste momento unico na historia do mundo, que pertencemos á Humanidade e que esta, ainda agora, depois de millenios de luctas e soffrimentos, rotas e ensanguentadas as vestes, caminha, caminha, caminha...

No espirito de todos nós andam graves presentimentos: ninguem deseja essa horrivel abominação que é a guerra, mas se a ella nos conduzir o determinismo da História, por Deus! sejamos dignos!

E voltemos desde logo ao civismo de nossos avós, deixando de vez a inexplicavel descrença de hoje, essa falta de fé em tudo, esse habito de zombar das coisas mais santas, essas fealdades que estão soterrando o immenso thesoiro de bondade do coração brasileiro.

Elevemo-nos até os antepassados cuja sombra estamos evocando: elles nos dirão eternamente as palavras reveladoras da abnegação, da bravura, da esperança!"

Findo este discurso, desceu a cortina que velava o monumento, o qual foi, neste momento, entregue pelo presidente do Instituto historico ao presidente da Intendencia de Natal.

Terminou a cerimonia com o Hymno de Miguelinho, cantado por um grupo de senhoritas, e acompanhado a grande orchestra.

O monumento, com uma altura de 5 m. 10, é uma columna de granito sobre pedestal de pedra lavrada.

Nas quatro faces da columna quadrangular, foi gravado, em medalhões de bronze, de 80x65 centímetros, trabalhados na Fundição Indígena do Rio de Janeiro, o seguinte:

—No lado em frente á Cathedral:

"MICHAELI J. DE ALMEIDA CASTRO

ET

ANDREAE DE ALBUQUERQUE MARANHÃO

MULTA PRO PATRIA

LIBERTATE PASSIS

Quam et fortiter moriendo exulterunt

CONCIVES SUI

CENTESIMO OCCURRENTE ANO

HOC MONUMENTUM

POSTERIS COLENDUM

EREXERE."

—No lado direito:

O escudo do Rio Grande do Norte.

—No lado opposto:

"XVII—XII—MDXCVII

EXPUGNATORUM HUC

DUCE E. MASCARENHAS HOMEM

APULLIT CLASSIS

QUI HANC PRIMI

REGIONEM OCCUPARUNT."

—No lado esquerdo:

As bandeiras da Revolução de 17 e da Republica Brasileira, entrelaçadas, com as legendas:

6. III. 1817 — 15 XI. 1889

Depois que foi entoado o hymno, todas as bandas de musica tocaram, ao mesmo tempo, a "Marcha José Peregrino", a marcha historica, com que os heroicos soldados parahybanos entraram nesta cidade, com André de Albuquerque á frente, na tarde de 25 de Março de 1817.

O EXERCICIO DA CAVALLARIA —Depois de cinco horas, na Praça Pedro Velho, o esquadrão de cavallaria sob o commando do capitão João Fernandes de Almeida fez os exercicios e evoluções de esgrima, lança e callisthenica, sendo muito admirada a precisão dos seus movimentos.

Os soldados do esquadrão mostraram muita pericia em todos os exercicios e combates simulados.

A SESSÃO SOLEMNE DO INSTITUTO—A sessão solemne do Instituto historico poz um remate solemne e brilhante ás festas do Centenario.

As 19 horas não havia um lugar vago no Theatro "Carlos Gomes", vendo-se, nos camarotes, as mais distinctas familias desta capital.

No palco, viam-se em torno da mesa os membros do Instituto, coronel Pedro Soares, desembargador Vicente de Lemos, conego Estevam Dantas, dr. Nestor Lima, desembargador Hemeterio Fernandes, dr. Manoel Dantas, coronel Caldas, desembargador Luiz Lyra, dr. Antonio Soares, capitão Joaquim Lourival, dr. Henrique Castriciano, dr. Calistrato Carrilho e dr. Alberto Maranhão, representado pelo dr. Moysés Soares, officialidade da guarnição federal, commissões e senhoritas.

O desembargador Ferreira Chaves, convidado especialmente para presidir aquella sessão, foi levado ao palco por uma commissão composta do conego Estevam Dantas e dr. Nestor Lima.

Assumindo a presidencia, o desembargador Ferreira Chaves proferiu patrioticas e justas palavras sobre o grande feito revolucionario e a figura heroica de Miguelinho.

O dr. Manoel Dantas, em nome do Instituto, proferiu o discurso official, que é o seguinte:

Exmo. sr. dr. governador do Estado;
Sr. presidente e membros do Instituto historico;
Illustre auditorio:

A solemnidade deste momento e as responsabilidades do meu cargo dietam o tom ás minhas palavras, que não podem sahir incendiadas ao sopro das paixões que tumultuam lá fóra, devendo cahir nesta imponente assembléa, commedidas e frias, como a phrase do historiadore que analysa e discute factos guardados atravez dos seculos.

Seria, talvez, perdoavel que, falando de luctas guerreiras, exalçando os feitos de um grande patriota, meu verbo troasse tambem, quando por toda a parte trôa o canhão mortifero que substituiu perante os povos a razão do Direito e a voz da Consciencia.

Mas já um seculo é passado sobre a lucta na qual encontrou-se envolvido o Padre Miguelinho, o heroe norte-riograndense. E do sangue com que, derramado por uma idéa grandiosa, se empapou a terra brazileira, surgiram factos que guiaram a humanidade a concepções mais elevadas de trabalho, de progresso e de paz; as flores brotaram nos campos varridos pela metralha; ostentam-se os monumentos nas praças onde se ergueram os patibulos para o supplicio dos heroes.

Prefiro antes invocar a figura angelica desse martyr, que elevou com sua coragem estoica e santificou com sua contricção evangelica a hora na qual se entregou em holocausto a Patria, para vir, eu tambem, sereno e calmo, dizer-vos por qual motivo, cem annos depois, vibra ainda em sua memoria a população desta cidade que o viu nascer e por que razão o Instituto historico do Rio Grande do Norte aqui se acha reunido,

sob a presidencia da mais alta auctoridade do Estado para commemorar o centenario da morte de Miguelinho, a quem o padre Dias Martins denominou astro brilhantissimo, cujos serviços na revolução de 17 todos os escriptores que se tem occupado daquelles acontecimentos são concordes em exaltar, por lhe ter sido confiada quasi que exclusivamente a direcção mental do movimento.

Senhores:

Si a commemoração deste centenario obedecesse somente ao criterio estreito de um acontecimento local, não muita razão haveria para estarmos aqui congregados com tamanho ardor, porque, faltos, talvez, de documentos historicos, não podemos affirmar que houvesse sido muito intensa e muito directa a acção do padre Miguelinho na vida e nos destinos da então capitania do Rio Grande do Norte.

Que elle é noso, prova-o exuberantemente a certidão de idade; e que nasceu no local que a cidade de Natal, numa extraordinaria romaria civica cujas recordações ainda hoje perduram, assignalou por meio do marmore, não padece duvidas.

A certidão de idade, extrahida dos livros existentes na matriz desta cidade, mostra que o padre Miguel Joaquim de Almeida Castro nasceu em Natal a 17 de setembro de 1768, filho legitimo do capitão Manoel Pinto de Castro, natural de S. Verissimo de Valbom, bispa-do do Porto, e de d. Francisca Antonia Teixeira, natural da freguezia de Natal.

Com o Rio Grande do Norte, Miguelinho teve de commum os laços de familia e a educação primaria.

Aos dezeseis annos, foi enviado para o Recife, e entrando na ordem dos frades carmelitas, professou a 4 de novembro de 1784, com o nome de Frei Miguel de S. Bonifacio, donde lhe veio o appellido de "Frei Miguelinho".

Dos seus oito irmãos, o padre Ignacio Pinto de Almeida Castro foi vigario de Jaboatão; o padre Manoel Pinto de Castro figurou na politica desta provincia, que chegou a administrar; o coronel Joaquim Felicio Pinto

de Almeida Castro representou papel importante nos acontecimentos de Pernambuco em 1824; d. Bonifacia Pinto Garcia de Almeida, residente sempre nesta capital, foi mãe de uma descendencia illustre e d. Clara Joaquina de Almeida Castro foi a companheira fiel e devotada do insigne heroe, acompanhando-o até o começo do seu martyrio.

Frei Miguelinho nunca mais voltou ao Rio Grande do Norte e, como veremos mais adiante, não teve interferencia directa no movimento patriótico chefiado em Natal pelo coronel André de Albuquerque.

O desejo de aperfeiçoar seus conhecimentos levou-o a Portugal, na qualidade de companheiro do procurador que sua ordem tinha junto a Côrte. Em Lisboa, Miguelinho cultivou as sciencias e as letras, frequentando os cursos e as instituições scientificas e litterarias, onde era acolhido com respeito e agrado o frade rio-grandense, na convivencia dos maiores sabios da epoca. Conhecendo sua pouca vocação para a vida monastica, obteve da Santa Sé o breve de secularização e voltou, em 1800, a Pernambuco, que o recebeu com entusiasmo publico, respeitando nelle, diz o padre Dias Martins, um grande theologo, sublime philosopho, profundo politico e consummadissimo orador, tudo isto realçado pela modestia, religião, humanidade e todas as virtudes sociaes.

O bispo Azeredo Coutinho, um dos grandes luminares da Igreja brasileira, que o conhecera em Lisboa, chamou-o para o seminario de Olinda, confiando-lhe a cadeira de rhetorica, que regeu até a epoca do seu martyrio.

Sectario ardente das doutrinas democraticas, impoz-se aos adeptos das idéas liberaes em Pernambuco que o escutavam como um oraculo e "quantos mancebos se haviam educado com elle, todos abraçaram ardentemente a causa da liberdade".

Vivendo no meio pernambucano, exercendo tal ascendencia, era muito natural que tomassè parte salientis e preponderante no movimento revolucionario de 17, que ficou celebre mais pela hecatombe de homens illus-

tres que occasionou do que pelo resultado delle, pois que, na critica insuspeita de Oliveira Lima, "não fôra a revolução um plano bem combinado para simultaneamente rebentar em outras capitánias, não possuia elementos materiaes e moraes para vingar, nem em numero de soldados, nem em universalidade de convicções, e não passou duma explosão frenetica do sentimento nacional desdenhado, brotada de cerebros exaltados pelos successos da Revolução Franceza, aferverados em seus sonhos por uma mysteriosa solidariedade e anciosos peia integração da liberdade americana."

O systema de colonisação portugueza favoreceu a formação da nacionalidade brasileira. Em vez de repelir o gentio, como fizeram os americanos do norte, o portuguez a elle se alliou, misturando-se o sangue das duas raças e figurando o aborigene, com a epopéa do Caramuru', o valor de Camarão, a graça de Paraguassu' nos acontecimentos mais notaveis da nossa historia. O elemento negro que aqui veio com a escravisação de varias tribus livres da Africa, vinculou-se ao solo, ligando-se aos povoadores e entrando tambem na formação da raça donde sahio o typo brasileiro, preso, desde logo, á terra do seu berço por esses laços indefiniveis que só o amor patrio sabe explicar.

No Brazil colonia, só permanecia portuguez de coração o funcionario publico ou o soldado que aqui vinha a serviço da mãe patria; o colono, o homem de negocios, ligando-se ao indio e ao negro, pelas relações sexuaes, ou pelas conveniências do trabalho, tornava-se brasileiro.

A distancia afrouxando pouco a pouco os laços que prendiam a colonia á metropole, a patria livre tornou-se— desde que a expulsão dos holandezes lhes dera a consciencia da sua força— a aspiração geral dos brasileiros, concretisada em facto na Guerra dos Mascates, de 1710; na sublevação de Villa Rica, de 28 de junho de 1710; na "Inconfidencia" de Minas Geraes, a celebre revolução, sonho de poetas, que levou á forca Tiradentes; no projecto de republica dos irmãos Suassunas, de Pernambuco, em 1800; na revolução de 6 de março de

1817; no "Grito do Ypiranga", a 7 de setembro de 1822

Foi, como se vê, lento o percurso dos brasileiros na sua aspiração emancipacionista, o que se explica pela disseminação da população em um território vasto, de comunicações difíceis entre si, pela indolência que nos é própria e pela sujeição severa às antigas leis e regulamentos coloniais, peculiaridades do caracter brasileiro que, em 1809, já o viajante inglês Henry Koster assignalava.

A trasladação da côrte portugueza para o Brazil influíu nos intuitos autonomistas dos nacionaes, que acalentaram a esperança de se tornarem independentes sem a commoção revolucionaria.

Fôra vantajosa para o Brazil a vinda da côrte portugueza, pelas novas relações que adquiriu a colonia, aberta ao convívio mundial, e pela posição em que os acontecimentos a collocaram, muito superior á mãe patria.

"A chegada do soberano, escrevia Henry Koster em 1809, despertou a emulação de alguns brasileiros que de ha muito se entregavam a habitos de indolência e augmentou a actividade de outros que aguardavam com paciencia occasião para evidenciar-a. Os brasileiros sentem que se tornaram uma nação, a sua terra natal dá presentemente leis á mãe-patria".

D. João VI, sob a apparencia de uma grande poltroneria, era um consumado e habil politico. Fugindo á invasão napoleonica, poupou sua auctoridade ás humilhações por que passaram todas as côrtes europeas, exceptuadas somente a Russia e a Inglaterra, e, chegando ao Brazil, concebeu o "plano arditoso de resistencia que consistiu em conceder á colonia o maximo das franquias economicas para garantir o minimo das cedencias politicas" no dizer de Oliveira Lima.

Os brasileiros comprehenderam logo que da côrte portugueza nenhum beneficio lhes podia advir, desde que estavam destinados a servir de "bestas de carga" para saciar a ganancia da fidalgaria ociosa e faminta que acompanhara D. João VI e se assenhoreara de

todas as posições e de todos os empregos, com exclusão acintosa dos nacionaes.

Lavrava intenso, como um fogo subterraneo, o espirito de discordia e rivalidade entre brazileiros e portuguezes que trazia uns e outros inquietos. Oliveira Lima, descrevendo o scenario onde se desenrolou a revolução de 17, salienta que a idéa emancipacionista aventa-va-se com exaltação nos quarteis pela preferencia concedida aos officiaes portuguezes e ainda mais nas cinco Lojas Maçonicas que existiam na capital de Pernambuco, em 1816, e que estavam então no seu auge de animação, ligadas ás de outras capitánias e ás do Velho Mundo por laços de irmandade e de filiação, propositalmente avivados pelas viagens de alguns consocios. O sentimento independente transparecia até publicamente nos banquetes, donde eram banidos, como protesto, o pão e o vinho de Portugal, substituidos pela mandioca e aguardente indigenas.

A parte doutrinaria do movimento emancipacionista era fomentada pelos padres, que formavam a classe mais illustrada da sociedade e que, para honra do clero brazileiro, tomaram parte principal, activa e saliente, nas revoluções, pagando alguns com a vida o seu amor á liberdade. A nossa emancipação politica era tambem defendida na imprensa pelo "Correio Brasiliense", revista mensal publicada em Londres, fundada e redigida por José Hypolito da Costa Pereira, que de 1808 a 1823 consagrou-se á defesa das instituições livres em Portugal e da independencia do Brasil.

O campo estava preparado para a revolta, mas não havia concerto para ella conforme os acontecimentos posteriores deomonstraram.

A 6 de março de 1817, ninguem no Recife cogitava de organizar um movimento revolucionario.

A denuncia falsa de um illhéo que as auctoridades portuguezas consideraram verdadeira, a frouxidão do governador Caetano Pinto, a violencia do brigadeiro Barbosa, determinaram o movimento do quartel de Cinco Pontas e o levante da soldadesca, obrigando o governador a capitular na fortaleza do Brum, organizando-

se logo o Governo Provisorio, cuja posse foi solemnizada por um "Te Deum" a meio do qual orou Miguelinho, particularmente reputado pela eloquencia de sua palavra que, realmente, naquella occasião, honrou o genero pela unção commovedora e doce evangelismo do discurso que proferiu, provocando lagrimas de contentamento entre portuguezes e brasileiros, que se abraçaram jurando mutua concordia, affirma Muniz Tavares.

Iniciada com bom exito a revolução, com esse intuito de conciliação e paz, mas com um caracter francamente republicano e autonomista, abraçaram-na as capitancias da Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, onde tambem se installaram governos revolucionarios.

Não se sabe si foi de Miguelinho a acção directa no movimento revolucionario em Natal, porque os documentos conhecidos a elle não se referem e nenhum dos membros de sua familia, aqui existentes, tomou parte na revolução.

Muniz Tavares affirma que o Governo Provisorio contava com a revolução no Rio Grande do Norte, porque o governador José Ignacio Borges, amigo intimo do Padre João Ribeiro, pensava como este em materia politica e era suspeito ao partido portuguez. Ninguém contava com as aspirações realizadas nem com o fingido patriotismo de José Ignacio Borges, a quem o Governo Provisorio escreveu pondo a par do movimento e reclamando seus serviços á Patria. José Ignacio Borges, antes de tomar quaesquer medidas decisivas sobre o assumpto da carta do Governo Provisorio, disposto a apostatar, procurou segurar-se quanto á attitude do coronel André de Albuquerque, poderoso pela sua riqueza, amado pela sua conducta, commandante das milicias de Cunha, Goyaninha e S. José. Para este fim, foi Ignacio Borges procurar André de Albuquerque, ou para allicial-o e dar o golpe seguro na revolução, ou para prende-lo, no caso de resistencia. José Ignacio Borges encontrou André de Albuquerque em Goyaninha, onde conferenciaram largamente. André de Albuquerque, que havia occultamente pedido ao Governo Provisorio algum soccorro de gente escolhida para proceder

com maior segurança, alarmou-se com a presença de José Ignacio Borges, confessando ao vigário de Goyaninha, padre Antonio de Albuquerque Montenegro, patriota exaltado, os subterfugios com que o Borges intentava arrastal-o á defesa da monarchia. O vigário, acceso de furor, increpa-lhe a cobardia de não haver prendido o seductor e acrescenta: "Já que não aproveitastes a occasião favoravel, não vos resta outra alternativa senão seguil-o no momento com escolta fiel e prendel-o, onde o encontrades, ou sujeitar-vos a fazer com o vosso cadaver a escada da sua fortuna; e vos direi que se este ultimo caso succeder, a Patria vilipendiada terá em eterna execração a vossa memoria."

André de Albuquerque não ousou replicar; a força da exhortação dissipou-lhe a perplexidade; reuniu a escolta, seguiu no encalço de Ignacio Borges a quem encontrou, no engenho Belém, prendendo-o e remettedo sob boa guarda para o Recife, onde foi encarcerado.

"Com este procedimento, continua Muniz Tavares, fazia-se a revolução no Rio Grande do Norte. Mas fazer, dirigir e sustentar uma revolução não é a mesma coisa; para fazel-a bastará a resolução de um individuo, para dirigil-a ao fim proposto é indispensavel o concurso de muitos; a mediocridade pode arriscar os primeiros passos, para o perfeito complemento da obra requer-se o genio. André de Albuquerque, infelizmente, não pertencia a essa classe privilegiada; os destinos da provincia estavam depositados em suas mãos e elle não percebia a importancia. Impellido a dar o grande golpe, achava-se desvairado, sem saber que estrada deveria seguir. Para augmento da incerteza, o povo permanec'a inerte espectador.

"Não se pode inserir o que faria André de Albuquerque, si o novo governo da Parahyba, com desusada rapidez, não lhe enviasse cincoenta soldados da primeira linha, commandados pelo tenente José Peregrino e duas peças de artilharia ligeira. André de Albuquerque, certo da apathia que reinava em Natal e confiado no reforço parahybano, marchou para a capital, cujas portas se lhe abriram a 28 de março, sahindo-lhe ao encontro

a companhia militar sob o commando do capitão Antonio Germano, com muitos vivas á religião e á Patria. Organizou-se o governo provisório, mas nenhuma mudança consentanea ao novo estado de coisas appareceu. O governo provisório de Natal não se moveu. André de Albuquerque, arrimado á força da Parahyba, que conservava inalteravel o espirito republicano, tentava insinuar as vantagens da revolução, mas os seus collegas de governo contrariavam-lhe á surdina os planos. André de Albuquerque não sabia, por outro lado, aproveitar-se da sua brilhante posição para dar o impulso de vida aos automatós que giravam-lhe em torno. Pouco provido de dotes naturaes, tinha ao menos abundancia de fortuna, e desta não usava por ser mesquinho.”

A consequencia foi, com a retirada da força de José Peregrino, fazer-se a contra-revolução, pelos proprios que a tinham servido, pagando André de Albuquerque, com a vida, o seu amor á liberdade. Organizou-se ainda um governo provisório no Martins, para substituir o da capital, porem seus membros logo se dispersaram, porque a causa da revolução fracassava desde Alagoas ao Ceará.

Nenhum obice havia encontrado a Revolução de 17 em seu começo; e foi talvez isso que a matou, porque os revolucionarios confiaram demais na sua obra. Homens que, como Miguelinho, faziam da liberdade um novo evangelho, custavam a acreditar que a tyrannia fosse tão terrivel e tão deshumana na represalia de um movimento que se annunciava com incidentes tão pacificos. Confiavam, além disso, os revolucionarios na protecção e bons officios dos Estados Unidos da America, para onde foi mandado um emissario, e na commissão do padre Abreu e Lima, da qual esperavam a adhesão das capitancias de Alagoas e Bahia.

Nenhum acto dos revolucionarios denotava espirito bellicoso. A parte alguns excessos dos criminosos, pouco depois reintegrados na cadeia, a Revolução não se manchou com represalias pessoaes, nem com depredações vergonhosas; os adversarios foram tratados com toda

urbanidade e a revolução revestiu um aspecto sympathico de doutrinarismo e desinteresse, desistindo nobremente o directorio de quaesquer ordenados que lhe competissem e dirigindo um appello aos cidadãos distinctos da capitania, no qual dizia: "A capital está em nosso poder; a patria está salva. Ella vos chama; vinde unir-vos aos vossos irmãos. Elles vos esperam com os braços abertos e anciosos por vos apertar entre elles.

O céo abençoará o fim da nossa obra, assim como tem abençoado o seu principio."

Adoptaram-se, entretanto, medidas que mostram que si os revolucionarios de 17 não tiveram o senso pratico para fazer vingar o movimento, tinham a intuição dos governos democraticos. Foi assim que abateram-se as corôas, inutilisaram-se as armas portuguezas e emblemas reaes, decretaram-se leis e estabeleceram-se novas bandeiras, decretou-se a tolerancia religiosa, aboliu-se o tratamento de excellencia, substituindo-o pelo de — vós, patriota, tomaram-se medidas que tendiam á extincção da escravatura e não se descuraram os meios de resistencia á reacção monarchica, organisando-se o exercito e a armada para a defesa da Patria.

A sorte tornara-se dentro em pouco adversa á revolução, que não teve elementos para resistir ás forças que foram enviadas da Bahia e do Rio de Janeiro para batel-a.

Bloqueiado o Recife pela esquadra do almirante Lobo e approximando-se por terra o exercito do marechal Cogominho de Lacerda, o Governo Provisorio sentiu-se enfraquecido pela defecção de alguns revolucionarios e pelo terror que se apoderou da população.

Domingos José Martins sae a campo para combater o inimigo e é derrotado na Pindoba. Dá-se o conflicto de jurisdicção entre Domingos Martins e Suassuna. Domingos Theotônio Jorge assume a dictadura e declara a patria em perigo. O almirante Lobo proclama aos habitantes do Recife e faz intimação insolente aos revolucionarios. Responde-lhe Domingos Jorge, propondo a capitulação com as honras de guerra, sob pena de serem passados a fio de espada to-

dos os europeus residentes no Recife. Levada ao almirante Lobo, por Cruz Ferreira, a resposta de Domingos Theotônio, foi ella aceita, porém, voltando o enviado ao Recife, não achou mais com quem tratar, porque, de vespera, em a noite de 18 de maio, tinha-se retirado o Governo Provisorio, com todas as forças, para a cidade de Olinda.

Aqui começa a epopéa do martyrio de "Miguelinho". Tendo, na qualidade de secretario do governo, muitos papeis e documentos compromettedores de innumeradas pessoas, para livral-as da sanha dos agentes da tyrannia, o heroe riograndense, em vez de acompanhar seus amigos para o engenho "Paulista", na noite de 20 de maio, condemnou-se voluntariamente á morte e tratou, antes de morrer, de salvar o maior numero possível dos seus concidadãos implicados no movimento revolucionario.

Nessa mesma noite, "Miguelinho" sobe as escadas da casa de sua residencia em Olinda, onde, debulhada em lagrimas, recebeu-o sua irmã d. Clara. Miguelinho estreita ternamente a irmã querida e diz-lhe com meiguice: "Mãe, nada de choros; estás orphã, tenho encheido os meus dias, logo me vêm buscar para a morte; entrego-te á vontade de Deus; nelle terás um pae que não morre; mas aproveitemos a noite, imita-me e ajuda-me a salvar a vida de milhares de desgraçados."

Trataram então os dois heroes de queimar todos os documentos e papeis que existiam na sala sobre a revolução e que podiam complicar a sorte dos seus companheiros.

Findo esse serviço de abnegação patriótica, os dois irmãos passaram o resto da noite em ternos e affectuosos preparativos para receberem os algozes.

Preso na manhã do dia seguinte, foi "Miguelinho" encafuado no porão do brigue "Carrasco", no qual, com outros companheiros, seguiu para a Bahia, onde o aguardava a sanha feroz do conde dos Arcos.

Encerrado nos carcereiros daquela cidade, foi conduzido á presença da commissão militar, a 10 de junho, para ser interrogado. Miguelinho espantou os juizes com

a doçura evangelica da sua physionomia, onde transluzia a calma tranquilla da sua consciencia.

O martyr, qual outro Christo, conservou-se, mudo e quedo, diante dos juizes impiedosos.

Nem uma palavra de defesa, nem um gesto de revolta!

O conde dos Arcos, fascinado pela sublimidade desse martyrio; ou aguilhoado pelo remorso na condemnação de um innocente, propoz-se salvar Miguelinho e admirado do silencio que este guardava sobre todos os artigos da accusação, disse-lhe, em plena sessão:

—Padre, não cuide que somos alguns barbaros e selvagens que somente respiramos sangue e vingança. Fale! diga alguma coisa em sua defesa.

E continuando o silencio por parte de Miguelinho, o conde retrucou, como que insinuando-lhe logo a resposta:

—O padre não tem inimigos? não seria possivel que elles lhe falsificassem a firma e com ella subscrevessem todos ou parte dos papeis que estão presentes?

Falou pela primeira vez o heroe riograndense, exclama um chronista da epoca, para responder ao conde:

—Não senhor, não são contrafeitas; as minhas firmas nestes papeis são todas authenticas, e por signal, em um delles o—o— de Castro ficou metade por acabar, porque faltou papel.

Calou-se e recusou outra resposta.

Foi proferida então contra elle a sentença de morte, que tem a data de 11 de junho de 1817.

Miguelinho ouviu, em profundo silencio, ler a sentença cruel e, sem o menor signal de impaciencia, encaminhou-se para o terrivel oratorio.

Sendo, pela manhã de 12 de junho, elle e José de Mendonça intimados da rejeição dos embargos, José Luiz exclamou indignado:

—Juizes malvados! cegos e vis instrumentos da tyrannia! eu vos emprazo para os infernos! Setenta réos de pena ultima tenho livrado da forca sem allegar um

só facto que tivesse meio peso dos muitos dos meus embargos; juizes...

La continuar, quando, pela segunda vez, falou o heroe riograndense, que fitando-lhe os olhos, disse:

—Querido amigo, façamos e digamos unicamente aquillo para que temos tempo.

Ajoelhou diante do crucifixo e começou a repetir, debulhado em lagrimas, o psalmo —*miserere mei Deus*—que não cessou de alternar com José Luiz de Mendonça, enquanto durou sua agonia.

A's quatro horas da tarde desse mesmo dia, 12 de junho de 1817, Miguelinho, revestido da alva, corda ao pescoço, algemado, pés descalços, cabeça descoberta, no meio de uma escolta de soldados, foi conduzido ao Campo da Polvora, na cidade da Bahia, onde foi fuzilado, sendo, na mesma tarde, enforcados os seus companheiros de infortunio.

Desta maneira brilhantissima consummou o seu martyrio o insigne astro natalense, exclama um seu contemporaneo, padre Dias Martins.

Senhores:

Já houve quem dissesse que as revoluções no Brazil prescindem, em geral, do sangue, o elemento vital que lhes dá força e vigor, a argamassa com que podem ser solidamente cimentadas.

Em todas ellas, tem predominado um certo fundo de mysticismo, ou um enthusiasmo ingenuo e transbordante, talvez em accordo com a indole da nossa raça. São, no começo, applaudidas incondicionalmente para serem, mais tarde, verberadas sem exame.

Foi assim a Revolução de 17; assim, o 7 de Setembro; assim, o 15 de Novembro.

A força do tempo vai depois polindo a figura dos protagonistas desses movimentos, sagrando heroes da liberdade os que nelles preponderaram.

A figura de Miguelinho tem-se tornado epica e legendar'a atravez dos tempos.

Mysticos ou guerreiros, são por igual benemeritos da Patria os que sonham e os que combatem, porque, não sei qual mais meritorio; si a bala que redime uma

affronta ao brio nacional, si a idéa, si o sonho que vóam aos corações, num canticó de fé, como aspiração de liberdade.

Nesta hora angustiada em que as civilizações se esboroam e a humanidade retrograda á pratica de selvagerias antigas, é bom que, evocando o grande espirito de Miguelinho, astro brilhante que fulgiu na terra ha mais de um seculo, nos sintamos banhados neste suave mysticismo que conforta a alma e retempera as energias para tambem, como elle abnegados e como elle estoicos até o momento derradeiro, sabermos soffrer e resistir, si a Patria offendida precisar que a defendamos num supremo arranco de patriotismo.

Que o exemplo de Miguelinho fecunde a acção dos nossos homens de governo, si for preciso empregar o maximo de resistencia em favor da Patria Brasileira, immacula e intangivel, tradição das nossas glorias no passado, symbolo da nossa força, condição da nossa existencia, penhor da nossa honra, legado a nossos filhos.

Nesta hora de duvidas e incertezas, em que os acontecimentos da conflagração mundial arrastam-nos para o desconhecido, precisamos invocar o espirito de Miguelinho, com o coração alevantado, o cerebro esclarecido e o braço forte, congregando-nos em torno da Bandeira, para que, por cima dos escombros, no furor das batalhas, vejamos-a sempre desfraldada; sustentada por mãos fortes de brasileiros, como o symbolo sagrado da Patria nossa bem amada.

Applaudido este discurso, s. exca. o presidente da sessão facultou a palavra aos presentes.

De um camarote, o academico Deoclecio Duarte proferiu um formoso e patriótico discurso e Francisco Palma e Ezequiel Wanderley recitaram inspirados sonetos, que foram extraordinariamente applaudidos e abaixo se leem:

Invocação

(*A' memoria de Miguelinho*)

Berço pendente ao sol purissimo do Norte,
Terra cheia de luz, de bondade e carinho,
Já tingiram teu seio os negros da sorte,
Já mancharam de sangue o teu longo caminho.

Berço cheio de amor, terra de Miguelinho,
Seio immenso de mãe consolador e forte,
Que lhe deste a beber o generoso vinho
Da Virtude e da Fé para enfrentar a morte.

Dá-me a triste visão do Calvario beñdicto:
A tyrania humana em face do infinito
E o sereno perfil do grande fuzilado.

Morreu, dentro da luz de um ensinamento novo...
E é preciso guardar no coração do povo
O valor dos heróes e as glorias do passado.

Francisco Palma.

12—junho—917.

Immortal

(*No monumento a Miguelinho*)

Padre, tu que surgiste aureolado da Luz
Que o futuro desvenda o passado redime...
E, entre rubros clarões, a tu'alma conduz
—A beñdita visão do teu beñdito crime...

Padre, tu que aprendeste os mysterios da Cruz,
—Fonte augusta do Amor, redivivo e sublime!
E, entre psalmos triumphaes, disseste ao teu Jesus:
"A beñdita visão do teu beñdito crime".

Padre, tu que affrontas os peloiros da sorte,
Sem curvares o joelho ás leis do despotismo,
Na vida foste heróe e foste heróe na morte.

Morreste sem morrer, e ativo e sobranceiro,
No z'imbório da Fé, na torre do Civismo,
Legaste um nobre exemplo ao povo Brasileiro."

Ezequiel Wanderley.

Natal, .2 de Junho de 1917.

Seguiu-se a execução do Hymno a Miguelinho, por um grupo de senhoritas, sendo a orchestra habilmente regida pelo professor Borrajo.

Ferida a ultima nota do hymno, seguiu-se, por entre os applausos calorosos da grande assistencia, a magnifica apotheose, deslumbrante e original, devida á inspiração de Palmyra Wanderley, figurando os tres Estados que tomaram parte na revolução de 17, consagrada pela Historia, cultuando a Republica, sob a bandeira da Paz, para gloria da Patria Brasileira.

Segue-se a traducção das inscripções do monumento, que foram compostas pelo eximio latinista, Conego Estevam José Dantas, 1.º secretario do Instituto:

(Inscripções)

MICHAELI J. DE ALMEIDA CASTRO

ET

ANDREAE DE ALBUQUERQUE MARANHÃO

MULTA PRO PATRIA LIBERTATE PASSIS

Quam et fortiter moriendi extulerunt

CONCIVES SUI

CENTESIMO OCCURRENTI ANNO

HOC MONUMENTUM

POSTERIS COLENDUM

EREXERE

XVII—XII—MDXCVII
EXPUGNATORUM HUC
DUCE E. MASCARENHAS HOMEM
APULLIT CLASSIS
QUI HANC PRIMI
REGIONEM OCCUPARUNT

(Tradução)

A Miguel J. de Almeida Castro

e

André de Albuquerque Maranhão

Que muito soffreram pela liberdade patria

A' qual, morrendo valorosamente, exaltaram.

Seus concidadãos,

Neste centesimo anno que decorre,

Erigiram este monumento para

Ser venerado pela posteridade.

XVII—XII —MDXCVII

17 de Dezembro de 1597

Aqui aportou a expedição

dos exploradores que, guiados

por E. Mascarenhas Homem,

primeiro occuparam esta região

REPRESENTAÇÕES

O exmo. sr. dr. Tavares de Lyra, ministro da Viação, foi representado pelo desembargador Vicente de Lemos; o exmo. sr. dr. Amaro Cavalcanti, prefeito do Districto Federal, foi representado pelo desembargador Luiz Lyra; o Instituto Archeologico de Pernambuco foi representado pelos drs. Manoel Dantas e Nestor Lima; os senadores Eloy de Souza e João Lyra, os deputados José Augusto e Juvenal Lamartine e os municipios de Assu' e S. Miguel de Páo dos Ferros foram representados pelo coronel Pedro Soares; o deputado Alberto Ma-

ranhão, o município de Areia Branca e o dr. Mathias Maciel Filho, juiz de direito de Canguaretama, foram representados pelo dr. Moysés Soares; o deputado Afonso Barata foi representado pelo desembargador Luiz Lyra; o dr. Sergio Barretto, secretario do ministro da Viação, foi representado pelo professor Abel Barretto; o dr. Almeida Castro foi representado pelo desembargador Hemeterio Fernandes; o "Centro Macahybense" foi representado pelo dr. Henrique Castriçiano; o município de Patu' e o dr. Pedro Amorim, foram representados pelo dr. Antonio Soares; o município do Caicó e o dr. Irineu Pinto, do Instituto Histórico da Parahyba, foram representados pelo dr. Manoel Dantas; o município de Mossoró foi representado pelo dr. Bruno Pereira; o município do Martins foi representado em todas as festas do Centenario, pelo dr. Silvino Bezerra Netto; o conego Estevam Dantas representou o município de Acary nas festas do Centenario; o município de Lages foi representado pelo dr. Soriano Filho; o município de Nova Cruz foi representado pelo coronel Luiz Maciel; o município de Canguaretama foi representado pelo major José Maranhão; o município de Santo Antonio foi representado pelo coronel Rodopiano de Azevedo; o município de Goyaninha foi representado pelos coroneis Manoel Ottoni e Gonzaga Barbalho; o município da Villa "Pedro Velho" foi representado pelo coronel Joaquim da Luz; o município de Taipu foi representado pelo coronel Pedro Guedes de Paiva Fonseca; o município de Ceará-mirim foi representado pelo coronel Pedro Vasconcellos; o coronel Manoel Aleixo foi representado pelo major José Pinto; o Tiro Mipibuense foi representado pelo dr. Felix Bezerra e professor Severino Bezerra; o centro Bibliophilo Assuense foi representado pelo professor Luiz Antonio; o Tiro Assuense "Ulysses Caldas" foi representado pelo tenente Aristoteles Costa e Francisco Amorim; mosenhores Severiano de Figueredo e Francisco de Assis e o capitão Manoel Antonio de Oliveira Coriolano foram representados pelo conego Estevam Dantas; o "Comité Pró-Patria" do Recife, foi representado pelos academicos Braz de Andra-

de e Bentes de Miranda; o municipio de Sant. Anna de Mattos e o "Lume" foram representados pelo padre Lucio Gambarra; a "Cidade", do Assu', foi representada pelo sr. Francisco Amorim; o "Nordeste" de Mossoró, foi representado pelo sr. Raul Caldas; o "Mossoroense" foi representado pelo major João Sizenando; a "Razão" do Ceará-mirim, foi representada pelo sr. Vicente Justiniano Barbosa; a "Liberdade", de Nova Cruz, foi representada pelo dr. Saraiva Junior e Costa Andrade; o "Diario de Pernambuco" foi representado pelo sr. Aphrodisio Leite de Lucena; o "Jornal de Macáu" foi representado pelo major Ezequiel Wanderley; o dr. José Pacheco fez-se representar pelo dr. Nestor Lima; e coronel Felinto Manso representou o tenente Chromacio Calafange.

O ASPECTO DA CIDADE —Apezar das chuvas que caíram nesta capital desde a madrugada do dia 2, logo ás primeiras horas da manhã já era grande o movimento nas ruas.

Os bondes da Empresa Tracção Força e Luz transitavam completamente cheios, sendo insufficientes para satisfazerem a nossa população.

O aspecto da cidade era verdadeiramente festivo, associando-se todas as classes á imponente commemoração dos heroes de 1817.

As principaes praças achavam-se vistosamente decoradas, muito se esforçando nesse serviço os moços do Centro Civico Litterario Frei Miguelinho, a quem fôra dada essa incumbencia.

Durante a passagem do prestito estacionavam nos pontos principaes grandes agglomerações de povo.

A' noite as repartições publicas e muitas residências nos diversos bairros illuminaram as respectivas fachadas. O *square* Pedro Velho apresentava bonito aspecto com a sua illuminação a lampadas de cores.

A illuminação da praça André de Albuquerque chamou particularmente a attenção publica pela sua feerica apparencia.

Circulando toda a praça havia cordões de luzes multicores.

O coreto fôra decorado vistosamente com profusão de focos variegados, em artistico arranjo, formando bonitos arcos de muito effeito.

Foram augmentados alli o numero de lampadas e a força da luz, o que muito contribuiu para o grande realce do local.

Em coretos que foram especialmente armados naquella praça, tocaram as bandas de musica "22 de Maio, de Santa Cruz, "União Juvenil" e "Independencia Commercial", de Nova Cruz, sendo muito apreciadas pelo garbo com que se apresentaram e pela harmonia do conjuncto.

Até alta noite foi extraordinaria a concorrência na praça André de Albuquerque, onde se exhibiu o cinema campal com um excellenté programma composto de 28 fitas dos melhores fabricantes.

O movimento foi sempre muito animado em toda parte, não se registrando, felizmente, a menor alteração da ordem.

No bairro do Alecrim, a maior parte das habitações apresentava illuminação propria de bello effeito.

—Foi muito notada a belleza da illuminação da praça André de Albuquerque, em cujo trabalho a Empresa Tracção, Força e Luz muito se esmerou, merecendo por isso elogios geraes que bem lhe cabem, pois o serviço esteve irreprehensivel e a contento geral.

Foram apanhadas diversas vistas photographicas das festas civicas do dia 12 de junho.

AS FESTAS NOS MUNICIPIOS — S. exca. o desembargador Ferreira Chaves recebeu os seguintes despachos:

Mossoró, 12 —Congratulações pela passagem do Centenario da grandiosa data em homenagem ao glorioso martyr riograndense Frei Miguelinho, na revolu-

ção de 17. O municipio de Mossoró commemora hoje, festivamente, a immorredoura data.

Almeida Castro

Mossoró, 13 —Correram imponentes os festejos, aqui, em commemoração ao centenário de Miguelinho. Houve alvorada, passeiata patriótica, missa campal, exposição das reliquias do grande martyr, da bandeira da revolução no grupo escolar, sessão cívica, falando diversos oradores, presidida pelo dr. Almeida Castro. Terminaram as festas com o cinema popular, comparecendo as familias mossoroenses, grande massa de povo, calculada em ters mil pessoas.

Jeronymo Rosado.

Presidente da Intendencia.

(Recebemos identico telegramma.)

Recebemos os seguintes despachos:

Macáu, 13 —Foram realizadas hontem brilhantes festas em honra de Miguelinho, graças á iniciativa de Lopes Filho.

A's 6 horas foi hasteada a bandeira ao som do hymno da independencia, discursando o sr. Eduardo Pacheco. A's 10 horas o Tiro 315 effectuou uma parada sob o commando do 1.º sargento Pedroza. A's 13 horas, realizou-se a sessão cívica que foi aberta pelo dr. João Vicente, que explicou os fins da reunião, convidando para assumir a presidencia o coronel Antunes Filho, presidente da intendencia, em exercicio. Preferiram allocações e recitativos o sr. Eduardo Pacheco e os escolares João Fernandes de Mello, Antonio Alves Sobrinho, João Augusto Costa e Armando Antunes, Vicente Lopes Costa e coronel Joaquim Virgolino, finalizando com o discurso do sr. João Vicente.

Trinta e sete senhoritas cantaram o hymno acompanhado pela musica. Logo após houve exercicio de es-

grima entre os atiradores Eduardo Monteiro e Eduardo Pacheco, dirigidos pelo capitão Toscano de Britto que também fez esgrima com Eduardo Monteiro. A's 17 horas, houve imponente passeata cívica. Tomaram parte no prestito 37 senhoritas conduzindo cada uma seu estandarte, com a legenda do município que representava, creanças das escolas, o Tiro 315 e a banda de musica. Edinor Avelino falou eloquentemente no Largo da Saudade. A's 18 horas, terminaram as homenagens a Frei Miguelinho, causando magnífica impressão.

Assu', 13 — Teve cunho de originalidade e revestiu-se do maximo brillantismo a commemoração cívica da passagem do centenario de Frei Miguelinho aqui. Houve missa campal ás 6 horas, celebrada pelo padre Joaquim Honorio, com assistencia numerosissima. Imponente prestito cívico, partindo do grupo escolar, desfilou pelas principaes ruas apinhadas de povo, no meio de verdadeiro delirio patriotico, fallando durante o tracto os srs. João Nathanael, da Mesa de Rendas; Manoel Soares Filho, da Intendencia; professor Fagundes, da residencia de Clara de Castro, onde foi collocada uma placa commemorativa; Justiniano Caldas, do Telegrapho; Pedro José, da agencia do correio; Palmerio Filho, da Redacção da "Cidade"; Octaviano Amorim, do palacete da baroneza da Serra Branca. A's 20 horas teve logar a sessão cívica em frente ao monumento commemorativo da passagem do seculo, presentes altas auctoridades, officiaes da guarda nacional, associações, alumnos das escolas, representantes da imprensa, clero, exmas. senhoras, grande massa popular. A sessão teve o maior realce.

Produziram verdadeiras peças oratorias o dr. Pedro Amorim e os srs. Pedro José, Olegario Filho e Palmerio Filho, terminando a sessão com uma apothese á Republica, que foi representada artisticamente por mademoiselle Nininha Caldas, ladeada pelos 22 Estados da Federação bellamente representados pelas seguintes senhoritas: Maria Izaura, Rio Grande do Norte; Marieta

Silva, Parahyba; Maria Antonia, Ceará; Nany Caldas, Pernambuco; Nanoca Neves, Maranhão; Maria Moraes, Alagoas; Francisca Beatriz, Piauí; Josepha Dantas, Sergipe; Luiza Picado, Pará; Maria Etelvina, Bahia; Maria Caldas, Amazonas; Alzira Marcellino, Espírito Santo; Maria Beatriz, Districto Federal; Marcionilla Cabral, São Paulo; Noca Pinheiro, Paraná; Emygdia Oliveira, Santa Catharina; Francisca Tavares, Rio Grande do Sul; Joaquina Neves, Minas Geraes; Maria Soares, Goyaz; França Siqueira, Matto Grosso; Conceição Picado, Acre.

Acompanhadas pela "Charanga Municipal" cantaram o hymno a "Frei Miguelinho", merecendo calorosos applausos a feliz execução, finalizando as festas entre aclamações ruidosas á memoria de Miguelinho e entusiasticos vivas á Republica, ao Rio Grande do Norte e ao Brasil. A "Cidade" deu uma edição especial em homenagem ao grande martyr da Liberdade.

Ao Instituto historico são devidos os mais francos louvores pelo cunho de civismo, brilho e entusiasmo que conseguiu emprestar ás solemidades, e ao seu venerando presidente, Coronel Pedro Soares de Araujo, cuja operosidade e dedicação foram o factor maximo da brilhante commemoração.

PARAHYBA

Graças á iniciativa do Instituto historico e geographico parahybano, as festas do Centenario da revolução de 1817 tiveram grande realce na patria de José Peregrino.

D'"A União" de 15 de março de 1917, transcrevemos os seguintes topicos descriptivis das festas, realizadas na capital.

"Deu inicio ás festas do centenario a missa campal realizada ás 5 1/2 horas, na praça das Mercês, em artistico altar adrede preparado.

Celebrou-a o revmô. conego Sabino Coelho com a assistencia do exmo. sr. presidente do Estado, representante do revmô. sr. arcebispo metropolitano, auctoridades administrativas federaes, estadoaes e municipaes e muitas outras pessoas.

A's treze horas e vinte minutos, precisamente, começou no Instituto Historico e Geographico Parahybano a exposição de documentos e reliquias com que aquella douta corporação iniciou as solemnidades em honra aos heróes de 1817.

Pouco antes chegara á séde do Instituto o exmo. sr. dr. Camillo de Hollanda, Presidente do Estado, em companhia dos srs. dr. Antonio Massa e major Genuino Bezerra, ajudante de ordens da Presidencia.

Uma commissão composta dos srs. drs. Flavio Maroja, Manoel Tavares, Alcides Bezerra e Irineu Pinto, recebeu s. exc. á porta de entrada, conduzindo-o á sala principal do Instituto.

O exmo. sr. Presidente do Estado tomou assento no lugar de honra da mesa, ladeado pela alludida commissão.

Em seguida levantou-se o sr. dr. Tavares Cavalcant, que pronunciou uma ligeira allocução a respeito da grata ephemeride.

O orador disse que aquella festa era devido aos esforços conjugados do Instituto Historico e do governo do Estado e findou convidando o exmo. sr. dr. Camillo de Hollanda para declarar aberta a exposição de documentos e reliquias, referentes á revolução de 1817.

Logo após, o sr. dr. Alcides Bezerra, secretario da commissão promotora dos festejos, leu a acta da sessão, que está assignada por todas as pessoas presentes.

Declarada aberta a sessão pelo exmo. sr. Presidente do Estado, os circumstantes detiveram-se em longa e minuciosa visita á exposição.

Os srs. drs. Flavio Maroja, Manoel Tavares e Irineu Pinto ministraram as mais perfectas e completas informações a todos que lhes solicitavam.

Os documentos e outros objectos daquelle época foram magnificamente distribuidos, facilitando-se, assim, as pesquisas, alli ligeiramente feitas.

Destacava-se nas galerias a caveira de José Peregrino de Carvalho, o heróe de 19 annos e uma das figuras mais brilhantes e inconfundiveis da revolução de 1817.

A caveira de José Peregrino foi exposta pelo sr. professor Francisco Barroso.

A exposição do Instituto, que foi a unica na especie já realzada na Parahyba, deixou as melhores e mais gratas impressões aos que lá foram, accorrendo ao generoso convite da nossa alta aggremação scientifica.

Entre as pessoas presentes á abertura da exposição notavam-se representantes de todas as classes sociaes.

Desde as quatorze e meia horas, começaram a chegar ao edificio da Escola Normal, devidamente incorporados, os alumnos dos diversos estabelecimentos de ensino desta cidade e representantes de varias associações com séde nesta capital.

Pouco depois, em frente áquelle edificio, encetava-se a organização do grande e imponente prestito civico commemorativo da revolução de 1817, trabalho que, entre outros, foi presidido pelos srs. drs. Manoel Tavares, Alcides Bezerra, Miguel Raposo e professores José Coelho, Eduardo Medeiros, Elyseu Maul e Sizenando Costa.

A's dezeseis e meia horas, precisamente, a passeata começou a mover-se, encaminhando-se pelo itinerario conhecido de nossos leitores, o qual vae reproduzido para melhor effeito de descripção, no curso desta noticia.

A chegada ao local dos tiros Parahybano, de Cabedello e de Santa-Rita, precedendo a Força Policial do Estado, provocou em quantos a assistiram a melhor impressão, pelo garbo dos soldados e presteza e acerto das manobras.

Por insufficiencia do local, aquellas corporações militares demoraram na avenida João Machado.

A bandeira da revolução, conduzida pela senhorita Victoria Nunes Ferreira, abriu o prestito civico.

Seguiram-lhe na ordem em que escrevemos, o Collegio de N. S. das Neves, Collegio Francisca Moura, Instituto Pestalozzi, Lyceu Parahybano, Collegio Diocesano Pio X; a bandeira nacional, conduzida por mlle. Maria do Céu Silva; grupo escolar "dr. Thomaz Mindello", primeira cadeira do sexo feminino, primeira cadeira do sexo masculino, primeira cadeira mixta, Sociedade Artistas e Operarios Mechanicos e Liberaes, escola nocturna Castro Pinto, escola nocturna de mlle. Tercia Bonavides, escola nocturna Gama e Mello, escola nocturna Barão do Abiahy, escola nocturna Antonio Pessoa, escola nocturna Cardoso Vieira, Sociedade beneficiente dos trabalhadores, Sociedade italiana de beneficencia, segunda cadeira do sexo feminino, segunda cadeira do sexo masculino, terceira cadeira do sexo masculino, segunda cadeira mixta, terceira cadeira mixta, quarta cadeira mixta; mlle. Adda Brito, conduzição o pavilhão da Parahyba; quinta cadeira mixta, sexta cadeira mixta, setima cadeira mixta; Seminario Archiepiscopal, commissão da Escola de Aprendizizes Marinheiros, Guarda Civil, grupo escolar annexo á Escola Normal.

Os tiros Parahybano, de Cabedello e de Santa-Rita e a Força policial do Estado, precedidos pelas respectivas bandas de musica e tambores, encerravam o cortejo patriotico, antevisto desde dias como a nota de mais distincção e brilho dos festejos de ante-hontem, pelos elementos que se sabiam empenhados na sua organização.

Após estarem dispostas ao longo da rua Epitacio Pessoa todas as corporações que iam participar do prestito, deu-se inicio á sua movimentação por aquella rua, praça commendador Felizardo, ruas Duque de Caxias e Peregrino de Carvalho, avenida general Osorio, ruas S. Francisco, Duque de Caxias, praça da Intendencia, rua Visconde de Pelotas e praça das Mercês.

O prestito, que, após ser cantado por alumnos da Escola Normal e do grupo annexo o hymno da Independencia, da lavra do sr. dr. Carlos D. Fernandes, nosso carissimo director, sahiu justamente do logar em que estiveram os restos de Peregrino de Carvalho, martyr da revolução, parou em frente ao paçacio da Presidencia, onde se constituiu o governo republicano de 1817; á rua Peregrino de Carvalho, em frente á casa em que o mesmo nasceu e foi preso; á avenida general Osorio, em frente á casa onde habitou Amaro Gomes Coutinho; e á praça da Intendencia, onde foram expostos os restos de Francisco José da Silveira.

Em todos aquelles pontos foram entoados, ora o hymno do Centenario e o da Parahyba, ora o da Republica, com acompanhamento pela banda de musica da Força Policial.

Na praça das Mercês, onde o prestito chegou ás dezoito e meia, depois de duas horas precisas de percurso, effectuou-se a cerimonia da collocação da primeira pedra do monumento a ser alli erigido, em homenagem á memoria dos heróes de 1817 e do qual já existe uma planta do sr. Genesio de Andrade, approvada, ao que cremos, pelo Instituto Historico e Geographico da Parahyba.

Em seguida, com pequeno intervallo, pediu a palavra o sr. padre dr. Ignacio de Almeida, que, devendo falar, pela manhã, por occasião da missa campal, não o poudo fazer por motivo das chuvas torrencias que então cahiram.

Na pedra inicial do monumento, de marmore gravado, puzeram argamassa os srs. dr. Camillo de Hollanda, mosenhor Sabino Coêlho, drs: Flavio Maroja, Manoel Tavares e Miguel Raposo.

A pedra do monumento occultou uma lata de fraudes, contendo a acta da cerimonia, diversas moedas correntes, jornaes do dia, o Hymno do Centenario, resumo biographico dos martyres da Republica de 1817, programma dos festejos civicos, etc.

Foi lavrada acta da collocação da primeira pedra do monumento aos martyres da revolução. A caneta empregada nesse mister e a pá de pedreiro de que se serviu o sr. Rodolpho Teixeira foram recolhidas ao Instituto Historico."

A Parahyba quiz ouvir o reputado historiographo pernambucano dr. Oliveira Lima, a quem se deve, em grande parte, o brilho da commemoração do centenario do movimento de 1817.

O governo do visinho Estado dirigio-lhe um convite especial, por intermedio do Instituto historico, bem como ao dr. Mario Melo, secretario do Instituto archeologico pernambucano, para representar esta associação nas festas parahybanas.

A conferencia do distincto escriptor realizou-se no Theatro Santa Rosa, na noite de 19 de março.

A proposito, publica *O Norte* de 20 de março:

"Logo ao anoitecer o theatro engalanado de festões e bandeiras estava repleto de familias, cavalheiros e pessoas que se comprimiam pelos camarotes, corredores e platéa.

O theatro estava literalmente cheio do que a Parahyba possui de mais representativo em todas as suas classes, inclusive s. ex. o presidente do Estado.

A's 19 horas o conferencista, dr. Oliveira Lima, em companhia de uma commissão do Instituto, penetrou no theatro para poucos momentos depois o panno subir, vendo-se no palco o conferencista e a commissão executiva dos festejos do centenario, sob a presidencia do dr. Flavio Maroja.

As alumnas da Escola Normal entoaram o hymno do centenario, poesia de Carlos Dias Fernandes e musica de Camillo Ribeiro, acompanhado pela banda da policia.

Após o hymno e debaixo de palmas o dr. Oliveira Lima iniciou a leitura da sua conferencia:

Trata-se — escreve a *União* da mesma data — de

uma auctoridade tão amplamente consummada, que se torna inutil e inopportuna qualquer apresentação que o recommende á avidéz dos entendidos ou não na materia. Basta, pois, dizermos que a palestra funda e rutilante do sr. dr. Oliveira Lima foi a chave d'ouro com que mais se estreitaram as relações fraternas dos dois Estados e as festas por ambos promovidas em justissimo preito aos martyres de 1817.

Exmo. Sr. Presidente do Estado, senhores e senhoras:

A revolução de 1817, cujo primeiro centenario o Brazil inteiro está celebrando numa convergencia de sentimentos de saudade, de affeição e de admiração pelos precursores da independencia e martyres da liberdade — convergencia que representa o melhor augurio para esta nossa união, que é a condição da nossa grandeza — constitue um acontecimento historico da maior relevancia.

Seu alcance só agora vai sendo exactamente medido.

Seu lado tragico ha muito tocára nossos corações: magoara-os, ferira-os profundamente, fizera-os pulsar apressadamente de horror e sangrar de dôr no proprio dia das execuções inuteis e truesis com que a metropole pensára amparar um dominio que cambaleava.

Sua feição idealista estava conforme ao movimento geral de emancipação americana, que partira dos Estados Unidos e varrera todo o continente, após tocar em França e ahi adquirir a força e a velocidade de um furacão revolucionario.

O aspecto propriamente brasileiro é que tem sido justamente o menos considerado, a saber, o que aquella revolução exprime quando localmente examinada. Ella traduz a vitalidade do principio particularista através das vicissitudes da nossa historia, espirito que se manifesta politicamente pelo federalismo. Nossas antigas capitánias têm todas ellas sua historia propria e suas tradições peculiares, quando mesmo, como a Parahyba, ha-

ja nascido d'outra e continuado por longo tempo a receber o impulso de um centro propulsor vizinho.

Senão a idéa, pelo menos a acção da independência lhe prove'u. mais tarde de Pernambuco, desse centro de educação religiosa e civica que foi o seminario de Olinda nos ultimos tempos da epoca colonial; mas a separação, isto é, a autonomia operou ali por um processo distincto, que dá um caracter seu á revolução parahybana, a qual teve um início e um desenlace á parte e contou egualmente e em numero avultado seus martyres. A evolução deste movimento, embora resultante do outro, foi uma evolução completa e que a elle só pertence.

Eu penso que a republica fundada no Recife a 6 de março de 1817 assumiria fatalmente a fórma federativa sob pena de sossobrar. Unidas, as capitancias rebeldes poderiam vir a formar um bloco respeitavel, outras ainda se juntando ás primitivas; desaggregadas, não passariam jamais de pequenos estados como os da America Central, cahindo cedo em luctas a que se não pode dar bem o nome de internacionaes, pois sempre parecem intestinas. Isto bem entendido, no caso da principal dellas ter podido levar vantagem a uma metropole que dispunha de recursos muito superiores, entre elles o senhorio do mar, para contrastar os quaes não seriam demais todos os recursos da colonia, já elevada a reino unido.

A republica discerniu bem o escolho dessa fragmentação de forças, pois que o padre João Ribeiro, um dos melhores cerebros do novo regimen, já fizera um appello de solidariedade futura, na phase pacifica e constructiva, ao governo provisorio da Parahyba, assim como tambem enxergou outro escolho na supremacia militar, a saber, numa continua dictadura a breve trecho sanguinolenta, quando não grotesca pela sua empafia desproporcionada ao seu valor.

Tratou ella de evitar este ultimo escolho, tanto em Pernambuco como na Parahyba, por meio das suas juntas civis e militares a um tempo, a pernambucana representativa das classes sociaes — o clero, a magistratura, a agricultura, a defesa publica e o commercio. O que se

seguiria porém a um triumpho das tropas revolucionarias sobre as tropas realistas? Quem poderia resistir á pressão da popularidade de um general victorioso, de um salvador da patria em perigo? Se os salvadores são tão poderosos na paz, pela idolatria que suscitam, quanto o não serão na guerra ao colherem louros de verdade?

O elemento civil estaria, entretanto, a braços com uma difficuldade gravissima que não pode ser sanada no primeiro momento, porque o levante não fôra bastante efficaz ou por outra bastante radical para permittir tão amplas medidas — a da escravidão, que o Imperio tampouco pode resolver num sentido definitivo e que a propria Constituinte, tão liberal, tão adeantada, tão democratica, teria, quando houvesse levado a cabo sua obra, deixado sem solução, apesar dos sentimentos abolicionistas de José Bonifacio.

A nossa lei organica não se preocupava com o assumpto e a Constituinte annunciada, se d'elle viesse a occupar-se, seria certamente para o tratar com palliativos. Como convencer os capitães môres de 1817, aquelles de quem dizia o jurista José Luiz de Mendonça que nem em 40 annos aprenderiam o real sentido da palavra Liberdade, de que o assucar se podia fabricar sem trabalho escravo, quando, educados em principios inglezes, os plantadores da Virginia, das Carolinas e da Georgia proclamavam que a Biblia justificava a servidão do negro?

No Brazil havia porém o que não hav'a nos Estados Unidos — mulatos gosando de consideração social, como era Cruz Cabugá, mandado de plenipotenciario, como era o poeta Natividade Saldanha, que foi o secretario da junta rebelde de 1824. Estes pardos eram o exemplo vivo de que a gente de côr podia aspirar no nosso meio a posições de destaque; mas extendia-se porventura nelles o altruismo com elles usado até pretenderem fazer bandeira de combate da redempção da sua raça?

Em todo caso, pelos depoimentos que nos ficaram, negativos sobre a materia, se sabe que se nos campos, melhor dito, nas senzalas foi escassissima a agitação

provocada pela mudança de regimen, na cidade negros e mestiços tomaram-se, como é natural, de vaidade, e arrotaram mais importancia do que agradava aos brancos, que então se lembraram de que o eram. Foi esta uma circumstancia que daria tambem que pensar aos dirigentes e os levaria a conceder a preferencia a uma terminação gradual e ordeira do captiveiro, em vez de se decidirem a introduzir de sopetão na communitade um affluxo semelhante de elementos boças, arrancados num bello dia á sua miseravel dependencia para participarem na administração.

O chamado periodo de reconstrução nos Estados Unidos foi um triste exemplo desta combinação feita sem precauções, e o proprio Norte reconheceu que para haver paz e progresso n'aquella sociedade era preciso deixar as cousas como estavam — os antigos senhores governando, e os antigos escravos aprendendo a soletrar a liberdade antes de a decorarem. Apenas no Brazil a transformação ter-se-ia feito com mais benevolencia, com mais sympathia, porquanto estava isso nas idéas e nos sentimentos de uma nação onde neste ponto impera uma concepção mais verdadeira de egualdade.

O problema da emancipação não foi portanto alheio em absoluto ás cogitações dos dirigentes do movimento: apenas estavam persuadidos de que adviria mal de precipitar-se o desfecho. Não é licito portanto asseverar que houvesse podido a republica, isto é, a pequena minoria que a comprehendia, a proclamou e a sustentou com o ardor dos seus idéaes, ter tido as cousas á sua inteira feição, a emancipação do elemento servil haveria sido immediata, embora com as consequencias talvez nefastas que resultariam dessa medida extrema. José Luiz de Mendonça definiu com muito criterio o salto repentino da escravidão para a liberdade como um salto mortal, e elle foi o Castelar da revolução, o homem de palavra arrebatadora, fascinado pelos novos principios, mas sentindo-se á ultima hora peiado pelas responsabilidades do governo. Os direitos do homem eram o evangelho politico do seculo XVIII, do seculo da Encyclopedia e da Revo-

lução, mas já tinham sido accommodados na America por Jefferson, que era sulista e plantador, *à la sauce noire*.

O nosso sentimento latino de egualdade, que é mais vivo e comprehensivo que o de outras raças, levaria Bolivar, abolicionista convicto e ardoroso, a dizer que a egualdade legal é indispensavel onde existe a desigualdade physica, para corrigir de certo modo a injustiça da natureza; o libertador no entanto não conseguiu elle proprio ultimar a reforma que Monagas faria prevalecer só trinta annos depois. Bolivar, comtudo, dispoz em algumas occasiões a seu talante dos destinos da Grande Colombia que fundou, situação bem differente da junta pernambucana de 1817, tendo contra si o commercio, nas mãos dos portuguezes, desconfada das milicias e mesmo das tropas de linha, e carecendo do apoio da lavoura, arredada de toda idéa de alforria de escravos. Já não foi pequena coragem moral confessar a junta em documento publico que abominava a instituição servil e que almejava vel-a desaparecer. Tal desassombro só volveu a manifestar-se entre nós muito mais tarde, quando a incompatibilidade já era absoluta entre a instituição nefanda e o sentimento publico.

A tolerancia religiosa, que foi tambem uma das grandes conquistas espirituaes da philosophia orientada pelo livre exame, antes que ella propria cahisse num sectarismo ainda mais feroz que o religioso, os homens de 1817 a perfilharam, pois que se acha ella inserta na Lei Organica; e mais ampla a teriam concedido, isto é, sem discriminação nem preferencia, se não fosse a contemplação devida ao exclusivo sentimento catholico da maioria da população, acostumada a enxergar nos dissidentes de sua fé herejes a exterminar. Aquelles doutrinarios tinham porém o sangue frio de homens de governo e mediam até onde podiam e deviam ir. Ao vel-os com a mão no leme, já nos não surprehende que a Constituinte de 1823 tivesse dado o espectáculo que deu: o de uma reunião de homens capazes de abalançar-se a realizar a organização completa de um paiz chamado a reger seus destinos.

A sociedade colonial brasileira, a do século XVIII pelo menos, não podia ter sido a sociedade atrasada e dominada pelo obscurantismo em que no geral se acreditava. Auto-didacta como era, na grande maioria dos que sabiam, estava á altura de qualquer outra da America e de quasi todas da Europa. Apenas, como acontecia com a sociedade russa com que conviveram Diderot e Ribeiro Sanches, achava-se muito longe, espiritualmente, das camadas inferiores: faltava-lhe por alicerce um povo. Este povo, o governo da metropole não podia ter pensado em preparal-o conscio dos seus deveres civicos.

Seria essa a tarefa da nação independente no seu elemento mais culto, mas não pode infelizmente dizer-se que foi cumprida. Por uma serie de razões, physiologicas umas, sociologicas outras, semelhante tarefa achase ainda muito atrasada, do que entretanto não advem culpa aos revolucionarios alçados ao som magico das palavras — Liberdade e Democracia, — e que mal tiveram tempo para as proferir antes de intervir a brutal reacção que tão pesada e sinistra mão descansou sobre esses *illudidos*, como os chamava Luiz do Rego — *illudidos* por uma chimera gerada na sua propria, generosa fantasia.

Na cadeia da Bahia os revolucionarios de 1817, que alli foram amontoados em condições de sordidez de que nos ficou amplo testemunho, portaram-se modelar e admiravelmente. Naquelle enxovia reviveu o carcere dos girondinos; a chamma da intelligencia, aguçada pelo soffrimento, alli despediu um outro clarão immorredouro. A idéa principal desses presos foi a de educarem ainda melhor seus espiritos para melhor servirem á liberdade. Dalli sahiram professores, administradores e homens de Estado que ajudaram a formar o nosso Brazil, dando á sua monarchia, que de outro modo poderia cahir na orbita do systema europeu, de intolerancia e autoeracia, caracteristicos da Santa Alliança, o cunho americano da tolerancia e da democracia.

Já no discurso que, reunidos, dirigiram os procuradores geraes das provincias do Brazil ao Principe Regente D. Pedro, delle requerendo a convocação de uma

Assembléa Constituinte, se declarava: "O systema europeu não póde pela eterna razão das cousas ser o systema americano; e sempre que o tentarem será um estado de coacção e violencia, que necessariamente produzirá uma reacção terrível."

Que é que vibra nessas palavras senão o espirito da nossa revolução de 1817, engendrada e tramada nas lojas maçonicas do Novo Mundo? Essa contraposição do espirito americano ao espirito europeu encontra-se mais de seis annos antes de formulada a doutrina de Monroe, nos appellos endereçados ao governo de Washington pelo plenipotenciario da republica pernambucana, e em que pulsa o idéal de pan-americanismo, ao qual os Estados Unidos não julgavam ainda então que devessem corresponder no sentimento de fraternidade em que eram os appellos concebidos.

Por um ironia das muitas que a historia encerra, um dos ministros do Príncipe Regente Dom Pedro que ouviram pronunciar a representação dos procuradores do reino brasileiro, e que se sentava no conselho ao lado de José Bonifacio, era Caetano Pinto, o capitão general de Pernambuco que a sedição depoz e embarcou com a brandura e póde mesmo dizer-se a consideração devida ás suas excellentes qualidades de particular e á probidade e equidade com que desempenhou suas funções publicas, sendo no exercicio dellas apenas accusado — accusação que tanto o honra — de respeitador em demasia escrupuloso das formulas e formalidades legaes.

Não decorrer da devassa encontrei relatado um episodio que me deu o porque dessa como que vacillação no perseguir e condemnar, que distinguu a ultima phase do governo de Caetano Pinto. Um pobre preto da então comarca de Alagoas fôra sentenciado e executado por um crime que se verificou depois não haver sido por elle commettido. Os erros judiciarios não datam de Dreyfus. Caetano Pinto ficou sob essa impressão que tomava no seu espirito a forma de um remorso, e desde então contemporizou o mais que poude ao tratar-se de penalidades. Pode-se ser um capitão general da epoca co-

lonial, com poderes tão discrecionarios, e ter-se a consciencia sensivel, e nutrir-se o respeito da vida humana, que a nossa civilização tão apurada, tão requintada, parecee haver por completo abolido.

A revolução neste ponto não abriu solução de continuidade, antes proseguiu na tradição que lhe legára o governador contra quem estalara a revolta, dando todavia a essa tradição a largueza de um principio politico e a consistencia de uma disposição constitucional. O Padre João Ribeiro escrevia para aqui que o governo, a saber, o executivo não devia assumir em si o poder judicial, o que seria uma verdadeira tyrannia. De facto, a Lei Organica elaborada para reger temporariamente a sociedade em transição, que tanto podia sossobrar no parcel do despotismo como no baixio da anarchia, determinava a liberdade de acção da justiça e a inamovibilidade da magistratura.

A Lei Organica foi elaborada para Pernambuco: a Parahyba formava outra communitade. Suas disposições basicas tornar-se-hiam porém extensivas á confederação em projecto, pois que se planeava um congresso geral e se ideava uma Constituição commum. Nem creio que o vosso amor proprio se melindre com o dizer-se que, composta muito embora de elementos privativos da capitania, a revolução parahybana foi um reflexo da revolução pernambucana. Sem esta, aquell'outra não teria vingado, nem teria sequer rebentado. O impulso veiu de lá e operou aqui sobre elementos de natureza identica— o que havia de mais genuinamente, de superiormente nacional. Dos cinco martyres justicados com dispensavel crueza, um, o padre Antonio Pereira de Albuquerque, era sacerdote e filho de senhor de engenho, dous, Amaro Gomes Coutinho e Ignacio Leopoldo de Albuquerque Maranhão, eram agricultores, o primeiro tambem coronel de milicias; dous finalmente, Francisco José da Silveira e José Peregrino Xavier de Carvalho eram militares. Parahybanos todos, ou de muito perto da Parahyba, excepção feita de Silveira, que era mineiro, e que fôra em 1813 mandado servir nesta capita-

nã, onde, por occasião da revolução, formava com o ouvidor e o vereador mais velho, a junta interina na ausencia de um governador: dir-se-ia que a sua vinda tinha obedecido a uma mysteriosa instigação no intuito de associar o movimento de libertação politica do Norte do Brazil, com o movimento latente no sul desde a conspiração de Villa Rica, fundir num só o anhelos de José Peregrino e o sonho do Tiradentes.

Os agricultores, que foram parte importante destes successos dramaticos que nobilitam a historia de uma nacionalidade, agiriam mais por suggestão do que por iniciativa: o que nelles palpitava intensamente era sobretudo o nativismo — podemos já dizer o nacionalismo — sua educação limitada não podendo guindar-se até os raciocinios philosophicos. Os padres porém foram, mais ainda do que os militares, a mentalidade dirigente de um movimento revolucionario que foi perfeito na sua manifestação, e que teve em si duas grandes distincções que são outras tantas glorias: o ter sido consciente e o ter sido honrado.

Os que o instigaram sabiam bem o que queriam, aquillo a que visavam e tambem aquillo a que se expunham, isto é, o martyrio; mas nem por isso recuaram, nem hesitaram, e seu desinteresse foi tamanho que o juiz da alçada, interrogando a Muniz Tavares na Bahia, admitiu que realmente não constava que o governo rebelde tivesse provido em beneficio ecclesiastico ou civil clerigo algum partidario da revolução.

E que partidarios! Partidarios que a prepararam, que a modelaram, que a defenderam com a palavra, com a penna e com o sangue, e que por ella supportaram o patibulo, a enxovia e a miseria. Varios dentre elles sahiram do carcere poetas como para lá tinham entrado: não obstante os grilhões dedilhavam a lyra, uns carpindo elogios, outros perpetrando dithyrambos, todos deixando-se inspirar pelos themas do amor e da liberdade. E' esta associação de ternura e de exaltação, de carinho familiar e de paixão politica, que dá ao seu ly-

rismo um tom inconfundivel, como o que nelle se revela, a um tempo de melancolia e de confiança.

Padres politicos participaram tambem desses accentos humanos, confundindo-se com as demais victimas e não perdendo com isso seu destaque intellectual. O clero brasileiro, se não contasse já ao seu activo tudo quanto contava, desde a primeira entrada dos Jesuitas a pastorearem e a aldeiaarem o gentio, que os colonos queriam resgatar escravizando-o, ficaria perennemente benemerito graças á sua attitude nesse movimento de larga envergadura, no qual é mister não enxergar somente os traços locais, a feição particular, mas a visão mais ampla, o sentido mais profundo, a asseveração da independencia nacional, que esteve assim para fazer-se no Recife, em vez de fazer-se no Ypiranga.

Que digo, para fazer-se? que se fez aqui, em Pernambuco e na Parahyba, porque Dom Pedro I e José Bonifacio, quando se abalançaram á sua empresa de separação do Reino Unido, contavam sobretudo, apoiavam-se mais que tudo no sentimento brasileiro de autonomia que pouco antes se tinha visto surgir tão impavido e tão digno, tão soffredor e tão heroico, nestas nossas terras nortistas.

O Imperio offereceu, é verdade, a esse sentimento o que um regimen republicano lhe não poderia offerecer: um centro simultaneamente de convergencia e de irradiação, de que tanto se carecia que o proprio movimento de 1817, particularista como estava sendo, precisava, no entender do padre João Ribeiro, o cerebro mais constructor desta revolução, de corrigir semelhante aspecto, o qual resultaria dispersivo. Este é aliás, através das considerações criticas que ella comporta e que abonam o seu comprehensivo golpe de vista politico e sua criteriosa analyse dos phenomenos sociaes, o *leit motiv* da carta escripta por aquelle sacerdote illustre, nutrido de sã economia e de philosophia reavoadora, na qual aconselha menos pressa nas reformas e mais uniformidade na legislação das duas commuidades, que juntas tinham saendido uma tutela estreita e suspicaz.

que se extendia além da sua maioria, e juntas deviam tratar de fundar os alicerces do regimen independente.

Para isto viria um delegado de Pernambuco representar o pensamento da junta desse Estado no seio da junta parahybana e aventava-se desde logo a idéa da erecção de uma capital federal, distincta das capitães provinciaes, para que a preferencia por uma destas não despertasse ciumes.

Já em si, pelo seu character antes civil, era a junta, aqui ou lá, um anteparo contra qualquer ameaça do governo militar que pudesse pretender desvirtuar a significação moral do movimento, todo elle de libertação, e substituir o despotismo da lei pelo despotismo da caserna. Mau grado porém todas essas ancoras democraticas lançadas para segurar a náu do Estado no mar revoltoso em que ella navegava, a reacção trouxe a breve trecho uma calmaria peor do que a tempestade. Para ser a bonança, faltava-lhe o arco-iris da bandeira, symbolo da concórdia offerecida aos adversarios. Era a paz de Varsovia, barbara e descaravel.

Na Parahyba o desfecho foi mais rapido ainda do que em Pernambuco, porque tendo o movimento muito do reflexo, producto como era de suggestão intellectual além do impulso natural á sociedade que abandona a menoridade, o impulso contrario logrou operar de dentro mais espontaneamente, com todo o poder dos habitos e com todo o vigor das tradições.

O espirito europeu transplantára-se para a America com os que a vieram colonizar e que comsigo trouxeram suas idéas e seus prejuizos. No Novo Mundo foi a mentalidade emigrada passando por uma transformação continua, gerando novos pensamentos, adaptando-se a novas formas, adquirindo porventura novos preconceitos no lugar dos antigos, de maneira a abrir-se uma distancia marcada entre a primitiva intellectualidade e a intellectualidade que se crystallizou sob o céu americano — um céu tão fulgurante e tão fascinador que o pedaço que sobre nossas cabeças desdobra suas galas,

inspirou ao maior compositor brasileiro uma das suas arias mais formosas.

Na America o espirito europeu adquiriu ao par de mais flexibilidade, que o tornou mais agil, uma dose maior de sympathy humana, que se revela entre outros traços por uma aversão mais pronunciada ás soluções violentas entre nações, contrastando aliás singularmente com uma inclinação revolucionaria na esphera domestica dos Estados, que o tempo e a educação vão felizmente amortecendo.

A conflagração actual fornece uma prova indirecta dessa divergencia. Os que desejariam ver o nosso paiz envolver-se numa lucta que lhe não d'z respeito, mesmo porque as ambições e as cobiças que a determinaram são extranhas á sua evolução e aos seus interesses, representam talvez inconscientemente o espirito europeu de guerra e de conquista, numa modalidade atavica; os que, protestando muito embora contra toda e qualquer solução do direito das gentes, venha ella donde vier, preferem ver nosso continente reservar seu esforço para o restabelecimento da harmonia no mundo e para nossa maior autonomia das paixões européas e de toda ingerencia alheia na nossa economia, representam o espirito americano de paz e de benevolencia, proprio de um hemispherio que serviu de refugio a sectarios de todas as crenças, a rebellados contra oppressões politicas, a dissidentes de muitas convenções sociaes, e até a malféitores e criminosos em conflicto aberto com a lei e que neste outro meio mais se conformavam com a bondade e entravam a practical-a.

A revolução de 1817 foi neste ponto perfeitamente americana. Se se armou e sustentou hostilidades, foi porque precisava defender-se e de resto se defendeu mal. Não aninhavam instinctos bellicosos os que a dirigiram, nem os proprios officiaes, que mais fiavam da propaganda pela educação do que da propaganda pelos combates, que antes aspiravam a convencer do que que a dominar, que valorosos muito embora e dispostos a pelear pela causa com que se tinham identifica-

do, prezavam muito mais seus devaneios democraticos do que quaesquer aspirações de supremacia militar.

Domingos Theotonio, aclamado director e repudiando o alvitre de saquear a cidade, trucidar os portuguezes e incendiar-lhes as casas, recorda a figura republicana de Hoche. Elle teria tambem sido um pacificador, nunca um verdugo, se a revolução houvesse triumphado e a comarca das Alagoas se convertesse numa Vendéa. Seria capaz de exclamar como Bolivar, ao pedir ao Congresso Constituinte de 1830 que aceitasse sua renuncia como dictador da Columbia: "Se um homem se tornasse indispensavel para manter o Estado, este Estado não deveria existir e acabaria por não existir." O vosso José Peregrino, peregrino na verdade, esse pela sua extrema mocidade, pelo seu natural heroismo, pela sua abnegada obediencia á prece paterna, pelo seu desapego ás considerações do interesse, lembra Siegfried, e lembra-o ainda no desapparecimento prematuro, na indifferença com que encarou a morte, os olhos da alma cravados na visão espirital que tão pouco tempo levaria para concretizar-se.

A Parahyba deve orgulhar-se delle e das outras victimas de um movimento generoso que se não maculou nem com a vingança, nem com o roubo, nem com o terror, que foi sob semelhante aspecto mais nobre incomparavelmente do que a Revolução Franceza, a qual espalhou seus principios humanitarios ensopando-os primeiro no sangue mais illustre e mais virtuoso.

Os paizes não medem sua valia moral pelo tamanho, nem pela densidade da sua população. O meu Pernambuco tem nos seus fastos a guerra aos hollandezes e a revolução de 1817, glorias pelas quaes eu não trocaria as de outras collectividades mais importantes, e que são tão brilhantes quanto a Reconquista feita aos inglezes e o 25 de maio, que tamanho lustre dão á historia argentina. A vossa Parahyba participou de uma e de outra: destes á guerra hollandeza André Vidal de Negreiros, seu capitão mais esforçado e mais clemente; destes á revolução algumas das suas victimas mais pathe-

ticas. E não exgottastes com essas personagens vossa capacidade geradora. Destes ao Brazil, na arte, Pedro Americo, a mais notavel organizaçãõ de pintor que o Brazil já produziu; destes-lhe, na sciencia, o botanico illustre que foi Arruda Camara, e no dominios das invenções o padre Francisco João de Azevedo, cujo nome deixou de encher o mundo só porque não teve ao seu alcance os meios de divulgar sua descoberta da machina de escrever.

Bastaria tal quinhão na marcha de nossa civilizaçãõ para se avaliar a relevancia do que historicamente vos cabe, para vos outorgar os foros de cultura que justamente reivindicaaes e de que eu, convidado a participar dos vossos jubilos civicos e das vossas emoções patrioticas, levarei commigo, hospede agradecido, a impressãõ profunda e indelevel."

A mesa que presidiu á conferencia foi constituida pelos drs. Flavio Maroja, Tavares Cavalcanti, Mario Mello, Irineu Pinto, Alcides Bezerra e padre Nicodemos Neves.

BAHIA

Por iniciativa do Instituto historico, de que é alma o dr. Bernardino de Souza, e do Archivo publico de que é director o dr. Borges de Barros, ambos socios correspondentes do Instituto archeologico pernambucano, houve na capital desse Estado solemnes festas de que dá noticia a imprensa local.

Não funccionaram as repartições publicas federaes, estaduais e municipaes, sendo nas mesmas hasteado o pavilhão nacional.

O commercio fechou as suas portas de meio dia para tarde em homenagem á memoria dos martyres daquella revoluçãõ.

ARCHIVO PUBLICO

A's 20 horas, o sr. dr. Borges de Barros, director do Archivo publico, tendo reunido todos os funcionarios

daquella repartição, inaugurou na *Sala Scabra* uma pedra commemorativa do centenario da revolução, depois de haver pronunciado algumas palavras allusivas ao acto.

CAMPO DOS MARTYRES

Em homenagem á memoria do Padre Roma, um dos martyres da revolução de 1817, realizou-se, ás 16 horas, no Campo dos Martyres, antigo Campo da Polvora, onde foi o mesmo fusilado, uma cerimonia civica, promovida pelos funcionarios do Archivo publico.

No centro daquella praça, deante de numeroso grupo de pessoas de representação social e do povo, orou o sr. dr. Borges de Barros, director do Archivo, pronunciando o seguinte discurso:

"Meus senhores.— Faz hoje um seculo que estalou em Pernambuco a revolução nativista de 1817. As idéas liberaes francezas propagavam-se entre o heroico povo daquella Capitania do Norte, e solapavam o velho edificio das instituições portuguezas.

Governadores e Capitães Mores vinham, de algum tempo, procurando conter a grande corrente que se avolumava dia a dia, ameaçando o throno lusitano, mas o sangue, antes derramado clamava por novo sangue, as victimas primeiras clamaram por novas victimas que no auge do sacrificio, lançassem á posteridade o lemma da patria livre e triumphante em seus principios e idéas.

A' Bahia (e devemos reivindicar essa bella pagina da nossa historia, não estudada) á Bahia cabe a precedencia na campanha libertaria.

Pelos annos de 1798-1799, as idéas francezas, propagadas aqui pela leitura de varios livros, dentre os quaes se destacavam as "Ruinas" de Volney, encontraram propugnadores em Cypriano Barata, João de Deus do Nascimento, humilde alfaiate, o soldado Luiz Gonzaga das Virgens, Lucas Dantas, Luiz Pires e Manoel Faustino, os quaes formaram a conspiração de 23 de ju-

lho do mesmo anno, denunciada a D. Fernando José de Portugal pelo padre José da Fonseca Neves, capellão do engenho de Paulo Argollo.

Duro lhes foi o sacrificio.

Formado o processo, foram aquelles patriotas, á excepção de Cypriano Barata, condemnados á morte, sendo enforcados no dia 8 de Novembro de 1799, no pequeno outeiro, coroado por um baluarte de seis peças, onde se acha o jardim da Piedade.

Justo, bem justo é que á commemoração que hoje se celebra aos martyres de 1817, se irmane ess'outra aos abnegados bahianos, que em 1799 deram a vida em holocausto aos principios liberaes.

Como os bravos libertarios pernambucanos, elles marcharam com alivez para o supplicio, desdenhando a morte.

O seu sangue não se extravasou em vão naquelle baluarte.

Elle fecundou a semente ora lançada á terra, e tanto assim que, annos depois, desprezando o opprobrio e o anathema pelo Rei lançados ás suas memorias, novo movimento se alevanta em Pernambuco, chefiado pela coorte illustre e destemerosa de Domingos José Martins, Domingos Theotonio Jorge, Miguel Joaquim de Almeida e Castro, Luiz de Mendonça, João Pessoa, Ignacio Joaquim Pereira de Abreu e Lima, (o Padre Roma), e tantos outros.

Sabeis, á farta, as causas predominantes da revolução.

Durante cem annos se tem escripto sobre o grande acontecimento, sobre a crueldade dos imperantes, sobre a selvageria do Juiz Teixeira Coutinho e de tantos outros emissarios mandados para o theatro da sedição libertaria.

Conheceis o fim tragico de muitos daquelles fervorosos pioneiros da liberdade.

A Bahia se irmana a Pernambuco na commemoração de seus heróes, e o Archivo publico deste Estado, guarda avançada de nossas tradições, repositório repleto de documentos de preciosidade inestimavel, muitos dos quaes vão sendo dia a dia integrados em nossa Historia, vem render uma justa homenagem aos grandes vultos que em 1817, aqui tombaram varados pelos fuzis mercenarios dos granadeiros reaes.

Neste Campo, ha cem annos, ergueram-se os patibulos do Padre Roma, de Domingos Martins, do Padre Miguelinho e de José Luiz de Mendonça. A pedra, o unico vestigio que assignalava o ponto do sacrificio, desapareceu.

Talvez, della houvessem zombado as intemperies.

Entretanto, cada dia que passa, mais avulta a memoria dos abnegados patriotas.

Homenagem singela é a que os servidores do Estado, os funcionarios do Archivo publico, rendem á sua memoria: uma braçada de flores.

Appliquemos aos denodados propagandistas as palavras de Pericles, quando, na antiguidade hellena, recebeu os despojos de Milciades, o heróe de Marathona:

“Os homens illustres têm por tumulo a terra inteira. Não só o paiz conserva-lhes os nomes gravados em columnas, mais ainda nas regiões mais longinhas, em falta de epitaphio, a fama, a nomeada, eleva-lhes á memoria um monumento imperecivel.”

O sangue derramado fez florescer ainda mais a arvore da Liberdade, que cinco annos mais tarde, os Brazileiros, unidos no mesmo ideal, conquistaram com heroismo e duros sacrificios.

O sol, que em 1817 luzio por momentos, “reluzio para sempre nas jornadas de 1822--23.

As ideas liberaes de 1817 e 1824 corporificaram-se no advento republicano de 1879.

Bem haja, pois, a sua memoria.”

Após o discurso do sr. Borges de Barros, foram levantados vivas á memoria do grande martyr e desfolhadas petalas de rosas no centro do campo, tocando durante

a cerimonia a banda de musica do 3.º batalhão de policia.

INSTITUTO HISTORICO

Das 11 ás 17 horas, o edificio do "Instituto" esteve franqueado á visita publica, sendo notavel a affluencia de pessoas gradas que ali compareceram.

A's 16 horas, a banda de musica do Corpo de Bombeiros começou a executar trechos do seu repertorio, prolongando a tocata até ás 20 horas, quando chegou a banda do 3.º batalhão de policia.

Antes, ás 12 horas, fora installada pelo governador do Estado a Liga de defesa nacional.

Acto continuo, o sr. governador do Estado, ladeado pelos secretarios do "Instituto" srs. Bernardino de Sousa e Reis Magalhães, se dirigiu para a ultima janella da direita do salão nobre, hasteando no mastro para isso designado a Bandeira Republicana dos Revoltosos de 1817, hoje symbolo do Estado de Pernambuco.

O corpo de cavallaria, postado em frente do edificio do "Instituto historico", prestou as continencias militares ao Pavilhão Pernambucano, tocando as bandas de musica o Hymno Nacional.

Na praça 13 de Maio, em frente do "Instituto" estacionou, durante a cerimonia, grande massa popular.

A's 20.30, presentes as autoridades superiores, civis e militares, representações dos institutos de ensino, associações diversas, senhoras, e grande numero de pessoas gradas, no salão nobre, assumiu a presidencia o sr. cons. Antonio Carneiro da Rocha, que ficou ladeado pelos srs. governador do Estado e Reis Magalhães, 2.º secretario do "Instituto".

S. s. dirigiu-se ligeiramente ao auditorio, dando o motivo da reunião, e concedeu a palavra ao dr. Braz do Amaral, que leu a seguinte conferencia:

Senhores:

Ha cem annos rompeu no Recife uma revolução que hoje estamos commemorando porque ella foi um dos pródromos da independencia do Brasil e porque a forma de governo por ella adoptada foi precursora da que acceita actualmente este paiz.

Pode considerar-se um movimento separatista no sentido de se isolar do jugo da metropole portugueza, ru do elemento portuguez, apenas, pois que a séde da monarchia se achava já no Brazil, a capital do paiz estava na mesma terra, no Rio de Janeiro.

O fim principal portanto da revolução era um governo autonomo.

Desde 1801 se aspirava isso em Pernambuco.

Nesse anno, Francisco de Paula, proprietario do engenho Suassuma, fôra preso por constar que havia trasido da Europa o plano de uma conspiração que tinha por objecto fomentar um levante para separar Pernambuco de Portugal, fundando uma republica que devia receber a protecção de Napoleão Bonaparte.

Uma republica porem, sob o patronato de Napoleão é uma cousa que traz em si a noção do contradictorio, de modo que isto se desvaneceu como o fumo.

Desde o fim do anno de 1815 se realizou porem um acontecimento que depois da abertura dos portos ao commercio estrangeiro e da vinda da familia real foi o mais decidido impulsor deste paiz para a vida politica e o mais decidido preparo para a sua independencia.

Quero referir-me ao decreto que elevou o Brasil á cathogoria de Reino Unido ao de Portugal e dos Algarves.

Teria sido esta notavel carta de lei de 16 de Dezembro de 1815 obra exclusiva de Antonio de Araujo Azevedo, o celebre conde da Barca, e este um daquelles assumptos relativos ao Brasil e ao serviço publico que elle já havia levado amadurecido pelo estudo quando subio ao ministerio que tanto devia honrar, ou teria sido esta medida importante suggerida por outrem e

aproveitada immediatamente pela sua esclarecida intelligencia?

E' tão interessante auscultar a origem desta carta de lei, a qual tão cara devia ser a todos os brasileiros, que eu lhes peço permissão, senhores, para acudindo a velhos habitos adquiridos na cathedra, pegar na interrogação feita em o periodo acima, afim de responder-lhe, tanto mais que numerosos patricios que commigo se tem entretido sobre aquelles tempos memoraveis, raras veses se me tem revelado conhecedores deste importantissimo episodio da vida nacional.

Com effeito, num documento reservado dos plenipotenciarios portuguezes no Congresso de Vienna, é dada a inspiração de tão notavel facto, não a um brasileiro, ou a um portuguez, mas a um homem que nunca tinha visto o Brasil e que só o conhecia por informações, isto é, ao francez Carlos Mauricio de Tallegrand, principe de Benevento.

Diz assim um officio reservado dos plenipotenciarios portuguezes Conde de Palmella, D. Antonio Saldanha da Gama e D. Joaquim Lobo da Silveira, dirigido ao marquez de Aguiar.

"Fallando, assim se exprimo o principe de Benevento.

As colonias hespanholas, pelo máo governo actualmente daquella monarchia, podem se contar quasi como perdidas para a Europa; e em taes circumstancias eu consideraria como uma fortuna que se estreitasse por todos os meios possiveis o nexo entre Portugal e o Brasil; devendo este paiz, para lisongear os seus povos e para destruir a ideia de colonia que tanto lhes desagradada, receber o titulo de Reino e o vosso soberano ser rei do Reino Unido de Portugal e do Brasil.

Podeis, accrescentou elle, se julgardes convenientes, manifestar que eu vos suggeri estas ideias e que tal é o meu voto decidido."

"V. Exa. adiantam os plenipotenciarios, bem pode julgar da impressão que nos causou tal abertura por parte de Mr. de Talleyrand, e, depois de meditar so-

bre o assumpto, aproveitamos a occasião para lhe perguntar se a França teria difficuldade em reconhecer o Reino Unido e solememente garantil-o, no caso que S. Magestade adoptasse este titulo; á primeira pergunta respondeu logo affirmativamente; á segunda, calouse, como frequentemente lhe succede.

"Mylord Castlereagh, a quem sem affectação como por acaso, sondamos sobre a mesma ideia, mostrou approval-a; e talvez fosse possivel ligal-a com a ordem que S. A. Real nos mandou dar nas nossas Instrucções de negociar com as differentes potencias tratados de garantia."

Tendo este officio a data de 25 de janeiro de 1815 e a carta de lei que elevou o Brasil á cathegoria de Reino a de 1 de Dezembro do mesmo anno é transparente que das confabulações do principe de Benevento em Vienna foi que jorrou a scentelha que tanto levantou a nossa terra no conceito dos seus proprios filhos e no dos alheios, que deu á nossa patria egualdade politica á da metropole, que revelou ter ella elementos já seus proprios e tão fortes que de colonia subalterna e dependente se tornava irmã que ia tratar d'ora avante no mesmo pé e com os mesmos direitos da vida e do futuro de ambas.

Este decreto, entretanto, resentia-se na execução de certas interpretações, falhas e modos de ver que de taes cousas resultavam differenças entrè brasileiros e portugueses, bem reveladoras hoje a todos nós outros, de como havia sido delicada a comprehensão do principe de Talleyrand, porque cumprida a sua inspiração em parte apenas, não se pode fazer aquelle *nexo* que elle sentia necessario para seguirem juntos os povos irmãos dos dois paizes atravez do futuro que ambos encaravam sem o poder bem lobrigar, como de longe se percebe indistinctamente, no grande horisonte do mar uma sombra sem que se possa diser por muito tempo se é uma véla, ou o penacho de fumo de um vapor, ou o contorno de uma ilha longinqua.

Era manifesto em Pernambuco, como em outros lo-

gares, o ciúme entre brasileiros e portuguezes por causa da preferencia dada a estes para os mais elevados postos que os primeiros tambem ambicionavam, donde se conclue que o decreto equalitario não era sinceramente executado.

Havia em 1817, em Pernambuco, riqueza e prosperidade e mesmo certos cargos de importancia eram preenchidos por filhos do paiz, como o de ouvidor de Olin-da, occupado por aquelle Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva que mais tarde havia de ser um dos mais fogosos oradores da Constituinte, uma das suas mais declamadoras organizações e autor de algumas das suas menos ponderadas lembranças.

O Governador de Pernambuco era um homem moderadissimo, o antigo magistrado Caetano Pinto de Miranda Montenegro, um dos portuguezes que ficaram no Brasil por occasião da independencia e que foi ministro no tempo do imperio, em cuja politica é conhecido pelo titulo de marquez da Praia Grande.

Parece porem que não havia grande respeito ás leis e que muito frouxos andavam certos ramos do serviço publico.

Diz-se que a *Maçonaria*, sociedade naquelle tempo immiscuida na politica, formava o centro e o eixo de agrupamentos revolucionarios que existiam em Pernambuco, como no Rio de Janeiro, Alagoas, Bahia e outras capitancias.

Faltam-me provas seguras para poder confirmar isso.

Faziam-se reuniões de letrados e de pessoas de certo cultivo no Cabo e em Paraizo e mais tarde foram taes reuniões consideradas focos de concertos revolucionarios.

Mas os nomes de *Academias* do Cabo e de Paraizo parecem indicar que se tratava nellas, como ordinariamente acontece entre pessoas instruidas, de formas de governo, de considerações sobre umas, as mais livres, melhores do que a monarchia absoluta, do anarchismo do regimen colonial, assim como do futuro deste paiz

quando fosse independente, e é indubitavel que taes opiniões estavam em muitos espiritos.

Haveria porem ligação desses individuos que aspiravam á independencia e á republica em Pernambuco, no Pará, no Rio Grande do Norte, e na Parahyba, bem como na Bahia, com projecto assentado de mudar a forma do governo, ou apenas sentimentos vagos de admiração pelos feitos da revolução franceza, pelos rasgos tribunicios da eloquencia dos seus oradores, pelas campanhas extraordinarias e pelas noticias das victorias do Cesar daquelle periodo de aventuras guerreiras, do consulado e do imperio francez que se lhe seguio.

Notava-se tambem muita gente cheia de sympathias pelas ideias liberaes e os governos livres, mas dahi a ter chegado esta gente a constituir partidos e organisal-os afim de urdir conspirações, ligando-as com pessoas distantes, vae consideravel differença.

O que não pode apresentar duvida é a existencia de muita irritação e má vista pelas vantagens de que gozavam os nascidos em Portugal.

Entre os militares, com especialidade, acirravam-se grandes animosidades pela violencia que as ambições e as indisposições sempre tomam em toda a parte naquella classe.

Mas o que influa definitiva e declaradamente para levar até o delirio o ciume dos brazileiros eram as feridas constantes feitas ao brio nacional.

Não são as feridas dirigidas ao amor proprio as que mais profundamente nos irritam e affligem?

São tambem entre os homens patriotas as mais injurias e sentidas como aviltantes as apreciações ferinas ou desairosas feitas á nossa gente e ao nosso paiz.

Taes eram, com as preferencias de cargos, vantagens e differenças consequentes de rendimentos, o que tornava constantemente irritada a situação de divergencias e antipathias acrimoniosas entre brazileiros e portuguezes.

Taes foram as causas predisponentes da revolução que parece ter sido tramada, ou antes tratada em um

grupo pequeno de individuos sem relações de apoio importantes na massa da população.

Em casa de Domingos José Martins, commerciante que havia residido na Inglaterra e aqui na Bahia, e que alguns dão como bahiano e outros como natural do Espirito Santo, reuiram-se alguns paisanos e militares, estes em maior numero, e é provavel que ahi manifestassem mais francamente essas aspirações vagas e exaltadas que são muito frequentes em certas pessoas nas epochas de agitação e vibrantes acontecimentos politicos do que mesmo concerto definitivo e completo accordo para um levante e suas consequencias.

E é fóra de contestação que elles não haviam contado fazer uma revolução e apoderar-se do Estado, pois não tinham armas, nenhum plano se achava estudado, nenhuma medida concertada para tão importante objecto.

A victoria os surprehendeu e isto foi um mal, a facilidade do resultado, foi um dos principaes motivos do seu infortunio, ou a causa mais immediata do seu insuccesso.

Vamos ver que elles soltaram da cadeia os presocivis e que não trataram de formular sequer uma constituição, fazendo apenas uma reunião em que o povo não foi representado.

Esta falta da consulta popular, cotejada com o entusiasmo vibratil, a boa fé ingenua que é impossivel não reconhecer nelles, bem mostra como eram pouco precisas as opiniões que elles tinham sobre o que fiseram e como eram vagas as noções sobre o modo de constituir um governo democratico as que elles sabiam.

Relativamente ao modo pelo qual rompeu a revolução a melhor e mais veridica narrativa deve ser a relatada no *Accordão* da Relação da Alçada cujos autos constavam de mais de 8 mil paginas em que vem o processo de tresentos e dezeseite réos de crime de Estado a ella submettidos, accordão do qual o nosso Archivo publico possui a primeira parte, porque tal sentença foi proferida aqui na Bahia.

O resto dos autos, a parte mais importante delles é a maior, foi levada para o Rio de Janeiro numa das numerosas *razzias* que tem despojado a Bahia dos seus mais interessantes documentos historicos em proveito das instituições da capital do paiz.

O valioso documento original existente naquella repartição diz que se acha plenamente provado que na villa do Recife em o dia 6 de Março de 1817 fôra commettido o abominavel crime de rebellião pelo qual aquella villa e seguidamente toda a Provincia de Pernambuco se subtrahiam ao poder natural e legitimo do Governo de S. Magestade, erigindo--se em nação independente a qual rebellião se propagára á comarca de Alagoas no dia 18 do mesmo mez de Março, á Provincia da Parahiba no dia 19 do dito mez assim como no dia 25 á Provincia do Rio Grande do Norte e no dia 3 de Maio á villa do Crato, comarca do Ceará.

Accescentam os Autos que porquanto se mostrava que tendo Caetano Pinto de Miranda Montenegro, governador da Provincia de Pernambuco, declarado no dia 5 daquelle mez de Março por hua ordem do dia á tropa e por hua proclamação ao povo que no 1.º daquelle mez lhe constara haver na villa do Recife presentemente alguns partidos entre os nascidos em Portugal e os nascidos no Brazil, fomentados por malvados com esperanza de tirarem partido das desgraças alheias, recommendava os citados para não communicarem com semelhante homem e guardarem entre si harmonia, lembrando-se que todos eram Portuguezes iguaes vassallos, iguaes concidadãos do mesmo Reino e que só as virtudes sociaes e os talentos davão distincção e não o lugar do nascimento e no dia seguinte, convocando hum conselho dos officiaes Generaes Marechal José Roberto Pereira, os Brigadeiros Luiz Antonio Salazar Moscoso, Gonçalo Marinho, Manoel Joaquim Barbosa, José Peres Campello e o Tenente coronel ajudante de ordens Alexandre Thomaz que findou pelas onze horas da manhã daquelle dia 6 de Março, nelle propozera que lhe tinham denunciado que havia ajuntamentos maçonicos e que o

povo receiava levantamentos, disendo-se serem cabeças-delles Domingos José Martins, Antonio Gonçalves da Cruz Cabugá, Vicente Ferreira dos Guimarães Peixoto, Domingos Theotônio Jorge, José de Barros Lima, Pedro da Silva Pedroso, estes tres capitães-de artilheria e José Mariano Cavalcante de Albuquerque, secretario daquelle regimento, assim como Manoel de Souza Teixeira, ajudante de Infanteria; que queria prendel-os e dar busca em seus papeis; e fôra decidido que de hua para duas horas da tarde daquelle mesmo dia fossem presos cada hum em sua casa e se incumbiram, o Marechal da prisão dos paisanos, o brigadeiro Salazar do official do seu regimento de infanteria e o Brigadeiro Barbosa dos officiaes do seu regimento de artilheria e que na hora indicada, apesar dos denunciarios saberem da denuncia e do que fôra deliberado no Conselho, fôra preso o ajudante de infantaria Manoel de Sousa Teixeira e condusido sem resistencia á fortaleza das Cinco Pontas; o paisano Domingos José Martins, preso do mesmo modo fôra levado á cadeia da villa, mais que o Brigadeiro Barbosa, separando-se da resolução do Conselho acabado este, dera ordem ao major Ignacio Antonio de Barros para avisar aos officiaes de artilheria afim de virem aos quartéis pela hua hora da tarde, o que executado, juntos os officiaes na sala da secretaria, d'ssera o dito Brigadeiro que não sabia porque o Regimento depois da mudança da cidade de Olinda para o Recife tinha adquirido mau nome no espirito publico, tanto que o Governador mandava prender alguns delles officiaes e deo voz de prisão ao capitão Domingos Theotônio Jorge ordenando ao capitão Antonio José Victoriano para conduzil-o á fortaleza das Cinco Pontas e ao segredo o qual, capitão Domingos Theotônio Jorge levantando-se perguntará a causa da prisão e respondendo o Brigadeiro que não sabia, elle, cheio de colera, disendo que o Brigadeiro era a causa de toda a desordem e intriga, pegou do chapéo e partio para a prisão; que depois mandara o Brigadeiro que o capitão José Luiz Pereira Bacellar conduzisse do mesmo modo, á mesma pri-

são o capitão José de Barros Lima que tinha a alcunha de *Leão Coroado*, o qual, ao levantar-se, puchara rapidamente o florête e atirara uma estocada ao Brigadeiro disendo (*primeiro has de morrer*) pela qual foi logo cahindo ou recuando, e quertndo repetir outro golpe foi impedido pelo major e o Tenente-Coronel do Regimento que o seguraram; mas ao mesmo tempo o secretario José Mariano Cavaleante de Albuquerque e outros passaram a dar-lhe mais estocadas com que falleceo; e fazendo o capitão Pedro da Silva Pedroso acção de matar o dito major e vendo que o 2.º tenente Antonio Henriques Rabello dera hua cutilada naquelle capitão Baccellar e que os outros officiaes estavam com as espadas nuas, pôde fugir, assim como o tenente-coronel e alguns outros, hindo dar parte ao Governador."

Mostra-se tambem pelos autos que emquanto aquelles officiaes fugidos gritavam pelas ruas até o Palacio do Governo — "Acudam aos quartéis que mataram o meu Brigadeiro e os officiaes do meu Regimento estão levantados" — e que pela sua chegada ao Governo partira o Ajudante de ordens Alexandre Thomaz de Sequeira para os quartéis com o sargento Peixoto; e os amotinados mandaram immediatamente tocar a rebate nos quartéis, e pelas ruas e egrejas, armaram os soldados que hiam acudindo e pondo-os debaixo de suas ordens.

Disem ainda os autos que chegando o ajudante Thomaz Sequeira ao aquartelamento gritou para dentro aos soldados que sahisses fóra e formassem em batalha, mas entrando, quasi ao meio dos quartéis, encontrou o capitão Pedroso que estava á frente de alguma tropa com Manoel José de Azevedo, José de Barros Lima, e José Mariano, os quaes se travaram com o ajudante Thomaz Siqueira e o sargento Peixoto, ouvindo este Thomaz responder em tom irado a uma pergunta que lhe fiseram — "Qual patria!" — E mandando logo o capitão Pedroso atirar nelle; mas no mesmo instante José de Barros Lima e José Mariano, seu genro, correram estocadas no ajudante de ordens até o matarem, pelo que o Sargen-

to partio a participar ao Governador o que se passara; e este, sabendo que já estavam guardadas as bocças do aquartelamento e que os amotinados vinham surprehendel-o, seguiu com os officiaes que com elle estavam para a fortaleza do Brum, levando os soldados da guarda principal e os que foi encontrando, hindo o marechal José Roberto para o Campo do Erario, parada geral dos milicianos, aonde concorreram muitos officiaes e soldados, em numero de mais de tresentos e onde havia huma guarda de 1.^a linha.

Consta ainda dos autos que emquanto isto se passava o capitão Pedroso logo após a morte de Alexandre Thomaz sahira com numerosa patrulha para o campo do Erario, onde se achava o marechal José Roberto e vendo os soldados em attitude de fazer fogo dalli se retirou: o 2.^o tenente Antonio Henriques que com outra patrulha havia procurado o Governador, já o não encontrando, veio juntar-se no largo da Cadeia com o capitão Pedroso, soltando a Domingos José Martins, etc."

*
**

Foi assim que rompeu a revolução e que ella triumphou!

Começavam agora para ella as grandes difficuldades que a haviam de destruir!

A população assustada fechou as portas das casas e tendo sido soltos Domingos Martins e os outros presos paisanos, tambem sahiram da prisão os que alli estavam recolhidos por crimes civis, erro tremendo cometido pelos revolucionarios que confundiam a liberdade politica com a de fazer mal.

Muitos assassinos e malfeitores se espalharam pela cidade a roubar e matar, acobertando-se com o grito de "*Mata marinhciros*" sobriquete com que designavam os portuguezes.

E' inconcebivel a fraquesa das autoridades portuguezas.

O Governador portou-se miseravelmente e não respondeu ao seu titulo de capitão general, pois não foi capitão nem general.

E' rasoavel que se retirasse para a fortaleza do Brum, mas para manter ahi, em um logar mais seguro do que o seu palacio, a autoridade, o poder publico que não pode ser abandonado, nem deixado de sustentar illeso, sem deshonra para quem o exerce e não para capitular alli, seguindo para o Rio de Janeiro, como o fez. E o marechal José Roberto fez peor.

Retirado para o Campo do Erario, onde se vio em pouco com perto de trescentas praças e muitos officiaes não soube aproveitar umas nem os outros.

Ha logares que só podem ser bem preenchidos por quem tiver certos predicados que o vulgo não possui e por quem não tiver alguns apêgos que enfraquecem o animo e dissolvem a energia.

Os postos militares são deste numero.

O principio de poupar a effusão de sangue em uma posição cercada, esfaimada, da qual é impossivel sahir e na qual é impossivel vencer, comprehende-se, mas cobrirem alguns a irresolução e falta de vigor com tão bellas palavras não se coaduna com a moral, nem com a dignidade de quem commanda.

Bem se ajusta a um mercieiro ou lojista recolher-se prudentemente para o lado da esposa e dos filhos porque é natural ou licito que se não ache affeito ás lutas, mas que um militar se sujeite a condições impostas pelos seus subordinados e capitule deante delles, quando está na defesa da sua bandeira e é fiel a seu juramento, nunca.

Eu que estou glorificando os martyres brasileiros de 1817 não posso deixar de dizer que entre aquelle brigadeiro que foi varado de estocadas pelos seus officiaes revoltados e aquelle capitão que fugio por uma janella, abandonando a morrer o seu general, e ainda aquelle marechal que capitulou e se retirou para a fortaleza do Brum sem resistir no Campo do Erario e que capitulou com o Governador quando este se resolveu a

deixar tudo e seguir para o Rio de Janeiro, não posso de'ixar de dizer que o Brigadeiro é quem merece o meu respeito, porque ha uma cousa peor do que a morte e vem a ser a covardia de quem impera.

Da infelicidade das autoridades não terem sabido aguentar o poder publico que lhes haviam confiado, decorrem males taes e tão grandes que é impossivel bem descrevel-os.

Tres annos depois ainda centenas de pessoas que estavam serenamente gosando a paz e a liberdade que Deus deixou a todos nós para sustento da vida, amparo da familia e prosperidade do trabalho, soffriam com a golilha de ferro ao pescoco nos carcereos humidos, nos porões asphixiantes todas as torturas que juizes perversos e funcionarios outros que aspiravam promoções e augmentos lhes infligiam, pois mostrando-se crueis para com as victimas faziam officiosidades ao Governo, o que dava direito à recompensas.

Entretanto os principaes implicados na revolução conheciam os inconvenientes que haviam de resultar da forma de sedição militar que, ou por falta de ramificações populares e civis, ou pela necessidade de precipitar as cousas, havia sido feito no quartel do regimento de artilharia e procuraram dar-lhe uma feição differente, aquella que exprimia as aspirações de Domingos José Martins e outras poucas pessoas mais aptas a fazer ideia clara do que são governos livres.

Apparecem então outros nomes, de pessoas não militares, como o advogado José Luiz de Mendonça, o padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro, o padre Pedro Tenorio de Albuquerque, o ouvidor Antonio Carlos e outros.

Resolveram celebrar uma reunião que se realisou no Erario na qual só tomaram parte eleitores nomeados pelo exercito, o que faz suppor pessoas indicadas pelos militares implicados na revolução, e que foram Antonio Joaquim Ferreira Sampaio, thesoureiro do Erario, Phe lippe Nery Ferreira, negociante, Francisco de Britto Bezerra Cavalcante de Albuquerque, procurador da co-

rôa, Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque Junior, tenente João de Albuquerque Maranhão, João Marinho Falcão, Joaquim da Anunciação Sequeira Varejão, capitão Joaquim Vaz Salgado, Joaquim Ramos de Almeida, major Joaquim José Ignacio de Abreu e Lima, padre major José de Vasconcellos Bourbon, José Xavier de Mendonça, tenente coronel de artilheria Luiz Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque, Thomaz Villa Nova, major Thomaz José Alves de Siqueira, ao todo deseseis pessoas.

Foram estas deseseis pessoas que elegeram um governo provisório composto de Domingos José Martins, encarregado do commercio, Domingos Theotônio Jorge, da guerra, João Ribeiro de Mello Pessoa Montenegro, do ecclesiastico, Luiz José de Mendonça, da justiça, e Manoel Correia de Araujo da agricultura.

No dia 7 o governo provisório nomeou secretario do Estado o padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, tão conhecido pela autonomia de Miguelinho e vice-secretario o padre Pedro de Souza Tenorio.

Nomeou conselheiro de Estado Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, Manoel José Pereira Caldas, Gervasio Pires Ferreira, Antonio de Moraes, o deão Bernardo Luiz Ferreira Portugal e Antonio Gonçalves da Cruz Cabugá.

A forma republicana foi a adoptada e foi nomeado ainda para general em chefe Domingos Theotônio Jorge, e para brigadeiro, general de divisão Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque, appellidado o Suassuna.

Então se passou um facto importante. Foi a resolução de elevar os soldos dos militares desde o de general em chefe até o soldado raso, assim como de subirem os postos dos officiaes que haviam tomado parte na revolução.

Seria que os homens que desejavam constituir a nova republica reputavam de bom aviso angariar por este-

meio a dedicação e o interesse dos militares dos quaes iam precisar?

Seria que elles pretendiam recompensar com isto o esforço dos que romperam a revolução?

Não sei.

O que resalta porem dahi é a má impressão que avassala quem lê estas cousas e as compara a imposição, as vezes sob a forma de pedido, as vezes sob a de imperiosa exigencia, que os pretorianos e legionarios de Roma faziam sob o nome de *donativum* para apoiar e defender os seus imperadores, o que justificava o conselho dado por um dos cesares ao que lhe devia succeder.

"Enriquecei os soldados e zombai do resto!"

No dia seguinte um dos membros do Governo, homem illustrado e affeito ás questões de direito, o mesmo que havia tido parte magna na capitulação do Governador Caetano Montenegro, previo que a revolução não tinha elementos para triumphar, ou recursos para se manter, reconheceu que a vida da nova ordem de cousas seria ephemera e teve a lealdade e a franquesa de disar isto aos seus companheiros reunidos, propondo que se parasse ou se voltasse para traz.

Tal foi a summula da exposição feita no dia 9 pelo encarregado da justiça, o advogado José Luiz de Mendonça na sessão do conselho do Governo.

Luiz de Mendonça declarou que tendo maduramente reflectido reconhecera que a revolução não possuia elementos para resistir ás autoridades constituídas e se manter.

Que se devia contemporisar, mandando uma commissão ao Rio de Janeiro scientificar ao soberano que o movimento do dia 6 fôra somente contra os actos do Governador Montenegro e que a proclamação do dia 7 que se diz ter sido obra do padre Miguelinho, aliás muito moderada, fôra um desabafo do espirito dos nacionaes mas nunca um acto de rebellião.

Domingos José Martins sahio do conselho desesperado para se encontrar com o capitão Pedroso ao qual

mostrou que recuar seria perder tudo o que tão facilmente fôra ganho.

E Pedroso, entrando na sala, invectivou Luiz de Mendonça e conseguiu exaltar os outros membros do Governo, afastando-os das opiniões do encarregado da justiça.

Fôra, os soldados vociferavam.

Mendonça, sosinho, eedeu, disse que não era senão pelo interesse de todos que aconselhava medidas de prudencia e a parada no caminho da revolução.

Escreveu até uma exposição dos factos em estylo vehemente, ao gosto dos companheiros, conhecida com o nome de *Preciso* que é um documento de alto valor e continuou a trabalhar ao lado dos companheiros.

O Sr. Muniz Tavares diz que elle teve medo e que este sentimento era causa do movimento para trás.

E' porem digno de admiração que tendo numerosas occasiões de se bandear para o partido realista não o tenha feito como outros e se teve medo, foi mais forte a dignidade do que este sentimento, ficando na causa da revolução, quando tres dias depois do rompimento della, isto é, desde 9 de Março, já a julgava perdida.

Por ella devia dar a vida quatro meses depois em o Campo da Polvora, na Bahia, em 12 de Junho de 1817.

A nova republica se estendia entretanto com rapidez pasmosa e facilidade ainda mais admiravel por Alagoas, Parahyba, Rio Grande do Norte e chegava até o Ceará.

Parece que tendo um certo numero de clerigos entrado no movimento ou adherido a elle, inclusive o proprio deão, foi isso um motivo poderoso para que se alastrasse elle tão bem, graças á influencia dos parochos e mais membros da igreja.

O Governo da Parahyba se achava entregue ao ouvidor André Alves da Silva, ao tenente coronel Francisco José da Silveira e ao mais velho dos vereadores.

O tenente-coronel Francisco, da Silveira, de accordo com o commandante da tropa de linha, que alli havia e que era pouca: o tenente-coronel Estevão José

Carneiro, que era pernambucano, resolveu esperar que o movimento rebentasse em qualquer parte, como de facto aconteceu em a povoação de Itabayanna, onde um moço que se havia educado em Pernambuco, chamado Manoel Clemente Cavalcante, obteve o apoio do pae, João Baptista Rego, pessoa influente e poderosa na localidade, fez o pronunciamento e marchou para a villa do Pilar.

Então Francisco da Silveira e Estevão Carneiro se juntaram aos de Itabayana.

A mesma incongruente constituição de um governo livre com as exclusões da população se viu na Parahyba, onde somente foi admittido na sala, onde se organisou o governo, um pequeno grupo de individuos que assim se transformou em orgão que dominou a Provincia.

Foram elles Francisco Silveira, Estevão Carneiro, o padre Antonio Pereira, Amaro Gomes Coutinho e Ignacio de Albuquerque Maranhão.

Estes dominadores seguiram as pisadas dos governadores de Pernambuco, pelo que o augmento de soldo, o accesso de postos, etc, marcaram o advento da nova ordem de cousas.

A noticia da revolução da Parahyba echoou em Pernambuco, recebida com grande jubilo.

José Ignacio Borges, tambem natural de Pernambuco, era quem governava o Rio Grande do Norte.

Este homem era intimo de João Ribeiro Pessoa, um dos membros mais influentes da revolução de Pernambuco, de modo que o Governo Provisorio lhe escreveu incitando-o a unir-se á revolução.

Procurando o coronel André de Albuquerque Maranhão, pessoa de grande prestigio na provincia pela fortuna e pela autoridade, Ignacio Borges foi sondar-lhe a opinião.

André de Albuquerque, que tambem havia recebido missivas instantes dos revolucionarios do Recife, combinando-se com o padre Antonio de Albuquerque Montenegro, da villa de Goyaninha, o qual o aconselhou a

prender Ignacio Borges no engenho Belem, o que se realizou sendo o governador do Rio Grande remettido para o Recife e encerrado no forte das Cinco Pontas.

Recebeo pouco depois André de Aibuquerque o socorro de 50 homens que os revolucionarios da Parahyba lhe enviaram, socorro muito necessario, porque, conforme a narração de Muniz Tavares, o povo se conservava frio e indifferente.

Na capital do Rio Grande, a guarnição composta de 100 homens não resistio e o capitão Antonio Germano Cavalcante, commandante della, deo vivas á religião e á patria com os insurrectos, juntando-se para constituir o novo Governo com o vigario Feliciano José Dornellas, o coronel de milicias Joaquim do Rego Barros e Antonio da Rocha Bezerra.

Ella, a revolução, conseguia o enthusiasmo ingenuo, intemerato e generoso dos moços.

O sub-diacono José Martiniano de Alencar offereceu-se para ir ao Crato, villa do Ceará sua terra natal, afim de propagal-a e lá corajosamente se apresentou, onde no primeiro momento esperou obter algumas vantagens, mas logo o capitão mór José Pereira Filgueiras o prendeu e remetteu com ferros para Fortaleza, a capital da provincia, de onde seguiu para a Bahia.

*
**

A revolução foi infeliz na Bahia.

A crer nas asseverações de alguns partidarios da causa republicana, tinha ella aqui ramificações mas não foi possivel descobrir naquelle tempo os compromettidos que não teriam de certo escapado á perspicacia do temivel presidente da alçada e que haveriam transparecido nos minuciosos interrogatorios a que se procedeo, pelo que neste particular e, pelo menos, nada posso afirmar.

José Ignacio Ribeiro de Abreu Lima fôra fadremarmelitano, com o nome de Fr. José de Santa Rosa e

depois de viajar pela Europa, especialmente pela Italia, se apresentou em Pernambuco declarando que se havia secularisado em Roma, rasão pela qual o alcunhavam de padre Roma.

Elle se offereceu para propagar a revolução em Alagoas e na Bahia e na realidade chegando a Alagoas conseguiu proselytos, obteve a adhesão do Commandante das tropas, Antonio José Victoriano e conseguiu deixar regularizada a nova ordem politica em Maceió.

De Maceió veio o padre Roma para a Bahia em uma balsa.

O conde dos Arcos governava então esta provincia e era um homem energico e capaz do governo, como o provou muito bem.

Parece que elle tinha inimigos no Rio de Janeiro e que havia quem procurasse compromettel-o no animo do príncipe regente pelo que é de suppor que o interesse tomado por elle na reacção contra a republica pernambucana e a sua interferencia um tanto fóra das attribuições de governador de outra provincia, indicam da parte do conde um esforço para esmagar os seus inimigos e o deejó de levantar o seu credito por um serviço de grande vulto ao poder do soberano.

Tinham já chegado á Bahia, em navios e por terra, alguns portuguezes fugidos de Pernambuco nos primeiros dias de sustos e terrores e mais tarde vieram outros que haviam passado por Alagoas e centro de Sergipe e que contavam o que se passara alli: pelo que o capitão general da Bahia teve conhecimento da chegada proxima do padre Roma.

Postaram-se esculcas com os signaes do viajante por todos os pontos das estradas por onde elle forçosamente havia de passar e por todas as enseadas onde deveria desembarcar, se viesse por mar.

De facto, tendo chegado a Itapoan foi alli, ao desembarcar, preso o padre Roma em 26 de Março de 1817.

Segundo outra versão que me parece mais segura, o patrão da balsa trouxe-a até a Barra, fundeando entre os fortes S. Diogo e Santa Maria e mandou um tri-

pulante á terra faser compras na taverna de Simplicio Manoel da Costa, o qual negociando em generos alimenticios e sabendo que a balsa trasia côcos foi á bordo e lá encontrou o padrè Roma e um filho.

Reconhecendo o indicado, trouxe-o para a cidade, encontrando-se na altura do forte de S. Pedro com a escolta que já ia para a Barra.

O conde dos Arcos instituiu um tribunal militar ao qual elle mesmo presidiu e que condemnou o padre Roma á morte.

Esta precipitada sentença e esta morte formam a odysséa do padre Roma e o elevam ao logar honroso de um dos martyres da patria!

Elle se apresentou ao tribunal sem mêdo, protestou contra a incompetencia do mesmo para julgal-o, declarou que não havia deitado ao mar a correspondencia que trasia, conforme se propalara, justificou a sua vinda pela necessidade de defender um de seus filhos, o capitão Abreu Lima, mais tarde conhecido com o nome de General Abreu Lima primoroso escriptor, o qual se achava preso aqui anteriormente á revolução.

Levado ao logar do supplicio no Campo da Polvora a 29 de Março de 1817, conta-se que dissera aos grana-deiros do pelotão — "Camaradas, eu vos perdôo a minha morte!

Aqui—acrescentou, apontando para o coração—é a fonte da vida, atirae!

E' do theor seguinte a sentença que o condemnou.

"Vendo-se nesta cidade o processo verbal do réo Padre José Ignacio Ribeiro de Abreu Lima, auto do corpo de delicto, das testemunhas sobre elle perguntadas e interrogatorio feito ao mesmo réo decidio unanimemente e por todos os votos que as sobreditas culpas se achavam plenamente provadas e o réo dellas incursu nos paragraphos 5.º e 8.º Titulo 6.º do Livro 5 das Ordenações do Reino e mandam que se executem no sobredito réo as penas do paragrapho 9.º da mesma Ordenação. Bahia em commissão militar 28 de Março de 1817. —

Henrique de Mello Coutinho de Vilhena, relator — Manoel Pedro de Freitas Guimarães, major — Manoel Gonçalves da Cunha, major — José Antonio de Mattos, tenente-coronel — Joaquim José de Souza Portugal, coronel — Antonio Fructuoso de Menezes Dória, coronel — Felisberto Caldeira Brant Pontes, brigadeiro — Manoel Joaquim de Mattos, brigadeiro de legião — D. Marcos; Conde dos Arcos, General.

**

No dia 2 de Abril, diz o Snr. Souto Maior, foi que se fez no Recife a benção da bandeira da nova republica que já tinha a ennobrecel-a o sangue do seu primeiro martyr.

Era azul e branca, como se vê aqui, tendo o arco-iris, symbolo da paz, uma pequena cruz vermelha, symbolo da terra brasileira e tres estrellas superpostas que representavam, Pernambuco, Parahyba e Rio Grande isto é, as tres provincias sublevadas.

Foi o deão Bernardo Luiz Ferreira Portugal quem lhe deitou a benção, fazendo um discurso tocante que nos foi conservado e que se inspirou em principios são moderadissimos e elevados, elle todo repleto de patriotismo, mas ao mesmo tempo de tolerancia e de eloquente exhortação á ordem, á disciplina, á concordia e união de todos.

O Governo provisorio mandou Antonio Gonçalves Cruz Cabugá aos Estados Unidos da America do Norte e Felix José Tavares de Lima a Buenos-Ayres

Mandou tambem offerecer o logar de seu agente em Londres a Hypolito José da Costa, o qual, alem de dever innumerados favôres ao principe regente D. João, recebia pensão do governo, graças á qual sustentava em a capital de Inglaterra o *Correio Brasiliense*, periodico importantissimo na nossa vida nacional e que prestava ao Brasil assignalados serviços naquelle centro europeu.

Pretendeu tambem o Governo provisorio organizar uma esquadrilla equipando um brigue e duas canhonei-

ras a que se juntou um navio mercante que foi comprado na occasião.

Consta tambem haver o governo provisório prometido a liberdade aos escravos que se offerecessem para o exercito da republica e permittio que as pessoas que podessem fardar, armar e sustentar esquadroes de cavallaria, fossem eleitos para capitães dos mesmos.

O que é extraordinario e mostra mais do que tudo a honestidade e pureza dos homens da revolução de 1817 é que recusaram os membros do governo qualquer subsidio ou estipendio, e que zelaram pela fazenda publica de modo que nenhum delles se aproveitou do poder para se locupletar, nenhum delles usou da autoridade para uso proprio, nenhum pretendeo enriquecer ou negociar com o dinheiro publico, exemplo tão admiravel que causa duvidas pelo desprendimento que revela, a nós que sabemos disto 100 annos depois.



Entretanto o governo real tomava serias providencias para combater a revolução.

Aqui na Bahia o conde dos Arcos excedia-se no que era estrictamente de esperar de um capitão general.

Equipou e expedio os dois navios mercantes *Mercurio e Carrasco* que armou em guerra para o inicio do bloqueio do Recife e organisou uma expedição de 800 praças de infantaria e cavallaria que confiou ao marechal Joaquim de Mello Leite Cogominho de Lacerda, cuja conducta em toda a Campanha foi notavel porque alliou os seus deveres militares sem discrepancia a uma digna moderação com os insurrectos.

Muniz Tavares diz que elle era *filiado* á maçonaria, mas o Sr. Fernandes Pinheiro não julga de razão que todos careçam para proceder com imparcialidade e justiça de um motivo de interesse partidario.

Ha bons e máos por indole e temperamento, como ha relaxados, do mesmo modo que se notam intransigentes no dever, pelo que não é para duvidar que se en-

contrem também homens moderados e justos, até nos partidários de uma guerra civil.

Na passagem do rio S. Francisco, ao chegarem as tropas reaes, a gente da villa do Penedo se manifestou pela realza e convidou o marechal a tomar o commando das forças que alli se organisavam contra os revoltosos pernambucanos.

Em Porto de Pedras o capitão Manuel Duarte repellio os republicanos dirigidos por José Mariano que abandonou os seus soldados e fugio.

Francisco de Paula Cavalcante, general dos insurgentes, afim de destruir o máo effeito das derrotas que haviam iniciado a campanha, marchou para alli e Domingos José Martins partio em seguida para reforçal-o, á vista da approximação do inimigo.

Os dois chefes republicanos porem se desavieram, não querendo Cavalcante se submeter á autoridade superior de Martins e foram batidos separadamente.

Domingos Martins, na passagem do rio Merope, foi derrotado pelo capitão Antonio dos Santos que commandava uma partida das forças do marechal Cogominho com os indios da Atalaia, e um batalhão dos pardos de Penedo.

Domingos Martins surprehendido numa cabana foi preso e levado ao general Cogominho que o remetteo para a Bahia.

No engenho Utinga havia-se formado uma força realista que começou a contra revolução em Pernambuco e que, não possuindo bandeira real, arvorou a da irmandade do Rosario.

Os republicanos ficaram senhores do engenho e o incendiaram depois de um combate, mas recuaram para o Engenho Velho do Cabo, de onde tinham marchado.

No trapiche do Ipojuca o marechal Cogominho encontrou o exercito de Francisco de Paula.

Tendo a vanguarda do marechal Cogominho posto presidios pelas estradas, um destes travou-se de noute com as forças de Francisco de Paula que se retiravam.

Este alarme nocturno redundou numa verdadeira derrota para os revolucionarios, escapando Francisco de Paula á cavallo precipitadamente.

O seu exercito entrou no Recife quasi debandado.

A contra-revolução começava no Rio Grande do Norte tambem.

Emquanto alli estivera uma força de parahybanos commandada por José Peregrino, o chefe André de Albuquerque conservou um semblante de autoridade, mas quando este se retirou, a bandeira real foi hasteada pelo povo e a guarnição, quando se achava o troço retirante á muito pequena distancia.

O mesmo Antonio Germano que fôra um dos membros do governo provisorio se pôz á frente da reacção, de modo que se pode diser haver sido a republica desfeita com a mesma rapidez com que tinha sido proclamada.

André de Albuquerque foi surprehendido a dormir em uma casa.

Diz Muniz Tavares que á pergunta —*Quem vive?* — elle respondera estremunhado, acordandó em sobresalto —*Viva El-rei.*

Não obstante esta resposta foi mallratado e ferido e morreu poucas horas depois na prisão para onde o tinham levado.

Uma junta governativa eleita pela Camara Municipal governou interinamente a provincia, segundo os antigos usos da monarchia portugueza, até o restabelecimento do predomínio da realza absoluta em Pernambuco.

A esquadrilla enviada pelo conde dos Arcos espalhava por meio dos seus escaleres de ronda proclamações assignadas por este governador, chamando os povos da Parahyba, Rio Grande e Pernambuco á obediencia ao governo real.

Na Parahyba um brasileiro mestiço chamado Bastos, proprietario de um pequeno engenho na villa do Pilar, começou a contra-revolução e foi morto, mas um portuguez idoso, chamado João Alves, proprietario do

engenho Pacatuba, se entendeu com o coronel de milicias Mathias da Gama, arvorou a bandeira real, e ambos dominando as estradas da Parahyba para Pernambuco com a sua gente, começaram a impedir a passagem de gado para o Recife.

Organisou-se então uma força na capital da Parahyba a qual devia avançar para Pacatuba cujo commando teve o coronel Amaro Gomes Coutinho, mas apenas esta tropa sahio da cidade, o povo correo ao palacio aos gritos de Viva El-Rei e, não encontrando os governadores, damnificou os moveis e o edificio. Ao saber estas noticias, a força commandada por Amaro Coutinho se desmoralisou. Os soldados, fila por fila, pelotão por pelotão, se manifestavam, á principio baixo, depois em altas voses contra a revolução e os perigos a que os arrastavam, pae que o proprio commandante, recendo uma sublevação formal e a morte, fugio sob o vestuario de um frade franciscano, mas foi descoberto, preso pelos seus soldados insubordinados e entregue amarrado com cordas ao inimigo.

Restava, como unico apoio aos republicanos na Parahyba, a força de José Peregrino de Carvalho.

O pae deste, esperando pelo desarmamento do filho obter clemencia para elle, conseguiu convencel-o de que se devia entregar com os seus pela paz da provincia.

A tropa de Peregrino de Carvalho foi desarmada: tanto elle como o pae foram recolhidos á cadeia e um só dos membros do governo da Parahyba conseguiu escapar, Estevão José Carneiro, o qual, á força de dinheiro, poudes conservar occulto nos mattos, alcançando depois a costa, onde poudes embarcar para a Inglaterra.

Barros Falcão que tinha ido á ilha de Fernando de Noronha, conseguiu de lá voltar com a guarnição daquella ilha mas os ventos atiraram-no para a Bahia da Traição na Parahyba, onde esperava encontrar José Peregrino e onde foi preso. Agora o Recife, sem receber farinhas por mar, assim como outros generos ali-

menticios pelo lado de terra, tinha os dias contados, sob o ponto de vista economico, como se diria hoje.

Aquella cidade devia dentro em poucos dias ser e que se chama na guerra uma posição esfaimada.

Emquanto estes acontecimentos se passavam no interior da capitania e nas outras duas que lhe tinham seguido a sorte, chegou ás aguas de Pernambuco uma esquadra equipada no Rio de Janeiro e dali mandada pelo governo real.

Era commandada pelo almirante Rodrigo José Ferreira Lobo e composta da fragata *Thetis*, navio chefe, dos brigues *Benjamin* e *Aurora* e da escuna *Maria Thereza*, o que quer dizer que o bloqueio do Recife se ia tornar muitissimo mais apertado.

Entretanto o exercito do marechal Cogominho de Lacerda avançava sempre, fazendo marchas regulares mas seguras e já dominava todo o sul de Pernambuco.

Em vez de lançar todas as suas forças contra o inimigo que marchava do sul para o norte, o governo provisorio concentrou suas tropas na capital, receioso talvez de uma contra-revolução nella, pois que todas as villas da provincia, á exceção das do Cabo, Iguarassu, Itamaracá, e Goyana já se haviam manifestado pela realleza.

**

Havia o governo provisorio pensado numa especie de constituição, feita sob a forma de uma *Lei Organica* que foi enviada em projecto ás camaras para se pronunciarem sobre ella mas que não chegou a ser impresso.

Começavam porem a se manifestar symptomas flagrantes do enfraquecimento do poder publico que não era levado em conta pelos elementos exaltados aos quaes devia o apoio militar em que se escorava.

Pedro Pedroso, um dos capitães de artilheria que vimos em papel de destaque no inicio da revolução, commetteo excessos que o comptometeram gravemente.

Tendo mandado vir ao Recife um pifaro que havia sido preso no Cabo como dezertor o fez morrer sem qualquer formalidade de julgamento, formando o Regimento de infantaria e gritando ao desgraçado que o ia mandar matar e que se confessasse.

Marchando o regimento com a victima para o campo do Erario fel-o amarrar a uma estaca e atirar sobre elle errando os soldados tres veses a descarga.

O infeliz só algumas horas depois foi que expirou dos ferimentos recebidos.

Os membros do governo provisório fingiram não ter conhecimento desta atrocidade; disseram porem confidencialmente a amigos que delle haviam sabido depois de consummado e que tendo mostrado a sua desaprovacão ao seu partidario, delle haviam tido a resposta de que as *revoluções se faziam com sangue!*

O governo provisório não ousou punir o attentado e tanto o seu autor punha a propria autoridade acima da do governo que reproduzio o facto, poucos dias depois, em circumstancias ainda mais tragicas.

Em 4 de Maio foram levados para matar tres outros soldados entre os quaes um portuguez.

Este homem corajoso, invecivou o juiz arbitrario que o ia assassinar sem julgamento e sem defesa e, amaldiçoando-o em nome da humanidade e da lei, se suicidou, golpeando profundamente o pescoço com uma navalha.

O governo estava, como se vê, sem autoridade e sem a propria consciencia das obrigações que a dignidade impõe a quem exerce o poder, nas mãos destes agentes subalternos que abusavam delle.

E quando um poder não tem força para cohibir os abusos dos seus subordinados e se cala, deixando-o fazer o mal, pactua logicamente com elles por medo e dependencia delles e está moralmente perdido.

Um desses membros do governo provisório Manoel Correia de Araujo trahio a causa e, sob pretexto de organizar o partido republicano em Santo Antão, se passou para os realistas.

Espalhou-se então a desconfiança entre os proprios membros do governo, alguns dos quaes se esquivavam sob partes de doente que fiseram recahir tanta suspeita sobre a sinceridade dessas pessoas, como fiseram cahir o ridiculo partes de doente analogas sobre alguns militares de patentes altas ha pouco tempo, na epocha da campanha de Canudos.

Por estas causas já o governo se achava redusido a Domingos Theotonio Jorge e ao padre João Ribeiro.

Os conselheiros do governo Gervásio Pires Ferreira, o deão Bernardo Portugal e Antonio Moraes se abstinham sob pretexto de molestia ou outro, devendo porém notar-se que Antonio Moraes parece ter sido o mais correcto de todos, porque não manifestou preito de homenagens a nova ordem de cousas, não respondeo á nomeação para conselheiro, nem tirou a respectiva carta.

Antonio Carlos que, nos endeosamentos feitos aos Andradas por diversos escriptores nacionaes, tem a sua parte como um personagem de valor fez infelizmente na revolução de Pernambuco uma figura bem pouco digna.

Este homem que durante a revolução tomou parte, nos conselhos do governo, de lá de Pernambuco escrevia a seus irmãos José Bonifacio e Martim Francisco mostrando-se inequivocamente partidario da revolução veio, retractando-se declarar nos seus depoimentos feitos aqui na Bahia, quando preso, que aconselhara a Luiz de Mendonça a ideia ou proposta de solicitar perdão ao rei, confessa que fisera a tentativa de insinuar ao capitão-mór Francisco de Paula para trahir a causa que servia entendendo-se com os chefes da tropa que seguira da Bahia, e ainda que tivera fallas com o sargento-mór do Regimento do Recife para enfraquecer a cidade na sua resistencia, isto é, pinta a si mesmo como um individuo que serve a uma causa, engana os companheiros e conspira contra o governo que foi chamado para aconselhar, chamado a que ostensivamente qualifica de hon-

roso e pelo qual se diz muito reconhecido e lisongeadol!

—(*)

*
**

A republica se desfazia a olhos vistos e Domingos Theotônio Jorge foi investido numa especie de dictadura com o titulo de Governador Civil e Militar do Partido da Independencia em Pernambuco.

O novo governador pensou logo em obter uma capitulação e encarregou de negociar-a o ouvidor da comarca do sertão, José da Cruz Ferreira, brasileiro de nascimento, o mesmo que havia em 1.º de Março denunciado a conspiração a Caetano Montenegro.

A capitulação proposta ao almirante Rodrigo Lobo estabelecia a retirada das pessoas implicadas na revolução com suas familias e bens, suspensão da marcha do exercito realista de terra e uma amnistia geral.

O almirante em resposta exigio a entrega immediata sem condições, serem içadas as bandeiras reaes com sete vivas ao rei Nosso Senhor e toda a familia real pro-

Copias do Archivo Publico Nacional.

Perguntas a Antonio Carlos Ribeiro Machado de Andrada e Silva.

Anno do nascimento de N. S. Jesus Christo de 1818 aos 23 dias do mez de Dezembro na cadêa desta cidade da Bahia aonde veio o Dr. Bernardo Teixeira Coutinho Alvares de Carvalho, dezembargador do Paço e Juiz da Alçada, commigo escrivão abaixo designado o escrivão assistente o dezembargador José Caetano de Paiva Pereira, ahí mandou vir á sua presença ao preso Antonio Carlos Ribeiro de Andrada e, posto em sua liberdade natural, depois de lhe deferir o juramento aos Santos Evangelhos pelo que respeitasse a terceiro e por elle recebido lhe fez as perguntas seguintes.

Perguntado seu nome, naturalidade, morada, idade e occupação.

Respondeu chamar-se Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, natural da villa de Santos, capitania e comarca de S. Paulo, solteiro, de 45 annos, dezembargador desta Relação da Bahia de que ainda não tinha tomado posse e ouvidor de Olinda, capitania de Pernambuco.

mettendo interceder perante o soberano pela segurança das vidas, conservando-se em custodia os chefes do governo, os commandantes dos navios, das tropas e das fortalezas e a partida de um emissario para pedir perdão ao rei.

Domingos Theotonio respondeu repellindo a proposta do almirante portuguez, e insistindo pela accettazione da sua no praso de 24 horas, findas as quaes, se não fossem acceitas as suas condições, arrazaria o Recife e mandaria matar os prisioneiros realistas e os portuguezes de nascimento.

Ao findar o praso das 24 horas Rodrigo Lobo respondeu a este desvario concedendo a sahida de um emissario para ir ao rei supplicar o perdão, assim como a faculdade para o governador de se retirar com sua familia para o Rio de Janeiro, com a vida salva, mediante a condição de que não seria commettida qualquer vingança sobre os realistas, portuguezes e presos.

Perguntado quando e onde foi preso e o motivo da sua prisão.

Respondeu que não foi preso por ninguem e se foi entregar á prisão na villa de Iguarassu, ordenando ao commandante interino da dita villa que acompanhasse a elle respondente ao commandante interino da capitania o que foi no dia 3 ou 4 de Junho de 1817, com o fim de conhecer-se da conducta que se vio obrigado a ter no motim de Pernambuco e sua posterior revolução.

Perguntado porque foi obrigado a seguir essa conducta que diz e qual fosse essa conducta.

Respondeu que estava de correição na villa do Limoeiro no tempo do successo quando no dia 7 de Março de 1817 ás 5 horas da tarde, pouco mais ou menos, chegou um proprio á toda a brida e lhe trouxe uma carta dirigida a elle respondente na qualidade de ouvidor, a qual era escripta por tres dos amotinados e assignada pelos ditos tres, padre João Ribeiro, Domingos José Martins e Domingos Theotonio, mas não sabe quem a escreveu, nem lhe conheceu a lettra; na dita carta se lhe annunciava de que, tendo o general da capitania assignado uma proscricção, envolvera nella os primeiros habitantes da capitania, até mesmo os empregados publicos, em consequencia do que, vendo-se elles perdidos, no acto de se-

Quando porem o portador desta resposta saltou no Recife já não encontrou Domingos Theotonio.

O dictador que não tencionava realisar a ameaça feita, tinha evacuado o Recife com as forças que lhe restavam ordenando a Francisco de Paula Cavaleante, commandante das fortalezas, que encravasse a artilheria dellas e o acompanhasse para o interior da Provincia.

Naquelle mesma noite de 19 de Maio de 1817 os brasileiros e portuguezes realistas, sentindo a povoação abandonada pelos republicanos, sahiram á rua dando vivas ao rei.

Francisco de Paula Cavaleante adherio no dia seguinte ao partido vencedor.

Este homem que tinha sido general dos republicanos conta no seu depoimento que recebendo ordem de Domingos Theotonio para encravar a artilheria teve

rem presos, assassinaram ao brigadeiro Manoel Joaquim Barbosa de Castro e ao ajudante de ordens Alexandre Thomaz e se apoderaram do governo, retirando-se o capitão general para o forte do Brum, donde propozera uma capitulação que no outro dia pretendiam acceitar; que a capital se achava em grande desasocego e não a podiam tranquilisar sem o concurso das autoridades civis, por cujo motivo tinham expedido proprios a chamar ao ouvidor do Recife e a elle respondente, ouvidor de Olinda; e lhe rogavam que por bem da humanidade e serviço do publico viesse para com a sua presença tranquilisar a cidade.

A semelhante carta não deu outra resposta do que a vocal ao proprio de que semelhantes cartas não tinham resposta; retirado o proprio reflectio mais friamente na conducta que devia tomar e resolveu-se a partir para o Recife pelas considerações que passa a expor.

Primeiramente não se julgava seguro na villa do Limoeiro, rodeado de malfeitores a quem tinha perseguido com a severidade das leis; segundo, a villa do Limoeiro não podia resistir, se o motim continuasse; terceiro, o maior serviço que podia faser a S. Majestade vindo ao Recife e trabalhando para socegar o motim, já inspirando ao general conselhos mais saudaveis que os que tinha seguido, já influindo sobre alguns dos amotinados dum dos quaes, o padre João Ribeiro, conhecia o character docil e estava certo que respeitava a elle respondente; e

logo o proposito de não o fazer, pelo que se entendeu logo com seu irmão Luiz de Paula, soltando nesta noite o preso realista José Ignacio Borges, ex-governador do Rio Grande do Norte com o qual concertou entregar as fortalezas a Rodrigo Lobo resolução da qual o almirante teve sciencia por um jangadeiro que lhe foi entregar uma carta neste sentido, mandando o almirante immediatamente um official se certificar de tudo.

Rodrigo Lobo despachou para terra uma força de 50 marinheiros, os quaes tomaram posse dos fortes, sendo nelles içada a bandeira real.

O almirante desembarcou depois no Recife á testa do resto das tripolações dos seus navios e foi para o palacio dos Governadores, á Soledade.

Domingos Theotônio Jorge, á frente do corpo que tinha trasido do Recife resolveu retirar para o sertão, mundo largo onde muitos encontrariam a salvação, mas ouvindo tiros na capital, voltaram todos para o engenho Paulista, onde haviam pernoitado.

ultimamente por não ter alguma noção da revolta manifesta, porque não constava do contexto da dita carta; e acabou de resolvê-lo a partir a chegada de duas pessoas fugidas do Recife, as quaes affirmaram que se tinham expedido tropas para prender a elle respondente, no caso de resistencia; e este facto lhe certificou depois Jacintho de Faria Coutinho asseverando-lhe que as autoridades militares de Iguarassu lhe disseram mandavam prender a elle respondente, no caso que não viesse por vontade.

Antes de partir ordenou ao Juiz Ordinario da dita villa do Limoeiro João José de Arruda, que conservasse a villa em paz e fiel a seu soberano; e aos escrivães da ouvidoria e correição que se demorassem porque contava de vir acabar a correição, não podendo prever então, nem tanta ousadia duma parte, nem tanta cobardia da outra.

Chegando á villa de Páo do Alho teve noticia da formação de um governo chamado provisório, da capitulação do general e sua proxima partida; isto o obrigou a apressar a sua viagem, escrevendo antes ao dito juiz ordinario do Limoeiro, recommendando-lhe o mesmo que já lhe tinha ordenado no Limoeiro.

Partindo não poude chegar ao Recife e ficou em S.

Soubese logo que Rodrigo Lobo se achava senhor daquelle ponto e a debandada se tornou geral.

O capitão Manoel de Azevedo mandou nobremente conduzir por uma escolta o cofre publico para o Recife, afim de entregal-o ás autoridades com todo o dinheiro que encerrava.

O padre João Ribeiro Pessoa se matou.

Professor de desenho do Collegio de Olinda, litterato, modesto, probo, dedicado pela alma aos principios liberaes, tinha abraçado com desinteresse a causa da revolução e da republica para onde só o levaram a pureza e ardor das suas convicções.

Vendo agora a derrota dos seus ideaes, e peor do que tudo, as defeccões e as covardias dos que negavam e se retractavam, aborreceu a vida e provavelmente tambem os homens.

Lourenço, e só no outro dia, domingo, nove de Março, chegou a Bôa Vista, á casa de Gervasio Pires Ferreira, onde costumava hospedar-se, e, logo ahi, soube que o general tinha partido.

Depois disto, tendo ido apresentar-se ao governo intruso, vio pela primeira vez as armas reaes rasgadas e o abysmo a que tinham chegado; foi bem recebido e depois de estar algum tempo entre elles retirou-se; no dia seguinte, segunda-feira, dez de Março, tendo-o ido procurar um dos governadores intrusos, José Luiz de Mendonça, advogado nos auditorios do Recife, entrou elle respondente em que se achava e apotou-lhe a benignidade do Soberano, como ancora a que ainda podia apegar-se; ouviu-o com seriedade e desculpando-se prometteu-lhe seguir os conselhos que lhe desse; fez-lhe então ver que era do seu dever e mesmo da sua utilidade obrigar os seus companheiros a implorar a clemencia de Sua Magestade e imputar a culpa do succedido ás medidas impoliticas do general; e promettendo de assim fazer exigiu que esperasse para fazer a dita proposição que elle respondente chegasse á sala do governo com Gervasio Pires Ferreira que presente estava, o que foi na manhã do dito dia dez.

Na tarde do dito dia o mencionado José Luiz, sem esperar por ninguem fez a proposta promettida aos seus companheiros e com tal imprudencia de que algumas pessoas ouviram e dando parte á soldadesca que estava no

Na capella do engenho passou uma corda numa trave, fez nella um laço, ahi introduzio o pescoço e deixou-se cahir.

Ao mesmo tempo as tropas do general Cogominho de Lacerda entravam no Recife.

Pairou então o terror sobre a desgraçada capitania.

Os realistas se poseram a caçar os republicanos.

Rodrigo Lobo era duro e cruel.

Tendo sido desenterrado o cadaver do padre João Ribeiro deceparam-lhe a cabeça que foi passeada no Recife e apresentada ao almirante que a mandou expôr no Pelourinho.

As prisões se encheram de accusados do crime de Estado e de suspeitos.

Homens de côr, mesmo livres, foram acoitados nas grades da cadeia por simples co-participação na rebelião ou apenas sympathia por ella.

pateo sahiram furiosos e o quizeram matar na mesma sala das sessões; depois disto succedido chegou elle respondente e mandando pedir permissão para entrar por ter de communicar algumas cousas aos ditos governadores; admittido achou tudo em barulho e tumulto, e antes de fallar lhe disse Domingos José Martins e o Padre João Ribeiro, ambos governadores, o que tinha succedido; e avançando elle respondente que vinha para o mesmo effeito, e que lhe parecec consultava ao seu bem visto que elles diziam que não tinham a queixar-se do governo mas só do general; responderam-lhe peremptoriamente que a lembrança era boa e poderia ter effeito, a não ser a imprudencia do dito José Luiz; mas que agora não tinha mais logar, porque nem a tropa nem o povo a queriam; o que quem lh'a propozesse morreria necessariamente, o que esperassem que elle respondente não fizesse.

Frustrado este proposito, no outro dia pediu que se lhe concedesse voltar ao Limoeiro á findar a sua correição, o que se lhe negou, disendo-se-lhe que este não era o tempo de correições, que estas se guardavam para os tempos tranquillos; exigio ao menos que lhe fosse licito retirar-se para Olinda, o que se lhe negou tambem, ordenando-se-lhe que ficasse na Boa Vista, por ser-lhe preciso ouvir as pessoas de letras, como o faziam, mandando chamar os Drs. Antonio Moraes e Silva e Manoel José Pereira Caldas; no emtanto se lhe propoz por José

Na Bahia tres martyres foram fusilados juntos, em 12 de Junho de 1817: Domingos José Martins, José Luiz de Mendonça e o padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro, o Miguelinho, no mesmo Campo da Polvora, que já tinha visto o supplicio do padre Roma.

O Sr. Souto Maior faz da attitude destes tres dignos brasileiros uma epopéa brilhante equivalente a que alguns escriptores francezes fiseram dos Girondinos em situação identica.

Se não foram elles tão conhecidos como os Girondinos, não foram decerto menos nobres, porque, á não ser o crime de Estado de que eram accusados, nenhuma outra culpa se lhes apontou e no exercicio dos cargos que tinham servido, não se haviam maculado com indignidades e fraquesas, nem paixões, e odios de que houvessem resultado estigmas á sua memoria.

Luiz de Mendonça um dos governadores, a sua demissão e a entrada d'elle respondente em seu lugar, o que não aceitou: igualmente recusou o lugar de secretario do governo em presença de José Carlos Mayrinch que se queria escapar a este cargo então.

Estes factos se podem comprovar pelo testemunho do vigario do Recife, tio de Domingos Theotônio Jorge e o padre Francisco Moniz Tavares, companheiro do padre João Ribeiro, e outros que tinham ligações proximas com o dito governo: com a chegada do Dr. Caldas e Dr. Moraes teve ordem para assistir ás sessões do governo intruso, ás quaes assistio com os ditos doutores e com outros mais que costumavam assistir a ellas.

Vendo impossivel a sua retirada e quasi certa a sua perda em não o fazer, resolveu tentar os animos dos rebeldes, dirigindo-se por uma conversa que tiveram com Domingos José Martins, o qual lhe dissera que desconfiava do capitão-mór de Olinda Francisco de Paula Cavalcante que lhe parecia que viera antes soccorrer a elle rei que a elles, como dizia, e por outra parte considerando o quanto era poderosa a familia do dito capitão-mór pela extensão de suas allianças e parentescos, foi este o primeiro a quem se dirigio e indo, ou sahindo do governo com o dito capitão-mór e seu irmão o coronel Luiz Francisco, dirigio a conversação sobre o estado dos negocios e actual das cousas, procurando conhecer-lhe os sen-

Por uma terrível coincidência ficaram assim juntos na morte aquelles dois sinceros patriotas que haviam divergido tão seriamente em 9 de Março, um dos quaes como vimos, conheceo o perigo em que se engolpharam todos no dia da victoria, querendo por isso recuar a tempo e o outro que o julgou mal naquella occasião e que foi portanto causa do desfecho a que ambos chegavam agora.

O conde dos Arcos, presidente do tribunal, querendo salvar o padre Miguelinho disse:

—Padre, defenda-se;— diga em sua defesa o que tem. Nós não somos barbaros e selvagens que somente respiremos sangue e vingança— O Padre tem inimigos e não seria impossivel que elles lhe falsificassem a firma e com ella subscressem os papeis que estão presentes?

limentos e largava-lhes esta proposição solta --- que os homens de qualidade estavamos arruinados, se não ajuntassem os seus esforços para destruir uma caballa de malfeteiros, acrescentando que conhecia ser necessario muita energia, expor-se a perigos, mas que não havia outro remedio.

Annuiam a isto e a conversação não foi adiante por estorvo que houve; o que succedeu nos fins de Março.

E por esta maneira mandou elle ministro que se passasse nestas perguntas por ora, que lidas ao respondente, disse estarem na forma que havia respondido de que damos fé, e assignou com elle juiz da Alçada, escrivão assistente.

E eu João Osorio de Castro Sousa Falcão, escrivão da mesma alçada que o escrevi, e declarando que na pagina quinta antes destas na linha vigesima terceira faltou a palavra —acto— notada á margem e na pagina segunda antes desta, na linha duodesima faltou a palavra —pedir— notada á margem e na linha trigesima setima da dita pagina faltou a palavra —chamar— tambem notada á margem; com os sobreditos assignei —Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva —José Caetano de Paiva Pereira —João Osorio de Castro Sousa Falcão.

Anno do nascimento de N. S. Jesus Christo de 1818 aos 24 de Novembro nesta cadeia da cidade da Bahia, onde veio o Dr. Bernardo Teixeira Coutinho Alvares de Carvalho, desembargador do Paço e juiz da Alçada, commigo escrivão abaixo assignado e escrivão assistente o

—Não senhor, respondeu o acusado, fallando pela primeira vez no tribunal, não são contrafeitas as minhas firmas nesses papeis; ellas são todas authenticas e por signal que num delles, o —o— do meu ultimo sobrenome —Castro— ficou metado por acabar, por falta do papel.

Era entregar-se a morte!

Eis aqui, senhores, alguns desses papeis fataes que estiveram na mesa do tribunal e que o conde dos Arcos tinha nas mãos, como eu os tenho agora, quando insistia com Miguelinho para que elle se defendesse negando a firma.

São cartas de ordem do secretario do governo provisório ao capitão Manoel Phelippe de Omena, commandante da villa de Maceió, ao capitão-mór da villa do Penedo José Gregorio da Cruz, ao capitão das Alagoas José do Rego Macedo, e ao capitão-mór da villa de Anadã Phelippe da Cunha Lima.

desembargador José Caetano de Paiva Pereira ahí mandou vir á sua presença ao mesmo preso Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, ao qual posto em liberdade natural lhe continuou a faser perguntas pela forma seguinte.

Perguntado se ractificava o que havia respondido nas perguntas antes feitas neste acto lidas ou se tinha a acrescentar, diminuir ou declarar alguma cousa.

Respondeu que ractificava o que havia respondido e tinha a continuar com a exposição da sua conducta no tempo da revolução já dita pela maneira seguinte; que dous ou tres dias depois da conversa mencionada, procurou elle respondente ao dito capitão-mór em sua casa, e, abrindo-se com elle, francamente concordou de aliciar seus parentes e amigos, ficando ao cuidado delle respondente sondar parte da tropa, sem o que reputava impossivel um bom successo, affirmando-lhe que já elle o começava a fazer da sua parte, convidando um capitão de artilheria Francisco Antonio de Sá Barretto. Assim concertados, tratou elle respondente de aliciar algum dos chefes dos regimentos do Recife e parecendo-lhe impossivel que com elle cooperassem nem o coronel de artilheria José de Barros Lima, nem seu genro o sargento-mór José Mariano nem o coronel de infantaria Pedro da Silva

Referem alguns que dirigindo-se a Luiz de Mendonça, o qual reclamava contra o rigor da sentença, lhe dissera — Amigo querido, façamos e digamos somente aquillo para que temos tempo — Miserere me Dei, repetindo dahi em deante este singelo grito do peccador perante o Deus das suas crenças até cahir deante do pelotão.

*
**

Cousa digna de nota é que estes homens de penna e de estudos, estes litteratos como João Ribeiro, como Miguelinho, mostraram mais sinceridade nas suas opiniões, mais grandesa na alma deante da derrota e da morte do que os ouvidores como Antonio Carlos, os capitães-móres como Francisco de Paula que passaram para o partido real logo que o viram vencer.

Pedroso, attenta a figura notavel que lhe constava terem feito no motim de 6 de Março, fixou suas vistas em Manoel de Azevedo do Nascimento, sargento-mór do regimento de infantaria do Recife e que sobre o dito regimento tinha tanta ou maior influencia que o coronel; não só por não militarem contra elle as objecções que contra os tres militavam, como principalmente por ser parente chegado de seu amigo Gervasio Pires Ferreira: e succedendo que nesse dia o dito sargento-mór fosse visitar ao seu parente que estava perigosamente doente e indo comprimentar a elle respondente no quarto que occupava aproveitou-se da occasião para o tentar e elle mesmo lhe deu azo disso, principiando a queixar-se dos embarços em que se via mettido, ao que lhe replicou que o remedio estava em suas mãos em tendo coragem: concordou e passou a abrir-se com elle depois das precisas cautelas, acceitou a abertura, prometteu fazer da sua parte o que pudesse e que depois lhe daria parte; no emtanto cuidou em conformar sua conducta ás circumstancias e furtar-se ás suspeitas de agentes insurreccionaes, sempre desconfiados, executando com exactidão as ordens que lhe eram dirigidas para as camaras da sua comarca, tomando o tom e linguagem do tempo e cumprimentando assiduamente os membros do governo que mais figuravam, quaes eram Domingos José Martins e Domingos Theotônio

Ao mesmo tempo que partira do Rio de Janeiro a esquadra do almirante Rodrigo Lobo, tinha tratado o governo real de aprestar um corpo de exercito para enviar a Pernambuco e a população da capital havia ajudado com afan o governo.

Tropas voluntarias tinham vindo de Minas e S. Paulo e saudações entusiasticas acompanharam com acclamações o embarque dessas forças nos caes do Rio de Janeiro.

Para commandar estas tropas e governar a capitania foi nomeado o general Luiz do Rego Barretto que já tinha servido na guerra peninsular sob as ordens de Wellington, epocha em que havia tomado parte de nota nas batalhas de Arapiles e San Sebastian de Biscaia.

Jorge, procurando mesmo o coronel Manoel Correia de Araujo, apesar de conhecer que era simplesmente uma machina de assignar, por temer d'elle algum resaiibo de desaffeição, visto ter querido autual-o e prendel-o por insubordinação, pouco tempo antes da revolução, o que succedeu de um até tres do mez de Abril.

Pelos meados do mez de Abril e não lhe tendo ainda Manoel de Azevedo communicado o resultado das suas operações, succedeu pretender o governo intruso mandar um cabo e tropas contra os habitantes de Ipojuca e Serinhaem que tinham voltado aos sentimentos de lealdade, o que visto por elle, insinuou ao Padre João Ribeiro que o capitão mór de Olinda lhe parecia o mais proprio para isso; e nomeado pelo governo o dito capitão-mór, e accitado por elle respondente o ter convencido de ante-mão da necessidade, ajustou com elle que trabalharia por conciliar os animos da tropa que ia commandar, buscaria communicar-se com os habitantes leaes do Sul e igualmente com as tropas que se disia terem partido da Bahia, evitando debaixo de todos os pretextos comprometter-se em choques contra as forças de S. Magestade e elle respondente lhe prometteu tomar as suas intelligencias no Recife e apoiar as petições de mais gente que elle fizesse para o reforçar e enfraquecer a capital; communicou estas disposições a Manoel de Azevedo, o qual, depois de partido o capitão-mór, lhe communicou nos fins de Abril o estado dos seus trabalhos, segurando-lhe uma força effectiva respeitavel e cooperação de alguns officiaes, dentre os quaes se lembra de um capitão Ma-

Foi logo instituído em Pernambuco um tribunal militar que condemnou á morte pela força a Domingos Theotónio Jorge, José de Barros Lima, o padre Pedro de Souza Tenório, Antonio Henrique Rabello, Antonio Pereira de Albuquerque, José Peregrino Xavier de Carvalho, Amaro Gomes da Silva Coutinho, Ignacio Leopoldo de Albuquerque Maranhão e Francisco José da Silveira.

Como se ainda não fosse bastante tão consideravel numero de suppliciaados, foi instituída ainda uma alçada especial da qual foi nomeado presidente o desembargador Bernardo Teixeira Coutinho Alvares de Carvalho.

noel de Sousa; que cumprindo-lhe dar parte ao capitão mór deste resultado, o não fez logo, por se querer livrar de Domingos José Martins que partia para Santo Antão, á frente de mais de tresentos homens, compostos pela maior parte de valentões o destemidos de que elle andava sempre rodeado; sahindo o dito Martins logo no outro dia ou seguinte chegaram officios do capitão-mór ao governo noticiando-lhe um chóque contra os habitantes de Ipojuca e Serinhaem e logo depois officios de Domingos José Martins, datados do engenho do Soccorro, avisando ao governo que por ser mais util deixava a ida para Santo Antão e marchava para o Cabo a unir-se com o capitão-mór; estes dois factos sustaram o seu projecto de comunicação; a conducta do capitão-mór, apesar de conhecer-lhe os sentimentos e attestar-lhe nos seus officios ao governo que fôra forçado a defender-se, não deixava de fazer vacillar elle respondente por violar o que tinham pactuado; e demais a reunião de Domingos José Martins tornava impraticavel qualquer esforço d'elle, ainda quando estivesse animado da melhor vontade e sentimento; communicou elle respondente tudo a Manoel de Azevedo animando-os segurando-lhe que estes successos, se retardavam a marcha d'elle respondente, não lhe estorvavam a sua ultimação, obrando em consequencia desta resolução e succedendo desconfiar Domingos Theotónio do commandante do forte do Brum que tinha sido ajudante de ordens de Caetano Pinto de que não certo, cujo nome ignora, insinuou-lhe deístrameste que occupasse no dito commando a Francisco de Paula Cavalcante, capitão de artilheria, filho do dito capitão mór de Olinda e disto avisou ao mesmo capitão-mór por um mulato seu que lhe

Este homem feroz cobriu Pernambuco com uma rede de delações, de processo e de perseguições que espanta ler os autos por causa delles feitos.

Os amigos dos amigos, os parentes, os que se apiedavam dos presos, os que noutro tempo os haviam conhecido e amado foram todos envoltos nas proscricções, presos e submettidos a horriveis tratamentos.

E muitos eram innocentes de qualquer participação na ephemera republida de 1817!

De tresentos e tantos presos, muitos não tiveram culpa proporcional ao que soffreram.

Alguns se suicidaram na prisão, como Antonio José Cavaleante Lins.

parece se chamava Belchior, e o aviso era do seguinte conteúdo —Os nossos negocios do Recife vão bem, seu filho vae ser nomeado para o commando do Brum estimarei que tudo vá lá egualmente e que me avise—

Este aviso foi no dia 6 ou 7 de Maio; esperou elle respondente tres ou quatro dias pela resposta do dito capitão-mór e vendo que não chegava começou a assustar-se e resolveu-se a tentar a fuga para Pão do Alho que dias antes arvorara as bandeiras reaes e para onde se tinha escapado por aquelles dias o coronel Manoel Correia de Araujo; partio para Olinda a arranjar os seus negocios, deixando dito na casa em que se hospedava que naquella noite não voltaria á casa, á Boa Vista chegado a Olinda de manhã cedo e cuidando em apromptar-se para partir chegou á sua casa repentinamente o padre João Ribeiro e sua guarda, enviado por Domingos Theotônio e acompanhado de uma carta do mesmo por desconfiar que desse o mesmo passo de Manoel Correia de Araujo ha pouco dera; na dita carta cheia de lisonja instava muito o dito Domingos Theotônio a elle respondente pela sua volta e o Padre João Ribeiro lhe affirmou, ainda que com boas maneiras que não partia sem elle respondente; ficou para jantar e no entanto recebeu nova carta particular do Padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, professor de rethorica que occupava um dos logares de secretario no serviço dos revolucionarios.

Nella o avisava o dito Padre que Domingos Theotônio, desconfiado delle respondente, usava em publico de bons termos para o fazer voltar mas tinha em particular tomado medidas infalliveis para impossibilitar a sua

Outros morreram de molestia nos carcerees da Bahia para onde os juizes da alçada os fizeram transferir, onde fo' instaurado parte do processo e onde correram os seus tramites quasi todos.

Foram crueis estes transportes em porões horriveis, entre algemas e correntes de ferro aos pés e gargalheiras pelo pescoço.

Em Pernambuco desavieram-se o governador Luiz do Rego e o presidente da alçada desembargador Bernardo Teixeira.

E cousa extraordinaria!

O soldado foi mais elemente do que o magistrado!

evasão e que como amigo lhe aconselhava não tentasse tão ardua empreza; (nota que a carta de Domingos Theotônio deve existir entre os papeis que lhe foram apprehendidos pelo ter conservado, a outra não, pelo ter rasgado) voltou pois acompanhado do Padre João Ribeiro para o Recife com a sua guarda, logo depois do jantar, o que foi sete ou oito dias antes da restauração.

Continuou na Boa Vista onde morava acudindo aos chamados de Domingos Theotônio que por esse tempo se tinha apoderado de todo o governo até que no dia 16 lhe chegaram noticias de uma canhonada que tinha havido entre as tropas da Bahia e o corpo que commandava o dito capitão-mór.

Na noite desse mesmo dia chegou o mesmo capitão-mór e dando parte a Domingos Theotônio procurou amedrontal-o com o numero de tropas reaes que disia montarem a mais de 5 mil homens, ordenou Domingos Theotônio um conselho para o dia 14 e ordenou a elle respondente que nelle apparecesse; sahio elle respondente do quartel-general com o capitão-mór de Olinda: no caminho pedindo-lhe explicação de sua conducta que lhe parecia pasmosa e contraria ao ajustado, respondeu-lhe que não tinha sido senhor de si, que fôra arrastado, pela força das circumstancias e que a tropa indisciplinada e clamorosa o tinha forçado á defeza, alem do amor natural á sua vida que vira em perigo pela conducta cruel do marechal Cogeminho que assassinara mais de cento e tantos homens sem defeza, nem ataque, e que para prova da sua lealdade não destruiu as munições de bocca e guerra como podia fazer e disto dera parte ao dito marechal: que estava prompto a coóperar de novo com

O juiz deve ser um pouco como o professor que leva os seus alumnos pelas asperezas que abroham o caminho na investigação da verdade, á semelhança do feixe de luz que, atravez de noute escura, vae a guiar a marcha por estrada tenebrosa e desconhecida.

Quando o juiz não é recto se torna um algoz e um gemonio, isto é, uma cousa execravel como o genio do mal.

Luiz do Rego foi muito accusado de intolerancia e de fereza e o livro do Sr. Muniz Tavares é um tremendo libello contra elle.

Entretanto a luz se vae fazendo aos poucos sobre a sua acção.

elle respondente e Azevedo fazendo que os insurgentes ou abandonassem o Recife com o temor das tropas cujo numero elle exaggerara de proposito, ou sahindo elles á oppor-se ás tropas reaes, estorvando a volta delles ao Recife, onde ambos levantariam as bandeiras reaes e se communicariam com o bloqueio; approvou elle as suas razões e plano e retirou-se.

No dia 17 foi ao quartel de Domingos Theotonio e vendo-o vacillante propoz-lhe pela ultima vez o recurso da piedade de el-rei; parecia approvar esta lembrança e fahendo reacter certas condições de entrega ordenou a todos os que estavam presentes que as assignassem, apesar d'elle e os mais lhe representarem que elle só devia assignar.

Assignadas as condições levou-as elle respondente por sua ordem a José Carlos Mayrinck o qual, com Henrique Koster, negociante inglez, partio com elles para o bloqueio e lá dormiram a noite do dito dia 17; no dia 18 foi elle respondente chamado por Domingos Theotonio e appareceu no seu quartel, aonde achou juntos o dito capitão-mór de Olinda e seu irmão o coronel, e os mais coroneis dos corpos; e ahi, depois de varios debates, resolveu Domingos Theotonio sahir a oppor-se ás armas reaes á testa da gente que tinha acompanhado, dos coroneis José de Barros Lima, Pedro da Silva Pedroso e o coronel dos pretos, e o capitão mór de Olinda nomeou governador do Recife e ordenou a elle respondente e ao Dr. Caldas que acudissem aos seus chamados.

Recolheu-se contente por ter colhido parte dos seus fins e ajustou com o capitão-mór de sahir nesta tarde

Em uma carta dirigida a Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal, seu amigo e ministro de D. João, elle se queixava das perseguições movidas por Bernardo Teixeira, dizendo que a devaça que se estava a faser era um processo muito irregular, pois tomavam-se para testemunhas pessoas sem imputabilidade nem credito e que as testemunhas eram ameaçadas e maltratadas para só exporem o que o juiz queria.

Em outra diz que as prisões da Bahia, já atulhadas de prisioneiros, iam receber mais de cem outros, os quaes já tinham mais de 16 mezes de prisão rigorosa e muito poucos dos quaes haviam tomado parte na revolução.

Demonstrava o estado de abatimento da capitania e pedia que lhe fossem minorados tão temiveis males.

para Olinda e voltar logo no dia 19; e tendo de dar aviso a Manoel de Azevedo não o poudo fazer logo; e, sahindo para lh'o communicar, foi elle respondente novamente chamado por Domingos Theotonio pelo fim da tarde; e lhe communicou que José Carlos voltara e nada conseguira do bloqueio; que as suas forças tendo considerado mais maduramente lhe pareciam poucas para se oppôr aos seus inimigos e que por isso tinha resolvido abandonar o Recife e entranhar pelo sertão onde se refizesse e depois viesse a atacar as tropas reaes, que comtudo não deixava de mandar nova mensagem ao bloqueio, cuja resposta esperava até o meio dia, e se não viesse marchava e o mesmo faria o capitão-mór de Olinda e seu irmão, e o mesmo ordenava a elle respondente que o fizesse; e nestes instantes chegou José da Cruz Ferreira a quem entregou a nova mensagem em que fallava; espantou a elle respondente a nova resolução do capitão-mór tão contraria ao novo ajuste e pareceu-lhe arдил de Domingos Theotonio para os obrigar uns com os exemplos dos outros; procurou aquelle na mesma noite para o desenganar, não o achou, e julgou acertado ir esperal-o a Olinda por onde devia passar, afim de explicar-lhe suas novas intenções ou confirmal-o nas antigas; partio no dia 19 pela manhã para Olinda e ahí ficou até a tarde sem ter noticias do capitão-mór, nem da tropa que viesse; quasi no fim da tarde recebeu ordem do capitão de caçadores Antonio José Victoriano para marchar, pois que assim o ordenava o governador Domingos Theotonio; jul-

Havia sido promulgado em 6 de Fevereiro de 1818 um indulto para os compromettidos na revolução mas não se tendo ainda apurado quaes eram os culpados neste processo cujos autos formavam um volume de mais de 8 mil paginas, tornou-se para muitos illusorio o favor regio.

Commove ler as listas das victimas que ainda tres annos depois, em 1820, o Soberano mandava incluir no indulto de 1818, pessoas todas presas nas cadeias da cidade da Bahia.

Barbara Pereira de Alencar era uma sexagenaria, mãe do sub-diacono José Martiniano de Alencar, envolta na desgraça que perseguia o filho.

Thomaz Ferreira Villa Nova e Joaquim Ramos de Almeida, eram ambos maiores de 60 annos. Manoel Luiz de Albuquerque Maranhão, pelo contrario, tinha 18 annos e Manoel de Jesus parece ser ainda mais novo, porque a lista de perdão diz Manoel de Jesus, rapaz pequeno.

gou prudente obedecer *pro interim* e caminhou incorporado ao regimento de mulatos que encontrou no caminho o espaço de legua e meia, com pouca differença; dali separando-se delles foi pousar á casa do Padre Antonio José Cavalcante Lins no engenho do Paulista, onde se conservou até no dia 20 á tarde, e ouviu ahi diser-se que o capitão-mór tinha entregue o Recife ao bloqueio; o que o faria voltar logo se as estradas não estivessem estorvadas pelas tropas insurgentes; resolveu-se a occultar-se em Iguaraçu até poder com segurança apresentar-se ao governo interino do Recife; chegou no dia 20 á noite e se conservou até 3 ou 4 de Junho, como disse, em rasão de estarem as estradas infestadas pelas tropas da Bahia que tudo assolavam, roubavam e insultavam; e finalmente no dito dia que já as estradas estavam livres se foi apresentar na forma que disse já e partio acompanhado pelo official de Iguarassu e dois soldados e apresentando-se ao general interino, o qual, sem attenção á maneira de sua apresentação, pessoa e cargo, e sem ao menos o ouvir, o mandou conduzir á prisão descoberto e carregado de ferros na prisão, onde lh'o poseram.

Perguntado quem foram os que assignaram as condi-

Outros eram escravos como Maria, Ussá e Maria, creoula pequena, escravas do fallecido José Felix de Albuquerque.

No mesmo vento de proscricção e de desgraça haviam sido, como se está vendo, apanhados e envolvidos, velhos de 60 annos, pretas escravas e creanças de 18 annos e ainda de menor idade.

Todos haviam soffrido e gemido e com certesa diversos delles não tinham ideia exacta do que se queria faser em 6 de Março de 1817, em lugar do regimen que se estava derrubando.

ções que disse que Domingos Theotonio mandara redactar.

Respondeu que foram os dois governadores provisórios, o padre João Ribeiro Pessoa de Mello Montenegro e Domingos Theotonio Jorje e não assignou o governador José Luiz de Mendonça por não estar presente, mas creê que se deixou um meio para o seu nome e que se mandou chamar; assignaram mais os secretarios padre Miguel Joaquim de Almeida Castro e o padre Pedro de Souza Tenorio, ajudante do secretario, José Carlos, mais o Dr. Manoel Pereira Caldas, elle respondente e o capitão-mór d'Olinda que eram os que se achavam presentes.

Perguntado se Domingos José Martins, quando lhe disse que desconfiava do Capitão-mór de Olinda Francisco de Paula, por elle, quando veio para o Recife vir mais em favor de S. Magestade do que do partido delles lhe explicara a razão por que assim desconfiava delle e o modo com que elle viera para o Recife?

Respondeu que a causa que Domingos José Martins lhe deu da sua desconfiança foi a vinda do dito capitão-mór do Recife; não explicou porem como ella viéra, nem a maneira porque deduzira disso as suas suspeitas.

Perguntado se elle viu ou assistio ao conselho que o governo fez e resolução que tomou para uma embarcação ir a Moçambique conduzir para Pernambuco a José Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque governador de Moçambique, irmão do dito capitão-mór de Olinda Francisco de Paula e se este seu irmão o coronel Francisco de Paula assistiram a este conselho e votaram nessa resolução assim como se sabe ou ouviu que esta embarcação fosse e o capitão por quanto foi ajustado para esta viagem, por constar que Domingos José Martins fôra autorizado pelo governo para faser este ajuste?

*
**

Nesta mesma sala já me referi uma vez a dois juizes que infamaram a tóga pela sua implacavel crueldade, pela sua indifferença á justiça e á moral e que agiram para agradar aos que estavam acima delles, aos personagens de quem esperavam recompensas, avanços, grandesas e favores.

Um delles, Jeffres, inquiria as testemunhas injuriando-as quando não culpavam os réos, invectivava a estes, ameaçava-os, prejudgando para medrontal-os com a morte que lhes promettia e pronunciava as sentenças quasi sempre bebado.

Foi assim que subio a grande juiz de Inglaterra!

Respondeo que depois que chegou e assistio ás sessões nunca se tratou semelhante materia, e apenas ouviu diser que o governo se propozera a isto, mas não sabe se o fez ou não, nem sabe que partisse embarcação alguma para o dito effeito.

Perguntado quaes eram do governo ou de fóra d'elle que elle observou serem os predominantes ou principaes autores da revolução e de a sustentar?

Respondeu que os que predominavam no governo eram Domingos José Martins, Domingos Theotonio, Jorje e o padre João Ribeiro que se aggregavam em que com muito menos peso os outros dois governadores José Luiz de Mendonça e Manoel Correia de Araujo, não gosavam de consideração alguma, um pela sua volubilidade de character, o outro pela sua inercia conhecida; da parte dentro os de fóra abalisava-se José de Barros Lima; esses eram os que sustentavam a rebellião começada e que foram os autores do motim (nota que não lhe consta serem autores da revolução, a qual não julga premeditada, mas filha necessaria do primeiro movimento).

Perguntado se servio algum tempo de ouvidor de Olinda por autoridade dos rebeldes, ou se servio este lugar por autoridade delles até o fim, e se servio de juiz da inconfidencia em ultima instancia pelos rebeldes e se exerceu este lugar e por quanto tempo?

Respondeo que já na exposição da sua conducta affirmou ter continuado a servir de ouvidor de Olinda, obrigado por uma força superior a toda a resistencia e que fóra nomeado para um dos juizes do tribunal de incon-

O outro typo muito mais fino, mas igualmente máo para agradar ao seu soberano cujos desejos conhecia, torturou o desgraçado *Peacham* para poder obter uma confissão falsa de crime não commettido, levou elle proprio os interrogatorios com tratos, augmentando os tormentos até os extremos da dôr humana e como não conseguiu da victima uma confissão falsa, escrevia desesperado que o diabo era mudo, *a dum devil*.

E foi assim *attorney geral*, lord e grande do reino!

Bernardo Teixeira era tambem um juiz friamente perverso e parece que só o dinheiro abrandava a sua desapiedada duresa.

Uma vez disputou com o tenente-coronel Francisco José de Sousa Soares de Andréa, mais tarde no imperio Barão de Caçapava que era em 1817 secretario de Luiz do Rego, sobre um velho de 80 annos que o governador e Andréa queriam salvar, dando-o como incapaz de embarcar para a Bahia, onde o queria o presidente da

fidencia ou de appellação de causas de policia, conjuntamente com Antonio de Moraes e Silva e Dr. M. José Pereira Caldas; e na falta do Dr. Moraes com o Dr. Francisco de Britto Bezerra Cavalcante e egualmente foi nomeado escrivão do mesmo tribunal o escrivão da correição de Olinda, por insinuação d'elle respondente, visto ser, ainda que homem de pouca probidade, sujeito á sua influencia; não exerceu porem funcção alguma deste cargo, de que se não chegou a faser sessão alguma.

E declara que servio o lugar de ouvidor de Olinda até o fim, pois ainda que houvesse um projecto de abolição dos ouvidores, comtudo nunca se poz em execução.

E por esta maneira houve elle ministro estas perguntas por findas por ora que lidas ao respondente, disse estarem conformes ao que havia respondido e assignou com elle juiz da Alçada e escrivão assistente do que damos fé.

E eu João Osorio de Castro Souza Falcão, escrivão da mesma alçada que o escrevi declarando que na pagina segunda antes desta, na linha vinte e cinco, se acha a emenda da palavra —aggregava— notada á margem com os sobreditos —assignei— Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva —José Caetano de Paiva Pereira —João Osorio de Castro Souza Falcão.

alçada, em consequencia da sua idade e achaques, como o provaram os necessarios attestados medicos.

E quando Andréa declarou a Bernardo Teixeira que embarcar o preso seria o mesmo que o matar, o juiz respondeu que por isso mesmo que era velho pouco se perdia!

E assim acabou e acabou esta republica de 1817!

A facilidade com que se fez a revolução só pode ser egualada á facilidade com que se fez a contra-revolução.

Situada no meio de um territorio vasto cercada ao Sul por um grande governo, a republica pernambucana só poderia manter-se por algum tempo se contasse com o apoio da administração da Bahia mas não com a hostilidade deste governo, mesmo que o Conde dos Arcos não tivesse feito o que fez.

Bastou o bloqueio de tres navios para diminuir a entrada da farinha, alimento indispensavel para a população.

E só o exercito ido da Bahia decidio a campanha.

Os povos da capitania de Pernambuco, assim como os da Parahyba e do Rio Grande do Norte, não estavam pela revolução, nem se enthusiasmaram sequer muito por ella, visto que o enthusiasmo se bem que força transitoria e pouco solida substitue em certas circumstancias o querer firme e seguro das populações.

Nem este enthusiasmo havia em todos os logares!

Não era com taes elementos que se podia faser uma republica, e uma republica democratica, como é de suppor que fosse a que elles idealisavam fundar.

Tal forma de governo parece que não era bem conhecida por alguns dos proprios chefes do governo, pois como yimos elles não acertaram com o melhor procedimento para organisal-a direito, como o provam as eleições dos conselhos do governo, tanto no Recife como na Parahyba.

E isto se percebe entre os dirigentes, porque quanto ao povo, hoje, cem annos depois, em todo o paiz talvez não se engane quem o supponha carecente de capacida-

de para bem se fazer governar e bem escolher os seus representantes.

As multiplas reformas eleitoraes, a inefficacia de todas as medidas tomadas theoreticamente para tornar uma realidade que cada cidadão exprima a sua vontade politica, revelam de sobra que, ou isso é ainda impossivel entre nós, ou porque a população não chegou a aquilatar o valor de tal prerogativa, ou porque não possuindo a madureza sufficiente para bem escolher, achando-se num estado de manifesta inferioridade, seria absurdo e insensato que lhe deixassem o exercicio sincero dos direitos que tem nas leis, visto que ella não sabe impedir que outros façam em seu nome o que na realidade só ella devia faser.

Por isso tudo, nós que constituimos aqui uma especie de arcade em que se guardam todas as recordações da patria, as grandiosas como as tristes e nefastas, procurando conservar todas ellas como lições de eloquente ensino das cousas notaveis que se tem feito em nossa terra, nas quaes, como afinal em todas as acções humanas o bem se junta ao mal, os nobres commettimentos se acotovelam com os objectos e egoisticos, tudo como é na realidade a alma humana em seus tremendos contrastes, gravamos numa lapide a commemoração dos que soffreram pela patria em 1817, a qual vae ser descoberta pelo Exmo. Sr Governador do Estado para o que o convidará o Exmo. Sr. Presidente do Instituto ao terminar esta conferencia.

*
**

A revolução pernambucana de 1817 é uma prova de como já influíam nos espiritos as ideias de constituir uma patria autonoma, um governo proprio, de formar um paiz para seus filhos.

A duração da republica de 1817 foi apenas de 73 dias mas ella ficou nas lembranças da nossa existencia indelevelmente gravada porque mostra uma aspiração que

muitos guardavam no coração e revela quo o poderio dos portuguezes se podia destruir, que era susceptivel mesmo de ser desfeito rapidamente e que a falta de combinação, de um plano bem concebido e bem executado e a carencia de simultaneidade de acção em differentes capitánias tinham impedido o successo.

A revolução fez-se com muita felicidade. A parte mais difficil porem é a consolidação de um regimen novo e foi ahi o desastre porque tambem não tinha havido um trabalho previo de organização das forças da provincia e não houve a orientação boa que um estudo bem feito teria indicado.

O que acima de tudo immortalisou a revolução de 1817 foi o martyrio de seus devotados heroes.

E' tambem preciso isso para que vinguem as ideias.

A' parte o inicio militar da revolução no dia 6, as mortes desse dia e alguns desvarios outros, ella é uma bella pagina de amor da patria e de sacrificio sublime.

Por causa dos seus ideaes de governo autonomo, morreram muitos patricios illustres, homens honestos e bons cidadãos.

As sentenças no seu exagero glorificaram a estes brasileiros que ficaram assim inscriptos na historia nacional e queridos do povo com os seus mais nobres filhos, pelo seu altruismo e pelo seu sacrificio.

O padre Roma cahindo com tanta dignidade como honra, Luiz de Mendonça, accusando no tribunal a injustiça da sentença e lembrando quantos homens já salvara da morte, Miguelinho religiosamente voltado para Deus ao mesmo tempo que recusava o meio de salvar a vida que lhe insinuavam, negando a firma, Domingos Theotônio do alto do cadafalso no Campo do Erario, disendo que desprezava a morte e que só deixava um amor, o do seu filho que entregava aos pernambucanos e um receio que era o juizo da posteridade, são todos illustres e nobillissimas victimas de uma santa causa.

Os condemnados á morte em Pernambuco tiveram depois de enforcados, as cabeças separadas dos corpos, assim como as mãos, expostas estas partes em logares dif-

ferentes e os troncos arrastados por cavallos até onde deviam ser sepultados, segundo os barbaros e velhos costumes dos paizes da Europa.

Para que nada faltasse á grandesa do seu martyrio o povo, esta maioria humana que em toda a parte, e em todos os tempos e lugares é impressionavel, exaltada e inconsciente e sempre applaude a quem vence, a quem governa e está de cima, perseguio-os sem piedade.

Ao entrarem as levas de presos no Recife só se ouviam os gritos de —*Viva El-rei —vingança contra estes tyrannos.*

Embarcados, ainda a bordo dos navios eram grosseiramente insultados pelas injurias dos que iam vel-os por curiosidade.

E aqui na Bahia se não soffreram as chufas da plebe, foi porque o governo ordenou que os presos fossem desembarcados e condusidos ás cadeias depois da meia noute.

Assim chegaram aqui Antonio Carlos, Muniz Tavares e outros.

Se alguns fiseram covardes retractações para resgatar a vida, a maior parte dos principaes implicados se sacrificou com altruismo, como temos visto tratando de Miguelinho e Ribeiro Pessoa.

Alguns ainda recusaram acceitar o esquecimento da culpa de sedição pelo abandono da causa, quando aliás ella já se podia considerar perdida como o capitão Rego Dantas na Barra Grande.

E' o soffrimento a argamassa das grandes mudanças politicas e sociaes, como a dôr é o elemento inicial da vida.

Ella levanta e fecunda como a semente lançada á terra e por isso o sacrificio dos suppliciados, o captiveiro dos presos na sua longa agonia dos carcerees não foi inutil.

Um lustre apenas depois delles, consummava-se a obra pela qual tinham padecido uns a morte, outros a prisão, as ma's indignas humilhações e aviltantes torturas physicas.

Poderam muitos delles saudar o dia da redempção da patria que nos seus dias de dôr não lhes parecia tão proximo!

São as evoluções dos factos politicos tão certas como as reacções chemicas e a ellas obedecem os povos tão invariavelmente como se agentes chemicos fossem.

Ha em politica, como na sociedade, acontecimentos que em tal tempo não se podem produzir mas que em outro se dão irremessivelmente e vem realisar-se, como a queda dos fructos que se despenham da arvore quando estão maduros.

Foi assim a independencia do Brasil!

Em 1817 não era tempo ainda que fulgurasse o raio donde se alastraria o incendio que alumiu o dia do *Fico*, o dia do Ypiranga e aquelles dias de batalha do cerco da Bahia dos quaes havia de resultar aquelle outro em que o portuguez colonizador partio desta bella terra de Santa Cruz deixando os brasileiros senhores de sua patria emancipada, onde iam agora correr os riscos, travar os amargores, gosar as glorias da liberdade e onde elles iam ser d'ora em diante estrangeiros.

As ideias da independencia deste paiz que tiveram a sua aurora em 6 de Março de 1817 chegaram ao seu meio dia em 2 de Julho de 1823!

ESPIRITO SANTO

O centenario da revolução de 1817 foi commemorado no Espirito-Santo —patria de Domingos José Martins—no dia 12 de Junho, em memoria á data em que foi espingardeado na Bahia o invieto republicano.

A iniciativa das festas, como em outros Estados, coube ao Instituto historico do Espirito-Santo, fundado apenas ha um anno, por esforços do distincto pernambucano dr. Carlos Xavier Paes Barreto e dos drs. Antonio Athayde e Archimínio Mattos.

O Instituto Historico organisou o seguinte programma:

5 horas: —Alvorada festiva pela banda de musica do corpo militar de policia, com as salvas do estylo.

9 horas:—Missa solemne na Cathedral do Bispa-do, celebrada pelo padre dr. Elias Tommazi.

12 horas:—Sessão solemne do Instituto, cuja directo-ria irá em seguida, incorporada, ao palacio do governo levar cumprimentos ao exmo. sr. presidente do Esta-do, pela magna data, e acompanhar depois s. exa. e comitiva ao local da inauguração da pedra fundamen-tal do monumento em homenagem ao insigne mártyr espirito-santense.

14 horas: —Sessão do lançamento da pedra funda-mental do monumento.

Abrirá a sessão o presidente do Instituto, dr. Antonio Athayde, que convidará o exmo. chefe do Es-tado para presidil-a.

S. exca. dará a palavra ao orador do Instituto, que ligeiramente discorrerá sobre o assumpto.

Fará, em seguida, a conferencia, para que foi con-vidado, o dr. Marcilio de Lacerda, presidente do con-gresso legislativo do Estado.

Depois de cantado o hymno espirito-santense pelos alumnos das escolas, haverá o desfile do prestito pelas ruas da cidade, acompanhado pelas forças militares e clubs sportivos, indo dissolver-se em frente ao quartel de policia.

20 horas: —Sessão commemorativa no Theatro Melpomene, presidida pela mesa do Instituto.

Depois de cantado o hymno espirito-santense pela mocidade das escolas, fará uma conferencia sobre a da-ta o desembargador Affonso Claudio, terminada a qual terá lugar uma apothese, sendo então cantado o hym-no da Republica.

Serão todos os actos honrados com a presença do exmo. sr. presideste do Estado, autoridades federaes, municipaes e representantes de todas as classes sociaes.

Do brilho das festas no Espiritó Santo, dá noticia o que a respeito publicou o *Diario da Manhã* de 14 de Junho:

As festas com que o Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo, commemorou o primeiro centenario da morte de Domingos José Martins, revistiram-se do maximo brillhastismo, a ellas concorrendo todas as classes sociaes.

A cidade, notadamente na praça João Climaco, rua Domingos Martins e praça Costa Pereira, apresentava um aspecto festivo.

A's cinco horas da manhã, a banda de musica do corpo militar de policia tocou alvorada em frente ao quartel e percorreu em seguida varias ruas da cidade.

A's 9 horas da manhã, teve lugar a missa solemne, que o Instituto Historico e Geographico fez celebrar na cathedral do bispado.

Esse acto foi muito concorrido, a elle assistindo o exmo. sr. presidente do Estado, que se fez acompanhar de suas casas civil e militar, secretario geral do Estado, chefe de policia, magistrados, directoria e membros daquelle Instituto, alumnos do Gymnasio Espirito-Santense e pessoas gradas.

Foi celebrante o padre dr. Elias Tommazi, estando a orchestra a cargo das senhorinhas Netto.

Após a missa solemne, a directoria e mais associados do Instituto Historico e Geographico acompanharam o exmo. sr. presidente do Estado até o palacio do governo.

A's 13 horas, teve lugar a sessão solemne, daquelle agremiação scientifico-literaria em sua séde provisoria, num dos salões do congresso legislativo.

A SESSÃO DO INSTITUTO — Aberta a sessão pelo dr. Antonio Athayde, foi lido o relatorio pelo dr. Antonio M. Pimentel, 1.º secretario, e em seguida dada a palavra ao orador, dr. Carlos Xavier, que falou sobre a data e declarou ter o summo prazer de não poder cumprir o disposto nos estatutos, que dão como principal missão do orador nas sessões de anniversarios: fazer o elogio dos socio fallecidos. Felizmente para o Instituto nenhum socio falleceu durante o anno social.

Congratulando-se com os seus consocios por esse

facto, terminou salientando o duplo fim da commemoração do anniversario do Instituto e o centenario da morte de Domingos Martins.

A's 13 e meia horas, incorporados, foram a directoria e os socios a palacio convidar o exmo. sr. presidente do Estado, afim de assistir á solemidade do lançamento da pedra fundamental do monumento á Domingos Martins á praça João Climaco.

Sua exa. acquiesceu, indo ao local em companhia de suas casas civil e militar.

Assistiram ao acto os srs. presidente do Congresso legislativo, presidente do Tribunal superior de justiça, prefeito da capital, chefe de policia, presidente do Instituto historico e geographico, desembargadores, juizes de direito da capital, commandante e officiaes de policia, advogados, representantes de associações, varias familias e grande massa popular.

Ahi falou o dr. Antonio Athayde, convidando sua exa a presidir aquella solemidade. O chefe do Estado accitou a incumbencia, dando a palavra ao orador official dr. Carlos Xavier.

S. s. começou salientando a necessidade de serem perpetuados no bronze os feitos notaveis, systema esse que foi adoptado entre os povos antigos, especialmente no Egypto, na China, na Grecia e em Roma.

Mostrou o valor do culto no heroismo e disse que naquelle momento o Espirito Santo pagava a divida de um seculo.

Estudou os antecedentes historicos, proximos e remotos, da revolução de 1817, sem esquecer os sonhos republicanos bafejados por Napoleão Bonaparte.

Mostrou a situação de Pernambuco no governo de Caetano Pinto Montenegro e os impetos autonomicos dos pernambucanos, que em 1817 foram grandemente auxiliados pela mascula figura de Domingos Martins, espirito superiormente educado e esclarecido.

Descreveu a bondade, o civismo, a altivez e o denodo dos revolucionarios, antes, na revolta, e depois della. Passando ao facto da commemoração, fez ver que ha cem

annos, naquella mesma hora, 3 martyres sahiram da prisão bahiana para o supplicio do Campo da Polvora: Miguelinho, José Luiz de Mendonça e Domingos Martins.

Estudando demoradamente cada um delles fez ver o heroísmo com que se portaram até o deradeiro instante. Em seguida declarou que a cerimonia a que assistio vinha demonstrar a immortalidade de Domingos Martins.

Depois de agradecer a s. exc. o sr. presidente do Estado em nome do Instituto, a solicitude com que trabalhou para aquella festa a que no momento honrava com a sua presidencia, terminou parodiando a phrase de Victor Hugo no centenario de Voltaire: "Ha cem annos morria um immortal."

Após o discurso do orador, passaram todos ao pavilhão fronteiro onde o sr. dr. Marcilio de Lacerda fez a bellissima conferencia sobre Domingos Martins.

Após a conferencia approximaram-se todos novamente do sitio onde ia ser lançada a pedra fundamental do monumento a Domingos Martins, tendo sido collocados, no lugar adequado, actas, Revista do Instituto Historico e jornaes do dia pelo presidente do Instituto, dr. Antonio Athayde. Neste momento os alumnos do Lyceu Philomatico cantaram o hymno espirito-santense e a banda do corpo de policia tocou o hymno da revolução, composição de Camillo Ribeiro dos Santos, distincto musicista parahybano.

Finda a cerimonia, usou ainda da palavra o dr. Carlos Xavier, para fazer (em nome do Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo) entrega da pedra fundamental inaugurada, ao municipio de Vietoria, ali representado pelo respectivo prefeito dr. Henrique de Novaes.

Esperava que fosse o monumento zelado com dedicação e carinho, afim de que aquelle, cujo trabalho, e no momento, nos servia de gloria, pudesse de futuro servir-nos de exemplo.

Durante toda a cerimonia formaram o corpo mi-

litar de policia, sob o commando do capitão Abilio Martins, o tiro 43, os alumnos do Gymnasio Espirito Santense, os da Escola de Aprendizizes Artifices e Lyceu Philomatico, os quaes, após a cerimonia, desfilarão garbosamente pelas ruas da cidade.

*
**

Após essa solemnidade, s. exc. voltou a palacio acompanhado pela sua commitiva e pessoas de representação.

Ahi o exmo. sr. presidente do Estado, ás 15 horas, no salão nobre do palacio, recebeu os cumprimentos dos membros do Instituto Historico e Geographico e de numerosas pessoas gradas, representantes de todas as classes que o felicitaram pela memoravel data.

A' noite realiosu-se no Theatro Melpomene a sessão civica, falando o desembargador Affonso Claudio, illustre publicista e homem de letras.

CAPITAL FEDERAL

Por iniciativa do Instituto historico brasileiro houve solemne commemoração da passagem do 1.º centenario da revolução.

O governo se associou ás commemorações do centenario da Revolução pernambucana declarando feriado o dia em todo o territorio nacional e fazendo circular os novos sellos commemorativos do centenario.

Esses sellos ficarão em circulação até o dia 7 de Setembro do corrente anno.

No Archivo Nacional, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde, ficaram em exposição os 17 volumes do "Processo da Revolução", vendo-se entre as peças uma proclamação com as assignaturas dos membros do Governo autonomo installado em Recife, o "Processo Revolucionario", do advogado Luiz de Mendonça.

O dr. Sebastião Galvão, socio benemerito do Insti-

tuto archeologico e auxiliar do Archivo, ministrou a todos os visitantes informações sobre os objectos expostos.

Transcrevemos do *Jornal do Commercio* o seguinte relato:

INSTITUTO HISTORICO — Realisou-se ás 4 horas da tarde a sessão solemne especial, commemorativa do primeiro centenario da revolução pernambucana de 1817, sob a presidencia do Sr. Conde de Affonso Celso, Presidente perpetuo do Instituto.

Estiveram presentes os seguintes socios: Srs. Conde de Affonso Celso, Desembargador Antonio Ferreira de Souza Pitanga, Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, M. Fleiuss, Dr. Eduardo Romão Pinto, Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, Dr. Theodoro Sampaio, Dr. Augusto Tavares de Lyra, Ministro da Viação; Almirante Antonio Coutinho Gomes Pereira, Basilio de Magalhães, Dr. Augusto Olympo Viveiros de Castro, Dr. Amaro Cavaleanti, Aurelino Leal, Chefe de Policia; Alexandre José Barbosa Lima, Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, Pedro Souto Maior, Miguel Calmon, Alfredo Valladão, Tobias L. Figueira de Mello, Major Dr. Liberato Bittencourt, Marechal José Bernardino Bormann, General Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, Dr. José Americo dos Santos, Annibal Velloso Rebello, Conde de Leopoldina, Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, Homero Baptista, Eduardo Marques Peixoto, João Coelho Gomes Ribeiro, Coronel Jesuino da Silva Mello, Dr. Nelson de Senna, Antonio de Barros Ramalho Ortigão, Ernesto da Cunha de Araujo Vianna, Joaquim Nogueira Paranaguá e Dr. Edgard Roquete Pinto.

Ao abrir a sessão, o Sr. Conde de Affonso Celso, Presidente, disse as seguintes palavras.

“A sessão especial de hoje tem por objecto exclusivo a commemoração do movimento revolucionario pernambucano que, ha exactamente um seculo, depoz o regimen absolutista da metropole e organizou o primeiro governo autonomo de nossa patria, o qual exerceu a sua autoridade em tres dos actuaes Estados da União, revelou

altos designios, procedeu com energia, bravura e honestidade, pagando com o holocausto de muitas preciosas vidas a aspiração de ver o Brasil independente e livre.

Antes, porém, de dar a palavra ao eminente orador incumbido da rememoração, proponho, e tal o fundamento da proposta que antecipadamente a considero adoptada—que, na acta da sessão, se consigne a intensa magua do Instituto, pela perda do seu eximio bibliothecario, Dr. José Vieira Fazenda.

Espirito tão elevado, culto e encantador, quanto original, jámais quiz elle pertencer como socio, ao nosso gremio.

Ninguém, entretanto, mais do que elle concorreu para a sympathia e prestigio de que, em todo o paiz, goza o Instituto.

Emquanto viver a nossa corporação, perdurará nelle a memoria do dr. Vieira Fazenda aureolada de respeito, reconhecimento e saudade.

Rendido este justo preito, cumpre-me declarar que o Instituto celebra hoje de duas maneiras a revolução de Pernambuco.

A primeira é distribuindo a parte primeira do tomo setenta e nove de sua "Revista", com a "Historia da Independencia", por Varnhagen, cujos originaes, encontrados no archivo do Barão do Rio Branco e por este annotados, foram gentilissimamente, em Maio do anno passado, offerecidos ao Instituto pelo presado consocio, Ministro das Relações Exteriores, Dr. Lauro Muller.

Em menos de dez mezes examinaram-se, coodernaram-se, completaram-se os autographos, enriquecidos pelos commentarios do seu glorioso ex-Presidente perpetuo, redigio-se minucioso e erudito relatorio sobre a obra, compoz-se, imprimio-se, ultimou-se o volume de 600 paginas.

Dessas 600 paginas, são occupadas 100 por notas originaes da commissão encaregada do serviço, e composta dos Srs. Ramiz Galvão, Pedro Lessa, Max Fleiuss, Vieira Fazenda e Basilio de Magalhães, a que auxilia-

ram os Srs. Drs. Rodolpho Garcia e Pedro Souto Maior, nosso actual bibliothecario.

O simples enunciado dos factos dispensa qualquer encarecimento da fórma sobremaneira diligente, distinta e escrupulosa como a commissão desempenhou o seu mandato.

Mandam a verdade e a justiça que se destaquem os nomes do Sr. Basilio de Magalhães, que elaborou o relatório e principal autor do trabalho, bem como o do Snr. Max Fleiuss, Secretario perpetuo.

A todos os applausos e agradecimentos do Instituto.

Devo tambem agradecer a dous insignes artistas brasileiros, Rodolpho Amoedo e Antonio Parreiras, o primeiro dos quaes desenhou para a "Revista" bello retrato de Varnhagen, e o segundo que adornou a nossa sala com o esboço do inspirado quadro "O padre Miguelinho", um dos heroes de 1817.

Agradeço, por fim, e mui particularmente, ao Exm. Sr Dr. Alexandre José Barbosa Lima a boa vontade e delicadeza com que annuo ao convite que, em meu nome e no do Instituto, tive a honra de dirigir-lhe.

Filho de Pernambuco, de que, em época agitada, foi insignemente o magistrado supremo, alliado, por afinidade a um dos proceres de 1817, tribuno consagrado notavel homem de sciencias e de letras, imperterrito em suas convicções politicas, merecedor de geral estima, acatamento e admiração, por peregrinos pred'cados mentaes e moraes, S. Ex. estava naturalmente indicado para a nobre missão, em tudo aparelhado para executal-a de modo digno de S. Ex., do Instituto e do acontecimento a commemorar.

O Instituto, ainda uma vez, cumpre hoje o programma civico a que se tem dedicado, nos seus quasi oitenta annos de existencia, mais do que nunca convencido da verdade deste conceito de um pensador: — augmenta-se a energia nacional quando se dá ao povo orgulho de sua historia.

Com satisfação, desvanecimento, certo de que vai

corresponder á nossa expectação, senão ultrapassando-a, dou a palavra ao Sr. Dr. Barbosa Lima."

Neste momento a banda do Corpo de Bombeiros, postada no saguão do edificio, executou o Hymno da Independencia, que foi ouvido de pé por toda a assistencia.

O orador official da commemoração, ao deixar a sua poltrona de socio do Instituto para assumir a tribuna, foi saudado pelo auditorio que enchia litteralmente o recinto.

O illustre parlamentar leu o seguinte substancioso trabalho.

Discurso do Dr. Barbosa Lima

Malo periculosam libertatem...

TACITO

Meus Compatriotas

Quiz a fatalidade historica que a um rebelde e obscuro inconfidente de 15 de Novembro,—devoto do heroismo lendario do incomparavel Pernambuco, houvesse hoje de ser dada a palavra para rememorar os feitos e evocar os martyres, confessores da fé republicana, paladinos da independencia brasileira, por igual inconfidentes e rebeldes que a Legalidade de ha um seculo declarou infames.

Essa infamia é o que nós glorificamos hoje.

Esse crime é o que lhes dá, aos heroes de 17, a aureola maxima da virtude civica.

O que festejamos, o que aqui solemnizamos, identificando-nos com as victimas augustas e condemnando a crueldade do verdugo alienigena, —o que applaudimos e louvamos é o que a magistratura da realza chamou o attentado infando.

No sentir do piedoso e intrepido Tiradentes, o patibulo, como a cruz do seu Divino Salvador, não infama e não deshonra.

Tambem o cadafalso a que subiu o magnanimo Domingos Theotonio transfigura-se para a Posteridade, re-dimida num altar excelso.

"A morte não me aterra, —exclamava de sobre o lugubre tablado o dictador generoso, —o que me aterra é a incerteza do juizo da Posteridade!"

Alma spartana, tiveste a clara visão, que te entristecia, da longa noite em que afundavas.

A incerteza sacrilega ainda ahí está no coração escuro de muitos—quem diria! brasileiros alimentada pelos postulados da historiographia secca.

Nesta hora turva de inexcedivel desordem mental não somos, ah! não somos ainda, aquella longinqua Posteridade, á qual está reservada a apothoese que definitiva canonizará o candido discipulo de Condorcet,—o virtuoso RIBEIRO PESSOA —o energico e abnegado DOMINGOS MARTINS, o implacavel RABELLO e o DICTADOR clemente, o stoico MIGUELINHO, o intrepido e esclarecido TENORIO, o devotado PADRE ROMA, o sabio FREI JOAQUIM DO AMOR DIVINO CANECA, e tantos, na milicia e no clero, e onde quer que em cada classe lavrou o incendio, que o amor da Patria alimentava, e tantos, que no dizer ingenuo do chronista entusiasta, que *fogosamente se desposaram com a Liberdade*.

Para que unanime se pudesse constituir o excelso Tribunal da Posteridade, ouvindo o supremo appello do amargurado martyr, um seculo, um tormentoso seculo de demolição doutrinaria, escasso tempo foi.

O centenario que aqui e alli raros congrega hoje os Brasileiros entre a desorientação mental e o desanimo dos corações sem norte, quasi despercebido perpassa, não sabido das multidões, que ainda são como aquelles—"pardos e caboclos" —das Alagôas inconscientes, combatendo nas hostes do *marinheiro* Cogominho contra os Patriotas do Recife.

Encontrando uma geração de scepticos e de pessimistas, literariamente divididos entre —"germanophilos e alliadophilos" —é o 6 de Março ainda hoje curioso

thema de erudição esteril, lembrado e discutido apenas pelos brasileiros doutores, —um que outro ufano e commovido, mas em maior numero muitos mais, sinão indifferentes, roídos de restricções elegantes e empastados em psychologias complicadas. Os aulicos menos escrupulosos, certos historiographos que floresceram no Imperio, os reaccionarios que vêem o argueiro nos olhos da Republica e não enxergam a trave massica nos olhos da Realêza, os utilitarios, que não crêem no ascendente progressivo da virtude, da abnegação e do heroismo, têm pretendido tendenciosamente, reduzir a proporções de um motim vulgar, sem ideaes, de uma sedição de quartéis sem importancia, a um episodio mais que secundario na historia local de uma pequena provincia turbulenta, a gloriosa insurreição que levantou o pavilhão hoje duas vezes victorioso da Independencia e da Republica.

Catando nos archivos os documentos que convêem aos seus fins preconcebidos, á maneira apaixonada do "desapaixonado" TAINE, cerzindo, retalho a retalho, um theatral panno de bocca, apparentando uma superior friesa de scientista inaccessible a emoções, sem veneração e, —ao que dizem, ou ao que em boa fé suppõem, — sem predilecções, sem *parti-pris*, sem doutrina no labyrintho dos factos, julgam apprehender a verdade em regra, quando desfiguram, deformam e demittem os heroes e os santos.

E' assim a verdade historica, —variando de TAINE com o seu Rivarol, o seu Mallet du Pau e o seu desdem orléanista pelos postulados e resultados da Revolução, amesquinhando Danton, desconhecendo Hoche, diminuindo Carnot, contra a verdade historica segundo Aulard ou segundo Jean Jaurés, pasando por Michelet, Mignet, Thiers e Robinet,—para não sairmos das perspectivas que nos abre cada qual sobre o formidavel scenario da Grande Crise que fechou o seculo 18 e renovou a face do mundo.

E' assim a verdade historica com GUIZOT apoiado em CLAREDON, o historiador classico da Republica dos Puritanos ou com MACALAY apreciando o 1688 na Ingla-

terra, nos antipodos doutrinarios do dionysiaco CARLYLE resuscitando o portentoso CROMWELL.

Que muito é, pois, que tambem tenhamos de recusar fé aos testemunhos unilateraes que fazem a caricatura em vez de photographar fielmente os nossos Domingos Martins, Padre João Ribeiro, Frei Caneca?

São taes chronistas os que inspiraram a Carlyle no seu Cromwell o extraordinario capitulo *Anti-Dryasdust*.

Essa pagina preciso é que em brasileiro se escreva para vindicar o incomparavel TIRADENTES, que os nossos letrados, com lamentavel irreverencia, se comprazem em descrever, como numa pagina da Devassa régia, *estou-vado, indiscreto e jaclancioso*.

Como si o impavido heroe se pudesse ajustar ao figurino protocollar do equilibrado e circumspecto burguez "*que não se quer comprometter*", opportunistas para quem o mundo como está, está muito bem, prompto sempre para *adherir*.

São esses sublimes imprudentes e temerarios os que na vanguarda tornam possiveis as victorias da civilização —chamem-se Tiradentes, Padre Ribeiro, ou Theotônio, Domingos Martins ou, mais proximo, Benjamin e Deodoro.

Hajam, pois, os moços que na historia do nosso Brasil procuram estímulos de patriotas, hajam de precaver-se com Dryasdust —*der Geist der stets verneint*, o mephistophelico espirito escarninho que tudo e sempre néga. Impassivel, Dryasdust não vibra, não sente, não se commove: compila e classifica. E', no dizer de Anatole France, *o meuble á tablettes*. Não reconstitue uma epoca, não evoca os homens de carne e osso, na plenitude dos seus gestos e sentimentos. Mutila-os, não lhes ausculta o coração. Cré na omnipotencia do egoismo. Superiormente erudito, sorri quando lê chronicas que falam nas victorias do altruismo.

CARLYLE, tentando reviver epoca de Cromwell, adverte:

"Poucos heroismos mais nobres se viram jamais nesta Terra, e talvez, no fundo, nenhum se vio nunca mais

nobre; —e todavia essa heroicidade se acha para nós hoje quasi totalmente perdida, afogada sob uma avalanche de Estupidez humana, como nenhum Heroismo jamais assim ficou. Intrinsecamente e extrinsecamente pode-se consideral-o como *inaccessivel ás gerações de hoje*. Intrinsecamente o *seu sentido espirital tornou-se inconcebivel, incrivel para o espirito moderno*, —como tambem para nós pessimistas, que nos lamentamos sem coragem e sem fé, torna-se difficil comprehender e reviver os grandes dias pernambucanos de 1817...

Só a aguia do genio, pairando rente com o sol, pôde devassar a immensa trajectoria da Humanidade para lhe descrever e prever as inflexões e assignalar na geometria da historia os pontos obrigados da magestosa orbita infinita.

Quando o canhão de Valmy de novo ribomba e cada Patria se ergue gigantesca no coração dos herões, como o Moysés de Miguel Angelo, pondo-se de pé a entestar com a cupola de S. Pedro, os vultos que emergem no Campo Santo das glorias de cada nacionalidade invocados como numes tutelares que inspiram a fé e a furia, que decidem das batalhas e do destino de cada povo, chamam-se CROMWELL e DANTON.

Tenhamos bem abertos os olhos para as lições desse horrendo cataclysmo e voltemo-nos para os herões que são os nossos, nas gloriosas luctas em que houveram de empenhar-se para nos assegurar a liberdade e a independencia.

No sab'o e judicioso dizer de SPINOSA — "*non fiere, non indignari, sed intelligere*, —tentemos ver e comprehender a realidade do nosso estado d'alma collectiva. Considerando os ideaes mais complexos dos Patriotas de 1817, nós os brasileiros de hoje somos ainda os seus contemporaneos quasi, —tão pouco andámos, por tal forma persistem diluidos em mais vasta esphera, os conflictos latentes de interesses entre indigenas e alienigenas, o tumulto de idéas e sentimentos que se hostilizam, a incerteza na delimitação judiciosa das nossas fronteiras economicas, a debilidade rachitica da nossa defesa

militar, as apprehensões que salteiam o coração dos patriotas de hoje, —tão pouco dignos do santo legado de civismo militante exemplificado na vida e no martyrio dos Pernambucanos daquelles grandes dias.

Em 1817 em vão se dirá tivesse sido prematuro e precipitado o movimento que apenas cinco annos depois triumpharia com a Independencia do Brasil. O que não estava maduro em 17 não estaria de sazão em 22, naquillo em que o tempo, e só o tempo, pudesse influir. Bem mais dilatado é o cyclo dessas mutações quando entregues ao tranquillo crescimento vegetativo, no caso traduzido na conquista de todas as vontades e no accordo de todas as consciencias.

Antes, em 1789, como depois, em 1831 e até 1849, com os Praeiros em Pernambuco com a agitação em prol da nacionalização do commercio a rétalho, eram visiveis e cada vez mais fundas as linhas de clivagem que levaria á secessão, não sendo facil de procrastinar-se a reacção de brasileiros contra reinões.

Certo não seria de trazer-se a recitar, desta tribuna augusta, exhaustiva monographia critica, enumerando incidentes, esmiuçando documentos e friamente dissecando personalidades subalternas ou analysando como o carlyleano DRYASDUST a physionomia heroica dos promomens da Revolução para apontar secundarios senões de symetria nas feições que o final martyrio estereotypou.

Pernambucano, profundamente emccionalo, tentarei evocar para commover, rememorar, para edificar, redizer, nas suas grandes linhas, o que foi o heroico movimento, digno da glorificação com que a Posteridade o vem sagrando, porque inspirado e realiado na direcção e no sentido do Progresso para preponderancia crescente do altruismo sobre o egoismo ou, no dizer evangelico, de Graça sobre a Natureza.

Com esse excelso ideal por labaro batalhavam doutrinando e congregando, aprendendo, pregando e semeando as theorias politicas e victoriosas com Jefferson e Washington na America do Norte, com Danton e Con-

doreet na Convenção Franceza, e na America Meridional com Bolivar e Miranda, San Martin e Belgrano, evangelizava em Pernambuco o intemerato republico PADRE JOÃO RIBEIRO PESSÔA DE MELLO MONTENEGRO; aggreuiava e organisava em despendioso proselytismo, viajando e conspirando o energico e abnegado DOMINGOS JOSÉ MARTINS; ensinava e se multiplicava em fecundo apostolado o sabio carmelita FREI JOAQUIM DO AMOR DIVINO CANECA, familiarizado com Erasmo e com os postulados audazes da Encyclopedia.

Estes sabiam e sentiam que a civilização triumpharia no Brasil, sómente quando realizados viessem a ser os sublimes *desiderata* de philosophia politica a que se devotavam,— ainda conhecendo que arriscavam a propria vida e não ignorando o horrendo supplicio do stoico proto-martyr da Inconfidencia, o incomparavel Tiradentes, cuja santa memoria veneravam.

Em torno dessa trindade egregia foram se agrupando com ardor civico e não menor devotamento, o spartano PADRE MIGUELINHO — Miguel Joaquim de Almeida Castro, o orador cuja eloquencia não encontrava rival; o PADRE ROMA — José Ignacio Ribeiro de Abreu Lima, o typo do convencional imperterrito; o esclarecido Vigario de Itamaracá, Padre PEDRO DE SOUZA TENORIO; e dentre os militares, com particular destaque o capitão de artilharia DOMINGOS THEOTONIO JORGE MARTINS PESSÔA, o dictador magnanimo, e o bravo 2.º tenente ANTONIO HENRIQUES RABELLO, o cearense incorruptivel e o implacavel revolucionario lembrando a figura inconfundivel de SAINT-JUST e BARROS LIMA o lendario LEÃO COROADO e innumeros adeptos, outros do eredo democratico, dos quaes succintamente diremos no opportuno passo.

Na propaganda a parte mais activa coube ao clero: —o nosso insigne consocio Olivêira Lima dirá, que a revolução de 1817 foi quasi uma "revolução de padres": "e que pelo menos constituiram o seu melhor elemento, "o que mais provas deu de sinceridade, de isenção e de

"devotamento, e aquelle onde se recrutaram com poucas excepções os seus dirigentes."

Na biographia de Frei Caneca, por Antonio Joaquim de Mello, encontra-se extenso rol de sacerdotes que se envolveram na insurreição, no total de 52, dos quaes 10 regulares a começar nos tres que compunham o governo do bispado, *sede vacante*, a saber: o deão Dr. Bernardo Luiz Ferreira Portugal, o conego M. Vieira Lemos Sampaio e o conego J. Rodrigues Maris e a terminar no donato Jacintho Luiz de Mello. Os acontecimentos deram maior realce, não falando nas figuras primarciaes que já destacámos, aos vultos que mais se as-signalaram, do Padre Antonio Pereira de Albuquerque, condiscipulo do Padre João Ribeiro Pessôa e membro principal do governo provisório da Parahyba; do Padre Antonio de Albuquerque Azevedo, Vigário Goyaninha, no Rio Grande do Norte, alma do movimento nessa capitania, bem como o vigário Feliciano Dornellas; de Antonio Jacome Bezera, tio de Domingos Theotônio, Vigário collado da matriz de S. Frei Pedro do Recife "preso e brutalizado pelos marujos furiosos na queda da Liberdade" no dizer do Padre Dias Martins, conhecido chronista da Revolução; e mais o Padre João Barbosa Cordeiro, vigário da Freguesia de Porto Alegre, no Rio Grande do Norte, e que tanto se celebrizou mais tarde como jornalista durante a Regencia e fogoso redactor da *Bussola de Liberdade*; e Francisco Muniz Tavares, o abal'sado e judicioso autor da historia classica da Revolução, deputado que veio ser por Pernambuco ás côrtes constituintes de Lisboa; José Martiniano de Alencar, á cuja intrepidez foi devida a proclamação da ephemera republica no interior do Ceará; Ignacio de Almeida Fortuna, que auxiliou o Padre Tenorio na tomada do Forte de Itamaracá; o Padre Venancio Henrique de Rezende, deputado que foi a constituinte do Imperio, na qual tomou assento como republicano, sem embargo das exigencias do regimento, e Frei João Loureiro, guardião do Convento de S. Fran-

cisco, comandante de uma guerrilha de patriotas sob o nome de *Cachico*, quando foi preciso defender a Republica pelas armas; Antonio de Souto Maior, heroico chefe de guerrilha no combate da Pindoba; como José do Sacramento Brayner, que ainda mais celebre ficou, batendo-se em 1822 contra as tropas de Madeira, na Bahia, tendo organizado uma guerrilha dita *Voluntaria do Padrão*, do nome da povoação em que fôra viver ao sair das prisões depois de quatro annos, e tornando conhecido com o nome de o "*padre dos couros*" por envergarem um uniforme de couro os cem valentes mestiços por elle commandados.

Como na Europa medieval talada e devastada pelos Barbaros após o fragoroso desabar do imperio romano, acolheram-se as letras, as artes e sciencias aos claustros e mosteiros e salvaram as ordens religiosas os thesouros intellectuaes da humanidade, preservando-os até que surgissem Alcuino e Carlos Magno e por fim os Thomaz de Aquino e Rogerio Bacon, os Alberto Magno e Raymundo Lullio, assim ao clero, aos seminarios e conventos ficou reservado, no Brasil colonial, o perigoso manusear dos livros e o trato com as sciencias dos raros documentos que lograram transpôr as barreiras do obscurantismo que a Inquisição e depois a Mesa Censoria mantinham com ferocissima suspicacia.

Aos padres veio a caber assim uma natural preponderancia intellectual accrescida pelo ascendente moral que resultava do seu acatado ministerio, afeiçoando consciencias, sondando os corações e disciplinando vontades, no exercicio de um supremo magisterio espiritual. Essa influencia se mantem nos nossos costumes politicos até a dictadura austera de Diogo FELJÓ, que succumbe desilludido em 1842, como em 25 pereceu CANECA, guardadas as proporções entre a barbara legalidade do primeiro reinado e os processos, posto que severos e alguma vez crueis, como em 48, — mais humanos do segundo imperador.

Nesse periodo os clerigos, abrasados no amor da Patria, não se julgavam incompativeis com a maçon-

ria. Mais tarde se estabelecerá, com a supremacia aggressiva do poder civil, a lucta que terminou com a prisão dos bispos Frei Vital e D. Antonio, recolhidos a presidios militares como incursos no Codigo Penal.

E por fim, com a separação entre a Igreja e o Estado, o clero cada vez mais desnacionalizado pela superveniencia diluvial de elementos estrangeiros reaccionarios, vem involuindo e se desinteressando da actividade civil, minado pelas subcorrentes doutrinarias que trabalham na surda demolição da Republica.

Dois sabios brasileiros contemporaneos e collegas exerceram, um, directa e pessoal, outro, indirecta influencia consideravel para o advento da independencia brasileira — JOSÉ BONIFACIO, o insigne paulista e ARRUDA CAMARA, o egregio naturalista e ardoroso republicano, natural da Parahyba.

José Bonifacio nascido em 1763, tinha cerca de 56 annos de idade, a maior parte vividos em Portugal, quando em 1819 regressou ao Brasil.

Protegido do Duque de Lafões e secretario perpetuo da Academia Real de Sciencias de Lisboa, tinha combatido os soldados de Napoleão quando invadiram Portugal, identificando-se com a causa da realesa, ameaçada pelo usurpador corso a quem abominava.

"Insurgira-se afinal o povo portuguez contra a oppressão do invasor. Ardeu em guerra exterminadora, crudelissima, recorda Latino Coelho. — a Peninsula de quem dos Pyreneus. Tornara-se Portugal um acampamento. Não podia o brioso professor ficar-se remansado, estudando os seus dilectos mineraes. Apecebem-se para a guerra os escolares. JOSÉ BONIFACIO é major, logo depois tenente-coronel e commandante do animoso e devotado batalhão. São nessa conjunção os guerreiros das escolas os que na primeira plana se distinguem pelas audazes e bem succedidas empresas contra a Nasareth e a Figueira. Anda José Bonifacio briosamente empenhado na resistencia aos invasores. Incende-se no deseupavel e ardente fanatismo contra os inimigos de Portugal."

Na ode que dedicou ao Príncipe Regente, no tempo da invasão dos Francezes, José Bonifácio fulminara a invasão napoleonica, dizendo de Bonaparte:

"Infame negro monstro
Que o inferno creou, nutrio, cevou
A bella Lysia esmaga
Em gomo mata as debeis esperanças
Gallicano graniso."

Identificado com Portugal e com o seu governo. Não foi puro de cruentas iniquidades, refere LATINO COELHO, o alçamento do povo portuguez contra os extranhos dominadores. A nota de —jacobino— apontava os infamados ao summario julgamento "plebe fanatizada. Cumpria quietar os animos revoltos e refrear a violencia e o attentado, vestidos na apparencia de selo patriotico. Passa JOSÉ BONIFÁCIO ao Porto com o officio de *Intendente da policia*."

"Pouco depois despedem-n'o do encargo, achacando-lhe o ser fogoso, violento, apaixonado."

Assim se identificára por muitos annos José Bonifácio com a administração e a politica da Patria Portuguesa, para com a qual nutriu os mesmos sentimentos de *loyalty*, que o descendente do inglez, nascido na Australia, alimenta para com a metropole longinqua. Fara elle, era o Brasil uma provincia portugueza, como o seria o Algarves ou o Minho, nada obstando a interposição vastissima do oceano que separava da remota circumscripção administrativa a séde do governo central. Seriam os seus sentimentos como os de um brasileiro de hoje, para quem o patriotismo não é forçoso que estivesse com os Matogrossenses ou Acreanos, que se quizessem emancipar, separando-se do Brasil. Assim se comprehende que pudesse hoje applaudir a repressão de um movimento de prematura independencia da sua provincia natal o Matogrossense que apoiasse o governo da União e com esta ficasse no esforço para impedir a mutilação da Grande Patria.

Acaso seria esta a orientação política de José Bonifácio até 1821. Certo é, que, em 20 de Março de 1817, —no memo mez em que se proclamava a Republica Brasileira em Pernambuco, recitava José Bonifácio em sessão solemniſsima da Academia Real de Lisboa o panegyrico de D. Maria I, sem embargo da politica despietosa e retrograda que caracterizou o seu reinado, dolorosamente assignalado pela sentença da clémentissima senhora, mandando esquartejar o immortal TIRADENTES, pregoeiro e Martyr do ideal politico cinco annos depois desse elogio levado a effeito com mais feliz inconfidencia, pelo eloquente e fiel subdito de D. João VI.

Respirando em Paris, durante a excursão scientifica que fez nos annos de 1790 e 1791 o ambiente revolucionario em que desabava a sociedade feudal, ruiam os privilegios dynasticos, proclamava-se a egualdade perante a Lei, e por fim abolia-se a realeza, conservoti-se, José Bonifacio ao contrario de Arruda Camara, inacessivel e insensivel, já não diremos ás seductoras declamações de Jean Jacques Rosseau, mas ás proprias doutrinas organicas de Diderot e Condoreet.

Regressou a Lisboa saturado de sabedoria cosmologica, tendo no seu activo tres ou quatro especies novas mineraes, e recommegou a saborear as excellencias da realza absoluta, impassivel e indifferente ao heroismo dos Pernambucanos, identificado com a politica do —incllyto Bragança” — o senhor D. João VI.

Em Agosto de 1820 repercutio, porém, em Portugal o movimento em prol da Monarchia limitada, caracterizado na proclamação da Constituição de Cadix.

Em 26 de Fevereiro de 1821 no Rio de Janeiro, jura D. João VI, vencido e coagido, a Constituição que as Côrtes de Lisboa houvessem de fazer, e por decreto de 7 de Março “confessa que a Divina Providencia se dignara de conceder que se *começassem* a lançar as bases da *felicidade* da Monarchia portugueza *mediante o ajuntamento* das côrtes geraes para darem a todo o reino unido de Portugal, Brasil e Algarves uma constituição politica” —*conforme os principios liberaes* que pelo incre-

mento das luzes se acham geralmente recebidas por todas as nações...

É mais que pelo decreto de 24 de Fevereiro de 1821, — notae 70 annos depois, promulgava-se dia por dia a Constituição da Republica Federativa —fôra servido jurar com toda a sua familia “observar, manter e guaradar a constituição *como fosse deliberada, feita e accordada pelas mencionadas côrtes...* Jurava por antecipação o que não sabia que viria a ser.

Em S. Paulo, onde se achava José Bonifacio, alguns patriotas, diz Mello Moraes, aproveitando em 23 de Março a reunião dos corpos milicianos, tocaram a rebate e dando vivas á religião, a el-rei e á Constituição, proclamaram um governo provisorio. Reunidos os corpos, uma deputação de tres capitães foi mandada em nome do povo e tropa convidar para presidente da eleição ao conselheiro JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA, ao que este accedendo, proclamou de uma das janellas da Camara os nomes das pessoas que haviam de constituir o Governo Provisorio, sendo escolhido o egregio paulista para vice-presidente.

Foi esse movimento precedido de um bando em que se dizia, —quatro annos apenas decorridos da sangrenta tragedia em que sossobrara a Revolução Pernambucana —: “*Os sagrados direitos do homem —altamente proclamados em Portugal, tendo “electrizado” os corações “paulistanos, lhes inspiraram ardentissimo desejo de “imitar tão generosos rasgos de patriotismo já dignamente correspondidos em algumas provincias do Brasil”.* E mais —*Calçados, desde seus principios por um inalteravel SYSTEMA DE DESPOTISMO, elles não desconheciam seus direitos; cedendo, porém, ao duro imperio das circumstancias* (1) soffriam com resignação a seus tyrannos, e esperavam que a Providencia lhes depararia

(1) Muito mais tarde esse *duro imperio das circumstancias* se chamará a doutrina dos *factos consumados*.

“em algum tempo” favoravel occasião de quebrarem os ferros de tão pesada escravidão” — assim — os “*sagrados direitos do homem*” quando proclamado em Pernambuco o inalteravel “*systema de despotismo*” e os ferros da pesada escravidão quando repellidos pelos patriotas de 17 não conseguiram electrizar os seus irmãos do sul.

Dos martyres da gloriosa iusurreição muitos tiveram ainda a felicidade de assistir a essa victoria dos seus ideaes assim consumada: os algozes de Theotonio e de Domingos Martins, iriam *adherindo* com Caetano Pinto no ministerio. Chegara a vez de José Bonifacio tambem organizar, em communhão com os —PATRIOTAS —denominação afrontosa, apenas quatro annos atraz, um *Governo Provisorio*, em virtude de um *levante das tropas*, no qual não houve victimas, como em 6 de Março, porque ninguem se oppoz á mão armada ao movimento. E esse Governo teve representantes das varias classes, como a gloriosa Pentarchia Pernambucana.

D. Maria I embarcára precipitadamente em Lisboa nos paroxysmos da loucura e ensandecida morreu, sem que houvesse recobrado a razão na mesma cidade em que mandara suppliciar o impeterrito TIRADENTES.

D. João VI. — João o Justo do hymno “*Valerosos Lusitanos*” cantado em torno dos patibulos de 17, jurára num collapso de terror uma constituição imposta pela tropa amotinada, e regressava a Lisboa, contra a sua vontade, fazendo um dos mais custosos sacrificios de que era capaz o seu paternal e regio coração.

Disfarçadamente, observa Oliveira Lima, no monumental estudo que fez desse monarcha, disfarçadamente era um mandado de despejo, a que os acontecimentos iam fornecer cruel sanção.

Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal, ministro de D. João VI, não olhava sinão para o Brazil, e até a ultima extremidade aconselhou a El-Rei que o não deixasse. As “circumstancias” determinaram diversamente; El-rei resolveu partir —*movido mais pelo medo de seu filho* e do *Conde dos Arcos*, do que de sua vontade (Mello Moraes).



Segundo o testemunho da Marquiza de Jacarepaguá, dama do Paço, citado por Mello Moraes, o bondoso alçoz dos republicanos de 17 fora surprehendido a chorar por mais de uma vez por não poder ficar no Brasil e haver de contentar-se com o seu *canapé da Europa*, como chamava a Portugal.

Antes de partir quiz a sua infausta estrella que o sangue dos patriotas mais uma vez assignalasse o seu genio politico: a reunião dos eleitores na Praça do Commercio fora dissolvida por estúpido tiroteio, sendo gravemente feridos o celebre Padre Macambôa, José Clemente, e o brilhante Duprat. "Uma companhia de caçadores, postando-se defronte da entrada principal descarregou no interior do edificio cincoenta tiros sem aviso prévio." (Gomes de Carvalho. *Os deputados brasileiros nas côrtes de 1821*). Era o anniversario da execução de Tiradentes.

Os commerciantes desertaram para todo o sempre o edificio manchado de sangue e o denominaram, num cartaz afixado sobre a porta, AÇOUGUE DOS BRAGANÇAS.

A realza tinha os seus dias contados: nunca mais nenhum dos imperantes concluiu pacificamente o seu reinado...

A essa corrente de idéas que trouxe a independencia politica congregada com o imperio e da qual é representante maximo José Bonifacio, contrapõe-se na nossa historia o movimento que se inspirava nos ideaes republicanos, culminado na revolução pernambucana de 1817.

A independencia era a aspiração maxima dos patriotas... Não se havia de pensar que um dia viesse em que um herdeiro da corôa se rebellaria contra o proprio pae, pondo-se á frente das tropas e fazendo a guerra aos leaes vassallos do seu progenitor. A conjunctura temeraria não era de prever. Não se houvesse dado, e a independencia teria de realizar-se como em todas as demais patrías americanas, pela lucta heroica, sujeita a contingencias a que não refugiu Washington.

Com D. João VI no Rio para que se tivesse a independência forçoso era proclamarmos a Republica.

Era, diziam os proprios Paulistas em 1821, inalteravel o systema do despotismo que ainda durou quatro annos e que reverdeceu com Pedro I até o 7 de Abril."

Patriotas como Domingos Martins e doutrinarios como João Ribeiro, não se quedavam no indefinido esperar com resignação, que a Providencia lhes deparasse "ocasião favoravel" de quebrarem os ferros de pesada escravidão."

ARRUDA CAMARA, que se formara em Medicina na Escola de Montpellier, tinha se familiarizado alli com as theorias politicas que em 1789 começaram a transformar o scenario europeu. Regressando a Pernambuco constituiu na sua residencia um centro de estudos scientificos, que veio a ser com o concurso do seu irmão e Dr. Francisco de Arruda Camara, e dos irmãos Paula Cavalcanti e capitão André Dias de Figueiredo, dos padres Antonio Felix Velho Cardoso, Antonio de Albuquerque Montenegro e João Ribeiro Pessôa, o arcopago de Itambé, donde irradiava a propaganda dos principios democraticos, ao impulso dos ensinamentos do sabio naturalista do Norte, que assim se contrapõe na nossa historia ao sabio naturalista que era no Sul José Bonifacio, adepto da Monarchia ainda mesmo depois do 7 de Abril. Com a denominação de "academias" surgiram clubs, assim diriamos hoje, focos da "nova electricidade", no dizer pitoresco do chronista Padre Dias Martins. Dahi, na linguagem do decreto de D. João VI expedido em Fevereiro de 1818, indultando os inconfidentes ainda não summariados, —dahi teria escurrido o "veneno", — "trazido de longe", — das *opiniões destruidoras*, com o qual alguns *malvados* quizeram *infectonar* a Nação Portugueza." El-Rei e muitos dos seus conselheiros viviam alarmados com os "*pedreiros livres*." Não obstante a vigilancia policial, fundaram-se lojas maçonicas, de que frequentemente participavam os padres. Mas tarde por occasião das conspirações pela Independencia com D. Pedro I, não se dedignára José Bo-

nifacio de frequentar as lojas maçonicas, alcançando todos os grãos. Da maçonaria faziam parte no Rio de Janeiro, trabalhando pela Independencia entre outros, o Conego Januario da Cunha Barbosa e Frei Francisco de Sampaio.

Em Pernambuco multiplicavam-se na época da Revolução as associações secretas, em que a linguagem esotérica e os signaes cabalísticos davam aos iniciados a illusão de impenetraveis arcanos, enquanto amadureciam os projectos filiados á "sublime Theoria da *emancipação das colonias*, que Domingos Martins aprendera nos clubs do general Miranda em Londres. Os militares em grande parte estavam filiados como "irmãos" nesses clubs democraticos, onde se conferiam *graus academicos*, melhor diríamos hoje maçonicos, aos iniciados nos "mysterios democraticos."

Domingos Martins mantinha intelligencias com as *lojas* em Londres, de onde irradiavam as communicações incessantes ás "*officinas*" de Buenos Aires e de outras cidades na America do Sul.

Sabendo o que se havia passado no Rio da Prata e a agitação que ali ia levando de vencida os partidarios da metropole espanhola, firmando-se a independencia daquelle Republica, não julgava impossivel constituir-se tambem no Brasil uma republica, não como a aristocratica de Veneza, proposta um século antes, em 1710, pelo Pernambucano Bernardo Vieira de Mello, mas sim uma que tivesse por paradigma a dos Estados-Unidos da America.

Nas excellentes annotações que o noso eminente consocio Oliveira Lima publica, enriquecendo o livro classico do revolucionario que foi em 1817 o mais tarde Monsenhor Muniz Tavares, se lê que em carta escripta do Rio de Janeiro para Buenos Aires pelo ex-Director Supremo DON CARLOS ALVEAR, a seu amigo Don Mathias Irigoyen o movimento teve de estalar prematuramente e que se estendia ao longo da costa e atravez do interior. E, commentava o consul inglez Henry Chamberlain, que violara esse documento do qual tirou copia

lital "si as ramificações são tão extensas será necessario grande prudencia e habil energia para impedir uma revolução geral no Brazil, pois, comquanto exista um forte laço de dedicação á pessoa do Rei e a familia real, existe com relação aos europeus, particularmente, aos fidalgos, um sentimento universal de antipathia, e o descontentamento lavra pela franca corrupção da gente no poder." Essa notavel carta, que tem a data de 25 de Abril de 1817 e que só seria lida pelo destinatario e por PÆYRREDON, informa que o movimento, se tramava desde muito nas lojas maçonicas de Pernambuco, más que a explosão se deu mais cedo do que convinha pelo facto da prisão de alguns "irmãos". E mais que, tomados de surpresa e desconcertados com a iniciativa do Conde dos Arcos os — "irmãos" — da Bahia nada puderam fazer.

Domingos Martins fôra pessoalmente acreditar junto ao Grande Oriente da Bahia Domingos Theotónio, enquanto o Coronel Suassuna seguia para o Norte — Parahyba, Rio Grande e Ceará, por onde as lojas maçonicas se iam alastrando.

"É muito provavel, diz ainda Oliveira Lima, que a maçonaria nacional tenha sómente assumido mais definitivamente este caracter depois da acção internacional de Domingos Martins e de Antonio Gonçalves da Cruz, dito o Cabugá, que seria mais tarde o embaixador da mallograda Republica junto ao Governo dos Estados Unidos".

Em 22 de Fevereiro de 1800 o esclarecido bispo Azeredo Coutinho, brasileiro, nascido em Campos, capitania da Parahyba do Sul, inaugurou o Seminario de Olinda, o qual realmente, opina Oliveira Lima, transformou as condições do ensino e com este as condições intellectuaes da capitania. Admittiam-se nelle estudantes que se não destinavam ás ordens, sacras, mas que queriam fazer suas humanidades. Era professor de desenho o Padre João Ribeiro Pessoa, que, no sentir do erudito autor da Historia de Pernambuco, pôde ser considerado o protogonista da revolução de 1817.

Com a abertura do Seminario tornou-se mais franca desde 1808 a entrada de livros estrangeiros.

O autor das *Revoluções* em Pernambuco observa a este respeito que os "Pernambucanos buscavam com ancia os novos cathecismos; atiravam-se a elles com fome, devoravam-no com soffreguidão!" E concluia: "Quem não esperaria de tanto enthusiasmo ver progressos espantosos?"

Douto e virtuoso Prelado, brasileiro de nascimento e de coração, de Azeredo Coutinho o sabio economista dirá Muniz Tavares, que os seus pensamentos não se circumscreviam ao estreito circulo das —*idéas rançosas*—; com penetração havia escolhido professores eximios que comsigo trouxe de Portugal, vindo entre estes o celebre Padre Laboreiro.

Por iniciativa da "*Academia*" Suassuna, foi mais tarde a cadeira de desenho transferida do Seminario de Olinda para o Recife, continuando occupada pelo Padre João Ribeiro, a quem foi confiada a administração do hospital S. João de Deus annexo á egreja de Nossa Senhora do Paraíso. No salão principal do hospital transformado em bibliotheca entrou a funcionar outra "*Academia*" — a Academia do Paraíso, de que falam Dias Martins e Muniz Tavares,— a qual teve por sustentaculo o celebre morgado do Cabo, Francisco Paes Barreto, posteriormente Marquez do Recife e emulo de Paes de Andrade, o presidente da ephemera Confederação do Equador.

A propaganda entrou a generalizar-se, estendendo-se ao Cabo, onde o morgado era capitão-mór, e Domingos Martins adquirira um engenho; a Olinda onde desde 1815 era ouvidor Antonio Carlos, o qual fundou em sua casa uma —"*Universidade Democratica*, sendo elle proprio no dizer de Dias Martins uma —"*academia ambulante*"—, alliciando proselytos como o faria José Luiz de Mendonça, que veio a ser membro do Governo Provisorio; advogado mais conceituado do fôro pernambucano; tambem em Iguarassu' cujo capitão-mór Francisco Xavier Moraes Cavalcanti creou uma —"*officina*"

filial às "academias", onde costumava ir perorar o versátil e facundo Antonio Carlos, e onde se proferia sem reservas o grito —*morrão os marinheiros*— que na Revolução seria o *pendant* do terrível —*Ça ira*— cantado nas ruas de Paris. E ainda na mesma villa o cirurgião Vicente Ferreira dos Guimarães Peixoto abriu em sua casa uma "*escola secreta*" que em 1821 reinstalou como "*loja*" com o nome suggestivo "*Seis de Março*". No Recife mesmo as duas principaes lojas maçonicas que vieram a funcionar em 1814, depois da chegada da Europa dos seus respectivos fundadores, os negociantes A. Gonçalves da Cruz, o Cabugá, e Domingos Martins, foram o *Pernambuco do Oriente e Pernambuco do Occidente*, citando-se ainda a *Guatimosim* e a *Restauração e Patriotismo* e sommando ao todo as quatro de que fala Muniz Tavares e a uma das quaes, de natureza Republicana, se refere Armitage na sua *Historia do Brasil*. (Oliveira Lima —Anotações a Muniz Tavares).

No seu novo posto o padre João Ribeiro, o "homem mais interessante com quem se podia encontrar um viajante desejoso de informações do Brasil" —no dizer de TOLLENARE, o "bondoso amigo dos desvalidos, digno, cortez e de uma extrema delicadeza de sentimentos, segundo as proprias expressões de HENRY KOSTER, dotado de variada instrução e não cessando de aprender, tanto no dominio das sciencias physicas, como no de philosophia, —redobrou de esforços no seu apostolado democratico.

Segundo Koster, o povo professava por esse sacerdote uma profunda veneração, adorava-o; o que um mulato assim traduzia em delicioso conceito —"si vir uma creança cahir, acode-lhe, levanta-a e limpa-lhe o rosto, não para que o vejam proceder deste modo, mas porque o *seu coração assim o manda* (Koster, *Travels in Brazil* —2.º vol. pag. 14).

Em 24 de Outubro de 1810, Koster, chegando a Goyana, esteve com o Dr. Arruda Camara, em quem reconhece o sabio naturalista e o homem esclarecido que

um governo providente e provido deveria ter aproveitado em um paiz por desbrayar novo e inculto como o Brasil. Tendo professado como carmelita descalço no convento de Goyana, em 23 de Novembro de 1783, com o nome de Frei Manoel do Coração de Jesus, seguiu Arruda Camara para Portugal, matriculando-se na Universidade de Coimbra; mas não poudo concluir allí os seus estudos em virtude das medidas rigorosas empregadas contra os estudantes que se mostravam affeição-dos ás doutrinas proclamadas pela Revolução Franceza. Deixou por isso em meio os seus estudos de philosophia e medicina, emigrando para França, onde concluiu o curso na escola de Montpellier, doutorando-se em medicina. Por esse tempo obtendo da Curia Romana o breve de sua secularização, regressou a Lisboa, onde foi eleito socio da Academia de Sciencias, sendo designado com José Bonifacio para viajar pela Europa, aperfeiçãoando os seus estudos.

Em 1796 já se achava em Pernambuco, onde se entregou a pesquisas scientificas, que o não afastaram, entretanto, das suas nobres preoccupações patrioticas e aspirações politicas.

Escassa teria sido a instrução do seu discipulo dilecto, o Padre João Ribeiro, oriundo de familia pobre residente em Traacunhaem, si não chamasse a si como seu auxiliar o mestre insigne e sabio protector que lhe foi Arruda Camara. Acompanhando o mestre nas suas excursões scientificas adquirio João Ribeiro praticamente bastantes conhecimentos, e tornando-se perito no desenho, grandemente ajudou o naturalista nos seus trabalhos, sobretudo de botanica. Desejando ordenar-se entrou para o seminario de Olinda, onde leccionou, indo depois a Lisboa a aperfeiçãoar os seus estudos no collegio dos Nobres.

O naturalista e philosopho, que lhe affeioara o coração e o orientara no sentido dos ideaes democraticos, não só foi a causa de que o seu dilecto confidente viesse a immortalizar-se como patriota incomparavel,

senão que nos dominios da sciencia de Linneu e Jussieu quiz agradecido que o nome do seu intelligente auxiliar ficasse nas paginas da botanica systematica para quando, menos ingratos os Brasileiros, souberem reivindicar para o seu patrimonio scientifico as descobertas e invenções que o geriu, a sagacidade e a pertinacia dos seus patricios houverem realizado.

Na Flora propria aos tableiros do Nordeste brasileiro tem particular destaque pelas applicações industriaes a que se presta um interessante arbusto lactescente, cujas bagas saborosas não invejam os mais exquisitos fructos europeus. E' a *Ribeira sorbilis*, como a deveriam conhecer os brasileiros que estudam a botanica descriptiva, cabendo-lhes respeitar com justificada ufania a usurpação pedantesca que fez, da mangabeira tão conhecida e estudada pelos nossos naturalistas, a "*hancornia speciosa*". Desmonetiza-se assim o ouro do nosso saber genuino, como si não devessemos afinal ter e defender nenhum dos foros de autonomia proprios ás fortes individualidades que podem e querem viver por si com inconfundivel physionomia e accentuada personalidade estavel e definitiva.

Que o nome dado em homenaagem ao sympathico e desditoso republico, repetido pelas gerações de academicos e industriaes, evocará, dito e ouvido por brasileiros, o sentimento de continuidade que vem quasi se apagando em nossa terra, varrida pelas rajadas de insalubre cosmopolitismo contra o qual ha muito tempo nos deveriamos premunir, todos quanto queremos ter, amar e defender uma Patria grande, forte, eterna. Esse desvelo e carinhoso interesse do sabio pelo seu melhor discipulo manifestou-se ainda no seu leito de morte.

Para intelligencia destes actos, como contingente psychico de rara valia é o testamento politico de Arruda Camara, escripto sob fórma de carta intima de Itamaracá, em 2 Outubro de 1810, ao Padre João Ribeiro, documento que faz honra á mentalidade do mestre, e do

apostolo, ao seu largo descortino e ao seu esclarecido patriotismo.

Estão nessa carta excepcional os supremos conselhos ao discípulo e confidente, tão digno dessa memorável expansão; menos de um mez depois de tê-la enviado, o sábio naturalista fallecia.

"João — a morte se me approxima a passos largos. Por temer ahi não chegar vivo, faço-te esta bem attribuido, pois conheço o meu estado.

"A minha obra secreta manda com brevidade para a America Ingleza ao nosso amigo N. por nella conter cousas importantes, que não convem ao feroz despotismo ter dellas o menor conhecimento.

"Conduzam com toda a prudencia a mocidade em seus inspiros (sic), para que nenhuma provincia a exceda.

"Tenham todo cuidado no adeantamento dos rapazes Francisco Muniz Tavares, Manuel Paulino de Gouvêa, José Martiniano de Alencar e Francisco de Brito Guerra, como assim acabem com o atraso da gente de côr; isto deve cessar, para que logo que seja necessario se chamar aos logares publicos, haver homens para isto; porque jámais pôde progredir o Brasil sem elles intervirem collectivamente em seus negocios; não se importem com essa acanalhada e absurda "*aristocracia cabundá*", que ha de sempre apresentar futeis obstaculos.

"Com a monarchia ou sem ella deve a gente de cor ter ingresso na prosperidade do Brasil.

"As phases por que tem de passar o Brasil mostrarão em que deve ficar o seu governo sobre representantes da nação. Sou dos agricultores que não colherei os fructos do meu trabalho, mas a semente está plantada. DONA BARBARA CRATO (Barbara de Alencar, pernambucana, residente no Crato, Ceará, mãe de José Martiniano de Alencar e Tristão Gonçalves de Alencar), devem olhal-a como heroina.

— "Remetto logo a minha *circular* aos amigos da America ingleza e hespanhola; sejam unidos com esses

nossos irmãos americanos, porque tempo virá de sermos todos um... (Pereira da Costa, Dice. biograf. de Pernambucanos celebres).

—Em resumo—, o impulso doutrinário veio da emancipação das colônias tanto na America hespanhola como na Inglesa, e da Revolução Franceza atravez de Arruda Camara, e de Miranda, collega este e emulo de Bolivar. Os apóstolos e actores, em 17, são Domingos Martins, que se inspira em Miranda, e Padre João Ribeiro Pessôa, discipulo de Arruda Camara.

Sobrevindo á — "carnagem"—, aconselhada por Paulo Fernandes Vianna, do Rio de Janeiro, á chacina das Commissões Militares, será FREI CANECA o legatario abnegado desse thesouro de ideaes longinquos.

Elle dirá, experimentado e prophético de Pernambuco, duas vezes mutilado, em 17 e 24: "Pernambuco, a cidade do refugio dos homens honrados, o baluarte da liberdade, o viveiro de martyres brasileiros, a bussola das *provincias arcticas*, a muralha impertransivel aos *Tartaros do Sul*, formidavel aos absolutos do Imperio, indomavel ás forças externas.— Pernambuco deve baquear pelo schisma, pela intriga e pela guerra civil." (carta IX de Pithias a Damão). Esses Tartaros do Sul, e *Príncipes da Tijuca*, como dizia alhures, seriam com Pedro I á frente os aulicos e retrogrados do Partido Portuguez no Rio, os *Villela, José Clemente, etc.*

E, precursor de Feijó, doutrinará: "O povo se escandaliza de querer a tropa encher-se de um *espírito pretoriano* e levar a dianteira em negocios que são da sua inspecção.

"Infeliz a patria onde o soldado é philosopho. As suas virtudes são: a fortaleza no corpo, o valor na alma, a paciência nos trabalhos, a vigilancia na campanha, a continencia nos costumes, a fidelidade á patria, a subordinação aos chefes.

"Quando, passando desta linha de demarcação, pretendem influir nos negocios civis e politicos, são despoticos, obstruem os vasos vitaes da sociedade, empeem

o andamento régular das suas moias, são inimigos da patria e temerosos aos seus concidadãos.”

Taes eram os doutrinarios da Revolução Pernambucana. Esses os principios que inspiravam a sua acção social. Descendo agora ao terreno dos interesses vejamos qual era a physionomia economica de Pernambuco em 17 e os motivos de ordem material ou de grosseiro egoismo ganancioso e cupido que tornaram inevitavel o conflicto.

Dissemos linhas acima: Pernambuco duas vezes mutilado. Com effeito, por occasião da Revolução a Capitania de Pernambuco com uma area quasi cinco vezes maior que Portugal, abrangia politicamente a de Itamaracá, e administrativamente a do Rio Grande do Norte, não esquecendo que nesse tempo Alagoas era comarca de Pernambuco, bem como o territorio á margem esquerda do S. Francisco, dependente da comarca de Jacobina, e traspassado a Bahia depois de 1824. Era uma area de cerca de 435.000 kilometros quadrados, muito maior que o S. Paulo de hoje, e ficou reduzida, 128.000 kilometros quadrados, ou cerca da terça parte, computando-se em 600.000 habitantes a sua população.

MALER, consul francez no Rio de Janeiro, informava em 25 de Março ao seu governo, communicando-lhe a explosão revolucionaria do dia 6:

“Ha mais de um anno que a guarnição de Pernambuco era mal paga e mal alimentada pelo Governo.

Avidos especuladores monopolizavam os carregamentos que chegavam, —de pão e mandioca, —e os revendiam a *retalho* ao publico, da maneira mais arbitrária.

“Os clamores e as queixas geraes despertaram emfim o indolente MONTENEGRO, que encarregou o brigadeiro Salazar de tomar algumas medidas para *conter o monopolio* e reprimir a desordem.

Este general commetteu o injusto dislate de propor ás tropas dar-lhes as rações de pão em especie, e de lhes abonar 16 *soldos por cada sacco de mandioca, cujo pre-*

co no mercado era de 50 soldos" (Oliveira Lima —D. João VI".

Depois de esmagada a insurreição, observa o mesmo autor: "O elemento portuguez, *novamente* preponderante na orientação politica, reclamava severidade na repressão, consubstanciando suas idéas de governo no regimen militar arbitrario applicado ao Brasil, porque inclinado á rebeldia e *muito especialmente* na restauração do monopólio commercial.

O corpo de negociantes do Recife expressara o seu jubilo, fazendo um dom de 30 contos de réis ao exercito libertador, e organizando em sua honra uma festa de espavento na matriz do Corpo Santo, com *tres dias de lausperenne, dous sermões e duas benções do Santissimo por dia*".

"A epoca de D. João VI, lê-se na mesma excellente monographia, estava destinada a ser na historia brasileira, pelo que diz respeito á administração, *uma era de muita corrupção e peculato* e quanto aos costumes privados *uma era de muita depravação e frouxidão* alimentadas pela escravidão. Seria preciso que soprasse o forte vento da Independência para se entrever uma nesga do firmamento azul (Idem, pag. 103). M. LOPES MACHADO, escrevendo o prefacio da 2.^a edição da historia de Muniz Tavares, recorda que com a vinda de D. João VI em 1808, fugindo aos regimentos de Junot, ou após a hegira de D. João, como lhe chama o Padre Dias Martins.— "estabeleceu-se o luto *obligatorio* pela morte dos membros da familia real com designação da fazenda que se devia usar, e contribuições *forçadas* para a dotação dos principes e princezas.

A emigração dos portuguezes continuára em larga escala, e longé de mandar o governo distribuir terras entre os que se amontoavam em varios pontos do littoral sem terem o que fazer.— *ordenava que em todas as capitánias onde aportassem ou permanecessem fossem sustentados pelas autoridades e empregados nos cargos que vagassem.*

NUNES MACHADO dirá, subscrevendo com os deputados de Pernambuco seus correligionarios a proclamação chamando o povo ás armas e arvorando a bandeira da Revolução em Dezembro de 1848: "Pernambucanos! chegou o momento de salvar o brilho de nossa Provincia; corramos, pois, ás armas, e mostremos ao Brasil que ainda somos os mesmos homens de todas as épocas durante tres seculos da nossa existencia.

"*Salvemos Pernambuco da ignominia de uma conquista, tanto mais ignobil, quanto tem por objecto dar ganho de causa aos Portuguezes* — e apostrophava a quadrilha luso-guabirú."

ARMITAGE assignalava que:— "de mistura com essas vantagens (as provenientes de varias medidas administrativas, creação de tribunaes, bibliotheca, etc.) alguns males sobrevieram: um enxame de aventureiros, necessitados e sem principios, acompanhou a familia real; foi necessario admittil-os nos differentes ramos de administração. A rivalidade sempre prevaleceu entre os portuguezes e brasileiros natos, e este procedimento da parte do Governo Portuguez tendia augmental-a.

O desembargador João Osorio, escrivão da alçada, dizia em carta para a Côrte que o projecto da revolução era antigo em Pernambuco, mas que a explosão no dia 6 fôra intempestiva, obra do acaso. Refere-se aos manejos revolucionarios de Francisco de Paula Cavalcanti, o SUASSUNA e seu irmão em 1801 e ás idéas "começadas pelos dous Arrudas, medicos em Goyanna, e adverte "*O odio geral antigo e entranhável dos filhos do Brasil contra os europeus que chamavam — "marinheiros"*—, que cuidaram em augmentar invertendo os factos da historia da restauração passada sob os Hollandezes, foram as persuasões que serviram de mola para dar movimento ao detestavel e de que se serviram com especialidade no dia 6:—*idéas de egualdade* "embutidas aos pardos e pretos lhes affiançaram o bom exito pelo augmento de seu partido, e contavam sem duvida com os mais *mações* brasileiros nas outras capitánias.

O professor João Ribeiro accentúa: são os militares

portuguezes os que mais justificam e inflamman os odios nativistas; grosseiros, soberbos e prepotentes, por toda a parte vão semeando o rancor e a colera. O estado de penuria a que chegou Portugal quando se lhe tirou o monopolio da colonia, fez varrer do solo a população semi-letrada, parasitaria ou sem emprego, que veio para o Brasil, allegando menos a escassez do que a saudade e fidelidade ao rei.

Aleçaram assim, mais do que no outro tempo, os empregos publicos e os logares do commercio e das industrias nascentes.

TH. JEFFERSON em Nimes, no sul da França, pouco antes de estalar a conjuração do Tiradentes, teria sido informado por José Joaquim de Maia, já então, que — "havia um odio implacavel entre brasileiros e portuguezes. A parte illustrada da Nação, dizia, conhece tanto isto que tem por infallivel a separação.

Não era o odio contra os estrangeiros em geral, mas sómente contra os reinões, os portuguezes vindicos que pela sua conducta prepotente alimentavam essa xenophobia crescente, causa de frequentes conflictos entre *pés de chumbo* e *pés de cabra* até por volta de 1850.

Na Bahia, em 8 de Novembro, de 1822, LABATUT assim se exprimira ainda em proclamação expedida do seu quartel general no Engenho Novo:

"Habitantes da Bahia! Até quando soffrereis os desaforados arrojos e imprudencia sem limites de um punhado de *marotos portuguezes* que vos julgam eguaes em valor aos fracos negros do Malabar...

"Até quando, Brasileiros em geral, supportareis esta cafila de escravos venaes das Côrtes de Lisbôa, etc...

No Porto o presidente da Camara em proclamação que mandou publicar ainda em 5 de Junho de 1823 protestando, contra os — "facciosos que dilaceraram o valeroso reino e por suas perfidias e machinações fizeram que o Brasil saudindo o pesado jugo se declarasse independente, exclamava:—" *Malvados! e que seria de nós si perdessemos o nosso rico Brasil?*

Com todos os benefícios que allegava ter paternalmente prodigalizado ao Brasil não se descuidou D. João VI de expedir em 14 de Outubro de 1808 ao juiz da alfândega um decreto pondo em inteira observância a Lei de 16 de Dezembro de 1794 e *as mais leis e ordens que esta manda guardar não admittindo a despacho de livros nem papeis alguns impressos sem que se apresente licença da mesa do Desembargo do Paço do Brasil...*

Por via de "embargos" graciosamente apresentados pelo —"povo fluminense" a D. João VI em 7 de Março de 1821 para que não embarcasse para Lisboa, allega-se em um dos "provarás" que as terras do Brasil ficaram desde D. João III abandonadas á Divina Providencia, a metropole procurou abatel-o sempre e anniquilal-o, *prohibindo-lhe todas as fabricas e manufacturas e permittindo-lhe somente a mineração e os engenhos de assucar pela precisão que tinham delle e do ouro*, —e mais não querendo que negociasse com outra nação; e outrosim, noutro "provará" —"que foi sempre tão conservado *este ciúme* de Portugal para com o Brasil que até chegou ao ponto de se mandar *arrancar* as plantações das drogas do Oriente, que para elle tinham passado, e as do algodão, *demolindo-se todos os teares...*

Para que, porém, se faça mais approxinada idéa do que era a rivalidade rancorosa que separava reinós e pernambucanos, transcreveremos trechos da famosa carta escripta por um "marinheiro do Recife a um seu compadre no Rio de Janeiro, em 15 de Junho de 1817, quando já assassinados os Patriotas. E' publicado por MELLO MORAES, na sua Historia das Constituições e assignada por —um certo Cardoso Machado.

Conta elle que, victoriosa a sedição appareceu logo uma "tristeza geral, não se viam senão casas fechadas, não apparecia "*gente branca*" pelas ruas; que o detestavel ouvidor Antonio Carlos era o mais atrevido contra Sua Magestade nas proclamações que imprimio; raspam as corôas, tiraram os quadros de Suas Magestades e formaram bandeira chamada republicana. Era um quadro dividido ao meio horizontalmente: a parte

de cima em campo azul, uma estrella em cima e um arco iris; e por baixo o sol, não sei, diz o missivista, *si pondo-se ou si nascendo*. Na quinta-feira de Endoenças benzeram as bandeiras, quem fez a pratica e quem n'as benzeu foi o Dr. Bernardo (o Deão) e que foi quando vio a *grande quantidade de clérigos, frades e a Camara, etc.* "Grandes hereges! e exclama, "mostraram bem que eram *pedreiros livres*. O enviado do provisório foi o "*mulato* Cabugá que levou do Erario ao que se julga para mais de 500.000 cruzados, e *logrou os ladrões*. Vencedores os reinós voltaram todos á cidade e diz o mesmo compadre: "veio José Roberto (o marechal) entre aclamações para o Collegio; arrombaram a porta subiram á —mexiqueira —onde se poz um quadro de sua Magestade: note bem, diz o marinheiro, *que signal de amor e de saudade!* apenas elle (o quadro) apparece ajoelha todo aquelle povo que era mais de 3.000 pessoas e gritam todos a uma voz —Viva o nosso Rei! e atiram os chapéus para o ar! *Fazia chorar de gosto* ver o povo que foi concorrendo ao largo do Palacio ver o seu soberano.

O Padre João Ribeiro, no Paul'ista, enforcou-se; *cortaram-lhe a cabeça, veio para o Recife e lá está no pelourinho.*

"Os cabras, *mulatos e creoulos andavam tão atrevidos* que diziam *cramos todos eguaes*, e não haviam de casar senão com *brancas das melhores*. Tem-me, porém, *regalado* o chefe do bloqueio Rodrigo José, *porque tem levado na grade da cadeia 300, 400 e 500 açóites, mulatos forros e creoulos, até aquelles a quem o provisório fez officiaes.*

"Andam muito murchos agora, já tiram o chapéu aos *brancos* e nas ruas apertadas passam para o meio para deixar passar os *brancos*

Esse missivista era o pae do famoso Frei Miguel do Sacramento Lopes Gama, redactor do *Carapuço*.

Basta. Torpesa tanta, revolta, a cem annos de distancia. Almas de negreiros, corações de escravocratas

callejados, —quanto custou ao Brasil depurar-se de tamanha pestilencia...

Com estes antecedentes succintamente compendia-dos; nesse ambiente de competições e sizania, envenenado cada vez mais pelos resentimentos e injurias nascidas na crescente antipathia que as differenças de raça esporeavam a inevitavel explosão veio a dar-se em 6 de Março.

Urgido pelas denuncias reiteradas e reclamações impacientes dos reinões, Caetano Pinto de Miranda Montenegro não pôde contemporizar mais, alarmando-se com o que o chronista chama o caso da Estança. Na festa de Nossa Senhora da Estança, que se celebrava todos os annos commemorando a derrota dos Hollandezes naquelle sitio, vio-se pela primeira vez um *preto* official do regimento dos Henriques bater um portuguez que ousava soltar palavras injuriasas contra os brasileiros. Poucos annos depois, em 1823, o caso do *brasileiro resolutto* que ousara publicar num artigo violento contra os officiaes portuguezes levaria á dissolução da assembléa constituinte por Pedro I identificado com os patricios, e ao desterro dos Andradas.

Parecendo-lhe desde então duvidosa a fidelidade dos officiaes brasileiros e temendo que o contagio passasse á tropa, o Capitão General para prevenil-o mandou publicar a seguinte ordem do dia.

O Illm. e Exm. Sr. General constando-lhe no dia 1 do corrente que nesta villa entre os *nascidos em Portugal e nascidos no Brasil* ha presentemente alguns partidos fomentados talvez por homens malvados com a louca esperanza de tirarem alguma vantagem das desgraças alheias, sem se lembrarem que todos somos portuguezes, vassallos do mesmo Soberano, todos concidadãos do mesmo reino unido e que nesta feliz união igualando e ligando com os mesmos laços sociaes os de um e outro continente... manda recommendar aos senhores officiaes e a todos que têm a honra de servir debaixo das Bandeiras de S. Magestade que vivam entre si na melhor harmonia e amizade, *não tratem nem tenham sociedade*

com estes "homens empestados" que pretendem enganar-os com falsas suggestões, etc.

Essa proclamação foi contraproducente: os portuguezes accusavam-n'o de fraco e indolente, os brasileiros o consideravam injusto. Umilhéo Manoel de Carvalho Medeiros procura o ouvidor Cruz Ferreira e afeia-lhe a agitação e as apprehensões de que estavam possuidos os portuguezes, alarmados pelos boatos de uma conspiração que os brasileiros tramavam contra Sua Magestade.

O ouvidor, receioso naturalmente das responsabilidades em que incorreria si acaso fosse verdadeira a denuncia, aceitou-a e apresentou-a ao Governador. Nesta grave conjunctura entendeu Montenegro convocar a conselho os officiaes generaes portuguezes que estavam no Recife. O Brigadeiro José Peres Campello, homem honrado, e que pelo seu caracter conciliador, imparcialidade e conhecimento pratico poderia suggerir algum expediente util, foi excluido, observa Muniz Tavares, porque era brasileiro.

A denuncia foi considerada veridica por todo o Conselho, ordenando-se a prisão de Domingos Martins, Padre João Ribeiro, o Cabugá, o cirurgião Guimarães Peixoto, e dos officiaes capitães de artilharia Domingos Theotônio, José de Barros Lima, tenente José Mariano e Manoel de Sousa Teixeira, mais tarde Barão de Capibaribe e presidente da provincia e senador do Imperio...

Na carta de que acima transcrevemos trechos, diz o portuguez que a subscreve ao seu correligionario no Rio, que no Conselho de Generaes votaram uns que os conjurados deveriam ser eliminados pelo assassinio, outros pelo veneno, outros que deveriam ser remettidos ao Rio de Janeiro. O tenente-coronel ajudante de ordens Alexandre Thomaz teria votado, segundo essa carta, pelo assassinato...

Era a Inconfidencia que assim descoberta e denunciada envolveria os conjurados como réos de Lesa Magestade e os levaria ao patibulo de Tiradentes. Deveriam entregar-se? Como se comprehende que historiadores

ainda hoje se manifestem horrorizados com as consequências da resistencia que os conjurados oppuzeram aos executores da ordem de prisão? Como se comprehende tanta benignidade para a legalidade que fusila, enforca, esquarteja, confisca e infama, a pretexto de que essa era a lei Penal desses atrozes dias, — e tanta severidade para com o impavido Leão Coroado e o implacavel Rabelo?

Mesmo assim não tentaram resistir e foram conduzidos á prisão Domingos Theotônio, Padre João Ribeiro e Domingos Martins.

A brutalidade do Brigadeiro Manoel Joaquim Barbosa, a filaucia e a insolente arrogancia que o faziam detestado dos seus commandados, levaram-n'o a maltratar com palavras asperas aos officiaes brasileiros, assim não se limitando a intimar a José de Barros Lima, á voz de prisão. A reacção foi immediata e tremenda. O temerario mensageiro da tyrannia foi traspassado pela espada do LEÃO COROADO.

A Revolução recebia o baptismo de sangue; a excitação recresceu em espantoso tumulto; o Governador, avisado por um official portuguez, Luiz Deodato, que fugiu deixando espada e barretina, expede o seu ajudante d'ordens tenente-coronel Alexandre Thomaz — um dos Portuguezes mais despreziveis, diz Muniz Tavares, pelo seu character perverso, ordenando-lhe que reunida a tropa se apoderasse dos officiaes revoltados.

O capitão Pedro da Silva Pedroso e o joven 2.º tenente Antonio Henriques já haviam distribuido munições ás praças, e ao avistar Pedroso o detestado Alexandre Thomaz, exclama: *Camaradas! Eis o inimigo de Pernambuco, a causa das nossas desgraças — fogo!* No instante é obedecido e o infeliz cahe por terra fuzilado.

Continuava o rebato, os sinos acompanhavam o alarma com o seu lugubre badalar, o povo corria espavorido, os Portuguezes amedrontados buscavam refugiar-se nos navios surtos no porto. Em transportes de enthusiasmo bellicoso o joven tenente Antonio Henriques forma a

soldadesca, sahe á rua e a metralha esmaga as timidas velleidades de resistencia. Corre a libertar Domingos José Martins, gritando-lhe "*Martins, nosso amigo, nosso Pai, nosso Libertador desce que estamos todos promptos a derramar o sangue por ti*".

Nos papeis da collecção Ourem encontra-se esta informação sobre o bravissimo sexagenario que foi nessa emergencia o Leão Coroado: elle distribuiu patrulhas "que percorriam a cidade semeando o terror, enquanto no quartel organizava as forças e dava armas aos conjurados, *que á medida que iam chegando beijavam a espada do capitão, ainda humedecida no sangue, como um juramento inviolavel de morrer ou vencer.*"

No campo do Erar'io permanecia o Marechal José Roberto á frente dos milicianos. Seguiram a dar-lhe combate forças conjuradas respectivamente commandadas por Domingos Theotónio e Pedroso, indo no meio dellas armado e disposto a participar dos riscos desse empreendimento, e estimulando a todos com exhortações patrioticas o insigne Domingos J. Martins.

Os soldados patriotas desejavam bater-se, a victoria lhes seria facil; critica era a situação dos milicianos: Theotónio por um louvavel espirito de moderação consentiu que o capitão Manoel de Azevedo fosse parlamentar com o Marechal, que cortezmente o acolheu e reconhecendo a sua falsa posição, desesperançado de qualquer soccorro, deixou o campo, sendo acompanhado por um offic'al á fortaleza do Brum, para onde se retirara Caetano Pinto Montenegro.

Domingos Theotónio salvara a vida ao Marechal José Roberto; quatro mezes depois, em 8 de Julho, o mesmo Marechal, como vogal na infame commissão militar, presidida por Luiz do Rego, condemnava á morte o seu magnanimo salvador. E' assim a justiça e assim é a gratidão dos reaccionarios, escravos do absolutismo.

Mas não só: assediada no dia seguinte a fortaleza, á qual fôra ter José Roberto, á quem assim se permit-

tiu concertar, com os covardões alli encurralados os meios de reagir, postou Domingos Theotônio, a sua força por traz da igreja do Pilar, e antes de atacar consentiu em que se propuzessem condições de capitulação ao governador sitiado com os seus generaes.

Não foi difficil ao notavel e eloquente advogado que era José Luiz de Mendonça persuadir ao futuro marquez da Praia Grande que deveria render-se, assegurando-lhe condições honrosas, com a liberdade de se recolher ao Rio de Janeiro.

Veja-se a linguagem respeitosa do ultimatum: "Os Patriotas sabem apreciar as qualidades pacificas de S. Excellencia, que, *movido por maus concelheiros, nos queria submergir em todas as desgraças.* Nós pelo mesmo respeito a S. Excellencia daremos segurança a todos os individuos que o acompanharam, e de baixo de nossa palavra promettemos que tanto a sua pessoa como essas outras, serão salvas de todos os riscos com as condições seguintes: seguem-se as condições para entrega da fortaleza e embarque do governador e sua comitiva para o Rio de Janeiro. E' assignado esse ultimatum no "*Campo do Patriotismo*", em 7 de Março de 1817, por Domingos Theotônio Jorge—Padre João Ribeiro Pessôa—Domingos J. Martins.

Caetano Montenegro reune em conselho os generaes, "para, observa Muniz Tavares, mendigar conselho "daquelles mesmos que o haviam impellido a tão dura "condição, esses miserave's, diz o indigitado chronista e actor, tão insolentes na prosperidade, como vis e baixos, "na adversidade, o aconselharam a concluir qualquer pacto, contanto que suas pessoas se salvassem."

E' que se reservavam para juizes, algozes e carrascos quando a Revolução viesse a sossobrar, afim de saldar a divida contrahida para com tão generosos inimigos, pagando-lhes com a moeda azinhavrada do absolutismo rancoroso, perfido e cruel.

Triumphara a Revolução. A massa popular com-

memorou a inerte victoria cantando a seguinte quadra:

No Campo da Honra
Patrieios formemos,
Que o vil despotismo
Sem sangue vencemos!

Os Revolucionarios foram de inexcelsa generosidade e doçura, animados de incrível sentimento de fraternidade real para com os seus odientos inimigos.

O proprio Luiz do Rego o proclama na sua carta de 23 de abril de 1823, dizendo: "E' alguma cousa não ter sido morto um só homem por ordem do governo rebelde" E acrescenta: "Pela conducta que teve o chamado Governo Provisorio, tanto a respeito do povo como a respeito dos cofres, bem se vê que foram mais criminosos do que perversos". Na bocca ferida de um Luiz do Rego é de peso o testemunho, que vale como homenagem á honestidade e á cordura dos collegas dos insignes João Ribeiro e Domingos Martins.

Os dois estadistas da Republica, que bem comprehendiam as responsabilidades dos postos que tão valentes conquistaram, começaram a demonstrar a sua incontestavel capacidade organica e elevação moral, jámais excedida por nenhum dos governantes que lhes succederam nestes 100 annos no Brasil.

O Governo que instauraram chamou-se PROVISORIO, na certeza de que se compromettiam a convocar uma Assembléa Constituinte dentro do prazo de um anno, cessando de facto o dito Governo si essa convocação não se realizasse nesse prazo, ou não estivesse concluida a Constituição no espaço de tres annos.

Esse Governo, porém, não era arbitrario: tinha de subordinar-se ás bases que, sob o nome de Projecto de Lei Organica, foram enviadas ás Camaras para serem por estas approvadas, caso achassem a proposito o dito Projecto.—o qual teve a approvação do Governo e do Conselho, faltando para ser posto em pratica a ap-

provação das municipalidades. A essas se recommen-
dou que convocassem o Povo de todas as classes para
discutir e votar o mesmo Projecto, lavrando-se de tudo
o preciso auto com o maior numero de pessoas notaveis
e convindo que concorresse "*o Povo quasi todo, pois lhe
interessa conhecer como hão de ser governado.*"

E' o *referendum* popular: mais democratico se não
faria em *Altorf*.

Esse Governo se constituiu para pôr cobro á con-
fusão, elegendo-se no primeiro dia, como foi possível,
um representante da magistratura, o patriota JOSÉ
LUIZ DE MENDONÇA; da parte do ecclesiastico o patriota
JOÃO RIBEIRO PESSÔA DE MELLO MONTENEGRO; da parte do
commercio o patriota DOMINGOS J. MARTINS; da parte mi-
litar o patriota DOMINGOS THEOTONIO JORGE MARTINS
PESSÔA; da parte da agricultura o patriota Coronel
MANOEL CORRÊA DE ARAUJO.

Publicou-se em nome do Governo uma proclama-
ção ou Manifesto, como hoje diriamos, para explicar ao
Povo os motivos da revolução e as vantagens que della
viriam.

Redigiu-a o Padre Miguel Joaquim de Almeida
Castro, nomeado secretario do Governo. Este primeiro
documento, destinado a tranquilizar os tímidos e mi-
tigar as possíveis explosões de inveterada rivalidade, re-
tracta a philantropia sem limites com que o Padre Mi-
guelinho imaginou ser possível abolir resentimentos e
harmonizar interesses os mais antagonicos e irreconci-
liaveis, pondo ovelhas e lobos no mesmo redil, decretando
que todos ficariam sendo irmãos.

Por sua vez José Luiz de Mendonça lembrou-se de
propor em Conselho que se levantasse de novo a Ban-
deira Real e que se remetteste ao Rei, por mão de Cae-
tano Pinto Montenegro, um submisso memorial, protes-
tando-se por ora fidelidade ao Monarcha.

Nessa conjunctura, mais uma vez accentuou-se a
individualidade inconfundivel de Domingos Martins,
reagindo com a clarividencia e energia de um Danton
contra a perigosa deliquescencia do adhesista tibio, no

que ia sendo perigosamente sobreexcedido pelo feroz Pedroso, que pretendeu penetrar na sala do Conselho para castigar um desfallecimento que lhe parecia uma traição.

Dahi resultou que se redigisse um documento destinado a larga vulgarização, formulado pelo proprio José Luiz, sob a denominação de *Preciso*, que seria a synthese das exprobações que motivaram a insurreição e o programma politico da situação que surgia. Esse *Preciso* terminava expressivamente: "Viva a Patria. Vivam os Patriotas e *acabe para sempre a tyrannia real*".

Era a Republica sem equívocos nem composições, com os reaccionarios encapotados.

"Depois de tanto abusar da nossa paciencia por um systema de administração, combinado acinte para sustentar as vaidades de uma Côrte insolente sobre toda a sorte de oppressão de nossos direitos, — rezava essa nova Proclamação — restava calumniar agora a nossa honra com o negro labeu de trahidores dos nossos mesmos *amigos, parentes e compatriotas naturaes de Portugal*..

E passa a contar que o insidioso Governo extinto tinha preparado uma *lista de proscriptos que tinha de entregar nas mãos do algoz*, e que já havia assignado a atroz condemnação das innocentes victimas; mas que "aqui mostraram os nossos como tinham capacidade para saber conhecer que a desobediencia tem todo o preço do heroismo em certos casos, — e é quando ella se salva com a causa da Patria. Que em poucas horas consumma-se a revolução, a "*ditosa revolução*" — que mais pareceu festejo de paz que tumulto de guerra. E accentuava que a 8 installando-se o Governo Provisorio, o seu primeiro cuidado foi desabular os nossos compatriotas de Portugal dos medos e desconfianças com que os tinham inquietado os partidistas da tyrannia, não havendo daqui por deante differença entre Brasileiros e Europeus, devendo todos ser tidos em conta de uma só, e a mesma herança, que é a prosperidade geral de toda a provincia".

A publicação do *Preciso* official deu occasião a installar-se a imprensa em Pernambuco. Redigindo como o fez esse documento, o advogado Mendonça reconquistou as boas graças dos republicanos. Esse incidente foi o primeiro symptoma da perigosa falta de homogeneidade politica do Governo.

Mais uma vez o preconceito democratico sacrificava as aspirações republicanas. Corrêa de Araujo, cavilloso, contemporizava, enquanto não entrava a conspirar com o Dr. Moraes e Silva, a quem a ingenuidade do Padre Miguelinho fizera convidar para membro do Conselho. Este se constituiu, como annunciava o *Preciso*, com pessoas da maior capacidade, sendo convidados o Ouvidor de Olinda, Antonio Carlos, irmão de José Bonifacio, o Dr. Pereira Caldas, o negociante Gervasio Pires Ferreira e o Deão Dr. Bernardo Ferreira Portugal.

Decretou-se no dia 9 que as *civilidades* pessoasas "*Vossa Senhoria e Vossa mercê*" seriam substituidas pelo tratamento de "*Vós*". Aboliram-se as condecorações e as insignias reaes, com o que se accentuou a feição republicana do movimento victorioso. Deu-se nova organização ás tropas, cujos quadros foram modificados, e melhourou-se o mesquinho soldo militar. Substituiram-se os coroneis e generaes da Monarchia deposta, por officiaes republicanos promovidos a esses postos. Fizeram-se as primeiras modificações no confuso e oppressivo systema tributar'io, abolindo-se o imposto sobre a carne verde, chamado —subsídio militar, bem como as taxas de canôas, navios e lojas. Nomearam-se emissarios para as provincias, sendo o Padre João Damasceno Ferreira para o Rio Grande, José Martiniano de Alencar, sub-diacono, para o Ceará, Padre José Ignacio R. Abreu Lima para Bahia.

“Por todas as villas e povoações circumvisinhas o grito da independencia e da liberdade retumbado; o Povo, despertado, saudou-o com transportes de entusiasmo; de Iguarassu', Pau d'Alho e Limoeiro marchou immediatamente avultado numero de ordenanças debaixo do commando dos seus capitães mores, anciosos de par-

participar da gloria combatendo; —reter, diz muito bem Muniz Tavares, essa gente, o quanto mais possivel, para formar novos batalhões destros e aguerridos, era, sem contradicção o *primeiro, o mais importante* dever dos que se achavam á testa do Governo. A estrella adversa de Pernambuco influíu diversamente, relembra melancolico o patriota que mais tarde escreveu a historia desses tristes dias. O Deão de Olinda foi incumbido de lhes agradecer a espontaneidade e a dedicacão á causa da independencia demonstrada por essas centenas de patriotas que para logo foram convidados a se dispersar. A Republica desarmava-se: era pacifista. Confiava na fraternidade latente, na indefectivel gratidão dos povos que vinha libertar. Contava com a pusillanimidade do prepostos da realza, que tão promptamente haviam capitulado sem tentar a resistencia. Ao mesmo tempo ia sendo minada pelos seus falsos servidores. Uns entendiam que se não deveria ter ido além da Monarchia constitucional, mas isso só externariam muito mais tarde; nem de semelhante transacção politica no momento se cogitava, pois só em 1821 se veria á ousadia de limitar a autoridade do Monarcha.

Quando foi preciso angariar munições e armas, não teve o Governo a energia de tornar effectiva a requisicão militar. Pagava a peso de ouro as poucas armas que lhe traziam os mercadores portuguezes, senhores do commercio, que sonhavam as que possuíam emquanto á socapa preparavam a reacção.

Desde então não era de admirar que a Republica viesse a succumbir mais pela deserção e pela perfidia, do que por falta de bravura e abnegacão dos seus defensores incorruptiveis. E' natural que não durasse sequer tres mezes, e perecesse de encontro á colligação dos inimigos internos e externos.

Esse funesto desenlace não n'o previam os governantes que continuavam a desenvolver o programma de medidas administrativas e politicas com as quaes esperavam desarmar todas prevenções e resistencias e de-

monstrar praticamente a superioridade do novo regimen.

Commissionam ao Dr. Antonio Gonçalves da Cruz, o Cabugá, acreditando-o como Embaixador da Republica junto a sua "irmã" na America do Norte, incumbindo-lhe a aquisição do armamento necessario. Cabugá era um dos adeptos do novo credo, em cuja casa, na rua que tinha esse nome, eram frequentemente obsequiados os adeptos que affluíam aos seus salões e á sua bibliotheca, decorada com os retratos dos vultes principaes da Revolução Franceza e da Independencia Americana. O Povo dizia que ali era a "capella onde se faziam os baptisados magonicos".

Parece que o preconceito da côr ainda não era tão forte nos Estados Unidos como hoje, depois que ali se fez a abolição e se confinaram os negros na extensa região que atravessa varios Estados ao Sul com o nome de *Black Belt*.

Cabugá, posto que mestiço foi cordialmente recebido, mas, si bem que autorizado a acenar aos "nossos irmãos" com as possiveis vantagens decorrentes de um tratado de commercio com compensações aduaneiras, nada conseguiu nem mesmo os bons officios junto á Côrte de D. João VI em favor dos seus infelizes compatriotas trucidados pelo truculento Luiz do Rego e o torvo Conde dos Arcos. O pan-americanismo viria muito mais tarde, precedido da doutrina de Monroe, o presidente precisamente de quem nada obteve o diligente e devotado Ministro da Republica Pernambucana.

Muniz Tavares commenta esse insuccesso com estas palavras : "Pernambuco illudia-se quando, na combinação de seus planos contava com o apoio decisivo daquelles governos que professavam maximas liberaes, principalmente o dos Estados Unidos. O espirito desta nação é mercantil, os mercantes são avaros, o seu Governo é tanto livre quanto prudente; cordialmente saudará os opprimidos que esmagam os oppressores; porque está certo que mais ganhará no commercio. Porém durante a lucta, si esta não é disputada com

egual valor da parte dos opprimidos, seguirá a trilha das outras nações. . . .”

“Conhecido o mallogro do movimento, o Plenipotenciario *in partibus*, dirigiu de Philadelphia ao Presidente da União um tocante appello, reclamando socorro que puzesse cobro ás scenas sangrentas de Pernambuco. Cabugá de novo excita os Estados Unidos ao altruismo politico e tece um hymno á Liberdade republicana e “ao espirito continental”, ao qual só faltava esta designação mais tarde empregada. Pode, pois, dizer-se, conclue Oliveira Lima, que foi a diplomacia pernambucana quem, *seis anos antes de Monroe formular sua doutrina, definiu o pan americanismo!*

—“Ningunos más aptos que los Estados Unidos, — invocava Cabugá, nesse appello redigido em lingua mais generalizada—, para dar la mano a un millón y cien mil almas que deliberam marchar por la carrera brillante de la libertad republicana que ellos mismos abrieron los primeros en las regiones de este nuevo mundo. “No seria digno de las bendiciones de este systema divino quien, en lugar de implorar el auxilio de esta grande y poderosa Republica, se acogiese a otros Gobiernos en constitución —*y no otra es la que debe hacer la felicidad de todo el hemisferio colombiano: ella es la que ha de enjugar para siempre “ las lagrimas que por más de tres siglos ha hecho derramar sobre él, —la insaciable ambición y codicia de ciertos gobiernos europeos”*— Sa-be-se como respondeu a esse supremo brado de socorro a dura democracia *yankoe*, surda aos clamores que a credulidade politica já então inspirava, como si estivesse presentindo a poderosa Republica, numa antevisão secular de egoismo deshumano, o matadouro horrendo em que teria de succumbir torturada e exangue a heroica BELGICA sem que ao capitolio de Washington chegassem os seus gritos de socorro e os gemidos de agonia indisivel de um inenarravel e immerecido martyrio. . .

A Republica que se erguia ás margens ridentes do Capibaribe havia já, quando Cabugá partiu para Philadelphia, consagrado em grandiosa solemnidade no

• Campo da Honra a bandeira do arco-irís como um symbolo de concordia e um signô de solidariedade para com as suas irmãs na confederação brasileira. Era azul e branca, como o laço nacional tambem decretado na mesma occasião: dividida horizontalmente em dois rectangulos eguaes pelas duas côres, desenhando-se na parte branca uma cruz vermelha —“indicando, diz Monseñhor Muniz Tavares, ser o Brasil consagrado áquelle precioso stigma da humana redempção”, e na outra zona, no azul, surgia o Sol recamado, em todo o seu esplendor, como constantemente mostra-se na região equatorial, circundado pelo arco-irís sobre o qual apontavam tres estrellas, representativas das provincias insurgidas.

Apromptadas as bandeiras, relata Muniz Tavares, designou-se o dia 21 de Março para a benção e consignaço nos respectivos regimentos.

A's 8 horas da manhã, no Campo da Honra, antigo Campo do Erario, formada toda a tropa com bandas de musica, foram collocadas as bandeiras sobre um decoroso altar erguido ao centro do campo e voltado para o Oriente: “o Sol, reflectindo sobre elle os seus luminosos raios diz o chronista que a tudo assistiu, parecia ensinar aos circumstantes a recorrer ao verdadeiro Sol da Justiça, donde provém o unico seguro auxilio. O Deão da Cathedral, revestido dos paramentos sagrados, assistido pelo clero, estando ao lado do Evangelho os membros do Governo Provisorio com a Camara Municipal do Recife, alçou uma das bandeiras, depois de recitadas as preces do ritual Romano, assim falou dirigindo-se aos soldados:

“*In hoc signo vinces.* O nosso Pae, que está nos Céos, creou livres todos os homens—o espirito das trevas introduziu gaz infernal na alma dos malvados: estes ligaram os braços dos seus irmãos, armaram-se de azorrague e chamaram-se Príncipes absolutos.

E concluiu, recordando o episodio de Constantino: “confio nas vossas mãos este sacrosanto estandarte, segui-o: elle vos conduzirá ao caminho da honra, da independencia e da liberdade.

“Duas coisas sómente vos recommendo: *disciplina e união*: a disciplina é origem dos grandes feitos; a união é a fonte de todos os bens e o vehiculo exclusivo da força dos Estados.”

Finalizado este discurso, entregou as bandeiras ao Governador das armas e aos demais membros do Governo, cada um dos quaes as foi consignar aos commandantes de regimentos jurando todos não as abandonar jamais.

Esta scena se passava na Quinta-feira santa, informa o Padre Dias Martins, havendo muitos outros discursos “*eloquentissimos*”, sobresahindo a todos o do ancião Manoel Caetano de Almeida, pae de Antonio Victoriano Borges de Almeida e que aos oitenta annos improvisava como poeta, tocado de ardente enthusiasmo em todas as solemnidades e festas da Republica. Estes crimes pagou-os com quatro annos de duro captivo nas enxovias da Bahia, donde voltou em 1821 “curvado de annos, virtudes e heroismos, abençoando com versos harmoniosos a causa do seu martyrio.

A 4 de abril, domingo de Paschoa, publica-se a Pastoral dos governadores do Bispado, o Deão Bernardo Portugal, Manoel Vieira Lemos e Francisco Mariz — mostrando-se nella que a “revolução presente não contrariava a doutrina do Evangelho, e que havendo a Casa de Bragança faltado as suas obrigações no *contracto bilateral* em que se baseavam os seus direitos, estavam os povos desobrigados da lealdade jurada”. Esse notavel documento foi pelo Governo enviado a todos os Parochos para o “lerem á estação e afixal-o nas portas de suas Igrejas.

Foi provavelmente lembrando-se desta Pastoral que Luiz do Rego, logo em 3 de Julho, após o extermínio dos republicanos, expediu ao Vigario da Freguesia do S. S. Sacramento no Bairro de Santo Antonio uma ordem em portaria determinando-lhe que “houvesse de incluir em uma relação, que para o serviço de S. Magestade deveria enviar todos os seis mezes, informando da conducta dos seus Freguezes, si por desgraça nessa

Freguezia houvesse *homens tão prevaricados* que fizesse alarde dos seus crimes ou não cumprissem com os preceitos Divinos, *até mesmo* entre os seus clérigos, o que sem horror se não pôde dizer, mas desgraçadamente se tinha visto nos ultimos tempos.”

Porque, “sem Religião não ha costumes, não se é bom cidadão, bom pae, bom filho, bom amigo, nem bom vassalo” e que rotos os laços da moral christã não apparecem senão torpezas, indignidades e todos os enormes crimes que tornam os homens abominaveis e infames. E Luiz do Rego pensava nos “enormes crimes que tornaram abominaveis e infames os Padres João Ribeiro, Almeida Castro, Tenorio e os governadores do Bispado, que não entendiam a Religião como o prepotente Capitão-General.

O Governo Republicano, que não estava com as idéas que essa Portaria tentaria reanimar e perpetuar em vão. —continua a legislar e administrar de accordo com o programma politico superior ao seu tempo e á mentalidade estreita de governantes e governados desses escuros dias. A 13 de Março decretara a liberdade do commercio, ainda mesmo com as nações com que se estivesse em guerra, isentando de direitos os cereaes, o armamento, munições e objectos scientificos, que as tarifas brasileiras ainda hoje, inclusive aos livros, sobrecarrega de impostos proteccionistas.

As duas grandes medidas que immortalizam os estadistas Pernambucanos de 1817 são as que se contém nos decretos de 15 de Março e 7 de Abril, que antecederam de mais de meio seculo as leis de 13 de Maio e 28 de Setembro no Imperio e o Dec. de 7 de Janeiro do Governo Provisorio da segunda Republica Brasileira.

Transportemo-nos áquelles dias de ferrenho obscurantismo, ao seio de uma sociedade cuja constituição economica tinha as suas raizes no infame trafico de africanos, com os seus *libambos* e as suas senzalas, os seus feitores truculentos e ferozes, os seus capitães de mato gratificados pela caçada dos negros *fujões*, que teriam de ser marcados a ferro em braza e na reincidencia com que

refugiam ás surras e á gargalheira, mutilados pela ablação exemplar de uma orelha. (Alvará de 13 de Março de 1741).

Afundemo-nos nessa *bolgia* scelerada, para haver de crer no que nos parece incrível, e de entender as longinquas manifestações implacaveis dessa infame *syphilis insoutium*; que flagella na decima e centesima geração uma raça e uma nacionalidade taradas e deprimidas na sua capacidade para o trabalho, para o amanho dos campos, para a labuta nos trapiches e armazens, para a actividade sadia nas officinas, para o manejar da ferramenta, para o soalheiro das pedreiras, para as canceiras do trafego urbano, para as occupações do balcão, para tudo quanto não seja burocracia hypertrophica, ociosidade elegante, parasitismo invencivel. Tempos do relho no eito degradando a enxada e o arado; tempos das mucambas e da desenfreiada sexualidade dos serralhos do fazendeiro enriquecido pelas lagrimas do captivo, succedaneo maldito dos *sudores vultus tui* postos na biblia de uma religião não praticada, ultrajada e sophismada. Tempos da rêde e da lombeira, do sinhomoço e do pagem, da impudicicia congenita que veio cabriolando reinar incoercivel na procissão obscena da terça-feira gorda, a unica festa popular nesta metropole! Dias peccaminosos, noites inominaveis —o amor ao jogo, o aferro ao vicio, a fé no azar, a angustia loterica, a esperanza no acaso, a dicacidade demolidora, a impotencia para construir e —suprema infamia — a inconfessavel confidencia torpe, ás vezes ciciada e ás vezes em rictus cynico e alvar de declamada, — o voto parriçida que se faz pelo advento de uma raça forte, que nos venha recolonizar, governar e mandar, — tudo isto engendrastes, horas incestuosas! —E' contra tudo isso que a *élite* veio luctando consciente e corajosa; os próhomens superiores, que os seus grosseiros coetaneos, os raros que são em todos os povos os alcantilados cabeços illuminados pelo sol da gloria, banhados na luz da immortalidade, os heróes que os tivemos, os heróes que hoje bemdizemos, —batalharam, succumbiram, mas nos

seus ideaes venceram. A semente fecunda dessas victorias lá está na nobre tentativa que foram os actos do governo inspirados pelo genio vidente do PADRE JOÃO RIBEIRO PESSÔA, secundado pelo integro e esclarecido MARTINS.

Tendo os artigos do projecto da lei organica, que marcavam a liberdade dos cultos e a egualdade de direitos, despertado quando dicutidos nas Camaras de algumas Villas vivissima opposição, o Governo julgou do seu dever manifestar com clareza o seu modo de pensar. D'aquí a seguinte proclamação: "Patriotas Pernambucanos! A suspeita tem-se insinuado nos proprietarios ruraes: elles crêem que a benefica tendencia da presente liberal revolução tem por fim a emancipação indistincta dos homens de côr e escravos.

"O Governo lhes perdôa uma suspeita que o honra. *Nutridos em sentimentos generosos* não podem jamais acreditar que os homens, —*por mais ou menos tostados*— degenerassem do original typo de egualdade: mas está egualmente convencido que a base de toda a sociedade regular é a *inviolabilidade* de qualquer especie de *propriedade*. Impellido destas *duas forças deseja* uma *emancipação que não permitta mais* lavrar entre elles o *cancro da escravidão*, mas deseja-a *lenta, regular, legal*.

"O Governo não engana ninguem: o *coração lhe sangra ao ver tão longinqua* uma época tão interessante, mas não *a quer prepostera*. Patriotas, vossas propriedades ainda as mais *oppugantes ao ideal da justiça* serão sagradas: o Governo *porá meios de diminuir o mal*, não o fará cessar *pela força*."

Assim a Republica condemnou a escravidão, o que o Imperio só ouzou fazer quando agonizava sob a pressão do sentimento popular. A Republica *porá meios de diminuir o mal*, o *cancro da escravidão*.

Entre as *duas forças*—Liberdade e Propriedade—proclama o ascendente, sem abalo mas sempre o ascendente, da primeira pela emancipação lenta, regular, legal.

Esmagada a Revolução, voltou a supremacia dos es-

cravocratas: o trafico zombou de *Feijó* em 31; continuou a zombar da lei, até que o cruzeiro inglês, com a indignação universal que veio a dar no *bill* Aberdeen, levasse Eusebio de Queiroz com o seu partido a capitular com a lei de 1850 e que, no fundo, não era mais do que suggestivamente declarar —continua em vigor a lei de 7 de Novembro de 1831.

Os poderosos negreiros continuaram ao leme, e só em 1871 depois de lucta titanica consegue o primeiro Rio Branco libertar o ventre da mulher escrava. E por tal forma identificou-se a Realeza com o "*cancro da escravidão*" denunciado corajosamente pelos Patriotas de 17, que extirpado o horrendo epithelioma, succumbiu com elle a Monarchia. Tanto no Brasil ficou com a Liberdade identificada a Republica.

Nesses sentimentos commungava o Patriota historiador quando sentenciava: "Os paes de familia lancem os olhos sobre o interior de suas easas, e se ainda conservam os sentimentos de honra baseados na sã moral, de certo não poderão conter as lagrimas vendo a *depravação que alli reina, o contagio que se vai inoculando com o leite em seus tenros filhos, —contagio que jamais será extincto enquanto durar a escravidão dos homens de cor. A escravidão é um monstro*" —concluia revoltado ainda em 1840 Muniz Tavares.

O decreto de 7 de Abril de 1817 approvava e mandava que fossem lidas nas Camaras em "*adjunto*" do povo, e logo registradas as leis organicas que regulavam o Culto, admittindo *o livre exercicio de toda sorte de Religião*: chega a ser lido em camaras do Recife, Olinda e Iguarassu; mas o descontentamento foi tão geral, que o Governo mandou supprimir *interinamente* a sua leitura (Padre Dias Martins —pag. 54). A superstição ainda nos deu recentemente Canudos, o Contestado e o Padre Cicero. Que muito é que naquelles dias fosse repellida a tolerancia religiosa, mesmo circumscripta ás confissões christãs, se ainda hoje, aqui na Metropole reeresece o movimento de opinião retrograda que pretende a abrogação do decr. de 7 de Janeiro de 1890, em que

a segunda Republica declarou a separação dos dous domínios respectivamente proprios á Egreja e ao Estado!

O Padre João Ribeiro praticava o *Reddite Cesaris, Cesaris, quæ sunt Dei, Deo*. Os matutos e os capitães-mores porém assim não entendiam, fervendo-lhes no sangue o odio atavico ao judeu e aos pedreiros livres que as fogueiras da Inquisição accendeu, no mesmo tempo em que os mandingueiros e pagés lhes incutiam no cerebro rudimentar as credices do feiticismo, inspirando-lhes as praticas correspondentes na benzedura de bicheira e no temor do que chamavam e ainda chamam *coisa feita*.

“A lei, dizia na sua historia, referindo-se áquelle decreto do Governo Provisorio o autorizado monsenhor Muniz Tavares, a lei não autorizava a abjuração da fé catholica; prevenia os *horrores do fanatismo* como principio *salutar da tolerancia religiosa*. Valendo-se da *tendencia dos devotos* —clamavam os perversos com estudada hypocrisia que o intento dos patriotas era *destruir a religião*.” Um seculo quasi depois daquelle decreto ainda no Recife queimavam-se Biblias e escurraçavam-se os ministros Baptistas, que ousavam pregar sua fé...

Na copia authentica do projecto de lei organica que o nosso erudito consocio Oliveira Lima encontrou entre os papeis da Bibliotheca Nacional e que attribuem uns a Frei Caneca, outros a Antonio Carlos, o que parece mais provavel, no sentir do nosso judicioso collega, lê-se nos *itens* 23 e 24.

“A religião do Estado é a Catholica romana, todas as mais seitas christãs de qualquer denominação são *toleradas*. E’ *permittido* a cada um dos ministros defender a *verdade da sua communhão*. E’-lhe, *porém* vedado o *invectivar do pulpito*, e publicamente, umas contra as outras, pena de serem os que o fizerem perseguidos como perturbadores do socego publico.

“E’ *prohibido* a todos os patriotas o inquietar a alguem por *motivos de consciencia*.”

24.º

“Os ministros da communhão catholica são *assalariados pelo Governo*; os das outras communhões, porém, só o podem ser pelos individuos da sua communhão.

... *E basta que haja de cada communhão vinte familias numa povoação* para o Governo conceder-lhes “a erecção dos lugares de adoração e culto da sua respectiva seita, *nos quaes, porém, não poderão ter sinos*”.

—Para o tempo já não era pouco em materia de liberdade espirital. Conhecida a influencia que tiveram na elaboração do decreto de 7 de Janeiro de 1890 e artigos da Const. Polit. de 1891 na segunda Republica os discipulos de Augusto Comte, se poderá lembrar que naquella época, 1817, mal começava o philosopho as suas primeiras meditações systematicas, não se tendo elevado ás conclusões definitivas da Politica Positiva, senão muitos annos depois, em 1854, quando publicou o 4.º volume da sua obra genial.

A comparação entre o final do transcripto art. 24 do projecto de lei organica com a constituição imperial de 25 de Março de 1824, inspiradas pelos Andradas, dá a crer que realmente fosse de Antonio Carlos a autoria daquelle projecto, provavelmente em collaboração com o Padre João Ribeiro.

—“Os poderes e legislatura estavam concentrados no Governo Provisorio, enquanto se não conhecesse a Constituição do Estado. Os membros do Governo Provisorio nenhum vencimento recebiam; serviam gratuitamente. “Nenhum exigiu retribuição pecuniaria, mui contentes da inapreciavel recompensa, que a estima universal concede aos benemeritos da Patria —observa Muniz Tavares. Nem mesmo lançaram mão da avultada scimma que outr’ora *legalmente* recebiam os capitães generaes, a quem haviam succedido: ninguem lhes poderia disputar essa gratificação; mas a delicadeza que acompanha as almas desinteressadas a repudiava.” (Ibidem, pag. 102).

Todos os bons principios republicanos se compendiam nesse estatuto provisório:—responsabilidade immediata dos secretarios ou ministros, responsabilidade dos governadores, *findo o tempo de serviço destes*, e só então; publicidade das contas de receita e despeza; liberdade de imprensa; naturalização de estrangeiros de qualquer paiz, —e da communhão christã; inamovibilidade da magistratura, compondo-se um Collegio Supremo de Justiça constituido por cinco *membros litteratos, de bons costumes, e zelosos do bem publico*; e vedava-se-lhes receber salario algum, *assignaturas ou prócs das partes* que perante elles requeressem, *afim de evitar as concessões*; mandavam-se continuar em vigor as leis existentes, emquanto *lhes não fossem subrogado um codigo nacional*, e apropriado ás nossas circumstancias e precisões.

A revolução alastrava-se pelas capitánias vizinhas, ajudada pela acção dos emissarios e pela propaganda anterior.

Na Parahyba, a figura primarcial é o Padre Antonio Pereira de Albuquerque que, tendo como membro do Governo, que alli se instituiu enviado ao seu dilecto amigo, correligionario e condiscipulo em Pernambuco o Padre João Ribeiro a copia de 17 decretos organicos que haviam ali sido promulgados até 30 de Março, recebeu desse egregio membro do Governo do Recife notavel carta, muito de ser lida e estudada, publicada pelo Padre Dias Martins na sua conhecida chronica biographia, quando se occupa de João Ribeiro Pessôa.

Na opinião deste —Pernambuco, Parahyba, Rio Grande e Ceará (em Pernambuco continha-se então Alagoas), deveriam formar *uma só republica*, devendo-se edificar *uma cidade central para capital*.

Era, pois, pela republica unitaria, emquanto no conselho de que fazia parte não reinava a mesma opinião. Provavelmente seriam pela federação dessas capitánias os demais. João Ribeiro fundamentava a sua opinião escrevendo:

“Ha grande falta de politicos e sabios, —de sorte

que para haver alguma cousa é necessario, que se reuna o bem de todos emquanto se não *propagam as luzes*. Além disto, estas provincias estão tão compenetradas e ligadas em identidade de interesses e relações, *que não se pode separar*; e para que não penseis que digo isto afim de engrandecer Pernambuco, sujeitando-lhe as outras provincias, — como antigamente, — vêde que proponho, como *condição essencial*, o levantamento de uma *cidade central*, que pelo menos *diste 30 a 40 leguas da costa do mar*, para residencia do Congresso e do Governo. Tomae isto em séria consideração: um obstaculo acho eu, que é, em semelhante distancia, e proporção, — um *local fertil sadio e abundante de boas aguas* para semelhante fundação. O certo, é que tenho viajado tão pouco! E cumpria que esta capital fosse na provincia de Parahyba.”

Analysando os varios decretos, censura o *estanco do pau brasil*, opinando que “seria preferivel o que Pernambuco ia adoptar — restituindo o páu brazil aos donos das terras que os criam, pagando um direito de exportação que o Estado lucra, e lucra o proprietario. Condemna o decreto que aboliu além das Ouvidorias, — as camaras, que é, em relação a estas, um absurdo: Vós, Governo da Parahyba, não podeis *ser governo* sem que espontanea e declaradamente *por tal vos reconheçam*, ou a *maioria do povo* por si propria, ou pelo *orgão das Camaras*, que representam o povo nas diversas secções ou municipalidades: — esta lei deve, já e já, derogar-se e reintegrarem-se as camaras.

E adverte: “Si houver de haver mudanças sobre isto, sera quando se convocar o *Congresso Geral* e se *fizer a Constituição*, — em que — ou ficarão as Camaras, ou *cousa identica*, ainda que tenha outro nome.

Era o principio da autonomia communal, o que o estadista e pensador defendia. Teria prazer em *saborear* esses conceitos o intransigente liberal e profundo sociologo Alexandre Herculano.

E termina sentenciando — “Si vós não tivesseses feito isto por mera ignorancia, *deverieis ter sido apu-*

nhalado pelo povo da Parahyba, no dia em que promulgastes tão horrivel lei, que os Triumviros Romanos não se atreveriam a promulgar."

Applaudé a maior parte das medidas, censura algumas outras, e sobretudo pede que não legissem com tanta precipitação, não havendo vantagem em se descontrarem as leis da Parahyba das de Pernambuco. "São tão vizinhas, os habitantes e costumes tão semelhantes, que as leis que convierem a uma convirão necessariamente á outra."

E noutro ponto, divergindo quanto a direitos da Alfandega, pergunta com que hão de cuidar da defesa de suas pessoas, não sendo conveniente, por essa fórma convidativa, *attrahir para a cidade* maior população e *augmental-a*; pois *não nos convem tel-as muito grandes á beira mar*: eu quizera ver estes tres bairros do Recife distantes uns dos outros 30 leguas, *espalhados pelo interior*."

Ahi, na Parahyba, o movimento iniciou-se em Itabaiana a 14 e na villa do Pilar a 15, havendo naquella villa grande entusiasmo provocado pelo ardente patriotismo de Manoel Clemente Cavaleanti, que tendo conseguido converter o proprio pae João Baptista Rego, capitão de ordenanças do Districto, que Muniz Tavares pinta ignorantissimo e feroz, mas que uma vez convertido foi de uma inabalavel lealdade e dedicação, alcançou inesperada victoria.

A bandeira branca foi içada por entre acclamações da multidão á qual João Rego distribuiu armamento. Juntou-se ao grupo inicial o capitão André Dias de Figueiredo, e animados pelo padre Antonio Albuquerque e seu irmão Ignacio Maranhão, seguiram para a Capital, havendo a Villa do Pilar tambem adherido.

Na Capital o governo interino da Capitania dissolveu-se, fugindo o ouvidor, e havendo se incorporado com entusiasmo ao movimento outro membro daquella junta, o Coronel Francisco José da Silveira, respeitavel mineiro, que havia herdado dos seus maiores o odio ao despotismo. Tambem o commandante da força de linha

coronel Estevão Carneiro da Cunha deídiu-se pela Revolução, sendo a 15 de Março eleito o Governo Provisorio que se compoz do padre Antonio Pereira de Albuquerque, o condiscipulo do padre João Ribeiro Pessôa, de quem acima fallamos, seu irmão Ignacio de Albuquerque Maranhão, o tenente-coronel Francisco José da Silveira, o capitão de milicias Francisco Xavier Monteiro da Franca e o advogado Augusto Xavier de Carvalho, pae do joven José Peregrino, 2.º tenente ajudante do batalhão de Estevão C. da Cunha. E' este tenente Parahyba o *pendant* do bravo Antonio Henriques em Pernambuco, tendo igual fortuna na vida e na morte, sacrificados ambos na flor da idade pelo carrasco de Luiz do Rego. Augusto Xavier de Carvalho, autodidacto, cuja illustração e saber o chronista Martins enaltece, foi no governo o inspirador das medidas legislativas e administrativas, das quaes diz Martins, que causaram ciume aos governantes de Pernambuco. Depois de ter soffrido nos carceres da Bahia, foi eleito deputado á assembléa constituinte brasileira, na qual tomou assento em 1823.

Neste grupo a figura heroica é Amaro Coutinho, amigo de Domingos Treotonio, que o paronymphou nas academias do Cabo e do Paraiso, iniciando-o nos mysterios da democracia, da qual se tornou por tal forma fanatico que de volta a Parahyba o desconheciam os seus intimos. O chronista Martins narra com emocionante singeleza as doces exprobações da virtuosa consorte de Gomes Coutinho, irmã de Estevão Carneiro da Cunha —“Amaro, Amaro que é feito da tua caridade com os pobres, do teu recolhimento e das tuas orações? E' que o opulento proprietario do Zumby se devotara ardentemente ao seu ideal e a infatigavel proselytismo, convertendo o proprio cunhado Estevão, commandante da tropa. Feito general da Republica, jamais desanimou, quando todos desfalleciam, reuniu forças para dar combate aos realistas no engenho Tibiri, onde foi trahido, pelas tropas que se bandearam quasi todas, ficando-lhe fieis com o heroico José Peregrino um pugillo de

valentes. Teve de capitular, recolhendo-se á Capital; poderia como seu cunhado ter se evadido, como fez Estevão para os Estados Unidos. Não o tendo feito, ficou prisioneiro do governo restaurado, sendo remetido á Commissão Militar em Pernambuco, a qual o condemnou á morte. Não tendo sido a feroz sentença logo executada por haver a sua desolada esposa conseguido com as suas lagrimas alcançar o adiamento do funesto desenlace até fins de Agosto, não mais querendo esperar, mandou Luiz do Rego que fosse enforcado e esquartejado, enviando-se a sua cabeça para ser exposta em frente a sua casa no Zumby, donde a retirou no fim de 15 dias o inglez Francisco Stuard.

No Ceará menos feliz foi a Republica mau grado o heroismo de José Martiniano de Alencar, que tendo obtido a adhesão do truculento Capitão-Mór Filgueiras, viu-a no Crato victoriosa por dias sossobrar logo depois pelas mãos reaccionarias do mesmo Filgueiras reconvertido á Realeza.

No Rio Grande do Norte o Governador Tenente-Coronel José Ignacio Borges, com quem suppunham poder contar os Patriotas do Recife, resistiu, contemporiçando, sendo afinal deposto e preso, pelo Coronel de Milicias André de Albuquerque Maranhão, poderoso pela sua riqueza, amado e respeitado pela sua boa conducta. Este Patriota, tinha chegado a ser dissuadido de qualquer idéa de adhesão á Revolução pelo proprio Borges, quando sabedor dessa conversão o Vigario da Goyaninha Antonio de Albuquerque Montenegro, Patriota exaltado, por sua vez o convenceu do erro que havia commettido cedendo ás suggestões do Governador, e o induziu a ir no encalço deste e prendel-o ainda em caminho. Assim trabalhado obedeceu André de Albuquerque e alcançando José Ignacio Borges no engenho Belem deu-lhe voz de prisão. Assim se fez a revolução no Rio Grande do Norte. Foi o Capitão-Mór da eidade de Parahyba João de Albuquerque Maranhão incumbido de conduzir ao Recife o Governador deposto. Creou-se uma Junta Provisoria, decidindo-se que

seriam membros desse governo o Vigario da capital Feliciano José Dornellas, o Coronel de Milicias J. J. Rego Barros, o Capitão Antonio Germano de Albuquerque e o Capitão miliciano Antonio da Rocha Beserra.

“André de Albuquerque, nascido no engenho Cunnhau’, era da esclarecida familia dos Albuquerque Maranhões a quem a Monarchia Portuguesa deveu uma grande e rica porção do seu imperio transatlantico, e Pernambuco a mais justa gratidão.

Era o herdeiro opulentissimo do Morgado de Cunnhau’, diz o seu biographo Padre Dias Martins. Tinha a patente de Coronel de Milicias quando rompeu a Revolução, e habilmente catechizado pelos emissarios de Pernambuco João Antonio de Albuquerque Maranhão e João Damasceno Xavier, resolveu-se afinal a prender o Governador Borges e organizar o Governo Provisorio em Natal em 25 de Março. A’ impolitica nomeação de Antonio Ferreira Cavaleanti para Inspector geral das milicias do Apody e Commandante para a Serra do Martins attribue o citado biographo o germen da des-harmonia que sacrificou a causa geral.

O que é certo, porém, é que á medida que de Pernambuco chegavam, como do Ceará, noticias de reveses, e uma vez afastada a força do intrepido José Peregrino, da Parahyba, o partido portuguez foi cobrando alento e sob a perfida inspiração de Antonio Germano, que havia seduzido as companhias da tropa de linha, resolveu preparar a reacção.

André de Albuquerque de nada suspeitava, apesar da conspiração ser tramada no seu proprio palácio; é que, diz o Padre Martins, era republicano e *por consequente* —simples, confiado e generoso; demais, contava com a gratidão, amizade e parentesco do seu cumplice, collega e primo Antonio Germano. E foi o que o perdeu, porque a 25 de abril, anniversario da Princeza Carlota (a famigerada Carlota Joaquina...), Antonio Germano querendo reconciliar-se com a Realeza e captar as boas graças do partido portuguez, entra em Palacio, pede uma conferencia a André de Albuquerque e perfi-

damente o assassina com inopinada estocada. Moribundo e palpitante arrojam pela janella á calçada o malferido Governador, que é recebido pela multidão de marinheiros amotinados em communhão com a tropa de linha, aos gritos de —*morra o tyrano*—, —*morra a Liberdade*— e *viva o senhor D. João VI*—, *despedace-se o monstro* —*etc.* Não consummaram a atrocidade, graças á intercessão do venerando Vigario Dornellas, que em nome de Jesus Christo pedia lhe deixassem ministrar ao moribundo os ultimos socorros da Egreja, o que fez expirando André na calçada sendo enterrado com os seus mesmos grilhões. Seguiram-se os horrores de Petitinga, que não descreveremos por não nos alongar demais.

Para a Bahia seguira como missionario da Republica o estoico Padre Roma. Ali devia encontrar não poucos correligionarios, iniciados nos projectos que se machinavam nas officinas maçonicas, longamente inebados nas “academias de Pernambuco.” Lá estivera em tempo por mais de uma vez Domingos Martins, cujas extensas relações no commercio lhe facilitavam multiplicadas confabulações com os “irmãos” identificados no mesmo ideal democratico e inclinados á independencia da colonia.

O Padre Roma levava volumosa correspondencia e credenciaes para os conjurados principaes: iria concertar os planos e articular os movimentos que deveriam reduzir o conde dos Arcos á situação que forçara a capitulação de Caetano Pinto. Na tropa teria tido intelligencias Domingos Theotonio, capitão de artilheria, que ali, estivera conjunctamente com Martins. Preso na guarnição se achava na Bahia o proprio filho do emissario pernambucano.

Detendo-se em Alagôas, onde alcançou a adhesão de alguns elementos para a Revolução, captando o apoio do commandante do destacamento de linha Tenente-coronel Antonio J. V. Borges da Fonseca e de mais officiaes, tropa e povo, foi essa interrupção que deu causa a que primeiro chegassem á Bahia noticias da ex-

plosão revolucionaria dô Recife do que ali aportasse o missionario retardado. Prevenido, o Conde dos Arcos ponde precaver-se, e os conjurados intimidados puderam retrahir-se e até exaggerar o testemunho, de lealdade.

Viajando numa jangada por mais veloz, mal poz pé em terra foi Abreu Lima detido pela policia do Conde.

Não houve tempo de destruir as credenciaes que levava, circumstancia de que se aproveitou D. Marcos de Noronha, fazendo espalhar que na correspondencia apprehendida, havendo cartas trocadas entre bahianos e pernambucanos que muito compromettiam áquelles, ia applicar a todos os cumplices o rigor das leis contra o crime de lesa-magestade.

Esta noticia encheu de terror a todos os iniciados, que se apressaram para destruir suspeitas e aplacar a furia da Corôa em offerecer-lhe sem limitação bens e pessoas para suffocar a rebellião. O Padre Roma ficou só; abandonado, a ninguem trahiou nem denunciou. Julgado por uma commissão militar summariamente, em processo verbal, foi condemnado á pena ultima. Notificado de que esta lhe seria applicada a 29 de Março no sabbado anterior a domingo de Ramos, deu-se por entendido, não se desdisse nem se lamentou. Conduzido com funebre acompanhamento redobrado no seu apparato segundo o proposito que tinha o Conde de aterrar, chegou ao Campo da Polvora sem dar signal de abatimento, nada mais fazendo que não fosse recitar os psalmos penitenciaes em voz forte, clara e intelligivel. De pé, voltado para os granadeiros que o iam arcabuzar, commandou: *Camaradas! eu vos perdôo a minha morte; lembrae-vos na pontaria que aqui (pondo a mão no coração) é a fonte da vida, —atirae. E tombou na Eternidade, banhando com o seu sangue generoso o solo da grande Patria, enfileirando-se inconfundivel na legião dos redivivos.*

A lugubre noticia divulga-se a 9 de Abril no Recife; com ella chegam proclamações do Conde dos Ar-

eos, certificando aos pernambucanos da marcha de forças de mar e terra, ameaçando que não se dará quartel á cidade, villa ou povo que não se submettesse á bandeira real, e exhortando a todos para que *atirassem sobre os Governadores como a lobos*. Quatro annos depois João Souto Maior, lembrando-se dessa exhortação atirava — como a um lobo cervical — sobre o capitão-general Luiz do Rego.

O Governo Provisorio comprehendeu então as tristes condições a que o reduzira a sua imprevidente e generosissima credulidade, não se tendo energicamente apparelhado para a lucta que viria inevitavel.

Não ha composições que valham com o despotismo: vencidos es seus apaniguados, erro funesto é considerar os amigos e irmãos, como o fizeram, entregando-se a indiscretas e prematuras expansões de regozijo infantil os revolucionarios de 6 de Março.

Com as primeiras noticias do supplicio de Abreu Lima, diz o chronista, começou o desalento; em 11 iniciaram-se preparativos atropelados e evoluções convulsivas de defesa: começam a sentir-se suspeitas e desconfianças.

Proclama-se a Patria em perigo, organisam-se batalhões; chega o Almirante Rodrigo Lobo com varios navios de guerra; cresce a insolencia dos realistas; multiplicam-se as defeções; estremece a Liberdade, no expressivo dizer do Padre Martins. Muda-se a séde do Governo para a Soledade; dá-se a apostasia de Santo Antão preparada pelo membro do Governo Corrêa de Araujo, de accordo com o Conselheiro Moraes e Silva; rebella-se Pau d'Alho pela audacia do perfido Padre Paschoal Pires. Começam a ver-se as consequencias da temeraria confiança dos Republicanos nos adhesistas que a pusillanimidade multiplicara e que se faziam amigos e collaboradores enquanto conspiravam ou esperavam feliz occasião de reconquistar as boas graças da Realeza, si esta tivesse forças para vencer; sinão, redobriariam de subserviencia ostentando um zelo de christãos novos sempre suspeito. Não seguiremos *pari passu* as guerri-

Ihas e os combates em que a traição fez muito mais do que a valentia problematica das forças do Marechal Cógominho. Domingos Martins deixa o Governo e põe-se pessoalmente á frente das tropas. A tibiesia do Coronel Suassuna, os seus gestos de uma obliquidade indefensavel deixam ver que os republicanos teriam de ser esmagados. Em vão redobram de heroismo o Padre Antonio Soutomaior, Frei Caneca, Antonio Henriques e Frei João Loureiro. O combate de Utinga, a escaramuça de Candeias e por fim a mysteriosa retirada do General Francisco de Paula Cavalcante, depois de um primeiro choque com a vanguarda do exercito realista no engenho Guerra, consumma a ruina da ephemera Republica. Propõe-se o "Terror"; o Conselheiro Pereira Caldas chega a ser cognominado de Robespierre; Rabello requer que os Europeus sejam immolados no altar da Patria; o Deão Portugal pede que lhe tragam vivo ou morto o infame Padre Paschoal... Mas essa apparatusa crueldade de proclamações não estava no coração dos patriotas. Só sabiam governar com a misericordia; doia-lhes manejar o gladio afiado da Justiça.

O proprio dictador que ficou sendo Domingos Theotónio, dissolvido o Governo em 18 de Maio com a prisão de Martins, trahido e entregue aos realistas. — o proprio dictador manda escrever nas propostas de capitulação levadas pelo Ouvidor Cruz Ferreira e pelo negociante Koster a Rodrigo Lobo ameaças de apavorar. Não mandou fusilar um só realista, não reteve em refem um dentre os officiaes generaes que tinha presonas fortalezas. Quando se requeria a audacia de Danton e o genio organizador de Carnot, para salvar a Patria assediada peia reacção sanguinaria, o que se encontrou foi a docura de Condorcet encarnada em João Ribeiro, e os sentimentos de humanidade de Domingos Martins, contendo o sanguinario Pedroso.

Os governantes da Republica moribunda resolvem a retirada para o interior; não fossem as traições, e no sertão a lucta se poderia prolongar. João Ribeiro Pessoa, tinha razão em não confiar nas condições proprias.

às cidades á beira-mar. O angelico philosopho acompanhava com resignação estoica as vicissitudes da agonia em que se debatía a Republica. Legislador, apostolo, homem de sciencia, esperava que homens de acção organisassem a defesa militar e dirigissem as batalhas.

Os lobos tinham dispersado o rebanho; fôra preciso dispor de instinctos carniceiros e de armas apropriadas para defrontal-os com os unicos processos capazes de os intimidar e vencer. O receio de que o governo degenerasse numa dictadura militar desarmou os Patriotas, quando foi preciso repellir a aggressão. "Acabava-se a liberdade..."

A reacção tripudiava sobre os vencidos.

No espirito clarividente do Padre João Ribeiro surgia a alternativa implacavel que defrontára o insigne Condorcet: morrer ignominiosamente apupado, escarnecido, exautorado e estrangulado na forca ou libertar-se pelas suas proprias mãos, despedindo-se serenamente da vida com o calmo stoicismo socratico e a energica decisão de Catão. Optou pelo suicidio: a morte não o encontraria descomposto e aviltado pela gentalha.

A vida era certisismo que lhe não deixavam os vencedores sanguisedentos. Como Claudio Manoel da Costa, o poeta inspirado da Inconfidencia Mineira, poz-lhe corajoso fim, poucos dias antes que lh'a roubassem os detestados inimigos da Republica.

Antonio Carlos, que acompanhára o exercito republicano em retirada, apresentou-se á prisão. Atravesando as ruas do Recife preso e algemado, em mangas de camisa e quasi descalço, foi victima, diz Mello Moraes, dos mais grosseiros e inqualificaveis insultos da canalha portugueza.

De uma loja sahiu um caixeiro com um gato morto já em putrefacção e deu com elle no rosto do illustre prisioneiro. *Carrasco* chamava-se o navio que conduziu dezenas de Patriotas consignados ao Conde dos Arcos na Bahia. Recolhidos ao porão levavam gargalhadeiras com alças que os fixavam ao taboado e assim torturados viajaram os homens mais illustres da socie-

dade pernambucana. Ao desembarcarem na Bahia, subiam-lhe as ladeiras, vilipendiados pela população, presos em grupos pelos ferros do libambo com engates que, prendendo nas colleiras de ferro ligava cada um ao immediato por uma barra rigida que augmentava os soffrimentos á medida que caminhavam aos repellões e trancos da maruja.

Em infectos carceres, alguns em solitaria, soffreram as maiores privações e injurias durante quatro annos, tendo de vez em quando noticia do fusilamento de algum dos correligionarios já sentenciados pela feroz commissão militar presidida pelo proprio Conde dos Arcos. Revendo na sua potente imaginação o quadro horrendo do supplicio que lhe estaria tambem reservado, Antonio Carlos, altivo e indomavel, escreveu, pensando no que seria a hora suprema que se approximava, o celebre terceto — *A' Liberdade*:

Sagrada emanção da divindade

Aqui do cadafalso eu te saúdo

.....

.....

Livre nasci, vivi, e livre espero

Encerrar-me na fria sepultura

Onde imperio não tem mando severo

Nem da morte a medonha catadura

Incutir pode horror n'um peito féro

Que aos fracos tão somente a morte é dura!

O eloquente tribuno paulista foi, porém, salvo pela superveniencia a tempo, da alçada nomeada para proce-der á devassa, descoberta e castigo de todos os inconfidentes envolvidos na rebellião pernambucana. Dos seus companheiros de infortunio foram submettidos a julgamento immediato de Commissão Militar que sentenciára á morte o Padre Roma, somente Domingos José Martins, José Luiz de Mendonça, Padre Miguel Joaquim de Al-

meida Castro, o Deão Bernardo Portugal e o Dr. Souza Caldas.

No processo a que responderam desde logo manifestou o Conde, que presidia a Commissão, propositos de attenuar o crime dos sacerdotes o Deão Portugal e Padre Miguelinho. Voltando-se para este, admirado do seu obstinado silencio disse-lhe:

“—Padre, não cuide que somos alguns barbaros e selvagens, que somente respiram sangue e vingança; falle, diga alguma cousa em sua defesa.” E porque o silencio continuasse ainda mais profundo, pergunta-lhe, como querendo insinuar-lhe uma evasiva: O Padre não tem inimigos? não será possivel que elles lhe falsificassem a firma e com ella subcrevessem todos ou parte dos papeis que estão presentes?

“—Não senhor, falou então pela primeira vez o Padre Miguelinho; não senhor, não são contrafeitas; as minhas firmas nesses papeis são todas authenticas; e por signal que num delles o —“o”— do meu sobrenome *Castro* ficou metade por acabar, porque faltou o papel.” E calou-se, recusando outra qualquer resposta.

Foram todos cinco condemnados á morte, sendo que ao Deão e ao Dr. Caldas foi sustada a execução da sentença por tel-os a Commissão recommendado á clemencia de El-Rei pela avançada idade de Pereira Caldas e á *circumstancia de ser elle natural da Provincia do Minho*.

No dia 12 de Junho realizou-se o supplicio dos tres não agraciados. Antes, PADRE MIGUELINHO na noite que precedeu em Pernambuco a sua prisão, occupou-se com sua irmã D. CLARA na escolha e destruição de papeis que podiam comprometter a terceiros, como fizera o Padre Roma.

Seguindo naquelle dia para o local do supplicio, que havia de ser no Campo da Polvora onde foi arcabussado com Martins e o Dr. José Luiz de Mendonça, começou este ao declamar contra a iniqua sentença, ao que, pondo-lhe os olhos enternecidos, lhe falou o PADRE MIGUELINHO, generoso e intrepido:

“Querido amigo, façamos e digamos unicamente aquillo para que temos tempo”, e dizendo ajoelhou deante do crucifixo, repetindo, debulhado em lagrimas e alternando com Mendonça até serem fusilados o Salmo “*Miserere mei Deus secundum magnam misericordiam tuam...*”

Em 29 de junho desembarcou Luiz do Rego Barreto no Recife. Por sua ordem foram sequestrados logo todos os bens dos presos, dos quaes as innocentes esposas e filhos ficaram expostos aos horrores da mendicidade. A commissão militar poz-se logo em permanencia. Descobriu-se o asylo do 2.º Tenente Antonio Henriques Rabello, ardoroso e valente republicano. Na presença daquelle Tribunal não mudou de côr; gloriou-se dos seus feitos e desafiou a morte. A sua intrepidez causou espanto aos juizes; a sua constancia, a serenidade no cadafalso, enterneceu o mesmo algoz, preto encanecido no horrendo officio; antes de apertar-lhe a corda no pescoço pediu-lhe perdão. Rogando-lhe o sacerdote que fittasse o crucifixo, ao chegar ao patibulo, respondeu-lhe que o deixasse ver a tropa, pois que era a ultima vez que a via, pensando que *si tivesse á sua disposição uma divisão semelhante não estaria ali*. Repetindo o credo, quando disse na —vida eterna, acrescentou “*oh! si fôr eterna!*” Tinha cerca de 22 annos. E vive, sim, eterno nesta perenne adolescencia heroica immortalizado no coração da Posteridade e na justiça da Historia.

Na semana immediata a commissão mandou ao patibulo o heróe Domingos Theotônio, José de Barros Lima e o Padre Pedro Tenorio. A’ execução do Padre Tenorio assistiu Tollenare, o qual diz que os dous carrascos estavam tão commovidos que derramaram lagrimas e que as viu brilhar nos olhos dos espectadores silenciosos.

O chronista brasileiro, porém, narra que quando se consummou o supplicio a tropa portugueza acompanhada por grande parte dos espectadores entoou o hymno:

Valerosos lusitanos
 A victoria por vós chama
 A trombeta já da fama
 Vosso nome vae cantar.

Vamos todos inspirados
 Pelo Marte tutelar
 Resgatar um povo afflieto
 O melhor dos Reis vingar, etc, etc.

Era a "*Carmagnole*" de desforra. Presidia aos es-
 quartejamentos que forneciam ao que em 1821 no Rio
 de Janeiro se chamaria o "*Açougue dos Braganças*".

O Marechal José Roberto a quem Theotonio poupou
 a vida era um dos juizes nessa commissão.

A cabeça de cada uma das victimas foi mandada
 expor espetada em alto poste, cada uma em um sitio.

As mãos foram penduradas em outros logares, e o
 tronco mutilado foi arrastado á cauda de cavallos, go-
 tejando o sangue pelas ruas e salpicando as calçadas até
 o cemiterio. Os fusilamentos cobriam a cidade de lucto;
 a consternação era geral. Nacionaes e estrangeiros vol-
 tavam o rosto de pesar e de vergonha para não verem
 os cães lamber nas pedras das ruas o sangue dos cada-
 veres mutilados e arrastados por cavallos aos cemite-
 rios das egrejas. (Muniz Tavares—2.^a edição —Introd.
 do vol. 2.^o "*Machado*", pag. LXXI.)

Os cannibaes saboreavam a lição que o despotismo
 mais uma vez infligia a quantos homens de côr tinham
 tido a audacia de servir á Republica e sonhar com a li-
 berdade. Os negros alforriados, narra Tollenare, antes
 de entregues aos "senhores" —e ainda hoje *cidadão* e
patriota não sôam tão bem quanto *senhores* —eram açoita-
 dados por grilhetas e algum culpado de violencia prati-
 cada, levava açoites em numero tal que difficilmente re-
 sistia. A pena chegava até 300, applicados sobre as na-
 degas, que já com 12 ficavam com a carne a descoberto,
 e os *espectadores atiravam dinheiro* (brava gente!)....
 aos algozes *para os excitar a vibrarem o relho com mais*

força sobre os pacientes amarrados a uma grade de ferro. Entre os flagellados foi também victima, o Alferes crioulo do batalhão dos Henriques, Francisco José de Mello. Prelibavam, porém, com mais satânica concupiscencia atavica as "delicias" da forca, o patibulo com o seu apparatus sinistro, nestas occasiões ainda mais realçado com a ornamentação espectacular das ruas, as colchas de damasco ás janellas e grande concurrencia do gentio attrahido por dobrar de sinos acompanhado de marchas funebres tocadas pelas bandas dos regimentos e pela parada de tropas mais numerosas.

Chegára a vez aos inconfidentes da Parahyba; foram successivamente enforcados, sendo-lhes decepadas as mãos e as cabeças cortadas para serem expostas, Amaro Coutinho, Ignacio Leopoldo de Albuquerque Maranhão, o Padre Antonio Pereira, o Tenente-Coronel Silveira e por ultimo o Tenente José Peregrino de Carvalho que mal contava 20 annos. Reincidia o despotismo na crueldade com que iniciára a chacina pelo joven e valentissimo Rabello, cuja cabeça foi exposta na Ponte do Recife, e ahí consummada pelo tempo.

Com esse infausto espectáculo morreu-lhe de dor o pae, e enlouqueceu sua martyrisada mãe. Mas as hyenas assanhadas "*dopo il pasto han piu fame ché pria* buscavam, farejando maior regalo. Descobriam que na capella do Engenho Paulista estava enterrado o cadaver do Padre João Ribeiro. "Aquelles esfaimados tigres, diz Muniz Tavares, lançam-se sobre o cadaver como que para lhe devorar as carnes em putrefacção; degollam-n'o mutilam-n'o, retiram-lhe a cabeça e com ella entram exultantes no Recife.

"Depois de passearem pelas ruas, mostrando-a com escarneo, depositaram-n'a no Pelourinho, por ordem de Rodrigo Lobo, donde desapareceu pelo anno de 1819."

Assim foram trucidados os patriotas que tiveram a infelicidade de cahir nas garras de Luiz do Rego.

Tollenare descreve com minudencia o supplicio que padeceram:

“Os condemnados, de alva e corda ao pescoço, esperavam por longo tempo, sobre os degraus da prisão, a formação do cortejo, enquanto os tambores rufavam sinistramente.

Marchavam os soldados com as armas em funeral; desfilavam as irmandades, inclinando os seus guiões deante dos pacientes.

Surgia o juiz vestido de luto, montado n'um cavallo preto, e ostentando um manto negro, acompanhado de um alcaide, tambem a cavallo, mas vestido de vermelho, e empunhando um cirio acceso. Apareciam novas deputações do clero, em longas filas, psalmodiando as orações das 40 horas. O juiz levava em mão a sentença; dava o signal da partida.

Rompia a marcha entre magotes de povo. *As senhoras guarneçiam as janellas.* No caminho parava-se para os condemnados ouvirem a *missa dos mortos*. Parava-se outra vez para serem exhortados, exorcizados, benzidos entre ladainhas: *Sancta Dei Genitrix... Janua Cali...* Emfim avistava-se a forca erguida n'ella espetada a *cabeça de um dos ullinos executados*.

Era assim a justiça de El-Rei.

Si a Republica foi com a Independencia a formosa realidade, —de um dia que tivesse sido, —voltar com a Patria a recahir no abominado captiveiro de que a libertara, era para Domingos Martins, como para Padre João Ribeiro, inconcebivel horror.

“Nessun maggior dolor...”

Bemvinda sentença, a que o amortalhou na bandeira do arco-iris.

No thalamo conjugal não haviam murchado ainda as rosas de auspicioso noivado.

O esposo alvoroçado pela doce reminiscencia de castas alegrias na plenitude de recente amor correspondido, succumbia na “magua sem remedio” da sua inconsolavel viuvez civica.

Nos seus labios morava eterno o travo do desespero.

O Patriota bendizia a morte que o descaptivara de opprobioso viver.

O esposo soluçava o supremo adeus e alava-se á Immortalidade envolto no pavilhão do arco-iris.

O commovido adeus do imperterrito heróe dizia assim:

“Meus ternos pensamentos que sagrados
Me fostes, quasi ao par da liberdade,
Em vós não tem poder a iniquidade:
A’ esposa vôae, narrae meus fados.

Dizei-lhe que nos transes apertados
Ao passar desta vida á eternidade,
Ella, d’alma reinava na metade
E com a Patria partia-lhe os cuidados.

A Patria foi o meu — numeu primeiro
A esposa depois — o mais querido
Objecto de desvelo verdadeiro.

E na morte — entre ambos repartido
Será de uma o suspiro derradeiro
Será de outra — o ultimo gemido!!

Meus compatriotas

A revolução de 1817 em Pernambuco —vaticina um dos seus martyres que lhe escreveu a historia, —bem que “mui pouco durasse, fará sempre época nos annaes do Brasil:

Tempo virá talvez em que o dia 6 de Março, no qual ella foi effectuada, será para todos os Brasileiros um “Dia de festa nacional.”

Meus compatriotas

Le jour de glorie et arrivé...

O Sr. Conde de Affonso Celso, encerrando a sessão, agradeceu ao Sr. Dr. Barbosa Lima o brilhante discurso proferido, bem como a presença do illustre auditorio, que trouxe para a solemnidade o brilhantismo da sessão do Instituto, como tambem a presença das senhoras e srs.: Vice-Presidente da Republica, Ministros do Estado, Prefeito Municipal, Chefe de Policia, representantes dos Srs. Presidente da Republica e ma's autoridades e pessoas gradas.

No auditorio notavam-se os seguintes convidados, Srs. Dr. Urbano Santos, Vice-Presidente da Republica; Capitão de Fragata Aristides Mascarenhas, Desembargador Caetano Pinto de Miranda Montenegro, Dr. Estevão Carneiro da Cunha, Marechal Ribeiro Guimarães, Capitão de Mar e Guerra Henrique Sadock de Sá; Dr. Paulo de Frontin, Presidente do Club de Engenharia; Dr. Godofredo Leão Velloso, Capitão de Fragata, representante do Sr. Presidente da Republica; Almirante Alexandrino de Alencar, Ministro da Marinha; Dr. Lauro Muller, Ministro das Relações Exteriores; José Bezerra, Ministro da Agricultura; representante do Sr. Ministro da Fazenda, o Sr. Manoel de Carvalho; Dr. Celso de Souza; Elpidio de Figueiredo; Dr. Olympio da Fonseca, pela Academia Nacional de Medicina; Alfredo Balthazar da Silveira, Dr. A. B. L. Castello Branco, Capitão Miguel de Castro, representando o Sr. General Agobar, Commandante da Brigada Policial; Capitão Alfredo de Queiroz Mascarenhas, representando o Commandante do Corpo de Bombeiros, e muitos outros.

Occuparam lugares de honra os Srs. Drs. Urbano Santos, Vice-Presidente da Republica e Ministros de Estado Lauro Muller, Alexandrino de Alencar, José Bezerra, o representante do Sr. Presidente da Republica e do Sr. Ministro da Fazenda.

O Dr. Tavares de Lyra por ser ha longos annos socio do Instituto, sentou-se na bancada.

NAS ESCOLAS MUNICIPAES — De accordo com as instrucções expedidas pelo Sr. Director da Instrucção Publica, foi a data de hontem commemorada nas escolas municipaes.

A hora de entrada dos alumnos, as respectivas professoras, reunindo-os, explicaram-lhes claramente a significação do episodio historico.

Em seguida, foi encerrado o expediente escolar.

NA ESCOLA "PADRE MIGUELINHO" — Na escola "Padre Miguelinho," á rua Frei Caneca, estando presentes os srs., Dr. Amaro Cavalcanti, Prefeito do Districto Federal; Dr. Manoel Cicero Peregrino, Director Geral da Instrucção; D. Ormindia Ferreira Soares, Directora da Escola "Padre Miguelinho", e grande numero de alumnas, foi hasteada a bandeira nacional.

O Sr. Dr. Manoel Cicero proferio substanciosa allocução referente á revolução republicana de 1817

Sobre o mesmo assumpto orou tambem a regente da Escola.

Em seguida, os alumnos entoaram varios canticos patrioticos, e foi encerrada a cerimonia.

NA ESCOLA BENJAMIN CONSTANT — Celebrou-se hontem, na escola modelo Benjamin Constant, a festa commemorativa do centenario da revolução pernambucana de 1817.

Presidio ao acto o inspector escolar do 4.º districto, Sr. Virgilio Varzea, que fez em linguagem simples e ao alcance dos alumnos, um historico do que fôra esse movimento democratico brasileiro, exalçando os vultos dos seus chefes, como Domingos José Martins, Capitães Theotenio Jorge e José de Barros Lima, Dr. Luiz de Mendonça, Padre Miguelinho e outros, assignalando o patriotismo e o heroismo de cada um, que deram a vida pelos seus ideaes patrioticos de independencia e democracia. Finda a allocução cívica, os alumnos cantaram em côro os hymnos Nacional e da Bandeira, que foram

muito applaudidos pela numerosa assistencia. Logo após a execução da festa chegou o Sr. Dr. Director de Instrucção, que vinha de assistir a mesma cerimonia na escola Padre Miguelinho, no 5.º districto de ensino.

Em seguida a uma pequena demora no gabinete da directora da escola D. Zulmira de Miranda, o director sahio a percorrer todo edificio, achando tudo em boa ordem e asseio. Ao despedir-se, o Dr. Manoel Cicero felicitou a directora da escola pela realização da festa aos martyres da revolução de 1817, bem como todo corpo de adjuntas, e sahio acompanhado do inspector escolar a visitar a escola modelo Bernardo de Vasconcellos.

NA CAMARA FEDERAL

Discurso do Deputado Estacio Coimbra

A representação de Pernambuco que se associou ao nosso eminente conterraneo sr. Barbosa Lima, formulou e vem submeter á apreciação e ao voto da Camara um projecto de lei subvencionando com a importancia de cem contos de reis a erecção na cidade do Recife, de um monumento commemorativo da revolução de 1817, cujo centenário festejámos a 6 de março do anno corrente.

Não me proponho a fazer, nas rapidas considerações, que visam justificar a procedencia de nossa iniciativa, a psychologia daquelle grande movimento democratico, estudar-lhe as causas, devassar-lhe os objectivos, ou lamentar suas funestas e dolorosas consequencias, que se traduziram no sacrificio de vidas preciosas dos patriotas, que o conceberam e realizaram, e na mutilação do territorio da antiga provincia de Pernambuco.

Foi sempre este o castigo, com que a metropole e mais tarde a corôa, viltaram os surtos de rebeldia e independencia da terra pernambucana, despojando-a em 1817 da comarca de Alagoas, que é hoje o estado do mesmo nome, e em 1824 desmembrando-lhe a comarca de São Francisco a principio annexada a titulo provisorio a Minas Geraes, e depois em 1827, ainda a titulo provisorio, transferida á Bahia, em cujo dominio ainda permanece.

Devo, entretanto, accentuar, para que nitidamente se fixem no animo da Camara os intuitos e fins da acção revolucionaria, recordando que na bandeira desfraldada ao vendaval das paixões politicas se inscreviam os princí-

pios basicos de uma verdadeira democracia, como fossem a emancipação dos escravos, a liberdade de cultos e a Republica federativa.

A extinção incondicional do elemento servil, cujas primeiras etapas foram escriptas por Euzebio de Queiroz, em 1854, pela suppressão do trafico, e pelo visconde do Rio Branco em 1871, pela libertação do ventre, logrou effectivar-se ainda sob a monarchia, e foi como o prelude alvicaireiro da transformação radical das instituições politicas, que se operou ao alvorecer de 15 de Novembro de 1889 com a proclamação da Republica federativa, de que foi legitimo corollario a liberdade dos cultos.

Se, sob o ponto de vista doutrinario, a revolução se caracterizou por taes aspirações liberaes, no terreno das realidades um facto occorreu que só elle defende, exalta e glorifica deante da posterioridade o nome e a conducta dos heroes de 1817.

Registram os annaes da historia daquella época, que já vencidos e em retirada, os revolucionarios pernambucanos restituiram, n'um rasgo de altivez e de honra, aos legalistas vencedores, os cofres do Thezouro, que conduziam, absolutamente intactos.

Na commemoração, a que alludi, e que despertou no meu Estado grande vibração patriotica, se fizeram representar todas as unidades federadas deste modo conjugando para glorificação do passado seus sentimentos de civismo e de solidariedade, que fazem da nossa patria um todo uno, e indestructivel.

Resolveu-se então, sr. presidente, que em memoria do grande feito liberal de 1817, com a collaboração material e moral dos Estados Unidos abrangidos pela revolução, se erguesse na capital de Pernambuco um monumento commemorativo.

Não é natural, nem era justo que a tão alta prova de cohesão e de energia do nosso espirito de nacionalidade, que se manifesta no momento —por toda parte com o brilho intenso de uma grande alleluia, a União Federal, que é o vinculo supremo e o orgão autorisado da nação brasileira, se abstivesse indifferente ao gesto civico, que se levantou em Pernambuco, ou se recusasse a compartir dessa obra genuinamente nacional.

O eximio historiador e publicista que é o dr. Oliveira Lima, escreveu: "quem diz historia pernambucana, diz historia brasileira, porque as guerras e revoluções de Pernambuco interessaram e agitaram todo o Brasil, que por umas deixou de ficar metade hollandez, e por outras deixou de ficar nacionalmente esquarterado."

Nestas condições sr. presidente, e evocando o elevado e justo conceito do diplomata patricio, envio a v. exc. o projecto da representação pernambucana, e confio que em testemunho de reconhecimento e de saudade aos martyres de 1817, a Camara dos deputados o approve por unanimidade. (Muito bem. Muito bem. O orador é cumprimentado)

Vem á mesa e é lido o seguinte projecto:

O Congresso nacional decreta:

Artigo unico — O Poder executivo subvencionará o Instituto archeologico e geographico de Pernambuco com a imprtancia de cem contos de reis (100:000\$000 um auxilio á erecção, na cidade do Recife, do monumento commemorativo da revolução de 1817, abrindo para isto o necessario credito.

Sala das sessões, 13 de outubro de 1917. — Barbosa Lima — Aristarcho Lopes. — Costa Ribeiro. — Estacio Coimbra.

SÃO PAULO

Tambem commemorou condignamente o centenario da revolução de 1817 o grande Estado do Sul.

Não houve expediente nas repartições publicas federaes e estaduaes. As casas de commercio conservaram-se abertas mas hastearam bandeiras, o que deu ar festivo á cidade.

Todos os jornaes dedicaram artigos ao feito glorioso. O nosso coestadano dr. Vicente Thermudo Lessa publicou um folheto com o resumo da revolução.

O nosso consocio padre Heliodoro Pires que ja havia publicado no Ceará completa biographia do padre Rolim para apresentar ao congresso regional de historia, que se projectava, subscreveu no *Jornal do Comercio*, o seguinte estudo:

OS LEGIONARIOS DE 17

O traço divino de um sonho de heróes

Que arrebatamento divino nesta loucura de heróes!
Escalam o firmamento azul, arrancam a constella-

ção do erro e atiram a visão luminosa sobre as
prégas da bandeira republicana!

Só este clarão pôde traduzir e sobredeirar o arran-
co sublime, a belleza epica e a refulgencia radiosa deste
sonho de bravos.

Porque ella, a cruz, serena e majestosa, tem sido
e será sempre o numem protector da Patria Mãe.

E's ahí o traço mais vivo, mais expressivo e mais
nobre, desta pagina gloriosa da historia nacional:— é o
traço divino idealizando e immortalizando as palpi-
tações de uma raça.

A commemoração do centenario deste pugilo de he-
rões que avultam nos fastos nacionaes com a dupla fas-
cinação do patriotismo e do martyrio, que até o derra-
deiro alento nos carceres e nos patibulos, no fastigio do
poder, e nos soluços da desventura, no interrogatorio e
na forca, no Pretorio e no Calvario, perennemente res-
pirando serenidade e altivez, sem um instante só de
vertigem e de fraqueza... jámais quebraram a linha de
nobreza e heroismo christão — esta hora solemne deve
levar-nos á contemplação dos principios superiores que
regem as relações entre a religião e a patria e ao estu-
do da feição eminentemente christã que caracteriza o fei-
to de 1817.

Uma das increpações que mais insistentemente se
encontram nos labios da tyrannia politica e da prepo-
tencia civil contra a Igreja é a de que o catholico não
pode ser bom cidadão, a do antagonismo entre o desdó-
bramento da fé e a vida civica.

Dahi o pretexto criminoso para as perseguições san-
grentas ou veladas, para as leis draconianas, para os
regimens de excepção e iniquidade legalizada.

Dezenove seculos de provas em contrario deveriam ser sufficientes para pulverizar esta grande infamia.

O catholicismo dá força a autoridade e do mesmo passo nobilita a obediencia no cidadão.

Quando eu parto do principio de que todo o poder vem de Deus e todos os homens são iguaes perante o Legislador Supremo, naturalmente eu posso medir e alcançar a dignidade e a elevação de meu acto de submissão á lei, logicamente eu concluo que esta lei jámais poderá violar o santuario de minha consciencia e que nem os deveres de cidadão nem as injuncções do crente poderão asphixiar e abafar as aspirações de liberdade no peito humano; ha algo divino neste impulso que arrebatava o homem para a liberdade.

Sabemos todos que a doutrina catholica estabelece a origem divina da autoridade observa eminente publicista americano, mas desta doutrina á unção de Deus, directa, pessoal, perpetua, attribuida a certos e determinados homens ou familias., considerados como seres superiores da especie humana, ha um abysmo.

A primeira é a doutrina catholica ; a segunda não. A primeira engendra a democracia e a republica, desde que o modo mais natural para determinar a autoridade é a designação popular. A segunda, é a mãe do cesarismo que em suas relações com a religião chamou-se regalismo.

Eis a primeira lição que nos apresenta a jornada gloriosa de 1817: um reflexo do Evangelho e de Christo, o sonhador divino que ensinou ao mundo a noção real da liberdade.

Vejamos outro aspecto, e este tocante e elevadissimo, das relações entre o cidadão e o catholico. Para nós, filhos do Evangelho, o amor da Patria é dever sagrado, obrigação sacrosanta.

E ella, a Patria, no dizer de Montefeltro, é a figura que passa acclamada atravez da geração e através dos tempos

Desde cedo a idéa de Patria foi buscar na esphe-

ra religiosa o seu elemento principal, o seu caracter mais verdadeiro e mais completo.

No mundo antigo, escreve um autor, fazer parte de um povo era adorar com este povo o mesmo Deus. Roma não destruia os altares dos povos conquistados; adoptava-lhes o culto na capital soberana.

Ahi está um dos segredos que dão a chave das maravilhas realisadas pela politica imperialista do povo rei.

As mãis romanas eram baluartes formidaveis na defesa do lar da Patria, porque ellas sabiam ensinar aos filhos que o corpo do cidadão deve ser o escudo protector do altar e do sanctuario.

Não ha povo sem Deus, porque Deus é a alma da Patria, já se escreveu. "Do lar e da Patria não havia separar o sanctuario e o altar, no mundo antigo".

E quando o thermometro moral no mundo judaico baixa desolantemente levanta-se, illuminada de grandeza e de heroismo, a alma dos Machabeus culminando nesta explosão e neste grito: —Morrámos com as armas na mão. Mil vezes a morte do que contemplar a desventura da Patria!

Seria preciso lembrar aqui que o patriotismo do crente vai inspirar-se no patriotismo robusto do Christo? Porque é que os legionarios de 17 illuminaram o estandarte republicano com o symbolo da Cruz senão porque está na cruz a mais alta, a mais nobre e a mais pura expressão de patriotismo?

Na lição de historia patria, que hoje fulgidamente se abre a nossos olhos, o que verificamos é que os pernambucanos de 1817 amavam não somente o territorio, o sangue e o genio da raça, mas tambem "as fontes do baptismo, as aras sagrada, as memorias do passado" em que o Cruzeiro derrama a sua luz propicia, e finalmente as esperanças de um futuro illuminado ainda pelos resplendores da mesma Cruz.

Para os heroes de 17 a patria "era a voz de Deus chamando os povos ao dever." Com este gesto os republicanos de então prolongaram as tradições de vida ci-

vica e ardor patriótico que tanto honram e enaltecem o historia do catholicismo. Na Hespanha é a fé que congraça os bravos e realiza o arrojo sublime que nos desfiladeiros de Covadonga vai salvar a civilização européa.

Nas legiões guerreiras da Polonia o grito da prece é o grito da guerra e ella, a Polonia nobre, a Polonia heroica, faz-se o rochedo, o reducto invencivel, contra o qual se vem despedaçar debalde as vagas do Alcorão.

Mais uma vez a Cruz salvava a Europa das podridões da cimitarra.

Foi a fé que nos deu na Inglaterra a Magna-Charta —este segundo Evangelho que teria de ficar como ponto de partida e principio de eclosão magnifica das grandes correntes da democracia nas sociedades modernas.

A fé espiritualizou tão intensamente a atmosphera naquelle rincão que o nome da terra teria de ficar como a expressão e a recordação perenne deste periodo: Inglaterra quer dizer Ilha dos Anjos ou dos Santos. Foi este évo refulgente de fé viva ha Historia Britannica que nos deu a *Magna-Charta*.

A França é uma colmeia; construíram-na as abelhas pacientes que foram seus Bispos. Quando em Florença entrava em jogo a causa da patria —a flamma de fé— que de todo não se apagara no fundo das almas violentas daquelles feros lutadores guelfos e gibelinos fazia arder a alma florentina e congraçava os filhos da mesma terra á sombra do campanario.

Até as moças vestidas de vermelho e branco organizavam legiões e arregimentavam-se para a defesa da patria.

E por sobre estas cabeças frementes levantava-se o grito de Farinata: *Fazei soar vossas trombetas; nós tocaremos nossos sinos.*

Para Florença, como para todos nós catholicos, a voz do bronze que chamma á prece póde accender nos peitos as coleras sagradas do patriotismo. O fundador

da Republica norte-americana disse um dia: "*Uma nação para ser livre precisa ser virtuosa.*"

E os legionarios de 17 souberam ser livres e morrer pela liberdade, porque souberam ser virtuosos. E a virtude daquelles republicanos chegou até o heroismo. Não foi debalde que procuraram a inspiração da cruz, erguendo-lhe um altar no seio da bandeira. E a bandeira quer dizer, por vezes, o coração da patria.

Está na cruz o principio que preserva desta decrepitude que attinge fatalmente todas as cousas humanas." V. *Les Origines de la Civilisation Moderne*, XXXVI—1.) Por isso procuraram-na os bravos legionarios do Leão do Norte.

A cruz representa o principio civilizador de que a Igreja é depositaria. E os legionarios de 1817 comprehendem que este principio civilizador communicaria seu alento e sua força immortal ás formas frágeis das instituições humanas, elevando-as acima da sua natureza, segundo a phrase do grande Godofredo Kurth e communicando-lhes alguma cousa de sua propria eternidade.

Eis ahi o traço divino idealizando e immortalizando os arrancos sublimes de uma raça e o sonho aureo de um pugilo de heroes.

Salve, legionarios de 1817!

A Feição Christã do movimento de 1817

Alguem dirá que o movimento libertario de 1817 foi um reflexo da demagogia de 1789 e que a Republica de Pernambuco é filha da Revolução Franceza. Erro crasso. Engano completo. Dizendo da revolução americana, Zorilla de San Martin, o maior poeta contemporaneo da America hespanhola e um dos maiores publicistas do nosso continente, em seu livro *Conferencias y Discursos*, responde admiravelmente a esta questão,

Como todos os movimentos que levaram os paizes americanos a sacudir o jugo e a tutela das nações colonizadoras, a revolução de 1817 apresenta o seu caracter peculiar, o seu traço inconfundivel. A demagogia de 89 terá sido entre nós, na America, quando muito, motivo occasional e factor de vulgarização ainda que adulterada do principio de que o Governo deve pertencer aos mais aptos.

O movimento de 17, como a revolução americana, não é a illação ou o desdobramento de uma theoria; é um feito do dynamismo popular e ao mesmo tempo um facto proveniente do Evangelho. E', explica o escriptor, a inspiração do coração popular, não enfermo, não contaminado; é a obra do instincto da liberdade christã que faz que os homens se sintam iguaes perante Deus.

Paraphraseemos este trecho de Zorilla de San Martin. Observai a diversidade de caracteres entre a revolução européa e o movimento de 17. Alli os altares ardião e levantava-se das multidões um surdo clamor contra Deus; em Pernambuco, "o povo reune-se justamente em torno dos altares; congrega-se nos mesmos templos; suas orações são uma prece collectiva, algo como o rumor de um bosque sagrado habitado pela tempestade." Alli os generaes tinham ameude a blasphemia nos labios: as excommunhões do Papa, dizia Napoleão, não hão de fazer cahir os fuzis das mãos dos meus soldados; em Pernambuco, povo, nobreza e clero, reuniam-se nas matrizes e igrejas do Recife para implorar de Deus as benções sobre a nova Republica. Alli impunha-se ao clero catholico a opção entre a morte e a apostasia e o clero elegeu a morte; em Pernambuco é o Deão Portugal, são as mais importantes figuras do Clero, Padre João Ribeiro, Padre Miguelinho, que se encontram nas primeiras fileiras entre os paladinos da nossa liberdade; são os sacerdotes que abençoam os estandartes da Republica em nome do Altissimo. A revolução européa, definio seus propositos e seu espirito em declarações e constituições anti-christãs. Os revolucionarios de 17 cons'gnaram como base da nova Republica a união de

Deus e da Patria, o consorcio da Igreja e do Estado; a filial protecção deste em favor daquella. (V. Zorilla de San Martin.)

Não; o movimento de 17 não foi effeito da revolução anti-christã de 89. Fechemos estas linhas.

Oh! traço divino da obra dos heróes de 17: a cruz! Como ella diz bem da belleza soberana com que os Pernambucanos quizeram crystalizar o sonho deslumbrante. Fizeram a Republica, na imagem de Junqueiro á sua imagem e semelhança, com torrentes de vida — o seu sangue; com um hymno de aurora — a sua fé; com estrellas de dôr — as suas lagrimas.

Fizeram-na com “beijos e canções”, soluços e agônias *batalhando, rezando* e derramando sangue.

Nelles o “amor crescia em belleza” porque crescia para a liberdade. E foi por isto que “*com a immortalidade dêste amor elles venceram a morte* na Historia...

Com a força da cruz, os heróes de 17 foram “uma intuição, uma fé, uma força nova.” Como o genio do Uruguay, o nobre Artigas, o genio de Pernambuco a legião de 1817 creu na democracia, acreditou no povo. “na materia cosmica, mais ou menos cahotica, mas capaz de ser fecunda pela força creadora, pela cruz e pelo sangue.” E os legionarios a fecundaram com o proprio sangue, á luz divina do Cruzeiro. E deste alento generoso brotou a Patria nova...

O dia da Republica de 17 deve ser o dia santo do paiz. Os republicanos do Leão do Norte encarnam e personalizam o melhor, o mais puro, o mais nobre e o mais forte da nossa raça. Nestes momentos tão sombrios para os destinos patrios, nós, os descendentes e herdeiros dos republicanos de 17, não devemos ceder ao desalento, nem ao pessimismo.

Peçamos ardentemente que *venha a nós a flamma que ardeu na alma daquelles bravos*. As linguas de fogo, disse o poeta, só descem quando se desejam.

Os bravos de Pernambuco são os cruzados e valentes que um sonho deslumbrante arrebatou e que entram

na historia com os olhos fitos na visãõ de anil e neve da bandeira republicana, illuminada pelo Cruzeiro.

Celebremos religiosamente a legião heroica. Louvado seja sempre o santo nome dos legionarios de 17! Confiemos no futuro da Patria. E' trabalhar em pura perda procurar fóra do Évangelho e da Cruz os elementos e a força que depurem e robustecem o nosso patriotismo, os factores profundos e a virtualidade possante que hajam de fecundar o nosso nacionalismo.

Desanimar, nunca! O desalento não é christão e o desanimo não entra no patrimonio e na herança preciosa da Republica de 1817. Trabalhemos pelo Brasil confiante na Cruz; é Deus quem salva os povos. Eis ahí a lição altissima dos bravos Pernambucanos de 17. Eis ahí a suggestão clarissima, a onda sonora e luminosa que irradia da belleza épica e dos arrebatamentos daquellas aguias allucinadas.

Padre Heliodoro Pires.

A's 20 horas, realisou-se, no salão do Conservatorio, a conferencia civica do sr. dr. Carneiro Leão, sobre o centenario.

Promovida por um grupo de jornalistas e homens de letras e dedicada á mocidade brasileira, a conferencia do distincto publicista despertou muito interesse, atrahindo ao Conservatorio numerosa e selecta concurrencia.

Entre os presentes notavam-se os srs. dr. José Rubião, secretario da presidencia do Estado, representando o sr. dr. Altino Arantes; capitão Dantas Cortez, representando o sr. dr. Eloy Chaves, secretario da Justiça, algumas senhoras, professores e estudantes, das nossas escolas superiores, homens de letras, magistrados, etc.

O sr. dr. Carneiro Leão, na sua conferencia, fez o historico da revolução de 1817, estudou o estado politico

e social da época, enaltecendo a grandeza da alma dos heroes que se sacrificaram pelos seus idéaes de liberdade.

Damos, abaixo, a peroração do sr. dr. Carneiro Leão, que, ao terminar, foi applaudidissimo:

“Para nós, os filhos da Independencia e da Republica, elles foram os grandes precursores. Para que a Republica e a Independencia nos viesse sem sangue era preciso que elles já o tivessem vertido antecipadamente, como os fiadores bem amados do nosso triumpho.

E como foram grandes no seu sonho, generosos nas suas victorias, abnegados e serenos nos revêses inauditos! Como dilatada foi a sua visão de liberdade! o sonho de 6 de Março abrangera, na sua idealidade sympathica, os adventos de 1822, com a independencia, 71 com o ventre livre, 88 e 89, com a abolição e a republica, porque tudo que essas datas conquistaram, parcialmente, elle queria realisar de uma só vez.

Grande sonho, magnificos heroes!

Nós, os filhos deste seculo, os que vivemos e festejamos este centenario, gosando, em boa parte, das liberdades, pelas quaes aquelles patriotas tão ardentemente se sacrificaram, quanto temos que trabalhar para effectivarmos a grandeza da patria, porque elles tanto se bateram!

Fizemos a emancipação e a Republica, mas não construimos a nacionalidade, não organisamos o Brasil.

O sonho dos heróes de 1817 é hoje realidade, mas precisamos de edificar a patria para gosal-a com consciencia e amal-a com dedicação.

E' necessario formar o povo, educando-o, incutindo-lhe o amor pelas instituições liberaes, instruindo-o, fazendo-o amar a patria, preparando-o para defendel-a, dando-lhe capacidade de organização e de trabalho.

Devemo-nos mostrar dignos realisadores dos sonhos desses heróes.

Era aquella a missão delles, é essa a nossa missão. Devemos cumpril-a com a energia e a bravura com que elles cumpriram a sua.

1817 annunciou 1822, que a commemoração do seu centenario (em 1917) realisada sob os auspicios da Republica, que já temos, possa preparar a commemoração do outro (em 1922) com um Brasil, que trabalhe, organizado, forte e consciante, que devemos ter."



—O Instituto Historico e Geographico de S. Paulo tambem realisou, em sua séde social, uma sessão commemorativa da revolução pernambucana.

Occupou a tribuna das conferencias o sr. dr. Domingos Jaguaribe.



Em Campinas, não passou despercebida a data commemorativa da revolução pernambucana de 1817. Em estabelecimentos publicos e em algumas associações esteve arvorado o pavilhão nacional durante o dia.

Na succursal do "Estado" esteve tambem hasteada a bandeira nacional. No Lyceu de Nossa Senhora Auxiliadora, ao içar-se o pavilhão nacional, foram prestadas as continencias do estylo pelo batalhão escolar da quella casa de ensino.

O professor do Lyceu sr. João dos Santos, perante numerosa assistencia, fez uma prelecção, discorrendo sobre a data historica.



Tambem em Sorocaba e Agudos, houve commemoração.

Nesta ultima localidade, a manifestação foi promovida pelo padre Gasparino Dantas. Houve sessão magna no paço municipal, com a presença das altas autoridades e pessoas gradadas dali. Discursaram o juiz de direito, os drs. Camerino Girander Filho, José da Rocha Botelho, padre Gasparino e outros.

Estava presente á manifestação o sr. Manoel de Barros Wanderley Sobrinho, advogado, unico pernambucano que ali reside. Teve o prazer de representar o nosso Estado natal e agradeceu em nome de Pernambuco, a grande prova de sympathia dos paulistas.

Depois da reunião, formou-se um préstito civicio que percorreu as principaes ruas da cidade.

REVOLUÇÃO DE 1817

Si bem que não tenha havido commemoração especial em Curitiba, o jornal *A Republica* expoz em seu mostruario a bandeira da revolução de 1817, no dia em que se festejava o centenario do grande feito.

Todos os jornaes diarios — *A Republica*, o *Correio do Paraná*, o *Diario da Tarde* e *Commercio do Paraná* publicaram artigos commemorativos.

O nosso distincto consocio, dr. Romario Martins, reputado historiographo paranaense, subscreveu o seguinte estudo, no *Commercio do Paraná*.

O IDEAL E O MEIO

Pernambuco já havia ensaiado anteriormente outros modelos de independencia. Por duas razões principaes fizera ali o seu ninho a nascente consciencia brazileira e a liberdade o campo da sua cultura.

Fôra ali onde mais arbitraria se fizera a dominação portugueza, servida por autoridades ignorantes e violentas, creadoras de rivalidades entre a “cabrada” (brazileiros) e os “pés de chumbo”, “mascates”, “marinheiros”, etc, aleunhas com que o elemento nativo, por sua vez, mimoseava os seus compatriotas de além-mar.

A agricultura intensiva do algodão e a fabricação de assucar, facilitadas pelo elemento escravo, haviam trazido uma certa independencia material a uns e a outros, “cabras” e “marinheiros”, de sôrte que os pernambucanos nessas condições faziam educar os seus filhos no velho mundo, longe de taes rivalidades, e quiçá

com a previsão de melhor afortunar uma sociedade que, com os próprios elementos, cada vez mais se afundava na d'ssolução com a entrada continua de negros da costa d'Africa e com a vinda da corte vadia e intrigante de D. João VI para o Brazil —acrescida dos peiores contingentes do seu sequito.

Com o regresso dos jovens pernambucanos surtiu então, na sociedade do Recife e se disseminou na sua visinhança, o estímulo ás reacções nativistas, tendo por base essas duas fórmãs dispáres de ecclosão: o espirito novo dos tempos que corriam e a massa ainda infórme de uma raça impetuosa, ignorante e escravisada. Esses dois elementos inmissiveis, andaram sempre em Pernambuco fazendo os heróes de ephemeras conquistas.

Um, dentro dos seus grandes ideaes, erguido nas utopias do seu radioso sonho americano; e o outro, ethnicamente enraizado nos areiaes africanos, incapaz de perceber ainda as razões do sacrificio que lhe era imposto e obedecendo a todos os commandos pela sua triste condição de habitual passividade.

Comtudo, os espiritos que assim tão ardorosamente alevantavam os seus ideaes e cavalheirescamente cortejavam as mais cultas civilisações, andaram sempre, como bem diz João Ribeiro, confundindo o applauso com a solidariiedade e os comparsas do jubilo com os cumplices de perigosas façanhas. E Pernambuco ia ser, mais uma vez victima heroica dessa miragem!

A PROPAGANDA

Conhecidos a oppressiva situação do meio pernambucano e o espirito de sccleração de uma pequena mas ardorosa parte dos seus contribuintes sociaes, vejamos o evolver dos acontecimentos que essa tensão de resistencias oppostas estava em via de determinar.

A propaganda reaccionária lavrava intensa e quasi desembaraçada, diante da anarchia geral. Domingos José Martins, de regresso da Europa em 1874, desde então percorria o Ceará e a Bahia, acompanhado de

Domingos Theotônio Jorge, ambos ao serviço da independência e prestigiados, segundo se dizia; pela maçonaria ingleza.

Francisco de Paula Cavaleanti de Albuquerque, Capitão Mór de Olinda, percorria com o mesmo intuito as capitánias da Parahyba e do Rio Grande do Norte. Outros, como o subdiacono Manoel Martiniano de Alencar, o Capitão Mór Filgueiras e sobre todos José Ignacio Ribeiro de Abreu Lima, o celebre e glorioso Padre Roma, foram os apóstolos dessa cruzada pela liberdade.

Diante do rastilho da propaganda, corria, entretanto, o fumo negro da intriga.

E na propria côrte de D. João VI, o príncipe D. Pedro, segundo Oliveira Martins, era accusado de acariar as ideas subversivas que iam explodir, de parceria com o Conde dos Arcos, Governador Geral da Bahia, ambos ambiciosos de absoluto dominio na America Portugueza e trabalhados pelo "cego instincto de gloria apparatusa que mais tarde se desvelou á luz de outros successos.

Portugal reclamava os seus fidalgos que não se davam bem nos sertões americanos, e as insídias da côrte forçavam o velho rei amorfo a lhe servir os intentos. Mas dentro dessa mesma ordem de coisas, já passava certamente pelos espiritos que "a nau que navegara tres seculos, batêra agora nos cachoupos." (João Ribeiro, "Conspiradores.")

A ACÇÃO

A revolta surtiu com surpresa para todos. Se bem que esperada, por isso mesmo se precipitára.

O Governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro foi a 1.º de Março procurado pelo desembargador José da Cruz Ferreira, ouvidor em Pernambuco, que lhe denunciou um movimento revolucionario projectado para irromper por occasião dos festejos pela aclamação de D. João VI. Após algumas averiguações o Governador Montenegro convocou uma reunião dos of-

ficiaes superiores da tropa portugueza e lhes communicou o que havia apurado da conjuração.

Foi resolvida a immediata prisão dos suspeitos, incumbindo ao Marechal José Roberto Pereira da Silva a dos civis e aos commandantes das corporações militares a dos seus subordinados compromettidos.

O Marechal José Roberto desempenhou com feliz exito a sua incumbencia, prendendo os paisanos Domingos José Martins, Antonio Gonçalves da Cruz, José Maria de Bourbon cirurgião Vicente Ribeiro dos Guimarães Peixoto e Padre João Ribeiro. Dentre estes o primeiro e o ultimo foram os dois grandes heróes da revolução, inapagaveis figuras do nosso martyrologio republicano.

Os militares implicados na projectada revolta e com ordem de prisão foram os seguintes: —Capitão Domingos Theotônio Jorge, capitão José de Barros Lima, Pedro da Silva Pedroso, José Mariano de Albuquerque, Antonio Henrique Rabello e Manoel de Souza Teixeira. O commandante do Regimento de Artilharia brigadeiro Manoel Joaquim Barbosa de Castro, em pessoa, procurou effectuar essas prisões: e fel-o com tal desabrimiento, que a cada um dos officiaes primeiramente insultava com as mais asperas palavras.

Domingos Theotônio Jorge, em cuja direcção dictatorial acabou a ephemera e gloriosa republica, supportou todas as injurias; mas a seguir tocou a vez de Barros Lima, que não se conteve, e desembainhando a espada, com ella feriu de morte o seu insultador.

A força dividiu-se. Os officiaes portuguezes diante de tal resolução, abandonaram o quartel, que ficou entregue ao resto da força rebellada. Avisado o governador, envia o tenente Coronel Alexandre Thomaz de Aquino Siqueira, seu ajudante de ordens, ao quartel do regimento revoltado; a ver se o continha em obediencia. Mas a força o recebe com uma descarga, e sahe para a rua. O tenente Antonio Henrique Rabello, com 60 praças e 2 peças de artilharia, occupa a ponte do Recife, e

ataca as prisões onde estavam encarcerados os chefes civis do movimento.

O Marechal José Roberto Pereira da Silva, mandado a reprimir a rebelião no largo do Erar'io, percebe a inutilidade de uma resistencia ali e se recolhe com as suas forças á fortaleza do Brum, onde já se havia homicidado o governador.

O quartel de artilharia fornece armas ao povo, que assim afflue no Bairro de Santo Antonio aos gritos de —“Mata marinheiros!”

Todo esse dia memoravel (6 de Março) a noite toda passou o Recife sob a acção da mais encarnizada, insurgencia. Na manhã seguinte as forças revolucionarias se apresentaram na esplanada do forte do Brum, estabelecendo rigoroso sitio. Antes de começar as hostilidades, porém, o advogado José Luiz de Mendonça officiosamente se apresentou ao Governador e o convenceu da inutilidade de uma resistencia fazendo-se então a capitulação da praça, ultimo reducto do realismo em terras de Pernambuco.

O governador Montenegro foi embarcado numa sumáca fretada pela revolução e remettido para o Rio de Janeiro.

O NOVO GOVERNO

Com a victoria da revolução, os seus mais eminentes chefes deliberaram organizar um governo provisório constituído de 5 membros do qual fizeram parte o padre João Ribeiro Pessoa de Mello Montenegro, capitão Domingos Theotônio Jorge Martins Pessoa, dr. José Luiz de Mendonça, coronel Manoel Corrêa de Araujo e Domingos José Martins.

A Junta Governativa, instituiu um Conselho d'Estado, convocando para isso as seguintes pessoas do mais alto conceito em Pernambuco: o Ouvidor do Recife, dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, o brigadeiro José Pires Campello, o dr. José Pereira Caldas, o deão de

Olinda Bernardo Luiz Ferreira Portugal, o negociante Gervasio Pires Ferreira e o dr. Antonio José de Moraes.

Dos engenhos do interior começam a descer bandos armados, que offerecem seus serviços á defesa da Republica e que são imprudentemente dispensados pela Junta.

O novo governo publica varias proclamações, documentos que revellam indecisão de resoluções politicas, naturalmente para que o movimento, não desagradasse prematuramente os elementos conservadores sobre os quaes se apoiara. Tollenare, testemunha ocular dos successos assim as resume: "nessas proclamações a Junta incita o povo a sacudir o jugo de uma cõrte corrompida e dispendiosa, em que tudo se faz em proveito de favoritos e nada a favor da nação; promette uma administração menos custosa e mais nacional e balbucia algumas palavras de liberdade especulativa."

Em uma dessas proclamações, diz o mesmo autor, declara que, "muito a contragosto, não se tocará ainda no regimen da escravidão, menos para aprovar-lhe a justiça do que em respeito aos proprietarios."

A Junta estava em embaraços para a realisação dos seus intentos. E no seu proprio seio, havia elementos que pareciam não haver bem comprehendido toda a extensão do movimento. E' exemplo disso o dr. José Luiz de Mendonça que dois dias após a estrondosa victoria, liberal, propunha em plena Junta "que não se arriasse a bandeira portugueza e se mandasse ao Rei um memorial"... Delle diz Tollenare em suas "Notas Dominicæes" tomadas em face dos acontecimentos: —"veio ver-me no dia 6 de Março para pedir-me idéas sobre a direcção a dar á revolução"... E acrescenta: —"Manifesta pesar por lhe fallecer a experiencia no emprego dos meios de que o seu amor á patria lhe suggere a idéa."

Mas, em contraposição, a Junta possuia vultos da tempera do padre João Ribeiro que "fallava em tom exaltado e prophético." São phrases suas: "*E' um mal inevitavel ter de atravessar a anarchia para voltar á or-*

dem. E' em vão que se pretende abafar as idéas liberaes. Pode-se adormentar por um momento a liberdade, mas ella terá sempre o seu despertar.

Assim seguia a Junta, entre as indecisões e radicalismos, á espera das adhesões das províncias circumvisinhas principalmente da Bahia e do Ceará. A missão do padre Roma a Bahia fôra um insuccesso; porquanto antes da sua chegada, ella já era quasi que do domínio publico. Dentro do seu grande sonho de illuminado, o padre Roma não tivera, em caminho, as precisas precauções, e o Conde dos Arcos, governador geral não pôde deixar de mandar-lhe ao encalço, tal a notoriedade da sua proxima chegada.

O Conde dos Arcos, como já dissemos, era suspeito á côrte, ao rei e aos partidarios do regresso do Brazil á sua primitiva condição de simples colonia portugueza. Se o Padre Roma tivesse levantado a Bahia, sem a sua cumplicidade, bem entendido, o Conde dos Arcos talvez chegasse a ser, não o seu algoz como foi, mas o seu glorificador.

Outros insuccessos se repetiram. As forças realistas da Bahia e do Rio de Janeiro foram mobilizadas; e para substituir a esquadriha real que cruzava o porto do Recife, aprestava D. João VI em pessoa uma frota poderosa e a confiava ao mando do Almirante Rodrigo José Pereira Lobo.

A REAÇÃO

A expedição militar na Bahia sob o commando do Marechal Cogominho de Lacerda veio dando pequenos combates com as forças da republica que lhes sahiram ao encontro com diversos commandos, de militares e civis, mas apenas o exercito do Coronel Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque conseguiu successivas victorias, junto ao engenho de Utinga, não sabendo, contudo aproveitar-se dellas.

Por toda a parte os republicanos foram batidos a despeito da sua brava resistencia. Nesse interim, a Junta se ia dissolvendo. Uns dos seus membros haviam ido para os campos de batalha, como Domingos Martins e Padre João Ribeiro que seguiu o exército a pé e descalço, a *afim de dar o exemplo das privações ás quaes cumpria se preparar*, como disse ao se despedir de Tollenare; outros se deixavam ficar em casa, dando parte de doentes, como fizeram José Luiz de Mendonça e Manoel Corrêa de Araujo.

Erigido então em Dictador, o Capitão Domingos Theotônio Jorge propõe ao Almirante Lobo a entrega do Recife mediante amnistia dos rebeldes, mas não espera a resposta do commandante em chefe do bloqueio e a 19 de Maio retira-se da cidade com 3.000 homens das tropas fiéis á Republica.

Acampada as tropas republicanas no engenho Paulista, os seus capitães concertam a dispersão. O padre João, que a tudo assistia como um grande apóstolo, fiel ás suas idéas de liberdade, suicida-se.

Era o fim.

A REVANCHE

A 20 de Maio, estua no Recife, sem tropeços, a reacção portugueza!

As prisões abarrotadas, exportam victimas para a Bahia, onde o Conde dos Arcos, sem processo regular, as manda matar. O Brigadeiro Luiz do Rego assumindo o governo de Pernambuco, institue uma commissão marcial que não se cança de fazer victimas. Só ha uma pena:—a de morte. Os cadaveres são mutilados e ligados a cauda de cavallos, são arrastados para o cemiterio!...

O cadaver do Padre João Ribeiro é desterrado, para que na sua carniça se saciem as vinganças mais abjectas. A sua cabeça enfiada numa vara, é levada pelas ruas do Recife pelos soldados delirantes!

Essa cabeça, entretanto, que tanto sonhara a liberdade da sua Patria, era já um symbolo! Erguida acima da turba malfeitosa, ella annunciava as reivindicações de 1822, de 1831, de 1888 e de 1889!

Romario Martins.

SANTA CATHARINA

Por iniciativa do Instituto historico de Santa Catharina foi condignamente relembrada a grande data pernambucana, no dia 6 de Março.

Trascrevemos do *Dia* de 7 de Março a completa noticia que deu sobre o facto:

“A's 7 horas, o presidente do Instituto sr. capitão-tenente Lucas Boiteux, assumindo a presidencia, pronunciou breve allocução explicando os fins da sessão e saudando o sr. dr. Fulvio Aducci, como descendente do inolvidavel *Leão Coroado*.

O distincto official de nossa marinha de guerra convidou o sr. dr. Fulvio Aducci para presidir a sessão.

Usou em seguida da palavra o nosso collega sr. dr. Thiago da Fonseca, orador do Instituto, que leu o seguinte discurso:

“Srs. Representantes dos exmos. srs. Dr. Governador do Estado e Bispo Diocesano.

Meus senhores:

Por uma feliz coincidência esta pequena homenagem que o Instituto Historico e Geographico de Santa Catharina presta aos heróes da gloriosa revolução de 1817 no dia de seu Centenario, é presidida por um des-

cedente do bravo capitão Barros Lima, cognominado *Leão Coroado*.

A esse moço illustre, que tantas e tão eloquentes provas tem dado do seu patriotismo e de sua capacidade, e em cujas veias pulsa o sangue ardente e nobre de um dos bravos chefes da insurreição de 6 de Março de 1817, sejam tributadas nossas homenagens, como penhor de nossa estima pela sua pessoa, de nossa admiração por seu antepassado illustre, a quem cabe parte das glórias do primeiro movimento republicano, regularmente organizado.

Em vós, s. r. dr. Aducci, eu saúdo Barros Lima, o *Leão Coroado*.

Quando em 1710 Bernardo Vieira de Mello convidou os seus companheiros do Senado e da Camara de Olinda a proclamarem em Pernambuco o governo republicano ad instar da republica Veneziana, comprehendeu-se que o sopro da liberdade, que desde remotas éras vinha agitando a Europa, trasladara-se para a America e fôra ter o seu primeiro berço na encantadora cidade de Olinda, collocada no alto de uma collina na entrada do porto do Recife, como que reclamando para si as primicias do forasteiro.

O alarma foi suffocado e a idéa, a que os heroes e martyres de 1710 dedicaram o seu bem estar e a sua vida, permaneceu como fogo abafado até que Tiradentes e seus gloriosos e bravos companheiros da Inconfidencia Mineira reclamaram, n'um grito estridulo e vibrante, a proclamação da República como forma de governo compativel com os sentimentos americanos.

Esse grito reboou pelas quebradas das alterosas montanhas da terra mineira e foi repercutir no coração do generoso povo pernambucano.

A terra classica da Liberdade, que jamais teve desfallecimentos na cruzada sacrosanta da igualdade humana, decretada do alto do Golgotha pelo Redemptor do mundo, regada continuamente pelo sangue de heroes acolheu ao chamamento e immediatamente tratou de

renovar o movimento de 1710 e vingar os martyres da Inconfidencia Mineira.

A reacção foi organizada, mas... (a raça dos Judas não terminou com Iscariotes), a conspiração foi descoberta e em 1801 eram presos em Lisbôa, onde estavam em serviço do movimento, Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque e seu irmão Luiz de Paula Cavalcanti de Albuquerque, como auctores de uma vasta conspiração, que tinha por objectivo a proclamação em Pernambuco do governo republicano.

Funcionava n'essa occasião em Itambé o celebre Areopago, fundado pelo sabio parahybano dr. Manoel de Arruda Camara e do qual faziam parte os padres Antonio Felix, José Pereira Tinôco, Antonio de Albuquerque Montenegro e José Ribeiro Pessoa e o capitão André Dias de Figueiredo.

Esses obscuros apóstolos da Liberdade iam instruindo o povo e despertando-lhe n'alma o enthusiasmo pela Republica e d'aquella humilde povoação sertaneja, plantada nos limites entre Pernambuco e a Parahyba irradiava-se uma intensa corrente democratica.

Conhecida a prisão dos irmãos Albuquerque, o dr. Arruda Camara e seus companheiros julgaram conveniente dissolver o Areopago, e em sua substituição foram creadas as Academias do Cabo e do Paraizo.

Ia-se assim, sem vacillações, satisfazendo os desejos de Leandro Bezerra, unico heroe de 1710 que conseguira escapar á morte e que, prohibido de regressar ao Recife, escrevia da Bahia aos seus amigos:

“Não corteis um só quiri das mattas; tratae de poupal-os para, em tempo opportuno, quebrar-se nas costas dos marinheiros (portuguezes).”

Em todos os pontos percebia-se um surdo movimento de revolta, de que era prenuncio um mal estar geral.

Pairava no ar uma inexprimivel anciedade...

Era como nas tardes estivaes, em que a atmospherá carregada, denunciava um proximo temporal!...

E, como n'essas occasiões occorre, o vendaval desencadeou-se tendo por origem apparente um motivo futil:—o não ter sido (conforme escreve o notavel historiographo Muniz Tavares), convidado para um conselho de officiaes generaes o brigadeiro José Peres Campello por ter nascido em Pernambuco.

Esse conselho, reunido em 6 de Março, condemnou á prisão 3 capitães de artilheria —Domingos Theotonio Pessoa de Mello, José de Barros Lima e Pedro da Silva Pedroso, o tenente José Maria de Albuquerque e o ajudante de infantaria Manoel, bem como o padre Ribeiro Pessoa, membro de Areopago de Itambé, Domingos José Martins e Antonio Gonçalves Cruz accusados de conspiração por um vil delator cognominado *Carvallinho*.

Essa deliberação ateou o incendio da revolução.

Domingos Theotonio, em pleno Conselho, foi preso, mas Barros Lima —o valoroso *Leão Coroado*, ao ser-lhe dada voz de prisão pelo brigadeiro Barboza, desembainhou a espada e arremessou-se contra o brigadeiro, que foi morto pelo tenente José Mariano Cavalcanti, genro de Barros Lima.

Os officiaes portuguezes presentes, um dos quaes sobrinho do brigadeiro, fugiram vergonhosamente.

Estava acceso por *Leão Coroado* o facho rubro da revolta!!...

E enquanto o governador, scientificado do que occorria, providenciava para jugular os elementos revoltos, Barros Lima e José Marianno, de accordo com o capitão Pedroso, procedem á formatura dos soldados, munição-os, exhortando-os a salvarem a Patria em perigo.

Temendo represalias o governador retira-se de palacio e recolhe-se á fortaleza do Brum.

O Recife estava em armas!...

O crepusculo de 6 de Março ia assignalar o occaso do regimen monarchico no Recife.

Os revolucionarios multiplicam seus esforços, apoderam-se das principaes posições e concertam os meios de se apoderarem da fortaleza do Brum.

Em reunião plenaria a que comparecem os padres Ribeiro Pessoa, Miguel Joaquim de Almeida e Castro, e Jacome Bezerra, vigario de S. Pedro Gonçalves, Felippe Nery e Gonçalves Cruz, decide-se para o dia seguinte o assalto á fortaleza do Brum; que capitulou no dia 7 de Março, sem que Caetano Pinto, o governador da Provincia e os officiaes generaes (1 marechal e 3 brigadeiros) tivessem empregado o minimo esforço para defender essa fortaleza.

Já anteriormente, os revolucionarios se tinham apoderado do Erario, onde se accumulavam 600 contos, que n'aquelle tempo representavam bem uma colossal fortuna.

Dada a capitulação da fortaleza do Brum, os revolucionarios reúnem-se e acclamam o Governo Provisorio assim constituido.

padre João Ribeiro Pessoa de Mello Montenegro.
capitão Domingos Theotônio Jorge Martins Pessoa,
desembargador José Luiz de Mendonça,
coronel Manoel Correia de Araujo, agricultor e
Domingos José Martins negociante.

O governo nomeou secretarios, Carlos Marynk padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, que accumulou todo serviço, porque Marink recolheu-se a uma calculada inactividade.

Assumindo a administração publica, o Governo Provisorio começou a agir no interesse da causa republicana e do bem geral.

Um dos seus primeiros actos foi instituir o tratamento de *Vós*, mesmo para os membros do Governo.

E como era conveniente dar ao povo uma noção exacta e completa dos intuitos da revolução foi impresso o *Preciso*, primeiro fructo do inapreciavel Thesouro da Imprensa.

O *Preciso* elaborado pelo desembargador Mendonça foi impresso em uma pequena typographia que um negociante inglez mandára, mezes, antes, vir da Euro-

pa. e que jazia abandonada nos fundos de um armazem.

A revolução de 17 trouxe para Pernambuco esse beneficio, por todos apreciado como um nectar suavissimo.

Chegados a esse ponto precisamos parar e, lançando um olhar para traz accentuar que, como todas as demais conquistas liberaes, a revolução de 1817 teve o concurso sincero, a cooperação efficaz do clero catholico.

A propaganda das ideas republicanas, de que a revolução, cujo centenario hoje commemoramos, foi a eclosão mais intensa, foi feita por esse clero que a ingratição humana taxa de retrogrado.

Já mostramos o papel saliente do Areopago do Itambé, de onde, pregada pelos sacerdotes, sahiram os pregoeiros da Republica.

Vós vistes que á frente do Governo dous padres assumiram parte das responsabilidades da revolução, enquanto outros, como emissarios do governo provisório, iam morrer ás mãos dos realistas.

Entre estes sacerdotes occupam logar saliente o padre Luiz de Albuquerque, vigario de Santo Antonio, o padre Pedro Tenorio, vigario de Itamaracá, que commandou as tropas que tomaram o forte d'esse nome o padre Ignacio Fortuna, o padre Antonio Pereira, padre João Ribeiro e muitos outros e sobretudo o heroico padre Roma, assassinado miseravelmente na Bahia por um Conselho illegal.

Mas detenhamo-nos e continuemos a nossa narrativa.

No dia 8 de Março a Parahyba adherio ao movimento, organisando o seu governo em Itabayana, donde irradiou-se para a Capital e para os demais municipios.

O Rio Grande do Norte, a 19 de Março, sob a acção decisiva do padre Antonio de Albuquerque Montenegro, vigario de Goyaninha, adherio igualmente á Re-

publica, instituindo o governo republicano chefiado pelo vigario Feliciano Dornellas.

Foi então que o governo de Pernambuco, para levar a nova ordem de cousas a todo o norte, designou dous emissarios, um para o Ceará e o outro para a Bahia.

Para o Ceará foi o padre José Martiniano de Alencar, joven sub-diacono incendiado pelo amor da Patria e para a Bahia foi designado o padre José Ignacio Ribeiro de Abreu Lima, cognominado padre Roma.

Os emissarios partem; acompanha-os os votos de felicidades dos pernambucanos.

Alencar, depois de paciente trabalho, julga azado o momento, vae ao pulpito na Matriz do Crato e lendo o *Preciso* proclama a Republica.

No adro da Igreja o povo bate palmas, ergue vivas e arvora a bandeira revolucionaria, mas o governador Felgueiras chega inopinadamente e obriga o povo a dar vivas ao Rei, prendendo alem de Alencar o padre Luiz José, vigario da parochia, o padre Carmelita Mariano Pessoa.

Estava jugulada a revolução do Crato!

O padre Roma nas Alagoas, que era então comarca de Pernambuco, consegue a adhesão das auctoridades locais e em Maceió, embarca em uma balsa para a Bahia trazendo cartas para os conjurados bahianos.

A 27 de Março a balsa que conduziu Roma chega á barra de Itapoan, desembarcando á noite.

O alarme porem, fôra dado, a chegada de Roma fôra previamente annunciada e o intrepido emissario é preso ao desembarcar.

Os conjurados, temendo serem descobertos, tramam o assassinato do heroe, que entretanto tivera a nobreza d'alma de lançar ao mar todos os papeis que comprometiam os conjurados bahianos.

Sublime encarnação da caridade catholica!

O padre Roma mostrou a intensidade de seu heroismo, protesta contra a competencia do Tribunal e, para

confusão dos seus algozes, nega a existencia de qualquer complice.

A sentença de morte ditada por um Tribunal incompetente, é lida sem que Roma mudasse de cor; antes como um illuminado, annuncia que em breve seria vingado.

O glorioso martyr morreu fuzilado na tarde de 29 de Março no campo da Polvora, tendo apontado aos soldados o seu peito para que atirassem com precisão.

Roma morreu como um martyr da fé e da Patria.

A' noticia d'esse insuccesso levou o governo pernambucano a procurar apoio no exterior, mas apesar dos esforços de Antonio Cruz—o Cabugá, os Estados Unidos—a terra da liberdade não o concede e a Inglaterra não somente nega-se a reconhecer a belligerancia, mas exonera o seu consul no Recife por ter solicitado exequatur do governo provisorio.

E enquanto a revolução pernambucana luctava á falta de recursos bellicos o governo portuguez tratava de jugular o movimento fazendo da Bahia o quartel general da contra-revolução.

O conde d'Arcos publica uma vil proclamação em que determina que "todo habitante de Pernambuco que não seguir as tropas reaes será fuzilado", estando as forças navaes incumbidas de arrazar o Recife e *passar* todos os habitantes á espada e conclue dizendo que

"nenhuma negociação será attendida sem que preceda, como preliminar, a entrega dos chefes da revolta ou a certeza de sua morte, ficando na intelligencia de que a todos é licito atirar-lhes á espingarda como a bandidos.

Essa proclamação produziria effeito contrario se o governo republicano lhe tivesse dado a mais ampla publicidade.

Qual o homem livre que não revoltar-se-hia de tanta ignominia?

N'essa epoca de provações, novas adhesões vieram fortalecer o animo dos patriotas: Pedro Ivo, padre Souto Maior, Francisco de Carvalho Paes de Andrade, padre Gomes Lima, João Alves Leite e Frei João Loureiro, munidos os civis com patentes de capitães de guerrilhas, foram incumbidos de levantar o espirito popular e organizar novas companhias.

A esses nomes deve juntar-se o de Frei José Maria Brayner, secretario do capitão-mór Francisco de Paula Cavalcanti e de Frei Caneca, conselheiro da expedição que a esse official foi dada para salvar a guarnição republicana do sul de Pernambuco e reconquistar a comarca de Alagoas.

Esse Frei Caneca, que foi soldado, conselheiro e historiador da revolução de 17, foi um dos chefes da Confederação do Equador em 1824, morrendo como o seu antecessor, padre Roma, na Bahia.

A revolução no Recife periclitava, a avalanche realista, apoiada no esquadra que bloqueava o porto, ameaçava inundar de sangue a valorosa cidade.

O governador provisório padre Ribeiro Pessoa, o commandante dos armas Domingos Theotónio Jorge e conselheiros pensaram em uma capitulação que foi recusada pelo almirante Rodrigo Lobo, commandante do bloqueio.

Então, diante d'isso Domingos Theotónio proclamado dictador, apesar de nada o ameaçar no Recife, iniciou no dia 19 de Maio a marcha para o interior.

Triste e doloroso espectaculo.

A marcha iniciou-se.

Domingos Theotónio, a cavallo, com dous ajudantes de campo, era seguido do Padre Ribeiro Pessoa, unico membro do Governo Provisorio que não perdera a fé. O padre Ribeiro Pessoa caminhava a pé com um sacco ás costas e a espingarda ao hombro, em companhia do padre Tenorio.

A força chega ao engenho Paulista e, cruel ironia, allí terminava lugubrememente o glorioso movimento de 6 de Março.

Para remate dessa obra de civismo, o padre Ribeiro Pessoa suicida-se e o seu corpo, esquartejado depois pela soldadesca realista, foi bem o symbolo d'esse movimento que se desmoronava!...

Da capella do Engenho onde fora sepultado o corpo do heroico padre Ribeiro Pessoa é retirado para ser mutilado, e a cabeça, separada do tronco, é passeada pelas ruas do Recife e depois depositada no Pelourinho.

A revolução estava morta e a monarchia portugueza estava vingada!

O resto é facil prever-se: —a guilhotina e a força começaram a sua obra nefasta e sanguinolenta.

Os heroes morrem entoando vivas á Patria.

Napoleão Saldanha, o poeta da revolução de 1824, põe na bocca dos condemnados ao patibulo estes versos patrioticos que poderiam ser ditos pelos martyres de 1817:

Não creias oh! despota deshumano,
Que o patibulo assusta um peito forte;

Amar a patria, desprezar a morte
Character sempre foi pernambucano.

Se pensas hoje, perfido tyranno,
Firmar-te sobre nós, vibrando o córte;
Enganas-te; pois sélla a nossa sorte
Do teu fim o decreto soberano.

Rasgas com ferro agudo o livre peito,
Onde não reinas; o punhal enterras,
Mas não ha de valer tão duro feito.

Ha de o sangue, que vês tingir a terra;
Heroes mil produzir a teu despeito,
A patria libertar, fazer-te guerra.

Antonio Henrique morre dando Viva á Patria e Domingos Theotonio proñuncia do alto da force estas palavras:

“Patricios! A morte não me aterra, atterra-me o juizo da posteridade. Eu deixo um filho em tenra idade, elle é vosso; não o abandoneis, ensinae-lhe o caminho da virtude e da honra.”

A gloriosa revolução de 1817,— o primeiro movimento republicano, regularmente organizado no Brasil,— revestio-se de tres caracteristicos nobilissimos: — patriotismo, honestidade e sincero amor á Republica.

O patriotismo foi provado durante esses tres mezes de luctas, de sacrificios, de abnegação civica.

A honestidade ficou documentada nos actos praticados pelos revolucionarios, quer respeitando a propriedade privada, quer gerindo escrupulosamente o Thesouro publico.

E quando, prestes a ser jugulado o movimento, os revolucionarios espalhavam-se por todos os lados, o Erario publico, escrupulosamente conservado, é enviado para o Recife como uma reliquia intangivel.

Só esse acto bastaria para caracterisar a nobreza dos revolucionarios se por outros titulos estes não se tivessem recommendado á gratidão da Patria.

O sincero amor á Republica foi affirmado nas provas de desprendimento pela vida.

Os heroes morriam entoando hosannahs á Liberdade e ao conforto das deserções, preferiam a morte no patibulo.

O capitão Rego Dantas, cercado por forças superiores no sul de Pernambuco, convidado por seu sogro a bandear-se, proferio estas nobres palavras que passarão á posteridade, como symbolo de valor e de nobreza de uma raça:

“Prefiro a morte com todos os seus horrores á mancha indelevel de trahidor á Patria. O sentimento de familia bem que altissimo, perde todo o seu valor quando é posto em contacto com o dever patriotico, com a salvação da Patria.”

Volvamos agora nosso olhar para o alto, para bem alto e mergulhemos nossa vista na amplidão sublime do firmamento sem fim.

Entre as nuvens de cores multiplas, encimadas pelo constellario, apparece a Cruz sublime que guiou Constantino á victoria.

In hoc signo vinces!

Essa Cruz bendicta, fincada em nosso solo por Pedro Alvares Cabral, que em nome d'ella tomou conta das terras descobertas, essa Cruz que figurava no alto da bandeira dos revolucionarios de 17, essa Cruz que abre seus braços sobre nosso paiz como para garantir-lhe a união e assegurar-lhe a independencia, será sempre o nosso guia, o nosso pharol, o penhor da nossa grandeza!

Em 26 de Março de 1817, ao ser consagrada pela Igreja a bandeira da Revolução, o Deão da Cathedral, depois de uma patriotica allocução, disse ao povo, apresentando-lhe o symbolo da Patria nossa:

“Seguio-o, elle vos conduzirá ao caminho da honra, da independencia, da liberdade! Não vos excitarei a ser valorosos, vós já o sois; o mundo vos conhece: duas cousas somente vos recommendo —disciplina e união: —a disciplina é origem dos grandes feitos, a união a fonte de todos os bens!”

Senhores! tenhamos fé na grandeza de nossa Patria, a ella dediquemos todas as nossas energias, todo nosso amor, como esses bons heroes de 1817.

O dr. Thiago da Fonseca foi muito applaudido.

Em seguida o illustre sr. dr. Fulvio Aducci agradeceu as referencias pessoas que lhe foram feitas.

Encerrada a sessão estabeleceu-se affectuosa palestra, entre muitos dos que compareceram á festa do Instituto.

Na sessão do Instituto fizeram-se representar:

o exmo. sr. dr. Felippe Schmidt Governador do Estado, por seu ajudante de ordens capitão Godofredo Oliveira;

o exmo. sr. Dom Joaquim Domingues, Bispo Diocesano, por seu secretario particular, padre Antonio Nieberle;

o revmo. Monsenhor Francisco Topp, Cura da Cathedral, pelo revmo. padre Thomaz Fontes.

O illustre sr. coronel Pereira e Oliveira, vice-governador do Estado, compareceu á sessão sendo-lhe offerecido logar á direita do sr. dr. Fulvio Aducci.

O Instituto Historico fez-se representar nas festas do Centenario em Pernambuco pelo nosso distincto conterraneo sr. dr. João Elysio de Castro Fonseca, deputado federal por Pernambuco."

Historia da Revolução de Pernambuco em 1817

A edição commemorativa da Historia da revolução de Pernambuco, em 1817, annotada pelo consagrado publicista, dr. Manoel de Oliveira Lima, teve larga distribuição em todo o paiz, sendo recebida com os maiores encomios.

Na impossibilidade de transcrever todas as criticas, damos a seguir alguns juizos.

93:92

JN-00014444-7

Historiadores

A revolução pernambucana de 1817 é o acontecimento literariamente mais harmonioso da historia do Brasil. Nenhum dos episodios da nossa historia se presta melhor ao drama, á eloquencia ou á poesia; todas as linhas ali convergem para uma congruencia que mais acabada e perfeita não a achará a imaginação de um poeta.

A revolução libertaria é essencialmente americana pela sua finalidade, pois que cedo ou tarde, a Republica havia de ser neste continente a ultima palavra da evolução politica. E' ainda, mais profundamente latino-americana, pois que, todas as republicas d'essa estirpe nasceram, como a de 1817, do terremoto napoleonico. Foi o primeiro quebrar da vaga que atravessou o Atlantico.

Derribando os dois thronos da Hespanha, Bonaparte abriu de subito, os olhos e as esperanças da America na realidade que sonhavam. A democracia continental, desde Mexico até Chile, foi a obra do partido francez e das sympathias francophilas.

A America acompanhava de longe a convulsão européa desencadeada contra o legitismo tradicional.

O mundo de então, como o de hoje, estava dividido pelo duello anglo-napoleonico, dividido pelo duello anglo-kaiseriano.

A victoria antipathica da Inglaterra deu ganho de causa ás monarchias européas e ao constitucionalismo, ferindo de morte as revoluções que, como a de 1817, não tiveram a boa fortuna de consumir-se a tempo.

O espirito liberal inglez não tocou nas democracias americanas já instituidas e nem consentiu nem presti-

451-456

gion a Santa-alliança dos seus partidarios extremados. Mas, atrazou de um seculo a Republica no Brasil.

Hoje, entre germanophilos e francophilos não sabemos para que constellação de Hercules marcha a civilização. Não temos consciencia alguma do que, se está fazendo a despeito nosso, n'essa terrivel conflagração.

Tambem não a tinham os revolucionarios de 1817. Apparentemente, falavam com a mesma rhetorica e a mesma literatura emphatica, dos *sans culottes*; tinham tido, como preliminar desenvolvente, os seus pequenos encyclopedisas no *Areopago do Itambé*, nas Academias do Cabo e em algumas lojas maçonicas.

Era como sempre, quanto bastava para converter um tumulto do quartel em revolução democratica.

A monarchia transmigrada pareceu aos patriotas um *conto do vigario*. Para todos porém, em sua condição de meia liberdade, embora appetecivel, assemelhava-se ás soluções do doutor Wenceslau: a politica de *rachar ao meio*. Tinhamos antecipado de um seculo a sabedoria do Salomão mineiro.

Eramos portuguezes, mas livres. O Brasil, Portugal e Algarves como dizia o protocollo, no seu unionismo, era o *maximum* de independencia a que podiamos aspirar.

Ainda ha hoje no Brasil quem, não sem delicada gentileza, nos metta nessa definição de luso-brasileirismo de um seculo atraz. E' um *survival* precioso que nos annuncia não ter caído ainda o ultimo gráo da ampuleta secular. Mas, está por pouco.

A ninguem cabia melhor que a Oliveira Lima pela sua enorme erudição e pela altura das suas idéas geraes a tarefa de reeditar o testemunho quasi inconsciente, (como soem ser os testemunhos contemporaneos na historia) do narrador da revolução de 1817.

Muniz Tavares não fez mais que dar um depoimento dos successos. Não era historiador, nem philo-

scopho e talvez nem mesmo um homem de letras, mas tinha a eloquencia dos que foram compartes e soffria a acção catalitica dos que haviam escapado do naufragio. Elle poude assim recolher as vozes superstites numa "*singular universidade*" a do carcere para onde gastou quatro annos da sua melhor mocidade na companhia illustre de Antonio Carlos e Frei Caneca.

Foi mais tarde monsenhor Tavares, formado em theologia em Paris, foi deputado á Constituinte portugueza de 1821 e um dos emigrados de Flamouth, quando os liberaes luzitanos pretenderam mais uma vez emendar o embigo, que até hoje ainda não querem cortado, da colonia americana.

Tudo isto lhe acendrava o patriotismo e lhe dava certo jacobinismo ingenuo, que conservou até aos seus cabellos brancos ao escrever, em 1840, a *Historia da Revolução*. Era um *homem publico* notavel, politico, diplomata, conselheiro da corôa, e acima de tudo, um sacerdote.

Passou por aggressivo ibellista, e por assanhado ideologo, quando a eversão dos idéaes democraticos nos collocou na America numa situação de opportunismo que estava no Inconsciente das coisas e era talvez favoravel á unidade do colosso sem espinha.

E' difficil dizel-o porque um seculo é ainda mesquinha distancia para termos a perspectiva exacta da revolução integral da America.

Hoje começamos a entrever uma coisa insolita, nova e todavia antiga. Foi a America quem criou a democracia europeá do seculo XVIII, por um trabalho lento madreporico e mysterioso que vinha da época dos descobrimentos maritimos. Foi a America quem deu pela primeira vez o spectaculo do *homem da natureza*, com os seus indios sem Deus e sem Rei, poetizados pelo exotismo das literaturas modernas até acabar no *contracto social* de Rousseau.

Toda a literatura que precede a revolução franceza tomou as suas tintas á lição experimental do indianismo.

Os antigos chronistas das *Isles* e das novas Franças do Novo Mundo prepararam esse falso espectáculo de innocencia e de fraternidade primitiva de que se abeberrou a philosophia politica de tres seculos. Era um testemunho *á posteriori* mais eloquente que o dos mythos e das historias da antiguidade classica.

Os *homens nus* da America encaminham pouco e pouco, gradativamente, o ideal revolucionario dos encyclopedistas, e dos physiocratas.

Agora, é o turno do *homem-vestido*, como Wilson a reiterar, de modo formidavel a antiga allucinação americana.

Nesse conjuncto maravilhoso, a revolução de 1817 é um d'esses abalos centesimaes que apenas affectam os sismographos mais delicados. Mas, tem, como um fragmento de espelho, a mesma luz e os mesmos reflexos da sua origem e condição universal.

Os patriotas daquelle tempo Domingos \ Martins, João Ribeiro, Abreu Lima, Tenorio, Antonio Carlos, Theotonio, o voluvel Mendonça, Miguelinho, Cabugá, parece-nos gigantes contradictorios mas esplendidos, a lutar dentro do tamedal da sabujice legalista.

São admiraveis nos seus mesmos erros e grandes na incomprehensão fatal daquelle momento. Necessitam um historiador genial que tenha o favor de outras musas que não a da simples chronica dos acontecimentos.

Até lá, nenhum subsidio mais seguro, profundo e erudito que esta edição commemorativa do livro de Muniz Tavares, triplicada com as anotações de Oliveira Lima que valem por uma historia completa daquelle periodo.



Oliveira Lima era, de certo, dos nossos escriptores, o de maior capacidade para a tarefa, o mais sabio; o mais bem informado e em quasi tudo o mais competente.

Com ser um seguro guia, falta-lhe comtudo um pouco da imparcialidade. E' elle um brasileiro o seu tanto absenteista. Seu cosmopolitismo elegante incompatibilisa-o com as empreitadas patrioticas; vê-se que elle enxerga na revolução "*a vantagem indirecta* de haver feito preferir o Imperio cohesivo á solução violenta da demagogia dispersiva." E' este, como elle o diz, o pensamento monarchico; mas a sua sympathia é evidente por essa transacção.

Os republicanos como elle o é, sem duvida, collocam as vantagens e a razão de ser da unidade nacional no opportunismo monarchico.

E' esta uma opinião muito seguida e talvez illusoria; em todo caso é um ponto que merece mais largo desenvolvimento. De caminho, digamos que o maior e mais tenaz esforço pela unidade foi realizado sob formas republicanas que taes eram as da Regencia. Ahí pelo menos, entrou por muito pouco a consideração dynastica.

Auctor da melhor historia que possuímos da formação da nacionalidade, com D. João VI, possivel que as suas sympathias pelo rei foragido tenham diminuído em qualquer gráo o enthusiasmo pelas rebelliões americanas.

Entretanto, o seu enthusiasmo não é pequeno pela revolução de 1817 "*atrahente pelas peripecias, sympathica pelos caracteres e tocante pelo desenlace.*"

E ajunta ainda:

—“Foi um movimento a um tempo demolidor e constructor, como nenhum outro entre nós e como nenhuma outra revolução em gráo superior, na America espanhola.”

São palavras verdadeiras, exactas e sinceras. Grande foi a sua modestia em apparecer como um simples annotador d'esta edição cuja substancia maior e melhor pertence á sua adextrada e primorosa penna.

Centenario da Revolução de 1817

“Acontece com os episodios historicos o mesmo que, não raro, acontece com os individuos: ou teem a fama maior que a sua importancia real, ou teem uma importancia real maior que a fama. O povo como qualquer critico ou historiador imparcial, deforma tudo que lhe atravessa o espirito, pondo ou tirando-lhe alguma cousa... E' quasi uma lei da natureza humana.

Vêde, por exemplo, o que se dá com estes dous episodios notaveis da historia patria — a Inconfidencia mineira e a Revolução pernambucana de 1817. Vivem ambos no espirito publico com os vultos trocados: a Inconfidencia é um acontecimento grandioso, e a Revolução pernambucana um motim local sem grande relevo, quando a verdade historica é precisamente o inverso. A revolução pernambucana foi o movimento nacionalista mais serio que, antes de 1822, abalou a colonia, reduzindo a um fio os liames que nos prendiam á metropole, ao passo que a Inconfidencia mineira não passou de uma vaga aspiração intellectual. Tudo, na revolução pernambucana, homens e factos, attingiu a uma altura que a Inconfidencia mineira nem de longe rasteou. A revolução pernambucana obedeceu a um largo plano separatista e teve a seu serviço meia duzia de homens de acção, homens por varios títulos superiores, enquanto a Inconfidencia mineira mal servida de homens de acção, sem uma cabeça orientadora, nem sequer chegou a concretizar-se em factos, diluindo-se, como um sonho luminoso, no espirito dos que a conce-

beram e recommendando-se á memoria dos posteros apenas pelo soffrimento de alguns dos implicados e pelo fim tragico a que levou o Tiradentes, cuja leviandade de palrador impenitente um subito arranco de heroismo em face da morte resgatou dando-lhe em meio a covardia geral, um destaque varonil e amortalhando n'um clarão de gloria a sua insignificancia pessoal.

Mortes mais bellas, heroismos mais altos pontuam entretanto á revolução pernambucana, sem que o mesmo relevo hajam alcançado até hoje no espirito publico. O padre Rona, por exemplo, cuja morte lembra a de Ney, pois como o bravo dos bravos elle proprio dirigiu o destacamento incumbido de o fuzilar, ordenando-lhe que visasse direito ao coração, é um typo de uma rara nobreza moral e nada fica a dever, em elevação de sentimento, em serenidade de animo, em intrepidez de character, aos maiores martyres politicos que honram a historia das outras nações. Muito longe, todavia, está a sua gloria de emparelhar, no espirito publico, com a do Tiradentes, quando, si a gloria fosse uma função exacta do merecimento, á d'este devera de muito sobrepujar.

Não se pense d'isto que reputamos desarrazoado o culto nacional á memoria de Tiradentes. Não. Acha-mos apenas que esse culto devia ser repartido — e não o é — por outros que, tanto como o Tiradentes e alguns mais do que elle, legaram ás gerações actuaes uma herança grandiosa de serviços e de exemplos, de civismo e de nobreza. E' uma injustiça que temos o dever de apagar. Apagal-a-hemos no dia em que estudarmos, sem preconceitos de qualquer especie e de ouvidos fechados á voz dos apologistas a historia real dos dois episodios.

Quanto á revolução pernambucana, esse estudo tornou-se facil hoje graças á historia de Muniz Tavares, que é um depoimento pessoal prestado com a maior isenção de espirito e com o maximo respeito á verdade. Essa historia acaba de ser editada pela terceira vez e vem acompanhada na ultima edição de pre-

ciosas annotações do nosso eminente collaborador sr. Oliveira Lima.

Quanto á Inconfidencia, andam esparços ainda os elementos de estudo, mas não é difficil reunil-os. A bôa vontade de qualquer estudioso, com um pequeno auxilio do governo do Estado, poderá levar a effeito, em pouco tempo, essa tarefa. Nem faltam em Minas espiritos esclarecidos capazes de fazer para o seu Estado o que Oliveira Lima acaba de fazer para o d'elle. Não ha epocha aliás mais propicia para uma empreza d'esse genero. Estamos todos empenhados em despertar o sentimento nacional, mostrando ao brazileiro que elle só tem motivos para amar a sua patria e para d'ella orgulhar-se. Ora, não ha meio mais pratico de o conseguir do que dando a ler aos brazileiros a historia dos seus antepassados. Elles verão que o heroismo de fóra tem sido mais apregoado, mas não é maior do que o da sua casa e que para accender o seu enthusiasmo e alimentar a sua admiração não é preciso abrir as janellas e espiar para o terreno do vizinho...

Poucas leituras serão n'este momento mais proveitosas do que a da "Historia da revolução pernambucana." O sr. Oliveira Lima, annotando-a com o cuidado que costuma pôr em todos os seus trabalhos historicos, prestou ás nosass lettras e ao paiz um dos mais valioscs serviços que lhe podia prestar."

(Da *Revista do Brasil* —S. Paulo).

OLIVEIRA LIMA

A proposito das annotações á Historia da Revolução de 1817

Oliveira Lima é um dos maiores sociologos americanos e uma das melhores mentalidades contemporaneas. Elle é, hoje inquestionavelmente, o grande historiador brazileiro. A historia, no seu espirito, perde

esse caracter mediocre de narração de factos para adquirir a situação interessante de interpretação da vida social do passado. Os factos são-lhe apenas as determinantes indispensaveis para caracterisar a psychologia de uma epocha e elle o faz com a elevação moral de um juiz e o criterio preciso de um philosopho. E' um juiz em quem ha boa humor ao lado de uma justiça irritantemente exacta: e é um philosopho sem caturrices de escolas, mas com a amplitude serena do pensador tolerante e sabio. A sua qualidade de historiador philosopho ha de ser largamente contestada, porque elle não se filia a methodos nem maneiras nem interpretações de nenhum dos considerados mestres da philosophia da historia. E nem tão pouco procura fazer escola sua. Oliveira Lima julga, e estou com elle, que tanto vale o maneira de Mommsen, resuscitando a civilização romana através o seu modo de ver as coisas como a de Ferrero tentando demolir a obra de seu antecessor, num juizo pessoal. A doutrina de qualquer delles não conseguirá alterar a verdade dos acontecimentos nem a opinião dos homens sob a feição daquella época. Por isso, commentando os factos, a sua visão clara das coisas busco-lhes as determinantes politicas e sociaes para descobrir-lhes a razão de ser, a elevação e o criterio. Ha tambem nelle um intenso amor de sua patria e uma prodigiosa consciencia civica, tão grande que se derrama profusamente em toda a sua obra. Já não falo dos seus trabalhos sobre o nosso paiz nem mesmo de obras como as suas conferencias sobre a historia sul-americana, mas deste livro admiravel, como pintura viva de uma sociedade — "Nos Estados Unidos" — onde a intenção da patria, a evocação, a alma do Brasil se descobre, sangrando, por toda a parte. O livro é pelo titulo, os Estados Unidos, mas, interiormente, para quem é capaz de apprehender a razão de ser das coisas, o livro é o Brasil.

Fazendo historia, como criticando coisas actuaes, Oliveira Lima é um sociologo de vista afeita á investigação tranquilla do passado, consultando archivos, com-

pulsando documentos, mas sempre muito senhor, de si mesmo, não perdendo nunca no convívio das edades mortas a consciencia do momento presente. Tem, sobre a maioria dos historiadores, principalmente brasileiros a vantagem de conhecer, por ter vivido nellas, as mais interessantes sociedades modernas. Conhece e interpreta e comprehende desde a China, para nós irremediavelmente empedernida nas épocas confucianas, apesar de Ly-Yan-Hfung com a Republica e do Japão (prodigio de adaptação na Asia da civilização do Occidente) da vertigem americana, da organização alleman, da esthesia franceza, do caracter inglez, até a Venezuela de Castro —ultimo reducto do mais typico caudilhismo sul-americano. Não é o historiador que narra simplesmente, ou descreve os factos passados com o criterio com que elles foram julgados na sua epoca ou que os julga apenas arbitrariamente, mas o sociologo contemporaneo, que os estuda á luz da critica e da philosophia contemporaneas. E' historiador e commentador. E, como conhece o homem nas suas multiplas variedades, desde os typos physicos mais dispares até aos cidadãos mais dissimilhanes, constituindo as civilizações mais diversas, elle se acha apto ao julgamento exacto dos acontecimentos humanos, no espaço e no tempo. Não se pode conseguir um espirito mais apropriado para o historiador moderno, para o homem que faz a critica, faz a philosophia politica e social ao mesmo tempo que faz historia. Se o historiador não viu o mundo em toda a sua amplitude, o ser humano em toda a sua acção, não comprehendeu, ao menos, as diversas características das diversas civilizações de uma mesma época e dos homens de uma mesma era, em logares differentes, a sua visão, será defeituosa, porque estará circumscripta e fallha. O espirito que passou a existencia inteira em Roma, ouvindo, na sua preocupação de arte antiga, os rumores do mundo presente atravez as gazetas e os livros, como o que não sahiu de Nova York, afogando na vertigem yankee de industrialismo as suas rapidas sensações telegraphicas do resto da terra, seria incapaz de um

juizamento historico sem o exclusivismo de seu feitio mental. Mas não é assim o que viu e observou o mundo e comprehendeu como factos passados numa sociedade destoariam noutra sociedade, surprehendeu os povos na sua faina intima de formação e desenvolvimento. Este tem a tolerancia de todo o espirito que subiu mais alto para abranger maiores amplitudes.

Oliveira Lima está nesse caso. O que caracteriza o seu senso historico é a tolerancia que é tão real que se dilata em justiça. Nem mesmo o seu ar bellicoso, que é antes uma attitude mental, filha da sua missão de desbravador, e de que elle próprio sorri sadiamente, prevendo o ar de desbarato dos seus oppositores e a intriga dos que o esperavam tranquillo, como a sua intelligencia, altera-lhe a tolerancia absoluta com que julga os acontecimentos. A parcialidade apparente dos seus conceitos é a resultante da religiosidade com que o seu espirito acata a justiça. Pode-se discordar da sua interpretação, mas nunca julgal-a insincera ou intolerante. A discordancia é, nesse ponto, muito commum desde que se trate de juizamento tão sujeito aos varios moldes intellectuaes. Por isto mesmo a maior virtude de Oliveira Lima, como historiographo, ha de ser o ponto mais susceptivel de controversia. Elle vê e interpreta a historia á luz da philosophia contemporanea.

E tudo quanto é actual tem que ser controvertido e julgado com parcialidade pelos homens actuaes.

No emtanto esse é o grande criterio historico e o que o faz o mais completo dos nossos sociologos historiadores. Elle descreve a historia com os methodos modernos vendo-a na sua época, tal qual a época poderia cria-la, mas julgando-a na consciencia do presente. E' a falta desse criterio que faz dos formosos trabalhos de Anthero de Figueiredo, mais uma obra de arte do que uma lição de sociologia ou uma grande pagina de historia. E' mais a belleza do que a realidade historica e social de um facto que o impressiona. D'ahi o perfil suave da sua Ignez de Castro, antes filha poetica de Camões e da renascença do que da época brutal da me-

dia idade; ou os traços demasiadamente carregados com que retrata a figura interessante de Leonor Telles, inspirado mais na chronica tendenciosa de Fernão Lopes, do que na justiça, para julgar uma criatura forte, cujo maior desar fôra ser realmente filha da sua epoca.

Mas em Oliveira Lima, as qualidades de sociologo não prejudicaram o artista. O seu estylo cheio de movimento e de vida presta-se, admiravelmente, para uma pintura incisiva de typos que não morrem. Não conheço, em nossa bibliographia historica, nada mais interessante do que o seu estudo sobre D. João VI, no Brasil. E' a sua maior obra historica e aquella em que as suas virtudes de estylista, como de sociologo, estão melhor definidas e condensadas. A rehabilitação de D. João VI, é uma obra de carinho e de reconhecimento pelo fundador da nacionalidade brasileira, deveras enternecedora. E' antes um grito de gratidão da raça pelo homem que precipitou o advento do Brasil como nação, e, cujo gesto permittiu que a Independencia não nos trouxesse solução de continuidade com a alma heroica dos grandes conquistadores peninsulares, mas nos fizesse venerar as tradições dos nossos maiores portuguezes, como estimulos prodigiosos para uma trajectoria promissora e illustre no planeta.

E ha nesse grande livro typos traçados com um relevo balzaquiano. D. Carlota Joaquina é uma aguarforte admirave. Palmela, Barea, Linhares, foram individualidades impressionantes daquelle tempo, que a sua penna retratou com uma frescura encantadora.

Nada falta a Oliveira Lima para que elle seja o maior dos nossos sociologos historiadores. A propria formação do seu espirito, começando por um prolongado mergulho no passado, do qual nos trazia, aos vinte annos, "Pernambuco e seu desenvolvimento historico", e, logo em seguida, "Litteratura Colonial", para vir chegando até aos seus estudos de critica contemporanea, da-nos a expressão da sua obra. Com o conhecimento do passado elle comprehendeu o presente e com o

conhecimento do presente elle penetrou firmemente nas edades preteritas.

E é essa a sua força de historiador que é sociologo e é critico. A sua historia tem que ser narração e commentario, descripção e critica. Historiador, elle enumera os acontecimentos, sociologo; elle os abrange num lance largo de vista e explica-lhes a psychologia.

E' o que acaba de emprehender magnificamente sobre a revolução pernambucana de 1817. Ahí não fez propriamente a historia, mas completou-a, retocou-a, illuminou-a. Projectou, sobre os pontos obscuros ou controversos, uma luz nova e fêl-o renascer com toda a grandiosidade de um acontecimento maravilhoso. Havia o trabalho documentario de Muniz Tavares, prestigiado pelo seu character de testemunha e comparsa. Mas faltavam-lhe não apenas os topicos que só muito depois se encontrariam, para certos esclarecimentos, porém dados esparsos, difficeis de apereber e, sobretudo, o julgamento repousado, a visão sociologica e politica, que um homem como Oliveira Lima, melhor que ninguem, o poderia fazer. Pode-se talvez acoimal-o de tel-o feito com ternura pelas criaturas imprevistas e sensibilizadoras, que emprehenderam o mais bello e o mais completo dos movimentos pela independencia brasileira. Mas ninguem dirá que não seja justo e magnifico.

"As Anotações", com as suas duas conferencias, uma em Pernambuco e outra na Parahyba, são, para quem leu Muniz Tavares, a resurreição daquella epoca e a glorificação mais entusiastica das nossas aspirações liberaes e dos nossos predicados de generosidade. Pernambuco esteve evidentemente, naquelle momento, á altura do espirito de liberdade que, precipitado dos Estados Unidos, varrera a França e refluira depois com ímpeto á America do Sul. No seu character de idealismo puro, a que não se misturou nunca o menor interesse pessoal; na sua feição de tolerancia, de magnanimidade, de honestidade e de abnegação não conheço um

movimento superior na historia das nacionalidades. Póde ter havido mais audacia, mais segurança de propósitos e, principalmente, mais felicidade de exito, porém maior desinteresse, maior altruismo e maior grandeza moral não acredito que houvesse em nenhum outro acontecimento americano. Foram talvez, até, esses predicados que se afrouxaram em brandura, essa elevada comprehensão do espirito de humanidade dos patriotas, que mais comprometteram o exito final da causa republicana. Nem uma violencia, nem um acto de injustiça ou de desrespeito ao direito dos adversarios foi commettido ou sancionado, voluntariamente, pelo governo revolucionario. Eram revolucionarios que tinham o culto da dignidade e da honra e o horror ao sangue, á desordem e á anarchia.

Passada a confusão das primeiras horas, em que a ralé e os eriminosos commetteram desatinos, a ordem, a cordura, a justiça imperaram sem descontinuidade até ao fim. E gisaram-se os planos mais adiantados e mais imprevisivelmente concebidos por aquelle punhado de heroes, que eram intelligencias cultas e corações generosos. A tolerancia pelas religiões alheias, os projectos da extineção do trafico de africanos e da emancipação lenta dos escravos, provam a que grau de cultura e a que altitude democratica tinha attingido a consciencia daquelles abnegados espiritos. O arrojo e o alcance dessas medidas só poder'a perceber quem considerasse, maduramente, o profundo salto que a nossa sociedade colonial daria no caminho da justiça e da liberdade. Nem a propria America do Norte ousou tanto.

A republica de Washington conseguiu alliar, por mais de meio seculo a liberdade de um povo com a escravidão de uma raça.

E para fazer, afinal, desaparecer esse conluio esdruxulo foi preciso desencadear a mais terrivel e fratricida lueta que já se conheceu nas edades hodiernas no seio de um mesmo povo.

No Brasil a revolução triumphante teria obtido a emancipação lentamente, como elles queriam fazer, para

evitar a crise economica e social que se desencadearia numa libertação instantanea e em massa e teria livrado o Brasil da enxurrada de perto de um milhão de escravos.

Não se cifrava nisso o beneficio para a nossa civilização e a nossa raça, porque a libertação lenta dos pretos, a emancipação dos seus filhos e a não entrada de mais gente de côr preta para o eito e para o sangue brasileiro, não só era um triumpho soberbo nos ideaes de liberdade, mas um golpe politico inestimavel, fomentando a immigração e revigorando a raça.

Uma revolução que traz nos seus designios além de cordura proverbial, de honestidade pasmosa — porque todo o governo provisorio teve por primeiro gesto a renuncia de vencimentos e o zelo supersticioso pelos dinheiros publicos — a extincção immedata do trafico, a libertação lenta da escravidão e a tolerancia religiosa, é irrecusavelmente um acontecimento digno do maior entusiasmo.

E não merecia o esquecimento absoluto senão a deprecição systematica que lhe votaram os historiadores do Imperio.

Não perdô a Adolpho Varnhagen o menospreço que com tão evidente má fé, timbrou em manifestar sempre pelo grande movimento pernambucano senão porque atravez o testemunho illustre de Pedro Lessa, lhe conheci a aneiedade fremente de cingir commendas e titulos de nobreza.

A revolução de 1817 foi uma explosão luminosa da consciencia democratica do Brasil.

Ella não poderia agradar aos homens do Imperio e ainda menos aos aspirantes de favores imperiaes. Foi por isso que o Brasil deixou que decorresse um seculo numa gelida atmosphaera de silencio á memoria dos martyres illustres.

Foram os historiadores, como Varnhagem, os maiores cúmplices nessa grande injustiça. Entretanto, todos elles, inclusive o futuro Visconde de Porto Seguro, tiveram para a Inconfidencia Mineira e para a memo-

ria de Tiradentes o melhor dos seus enthusiasmos. Mas, porque julgaram a Inconfidencia um acontecimento innocuo e Tiradentes um louco, cuja memoria era francamente inoffensiva.

E Tiradentes e a Inconfidencia, que o martyrio stoico do filho de Villa Rica crystallizou em data memoravel, bem mereceram a veneração das almas liberaes como um dos mais angelicos sonhos pela liberdade, mas foram apenas isso. O movimento de 17, não, esse foi uma realisação evidente de organização republicana, um acontecimento que pretendeu realisar e realisou por dois mezes, embora, conquistas que sómente a multiplicidade de varias datas heroicas conseguiria, mais tarde, por parcellas.

Foi uma revolução movida pela mais culta intelligencia e pela mais inatacavel moralidade brasileira. Dos seus dirigentes nem um só teve um acto ou um gesto do qual tivesse de corar perante o julgamento imparcial e frio da posteridade. O proprio Domingos José Martins, que foi a acção revolucionaria, sem descontinuidade e sobre quem pesavam, por conta dos seus inimigos, accusações menos nobres, parece ter sido satisfactoriamente defendido por argumentos novos que Oliveira Lima adduzira. Seja qual fôr o seu passado, porém, o seu papel na revolução foi digno e heroico. Bastava a leitura daquelle soneto que, em homenagem da esposa e á patria, fizera momentos antes de subir ao cadafalso, para attestar o desprendimento, a fidalguia e a pureza dos seus intuitos patrioticos: —

Meus ternos pensamentos que sagrados
Me fostes quasi a par da liberdade!
Em vós não tem poder a iniquidade:
A' esposa voaè, narrae meus fados.

Dizei-lhe que nos transes apertados,
Ao passar desta vida á eternidade,
Ella n'alma reinava na metade
E com a patria partia-lhe os cuidados.

A patria foi o meu numem primeiro
 A esposa depois o mais querido,
 Objecto de desvelo verdadeiro;

E na morte entre ambas repartido
 Será de uma o suspiro derradeiro.
 Será de outra o ultimo gemido.

Foram absolutamente commovedoras todas as criaturas dirigentes da revolução de Pernambuco.

Desde o Padre João Ribeiro Martins, a grande figura central do movimento— suicidando-se para não sobreviver á morte do seu sonho; de frei Migue'inho, passando a noite inteira da vespera de uma prisão, por elle tida como certa, destruindo freneticamente papeis compromettedores de companheiros de ideaes, até ao Padre Roma, que, depois de ter lançado ao mar, vendendo-se perdido, os documentos perigosos para os seus correligionarios bahianos, commandava a propria execução, que a grandeza de alma e o heroismo tocante commovem e enthusiasmam.

Não precisava mais para nos descobrirmos com respeito, á evocação da memoria de martyres tão nobres.

Oliveira Lima, com as suas "Annotações", revelou ao espirito brasileiro de hoje, á admiração nacional, os grandes heroes. E esse acto, além do seu valor como justiça teve um merito politico: explicou ao Brasil, á democracia brasileira, a proclamação ineruenta de uma Republica, por quem derramara tanto sangue e carpira tantas dores toda uma geração de patricios notaveis.

Foi mistér que o sangue corresse generosamente em 1817 para que a abolição surgisse, com flores, em 88 e a Republica viesse, tranquillamente, sem confusão nem morticinio. Lá estavam no esquecimento, ha 72 annos, ha duas largas gerações, os grandes fiadores da Republica do Brasil. Porque é realmente motivo de orgulho para a alma brasileira que o nossos homens, afastados, até então, da administração publica e da politica, exercida pelos portuguezes dominadores, fossem capazes de

projectar e emprehender, com tanta serenidade e descortino, actos de tamanha significação social. Foram os grandes precursores da independência, senão as forças que a precipitaram com energia. A falta, até certo ponto, de um senso pratico salvador, a confiança excessiva na justiça somente possível em almas candidas e boas, a ingenuidade com que acreditaram na apparencia de um espirito publico consciante, comprometteu-os e arruinou-os. Mas foram elles os unicos attingidos pela desgraça irremediavel. O exemplo ficou e a semente lançada por aquellas mãos generosas haveria de medrar cinco annos depois para crescer lentamente, projectando, já, em 1871, agasalho e conforto aos filhos dos escravos, até frondejar em sombra larga e amiga, para tantos soffredores no dia da abolição e para toda a nação brasileira um anno mais tarde, apenas.

Pernambuco vae erigir, em bronze, um monumento commemorativo dos grandes martyres, que será a sagração da propria alma heroica e liberal da raça. Nada mais justo nem mais nobre. Antes, porém, desse acto de justiça e magnanimidade, que não vem longe, quero saudar, com entusiasmo a grande obra de Oliveira Lima, que ha de ser, para sempre o ponto de referencia de um dos maiores acontecimentos historicos da nacionalidade. *A. Carneiro Leão.*

Historia da Revolução de Pernambuco em 1817

HISTORIA DA REVOLUÇÃO DE PERNAMBUCO
EM 1817. Edição commemorativa — Recife —
1917.

Um dos actores da revolução pernambucana de 1817, Muniz Tavares, teve a idéa de escrever a historia daquelle movimento. A idéa podia ser excellente como tambem podia ser pessima; os actores de uma revolução não costumam ser os seus melhores historiadores: De-

turpam os factos ou por defeito de visão ou por defeito de parcialidade...

Deste ultimo defeito Muniz Tavares, felizmente, não padecia. E' possivel que padecesse do primeiro, mas, se padecia, o mal não foi grande para a historia que escreveu. Esta cahiu, no que toca á exactidão dos factos com todas as caracteristicas de uma obra inatacavel ; é o depoimento honesto de uma honestissima testemunha.

Tem, naturalmente, as suas defficiencias, mas as defficiencias que apresenta são antes vicios de composição no escriptor ou debilidades de critica no historiador do que tergiversações da testemunha para occultar a verdade.

Andou bem, portanto, o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano promovendo a reedição dessa obra para commemorar o primeiro centenario do glorioso acontecimento. Mas inspirado ainda se revelou confiando ao sr. Oliveira Lima o trabalho de supprir as defficiencias da obra por meio de notas explicativas. O eminente historiador deu a essa honrosa incumbencia o desempenho superior que, aliás, todos nós esperavamos. As suas notas constituirão, com pequenas modificações na distribuição da materia, uma nova narração do movimento revolucionario, cheio de vida e de calor. Mas, perguntará agora o leitor, com essa macissa ignorancia das coisas nacionaes que caracteriza o letrado brasileiro, educado no tombadilho dos transatlanticos e nos cafés concertos de Montmartre, mas a revolução de Pernambuco merece tanto trabalho assim ?

Com a pachorra a que faz jus todo a ignorancia, mesmo a que se sobredoiira do lustre apanhado nos longos contactos com as velhas civilizações da Europa, responderemos que merece e, usando das proprias expressões do sr. Oliveira Lima, acrescentaremos com absoluta segurança:

“A revolução de 1817 é a unica revolução brasileira digna deste nome e credora de entusiasmo pela feição idealista que a distinguiu e lhe dá foros de en-

sinamento civico e pela realisação pratica que por algum, embora pouco, tempo lhe coube."

Até a Independencia não tivemos, effectivamente, mais sério movimento separatista do que esse, nem movimento mais nobre, quer pelo elevação moral dos homens que o fizeram, quer pela pureza dos ideaes que os animavam. Ha, na revolução pernambucana, lances de heroismo que podem ser emparelhados aos mais famosos que a historia de outros povos regista e um punhado de homens que, pela sua firmeza de character e pela força do seu idealismo, podem figurar, num supplemento americano, nos "Varões illustres" de Plutarcho. Ha, tambem, convém dizel-o por amor á justiça, ao lado dessa pura irradiação de gloria, a sombra de muito erro deploravel e de muito animo tibio e occommodaticio. Tinha, porém, de ser assim — ou a revolução pernambucana haveria realiado o milagre historico, que ainda está para ser visto na vida de todos os povos, de contar nas fileiras só a flôr do genero humano.

Mas o brilho daquella gloria domina por completo o negrume desta sombra.

Grande pelo heroismo dos seus homens e pela elevação dos seus ideaes, o movimento pernambucano é respeitavel tambem pela extensão que tomou. A varias provincias do paiz levou a sua ondulação perturbadora e, não fôra a demasiada confiança dos seus inexperientes orientadores, teria posto sob a influencia do seu rythmo todo o norte do Brasil. Apressando de alguns annos a nossa emancipação politica, por pouco não fez descer do norte., em vez de subir do sul, como mais tarde aconteceu, o grito definitivo da nossa independencia, traçando ao nosso futuro uma trajectoria muito differente da que vivemos a percorrer.

Todos os movimentos separatistas que a nossa historia aponta, inclusive o da Inconfidencia Mineira, se distanciam deste e ao pé deste perdem o relevo. Todos, entretanto, ou quasi todos, despertam na admiração nacional um culto mais intenso e andam, nos compendios e nos discursos patrioticos, calibrados com maior enthu-

siasmo. Decreta-se feriado o dia em que pereceu Tiradentes, um agitador leviano que os proprios companheiros tratavam a distancia e cujo merito se resume em haver desprezado a vida quando os seus comparsas tudo faziam para salvar as suas, e não se presta homenagem alguma a qualquer dos legitimos heróes, dos verdadeiros grandes homens que a revolução pernambucana offerece á admiração universal!

Estamos errados. O estudo das nossas glorias pede uma revisão. Não precisamos dos exaggeros da lenda para alimento do nosso enthusiasmo.

Na propria realidade singela da historia, sem esporear a imaginação e colhendo as redeas á fantasia, encontramos, para venerar e imitar, vultos que, na sua medida natural, são gigantescos.

Falta-nos apenas, para esse acto de justiça, a vontade de estudar bem de perto os episodios capitaes da nossa vida nacional. E' exacto, e sirva isto de excusa ao nosso descaço, que a raridade dos documentos basicos torna esse estudo quasi impossivel. Em assumptos de historia patria vivemos a repetir sempre as mesmas co'isas que os primeiros compendios ensinaram sem cuidar que a historia é um processo que nunca se finda e cujas peças devem ser constantemente submettidas a um exame novo e desapassionado. Não ha nada mais persistente do que a paixão de um historiador e nada se transmite, com tanta pertinacia e tanta subtilidade, como essa paixão. Quantas opiniões não ha por ahi que acreditamos ter formado ao estudo imparcial dos factos e que são apenas, e sem que o percebamos, o reflexo amortecido das paixões daquelles que nos revelaram a existencia dos factos? Tacito faz praça de uma imparcialidade inflexivel e, no emtanto, quanta noção erronea dos homens e das coisas do seu tempo não temos ainda hoje só porque, no escolher e dispor o material para a sua historia, elle teve, com uma arte perfeita de fingir o contrario, o cuidado apaixonado de separar apenas o que mais contribuisse para ennegrecer o scenario que se propunha a desenhar e as figuras que se propunha a

movimentar? De processo identico não usou mais tarde, e talvez com maior habilidade ainda, traçando as origens da França contemporanea, o mestre da critica moderna, H. Taine?

Tudo nos aconselha, pois, a que refaçamos permanentemente os nossos estudos de historia e que procuremos refazer-os não pelos expositores officiaes, pelos compendios mais ou menos dogmaticos, mas pelos documentos originaes. A historia, como a agua, só se bebe pura nas fontes...

Para estudos dessa ordem, publicações como esta a que o sr. Oliveira Lima presidiu são de um valor inestimavel. Põem o leitor diante das peças do processo que pretende examinar e abrem-lhe ensejo para formar por sua propria conta, sem suggestões mais ou menos veladas de terceiros, um juizo, senão definitivo, extreme de paixão, sobre o facto que deliberou estudar.

Resta agora que o livro seja lido. Nem toda a gente acha na leitura da historia, quando esta não é tambem uma obra de arte apuradissima, o sabor especial que tem a descoberta da verdade e que faz esquecer todas as esperzas de estylo e todas as desordens da exposição.

O livro de Muniz Tavares não tem arte alguma... Não é, entretanto, de leitura difficil. O drama é tão empolgante e narrado com tal accento de verdade que a gente salta facilmente, pelos defeitos da narração sem os sentir ou, pelo menos, sem se embarçar nelles.

Com esforço ou sem esforço, devemos lê-lo. E' uma leitura que reconforta, e neste momento as nossas energias moraes exigem todos os estimulantes.

Precisamos, além disso, avaliar bem, o que até hoje não fizemos, a contribuição de civismo com que Pernambuco tem concorrido para o nosso patrimonio de glórias... Os homens de 1817 são talvez maiores que os que, seculos antes, puzeram fóra do sólo patrio o holandez invasor.

(Do Estado de S. Paulo)

869.0(81)-1:98111817

A poesia na Revolução emancipacionista de 1817

Em um artigo sob o título: *Jubilo ephemero*, escreve sobre o assumpto um chronista nosso:

“Esplendido, nunca visto, dizem testemunhas oculares, foi o entusiasmo que irrompeu dos corações pernambucanos por occasião do movimento revolucionario que começou no dia 6 de Março de 1817, e que, como a foice electrica, rapidamente, se propagou, não só por toda a provincia, como pela Parahyba e Rio Grande do Norte.”

.....

“A este grande acontecimento, quer, quando tudo era risos, quer, quando estes se converteram em pungentes gemidos, o instinto poetico dos nossos maiores deu arrhas ao prazer e a dor.

Effectivamente foi assim. A lyra patriotica acordou em saudações hymnicas á patria redimida, em canções entusiasticas, e em tantas outras poesias de generos diversos, cujas peças, distribuidas em manuscrito por entre o povo, ou affixadas em lugares publicos, eram avidamente lidas, recitadas e cantadas. composições essas, que apesar do seu grande numero, apenas chegaram aos nossos dias, pela tradição popular, em uma pequena parte, e algumas mesmo, fragmentadamente, uma vez que então não tinhamos o jornal para registrar essas espontaneas e entusiasticas manifestações da lyra popular.

Consignemos, porém, mesmo assim, o que nos foi dado recolher.

BRINDE REPUBLICANO

Diz o Padre Francisco Correia Telles de Menezes, na sua obra inedita, *Lamentações brasilienses*, que em uma das festas que frequentemente celebravam os apostolos da propaganda republicana, se ouviu de fóra da casa, quando estavam á mesa, este brinde prophetico,

JN-0001445-5

473-497

que fôra depois glosado *por um republicano a seu molde*, mas que, não conseguira obter essa glosa:

Quando se ajuntarem
 Quarenta mil patriotas,
 Então veremos sortir
 Derrotas sobre derrotas.

SONETO —Escripto pelo patriota José Joaquim de Oliveira Maciel, allusivo á morte do brigadeiro Manoel Joaquim Barbosa de Castro, commandante de regimento de artilharia, no dia 6 de Março, e dedicado ao capitão José de Barros Lima, o *Leão Coroado* (*). Esse episodio, a que se deveu o prematuro rompimento da revolução teve lugar no Quartel do Paraíso, demolido em 1875, onde aquartelava o referido regimento.

Inviecto capitão pernambucano,
 Exemplo do valor e do heroísmo;
 Por ti, Barros, por teu patriotismo,
 Livre está Pernambuco d'um tyranno.

Desse vil europeu, audaz, ufano,
 Abateste o fero despotismo;
 Fazendo-lhe sentir no paroxismo
 Da morte, o seu vil, perfido engano.

Exulto, oh! Pernambuco d'alegria,
 Que os grillhões da oppressão estão quebrados,
 E jamais reinará a tyrannia.

A' vós guerreiros, cidadãos honrados,
 Cumpre agora de obrar com energia,
 Estes povos fazendo afortunados.

(*) Com essa alcunha era vulgarmente conhecido o intemerato pernambucano. *Leão*, pela sua bravura e valentia, pela sua affouteza nos perigos, e *coroado*, pela sua calva em forma de tonsura, *coroa*.

NO CAMPO DA HONRA—assim denominado o Campo do Erario, hoje Praça da Republica, pelos patriotas, appareceu a seguinte quadra, allusiva á capitulação do marechal José Roberto Pereira da Silva que á frente das tropas milicianas guardava o estabelecimento no dia em que explodiu a revolução, á uma simples intimação dos nosos chefes, os capitães Domingos Theotonio Jorge Martins Pessoa e Pedro da Silva Pedroso, sem effusão de sangue, portanto, como assim commemora a victoria o ultimo verso da quadra:

No Campo da Honra
Patricios formemos,
Que o vil despotismo
Sem sangue vencemos.

CANÇÃO PERNAMBUCANA —Composta no dia da benção das bandeiras da nascente republica, a 2 de Abril, pelo illustre carmelita fr. Joaquim do Amor Divino Caneca, exaltado patriota, que pelo seu compromettimento na revolução esteve preso por quatro annos; e envolvendo-se depois no movimento separatista da Confederação do Equador, em 1824, foi arcabuzado a 13 de Janeiro de 1825.

Cidadãos pernambucanos
Sigamos de Marte a lida,
E' triste acabar no ocio
Morrer pela Patria é vida.

Quando a voz da Patria chama,
Tudo deve obedecer;
Por ella a morte é suave,
Por ella cumpre morrer.

O patriota não morre,
Vive alem da eternidade;
Suas glórias, seu renome
São tropheos da humanidade.

QUADRA— Escripta pelo velho patriota Manoel Caetano de Almeida e Albuquerque e distribuida por elle proprio, em uma tarde, no pateo da igreja matriz da freguezia de Santo Antonio a muitos dos estudantes de instrucção secundaria reunidos ahi, como festas que lhes dava na phrase do escriptor coevo Antonio Joaquim de Mello. Escreveu elle ainda —“muito poesia miuda á causa da revolução.” —Debellado o movimento foi preso, e por quatro annos esteve privado da sua liberdade nos carceres da cadeia da Bahia.

Sem grande côrte na côrte,
 Não se gosa um bem geral;
 Que o côrte é quem nos faz bem,
 A côrte é quem nos faz mal.

SAUDAÇÃO HYMNICA Á PATRIA —Versos do dr. José da Cruz Ferreira, ouvidor da comarca do sertão.

Suspirada Liberdade
 Salve, salve, te saudamos,
 Querida filha dos céos,
 Reverentes te adoramos.

Nós pretos, pardos, e brancos
 Cidadãos somos unidos,
 A' Patria offerecemos
 Mulheres, filhos queridos.

Nós bravos pernambucanos
 Exemplo demos primeiros;
 A's armas, corramos todos
 Valerosos brazileiros.

Venham os tigres do mundo,
 Venham da Europa leões;
 Temos valerosos braços,
 Magnanimos corações.

Troveje o raio da guerra,
Corra o sangue pelo chão;
Aos ares voem os membros,
Mortos sim, captivos não.

SONETO —de Domingos José Martins, illustre espiritusantense, um dos vultos mais proeminentes da revolução. —“o grande immortal e malfadado heroe, a quem a fortuna pôde, sim, pôde, roubar-lhe tudo, menos o merito, menos a gloria de occupar um altar no Pantheon dos bemfeitores do genero humano”. —na phrase do Padre Dias Martins na sua apreciada obra *Os Martyres Pernambucanos*.

Preso o illustre patriota pelo exercito realista no fim de perdida batalha, e atirado ao porão de um navio do bloqueio do porto do Recife, enviaram-no depois para a Bahia, onde foi arcabuzado a 12 de Junho, deixando este inspirado e bello soneto, que compozera no carcere, o qual, vulgarisado em Pernambuco teve publicidade em avulso *Na Typ. de Cav. & Ca.*

Meus ternos pensamentos, que sagrados
Me fostes quasi á par da Liberdade;
Em vós não tem poder a iniquidade;
A' Esposa voai narrai meus fados.

Dizei-lhe, que nos transes apertados,
Ao passar desta vida á eternidade,
Ella d'alma reinava na metade;
E com a Patria partia-lhe os cuidados.

A Patria foi o meu Numen primeiro,
A esposa depois o mais querido
Objecto do desvelo verdadeiro.

E na morte entre ambas repartido
Será de uma o suspiro derradeiro,
E da outra ha de ser final gemido.

A poesia entre os compromettidos na revolução, que não foram executados, e gemeram por quatro annos encarcerados na cadeia da Bahia, para onde foram arrastados.

A' LIBERDADE — Soneto do dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, ouvidor da comarca de Olinda. Compromettido, pelo papel de destaque que representou na revolução, atirado aos carceres da mais rigorosa prisão, esperando o momento de subir ao cadafalso, não succumbiu, e antes, resignado á morrer pela patria, escreveu nos momentos de agonia estes inspirados versos, vulgarizados depois em Pernambuco *Na Typ. de Cav. & Ca.*

Sagrada emanação da divindade
Daqui do cadafalso eu te saúdo;
Nem com tormentos, nem com revezes mudo,
Fui teu notario e sou, oh! Liberdade!

Póde a vida, feroz brutalidade
Arrancar-me em tormento o mais agudo;
Mas zomba do vil despota sanhudo
Da minh'alma a nativa dignidade

Livre nasci, vivi, e livre espero
Encerrar-me na fria sepultura
Da paz solemne asilo, asilo austero.

Nem da morte a medonha cataduria
Infundir póde horror a um peito fero.
Que aos fracos tão somente a morte é dura.

VERSOS DE MANOEL CAETANO DE ALMEIDA E ALBUQUERQUE — Duas senhoras da cidade da Bahia, escreve A. J. de Mello, de nome Delfina e Custodia, foram duas, ou tres noites de sabbados tocar e cantar, de fóra da cadeia, aos presos de Pernambuco, demonstrando assim a sympathia e respeito que lhes tinham, e quanto

se lhes tornaria a situação e sorte feliz, se isto não dependesse mais que de suas vontades. Manoel Caetano lhes fez no dia immediato ao primeiro descante estas

Quadrinhas

Os anjos não cantam sós,
E quando Delfina canta
Anjo custodio me encanta,
Tendo compaixão de nós.

Fallei primeiro em Delfina
Como visita de fóra,
Mas conto meu pasmo agora
Só por Custodia divina.

Não só com vóz que admira
A outra primeira iguala,
Mas nos consola e regala
Tirando almos sons da lyra.

He nossso prazer notorio,
Se a voz de Custodia admira
Quando em cada artigo tira
Mil almas do Purgatorio.

Passo os dias como um réo,
E por bulla sabbatina
Levam Custodia e Delfina
Tudo á noite para o céo.

Quem se queixa de estar preso
Tem nos queixumes mentira;
Que a não vir cá, nunca ouvira
Juntos Leo, e Pergolezo.

Eu cá por fim franco fallo,
E no que affirmo não erro,
Que affronto ferro, e desterro
Tendo á noite um tal regalo.

Em Delfina um Serafim
Escuto, se a noite canta;
Outro em Custodia me encanta:
Feliz sou, se são por mim!

SONETO

Se cançados estão de ouvir a centos
Versos pequenos a alto assumpto feitos,
Sabei que se não foram mais direitos
Temos desculpa, á falta de talentos.

Cothurno aponta altivos pensamentos,
Socco na phrase humilde inflama os peitos;
E em nós crescendo o estro, os seus effeitos
Perturbam da materia os bons intentos

Escrevendo até'qui livre alvedrio,
Obriga tudo á mote desta feita,
A ver se restauramos nosso brio

Se nas glosas o trilho se indireita,
Vamos bem; mas se é tudo um desvario,
A intenção do louvor tambem se acceita

Aos annos de D. Candida Luiza de Castro, freira
do mosteiro de Santa Clara do Desterro da Bahia, bem-
feitora dos presos de Pernambuco.

Mote de outrem:

De Lilia os annos formosos.

De agudas setas armado,

Glosa

Cego menino travesso,
De agudas settas armado,
Eu vi pelas mãos levado
Das Graças, que bem conheço,
A esta scena estremeço,
Prevendo estragos dolosos.
Perguntei: Anjos mimosos,
Aonde o quereis levar?
Vamos (dizem) festejar
De Lilia os annos formosos.

Lira

Ao ouvidor da comarea do Recife dr. Antero José da Maia e Silva, que tirou a devassa dos successos da Serra do Rodeador no Bonito, em 1820, sem lhes achar o mais fragil indicio politico, como alguns malevolos pretendiam, a ponto que, como escreve A. J. de Mello, a *Gazeta do Rio de Janeiro* publicou o desastroso caso com a maior desvantagem e descredito dos habitantes daquella situação e arredores, accusando-os de rebeldes, e imputando-lhes planos, e conjuração para uma rebelião, o que aggravaria a sorte dos pernambucanos já por tantos tempos presos na Bahia.

Opprime a insolencia
Do torpe malvado
Cidadão honrado
Pudica innocencia

Do despota a força
Ultraja a donzella,
Sem respeitar n'ella,
A timida corça.

Ao sabio despreza,
Ao justo maltrata,
Ama em ouro e prata
De Pluto a riqueza.

Sempre fero e rude,
Nunca aos bons se liga,
Julgando inimiga
Austera virtude.

Verdade aborrece,
Que o mal contradiz,
E o faz só feliz
Sordido interesse.

Subdito ladrão,
Dos crimes que tem
Tudo aprende, e vem
Do infame patrão.

Como obra o senhor,
Obra o que obedece;
No exemplo e interesse
Segue ao sup'rior.

Assim se perverte
O mundo, e se empresta,
Sem co'a vida honesta
Haver quem acerte.

Mas não desanime
Ninguem de ver tal;
Que nem sempre o mal
Impera no crime.

O malvado rude
Valente é, se impera;
Mas na sorte fera
Treme da virtude.

Ora ao fraco implora
Clemencia o que a nega:
E ao justo o bem chega
Quando o infame chora.

Valente no bem,
Cobarde no mal,
Em pena mortal
Desmaios só tem.

O que é sabio e justo,
Que quanto deve obra,
Força nunca o dobra,
Nem o abala o susto.

São raras taes almas:
Mas quando uma achamos,
E' justo a tenhamos
No peito, e nas palmas.

Agora a uma destas,
Que por gloria temos,
Mil louvores demos.
Façamos mil festas.

Pague o infame Nero
Seus infames feitos,
Vendo em nossos peitos
Magnanimo Antero.

Versos de fr. Joaquim do Amor Divino Caneca.
Glosa á seguinte quadra que appareceu no caroebe:

Não posso contar meus males,
Nem a mim mesmo em segredo;
E' tão cruel o meu fado,
Que até de mim tenho medo.

Dos homens sendo a paixão
Incendio voraz no peito,
Sempre tem funesto effeito,
Si não rebenta o vulcão.
Eis porque, meu coração
Pouco falta, que me estales;
Porque nos montes, nos valles,
Em deserto ou povoado,
Não posso soltar um brado,
Não posso contar meus males.

Horrenda sorte, e funesta,
escasso fado mofoino.
Até me roubas, malino,
O allivio que me resta!
Tudo que sinto me attesta
Que os do Coeyto indo excedo
Porque não tendo elles medo
De contra Deus blasphemar,
Não posso de mim fallar;
Que até de mim tenho medo.

Ver o polo negro arder
Em raios abrazadores;
Feros Notos berradores
Dos montes cedros varrer;
Todo o mundo estremecer,
Dos trovões ao rouco brado;

Da terra o centro rasgado
Nações inteiras sorvendo,
Quanto ver isto é horrendo!
E' tão cruel o meu fado.

O peito d'antes sereno
Centro de amor e ternura,
Agora é morada escura
De males mil, com que peno.
Vós p'ra quem um fado ameno
Aponta com aureo dedo,
Fugi de mim, porque cedo
Mudar-se vereis a sorte;
Pois o meu mal é tão forte,
Que até de mim tenho medo.

A' D. Candida Luiza de Castro

De Castro o alto renome
Balisa não tem prescripta,
Tendo a virtude descripta
Na doçura do seu nome
Nem cores tempo consome
Da gloria do peito pio;
Pois regendo o alvedrio
Na idade das paixões,
Nas suas jústas acções
Traz seu maior elogio.

Quiz a sabia natureza
Contentar todas as bellas,
Dando a uma olhos d'estrellas,
A outra gentil viveza;
Aquella dos labios presa
Traz a toda humanidade;
Esta a generosidade
A faz brilhar novo astro;
Mas a belleza de Castro
Excede em toda bondade.

Foi Judith em fortaleza
 Da antiga Bethulia a gloria;
 Na Grecia eterna memoria
 Deixou Phryné na belleza;
 Christina lá na frieza
 Do polo fez-se inflammante;
 Amelia na Austria possante
 Conseguiu louvor profundo;
 E Castro é no novo mundo
 Da Bahia astro brilhante.

Aos annos de D. Candida Luiza de Castro:

De Lilia os annos formosos.

Glosa

Quando as Parcas começaram
 Fiar a vida de Castro,
 De nova deidade um astro
 Logo nella respeitaram.
 Por Cloto ao fuso se ataram
 Fios de ouro preciosos;
 Lachesis os fez vagarosos
 No fatal fuso gyrar;
 Jura Atropos não cortar
 De Lilia os annos formosos.

Que vivam breves no mundo
 Isabeis e outras taes,
 Desejam muito os mortaes,
 Que dellas tem mal profundo;
 Mas quando allivio joeundo,
 Castro é aos desditosos,

Votos voam fervorosos
Aos altos céos dourados,
P'ra que sejam prolongados
De Lília os annos formosos.

Mote

Os charos Pernambucanos,
De Olinda os filhos mimosos.

Este mote foi dirigido aos presos de estado na cadeia da Bahia por d. Candida Luíza de Castro, que o enviou assim por ella glosado, respondendo-a depois alguns dos presos, glosando o mesmo mote:

Passaram de ser humanos,
Divinos agora são
Dentro do meu coração
Os charos Pernambucanos.
Desejára que os Bahianos
Os amassem gloriosos,
Para por elles ditosos
Terem lugar no meu peito,
Onde adoro com respeito,
De Olinda os filhos mimosos.

Caneca respondeu:

De Castro os dons soberanos,
E as grandes virtudes bellas,
As porão lá nas estrellas
Os charos Pernambucanos:
De a conhecerem ufanos
Vivem já, e glóriosos
O seu nome, respeitosos,
Quanto o dér o engenho e arte,
Levarão por toda parte
De Olinda os filhos mimosos.

Versos do padre Virgínio Rodrigues Campello.
Nasceu na freguezia da Varzea em 1770, no engenho
Brum, onde morreu pelos annos de 1836. Respondendo
á freira d. Candida Luiza de Castro, assim glosou o seu
mote:

Debora forte, aos tyrannos
Eterno odio mostraes
Quando excessiva louvae
Os charos Pernambucanos.
Em vós, dos varões bahianos
Os sentimentos briosos,
Todos se encerram!!! ditosos
Se na liça a luta honrada
Fôra por vós commandada
De Olinda os filhos mimosos.

Qual Arthemisia os bahianos
Ao brio, ao valor chamaes
E por exemplo apontaes
Os charos pernambucanos.
Tremei despotas tyrannos
Se aos impulsos valerosos
D'luma bahiana briosos
Os seus as armias gritarem
E delles á par marcharem
D'Olinda os filhos mimosos.

Rompe Jove os teus arrancos
Em favor dos brazileiros!
Que premios terão primeiros
Os charos pernambucanos.
Quebrando os ferros tyrannos
De despotismo briosos
Nos pendões, que pavorosos
Serão sempre á tyrannia
Ganharão a primasia
D'Olinda os filhos mimosos.

Encha o circulo mil annos
No velho carro Saturno
Viverão sempre a seu turno
Os charos pernambucanos.
Do tempo os fados, os damnos
Respeitam feitos briosos
E nos provires ditosos
No templo da Liberdade
Serão nova Divindade.
D'Olinda os filhos mimosos.

Convertida a cadeia em uma especie de collegio de instrucção secundaria, e superior mesmo, tendo por preceptores os presos politicos de Pernambuco, —“a habitação das trevas transformou-se em asylo de luz.”

Antonio Carlos era um dos mestres; e tendo por habito dar as suas lições *ao toque de Ave Maria*, despertou esta phrase, tantas vezes repetida, a seguinte glosa do padre Virginio:

Como Cicero falando
A voz unindo aos acenos
A' muitos cathecumenos,
Vai Andrada explicando
As sciencias ensinando,
Com summa sabedoria;
No que não falha um só dia,
Nem escolhe occasião,
Pois até chama á lição
Ao toque de Ave Maria.

A um padre obeso e de pouca memoria, que estava aprendendo o francez desde muito tempo sem vantajoso aproveitamento, dirigiu-lhe Virginio estes versos:

Do que vale o francez padre, me diga?
Me diga do que serve o tal francez?
Não lhe basta saber o portuguez

E o latim que você tem na barriga?
 Para que tanto esforço, tal fadiga
 Você que já passou dos seus quarenta?!
 Mais gordo do que está, certo arreventa;
 Pois bem difficil é nesse bandulho
 Caber alem de linguas serrabulho
 Inda mesmo encharcadas *n'agua benta*.

Agua benta era a cãchaça, na gíria dos presos.

Versos do padre João Barbosa Cordeiro, nascido em Goyanna em 1792, e morto em avançada idade como vi-gario da parochia de Maceió, Alagoas.

Respondeu tambem a d. Candida Luiza de Cas-tro, escrevendo as seguintes colleheias:

Sobre nós chuveram damnos,
 De luto cobriu-se Olinda;
 Mais nós seremos ainda
Os charos Pernambucanos.
 Quem perscrutar os arcanos
 Dos futuros nebulosos,
 Conhecerá que ditosos
 Os bahianos hão de ser
 Quando virem renaseer
D'Olinda os filhos mimosos.

Unindo a sorte aos bahianos,
 Em revezes apertados,
 Foram sempre denodados
Os charos pernambucanos.
 Não ha pois duzentos annos
 Se mostraram gloriosos
 Entre os bahianos briosos
 Contra os batavos guerreiros,
 Os valentes brasileiros
D'Olinda os filhos mimosos.

Não só gregos e romanos
A Liberdade prezaram;
Outro tanto já mostraram
Os charos Pernambucanos.
Se os do norte americanos
Vivem hoje gloriosos
Não menos victoriosos
Os brazileiros seriam
Seguindo a estrada que abriam
D'Olinda os filhos mimosos.

Quem os direitos humanos
Reclamou com heroicidade?
Os filhos da Liberdade,
Os charos Pernambucanos.
Quem fez tremer os tyrannos
Sanguesugas sequiosos
Dos suores preciosos
Do varão honrado e forte?
Os alumnos de Mavorte,
D'Olinda os filhos mimosos.

A's armas! eia, bahianos!
Já no templo da Memoria
Não vedes de immortal gloria
Os charos pernambucanos?
Assim affrontando damnos
De successos duvidosos,
Em clamores fervorosos,
Grita a bahiana heroína
Que adoram como divina
D'Olinda os filhos mimosos.

Contra os despotas tyrannos
Infame canalha vil
Alçaram mão no Brasil
Os charos Pernambucanos.
Já não temem deshumanos

Regos, nem Lobos raivosos, (*)
 Cada vez mais caprichosos
 Contra o real despotismo
 Juraram patriotismo
D'Olinda os filhos mimosos.

Versos do padre João Baptista da Fonseca. Nasceu no bairro da Boa Vista em 1790 e falleceu em 1831. Também respondendo á freira d. Candida Luiza de Castro, escreveu estas glosas:

Se por amor dos humanos
 Oppressos com rigor são,
 Mas com firme coração
Os charos pernambucanos,
 O mundo todo, os bahianos,
 Os desejam gloriosos;
 Mesmo em prisão são ditosos
 Pois se estão dentro em teu peito
 Basta á causarem respeito
D'Olinda os filhos mimosos.

Dos immortaes bem que humanos
 Sempre imitadores são,
 Os que amais de coração,
Os charos pernambucanos;
 Serão tambem os bahianos
 Qual já fomos gloriosos,
 Gosarão tambem ditosos
 Um lugar dentro em teu peito
 Onde moram com respeito
D'Olinda os filhos mimosos.

Como escreve F. P. de Amaral, dentre os presos de Pernambuco, distinguia-se por seu genio methodico

(*) O general Luiz do Rego Barretto governador de Pernambuco, e Rodrigo José Ferreira Lobo, commandante do bloqueio do porto do Recife.

e economico o illustre patriota José Maria de Vasconcellos Bourbon, o qual era na prisão o recebedor e repartidor de todos os presentes que eram remettidos tanto a elle, como aos companheiros.

Um dia depois de haver Bourbon distribuido com os seus companheiros de infortunio uma porção de rapaduras, eis que chega uma outra constante de doce de caju, que elle cautelosamente guardou para distribuir quando não houvesse mais rapaduras, o que deu lugar ao padre Fonseca escrever os seguintes versos, e collocal-os junto ao travesseiro do collega, que dormia á sesta, para lel-os, quando acordasse:

Houve certa rapadura
Que durou mais de seis mezes,
Bem que no dia tres vezes
Soffresse uma *dentadura*;
Mas o doce do Bourbon
Durará mais d'uma idade,
Porque diz, só bole nelle
Por grande necessidade.

SONETO

Começando pelas phrases: *Seculo grande, Seculo espantoso, Respeitavel nação!*, que constantemente proferia na prisão o padre Antenião de Souto Maior, que enlouquecendo, prematuramente perdeu a vida.

Seculo grande, seculo espantoso!
Respeitavel nação! Assim bradava
Heróe pernambucano que tocava,
Frias bordas do leito luctuoso.

Mesmo assim delirante, o valeroso
Vingança ao céu implora em furia brava
Quando a Parca fatal, cruel cortava,
O delicado fio precioso.

Mortaes, gravaí na fria pedra nua
 Este sacro epitaphio que a memoria
 Do grande Souto, o damno, o estrago escua:

Aqui jaz um mortal dos mortaes da gloria;
 Exemplo do valor da patria sua.
 Que ha de ornar do Brazil a heroica historia.

ODE

A' D. Francisco de Assis Mascarenhas, Conde da
 Palma, governador e capitão general da Bahia. 1820.

Converte, ó Musa, um pranto amargurado
 Em flóridos, sonoros, sacros hymnos;
 Afina, qual outr'ora, minha lyra
 Dai-lhe acentos cadentes.

Não é dado ao mortal do fado oppresso
 Soltar o canto d'entre horridas trevas
 Mas santa gratidão me inspira encomios
 Que a virtude consagro.
 Virtude que aos mortaes iguala aos Numes.
 E' só quem presta ouvido aos ais do afflicto;
 Que um ferreo coração nunca palpita
 Avista da desgraça.

Salve! ó de antigo, excelso, Regio Tronco
 Gentil, frondente ramo, a cujas sombras
 Já se acolhem mortaes que pareciam
 Proscriptos do Universo.

Inda n'estas abobadas echoam
 Pungentes ais d'afflictos moribundos
 Pasto outr'ora de avarenta fome
 Victimias já da morte,

Ah! Nunca a nossa voz, afflicta, e debil
Pôde entrar d'esse Paço as areas portas;
Teu sabio antecessor mesmo ignorava
Nossa injusta oppressão.

Salve! oh! Nobre, sensível Mascarenhas,
Caro a Lisia, e mais caro ao novo Reino,
Que imitas ao monarcha mais benigno
A Justiça, a Piedade.

Bahia exulta ao ver-te Pai da Patria,
Exulta Olinda ao ver quantos soccorres
Como apraz ao Monarcha aos seus afflictos
Filhos expatriados.

Exulta o mundo todo, os Céos exultam
Quando reina a Justiça, e mesma oppressa
Entre crueis asperrimos trabalhos
A humanidade folga.

Foje a pallida morte enraivecida
D'entre nós ao medonho, horrendo Báratro
Contra o teu providente heroico zelo
Brama nos seus abysmos.

Em paz tranquilla fecha, para exemplo
Belona o famoso Janeo Templo
Este o vivo retrato

Do meu heróe o grande Mascarenhas,
Da Patria lindo ornato,

E qu'hoje, Musa, de cantar-te emperhas
Respeito, é formidavel garantia
Da Regia Portugueza Monarchia.

O terror da discordia,
Indole grata, bemfazeja, e terna.

Que a paz e a concordia
Derrama sobre os povos que governa;
Augusto Portuguez, em que s'observa
A producção de Marte e de Minerva,
Tu, ditosa Bahia,

Mesma provas seus rasgos generosos,
 Huma doce harmonia
 E d'um governo fructos saborosos:
 Infeliz já não tens, que afflicta gema
 Que do —Palma—não prove a graça extrema!
 E nós Pernambucanos,
 Por não chegar-vos nossos ais afflictos!
 Mas quando nossas magoas percebestes,
 Que socorros promptissimos não nos déstes?
 Sobre o Altar Sagrado
 Da gratidão em vivos sacrificios
 Este nada acceita; alto Senhor tome
 Tudo em honra do vosso excelso nome
 Nome tão respeitoso,
 Que se dizendo —Mascarenhas —Palma—
 Foge o fado horroroso
 Respira o desditoso em doce calma
 Ante o Throno de tão meritas graças.
 Mas suspende-te ó Musa
 Que limites o objecto te consigna,
 Das faltas não te escusa
 A' nobre causa de Camões só digna;
 Nossos votos, porém, a sã vontade
 Vos levem Palma além da Eternidade.

Graças á triumphante revolução portugueza de 1820 e a um decreto de amnistia geral das cortes constituintes de Lisboa, do anno seguinte, conseguiram a sua liberdade os pernambucanos comprometidos no movimento separatista de 1817 depois de quatro longos annos de prisão na cadeia da Bahia.

O padre João Baptista da Fonseca empunha então a lyra patriótica, e escreve este bellissimo e vibrante soneto, que recitou na prisão, aos applausos dos seus companheiros de martyrio, no proprio dia em que a deixaram, em demanda dos seus lares, e inflammado pela centelha do sentimento do patriotismo, termina esse canto, o ultimo dos prisioneiros entoado naquellas estranhas paragens, pregando ainda a revolução!

Filhos de Olinda, filhos de Marte
Que a voz da independência brasileira,
Quizeste levantar a vez primeira
Da tyrannia contra a vil cohorte.

Se então do vosso fado a mão mais forte
Frustou vossa esperança lisonjeira,
Hoje se aplanam a estrada, a glória inteira,
Às armas, vida livre, honrosa morte.

Soccorramos a oppressa humanidade;
Cáia da tyrannia o solio em terra,
Por fundamento a nossa liberdade.

Nada de Olinda a heroica gente aterra;
Cabe-nos por herança a eternidade:
Filhos de Olinda, às armas, Guerra!... Guerra!...

Recife, 6 de Março de 1917.

P. C.

Documentos da Revolução de 1817

(Do *archivo do Barão de Studart*)

981.34
I

PROCLAMAÇÃO RECITADA AOS 7 DE MARÇO DE 1817 (1)

Pernambucanos e Europeus habitantes deste feliz
Paiz, desassombrai-vos, o governo constitucional vos
respeita e vos ama ternamente e fará respeitar vossas
pessoas e propriedades.

(1) Figura entre os papeis apprehendidos ao vigario do
Crato.

JN-00014446-3

497-500

Fomos atacados e atraíçoados por hum vil e corrompido bando de faccinorosos (do qual já parte pagou com vergonhosa morte a depravada vida que não souberão defender por que almas formadas para roubos e traições desconhecem honra e valor) e obrigados a defender a nossa honra e innocência e a restaurar por acções virtuosas e heroicas o que se nos pertendia roubar. Salvos pois dos pezados grillhões, que se nos preparavão, e da cruel morte, que o golpe de punhal se nos destinava dentro de horrorosas masmorras em que o dia seis do corrente, dia em que a impiedade tinha destinado para nossa eterna vergonha e escravidão e que a Providencia de mão com o heroismo havia feito depositar para formar a epoca da nossa verdadeira existencia moral; cumpre pois sustentar a ganhada Liberdade, a tirania he sempre fraca e infame, e a beneficencia e o amor para com todos os homens he subeijamente forte e honrosa.

O nosso partido, o da dignidade do homem, da justiça e fraternidade, unio-se aos honrados habitantes de Pernambuco a defender a Patria.

Europeus, os Brasileiros não vos odeião, respeitão em vos o serdes semelhantes, porem he indispensavel que assim como vos tendes ligado as nossas filhas e irmãs vos interlaceis connosco: a causa he no fundo pertencente a todos, vamos ser felizes, vos sois testemunhas do respeito que tivemos ao sangue humano, fogo da regeneração das liberdades, que concedeo a morté hua parte dos infames perseguidores da innocencia e justiça e a hums poucos dos imprudentes que quizeram roubar a Soberania do Povo e que successivamente damos todas as providencias para não serdes offendidos, descansareis pois sobre a vossa honra, boa fé e communitade.

Olinda, sete de março de mil oitocentos e desesete.

José Mariano de Albuquerque Cidadão encarregado intirinamente do commando desta cidade pelo Governo Provisorio da Republica Pernambucana.

II

Pernambucanos e Europeus habitantes deste feliz Paiz, desassombrai, tranquilizai, o Governo constitueional vos respeita e vos ama ternamente e fará respeitar vossas pessoas e propriedades.

Fomos atacados e atraçoados por hum vil e corrompido bando de facinorosos (do qual já parte pagou com vergonhosa morte a depravada vida, que não souberão defender por que almas formadas para roubos e traições desconhecem honra e valor) e obrigados a defender a nossa honra e innocencia e a restaurar por acções virtuosas e heroicas o que se nos pertendia roubar. Salvos pois dos pezados grilhões, que se nos preparavão, e da cruel morte, que a golpe de punhal se nos destinava dentro de horrosas masmorras em o dia seis de corrente, d'ia que a impiedade tinha destinado para nossa eterna vergonha e escravidão e que a Providencia de mão com o eroismo havia feito despontar para formar a Epoca da nossa verdadeira existencia moral; cumpre pois sustentar a ganhada Liberdade, a t'rania he sempre fraca e infame, e a beneficencia e o amor para com todos os homens he subeijamente forte e honrosa.

O nosso partido he o da dignidade do homem, da justica e fraternidade: uni-vos a nós honrados habitantes de Pernambuco, defendei a Patria.

Europeus, os Brasileiros não vos odeião, respeitão em vos o serdes seos semelhantes, porem he indispensavel que assim como vos tendes ligado as nossas filhas e irmãs vos interlaceis commoseo: a causa he no fundo pertencente a todos, vamos ser felizes: vos sois testemunhas do respeito que tivemos ao sangue humano no fogo da regeneração das nossas vidas e liberdades, que só se deo a morte a hua parte dos infames parseguidores da innocencia e justica e a huns poucos de imprudentes que quizeram zombar da Soberania do Povo e que successivamente demos todas as providencias para não ser-

des offendidos. descansai pois sobre a nossa honra, boa fé e humanidade.

Olinda, 7 de março de 1817.

III

OS GOVERNADORES DO BISPADO APPROVADOS PELO GOVERNO PROVISORIO PATRIOTA

Pastores da segunda ordem encarregados da direcção espiritual do grande Povo Pernambucano.

Nos vos saudamos em Nome de Jesus Christo, e vos fazemos saber que hum bando de malvados pela mais bem tramada intriga poudo persuadir ao Governador que então existia, e a todos os bons e honrados Europeus que os Pernambucanos os pertendiam assassinar e desta infame traição foi o resultado decretar-se a prisão e assassinio em horrorosos carceres dos mais honrados e benemeritos Pernambucanos, sem preceder audiencia e convicção, sem processo; e que a providencia, que vigia attentamente sobre a causa da innocencia, armou repentinamente o braço a dois honrados e valerosos patriotas e que só a morte de dois malvados bastou para fugir o resto tremendo debaixo do peso do seu crime, e que nossas ovelhas habitantes do Recife condusidas pela mão do Omnipotente vierão em soccorro de seus irmãos, e que em hum instante e sem anteriores meditações disposições se se despedaçarão as cadeas que ha trezentos annos arrastavamos.

Cumpré pois entoar sem perda de tempo em todas as Igrejas ante o Senhor Sacramentado o Grande Himno —Te Deum Laudamus —em acção de Graças

pela salvação de tantos bons patriotas, e regeneração política deste belo Paiz.

Olinda em 8 de Março de 1817.

O Patriota *Bernardo Luiz Ferreira Portugal*.
Manoel Vieira de Lemos
João Roiz Maris

IV

Pernambuco 10 th March 1817. (2).

Dear Sir, yours of the 15 th ult has this moment reached me and observe what passes between you and the Governor. Before this reaches you, his authority will be at an end as a most extraordinary revolution has taken place here.

Despotism has given place to liberty as you will observe by the following facts. The Governor for some time past suspected the loyalty of a few private individuals and also of the Officers of the Artillery Regiment. The Coronel of the latter offered his services to the Governor to apprehend the said Officers in the act of doing which he was run through the body; one of the Aids de Campo also fell. Martins was sent to prison, this was broken open, he released and all who were there confined; the cries of *viva a patria* then became general; the Governor fled to one of the Forts but was soon obliged to capitulate and he has already been sent to Rio de Janeiro. All this took place in the space of 20 hours and with little or no blood shed: from this

(2) Esta carta prova entre outras cousas que a queda de Sampaio era um facto esperado em Pernambuco. George Thomas Michell era negociante de importancia; hum dos Inglezes que tinha mais sequito no Recife, diz Sampaio em carta de 18 de Outubro de 1817. William Ware morava desde Maio de 1811 em Fortaleza para onde veio no bergantim inglês Sophia —B. DE S.

you may conclude what were the prevailing sentiments of the inhabitants of this Place against their oppressors.

Martins is at the head of the present Government: all is now peace and quietness but of course public confidence is not yet restored; trade at present is at a stand; the tribunals are all open and are filled with the same officers; all seem satisfied with the change and in the course of a *short* time all will be well. Bahia and Rio are expected to follow the same example and the flag of the patriots will be displayed all over the Brazils.

The above is a brief sketch of what has happened; when I see you, you shall have a more full explanation. Ware who is a friend to liberty will be pleased and Carruthers will be delighted.

Trade of course suffers much on such occasions. We cannot sell nor recover debts for the present.

I have nearly finished the loding of the George Kearney and his family proceed in him to London; he intends to settle in Lisbon. We have no late account from England, the discontent there is very general; on business have nothing to communicate. Cotton \$200 duty paid; if possible remit me a safe bill of my account. I have written this letter in a great hurry and you must excuse its *inconsideratness*. The letter which Ware inclosed for Carruthers shall be forwarded. Adieu my dear Sir and believe me

yours very truly

G. Th. Mitchell

Snr. David Edwards.

V

JURAMENTO (3)

Patriotas, honrados Pernambucanos.

Os Campos de Guararapes, Tabocas e Casa Forte são os maiores padrões de valor e fidelidade que tem o mundo. Os... não eram mais que vos, porque o que tinham de grande erão o ser Pernambucanos que vos também so's.

Adoremos, Patriotas amados, ao Grande Deus, a esse Ser Immenso, ornado de Justiça e bondade, levantemos a mão para elle mesmo, juremos hua eterna fidelidade a Patria de defendermos corajosamente a grande causa da liberdade e de não tomarmos outra medida que não seja de a fazer duravel por todos os seculos ou de morrer, de sermos huns fieis imitadores dos grandes heroes, que se distinguiram em Guararapes, Tabocas e Casa Forte.

Pernambucanos, o Governo que existia, convencido que a opinião da maioridade não soffria a sua existência em Pernambuco tem abdicado expontaneamente por hum acto solemne firmado por seu filho e Ajudante de Ordens: recahio pois a integridade do governo em puder des Patriotas que tem interinamente encarregados para vigiar sobre a vossa segurança e tranquillidade, e distribuir-vos justiça.

VI

A causa da nossa Patria, que sobretiranizada pela má administração do Governo a que estava sujeita, agora se achava no maior perigo pelo desamparo desse mesmo Governo, desamparo procedido da fuga do Ou-

(3) Este Doc. não traz assignatura nem data, mas é do punho do Padre João Ribeiro segundo declaração de Manoel Ignacio de Sampaio em papel do meu archivo e foi publico a 7 de Março. E' penso, a 1.^a das proclamações do Governo, a cujas funcções ainda *pro interim* se refere.

vidor da Comarca, que nelle influencia essencialmente por arrogação de precedencia e preponderancia sobre seus companheiros, nos fes empregar as forças, que estão ao nosso commando para prevenir os insultos, o crime, o desemfreio, e tudo quanto ha de pior, e que era de esperar em hua cidade desamparada de Governo.

Felicamente temos conseguido tão importantes fins estando a sombra da nossa força socegadas e em paz esta cidade, e garantida a seguridade individual e real dos seus habitantes nossos compatriotas e das suas familias. Passamos a tomar igoaes medidas sobre todos os pontos do nosso continente e das quaes devemos esperar os mesmos felizes resultados, e sendo a Corporação Ecclesiastica de que V. S. he nessa Freguezia dignissimo Chefe, a mais respeitavel e muito interessada em todas as partes desta mesma cauza, temos a honra de apresentar a V. S. esta parte dos nossos procedimentos para que V. S. a faça presente a cada hum dos individuos da mesma Corporação, e sendo ao mesmo tempo o nosso primeiro objecto e o alvo de todas as nossas operações render graças ao Todo Poderoso, e offerecer-lhe os mais sinceros votos dos nossos corações pela justiça da cauza de que elle he o principal protector, somos a rogar a V. S. haja de presentalos ao Altissimo por meio do Augusto Sacrificio, e de todos os Officios da Religião.

Assim o esperamos do patriotismo, probidade e zelo pastoral de que V. S. tem dado tão decisivos testemunhos.

Deos Guarde a V. S.

Quartel General das Forças unidas da cidade da Paraiba 13 de Março de 1817.

Estevão José Carneiro da Cunha
Commandante em Chefe

Amaro Gomes Coutinho
Coronel

Illmo. e Rmo. Snr. Jozé Ferreira, Vigario da Villa de Pombal. (4)

VII

PATRIOTS STRANGERS (5)

Friends of liberty, you are called upon by people fighting for every thing that, is dear to them, their Religion, their country, their liberty. You who know what these blessings are well rally round a patriot standard. Repair therefore without delay to the office of the Intendent where you will immediately be enrolled on a pay of eighteen Spanish Dollars a month.

O Padre João Ribeiro Pessoa
José Luiz de Mendonça
Manoel Moreira d'Araujo
Domingos Joze Martins

VIII

Viva a Patria, Habitantes da Paraíba.

Os vossos clamores ainda que surdos pelo respeito da tirania tinhão chegado ao Tribunal Supremo da Justiça Eterna. Esperando sempre melhoramento hieis passando de vexação em vexação: as vossas queixas ou não erão attendidas no Ministerio do Rio de Janeiro, ou tam despendiosas as diligencias para serem attendidas que era um novo diabolico canal da estinção da vossa sustancia. As injus-

(4) Esta carta, euja linguagem admira, pois á data de 13 já se conheciam em Parahyba os successos de Recife, contraria affirmações de Muniz Tavares na Historia da Revolução, Cap. 7.*

(5) Esta Proclamação estava junta á Carta de Mitchell. E' uma simples copia. O nome do 3.º signatario está errado, deveria dizer Correa de Araujo e não Moreira.

tiças e despotismos da proxima passada Ouvidoria, a mesma que tomou a soberania sobre o extineto Governo Interino e sobre todas as nossas cabeças resoavão dolorosamente de todos os districtos da Paraíba: os vossos compatriotas Pernambucanos gemião igoalmente, e por parecer que sendo acabado o soffrimento romperião na desesperação da sua justa causa, estiverão a ponto de ver perder patriotas honrados e benemeritos da Patria e ensopar-se esta nas lagrimas de miseras familias, assassinados como estavam por ser seus Pais e chefes; levantarão então o grito da Patria ao seu clamor, acudirão esforçados patriotas, que em hum instante fizeram o socego de que está gozando a Patria: aterrados os despotas, e apenas se soube na vossa Paraíba, que estava em Pernambuco arvorada a bandeira da paz e tranquillidade, tremeu a tirania, e afrouxou inteiramente aquelle Governo, que só consistio na iniquidade de que a roedora consciencia fortemente o arguia. O impio e mais preponderante membro desse Governo só para salvar a sua vida ainda projectou assassinar o chefe de quem mais receava, porém ainda mais aterrado do novo crime, que hia commetter, tomou o partido de desaparecer desta cidade. Acabou-se por si mesmo a tirania, os dois membros que restavão não poderão resistir a forza da justiça e rasão da Patria, cederão, socegou o Povo, vão acodindo de todos os nossos districtos intrepidos Patriotas para sacrificar a vida e bens em defeza da causa commum. Todos se reúnem, todos querem a mesma cousa — a salvação da sua Patria, a defesa dos seus sagrados direitos. Parahibanos, hua só voz, hua só devisa, paz, harmonia, tranquillidade em defesa da Patria. Não ha distineção de pessoas nesta causa todos são amigos, patriotas e parentes; a Religião he a mesma que professaes.

Um Governo Provisorio interessado na vossa felicidade protesta não cansar emquanto vos careceres dos seus trabalhos. Ajuda-o com os vossos conselhos, elles serão ouvidos, com os vossos braços a Patria o espera,

com o vosso commercio e agricultura são os sustentáculos da Nação.

Como he crível, Paraibanos, que em hua revolução que so pelo seu nome he hua fatalidade funesta, e que sempre tras consigo rios de sangue, a da nossa cara Patria não perdeu hua so gota de sangue dos seus amados filhos; são seus filhos todos Brasileiros e Europeus, que habitão o seu solo creador. Este he o signal caracteristico da Providencia a nosso favor, na mesma Providencia confiamos que continuará a proteger os principios que nos deo. Ella não falta a justiça, não pode faltar tambem a nossa cauza.

Dado na Casa do Governo Provisorio em 17 de Março de 1817. (6)

Ignacio Leopoldo de Albuquerque Maranhão.

Francisco Jozé da Silveira

Padre Antonio Pereira de Albuquerque e Mello.

Francisco Xavier Monteiro da Franca.

Está conforme. O Secretario do Governo Provisorio Antonio Manoel da Silva Coelho. O 1.º da Independencia.

IX

ORAÇÃO FEITA E RECITADA PELO PATRIOTA VIGARIO GERAL NA BENÇÃO DAS BANDEIRAS DA REPUBLICA PERNAMBUCENSE.

Valerosos soldadós. Caros Patriotas.

Incitar-vos a defender até o ultimo bocejo de vida as Bandeiras Nacionaes, os Estandartes da Liberdade,

(6) Como se vê deste Doc. o ultimo signatario não figura na lista dos membros dada por Muniz Tavares, que, aliás, nella inclue os nomes de Estevão José Carneiro e Amaro Gomes.

que em nome de Deos e da Patria acabo de abençoar segundo o rito da Santa Mãi Igreja Catholica Romana, seria por em duvida o vosso bem cónhecido valor e patriotismo: aquella denodação que tem por muitas vezes espantado o universo e sido fatal a tiranos, aquelle patriotismo, com que só a um grito de tres dos vossos afflictos irmãos correstes em seu soccorro, em defesa da Mãi Patria, com mais celeridade que se despenha de alta e impinada montanha caudaloso rio, destruindo em hum momento as vacilantes columnas da Regia tirania, esses fracos escravos só sedentos de fantasticas honras, de ouro e de innocente sangue; esses monstros instrumentos crueis da vingança dos tiranos, que desconhecendo Patria e virtudes moraes não conhecem humanidade, brio, valor. Soldados da Patria, ontem escravos, hoje sois livres; as duras algemas que enroxavão e tornavão inuteis vossos valentes pulsos se despedaçarão, a doce Liberdade, que he a verdadeira partilha do homem sentimental, está ja em vosso poder; sustentai pois a vossa dignidade, afrontai todos os perigos debaixo das bandeiras que a Mãi Patria hoje de vos confia, certos de que não encontrareis perigos. Qual quer que seja o vil bando de escravos que desça do Norte ou suba do Sul só servirá de eterno monumento a vossa gloria, e de decoraçào a vosso triumpho.

Ente infinito, Deos dos exercitos, ouvi e secundai os meus sinceros e ardentes votos, abençoai tambem, meu bom Deos, as bandeiras da Patria, os pendões da Liberdade Pernambucana, imprimi-lhes aquella virtude de que revestistes a Arca ante as fortes muralhas de Jericó, fazei que a sua vista caião por terra os Esquadrões perseguidores da causa da justiça e liberdade com a mesma facilidade com que se precipitarão aquellas soberbas muralhas.

Invençiveis Pernambucanos, jurai em nome do Deos Vivo, de hum Deos que conhece bem os vossos sinceros corações, e que lhe é patente o mais occulto da vossa alma, jurai torno a dizer em nome desse Ente Infinito e creador de todas as cousas de não largardes

as armas enquanto a Mai Patria precisar dos vossos invenciveis braços e de não vos apartardes hum so momento de suas bandeiras, de viver ou morrer gloriosamente á sua sombra.

Valerosos e honrados Pernambucanos, acompanhame agora nos transportes de prazer que banhão gratamente a minha alma, que eu vos seguro ser vosso fiel companheiro nos dias do total desassombramento da Patria, de marchar a vosso lado revestido daquelle nobre confiança que dá a justiça da nossa boa cauza de cair comvosco sobre o vil cardume de escravos com mais impetuosidade e estragos que o horrivel furacão sobretenra e verdejante seára. Clamai comigo em testemunho do vosso prazer, do vosso valor, da vossa eterna fidelidade: Vivão a Liberdade, Viva a Patria, vivão os Patriotas. (7)

X

Patriota Capitão Joze Carlos de Brito.

Desde que houve o levante de Pernambuco nunca mais tive portador para essa Ribeira, e vindo o que conduz esta saber se quer'a alguma couza para esse sertão, por elle vos escrevo esta.

A lei do tratamento geral he esta em lugar de Sr.

(7) Muito outro é segundo as publicações, a começar pela de Muniz Tavares, o discurso do Deão Ferreira Portugal no acto do benzimento das bandeiras. Esse começa pelas palavras latinas *In hoc signo vinces*; é cheio de phrases eruditas e pouco apropriado a soldados, penso. O do meu archivo está feito em linguagem de mais entusiasmo, condiz melhor com a occasião. Como explicar a divergencia em assumpto de tal ordem? Será que a benção dos estandartes se fez por duas vezes? A hypothese é accetavel, até porque si Muniz Tavares dá o facto como occorrido a 21 de Março, Dias Martins regista-o em 2 de Abril. A não ser assim, um dos discursos de Deão é apocrypho. Que se benzeram bandeiras no mez de Março affirmo por possuir uma carta de José Francisco da Silva a Ignacio Joaquim Braga, datada de 30 de Março que a tal facto se refere.

patriota, em lugar de VMee., vos, sem se admittir mais Snr., por isso não extranheis o modo por que vos escrevo.

Ja sabereis que aclamou-se a liberdade e existe um governo patriota do Provisorio, sendo cinco os governadores com igoaal voto, o Rdo. Patriota João Ribeiro Pesca de Mello Montenegro, o Coronel patriota Manoel Correa de Arº, o Capitão patriota Domingos Theotonio Jorge, o patriota Dor. José Luis de Mendonça e o patriota Domingos Jozé Martins.

No dia 6 do corrente foi depois do meio dia que principiou o impio e nefando Caetano Pinto de Miranda Montenegro a mandar fazer prizões por denuncia do grande fariseu Corregedor Crus e dos iniquos Bento Joze da Costa e Manuel Carvalho de Medeiros, que fez gritar a tropa paga —Viva a patria —todos somos patriotas—, sendo mortos o chefe d'Artilharia o Brigadeiro Manoel Joaquim e o Ajudante de Ordens o Tenente Coronel Alexandre Thomas e fugindo para a fortaleza do Brum o impio Caetano Pinto, com os iniquos José Roberto, Gonçalo Marinho, Salazar e outros, nella por embaixadas ficarão prisioneiros, e donde embarcou para o Rio Caetano Pinto no dia nove com seu filho, seu capellão, hum creado e hum afilhado Official d'Artilharia.

Agora sabereis o que talvez ja se vos terá contado, forão os tres iniquos denunciantes declarar que eu hera hum libertino e cabeça de hum levante para se matarem os Europeus e roubar-lhes as suas fazendas, o patriota Coronel Francisco Xavier Carneiro da Cunha e tudo quanto hera Brasileiro e tinha alguns bens, e sendo a denuncia feita no dia cinco, no dia seis ja estavam sentenciados a serem huns esquartejados, outros envenenados, outros de diversas mortes, finalmente herão cento e vinte e seis os condemnados por hua infernal sentença, e no dia sete se executavão todos sem sermos ouvidos e nem convencidos, os bens confiscados, e as familias desgraçadas, sem se lembrarem os malvados que ha hum Deos de Justiça, e por isso forão li-

vres os que confião na sua Misericordia, e os Atheos forão derrubados. Nada posso dizer-vos por que vivo em retiro, donde não escapei a calunia porem o nosso Grande Deos e Senhor foi Servido pela sua Infinita Bondade, Piedade, Clemencia e Misericordia salvar-me, em quem sempre confiei, e confio, e os iniquos não hão de ficar sem castigo mesmo neste mundo; vos a vista do exposto pensai a agitação em que estavão todos para defenderem a patria, por isso não vos esqueçaes de rogar ao nosso Grande Deos e Senhor pelo bem della e por vosso amigo que vos deseja saude nesta vida e a salvação. Solidade de Pernambuco 21 de Março de 1817 —De vosso amigo do coração —O patriota *Francisco Carneiro do Rosario*.

XI

DENODADOS PATRIOTAS BAIANOS

Já sabeis os resultados do faustissimo Dia Seis de Março, que restituiu aos seus perdidos Dereitos vossos irmãos de Pernambuco. Já o sabeis e ainda hesitaeis! Nos pasmamos, caros irmãos, que alguns d'entre Vós, não corraõ ao nosso Seio, e venhão estreitar Laços, que a Identidade de Religião, Costumes e Moradia e a Simpathia de Sentimentos, criára entre Nós. Vós que tendes marchado sempre dianteiros na Estrada da Civilisação, e Cultura, não nos seguireis ao menos na Carreira da Gloria e não partilhareis os Riscos e Lidás; á que Gostosos nos sugeitamos, para sacudir hum Jugo odioso, e recuperar o Titulo, que nunca deveríamos ter perdido, o Titulo de *Homens Livres!*

A Caso podem empecer os Arremessos de Vossa Indignação as insipidas roneas e vans bravatas do futil General, que ainda Vos tem acurvados? *Fatuo?* O Tempo dos Prestigios he passado. Fidelidade aos Tiranos he cumplicidade em seus Delictos, he atraçoar a Grande Causa do Genero Humano. E a quem cumpre

que sejais fieis? Sem duvida ao mais querido dos Reis na Frase do vosso inepto Bachá. Esse Rei querido, oh blasfemia!! Esse Rei que dissipa em apparatus, e profusões ridiculas os Fructos custosamente produzidos por vossas callejadas Mãos, e com o Suor dos vossos Rostos: Esse Rei, que prodigo reparte pelos mais infames Validos, pelos Sevandijas mais desprezíveis de hum Corte corrompida, o Pão arrancado a vossos famintos Filhos; esse Rei em fim que conservando arreigado n'alma hum secreto Rancor ao Nome do Brazil, Vos não dilacera, porque Vos teme, e porque Vos teme ainda mais Vos odeia. E ousas tu perfido e falsario General dar o epitheto de querido ao Rei, que pertendeste atraçoar? Indigno! o teu negro projecto, e o de teus Consoc'os he que só merecia o nome de Conspiração; elle destruhia hum Trono odiado, para substituir-lhe milhares de Tronos ainda aborrecíveis; o Povo, o desgraçado Povo condemnado a satisfazer o Orgulho e Pretensões de hum bando de Aristocratas avidos de Sangue, insaciáveis de Pompas e grandezas vans, e já-mais satisfeitos com as Humilhações dos seus Escravos. Graças te sejam dadas, Providencia Divina, que dissipaste a ominosa Nuvem, que hia á chover males sobre as Cabeças dos nossos Irmãos da Europa. Dissipaste-a, e guardaste o novo Beelzebuth para Espectador da Reintegração dos nossos direitos, que não pode perturbar sua impotente Raiva. Em vão te affadigas, Genio do Mal, não illudes o Generoso Povo; tuas Traças e Embustes são conhecidos. Miserandos se te acreditão!

Ah! Corai Baianos, correi-vos da Injuria que faz a Vosso Entendimento, e a Vosso Coração o Vosso Preamador; não pode ser a Devisa de hum Povo nobre e generoso Fidelidade a hum Despota baixo e Oppressor. Mostrai-lhe que são mentirosas suas gratuitas asserções, que os Vossos Peitos são o Sanctuario de Vesta, onde nunca se extinguiu o Fogo sagrado da Liberdade e que o Sopro dos Tiranos se pôde diminuir-lhe a Força não conseguiu abafa-lo de todo. Respondei promp-

to aos Gritos de Vossos Consanguíneos, de Vossos Conteranceos. Escutai os dictames da Religião Santa, que professaes, a cada pagina dos Livros Sagrados ressumbra a Doutrina salutifera da Igualdade do Homem e do Odio á Tirania. Juntai os Vossos aos nossos Esforços, ultimemos a Obra tão felismente começada; salvemos o Brasil, que descorado attenta em Nós e em Nós escora sua nulante Liberdade. Baianos, accordai as Vossas ás nossas Vozes, entoemos o Santo Hímno —Viva a Religiam — Viva a Patria — Viva a Liberdade. (8)

Na Officina Typographica da 2.^a Restauração de Pernambuco.

XII

HABITANTES DO CEARÁ

Povo Briosso

He chegada huma nova ordem de seculo, desponhou em fim entre vossos visinhos e amigos a desejada aurora da Regeneração. Olhai attentos para a nova

(8) E' uma resposta á Proclamação do Conde dos Arcões. Como se vê, tem razão Mello Moraes conta Muniz Tavares, que na sua Obra dá muito outra a Proclamação aos Bahianos. A que Mello Moraes reproduz, salvo pequenos enganos e saltos, é a verdadeira.

Um exemplar de uma Proclamação com o titulo Denodados Patriotas Baianos encontra-se na Collecção de Antonio Joaquim de Mello, que deve existir na Bibl. Publica do Recife. Sei-o pela resenha publicada por Alfredo de Carvalho na Rev. do Inst. Arch. Pern. N. 61, E' talvez a transcripta por Souto Maior na dita Revista, N. 75. Não é tambem a que ora publico, si bem que uma e outra comecem pelas mesmas palavras.

O outro Doc. da Collecção supra-referente ao movimento de 17 (são dois apenas) é uma Pastoral dos Governadores do Bispado datada de 31 de março, não sendo, portanto, a que publiquei (Doc. N. 3) pois que esta traz bem clara e visivel a data de 8 de março.

scena, como raio de glória, como se abrihanta de milagres. A sancta liberdade, que só pela sua marcha patentea sua divinal essencia, guia o esquadrão sagrado; vem após della a niveladora igualdade, a tranquilla seguranca, a prosperidade, a abundancia e a cautelosa propriedade, e detras ao longe a severa e casta justiça, já recobrada do susto primeiro, acerta os passos da solemne procissão. Sua chegada transforma vs escravos em regulos e brutos. Feliz Pernambuco exulta; tu primeiro no Brazil deste o exemplo auspicioso da Independencia Braziliãna, e primeiro juraste odio eterno a tyrannia real; teu nome passará a prosteridade cuberto de inefavel gloria, embora revezes te obscureção por algum momento o resplendor, de baixo das nuvens que o offuscavão apontará mais magestoso, e sobre aguará teu nome as ondas encapelladas da perseguição.

Habitantes do Ceará, nos vos estendemos os braços; se imperiosas circumstancias vos não permittirão ser os primeiros em proclamar os imprescriptiveis direitos do homem, sede ao menos dos segundos; fileiras da liberdade assas de lugares honrosos estão ainda por occupar; occupai-os, nos vos queremos ao nosso lado; a lica esta aberta, ella admite e precisa de mais campões. Vosso fervor aguilhoe o nosso, se he que ha mister de aguilhão para avançar quem não pode mais arrear carreira. Eia Patriotas que receiais? O latejo do insultador tyranno, que vos rasga as carnes? Oh! vergonha, que so pode lavar o sangue do oppressor. Patriotas do Ceará, encarai para nós, comparai o nosso; e o vosso estado. Hum imbelle Sardanapalo se resolvía entre nós no seio de voluptuosos prazeres e molle ociosidade inimigo do trabalho por falta de elasterio d'alma e egoista por constituição ou não nos aborrecia, por que a aborrecer é sentir fortemente, e toda a sensação he trabalho para huma alma fraca, ou dissimulava o odio por escapulir aos perigos do resentimento; e com tudo sua timida prudencia não pode demorar o raio prompto a despedir-se sobre a tyrannia que restava. O covarde e

o bando de seus satellites desapareceo ante a pequena hoste dos filhos da Patria, e ora faz amarelecer com seus relatorios a assombrada Corte. Manda entre vos hum Tiberio suspeito, tyranno sanguinario frio e reflexivo, cuja insolencia energica chove sobre vossas cabeças a mãos abertas os insultos, os baldões, e os improperios. Não conhece ley se não as do seu capricho e arbitrariedade, lança a huns em masmorras, a outra despe as insignias de fantasticas honras, esmirilha com olhos curiozos os segredos das familias, semea a desconfiança no seio da amizade, e leva a inquietação até ao remanso da innocencia; Baixa revoltos não tem em conta as ordens de Soldão, que o enviou; odêa-vos e despreza-vos e o confessa e ainda vive, e o que mais he ainda vos governa, e tranquillo respira o ar de hum paiz que sua presença empesta?

Patriotas do Ceará o sofrimento tem raías, que he oprobio passar: sobeja tem sido vossa paciencia, os grandes não se antolhão taes se não aos ajoelhados; levantae-vos, erguei o Estandarte da Independencia, mostra' ao mundo que não merecis o indigno tratamento que soffrestes correi aos braços dos vossos irmãos, munivos de coração e de vontade com os vossos amigos naturaes. Juraí com nosco que ou seremos hum povo independente e respeitavel, ou morremos, porem vingados. Cinfiemos em hum Deos Justo que ampara a cauza da verdade, e se compraz em ver seus filhos atravez dos tropeços conquistar a perdida dignidade.

A Fberdade, o amor da Patria, e o culto da divindade andão apar. VIVA A RELIGIÃO. VIVA A PATRIA. VIVA A LIBERDADE.

Na Officina Typographica da Republica de Pernambuco 2.^a vez Restaurado.

XIII

CARTA CIRCULAR DO VIGARIO GERAL AOS DA
PAROCHIA

Caros patriotas e Amigos. A patria está salva, os ímpios procuravão a sua ruina, quizerão-nos cobrir de eterna deshonra, e fazerem nas masmorras tanque de sangue humano, e da melhor gente deste bello Paiz. Deus porem apiedou-se de nós, e a morte só de dois barbaros infames calumniadores foi bastante para nos salvar. Das pastoraes juntas conhecereis o quanto devemos a Deos, e que a Igreja depondo as luctuosas e rotas vestes, que ha mais de hum seculo arrasta na America, vestirá as candidas vestes com que a ornou Jesus Christo. Vos estaes, patriotas, em hum lugar, em que pela predica, e conficcionario podeis fazer muitos serviços a Deus, a Patria e aos homens, aproveitai-vos pois patriotas, de tão feliz circumstancia, incendiai a quase extincta chama da dignidade, e direito do homem, fazei sentir as vossas ovelhas a maldade e corrupção dos tiranos, e a doçura e innocencia da liberdade, fazei rebombar por toda a vossa freguezia a poderosa vos da fraternidade e caridade christã, ligai os homens de huã maneira tal que a hum leve aceno corrão denodados a defender a Mai Patria, a ganhada Liberdade. Meu caro patriota, os trabalhos multiplicados me tem privado de poder augmentar o numero das Pastoraes, que vos remetto, fazei-as pois publicar, e lansai nos livros da vossa Matriz com esta carta, a qual tambem enviareis com as ditas Pastoraes para seguirem o mesmo os outros Parochos. Acreditai-me, patriota, a virtude triunfa, e a religião christã nunca teve em Pernambuco tantos sinceros adoradores: protegei pois, patriota, a virtude, e a religião, fazei de vossa parte tudo quanto for preciso para que hua tão boa causa se não perca, ligai-vos de coração a Deos, a Patria, aos homens, e aos encarregados do governo do Bispado para podermos ser felises nesta e na outra vida. Deos vos Guarde

por muitos e muitos felizes annos. Olinda 27 de Março de 1817.— O patriota Bernardo Luis Ferreira Portugal —Reverendos patriotas Parochos.

XIV

Recife, 11 de Março de 1817.

Presado Padrinho do coração.

Partecipo a V. Mee. que no dia 6 do corrente pelas duas horas da tarde houve um grande ataque ou guerra da nossa parte com os Europeus, não me fosse dedicada aos Europeus e sim para a nossa liberdade, para ficarmos livres do pesado jugo em que viviamos, e sermos governados por nos mesmos.

Principiou a guerra as duas horas da tarde e quando foi as cinco ja estavam rendidos todos os Europeus, e foi morto o Brigadeiro e mais algumas pessoas. O General foi para o Rio, este rendeu-se logo, de forma que ficou sendo nada. O Governo agora são cinco, e estamos todos em liberdade, não mando dizer o nome dos governadores e juntamente não partecipo mais nada por falta de tempo, o que farei em outra occasião.

Ah meu Padrinho, isto he que foi alvoroço, eu fiquei morto porque era tanto o medo que não sabia o que fizesse, ja ouvia o rebato, o grande tumulto, finalmente, para mim foi o dia de juizo, e estamos a espera da revolução porque foi parte para o Rio. Toda a guerra feita para o fim da nossa Liberdade e não sermos governados pelos Europeus e sim por nos mesmos, dizem que é geral em toda parte. Falta tempo, e tenho pena não dizer o que prezenciei. Os Europeus não são mais nada e estão muitos Officiaes prezos, isto he Europeus, e hoje he hua grande alegria, só ouve-se gritar Viva a Patria. Isto he que he povo. No segundo dia achou-se no Recife 138 homens armados para a defeza da terra, isto tudo da nossa parte, porque os Europeus entregarão-se todos e correrão para a nossa parte. A pena que tenho he que não sei quando me or-

denarei com esta revolução, V. Mee. determinará o que hei de fazer.

De V. Mee. Afilhado que muito lhe quer no coração

Domingos de Freitas Silva.

Ao muito Reverendo Sr. Padre Henrique José da Silva, meu Padrinho e Snr. Parnaíba.

XV

Recife 12 Março de 1817.

Sor. Cap. José Munis Roiz.

Compadre amigo do coração. Hoje recebo a sua, e vejo o que pode ser e com attenção. No dia seis deste se ateou a guerra nesta praça pelo meio dia e durou até noite, só morreo doze pessoas, e nestas dois brigadeiros. Caetano Pinto já foi-se para o Rio desprezado de todo despojo, e está a terra tomada pellos patricios que de tudo tomarão posse, e estamos com governo digo com Snrs. do governo, e já independente do Rei de Portugal que mais nisso não se fala só sim viva a Patria e os patricios. Tudo se está creando de novo, levantando-se tributos, novos governos e bandeira ; ora os Snrs. do governo estão dando sanctas providencias, em nada se bole, e tudo franco os portos ás nações, por ora está ainda tutto alvoroçado, mas já tudo está girando, o negorio e mais tribunaes, acho que effeitos tudo irá para baixo, os seus effeitos estão no armazem, isto hé, sola, os couros os havia vendidos 2 mil e oito centos e da sola só vendi mil e cem, que havia antes vendido mil. Hei de pagar só a José Maria, pois desta porção que vendi elle tomou para seu pagamento oito centos ; farinha ha seis dias a minha casa não vê, e se achasse alguã pesada a dinheiro a comprava. VM. veja a carta que daqui me diz o capitão Pontes escreve a seu cunhado o capitão Joaquim Domingues, e confira, o que odº dis que seja de

ser com mais extençõ. Quando chegar o Caçador, tudo irá para o armazem té Deos nos encarrearir nos nossos novos passos, mas diz o povo grande e pequeno que o mesmo ha de acontecer na Bahia e o mais daqui para o Norte, que a ser assim seremos felizes, e a sermos nos aqui sos não, o transtorno que poderá acontecer nos se bem que os Sñres. do governo estão com os ma's serviços a providenciar tudo muito bem, humanamente e bons espiritos. Deus seja o conductor de tudo, e nada mais digo e quem talvez me estejam ca'ndo algumas lagrimas, e Nosso Bom Deus ponha tudo a caminho e nos cuidarmos no nosso fim quando vier a morte. Algumas familias desaparecerão na tarde do conflicto mas obrarão mal. Sua sobrinha lhe manda lembranças, e que se não fosse tão penoso se queria retirar-se para essa, eu lhe digo para morrer todos nascemos, nada mais.

Seu amigo e creado —*João José Raposo.*

XVI

PROCLAMAÇÃO

D. Marcos de Noronha e Brito Conde dos Arcos do Conselho de S. Magestade El Rei Nosso Senhor, Gentil Homem da Camera de S. A. R. o Príncipe Regente do Reino Unido de Portugal, Brazil e Algarves, Grã Cruz da Ordem de São Bento de Aviz, Marechal de Campo dos Reaes Exercitos, Commandante em Chefe do Real Corpo de Art'lheiros, Guarda Costa do Principe D. Pedro, Capitam da Companhia de Voluntarios, Governador e Capitão-General da Capitania da Bahia.

Pernambucanos Leaes a El Rei Nosso Senhor (cujo numero ja sei que he como todos esperamos mui consideravel).

Outra vez he do meu sacrat'issimo dever espalhar entre vós verdades que atraçoadamente vos escondem

esses chefes ridiculos que tão ternamente vos abração. Temem-vos e tem razão, porque os Pernambucanos fieis foram sempre temidos e por isso emquanto vos considerão justamente espantados com tão horrorosos acontecimentos pertendem com aleivosia a mais exêranda aproveitar esse momento de aterrar-vos com ameaças de protecção do Governo dos Estados Unidos e outras Nações.

A facilidade com que em taes circumstancias podemos ser fascinados obriga-me a gritar-vos que aquelle Governo tem dado muitas provas de perspicacia ante o mundo todo para que seja licito suspeitar que hade proteger o mais vil dos crimes perpetrados por meia duzia de bandidos, que nascerão na escuridade e indigencia, de onde não virão meios de sair senão por forza dos delictos que acabão de cometter, e porque neste escripto não tem lugar outros argumentos fortissimos de politica, eu vos asseguro debaixo da minha palavra de honra que os Estados Unidos e todas as mais Nações do Universo desprezão o patriota Martins e seus infames colegas quanto elles são despreziveis e de certo não empregarão seus soldados em favorecer seus horrorosos crimes; os meus soldados, sim, esses he que brevemente ahí irão porque assim he necessario para que os patriotas governadores expiem como todos os famosos chefes da Revolução seus enormes delictos.

Bahia 27 de Março de 1817

Conde dos Arcos

XVII

Honrados patriotas Cap. mor e Vigario dos Cariris novos.

A Providencia Divina que destróe os Imperios, e levanta outros de novo, compadecendo-se de tantos seculos de oppressão e captiveiro dos desgraçados povos do Brazil donde somos naturaes permittio que em humi

momento, em que malvados sem Religião nos querião subterrâ e cobrir a nossa patria de lagrimas e de sangue, nós recobrassemos os nossos direitos e a nossa Liberdade para formarmos hum governo livre e independente, que nos assegura a pureza da nossa santa fé e os nossos direitos todos os dias violados pelos nosso oppressores.

• O Soberano que só manda para governar os seus Povos a despotas e a ladrões, tem quebrado perante Deus o juramento de reger os povos com justiça, e de manter os seus direitos, e por consequencia desobrigado o povo do juramento de fidelidade pode escolher o governo que melhor lhe parecer. Lede o primeiro livro de Reis nas Sagradas Escripturas, e vereis quanto o Senhor levou a mal que o seu Povo quizesse ser governado por hum Rei a imitação dos pagãos e gentios. Lembrai-vos das oppressões dos Ouvidores e dos Governadores nesta Capitania. Lembrai-vos que muito dos nossos patricios tem levado as suas queixas ao throno, mas tudo em vão, porque a côrte corrompida só quer que elles voltem ricos com os despojos do miseravel povo para ali se atolarem nos mais frios vicios. Pernambuco não podendo soffrer mais tantas oppressões tantos rogos, enfim uma fria perseguição que se levantava contra muitos dos seus benemeritos filhos, ajudado de Deus por hum visível milagre em hum instante lançou por terra os tiranos, e clamando —viva a religião —viva a patria —viva a Liberdade —vio todo Povo unir-se a si, e graças ao Ente Supremo desde o Rio de S. Francisco até o Rio do Assu' estamos livres e promptos para derramar a ultima gota de sangue em defeza da nossa patria. Que Provincia mais captiva e mais tiranisada do que o Ceará? E não haverá entre os seus honrados filhos, hum que levante a voz para salvar a Patria? Aonde está o valoroso Cap. mor José Pereira? Quem he que o demora? o medo? não, porque elle não tem medo. O ser só? não porque a sua voz se levantarão a seu lado milhares de patriotas que respeii-

tão as suas virtudes. Pois quem he que o demora que não salva a sua patria, e não vae lançar ao mar o tirano, que tem feito gemer no Ceará Grande debaixo de hum jugo de ferro. Tambem comvoseo fallo generoso e honrado Vigario do Crato, as vossas luzes claramente vos devem fazer ver os horrores da tirania que nos opprime. Não vedes que estes mesmos tiranos vindos de fora com novos costumes vem infecionar a nossa Religião, e corromper os bons costumes que os nossos maiores nos deixarão? Não temais porque a causa he de Deus e assim como elle nos tem ajudado, assim vos ajudará a vós. Não temais, que os remorsos fazem os tiranos fracos e covardes. Senão fizerdes o que nós fazemos, sereis perseguidos pelos tiranos, qualquer calumnia vos levará as prizões, vossos filhos, vossos amigos serão prezos e forçados a virem pelejar contra sua vontade com os seus irmãos de Pernambuco e os tiranos então cheios de satisfação verão correr o vosso e nosso sangue; acordai do Lethargo em quanto he tempo; ás armas, a Liberdade, Deus he por nos — vossos patriotas amigos — O Padre João Ribeiro Pessoa — Domingos José Martins — 3 de Abril de 1817. (9)

XVIII

Viva a Patria.

O Padre Francisco Manuel de Barros que segue viagem para o Aracaty a tomar posse da Coadjutoria da mesma Freguezia, embarcado em hua balça, pode livremente seguir a sua viagem até o lugar do seu destino, e para que nenhuma auctoridade desta Provincia do

(9) Esta Carta foi apresentada aos desinatarios a 2 de Maio pelo Padre José Martiniano Pereira de Alencar. Aproveitando a impressão feita no espirito delles, Alencar fez arrebentar o movimento do Crato logo no dia seguinte.

Rio Grande do Norte o possa embarçar, mandou o Governo Provisorio dar-lhe a presente guia que vai assignada pelo mesmo Governo.

Provincia do Rio Grande do Norte em sessão do dia 29 de Março, 2.º da Restauração de 1817.

André de Albuquerque Maranhão — Feliciano José Dornelas — Antonio da Rocha Bezerra — Joaquim Jose da Rego Barros — Antonio Germano Cavalcante de Albuquerque.

XIX

Attesto e juro aos Santos Evangelhos que chegando a Praça de Pernambuco no dia des de Março a fazer meu negocio, achei aquella Praça, levantada, bandeira revolucionaria, e outros preparativos mandados praticar pelos infames traidores daquela Praça e no tempo em que la estive ouvi em varias conversações tratar que para esta Capitania do Ceará vinha o seminarista Jozé Martiniano, natural da Villa do Crato, a unir-se com o Capitão mor Jozé Pereira Filgueiras (a quem talvez julgão capás de convir a ser parcial nos seus horrorozissimos crimes) para descerem pela ribeira abaixo a unir-se com André de Albuquerque Maranhão e seguirem para a Capital a prender o tirano (nome com que impropriamente tratão ao Illmo. Sor. Governador desta Capitania) O referido he verdade. Villa da Fortaleza 8 de Maio de 1817.

Manoel de Souza Pacheco.

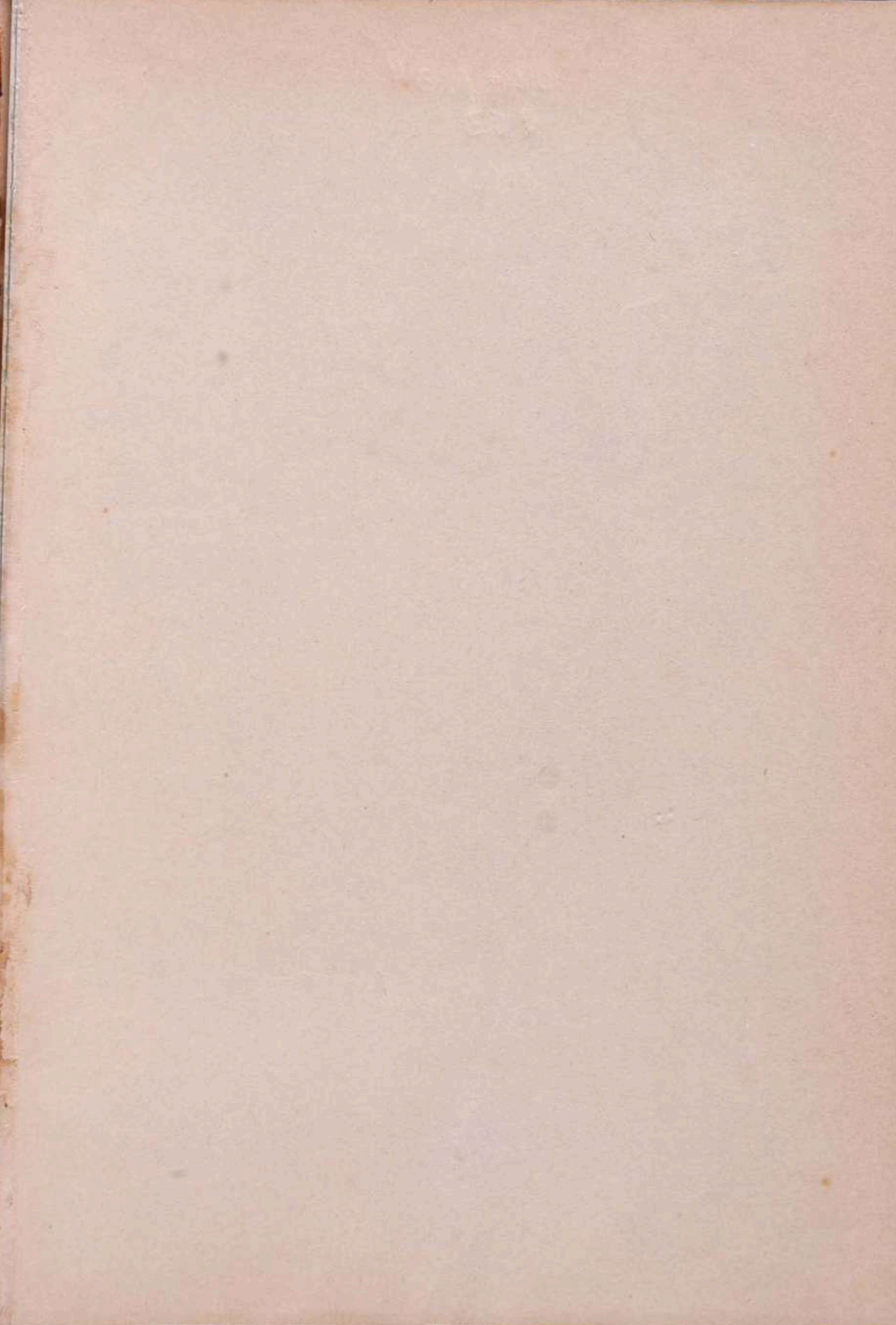




☀ Índice ☀

× O 1.º centenario da revolução republicana de 1817.....	1
× A solemnisação do anniversario no Recife.	16
× Exposição de flores e fructas.....	125
× Os martyres.....	133
× Hymno realista de 1817.....	164
× A Bandeira de Pernambuco.....	168
× O chronista da revolução.....	172
× O centenario no interior de Pernambuco...	179
× A commemoração nos Estados.....	204
Acre, Amazonas.....	204
Pará.....	206
Ceará.....	219
Rio Grande do Norte.....	220
Parahyba.....	264
Bahia.....	282
Espírito Santo.....	338
Capital Federal.....	343
São Paulo.....	419
Paraná.....	430
Santa Catharina.....	438
Historia da revolução de Pernambuco em 1817.....	450
A poesia na revolução emancipacionista de 1817.....	473
Documentos da revolução.....	497





p 981.3.4

R53

19 n. 99-98

1917

20 MAR 1978

in file

Va le ro sos lu si la nos so vic
 to ria por vos chama so trom be ta ja da
 fama Vos sos no mes vai can tar Vos sos
 no mes
 Coro Vos sos nomes vai can tar
 Va mos to dos ins pi ra dos Pe lo
 Mar te li tel lar Res ga tar um po vo af
 fli eto O me lhor dos Reis vin gar O me
 lhor O me lhor dos Reis vin gar DC.

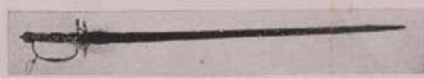
Hymno realista de 1817



927
86-968

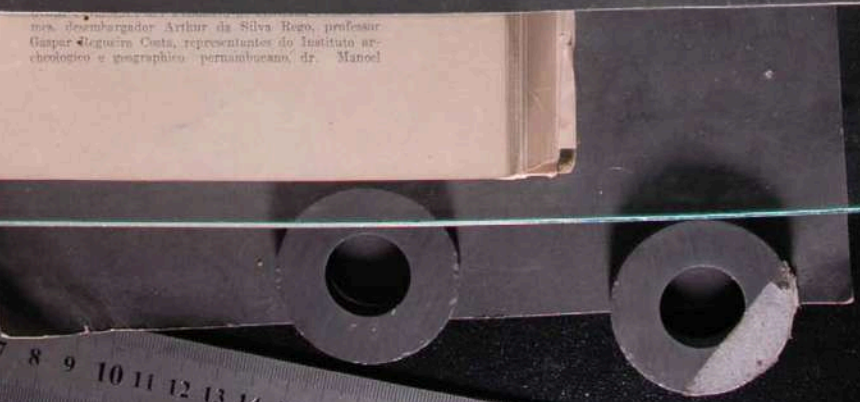


VISTA DO RECIFE EM 1817



A Espada com que Leão Coroado abateu o brigadeiro Barboza

nos. desembargador Arthur da Silva Rego, professor Gaspar Azeiteiro Costa, representantes do Instituto archeologico e geographico pernambucano, dr. Manoel



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)